

ensaios 88

Revista de Crítica Literária
da Universidade de São Paulo

TEMPOS EUFÓRICOS

(Análise da Revista *Kosmos*: 1904-1909)



São Paulo, Editora Ática, 1983.

Antonio Dimas
Professor de Literatura Brasileira
da Universidade de São Paulo

TEMPOS EUFÓRICOS

(Análise da Revista *Kosmos*: 1904-1909)

CIP-Brasil. Catalogação-in-press
Centro Brasileiro de Livro, SP

83-1134	II. Título: Análise da revista <i>Kosmos</i> . I. <i>Kosmos</i> (Revista) 2. Periódicos ilustrados -- Brasil. I. Título. Bibliografia.
D378	Dimas -- São Paulo : Ática, 1983. (Ilustração : 88). Tempos eufóricos : análise da revista <i>Kosmos</i> , 1904-1909 / Antônio Dimas, Antônio

Índice para catálogo sistemático:

I. *Kosmos* : revista : Periódico em português 044.9

CARLOS E. FANTINATI
JOÃO ALEXANDRE BARBOSA
JOSE CARLOS GARBUGLIO
SAMIR CURI MESERANI,

Todos os direitos reservados.
Edição Ática, Rua do Bauriano de Iguape, 110
Av. Paulista, 1518 - 05508-900 - São Paulo, SP - Caixa Postal 8826
Enf. 1983. Editora Ática, São Paulo.

Capa (layout):
Ary Almeida Normanha
Coordenação de Arte:
Antônio do Amaral Rocha
Produção Gráfica:
Elaine Regina de Oliveira
Preparação dos Originais:
Ildete Oliveira Pinto

CONSELHO EDITORIAL

ALFREDO BOSI, *da Universidade de São Paulo.*
AZIS SIMÃO, *da Universidade de São Paulo.*
FLÁVIO VESPASIANO DI GIORGI, *da Pontifícia Universidade Católica.*
HAQUIRA OSAKABE, *da Universidade de Campinas.*
RODOLFO ILARI, *da Universidade de Campinas.*
RUY GALVÃO DE ANDRADA COELHO, *da Universidade de São Paulo.*

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

D578t Dimas, Antônio, 1942-
Tempos eufóricos : análise da revista Kosmos, 1904-1909 / Antônio
Dimas. — São Paulo : Ática, 1983.
(Ensaio ; 88)

Bibliografia.

1. Kosmos (Revista) 2. Periódicos ilustrados — Brasil I. Título.
II. Título: Análise da revista Kosmos.

82-1728

CDD—056.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Kosmos : Revista : Periódicos em português 056.9

Todos os direitos reservados
Editora Ática S.A./Rua Barão de Iguape, 110
Telefone: PBX 278-9322 (50 ramais)/Caixa Postal 8656
End. Telegráfico: "Bomlivro"/São Paulo.

EUFORIA:

Para

CARLOS E. FANTINATI
JOÃO ALEXANDRE BARBOSA
JOSÉ CARLOS GARBUGLIO
SAMIR CURI MESERANI,

companheiros que mesclam convívio
intelectual com solidariedade afetiva,
sem pudor.

APRESENTAÇÃO

... de uma hora de um tempo que não se mostra fácil. A negligência, talvez pela pressa orgulhosa que se detém somente nas evidências. O horror desdenhoso que contorna o suposto vazio. O peso insuportável despertado para remexer nos trastes abandonados do passado. Futuro esses os motivos que me levaram a percorrer outra linha de investigação iniciada anos antes com o *Simulacro*. Este é um resultado desdobrado. Outros ainda vêm. Todos sem a pretensão da originalidade, mas marcados pelo desejo de consistência.

É impossível dizer que esta análise encaixa-se num programa de investigação de nossos periódicos, cujos resultados concretos já se encontram nas edições do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. O princípio motivador é o mesmo, embora o resultado possa não se ajustar inteiramente. A disposição para o equacionamento sócio-histórico é de minha responsabilidade. Os erros também. A Alfredo Bossi cabe o mérito da crença e do constante estímulo mansamente exigente e recheado de interações iluminadoras.

A curiosidade pela História levou-me um dia a Braudel, e não se aprendeu, entre outras coisas, que nem só de avanço e de recuo se faz nossa marcha. Que a Permanência também é vital enquanto objeto de análise. Que a atenção ao fait divers do cotidiano deixa de ser irrelevante se visto com olhos de ver. Da parte para a toda e do mundo de origem.

EUFORIA:

"Sentimiento de bienestar y de gozo sin causa aparente, o desproporcionado con la circunstancia que parece producirlo. Término empleado sobretudo en patología mental, en la que la euforia aparece como síntoma de ciertos estados mórbidos: manía, anestesia, intoxicaciones, etc."

(LALANDE, André. *Vocabulario técnico y crítico de la filosofía*)

APRESENTAÇÃO

A fatia fina de um tempo que não se mostra fácil. A negligência ditada pela pressa orgulhosa que se detém somente nas cumeadas. O horror desdenhoso que contorna o suposto vazio. O gosto insuspeito despertado para remexer nos trastes abandonados do porão. Foram esses os motivos que me levaram a persistir numa linha de investigação iniciada anos antes com o Simbolismo. Este é um resultado desdobrado. Outros ainda vêm. Todos sem a pretensão da originalidade, mas marcados pelo desejo de contribuir.

Desnecessário dizer que esta análise encaixa-se num programa de reabilitação de nossos periódicos, cujos resultados concretos já se mostram nas edições do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. O princípio motivador é o mesmo, embora o resultado possa não se ajustar inteiramente. A disposição para o enquadramento sócio-histórico é de minha responsabilidade. Os erros também. A Alfredo Bosi cabe o mérito da crença e do constante estímulo mansamente exigente e recheado de intervenções iluminadoras.

A curiosidade pela História levou-me um dia a Braudel, e com ele aprendi, entre outras coisas, que nem só de avanço e de recuo se faz nossa marcha. Que a Permanência também é vital enquanto objeto de análise. Que a atenção ao fait divers do cotidiano deixa de ser irrelevante se visto com olhos de ver. Da parte para o todo e do todo para a parte era já lição aprendida no meu curso de origem. Tentei juntar as lições. Se o consegui e porque não ou sim é resposta que aguardo de um leitor criterioso e insaciável.

O texto proposto desenvolve-se em seis capítulos.

No primeiro — “A entressafra literária” — procurei ver como alguns intelectuais cariocas e a revista Kosmos reagiram ao impacto causado pela reurbanização posta em prática por Rodrigues Alves-

-Pereira Passos-Paulo de Frontin num Rio de Janeiro que lutava por engancha-se naquilo que se acreditava exigência nossa dos tempos modernos. Aparentemente, a polarização intelectual derivava mais do ímpeto urbanístico do que de motivações estritamente culturais.

Em "O conto", interessou-me vasculhar os procedimentos artesanais utilizados e em que medida ainda respondiam a prolongamentos tardios de estéticas em fase de abandono.

"A crônica" serviu-me como elemento auxiliar para tentar uma restauração da cotidianidade e da posição de seus autores frente a um momento importante da história carioca. Mas não só isso. Interessou-me também como matéria que balança entre o mimético e o depoimento circunstancial não desprovido de valor.

Talvez por ser vezo de época, "A poesia" foi a que mais sofreu na mão dos colaboradores de Kosmos, que se esmeraram no cultivo da mesmice e destoaram das intenções modernizantes do periódico. A ela só coube a verificação de seu estiolamento que, diferente dos contos, não chegou nem mesmo a prometer perspectivas.

Gonzaga Duque é o virtual detentor da penúltima parte, "A crítica". Sua presença constante, atendendo a pinturas e a livros, converte-o praticamente em estrela solitária e torna-o intransigente defensor da liberdade de ação artística. Seu tom, que esbarra no impressionismo crítico, dá a marca deste setor em Kosmos.

Em "Meia dúzia de palavras finais", espero ter explicado o caráter mítico da Avenida, denunciado já na epígrafe de Sílvio Romero que abre o capítulo primeiro. A sacralização do espaço urbano arrancava-nos automaticamente do estatuto colonial?

Agora uns detalhes essencialmente técnicos e depois os agradecimentos.

A matéria que compõe Kosmos dividi-a em 32 seções:

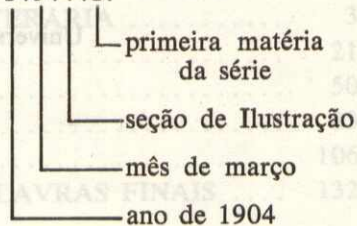
- | | | |
|---------------|-----------------|--------------------------------|
| 1. Prosa | 9. Geografia | 17. Filologia |
| 2. Poesia | 10. Engenharia | 18. Educação |
| 3. Crítica | 11. Matemática | 19. Medicina |
| 4. Ilustração | 12. Noticiário | 20. Teatro |
| 5. História | 13. Publicidade | 21. Etnografia/
Arqueologia |
| 6. Sociologia | 14. Política | 22. Oceanografia |
| 7. Música | 15. Arquitetura | 23. Dança |
| 8. Filosofia | 16. Tradução | |

- | | | |
|----------------|----------------|---------------------|
| 24. Esporte | 28. Botânica/ | 30. Diplomacia |
| 25. Fotografia | Biologia/ | 31. Matéria militar |
| 26. Religião | Zoologia | 32. Diversos |
| 27. Filatelia | 29. Psicologia | |

A fim de evitar sobrecarga de notas de rodapé, decidi incluir a numeração da matéria citada logo após seu uso e marquei sempre com um asterisco () aquela que consta da antologia final.*

Aparentemente cabalística, a numeração é de fácil localização, desde que nos habituemos com seu significado. Os anos de publicação da revista — 1904, 1905, 1906, 1907, 1908 e 1909 — vêm sempre em primeiro lugar. Em seguida, o mês. Depois, o número da seção e, por último, o lugar que a matéria ocupa na série.

Exemplificando: uma ilustração de F. Soucaseaux sobre um “monumento comemorativo da abertura do rio Amazonas à navegação internacional” tem a indicação 1.3.4.1.



Os números entre parênteses no final do resumo das matérias que constam no “Índice geral classificado de assuntos” remetem para a página de Kosmos, que enumerei pessoalmente, já que não contém numeração original.

Quanto à bibliografia utilizada, instalei-a nas últimas páginas com indicações completas. Daí ter-me poupado de repeti-la na íntegra sempre que aparecesse no rodapé.

Os agradecimentos não são de praxe. Revelam, isto sim, a generosidade de pessoas que, argüindo-me ou valendo-me, cooperaram para que Kosmos saísse do limbo.

Agenor Correa e Sra., Alcides Afonso Louro Filho, Alfredo Bosi, Aluísio Azevedo Sobrinho, Amauri M. T. Sánchez, Beth Braz, Brasilina Pereira de Lima, Catharina Cristóforo, Décio de Almeida Prado, Deny Heyck, Edgar Carone, Gercina Ferreira, Isaac Nicolau Salum, Iumna Maria Simon, Ivone C. Chamelet, Jayme Marcelino Gomes, João Alexandre Barbosa, Jorge Cury, J. Aderaldo Castello,

Laércio e Lenira Covizzi, Lygia Correa Dias de Moraes, Maria Ângela Grassi, Maria Itália Causin, Maria Schmidt Carneiro, Orlando Ferreira da Costa, Rose Horch, Telê Porto Ancona Lopez, Vera Dubê e Zenir Campos Reis.

A defesa deste trabalho como doutoramento na Universidade de São Paulo deu-se em dezembro de 1975 perante uma banca composta pelos Profs. Drs. Alfredo Bosi, Antonio Candido, João Alexandre Barbosa, Telê Porto Ancona Lopez e Roberto de Oliveira Brandão. A argüição cerrada foi demonstração de interesse, que agradeço de público.

Entre aquele momento e o da publicação, muitos outros trabalhos sobre este período têm sido publicados. Se não os cito é porque a revisão ateve-se à forma. O fundo é marca do Tempo.

Universidade de São Paulo, maio de 1977.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	v
APRESENTAÇÃO	ix

Primeira Parte

A PASSARELA GALANTE	1
CAP. 1 — A ENTRESSAFRA LITERÁRIA	3
CAP. 2 — O CONTO	21
CAP. 3 — A CRÔNICA	50
CAP. 4 — A POESIA	83
CAP. 5 — A CRÍTICA	106
CAP. 6 — MEIA DÚZIA DE PALAVRAS FINAIS	132

Segunda Parte

ÍNDICES	139
1 ÍNDICE GERAL CLASSIFICADO DE ASSUNTOS ..	141
2 ÍNDICE REMISSIVO DE COLABORADORES	221

Terceira Parte

ANTOLOGIA	241
1 CONTO	243
"Benditos olhos!" — Gonzaga Duque (2.12.1.4.)	243
"Morte do palhaço" — Gonzaga Duque (4.1.1.3.)	246
"Dórios" — C. de Azevedo (2.9.1.1.)	251
"Recordações de viagens" — Eduardo Sócrates (5.9.1.2.)	259
"O velho tesoureiro" — Fernão Fontes (6.4.1.2.)	263

2	CRÔNICA	268
	“Crônica” — Olavo Bilac (1.11.1.3.)	268
	“Crônica” — Olavo Bilac (2.4.1.2.)	270
	“Crônica” — Olavo Bilac (2.11.1.5.)	272
	“Crônica” — Olavo Bilac (3.5.1.4.)	275
	“Crônica” — Olavo Bilac (4.10.1.1.)	278
	“Os que vêm . . .” — Fantásio (3.10.1.2.)	280
	“Tipos e símbolos — O herói do domingo” — João Luso (2.11.1.4.)	283
	“Tipos e símbolos — O Sr. Y” — João Luso (3.1.1.2.) .	286
	“Tipos e símbolos — A sublime porta” — João Luso (5.11.1.5.)	289
	“No tempo da ‘Gazetinha’ ” — Gonzaga Duque (5.9.5.1.)	291
	“Renascimento” — Gil (2.5.14.1.)	296
	“A grande artéria” — Gil (2.11.1.2.)	298
3	POESIA	304
	“Deus” — Lauro Müller, Edgard Daemon e Moreira Gui- marães (1.3.2.1.)	304
	“Os trinta cofres de Malim-Tsou” — Alcides Flávio (1.7.2.1.)	305
	“A volta da saúde” — Lúcio de Mendonça (4.4.2.1.) . .	308
	“Espirais de sonho” — Leal de Souza (4.12.2.5.)	309
4	CRÍTICA	311
	“Imagistas nefelibatas” — Gonzaga Duque (3.5.3.1.) . . .	311
	“Paisagens” — Gonzaga Duque (4.6.3.2.)	314
	“O primo Basílio” — Gonzaga Duque (5.6.3.1.)	317
	“O último fauno” — Gonzaga Duque (5.8.3.1.)	321
	“Machado de Assis” — José Maria de A. Bello (6.4.3.2.)	326
	BIBLIOGRAFIA GERAL	330

“Os que se dão ao estudo dos problemas brasileiros sabem que este é um dos mais consideráveis: a integração das gentes que habitam o país em um povo só, a obra de extinção dessa anomalia que se traduz no Brasil pela existência de duas nações separadas, de duas populações diversas, estranhas uma à outra no mesmo país, sob o mesmo céu, nas mesmas dependências territoriais e que cada vez mais se distanciam nas expressões chocantes dos seus extremos respectivos. De um lado, o Brasil supercivilizado que pensa e veste com Paris, tem ânsias intelectuais e nevroses literárias, lê e discute as idéias mais finas e detesta o trópico; do outro lado, o Brasil hirsuto da mata, há quatrocentos anos separado do outro, vítima de todas as invasões e tropelias, fetichista e nu.

A nossa evolução é cheia destas extravagâncias.

Feita em saltos, a nossa história desconcerta o investigador. É o regime da inconseqüência. É uma série de esforços arquejantes que não se conjugam, não se integram num conjunto. Não conhecemos a marcha continuada, o lento ascender de passo firme. Vivemos sempre a recomençar. Tudo entre nós é obra de circunstâncias ocasionais. Toda a nossa vida pode ser caracterizada, sem exagero, sem pessimismo e com precisão, como um jogo de circunstâncias. Uma circunstância nos obriga a renovar a cidade, a saneá-la de uma vez; outra circunstância nos impede de cuidar da sua beleza arquitetônica; uma circunstância nos leva a fardar toda uma geração, ensiná-la a atirar; outra circunstância nos faz esquecer tudo isto de um dia para outro. O improviso domina.

Ah! meu Brasil, caboclo querido, não sejas ridículo!

Quando começarás a compreender que só vales, sendo o que és, sem desejares sempre ser como os outros?”

GILBERTO AMADO

(Montagem de três textos de Gilberto Amado: “A independência”, “A conquista do equilíbrio” e “Miçangas e aljôfares”, extraídos de *A chave de Salomão*.)

CAPÍTULO 1

A ENTRESSAFRA LITERÁRIA

"E como era preciso que nos iludíssemos, fascinando-nos com faustosas miragens, decretaram-se avenidas e boulevards..."

SÍLVIO ROMERO

As três últimas décadas do século XIX tinham sido particularmente fecundas no campo da criação literária onde *Os sertões* e *Canaã* (1902) servem de limites finais para o período.

A partir dessa época, o Rio — núcleo gerador de nossas forças — retrai-se intelectualmente para concentrar suas energias em favor de um processo de urbanização. A atividade administrativa da dupla Rodrigues Alves-Pereira Passos exige todas as atenções.

O jornalismo, carente de assunto depois da Abolição-República, retoma seu lugar vigorosamente, catalisando e deglutindo as forças dos intelectuais em disponibilidade. Acenando-lhes com uma possibilidade de profissionalização, ainda que em termos precários, a imprensa já se mostrava como uma alternativa da burocracia estatal. E os que haviam desistido completamente da literatura (Aluísio Azevedo, por exemplo), ou os que, embora cansados, nela ainda acreditavam, talvez não se sentissem animados a enfrentar as exigências do periodismo. Do grupo agitado que fomentou a vida literária na virada do século e que ajudou na organização, estabelecimento e consolidação da Academia Brasileira de Letras, apenas Bilac e Coelho Neto aceitaram abertamente o desafio da imprensa diária¹.

Foi nesse contexto literário rarefeito que apareceram 64 números da *Kosmos*, entre janeiro de 1904 e abril de 1909. No começo, a direção coube a Mário Behring, que se afastou em abril

¹ A tarefa jornalística de Bilac é objeto de outra investigação nossa em andamento, e em função disso já percorremos vários jornais e revistas que contaram com a colaboração sistemática desse homem de letras, iniciada por volta de 1885 e arrefecida por volta de 1908.

de 1905, por sobrecarga de trabalho, conforme deixa claro uma nota editorial estampada nesse mês: “Afazeres acumulados que lhe pediam e pedem a atividade em outras esferas de ação afastaram das lides desta revista Mário Behring, que lhe dera, durante dezesseis meses, o que podia dar de esforço, de inteligência e dedicação”. Desse momento em diante, Jorge Schmidt assume a direção, passando então a diretor-proprietário ².

² Depois de uma série de mediações pessoais, conseguimos localizar D. Maria Schmidt Carneiro, uma das filhas de Jorge Schmidt. Sempre disposta a nos responder, por carta ou em entrevistas pessoais, essa senhora não adiantou alguns dados sobre a biografia do pai, mas, infelizmente, confessou ignorar o destino da documentação comercial referente à empresa que Jorge Schmidt dirigira e que ainda publicou *Fon-Fon!* e *Careta*. Jorge Schmidt nasceu no Rio em 15 de março de 1870 e aí faleceu em 26 de outubro de 1926. Era filho de Frederico Augusto Schmidt e de Maria Antônia Schmidt. Além de Jorge, o casal tinha mais três filhos e duas filhas.

Segundo D. Maria S. Carneiro, Jorge Schmidt passou os anos de 1887, 1888 e 1889 no Richmond College em Londres, onde fora completar sua formação, e nessa mesma escola sua fama teria surgido não como bom estudante, mas sim como talentoso futebolista. No entanto, não conseguimos comprovar a presença de J. S. nessa instituição. Talvez tivesse ele estado em outra. Extensa troca de cartas e o prestimoso empenho pessoal da colega Deny Heyck deram o seguinte resultado final, proveniente do “Methodist Archives and Research Centre”, sediado em Londres e atual depositário de documentos referentes a antigas escolas metodistas: “We have carefully scanned all printed and manuscript sources covering the students at Richmond College during this period (1887, 1888 and 1889) and in none of them does the name of Jorge Schmidt even appear. I am informed by the Rev. Kenneth Garlick, whose specialization is ministerial records, etc., that the attendance of a Brazilian student at Richmond at this time, would have been most unlikely to go unrecorded — it being somewhat unusual” (Carta de Londres, 18 mar. 1975).

Sempre segundo sua filha, em 1892 J. S. vai à Bélgica com o objetivo de estudar o projeto de criação de uma fábrica de tecidos a ser implantada no Brasil, projeto que não foi adiante.

E como apareceu a idéia de uma revista?

“Antes de fundar *Kosmos*”, contou-nos D. Maria S. Carneiro, “Jorge Schmidt possuía uma tipografia na rua da Alfândega e convivia muito com jornalistas e literatos. Por achar que havia falta de revistas literárias no Brasil, fundou o *Kosmos*. O senhor deve conhecer os nomes dos seus colaboradores: era a elite dos escritores daquela época, mas os colaboradores atrasavam a remessa dos artigos. A revista era cara para a época: 2\$000 réis. Interessava mais aos intelectuais do que ao público. Em suma, *Kosmos* deixava um déficit considerável e o prejuízo financeiro era grande. J. S. abandonou *Kosmos* fundando a *Careta*, tipo popular de revista que interessava a todas as classes. O seu preço inicial foi de 300 réis. Meu pai foi homem de grande iniciativa e trabalhador infatigável. A *Careta* prosperou” (Depoimento dado em Petrópolis, em 5 ago. 1975).

Sendo de circulação mensal, *Kosmos* contava com distribuidores por todo o país, e sua redação e oficina localizavam-se à rua da Assembléia, 62. (A partir de julho de 1908 muda-se para o número 70 da mesma rua.)

Seus preços eram:

- 20\$000 — assinatura interna
- 22\$000 — assinatura externa (1904)
- 25\$000 — assinatura externa (nov. 1904/abr. 1905)
- 2\$000 — número avulso
- 3\$000 — número atrasado

O formato grande (31 cm × 25 cm), o papel *couché*, o uso intenso de cores nas capas e no interior, a fartura de ilustrações, a diagramação sofisticada e uma certa amostra hesitante de *Art Nouveau* em suas vinhetas adequavam-se perfeitamente a um grupo de consumidor burguês que suspirava pelo *Bois de Boulogne*, procurando compensar-se de sua latino-americanidade.

Daí o entusiasmo dos jornais que aproximavam *Kosmos* das publicações européias inteligentes e civilizadas, tomadas como padrão de referência:

Correio da Manhã: “parece uma dessas publicações saídas dos prelos parisienses”;

Jornal do Brasil: “das melhores publicações congêneres, que se fazem na Europa e na América do Norte”;

A Notícia: “capaz de rivalizar, no gênero, com as melhores existentes no estrangeiro”;

Correio Paulistano: “e rivalizar com as melhores de Paris, Londres, Berlim e Estados Unidos”;

Gazeta de Notícias: “A primeira impressão, ao percorrermos a belíssima revista, foi que tudo aquilo havia sido executado na Europa” (1.2.1.3.).

Se quanto ao feitiço estético a opinião é entusiástica, o mesmo não se pode dizer de seu conteúdo, que conheceu desníveis e heterogeneidade consideráveis.

Deslumbrada com as possibilidades expressivas da fotografia e com a impressão a cores, a Redação esforçava-se no sentido de tudo ilustrar, o que, muitas vezes, relegava o texto escrito a um plano inteiramente secundário. E a força expressiva da imagem visual desequilibrava a procurada adequação foto-texto, desconcertando e desnordeando o jornalista, que se sentiu na obrigação de tentar uma linguagem enfática, capaz de justapor-se ou de empa-

relhar-se com a fotografia. Tentativa inútil que só favoreceu o visual.

Nessa linha, os exemplos se sucedem.

Em outubro de 1906, *Kosmos* traz notícia de um crime. Entre farta ilustração conta-se o assalto à joalheria do receptador Jacó Fuoco, de que resultou a morte de seus dois sobrinhos, Carlo e Paulino Fuoco.

A notícia se perde em meio a uma linguagem retorcida, dramática, ornamental, que se enreda em si mesma e nada esclarece:

“Jacó Fuoco costumava comprar roubos, — como tantos outros vendedores de ouro, aliás. A generalidade, porém, não descaracteriza o feito. A verdade é que ladrões de mar e ladrões de terra procuravam-lhe a joalheria.

De vez em quando a Polícia, também, ia lá descobrir jóias reclamadas pelas vítimas de ladrões.

Carlo Fuoco sabia disso. A sua aprendizagem enveredava por esse caminho dos grandes lucros. Ia vendo como se negociava com essa gente; ia habituando a vista no exame do ouro, na avaliação das pedras, e formando o caráter no trato com os criminosos sombrios. Observava atentamente o exemplo do tio, que lhes falava com autoridade, sem desprezo, e lhes oferecia, sumariamente, quantias miseráveis por aquilo que eles tinham pressa de abandonar.

Esses homens eram o caminho da Fortuna. Podiam ser maus, mas a sua maldade não se manifestava ali; era lá para fora, onde praticavam o crime. Ali apresentavam-se, submissos, trocando o corpo de delito por moeda circulante, o mais depressa possível. Desfilavam sucessivamente espalmando a mão sobre o comptoir pequenos garotos, copeiros e criados de quarto, larápios de todo o gênero, bandidos de toda a espécie. Há tantas casas assim! O freguês honesto quando compra a jóia não pede certificado de origem . . .” (3.10.12.1.)

Sem linguagem própria, o jornalista não resiste à tentação de converter a notícia em ficção, utilizando-se de recursos já fartamente testados e de aceitação garantida. Misturando, pois, emotividade com suposta tensão narrativa (descrições, juízos pessoais interferentes, citações moralizantes, interrogações retóricas, estilemas consagrados, enfim), o texto se desespera na tentativa de querer competir com as fotografias, uma das quais nos mostra um rosto intumescido e comido de peixes.

De outra feita, a fotografia supera inteiramente um texto inócuo (4.11.9.2.) ou se dilui em neutralidade, como no caso

das fotos do Iate Clube do Rio (4.4.4.1.), que poderiam ser de qualquer outro clube esportivo.

A acentuada expansão da linguagem visual, em detrimento da verbal, causava já apreensões, a ponto de permitir que Silva Marques considerasse o esmagamento desta por aquela, em futuro não distante: “Dia virá em que o artigo doutrinário não dispensará também a colaboração da gravura, exibindo-se a idéia que se combate sob a forma duma figura monstruosa e a idéia que se preconiza sob a forma oposta, ou seja duma mulher vaporosa, mergulhada numa nuvem de rendas e de perfumes” (6.3.3.2.). (Imagem feminina digna de um ilustrador simbolista ou decadente, diga-se de passagem. . .)

Em janeiro de 1904, *Kosmos* traz ampla reportagem sobre as enchentes de verão que inundaram Juiz de Fora, concedendo maior espaço às fotos (oito ao todo) e reconhecendo que elas “dizem bastante de Juiz de Fora, na sua muda desolação” (3.1.12.2.).

Em outro nível, agora teórico, Eunápio Deiró discute a possibilidade de se considerar a fotografia como arte ou não (1.11.25.1.).

Segundo confessa reiteradas vezes, seu artigo não é original, pois se trata de paráfrase de autor estrangeiro, cujo nome não revela. No entanto, Eunápio aborda itens dignos de atenção para uma discussão teórica, que, no fundo, se reduzem ao zelo documental do fotógrafo.

Em outra passagem, além de insistir na idéia de que a escolha do assunto depende da sensibilidade e do “saber ver”, Eunápio Deiró recusa terminantemente a preocupação “realista” e documental da fotografia, contaminado, talvez, pelo ideário próximo do Simbolismo/Impressionismo:

“A mania de fazer inventário, o gosto do arrolamento, hoje condenado, já inteiramente desapareceu da arte. Hoje os artistas procuram, não as minúcias, mas o complexo, o todo; não a acumulação dos fatos, mas a simplificação das idéias. Eles têm escolhido — não as horas meridianas, quando tudo se vê, mas as horas crepusculares, quando os objetos apenas desenham-se e deixam-se adivinhar. Lembram de que é um erro de arte — o querer definir tudo, pois que diante de uma coisa definida, nada mais resta à imaginação. O indefinido, pelo contrário, é a senda por onde se vai ao infinito. Tal vale, tal colina, tal dique, objetos banais se lhes virmos todos os contornos, tornam-se meio encobertos pela bruma, coisa desejável, porque é menos possuída; curiosa por menos conhecida”.

Exatamente por causa do predomínio marcante da ilustração sobre o texto e por causa da variedade imensa de assuntos tratados é que, *definitivamente*, não se pode catalogar *Kosmos* como revista essencialmente literária.

Nélson Werneck Sodré, em suas *Memórias de um escritor*, comete essa imprudência quando quer mostrar a diferença substancial entre as revistas do começo do século e as da época em que ele, Sodré, se iniciara na "grande imprensa" (1929). Segundo seu depoimento, as revistas que lhe foram contemporâneas nos tempos de seu batismo jornalístico carregavam uma feição mais mundana, menos comprometida com a arte, sem contudo "abandonar de todo as belas-artes". As anteriores a 1929 "eram principalmente literárias. Assim tinham sido, por exemplo, a *Renascença* e *Kosmos*"³.

Parece-nos um erro de perspectiva considerar *Renascença* e *Kosmos* como tributárias de um periodismo orientado para a literatura. Elas devem ser tidas, antes, como precursoras daquele jornalismo de "feição mais mundana" que, segundo o memorialista, haveria de marcar os anos 20. Na verdade, *Kosmos* e *Renascença* foram simples variantes de um periodismo que o século XIX já conhecera e que corria paralelo com o periodismo literário. Uma simples consulta ao volume 85 dos *Anais da Biblioteca Nacional*, que arrola jornais e revistas publicados entre 1808 e 1899, mostra-nos a convivência, em 1874 por exemplo, de *A Semana Ilustrada* com *Eco Literário*; de *O Globo* com *A Idéia*, etc.

É evidente que as publicações especificamente literárias tendiam (e ainda tendem) à curta duração, reflexo de um mercado imprevisível. Mas as condições agravantes não impediram o aparecimento, ora efêmero, ora cíclico, de tentativas de resistência contra a adversidade do meio. Aí estão a *Guanabara*, a *Niterói*, a *Revista Brasileira* em suas três fases de Sísifo, *A Semana* de Valentim Magalhães, *Os Anais*, *Rosa-Cruz*, *Floreal* e outras.

Estas eram revistas de consumo estrito e dirigidas a um público, se não qualificado, pelo menos com interesses específicos. *Kosmos* e *Renascença* competiam, precipitadamente talvez, na faixa de um consumo mais genérico, mais diversificado e, por conseguinte, menos "profissional". Eram revistas de "ilustração", de popularização, para preencher o ócio com dignidade. Hoje em dia, vistas

³ SODRÉ, Nélson Werneck. *Memórias de um escritor*, p. 47. Mesmo com relação à *Renascença*, que consultamos inteiramente, a afirmativa carece de fundamento. *Renascença* orientava-se pelo mesmo padrão eclético e abrangente de *Kosmos*.

à distância, talvez pudessem ser até consideradas como extensões dos saraus lítero-musicais em agonia.

Numa sociedade em que a maioria dos escritores disputava, com vaidosa humildade, as calçadas da rua do Ouvidor e as mesas estratégicas do Pascoal/Colombo para serem “vistos”, é natural que *Kosmos* fosse feita mais para os olhos do que para o cérebro. Fosse pensada e montada como extensão das mesas boêmias que se debatiam, nessa primeira década do século, entre as solicitações cotidianas do mecanismo burguês e a vida intelectual mais ou menos dissipada, cujo apogeu ocorrera nas décadas anteriores.

Além disso, à euforia urbanizadora e embelezadora deflagrada pela dupla Rodrigues Alves-Pereira Passos deveria corresponder uma imprensa de bom gosto, fina, *up to date*, ainda que seu alcance se limitasse à rua do Ouvidor e Botafogo. Assim como marcáramos nossa presença nos campos de Bagatelle, construíamos uma avenida majestosa, debelávamos o perigo da febre amarela, civilizávamo-nos, enfim, era preciso mostrar (a nós mesmos antes de mais nada) que já tínhamos uma imprensa à altura da avenida Central e dos prédios bolos-de-noiva. No plano jornalístico, *Kosmos* correspondia ao esforço brasileiro de europeizar-se, de promover uma imagem favorável e “vendável” do país, como quer Skidmore, para quem o Barão do Rio Branco se convertera em uma espécie de “salesman” de nosso progresso⁴.

Kosmos não fora pensada para questionar nenhum tipo de sistema: literário ou não. Seu conteúdo de arte — literária, gráfica, plástica — constrói-se sobre tendências diversas do panorama intelectual europeu *fin-de-siècle*, no qual entrecruzavam-se simbolistas, parnasianos, decadentes, realistas já em fase de dissolvência. Antes de mais nada, *Kosmos* era ato de afirmação; veículo *móvel*, comprobatório do remodelamento urbano, sua extensão. Protagonista de uma consciência urbana moderna que se modelava à custa da negligência dos subúrbios cariocas, espaço da competência de Lima Barreto.

⁴ SKIDMORE, Thomas. *Black into white*, p. 133: “The most famous ‘salesman’ of Brazil in this era was Baron Rio Branco. (...) Rio Branco worked mightily to present a ‘civilized’ image of Brazil by employing writers in diplomatic posts, especially in Europe... (...) he wanted to present Brazil as a cultured country”. E, dentro desse esforço de internacionalização do país, o Barão não hesitava em praticar velada discriminação a fim de reforçar nossa “image of a Europeanized country growing whiter and whiter”. (Agradeço a Joseph Love a indicação dessa obra.)

O Pedro Nava de *Balão cativo* confirma essa seleção pelo critério estético. Segundo o memorialista, o poeta Antônio Francisco Da Costa e Silva inter-

Pode ser que se esteja simplificando comodamente a análise, ao encararmos a revista nessa perspectiva também. No entanto, é preciso ignorar inteiramente o impacto causado pela Avenida para menosprezar esse aspecto.

A avenida Central representou um desafogo urbanístico e, sobretudo, mental. Sua abertura deu margem a uma série de especulações favoráveis, que iam desde a oportunidade de revolução arquitetônica até à modificação do vestuário ou dos hábitos femininos. Ela resumia praticamente toda a ânsia de renovação, de remodelamento, mormente porque se operava em começo de século, que, em si, sempre deve trazer, latente, desejos de reorganização⁵.

Poucos eram os que se insurgiam, ironicamente ou não, contra o processo renovador e suas decorrências⁶.

Seria possível estabelecer uma escala de opiniões que variasse do desacordo radical à franca adesão.

Lima Barreto, por exemplo, em seu habitual (e delicioso!) desempenho de advogado do diabo, ainda em 1920, denunciava o lado negativo do reformismo, sem se inquietar com a pecha de reacionário. Para ele, era preciso cuidar da "função social" de certas construções, sem o que elas pareceriam "arremedos parisienses, (...) fachadas e ilusões cenográficas"⁷.

pelara o Ministro do porquê de seu não aproveitamento no Itamaraty, ao que teria respondido o Barão: "Contra a sua pretensão o que está é seu físico. Eu só deixo entrar na carreira homens de talento que sejam também belos homens. A diplomacia exige isso. (...) Agora, no Itamaraty, não! Tire seu cavalinho da chuva" (*Balão cativo*, p. 171).

³ Em *Mito e realidade*, Mircea Eliade lembra que a abertura de um ano carrega a expectativa mítica da renovação: "A renovação por excelência tem lugar no Ano Novo, quando se inaugura um novo ciclo temporal. Mas a *renovatio* efetuada pelo ritual do Ano Novo é, no fundo, uma reiteração da cosmogonia. Cada Ano Novo recomeça a Criação" (p. 43). Ora, *Kosmos*, designação já por si sintomática de uma vontade universalizante e cosmopolita, inaugurava-se no início de 1904, poucos anos depois da abertura do século XX.

⁶ Para Richard Graham, o desejo de "modernização" começara a inquietar nosso país a partir da segunda metade do século XIX: "It is my belief that Brazil before the Paraguayan war was closer to the 'traditional' model than is usually thought, and that, on the other hand, by 1890 important steps toward modernization had been taken which were essential to the further changes in Brazil since that date" ("The onset of modernization in Brazil", p. 110).

É nesse contexto, pois, que se insere nossa revista, considerada aqui como elemento concreto desse esforço de atualização.

⁷ BARRETO, Lima. *Coisas do reino de Jambom*, p. 124.

Sem se agarrar à violência verbal, Euclides da Cunha apelava para a ironia como recurso expressivo. Inconformado com a proliferação dos automóveis velozes, considerava o avanço material como fator de degradação do homem. Convidando Francisco Escobar para visitá-lo no Rio, em fevereiro de 1908, dizia: “Admirarás os célebres *melhoramentos*. Fulminaremos, juntos, o pioramento dos homens. Daremos pasto à nossa velha ironia ansiosa por enterrar-se nos cachacos gordos de alguns felizes malandros que andam por aí *fonfonando* desabaladamente, de automóvel, ameaçando atropelar-nos a nós outros, pobres altivos diabos que teimamos em andar nesta vida, dignamente, pelo nosso pé”⁸.

Já numa perspectiva crítica, Bilac encarava a abertura dos trabalhos da Avenida como boa oportunidade de se melhorar o nível da arquitetura brasileira, dando-lhe padrão nacional. Nossa arquitetura, segundo ele, decaíra após a morte de Grandjean de Montigny (1850), que viera com a Missão Artística Francesa em 1816. Para o cronista, o servilismo estético de nossa arquitetura, ao incorporar tranqüilamente a maneira portuguesa, não distinguira sequer uma duplicidade de sistemas arquitetônicos verificável na antiga Metrópole, onde erguia-se, de um lado, a construção europeizante e, de outro, a de influxos árabes, mais conveniente para nosso clima quente. Citando Varnhagen, Bilac lamenta que nossos construtores não se tenham lembrado “dos modelos da arquitetura civil árabe na península, isto é: do uso dos numerosos pátios com repuxos d’água, e dos eirados, ou açotéias (...) como mais a propósito para o nosso clima”. O momento era favorável à nova orientação, mas o atrelamento a soluções européias barrava qualquer iniciativa original. Construções enfileiravam-se “lembrando terrina de sopa (...) urnas funerárias (...) boiões de compota” (1.4.1.4.).

Entretanto, embora a abertura provocasse reações desencontradas, dois fatos eram inquestionáveis: a morte lenta da rua do Ouvidor⁹ e a modificação dos hábitos urbanos e sociais.

Neste sentido, as considerações variavam. Iam desde uma razoável relação entre traçados urbanos amplos e padrões de ves-

⁸ Apud BROCA, Brito. *A vida literária...*, p. 85. (Grifos do A.)

⁹ Jacomino Define, confuso entre a saudade e o entusiasmo, observa sobre a Ouvidor: “Sobre o teu destino pesa a melancolia das dinastias que se extinguem. E tu nada podes opor à outra, a essa majestosa Avenida que ainda não saiu dos limbos e já te atravessa os passos e já te ofusca” (2.2.1.1.).

tuário ou gesticulação feminina elegante até notas de euforia progressista, próximas do ufanismo.

Houve quem atribuísse ao alargamento da antiga rua a meritória responsabilidade na transformação do vestuário cotidiano, na medida em que a expansão do terreno em que se move o transeunte permitiria o aparecimento de roupas mais largas, mais leves e mais claras.

Em "A mulher e a rua", Mário Pederneiras, observador sistemático da mudança dos hábitos urbanos, admite serenamente as modificações:

"O povo sentiu-se desafogado; podia andar desembaraçadamente sem temer o incômodo dos encontrões, nem o ridículo dos tropeços; finalmente, podia respirar, olhar o Céu e receber o Sol com a liberdade necessária ao homem civilizado. (...) Assim acontece com a mulher de hoje. É mais linda porque tu a podes observar melhor; porque dispõe de espaço para a largueza do movimento e a elegância do gesto e não vive comprimida entre apertões e paredes" (4.11.1.2.).

A passarela alargava-se, e com ela ampliavam-se as possibilidades cenográficas que atraíam e exigiam mais atores, mas, ao mesmo tempo, limitavam o exclusivismo¹⁰.

¹⁰ Não deve ser meramente acidental o estado de espírito que se instala no Rio de então e aquele que sobreviera na Paris reformada por Haussman duas décadas antes.

O prefeito parisiense do Segundo Império enfrentou a tarefa de dotar Paris de um plano urbano moderno (e militarmente estratégico...), convertendo-se a cidade, graças aos seus vastos bulevares, em palco de exibicionismo galante.

"Most important of all, Paris had just had her face lifted. Baron Haussman's ambitious plans for opening up the constricted city had been executed by 1880 (...) The magnificent new Opera, commanding its own avenue to the Louvre and the Théâtre-Français, the refurbished city hall, and wide tree-lined boulevards slicing through the most clogged quarters — these were some more than architectural renovations. Paris now had the space to look at herself and see that she was no longer a village clustered about a few grandiose palaces, nor merely a city of bustling commerce and exchange. *She had become a stage, a vast theater for herself and all the world.* (...) everyone wore a costume and displayed himself to best advantage.

It is this theatrical aspect of life, the light-opera atmosphere, which gave *la belle époque* its particular flavor" (SHATTUCK, Roger. *The banquet years*, p. 5. Grifo nosso.)

Agradeço a Joan Dassin a indicação desta obra.

Comentários dessa natureza podem parecer epidérmicos, apressados e, talvez, “curiosos”. Frutos de imaginação muito “literária”, desprovidos de maior rigor ou de juízo crítico. No entanto, é preciso lembrar que, anos antes (1904-1905), o Clube Médico carioca já iniciara campanha a favor de roupas mais condizentes com o clima, no que foi prontamente apoiado por Bilac em crônica de novembro de 1905 (2.11.1.5.).

Tudo leva a crer que alguns médicos, no começo do século, estivessem firmemente engajados numa ação higiênica a respeito de vestuário apropriado, que, em última instância, corresponderia, de modo deliberado ou não, à nova mentalidade imposta por Oswaldo Cruz.

Em abono dessa afirmação, lembramos oportuna informação extraída de *O Correio Acadêmico* (ano 1, número 2), órgão anexo a *A Cultura Acadêmica* da Escola de Medicina do Recife.

Nessas páginas de 12 de outubro de 1904, a revista noticiava o recebimento de uma tese do Dr. Sabino Filho a respeito do espartilho. Segundo a notícia, o autor em questão “estuda com proficiência todas as alterações oriundas do uso constante do espartilho, analisa as modificações anátomo-patológicas que ele acarreta, ‘deformando o esqueleto e os órgãos, criando sérias alterações funcionais, dificultando a nutrição, tornando, as mais das vezes, a mulher pálida, clorótica, leucorréica, doentia’”.

Verdadeiras ou não, do ponto de vista médico, as observações do Dr. Sabino Filho (pois não nos cabe autoridade para conferi-las), o importante é mostrar que a opinião de Mário Pederneiras não se oferece tão desguarnecida e de flancos abertos. Até que ponto o social e o médico se imbricam nessa questão não é tarefa a ser demonstrada nesta análise. O que importa é o esboço conscientizado de umas tantas interinfluências.

Sem querer ser insistente nessa questão, interessa-nos deixar documentada a repercussão multiforme da transformação urbana carioca que, como já foi dito anteriormente, variou da hostilidade ao adesismo franco, tingido de verde-amarelismo inocente.

Nesta linha, exagerando o alcance da medida municipal e convertendo a acanhada população e o acanhado sítio cariocas em nação brasileira, Gil assina um texto, demonstrativo da carência de perspectivas. Carente, porque reduzia, imprudente, todo um país cheio de fraturas sócio-estruturais àquele ligeiro espaço, agora em vias de sofisticar-se, à européia:

"(...) fez-se em todo tempo, como uma profilaxia mental contra o vírus de inovações danosas, a sugestão de incapacidade nacional para tudo quanto não fosse conservar o que encontráramos de atraso, de caturrice e de abuso. As iniciativas fortes nos eram vedadas: 'isto não é para o nosso povo!', era a frase. Fez-se o dogma de nossa vassalagem como nacionalidade, da nossa inaptidão como raça: e fomos fadados pela estupidez e pela insídia a manter a lavoura colonial, a indústria colonial, a política colonial, a construção e o preconceito coloniais. (...) Toda essa gente teve, com a restrição da rua, a restrição do movimento e da visão; perdemos a capacidade de querer, a noção de aspirar, a confiança de conseguir. As outras terras apareciam à generalidade como constituídas por uma massa diferente, povoadas por homens de outra carne e de outro sangue; e a força de desconhecer, intencionalmente por vezes, que os outros caminhavam premidos somente por outras necessidades e outra educação, o carioca, o palmilhador da 'grande artéria', embebeu na consciência nacional a legenda da inatingível superioridade dos estranhos, que foi para uma grande parte um depressivo pesadelo e para outra um simples recurso de má vontade e malandrice farçola".

E conclui, globalizando:

"A multidão que tumultua no pavimento polido em que carros de passeio silenciosamente desfilam, a que se cruza nas ruas largas que cortam a avenida, é realmente a população nova e forte de uma forte e nova cidade" (2.11.1.2.).*

Como mentor, Gil espalha suas palavras de ordem e na sua tarefa logística de apoio às medidas governamentais vê-se secundado por órgãos paralelos como a *Renascença*, cujo cronista, João de Barro, em maio de 1904, já se permitira alargar as fronteiras da cidade do Rio de Janeiro, fazendo-as coincidir com as do país: "(...) o Rio de Janeiro é o Brasil. O estrangeiro que aqui desembarca, de passagem num transatlântico, leva de sua rápida visita à nossa desprovida cidade uma triste idéia de todo o nosso país".

Entusiasmado diante da cidade que se moderniza, o cronista toma a parte pelo todo e, em última instância, funciona como força de sustentação de uma mitologia nascente que quer o Rio como cidade-vitrine-para-estrangeiros. Habitante do centro político e cultural da nação, o jornalista vê seu meio ambiente simultaneamente como síntese e como foco irradiador de vitalidade nacional, e decorre certamente dessa precipitação excitada sua "miopía del desarrollo", para usar uma expressão de Mario Benedetti, em outro

contexto¹¹. A louvação do progresso deforma a visão do jornalista que vai confirmar as expectativas do leitor bem-posto ao injetar-lhe doses de otimismo por meio de um veículo jornalístico acatado. Sagrado pelo saber que lhe permite ilustrar e orientar, o cronista encampa, no plano da palavra, a tarefa de redenção “nacional”, geograficamente localizada, e a distribui para outros pontos do território brasileiro.

Resta ainda lembrar mais um componente dessa reviravolta urbana encabeçada por Pereira Passos: além das razões intrínsecas que exigiam a remodelação, havia também o exemplo portenho, digno de ser imitado, numa época em que a emulação Rio × Buenos Aires se avivava. Tomás Lopes anota o “louvável exemplo que veio de Buenos Aires, porque foram os argentinos que inauguraram essa reação, que abriram essa época de progresso, beleza, higiene e conforto na América do Sul...” (5.3.1.2.)¹².

Conquanto relacionar o aparecimento e o apogeu de *Kosmos* com a remodelação urbana do Rio seja uma das vias interpretativas, falsearíamos a verdade e correríamos o risco de mecanicistas se, descansando nessa relação, a tomássemos como única.

É óbvio que a Avenida serve a *Kosmos* como poderoso incentivo ufanista, alavanca da formação de uma consciência urbana exacerbada. Mas não é só. Cumpre lembrar também a existência de uma infra-estrutura apropriada (maquinaria e técnica modernas, rede distribuidora, consciência empresarial, etc.) que decide fortemente do (in)sucesso de qualquer empreendimento comercial. Neste caso, *Kosmos* poderia ser tomada como exemplo de mentalidade jornalística nova, de cunho empresarial, que não se deixa enganar, até certo ponto, por uma suposta rede de consumo amplo. Com um pé na aventura, finca-se o outro na realidade de um país, cuja margem de analfabetismo é imensa. *Kosmos* quer-se mais informativa do que artística, manipulando ambas as informações num tom não exibicionista e mantendo sempre o anúncio publicitário como suporte.

¹¹ Em “Temas y problemas”, ensaio inserido na obra coletiva *América Latina en su literatura*, Mario Benedetti usa a expressão “miopía del desarrollo” para criticar os escritores europeus ou não que tomam Paris e Londres como medida de toda literatura contemporânea e que negligenciam, por conseguinte, as situações sociais e intelectuais específicas de países subdesenvolvidos.

No nosso caso, Gil ignora situações específicas e nivela o país pela sua comarca, provocando uma falsa consciência de nossa realidade.

¹² Para uma visão mais detalhada das obras da Avenida Central, ver FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Rodrigues Alves...*, esp. v. 1.

Entretanto, concomitante com essa mentalidade empresarial, que se consolida, é preciso lembrar, de um lado, o início de uma reação que se esboçava entre os intelectuais-jornalistas da época: a consciência profissional presidindo o trabalho intelectual. De outro lado, a imprensa como fator de estímulo ou de dispersão do trabalho mental.

Vejamus rapidamente o problema da consciência profissional, pois o segundo — estímulo ou dispersão — é matéria de discussão prolongada, a respeito da qual poderíamos encontrar dados em *O momento literário*, de João do Rio.

No atual estágio da investigação literária brasileira, já se faz sentir a necessidade de um estudo paraliterário que aprofunde uma série de caminhos propostos por *Literatura e sociedade*, de Antonio Candido. Todavia, tarefa desse gênero somente poderia ser empreendida por alguém que aliasse sólido conhecimento de história, sociologia e literatura.

Nossa intenção é apenas a de tentar compor uma linha de continuidade histórica, onde se perfilassem os momentos em que afloraram, com maior vigor ou não, manifestações tendentes à profissionalização do escritor, do intelectual *lato sensu*.

Sabe-se que uma das conquistas do efêmero Academicismo setecentista brasileiro — que não se distinguiu pela qualidade — foi a de permitir pela primeira vez, em nosso território, a emergência de uma consciência grupal, que logo se desfez em virtude das condições precárias e policiaescas do ambiente.

Foi somente no fim do século XIX que um grupo de intelectuais, guiado por Machado de Assis, se propôs a organizar uma academia, inaugurada em 1897, de acordo com o modelo francês.

Se, por um lado, a Academia atuou como fator de redução da boêmia, como quer Brito Broca¹³, por outro, sua missão corolária era a de preservar, dignificar e enaltecer o culto das letras, mas sem se pensar em profissionalização ou remuneração, matérias que poderiam conspurcar o novo Templo.

Nos três primeiros discursos do ano de 1897, não se toca, nem de relance, no problema da compensação econômica. O de Joaquim Nabuco, por exemplo, não só glorifica a função literária, como apregoa o anonimato do produtor:

¹³ "Sob o signo de Machado de Assis, a prova de compostura se tornara imprescindível para a admissão no novo grêmio, que desde o início se revestira de uma dignidade oficial incompatível com os desmandos da boêmia" (Broca, Brito. Op. cit., p. 8).

“(...) a uma Academia importa mais elevar o culto das letras, o valor do esforço, do que realçar o talento e a obra do escritor. (...) Admiraremos a obra e deixemos o autor viver como como toda a gente (...) deixemo-lo desaparecer na fileira, depois de ter feito uma brilhante ação como soldado”¹⁴.

A instituição declarava-se francamente refratária a qualquer injunção, até mesmo histórica. “Homens daqui podem escrever páginas de história, mas a história faz-se lá fora”, assegurava Machado no discurso de encerramento dos trabalhos de 1897¹⁵.

A política reivindicatória de Souvarine¹⁶, substanciada na defesa de nossa literatura contra a invasão européia e na defesa dos direitos autorais de escritores brasileiros ou não, debilitara-se por falta de apoio da classe, mais preocupada com o brilho oficial (no que devia haver surda e engalfinhada competição) do que com a dignificação profissional.

Se no Rio, capital intelectual do país, a confraria literária organizava-se apenas em função da auto-sustentação, quase sempre laudatória, o que se pensar da província, onde, seguindo as pegadas da Capital Federal, atracavam-se as glórias municipais e estaduais?

A esse respeito, Brito Broca oferece notícias pouco lisonjeiras. Em Goiás, por exemplo, os acadêmicos, num rasgo de galanteria, homenageavam com um baile a companheira Eurídice Natal, presidente da sociedade, logo após o encerramento da sessão solene de abertura¹⁷. Em Juiz de Fora, sede da congênere mineira, artigos estatutários fundamentais foram derrubados, como “a adoção da ortografia simplificada e a criação de uma escola de jornalistas”¹⁸.

Como se vê, a sociedade literária cuidava muito mais da manutenção de um *status* cenográfico do que de promover uma efetiva modificação de estrutura ou de colocar em discussão o fenômeno literatura. (Aliás, prejuízo de que se ressentem até hoje os ocupantes da ABL, em que pese a dimensão intelectual de

¹⁴ DISCURSOS acadêmicos..., p. 17.

Para um descendente da aristocracia rural pernambucana, coberto de honrarias diplomáticas e políticas, o incentivo ao anonimato não deve causar espécie.

¹⁵ *Ibidem*, p. 25. (Grifo nosso.)

¹⁶ Souvarine (pseudônimo de Pardal Mallet?) já assinara artigos em *A Rua*, no mês de julho de 1889, exigindo união e reconhecimento profissional da classe artística.

¹⁷ BROCA, Brito. *Op. cit.*, p. 57.

¹⁸ *Idem*, *ibidem*, p. 58.

alguns de seus ocupantes.) Seria esse imobilismo, pergunto, mais um dado para comprovar a civilização de fachada e o formalismo jurídico da Primeira República?

Depois de uma tentativa malograda em 1911, encabeçada por *A Imprensa*, jornal de Alcindo Guanabara, foi somente em 1914 que ressurgiu um movimento de teor pragmático, orientado por Oscar Lopes. Nele os seguidores se propunham a lutar pela defesa de seus direitos autorais e pelo estabelecimento “de um processo moral e fecundo de crítica”¹⁹.

No espaço de tempo que vai de 1890 a 1920 encorpa-se lentamente uma política de reivindicação a que não adere ostensivamente nossa Academia.

No entanto, é um espaço fecundo para o problema, na medida em que homens como Bilac, Machado, Coelho Neto e outros emprestam sua colaboração ao periodismo em troca de remuneração. E como o mercado de trabalho ainda se mostrasse modesto, com produtores agarrando-se tenazmente à oportunidade que lhes fora concedida, é óbvio que seu produto devesse “comportar-se direitinho” sob pena de espantar a burguesia consumidora. Daí Bilac recusar-se, em abril de 1907, a comentar o problema de cervejas envenenadas que se vendiam no Rio: “(...) das cervejas envenenadas que não continham veneno? Não! O assunto não diz com a *índole* de *Kosmos*...” (4.4.1.3.; grifo nosso)²⁰.

O que era essa *índole* de *Kosmos*? Como precisar um termo tão vago, mas, ao mesmo tempo, tão sintomático? Sintomático de uma sociedade que se pretendia civilizada, culta, elegante e... inofensiva. Inofensiva como seus textos ficcionais que se enquadravam mais dentro de uma categoria de “ornamento” do que de “criação” ou “documento”²¹.

Se “criação”, os textos permanecem na esteira de um romantismo diluído e liquefeito; se “documento”, empenhados num verismo rasteiro que se esforça em ser eco do realismo ou germe de regionalismo.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 52.

²⁰ Em outra oportunidade, maio de 1908, o mesmo cronista ignora o assunto “varíola” por achá-lo “impróprio e descabido nesta revista de arte e elegância” (5.5.1.3.).

Renascença também acompanha *Kosmos* nesse programa de aparar arestas, pois seu cronista João de Barro recusa-se a comentar o litígio de fronteiras com o Peru, alegando que as páginas de sua revista “se querem leves e desanuviadas” (*Renascença*, maio 1904).

²¹ Essa eficaz distinção, exclusivamente operacional, foi-nos sugerida por Alfredo Bosi.

Muito já se escreveu acerca da literatura produzida nos vinte primeiros anos deste século, e as sínteses de Alfredo Bosi, apresentadas em sua *História concisa* ou em seu *O Pré-modernismo*, configuram exemplarmente as indecisões do período, do qual *Kosmos* é ilustração.

A coexistência do antigo e do pretensamente novo, da permanência e da procura, alterna-se nas páginas da revista como mostruário de luta agônica, de indefinição de rumos. E exatamente por causa dessa indecisão é que o conjunto de textos ficcionais se mostra fraco, incapaz de propostas novas, mas, ao mesmo tempo, estimulante, na medida em que as alternativas abrem-se em leque, exibindo caminhos condenados ou passíveis de cultivo.

De qualquer forma, quer-nos parecer que a solução machadiana para o conto já encerrara sua vigência e que propostas radicalmente novas não teriam abrigo num periódico eclético, semi-mundano, pouco dado a rupturas estéticas e destinado a uma faixa de consumo heterogênea.

Instala-se então o impasse: o conto hesita entre a ambiência brasileira modesta e a oriental luxuosa. Se brasileira, urbana ou rural? Se rural, e tendo o caboclo como motivo, há condições de maturidade literária para fugir ao pitoresco e ao superficial? Que barreiras impediam o efetivo aproveitamento estético de uma matéria bruta relativamente conhecida? Como se mostra o impedimento? O gênero deve ter implicações didático-moralistas ou deve se recusar à "funcionalidade" ética? Como escapar à opressiva tradição romântica onde o Amor sempre fora tratado de maneira extremada? Seria possível questionar valores tidos como válidos em formas ainda que acadêmicas?²²

²² Esta análise introdutória não se permite demorar detalhadamente na visão dos contos. Todavia, linhas gerais e globalizantes podem ser traçadas como referências básicas para a análise do período em questão, que muito se ampliará se, futuramente, alguém empreender o estudo de *Renascença*, outra revista de importância da época. E da junção sintetizadora de ambos os estudos poderá resultar um perfil mais eloquente.

CAPÍTULO 2

O CONTO

A temática amorosa, por exemplo, ainda permanece presa a convenções românticas, realimentando tardiamente esquemas literários ultrapassados. Sob a égide da polaridade Amor-Morte vagueiam pares amorosos, legais ou não, sempre ameaçados pelo Destino, que se faz presente ora através de descobertas ou coincidências surpreendentes, ora através da interferência de um *tertius* que rompe o equilíbrio.

Em “Castigo!”, de Ciro Costa (1.6.1.1.), o sedutor desabusado e adúltero é punido com a morte acidental, e a moça inocente, fator involuntário do desequilíbrio doméstico, foge, reencontrando a tranquilidade em meio a um grupo de sertanejos viajantes¹.

Esse conto exemplifica com eficácia a convivência do *velho* e do *novo*, na medida em que sua ação, em geral, se recorta sobre molde romântico, o que não impede o aparecimento de eventuais pinceladas “modernas”, ou seja, realista-naturalistas. Em meio a uma linguagem romântica (“seios carinhosos da floresta virgem”, “flores do campo bocejavam num espreguiçamento perfumado”), minado por uma visão edulcorada do trabalho (“A vida expandia-se (...) na onda crescente dos colonos que seguiam pra roça cantando...”) e por uma visão edênica da Natureza, o sedutor Joca Matoso racionaliza “modernamente” sobre sua conquista,

¹ A funcionalidade da Natureza, que se identifica com o estado anímico do personagem ou antecipa a ação ou ainda a ela empresta suas cores, a modo de cenografia, é recurso usual nos contos.

Em “Uma lenda mineira”, de Heitor Guimarães (2.1.1.3.), um filho planeja tocar o pai em meio a relâmpagos “vivos, zigzagueando, sanguíneos, no horizonte negro”, enquanto “uma coruja gargalhava sinistramente”. Arrependido, o rapaz retira-se do local sob “uma pompa gloriosa de luz, clara e vibrante”.

E não satisfeito com a identificação Natureza-Personagem-Ação, o narrador abusa de sua onisciência, não permitindo ao leitor que faça cotejos ou ilações, pois oferece-os de mão beijada, eliminando, assim, nossa participação na leitura: “aquele céu — ontem negro e tempestuoso e hoje tão calmo, tão sereno, — *imagem fiel da alma do filho arrependido...*”. (Grifo nosso.)

tentando encontrar apoio ético que a justificasse. E encontra numa formulação filosófica, lida alhures, que distinguia entre *vida* e *vivência* e que proclamava: “A vida não era igual para todos os mortais ainda mesmo que se admitisse uma igual duração de existência, e isso por se lha não poder medir pela duração do indivíduo”. A que conclusão chegara? A de que sua vida conjugal, ao lado de uma mulher asmática e desanimada, fora esterilizante.

No entanto, o equilíbrio precário, rompido pela iniciativa adúltera, refaz-se com a morte do sedutor, descrita em traços sado-realistas: “O pau, a cuja extremidade se balouçava o corpo, tinha, logo abaixo do rombo que lhe pusera à mostra os intestinos, um grande nó de embira, impedindo-o, assim, de escorregar, atravessado, até ao chão”. O Bem sobrepõe-se ao Mal de modo tão dramático quanto a ameaça de um adultério que afinal não se consumara.

Haveria neste conto, basicamente, dois deslocamentos:

- o da linguagem do A. com relação ao seu tempo histórico, uma vez que sua narração se constrói fundamentalmente à base de estilemas românticos;
- o da ciência com relação ao contexto da ação.

Neste último caso, o enxerto de formulações científicas contemporâneas do A., cuja finalidade é a de justificar a mudança de atitudes de Joca com relação à família, destoa do painel geral que se organiza sobre a dor surda da dissolução familiar, mas faz *pendant* com a justificativa ética acima apontada. Isto é, justapondo mal procedimentos narrativos diversos, Ciro Costa elabora um quadro preferencialmente romântico, no qual encaixam-se, à força, argumentos naturalistas com o fito de isentar temporariamente o herói, que acaba sendo “assassinado” pelo narrador. A mudança de comportamento de Joca explica-se não por exigências naturais do personagem, não porque se sentisse acuado pela relação conjugal insatisfatória, mas sim por auxílio do narrador, que, rompendo o universo ficcional, interfere abertamente no processo narrativo e socorre, eticamente, seu personagem-pecador com justificativas de sabor naturalista:

“Ou seja porque, pelo grande número de gerações superpostas, se achem sempre, reunidas no homem, indistintas e vagas, as almas imperfeitas, confusas, rudimentares de todos os seres, que lhe foram anteriores na escala zoológica, ou seja porque os instintos animais constituem legado que conservamos latentes em nós até

que se manifestem e exteriorizem, como querem alguns (...), o certo é que, Joca Matoso já não era positivamente o mesmo homem”.

A transgressão cometida por Joca Matoso, descendente do Visconde de Matoso, “fidalgo de alta estirpe”, só poderia ser reparada pela “justiça de Deus”, único ser que se lhe sobrepunha hierarquicamente. A dignidade do castigo para o representante da aristocracia rural somente poderia advir da mais alta instância, restabelecendo-se, desse modo, o equilíbrio por oposição simétrica: o transgressor, elemento de cúpula naquela pequena sociedade, é punido por Deus, seu equivalente na esfera celeste.

Todavia, a mesma violação de norma, agora em segmento social menos nobre, resolve-se pela força da brutalidade animal, sem o sinete divino.

“Amor de caboclo”, de José Maria de Albuquerque Bello (5.1.1.1.), é a estória de um casal de retirantes que se estabelece em zona litorânea, onde prospera lentamente. Com o aparecimento de um amigo do Macota, desregula-se a harmonia conjugal, que termina com o homicídio dos amantes e o suicídio do assassino.

Diferente do anterior, a punição se faz diretamente entre os personagens envolvidos, sem interferência do poder superior, pela lei do mais forte e aniquilando definitivamente os indivíduos participantes do conflito. Uma violação acarreta outra, que também precisa ser punida.

A “honra lavada” brutalmente (“o sangue jorrou em borboções, ensopando a terra”), a oposição mata-sertão, o jaguncismo, a atividade das feiras, os instrumentos musicais e as danças populares são elementos culturais brasileiros aproveitados para colorir a trama. É evidente o esforço no sentido de valorizar o *ethos* brasileiro, mas é evidente também o tratamento inadequado, a fratura entre o referente e o referido: a realidade lingüística manipulada pelo autor não é tão manipulável a ponto de dominar satisfatoriamente a realidade físico-geográfica recém-descoberta. Esta é mais robusta que o poder do narrador. Incapaz de criar uma linguagem nova que a transfigurasse esteticamente, ele oscila entre padrões lingüísticos convencionais e outros que lembram Euclides da Cunha, esquecendo-se de que o autor de *Os Sertões* não se propusera a uma obra essencialmente ficcional.

Um outro momento do conto, logo no início, presta-se também para demonstrar a desconfiança que o narrador tinha de sua própria capacidade narrativa. Relatando o processo de retirada, ele

descreve e, em seguida, junta seus comentários, interferindo para reforçar o quadro e martelando o leitor:

“Aqui, ali, numa curva da estrada, alguém, que já vinha trôpego, com a garganta em brasa, caía para não mais se levantar e expirava dolorosamente, estorcendo-se todo, com os olhos dilatados, quase a saltarem-lhe das órbitas.

Que dor tantálica não dilacerava os corações dos pobres sertanejos, impotentes para lutar contra a morte e salvar o ente querido!”

Nem sempre, porém, as narrativas amorosas estão marcadas pelo impasse da linguagem. Em “A lição de anatomia”, de Oscar d’Alva (4.12.1.3.), o curso do amor desfeito é um jogo de cartas sobejamente conhecidas, onde os recursos estruturais de montagem da trama não oferecem nenhuma expectativa. O desenlace, baseado em coincidência do Destino, se antecipa em meio da narrativa e dilui qualquer surpresa. A margem de previsibilidade é completa.

Gustavinho deixara a namorada no interior e viera à Capital estudar Medicina, especializando-se em dissecação anatômica.

Cansada de esperar pelo namorado, Madalena, em companhia da mãe doente, resolve vir procurá-lo. No Rio, a moça busca-o inutilmente, enquanto a mãe agoniza e morre. Desesperada, sem recursos, isolada e tuberculosa, Madalena morre pouco depois.

No dia seguinte à morte da ex-namorada, o Dr. Gustavo Rebouças devia iniciar, em meio a expectativas gerais, um curso livre de anatomia. Rodeado de alunos admirados, Gustavo faz ligeira oração introdutória e, quando do primeiro talhe, “empalideceu, deixou cair os instrumentos e desmaiou nos braços dos alunos”. Era Madalena que estava na mesa do anfiteatro.

O desenlace antecipa-se no momento em que, morta Madalena, o foco desvia-se para a glória nascente de Gustavo Rebouças. E a linha suspensa com a morte da jovem repudiada reúne-se, no final, com a do médico que fora, momentaneamente, esquecido.

Envelhecido também é “Melancolicamente”, de Cunha Mendes (5.6.1.1.), em que a disputa amorosa se resolve em clima de dramalhão, de mulher idealizada e intocável, de paixões bruscas, febris e fulminantes, com pontas de fetichismo e final apoteótico. Nem mesmo a frase de efeito, frase de boca de palco, está ausente.

Resumindo o argumento: durante viagem de navio para o Sul, Carlos tenta inutilmente seduzir Eva, esposa de seu amigo. Em escala rápida em Paranaguá, ambos se recolhem a um hotel onde ocorre o último assalto da luta. Aborrecida, Eva abandona a

hospedaria, esquecendo uma luva sobre a cadeira. Carlos “apertou-a com imenso afeto, caindo no leito e exclamando febrilmente: — Vivi o minuto de um beijo e estou envelhecido por uma eternidade de saudades”.

As edições de Natal de *Kosmos* eram invariavelmente mais recheadas, coloridas e carregadas de esmero gráfico. Naturalmente, a matéria se referia sempre à festa cristã ou trazia, de modo mais incisivo, um ensinamento moral, conveniente para a ocasião. No entanto, “A noite de Natal”, de Cunha Mendes (3.12.1.6.), só se encaixa na edição natalina graças ao título e assim mesmo por muita boa vontade. Exemplo marcante de inadequação cronológica, o conto, já de si inexpressivo, desmente categoricamente seu próprio título.

À véspera da festa religiosa, Lindolfo Lahmeyer e um amigo planejam raptar uma noiva durante a recepção, mas seu irmão Jorge Lahmeyer adianta-se na iniciativa.

Se a intenção foi a de construir uma narrativa cômica, falhou, pois não há nenhuma consistência interna, nem mesmo quando pretende mostrar as virtudes repentísticas do caboclo encarregado do rapto². Ademais, a ação não se ajusta ao título e poderia ocorrer em qualquer época do ano, já que nada indica uma justificativa de tal ordem cronológica. Não só isso: os poucos índices, exteriores à datação arranjada, prestam-se muito mais a situar a ação em junho do que em dezembro, pois, quando os pretensos raptos apeiam no terreiro da fazenda, há “uma enorme fogueira” em torno da qual rapazes e moças assavam milho verde. Clima de festa junina, portanto.

A qualidade dos contos de temática amorosa poderia parecer desprezível não fosse a presença de Gonzaga Duque (aliás, um dos sustentáculos de *Kosmos*). Não que “Sangravidia” (1.5.1.2.) seja paradigma do gênero. É que em meio a tanto desequilíbrio, tanta hesitação entre permanência e renovação e tanta punição de atos eticamente inaceitáveis para a moral vigente, esse trecho de “um romance inédito”, ainda que ligeira e esporadicamente manchado de frases convencionais (“Sus, moço!”; “Sou o grilheta da desventura”), emerge com vigor. Vigor que se revela seja na amarração da cena, seja no arrebatamento do professor quando prega nova moral social.

² Na exígua faixa do humor presente em *Kosmos* valem muito mais, pela melhor amarração estrutural, “Uns amigos que chegam”, de Tomás Lopes (6.4.1.4.), e “O velho tesoureiro”, de Fernão Fontes (6.4.1.2.) *.

Stelo procura seu velho e culto professor, Albano Lívio, a quem confia suas dores de amor impossível: a jovem a quem amava pertencia a uma faixa social superior à sua.

Excetuando-se o sintomático nome dos dois personagens, a ligeira vertigem que acomete Stelo e a tranqüilidade reinante no gabinete de estudos de Albano, nada mais indica a ambígua filiação de Gonzaga Duque ao Simbolismo. Houvesse apenas esta colaboração sua na revista, tornar-se-ia difícil inseri-lo numa linguagem pró-simbolista como demonstram outros textos a serem examinados oportunamente. Bem diz Andrade Muricy, ao comentar Gonzaga Duque, que sua “linguagem, devido às vacilações inatas dos fundamentos da sua estética, é desigual, ora *discursiva*, ora coalhada de *metáforas chispantes*”³. E atribui essa diversidade ao ecletismo de suas predileções literárias.

No conto em questão, o pêndulo inclina-se em direção ao discursivo, havendo mesmo referência explícita a “discurso” quando o professor termina de examinar o problema de Stelo: “O austero homem parou, por momentos, como se procurasse uma forma clara para fechar o discurso”.

Longe de virtuosismos frásicos ou retóricos — aqueles que sulcam os textos em prosa de Cruz e Sousa — “Sangravidia” acentua deliberadamente o compromisso com novas formulações sociais. Albano Lívio é porta-voz de nova Ordem, informado pela ciência nova e, indiretamente, denomina-se cirurgião social que disseca a estrutura vigente: “Eu aqui disseco”. Postado no alto da tribuna, pregando a um aluno basbaque e atento, o professor expõe suas concepções e — como personagem — vai-se enrijecendo, pois, à medida que evolui seu discurso, observa-se que a preocupação do narrador é antes a de defender uma tese do que a de construir ficção. Daí um sentimento de resistência ao texto, decorrente da visível incrustação de corpo estranho que não se dissolveu a contento naquilo que pretendia ser criação.

Entretanto, apesar do evidente descompasso, a situação em “Sangravidia” é mais coerente (embora maciça e exaustivamente)

³ ANDRADE MURICY. Presença do Simbolismo. In: COUTINHO, Afrânio, org. *A literatura no Brasil*, v. IV, p. 149. (Grifo nosso.)

Ampliando a crítica, Massaud Moisés constata uma pendularidade em Gonzaga Duque que o leva da “observação do real sensível” a “zonas rarefeitas da fantasia e da metafísica”, passando pelo crivo da “necessária transfiguração lírica” (*O Simbolismo*, p. 230).

A zona de rarefação fantasiosa, que resvala pelo ocultismo e pela metempsicose predomina em “Ciúme póstumo” (2.7.1.2.).

do que em “Castigo!”, pois neste conto o personagem é um oportunista que “oportunamente” incorpora e defende uma visão nova da sociedade apenas para dela extrair um proveito imediato: a posse da enteada. O conto de Gonzaga Duque é decisivamente montado em termos contemporâneos ao autor, apesar das ligeiras manchas convencionais; “Castigo!”, de Ciro Costa, tem arcabouço convencional com manchas *up to date*.

Próximos à temática amorosa, mas atendo-se exclusivamente à figura da Mulher, enquanto objeto de culto, enfileiram-se outros textos contidos em *Kosmos* e que também percorrem o caminho diversificado que vai do tratamento romântico ao emolduramento simbolista.

No primeiro caso, eu incluiria “O hidromel”, de Domingos Olímpio (1.11.1.4.), em que a discussão sobre qual elemento deveria preponderar na Mulher, Formosura ou Espírito, estende-se frouxamente, emergindo os personagens como meros “porta-vozes” do autor:

“Passada a embriaguez da posse, que é o cadinho do afeto espontâneo, sincero, tua mulher vai adquirindo formas mais amplas; as angulosidades da virgem desaparecem sob carnações fortes, que a maternidade tornará exuberantes, inteiramente diversas das tuas preconizadas linhas corretas, meigamente delgadas, dos teus contornos graciosos. Dá-se, às vezes, que mulheres feias ficam belas e estas se deformam em monstros adiposos ou num esqueleto medonho. Gordas ou magras, quaisquer que sejam as modificações da crisálida, depois das revelações do casamento, a verdade é que o amor não as percebe”.

Tendendo palidamente para o jargão simbolista, “Amores alvos”, de Félix Pacheco (2.2.1.3.), insiste em idealizar a Mulher, assexualizando-a e identificando-a com a Pureza. Pertinaz, Félix Pacheco resiste em dotá-la de atributos humanos e chega ao extremo de subverter a lição tradicional, ao conhecer o Sexo como fonte da Morte. *Eros* e *Thanatos* já não mais se opõem, enquanto fonte de Vida e Morte, mas o primeiro torna-se causa necessária do segundo.

A idealização da Mulher — traço marcante do Simbolismo, mas não obrigatório — ocorre em vários textos de *Kosmos*, muitos dos quais não ultrapassaram o limite da recorrência, banal e superficial, a hábitos cristalizados. Isto é, como resultado de lenta dissolução, os epígonos não fizeram senão aproveitar-se de matrizes consagradas, diluindo-as numa linguagem fácil e desfi-

brada. É o caso do texto anterior de Félix Pacheco, que nada acrescenta à temática amorosa, mas não é o caso de outros textos de Gonzaga Duque. Embora não se firmasse como ficcionista e sim como crítico (cerca de 10% apenas de sua colaboração é de teor ficcional), o autor de *Mocidade morta* soube valer-se bem dos estilemas simbolistas, articulando-os num procedimento que, eventualmente, chega ao requinte gráfico e cromático. (O procedimento verbal será examinado mais adiante.)

Seu “Idílio roxo” (3.12.1.5.), cuja figura feminina é também “insexualizada como as Visões”, é conto que se presta mais ao descritivismo cromático do que à ação, desmanchada numa euforia colorida com todas as gradações do azul. Aí, superando o simples desencontro romântico do amor ameaçado pela morte, um casal se perde em “planície violácea”, carregada de “quaresmas florescentes”, “violetas machucadas”, onde “nevavam pulverizações suaves de ametistas trituradas”, “lilazeando a faixa do horizonte”, sobre “matos já roxeando no fusco das trevas”. Nessa “quietude roxa do espaço”, o narrador sente-se “animalizado pelo contacto ofertante da imácua carne febril”. À arte pura simbolista, distante das preocupações comezinhas do cotidiano, deveria corresponder também a pureza da Mulher?

Reforçando essa orgia cromática, a diagramação distribui criteriosamente o espaço branco, abrindo áreas para ilustrações violáceas que se alternam com letras lilases, co-participantes do texto. Era a arte gráfica brasileira dando o melhor de si, correspondendo a um suspirado desejo simbolista em que o procedimento artesanal ajustava-se exemplarmente ao significado. Perfeito ajustamento que dignificava o gráfico sem desmerecer o poético, fundindo ambos a caminho da Arte única ⁴.

⁴ Tempos atrás, estudando a revista simbolista *Rosa-Cruz* (1901 e 1904), toquei ligeiramente no problema do divórcio existente entre sua cúpula dirigente e a realidade comercial-industrial circundante.

Teimando em não aceitar a evidência de um parque gráfico que crescia e se modernizava, os dirigentes de RC, para não manchar o Ideal, enclausuraram-se num isolacionismo purista e doentio.

O aspecto estético e suas decorrências já foram examinados no estudo em questão (DIMAS, Antonio. *Rosa-Cruz. Contribuição...*). O empresarial levou-os a uma inadequação comercial, que significou até mesmo a recusa de publicidade e conseqüente desaparecimento do periódico.

Kosmos, que não se pautou por padrões tão radicais, aproveitou-se do progresso da arte gráfica, coloriu seus textos, apresentou-os de forma atraente (deveria haver olhos invejosos e cobiçosos de simbolistas!), tudo isso com

A idealização feminina reaparece em “Aquela mulher...” (4.3.1.3.), agora operando como imensá metáfora, encobrando o objeto a ser desvendado, alegoricamente denunciado apenas no final.

O narrador nunca a nomeia, chamando-a somente de Ela. Em meio à riqueza e ao luxo demora-se uma narração miniaturista que exalta o comportamento altivo e desdenhoso de Ela, encarnação da Beleza, infinitas vezes superior a qualquer capacidade de percepção. De origem ignorada e de presente misterioso, Ela, “indiferente às normas”, desdenha o populacho bronco e aborrece aqueles conservadores, habituados a padrões de beleza já superados.

A princípio, a oposição Ela × Massa expõe-se claramente, mas sem interferência aberta do narrador, que a Ela privilegia no tratamento, enaltecendo-lhe as formas perfeitas, sem contudo tomar partido. Ao fim, entretanto, talvez insatisfeito com a sutileza alegórica, que poderia passar despercebida, o narrador salta em meio à narração tranqüila e proclama:

“Bem lhe coube, àquela mulher estranha, a singular alcunha com que o risonho espiritualismo dos Delicados a aclamou: Ela foi a esfíngica, lavorada Estrofe Decadente. De fato, isso foi, por sua perturbante originalidade e por seu incomparável espírito . . .

Ah! estúpido olhar da Convenção, tu não sabias quanto era formosa essa mulher que julgavas feia! Não compreendeste sua beleza, porque a Sanção fez da tua visualidade um aparelho estreito e mediocremente sensível, onde só se refletem as imagens posadas segundo os ditames de velhas regras e de usadas teorias. O que é estranho, novo, nobre e grandioso, foge à tua apreensão — tu fitas sem entender, tu percebes sem sentir, tal o olhar do ignorante com os mundos siderais que ele confunde numa só forma e num mesmo brilho”. (Grifo do A.)

Desvenda-se, então, a alegoria, colocando-se frontalmente a oposição *Massa × Signo novo*, fator gerativo do processo de “estranhamento”⁵. O velho dilema simbolista — incapacidade do

base numa mentalidade comercial atualizada, que retirava subsídios da publicidade paga, manejando-os profissionalmente.

Enquanto isso o grupo de RC mantinha-se precariamente puro... em preto e branco.

⁵ O tratamento alegórico do fator de “estranhamento” é processo usado em “A morte do palhaço” (4.1.1.3) * a ser estudado posteriormente. Há, no entanto, uma diferença: naquele o motivo básico não se revela nem mesmo no final, o que confere plurivalência ao texto e, portanto, maior qualidade.

vulgo em decifrar/apreciar o Novo — aflora, não em termos teóricos, mas em termos ficcionais. (Aliás, adiante veremos que Gonzaga Duque pouco dispunha de arsenal teórico para cimentar seu juízo crítico, diversas vezes exposto em artigos na *Kosmos*. Embora não se filiasse ortodoxamente ao Simbolismo⁶, é inegável que houvesse assimilado algumas de suas posturas e formulações, defendendo-as, ocasionalmente, assim como é inegável que essa carência sua de embasamento teórico vem corroborar a idéia de que ao movimento prestigiado por Cruz e Sousa faltou um líder teórico.)

A elegibilidade da alma, o impacto perante o Novo, a incapacidade popular de consumi-lo, a inacessibilidade da mulher amada, a exploração ostensiva do sensualismo são dados simbolistas corriqueiros, sem mencionar os ambientes luxuosos e exóticos, alguns localizados em espaço medieval. É o caso dos contos de Virgílio Várzea que, quando não assenta suas ações no mar, recua para a Idade Média (“O rouxinol morto”, 3.1.1.5.) ou reaproveita, e bastante mal, a lenda amorosa de “Tristão e Isolda” (2.1.1.5.).

Fugindo para Tempo e Espaço remotos também, Coelho Neto apela ora para a cultura clássica, ora para orientes bizarros, em contos de perceptível sabor didático-moralista. “A felicidade” (3.3.1.3.) conta a estória de um mendigo eleito pela Fortuna e que vem a revelar-se um ganancioso. Carregado de denso sensualismo/sensorialismo, o conto é visivelmente moralizante. No entanto, cria-se uma contradição: o requinte do ambiente atrai muito mais o leitor, na medida em que o peso descritivo recai mais sobre o luxo, do que sobre pretense ensinamento enfeixado. Se o jogo verbal empenha-se em tirar todo partido do ambiente montado para a sedução, logo vê-se que a sedução organiza-se mais robustamente que a virtude:

“De volta ao palácio — já a rútila Vésper subia no horizonte, — o afortunado avistou na varanda, entre os inclinados ramos dos jasmineiros e das acácias que florescem de ouro, as lindas, esbeltas mulheres do seu gineceu que o esperavam, qual mais ansiosa do seu beijo, esmerando-se em seduzi-lo com lânguidos meneios e

⁶ Paga tributo ao Simbolismo também “Benditos olhos” (2.12.1.4) *, no qual um processo marcante de metonimização conforma um dilúvio cromático, sonoro e sinestésico e realça o verde olhar da mulher inacessível, cuja sutileza de tonalidade só poderia ser apreendida pela “delicada visão de um artista de raça”.

logo as chamou com o sôfrego desejo tanto tempo contido e, por toda noite longa, enquanto soavam as músicas voluptuosas e as escansões, serviam os vinhos em cráteres e as bailadeiras faziam os mais difíceis e graciosos passos, ele gozou exaltadamente a delícia do amor”.

Didático também, mas dirigindo-se para a criação artística e não para o comportamento ético, é “O tempo” (3.9.1.1.). Ambientado em espaço nobre, o conto insurge-se contra o mito romântico da genialidade, pregando antes a virtude da paciência na artezanaria artística, bem ao gosto do bilaquiano “Torce, aprimora, alteia, lima/ A frase, e, enfim,/ No verso de ouro engasta a rima,/ Como um rubim”.

Convocados por um príncipe, três estatuários apresentam-se para esculpir uma estátua de Apolo, o deus da Beleza. Vence aquele que combina Inspiração com Paciência e, ao ser perguntado, ele sentencia: “A inspiração é a flor do gênio, mas não exigimos que ela dê fruto saboroso logo que desabroche. É preciso que o Tempo faça o seu ofício. Se um deus me patrocinou foi a Paciência, se um demônio comprometeu a obra dos que me precederam, foi a Pressa”.

Além da evidente e comprovada cópia de padrões estéticos europeus, será que se poderia atribuir o recuo à História eurasiática a um desconhecimento, e conseqüente complexo de inferioridade cultural, de nossa própria tradição? Ignorando — ou desprezando? — nosso processo formador, o grosso de nossos ficcionistas de então era incapaz de reorganizá-lo mimeticamente, refugiando-se em tradições alienígenas para superar a “vergonha” da mestiçagem e conferir-se foros de civilização. É claro que sabemos intencional o exotismo parnaso-decadente, um dos veios constituintes desse movimento poético. Mas, no caso brasileiro, a importação desse traço não viria em socorro, *por acréscimo*, de um desejo de nivelar-se culturalmente à Europa? No Brasil, não teria sido acrescentado a esse exotismo o desejo (in)consciente de repelirmos nosso passado e de nos mostrarmos também filiados à cultura clássica (branca)? E, portanto, dignos de participarmos no contexto cultural europeu e dele merecedores?

Enquanto eclética revista europeizante, *Kosmos* abriga as mais diversas tendências, tornando-se, assim, o repositório sintomático e ilustrativo de uma época que busca definir-se culturalmente.

Desse modo, ao lado de sugestões históricas exóticas, podemos encontrar textos de reaproveitamento estético de nossos fatos his-

tóricos, cujo valor, embora discutível, aponta timidamente para novas direções, em meio à euforia civilizatória.

A “Crônica de Mestre Álvaro”, de Eduardo Nazareno (5.1.1.3), inclui-se nessa estreita e moderada faixa de auto-revelação nacional, em que não se cultiva apenas o dandismo e europeísmo da Rua do Ouvidor agora em deslocamento para a Avenida Central.

Na Bahia colonial, Mestre Álvaro Gaya, santeiro de prestígio, vivia assediado pelo Cônego Peres, que pretendia recolher ao convento a filha única e companheira do artesão viúvo, Maria da Graça. Não o animava intuito religioso, mas a intenção de contar com mais uma monja para seu harém privado.

Certo dia, quando discutiam o problema, Mestre Álvaro, resistindo à idéia, recebe a visita de Paulo de Hollanda Cavalcânti, militar pernambucano, que vem encomendar-lhe uma imagem de Santo André.

Ao final da conversa, Paulo de Hollanda faz referências desabonadoras ao procedimento dos governantes reinóis. Sozinho, Mestre Álvaro começa a se perguntar da integridade e da respeitabilidade do Governo e do Clero.

Dias depois, durante uma festa popular, eclode uma rebelião entre o povo, Maria da Graça desaparece e seu pai recolhe-se para casa, desesperado.

Entrementes, o povo aclama-o seu defensor junto ao Governo. Mestre Álvaro defende os direitos populares com ardor, mas, dias depois, é misteriosamente preso e enforcado.

Maria da Graça, já vestida de hábitos monacais, ignorava o que se passara.

Ambientados no século XVIII, próximos talvez de 1710 (há alusão à Guerra dos Mascates em que Paulo de Hollanda tomara o partido dos olindenses), os personagens distribuem-se de modo mecânico, teatral e maniqueísta. Definidas as linhas de comportamento, invariável desde o início, o conto estende-se sem surpresas e com marcação cênica rígida. Dessa forma, Mestre Álvaro é prudente e discreto, sua filha é beata e abúlica, Padre Peres é “anafado sacerdote”, lascivo e hipócrita, e Paulo de Hollanda, extrovertido e subversivo. Distribuídos os papéis, cada um se comporta de maneira exemplar, desempenhando funções básicas bem delimitadas: a Ponderação, a Submissão, a Ordem e a Insubmissão. Até mesmo na apresentação em cena (partes I, II e III), as funções não se aglomeram, não se embaralham, pois efetua-se a seguinte ordem de aparecimento:

- I — a) Mestre
 b) Mestre — Padre
 c) Padre — Maria
 d) Mestre — Padre

II — a) Mestre — Paulo

- III — a) Padre — Maria
 b) Padre — Provedor da Fazenda

Paulo de Hollanda atua como eversor da Ordem constituída, rompe o equilíbrio pessoal de Mestre Álvaro (alimentando-lhe germes de desconfiança em relação ao Clero e ao Governo) e o equilíbrio da sociedade, quando, durante a festa, desfere, em público, epigramas contra o Provedor-real, o que vem a deflagrar o tumulto. E, cumprido o seu papel, retira-se de cena.

Para Mestre Álvaro confluem o drama pessoal (a sedução da filha) e o social, na medida em que é aclamado representante das reivindicações populares. Como empecilho às pretensões do Padre e como móvel reivindicador, dono da Palavra, sua eliminação se faz necessária. Isolado duplamente, com a fuga da filha e com o refluxo da massa, que se deixa enganar por falsas promessas, torna-se fácil sua eliminação. É na parte III que sua dupla espoliação se verifica sem entretanto se mesclarem, pois, entre a rebelião popular e a apresentação das reivindicações, intercala-se a constatação da fuga de Maria da Graça.

Nesse conjunto de tensões tão severamente marcadas, a ponto de nos fartarmos de metáforas qualificativas e de reiteraões acerca do caráter dos personagens⁷, sobretudo os maus; de abusos do narrador em sua onisciência que denuncia um estado de coisas pretéritas, sem deixar nada a cargo do leitor, o que distingue o texto?

Afora o fato, já explicado, do reaproveitamento de matéria histórica, distingue-o o atrevimento em denunciar abertamente, em traços grossos, a hipocrisia e a concupiscência do Clero, esteio da Ordem estabelecida. Denúncia que se faz em revista que, em última instância, servia à própria Ordem do início deste século e a um público potencialmente capaz de transpor a experiência histórica. No entanto, o exemplo se dissolve entre as vinhetas coloridas, apaga-se lentamente no traço grosso da composição ima-

⁷ Falando do Padre Peres, o narrador repete em duas vezes a mesma frase: "manha do raposo amestrado na caça às ovelhas de que se finge pastor".

tura, compreensível e justificável num momento em que a literatura de denúncia apenas se esboça.

Explorando ainda o veio histórico, encontramos “Durante o bombardeio”, de Virgílio Várzea (3.7.1.4.).

Supondo que seu namorado, oficial da Marinha, esteja a bordo do Aquidabã, durante a Revolta da Armada, Madalena Graça exaspera-se. Neste conto não é o tratamento mecanicista da ação, nem a repartição maniqueísta dos personagens que o prejudicam, mas o evidente e ostensivo empenho em cambiar o fato histórico em estético, o que provoca inadequação e desajustamento entre dois planos, permanecendo ambos separados. A revolta antiflorianista emerge como “telão” para um drama amoroso tratado de maneira irrelevante e, involuntariamente, o narrador configura-a como típica disputa de cúpula política ao mostrar o povo assistindo a ela como a um espetáculo. A junção de duas tensões — a geral e a particular — não ultrapassa a superficialidade, e o narrador, acreditando ingenuamente no poder expressivo das palavras, pretende dotá-las de dramaticidade através de desgastadas frases de efeito: “terrível combate”, “famílias que se despenhavam”, etc.⁸

Parcialidade inaceitável seria se, analisando *Kosmos*, nos detivéssemos apenas na produção ficcional diretamente tributária dos modismos europeus. Embora lançada com a intenção expressa de ser “artístico álbum das nossas belezas naturais, dos primores de nossos artistas”, que se modelasse segundo “as mais notáveis publicações ilustradas européias e norte-americanas” (1.1.1.4.), *Kosmos*

⁸ Parece que Virgílio Várzea está destinado, merecidamente, a ser conhecido apenas como co-autor de *Tropos e Fantasias* e como companheiro de Cruz e Sousa.

As histórias literárias não lhe abrem espaço senão para identificá-lo como tal e não é preciso exame rigoroso de seus contos para compreender essa discrição.

Voltado quase que exclusivamente para o ambiente marinho, Virgílio Várzea parecia acreditar no poder mágico suscitado por práticas náuticas. Mais cometendo contos, que escrevendo-os, Virgílio Várzea compromete-os todos com o exibicionismo de terminologia náutica em que o suposto motivo esfarela-se. E não se pode admitir que a relevância exclusivista dada à Palavra fosse intencionalmente poética, porque, ao contrário de Cruz e Sousa, que a explorava sensitivamente, Virgílio Várzea aproveita-se somente da especificidade técnica da terminologia para espantar ignorante.

Até mesmo Nereu Correa, um de seus críticos, reconhece herança romântica, léxico técnico abusivo e “pobreza do elemento ficcional nos contos” do autor catarinense. (Cf. CORREA, Nereu. *O canto do Cisne Negro...*, esp. p. 99, 102, 117 e 143.)

não poderia fugir ao imperativo de sua própria razão de origem que era a de “honrar no exterior o nome brasileiro” (2.12.1.10.).

Orientada para essa direção, construída para servir como vitrine de nossa civilização (que teimava em esconder seu pé de pavão), é natural que grande porção de sua ilustração e de sua matéria funcionasse como resposta às necessidades de um consumidor europeizado e *deplacé*. Ignorando a nós mesmos, esforçando-nos por superar uma fenda cultural apreciável e por nos mostrarmos à altura do Ocidente culto⁹, fazíamos de *Kosmos* recurso para atenuar insatisfações, encurtar distâncias e amenizar complexos. E ao preencher as expectativas, a revista dourava a pílula e envolvia “bela e garridamente” (1.12.1.5.) seu conteúdo. Atitude típica de matéria destinada à exportação.

Todavia, parte dessa mesma matéria não quis atravessar o Atlântico e solicitar o *nihil obstat* de Paris. Voltou-se para o interior, procurou desvendá-lo, denunciá-lo e denunciar-se, ainda que por meio de procedimentos estéticos frágeis. Debruçando-se sobre nossas contingências, mas hesitando entre a fidelidade documentarista e a idealização, de qualquer forma essa linha de auto-revelação servia:

⁹ É ainda a Nabuco que recorremos quando dessas extrapolações, porque ressoam nos nossos ouvidos as afirmações desse contemporâneo de *Kosmos*, que poderia ser tomado como representante prototípico da camada culta da época.

Comparando a Europa (velha, elegante e culta) com a América (indócil, desajeitada e imprevisível), o autor de *Minha formação* garante: “Nós, brasileiros — o mesmo pode-se dizer dos outros povos americanos — pertencemos à América pelo sedimento novo, flutuante, de nosso espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas. *Desde que temos a menor cultura, começa o domínio destas sobre aquele.* (...) Estamos assim condenados à mais terrível das instabilidades, e é isto o que explica o fato de tantos sul-americanos preferirem viver na Europa... Não são os prazeres do rastaquêrismo, como se crismou em Paris a vida elegante dos milionários da Sul América; a explicação é mais delicada e mais profunda: é a atração de afinidades esquecidas, *mas não apagadas*, que estão em todos nós, da nossa comum origem européia. A instabilidade a que me refiro provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, *o fundo histórico, a perspectiva humana*; e que na Europa nos faz falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro a ausência do país. *O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação européia.*” (NABUCO, Joaquim. *Minha formação*, p. 46-7. Grifo nosso.)

- como força de contenção ao desvario europeizante e demonstra “que nem tudo tinha virado *belle époque* no Brasil de 1900”¹⁰;
- como resíduo de uma prática estética realista-naturalista;
- como caldo de cultura para uma efervescência regionalista posterior.

Vejamos, primeiro, alguns contos de ambientação rural e o modo como se constrói a figura do homem caboclo e sua ambiência: quais os limites entre a concessão e a autenticidade.

A partir de junho de 1904, Azevedo Jr. publica alguns textos que a prudência recomenda não classificar como contos. Seus “tipos da roça” ocupam as páginas de *Kosmos* entre junho e novembro, e a cada mês detém-se sobre um habitante do interior: o camarada (1.6.1.4.); o major (1.7.1.2.); o maludo ou capanga (1.9.1.1.); o enrabichado ou apaixonado (1.10.1.1.) e o bate-pau ou soldado do destacamento (1.11.1.1.).

A qualidade estética desse material é inferior, pois tudo reunido não representa senão uma tentativa ficcional falha de se levantar os hábitos e costumes roceiros, dispondo-os em fila como se fora um mostruário ilustrativo de antropologia cultural. Não atingindo o nível documental (não era esse o objetivo) e nem alcançando o mimético, os “tipos da roça” desenharam a realidade rural com lápis grosso, detectando apenas o pitoresco e o “diferente”, e são incapazes de dissolver as arestas contundentes dos personagens e conferir-lhes dimensão mais convincente. Funcionando como retratos de nítido contraste branco e preto, esses textos simplesmente catalogam as virtudes e os vícios estereotipados do meio rural: o caboclo beerrão, nômade, indolente, supersticioso e devoto; a cabala política, o voto de cabresto e a força política do major; o capanga valentão, tocaieiro, protegido, “fechado”, imune e impune, etc.

Quem sabe adequados como ilustração de verbete para um futuro *Dicionário de tipos brasileiros*, os “tipos da roça” tentam radiografar nosso meio interiorano e trazer ao conhecimento da *urbs* um vocabulário exótico sempre entre aspas, o que é sintomático da não incorporação desse mundo estranho no plano da ficção. Do mesmo prejuízo padece “Mau sangue”, de Coelho Neto

¹⁰ Nessa mesma página (p. 232) de sua *História concisa...*, Alfredo Bosi lembra a rigidez do conceito mimético em voga no período e a mitificação da terra e do homem.

(6.1.1.1.), que enxerta a oralidade caipira sem retoques, como a chamar, sutilmente, a atenção do leitor para uma maneira “engraçada” e peculiar de comunicação.

No entanto, a ambigüidade de posição do intelectual que quer simpatizar-se com o homem interiorano, mas que, no fundo, se vê prejudicado por uma série de preconceitos culturais, é patente em “Os bois chucros”, de Virgílio Várzea (4.8.1.4.)¹¹.

Basicamente, o conto narra uma brincadeira inconseqüente de dois rapazes roceiros que, ao imitarem bois em disparada, assustam umas mocinhas que se dirigiam para uma reza.

Sem pretender maiores dimensões e sendo tão inconseqüente quanto a própria brincadeira, o conto mostra abertamente o dedo em riste, moralizador e preconceituoso, do seu narrador, que expõe à execração do leitor os dois rapazes:

“Então os dois noctâmbulos, que tudo haviam saboreado escondidos, agachados entre as canas para não serem vistos nem espancados pelo furor popular, já tudo em calma outra vez e certos de sua impunidade, saltaram para a estrada, a correr, como gozando o seu triunfo, a sua perfídia e maldade, irromperam às gargalhadas na noite clara . . .” (Grifo nosso.)

Em “Terra caída”, de Alberto Rangel (5.1.1.6.), não interfere um dedo acusador, mas exaltador de um fenômeno da natureza: a erosão fluvial na Amazônia. Incapaz de construir a aflição do caboclo que, ao retornar de uma festa, vê sua casa engolida pelo rio furioso, o narrador invade o texto e proclama em altos brados a persistência tranqüila do caboclo, concorrendo para solidificar a imagem estereotipada do “antes de tudo um forte” que resiste, apesar das adversidades naturais e conjunturais. (Hábito literário que aproveita ao Sistema, na medida em que reforça, junto ao consumo, a representação dócil do homem sertanejo.)

“A terra podia desaparecer, o caboclo ficava. Acima das convulsões da natureza, estava a alma do nativo, com tranqüilidade e fortaleza. (. . .) Afinal de contas a terra caída, a terra caída bem pode ser a definição do Amazonas. Por vezes, no seu solo

¹¹ Essa ambigüidade do intelectual brasileiro, que ao “falar de sertanejos concretos, com existência histórica, [a] admiração aparece mesclada de repulsa”, é melhor estudada em *As formas do falso*, de Walnice Nogueira Galvão, de onde retirei a citação acima, localizada à p. 19.

aluvionário tudo rapidamente se afunda, mas se reconstitui. Cai a terra aqui, ali e a terra se acresce. Resulta que nesse jogo de erosões e de aterros a luta do homem é a de um Sísifo invertido."

Procurando identificar propositadamente Homem-Natureza, mesmo impregnado de resíduos oitocentistas que ensinavam o condicionamento daquele por esta, Alberto Rangel não consegue esgarçar a informação exterior num conjunto ficcional harmônico em que se tornassem imperceptíveis as aderências e pudesse, assim, evitar o tom doutrinário, quase demagógico.

A temática de (re)descoberta do caboclo e/ou do campo — que seduziu também artistas plásticos, alguns com obras reproduzidas em *Kosmos* — conhece uma curva evolutiva neste periódico em análise. Curva que vai do simples espanto da revelação de uma realidade insuspeita, até uma organização mimética quase satisfatória, em que as tensões humanas ocupam o primeiro plano da narrativa, rebatendo para um fundo sem exotismo os componentes do *ethos*. No entanto, a gradação qualitativa ascensional, implícita na seleção, não pode ser exaustivamente decomposta, visto que, como advertimos no início, a natureza extensiva deste trabalho não o permite.

"Os pombos", de Coelho Neto (1.12.1.2.), já representa um acréscimo em relação ao anterior, na medida em que, agindo os personagens, afloram em decorrência os traços definidores de seu complexo cultural, material ou não.

O argumento é simples: desolado com a iminência da morte do filho, Tibúrcio vincula, supersticiosamente, o desenlace próximo com a fuga dos pombos do quintal. Confirmada a morte, o pai derruba o pombal e esmigalha entre os dedos os dois filhotinhos que encontrara no ninho.

A vida anterior do garoto nos é dada através da recordação sofrida dos pais, que ainda o viam entretido em seus hábitos lúdicos, às voltas com arapucas, feixes de taquara, etc. O apelo supersticioso à reza é feito de modo indireto, pois o pai queria uma oração para o retorno das pombas, o que, no seu entender, traria de volta a saúde do filho: "Joana, você não sabe reza nenhuma pra isso? e mostrou o pombal deserto". Assim, temeroso de invocar a proteção diretamente para o filho — o que poderia ser perigoso, segundo outra crença no meio rural, pois estar-se-ia tentando contrariar um projeto divino —, Tibúrcio, inteligentemente, deseja o retorno das aves e, por extensão, da saúde do filho.

Desesperado com a morte, embora esforçando-se por abrandar a dor com reflexões fatalistas, Tibúrcio explode instintivamente, buscando equiparar-se àquele deus que o havia infortunado. Utilizando-se do mesmo poder de extermínio, o pai descarrega sua fúria contra os pombos que se haviam “negado” a restituir-lhe o filho. Destruídas as aves, destroem-se seus vínculos com a Natureza e vingam-se suas relações com a divindade. (A pomba não é membro participante da família divina? E o esmagamento do filhote não funcionaria para Tibúrcio, do ponto de vista emocional, como vingança no mesmo nível de relação familiar?)

E no momento da destruição vem à tona toda a perícia descritiva do narrador muitas vezes acusado — de modo justo — de delírio verbal. Jogando habilmente com os tempos verbais, intercalando pretéritos perfeitos, imperfeitos e gerúndios, ordenando lentamente (quase sadicamente) a ação, descobre-se, com espanto, que o leitor também se sente vingado, no fim, da morte prematura:

“Ele os foi apertando, esmagando-os, ossos tenros estalaram, o sangue espirrou, escorreu-lhe por entre os dedos, pelos punhos, tépido. Numa fúria, porém, atirou-os ao chão, pisou-os, deixando-os como uma pasta. Os pais arrulhavam na palha da cabana, indo e vindo, aflitos”.

Entre março e julho de 1905, Coelho Neto publica “Fertilidade” (2.3.1.1.; 2.4.1.1.; 2.5.1.1.; 2.6.1.2.; 2.7.1.1.), longo conto, cujo título poderia nomear sua própria obra e cujo desequilíbrio, exemplificá-la. Nesse conto, o personagem principal é Mateus, um sitiante usurário, que vive miseravelmente enfiado em sua pequena lavoura, junto à criação, atraindo a curiosidade dos moradores próximos e excitando-lhes a imaginação.

Certo dia, desaparece da vila o Miguelinho, filho de uma pobre mulher que sobrevivia à custa de lidar com ervas medicinais. Imediatamente, os habitantes do vilarejo acusam Mateus, cuja tapera é prontamente invadida por uma patrulha policial, acompanhada de curiosos.

Comprovada sua inocência, já que Miguelinho reapareceria dias depois, o sitiante ruma a humilhação, ao mesmo tempo em que não se esquece do motivo que o conduziu à usura: um sitiozinho próximo ao mar, que estava à venda.

Aferrado à idéia, Mateus trabalhava arduamente, detendo-se, às vezes, só para comer qualquer coisa ligeira. Afinal, não convinha gastar o dinheiro em comida.

No entanto, um domingo resolve almoçar na venda de Seu Luizinho, pois já se sentia necessitado de alimentação melhor. Enquanto espera aprontar sua refeição, Mateus ouve atentamente o relato espalhafatoso de Avaí, que se dizia herói da guerra contra o Paraguai e que elogiava as virtudes do sangue como elemento regenerador do solo. Segundo Avaí, os campos paraguaios tornaram-se fertilíssimos depois da luta.

Cético, mas excitado, o matuto recolhe-se a sua loca e durante a noite sofre de alucinações. No dia seguinte, empapado em sangue, transtornado e transfigurado, Mateus perambula pela vila: tinha sacrificado seus bois para dar de beber à terra.

Em "Fertilidade", o móvel básico das ações é a *imaginação*.

É ela que empurra o povo para o sítio, escancarando-o, escarafunchando-o e invadindo a privacidade do proprietário; é ela que permite a Avaí exercitar-se em seu modesto teatrinho dominigueiro, perante uma exígua platéia de capiaus crentes e carentes de ludicidade; e, finalmente, é ela que joga Mateus contra os animais a quem ele tanto queria.

Montando a narrativa em cinco partes (respeitadas quando inseridas no volume *Treva*), o narrador distribui os eventos de modo cuidadoso, o que resultará numa quase autonomia episódica dos trechos, assim organizados:

I — Apresentação e busca

II — Expectativa

III — Seca

IV — Chuva

V — Alucinação e morte

Tanto o desaparecimento de Miguelinho quanto o relato de Avaí têm função implícita dentro do conto.

O primeiro funciona como meio de exemplificar o aticamento da imaginação popular, que precisa de um bode expiatório para distrair-se da miséria e do ócio a que está submetido esse povo por força da precariedade econômica local. O relato bélico enxerta-se na última parte para aticar a imaginação obcecada e doentia do sitiante.

Isolado dos vizinhos, ocupado em guardar todos minguaos níqueis, Mateus identifica-se apenas com a Natureza, monologa com os animais, as árvores, o Sol, a Lua, as nuvens e afasta deliberadamente qualquer lembrança feminina de sua mente. Sua energia e seu afeto endereçam-se à Terra, pois "muié é só pra tirá

a força do home!” (2.6.1.2.). E nos monólogos em voz alta, o narrador passa próximo ao fluxo de consciência, concedendo, assim, maior vigor ao personagem.

Todavia, é na alucinação e no sacrifício dos animais que a capacidade descritiva do narrador se esparrama e atinge proporções assustadoras.

Fundamente golpeado pelo prosear fácil de Avaí — embora, no primeiro plano da consciência, resistisse a aceitá-lo —, Mateus deixa-se envolver lentamente, e a alucinação acomete-o. Dentro de si, forças primitivas arrebentam-se, expandem-se, dominam-no, amontoando em sua imaginação dados fugidios e fragmentários, em que o sangue retoma, simbolicamente, o papel regenerador e fecundador da Terra. Num corpo bruto, concentra-se o vigor telúrico, cuja dilatação e reflorescimento fulminantes lembram “Floresta com sol no ocaso” ou, principalmente, “O sonho”, de Rousseau, l’Adouanier, em que Homem e Natureza entrelaçam-se escandalosamente em traços bastos e densos, entre o mágico e o real, oferecendo-se-nos de modo despudorado num colorido sedutor e inquietante. Encharcado em sangue, o mato estênde velozmente sua ramagem tentacular, à semelhança de certos desenhos animados:

“Os animais corriam espavoridos diante da inundação; ele mesmo procurava refúgio andando de um para outro lado, tonto, sentindo-se ameaçado por aquela estranha cheia e os seus pés apegavam-se à terra mole, embebida de visgo purpurino.

Era sangue, um dilúvio de sangue que por ali descia, avassalando a leira, sumindo as pedras, invadindo a cabana, enrubescendo os troncos que iam ficando como de coral. A custo, trepando de soalco em soalco, conseguiu abrigar-se no outeirinho e viu a violenta explosão das sementeiras antigas. Todos os germes, que ele julgava perdidos, rebentavam, vinham a flux com tanta força, crescendo, desenvolvendo-se tão rapidamente que ele via o ímpeto das hastes, o desdobrar das folhas, o abotoar das flores, o desabrochar das pétalas, a formação dos frutos, logo amadurecidos, vergando os galhos, cobrindo o chão.

(...)

O caboclo rebolcava ansioso. A abundância parecia sufocá-lo e, vendo tão forte aquela terra, que sempre lhe parecera inerte, entrou a recear a fartura, temendo a assoberbada riqueza, recuando diante do prodigioso viço, de tanta raiz que ressaltava em coleios, alastrava em vergões, tanta folha que se abria, tanta ramagem alargada, tanto tronco que engrossava, inchava, subia aos arrancos, num crescer fantástico, fechando abóbadas frondosas, tão densas que, em baixo, tudo era sombra abafada.

As altas ervagens envolveram-no. Fugia e, de todas as partes, abro-lhavam renovos, em todos os cantos pululavam plantas logo en-folhadas, logo frondentes.

(...)

Mais um momento e seria vítima da fecundidade” (2.6.1.2.).

A facúndia de Coelho Neto comprometeu-o pesadamente e sua eventual incursão por território brasileiro, distante da bizarrice oriental, levou-o, às vezes, a querer retratar coladamente a linguagem do caboclo. E este zelo documental mina os monólogos de Mateus, cuja expressão oral se transcreve de modo titubeante, ora próximo do suposto real fonético (“trabaiando”, “muié”), ora próximo da chamada norma culta (“traz”, “sofrendo”, “queimando”).

A prodigalidade léxica, um dos traços característicos de Coelho Neto, seria talvez decorrência de uma mentalidade que aliava literatura à representação, à dramatização, à oralidade, enfim, hábitos tão tipicamente *fin-de-siècle*.

O relato enxertado de Avaí não se faz em tom sereno, senão acompanhado de gesticulação efusiva, mímica, ruídos auxiliares e momices: “Quando falava, desconjuntava-se em meneios, sacudindo gestos, representando as narrativas com largos, estabanados acenos, esgares cômicos ou trágicos e vozes imitativas” (2.6.1.2.).

Talvez fosse Avaí a síntese ficcional, representativa de uma geração herdeira da pesada linguagem gestual romântica que não desprezava o apoio físico para realçar o repertório léxico. Mais objetivamente: talvez fosse Avaí a própria transposição mimética de um Coelho Neto que se entregava com prazer à eloquência dramática em pequenas reuniões familiares. Participante ativo e proeminente de uma geração habituada mais à exposição voco-visual do que ao recolhimento, Coelho Neto escrevia para os olhos e para os ouvidos.

Brito Broca afirma que nas reuniões em casa do autor de “Fertilidade”, “o melhor espetáculo (...) era o próprio Coelho Neto com a sua palestra imaginosa e fértil (...) transmitindo impressões de leitura, a voz nítida e empostada, a gesticulação perfeita, representando, não raro, como verdadeiro ator”¹².

O ecletismo que permeia *Kosmos* — que, de resto, permeia o período — é atordoante. Muitas vezes não sabemos como equacionar certos problemas que emergem de sua volumosa matéria. Quando se começa a perceber a possibilidade de um fio condutor que pouco a pouco vai-se fortalecendo, desponta de repente um

¹² BROCA, Brito. Op. cit., p. 27.

texto embaraçoso a nos desafiar. Não que defendamos a necessidade de um comportamento metodológico rígido e exclusivista na análise de periódicos, comportamento no qual devam encaixar-se pacificamente os elementos levantados. Afinal, é o próprio *corpus* que deve sugerir um método. Mas, de qualquer forma, seria louvável uma rigidez operacional maior, não fossem os alçapões que se abrem aqui e ali.

Quando tratamos da temática amorosa, logo no início, empenhamo-nos no sentido de mostrá-la, *grosso modo*, fartamente saturada de prejuízos românticos, onde Amor e Morte erigiam-se como pólos de um mesmo sistema de tensões. Na ocasião, voluntariamente, não mencionamos a existência de dois contos de Escragnolle Doria que se ajustariam perfeitamente ao esquema: “Assassina” (4.7.1.1.) e “Feitiço contra feiticeiro” (3.4.1.2.).

Deixamos o primeiro de lado, porque não queríamos ser redundantes ao demonstrar a ocorrência da Fatalidade como princípio norteador da trama; quanto ao segundo, porque pretendíamos aproveitá-lo neste momento, quando nos interessa mais a ambiência do que o conflito.

Qual o argumento de “Feitiço contra feiticeiro”?

Doentamente enciumada com o casamento do filho, Marcelina arquiteta a separação do casal, advertindo Vicente de que sua Luísa o traía. Certo dia, tocando a casa, Vicente atira num vulto de roupa masculina que tentava entrar pela janela. O tiro acerta em cheio e derruba a própria Marcelina.

Numa moldura romântica, é indisfarçável o esforço do autor em dotar a narrativa de cor local, visando resgatar do anonimato os componentes culturais que enformam aquele espaço. Construindo o drama amoroso que se resolve na morte; intrometendo-se sentenciosamente ao fim do relato de situações curtas (“A mentira é qualidade específica da impudência”); aderindo acintosamente à dor do personagem (“Quanto deve sofrer quem morre assim” [na miséria]); abusando de frases de efeito (“fica com a tua mulher, serei mãe com o filho enterrado vivo”); expondo o personagem masculino ante um dilema maniqueísta (mãe megera, esposa carinhosa), o narrador se permite, entretanto, fisgar eventualmente um componente regional.

Apesar de certo preciosismo léxico (“capitilúvio”, “venatório”), há inserção de termos locais (“camafonge”, “gabiru”); de provérbios (“Quem quer comer sambongo, compra coco e mel de furo”); de expressões populares (“arroz não cacheia por von-

tade” ou “cair no goto”); referências à medicina caseira, a hábitos alimentares e até mesmo à arte popular do mamulengo. Contudo, assim como se acreditava necessária a intervenção inicial do narrador para sublinhar as paixões em disputa (Marcelina “ardia de curiosidade, sentia um fogo íntimo que tomava por dor e era raiva de ciúme”), nada impede sua presença novamente para explicitar determinados dados culturais que possam fugir à informação do leitor: “E eles fazem de mim seus mamulengos? perguntou Vicente aludindo ao teatrinho de bonecos conhecido por aquele nome em Pernambuco e aí muito apreciado”. (Momento em que Vicente, dirigindo-se à mãe, confessa-lhe o receio de servir de chacota para a população, por causa do suposto adultério.)

Ou: “Vicente conheceu as feridas no peito produzidas pela vara. O vareiro, com o fim de impulsionar ou sustentar a barca, carece, não raro, ficar com o corpo horizontalmente estendido sobre as coxias da embarcação, apoiando-se nos dedos dos pés, com os ombros na extremidade da vara”.

Se fosse possível a análise detalhada de toda prosa enfeixada em *Kosmos*, unidade por unidade, não haveria surpresas espantosas, salvo exceções raríssimas. Independente do fator numérico, o exame unitário seria ocioso, visto que, de modo geral, os textos distribuem-se segundo tendências conhecidas, aqui exploradas por meio dos exemplos mais significativos.

No conjunto, a prosa de *Kosmos* nada antecipa esteticamente, nada propõe, havendo quando muito, superada a inércia diluente, justaposição à própria época. Neste sentido, ao adotar caminhos temáticos em voga e/ou procedimentos estéticos em vigor na virada do século, não se pode negar cunho de atualidade à revista, embora isso fosse procurado mais deliberadamente no nível gráfico-visual.

Em termos de rigorosa justaposição temática ao tempo presente, é ilustrativo o exemplo oferecido por “Dorios”, de C. de Azevedo (2.9.1.1.)*, em que uma preocupação da política contemporânea se vê subitamente transformada (?) em matéria literária.

Dorios é embaixador de seu país em uma nação asiática, onde é assassinado durante manifestação hostil aos diplomatas estrangeiros.

Na verdade, o conflito ideológico do embaixador — cumprir ordens que o violentavam interiormente — é antes um discurso do narrador do que tensão de personagem, que é exibido e não se exhibe. À semelhança de Milkau e Lentz de *Canaã*, o princípio

do Amor, esposado por Dorios, choca-se com o da Força, orientação política de seu país. O expansionismo e o imperialismo europeus sobre nações asiáticas, derrubadas pelo poderio naval e pela “persuasão” cristã, servem como fulcro do texto, profundamente contaminado pelas idéias raciais e econômicas vigentes e em discussão no final do século XIX. Dorios funciona como objeter de consciência e como pacifista sobre quem recai a ganância das nações européias a ser justificada. Encurralado acidentalmente num beco, o embaixador não é senão porta-voz que se presta docilmente à expansão livre das idéias do autor, que engaja irremediavelmente seu texto, pulverizando o estético em benefício do ético. Como resultado final há um duplo esmagamento da personalidade do embaixador: esmagado pelo país que representa e não lhe permite manifestação de individualidade, e esmagado pelo narrador que o manipula à vontade, nunca lhe concedendo oportunidade de ação.

É preciso não ignorar também “Viagem maravilhosa”, de Xavier Marques (1.10.1.4.), cuja menção se deve não à justaposição, mas a duas outras razões:

- por ser tímido ensaio de narrativa que foge ao real verificável;
- por poder-se interpretá-lo, *dentro de Kosmos*, como ampla metáfora que ilustra o embate Progresso × Conservadorismo.

Visitando o sul, Otávio escandaliza-se diante da súbita e radical mudança que transformara a grande cidade num lugar hostil e desagradável, atulhada de pedestres apressados, enroscando-se em “escancaradas avenidas, que mais eram estradas campestres do que ruas”. Aturdido com tanto burburinho, seus conceitos de vida urbana passam por revisão, e, entre espantado e amargurado, julga estar diante de “tumultuosa expansão de vida, vida insana, histórica, convulsionária, antes batalha que vida!...”

Mergulhado fundo numa atmosfera que beira o fantástico e o irreal, cujo exemplo é apreensível nas primeiras impressões da cidade, ainda a bordo, Otávio não distingue mais entre o passado concreto e o presente resvaladiço e amedrontador. Seus primeiros contactos com os seres vivos da cidade só fazem confirmar-lhe a sensação do absurdo e do ignorado: “Se falamos não foi ao certo com homens daquela casta, pois das suas gargantas e das bocas (...) não saía uma sílaba que me fosse familiar nem palavra que me representasse uma idéia”.

Além da insegurança que o assalta, a transformação trouxera novos padrões éticos, inadmissíveis e tidos como pecaminosos, o

desrespeito a vultos históricos e a morte da memória pública, com a “demolição vandálica” das efígies. Os “hunos brancos” haviam pilhado e destruído a cidade.

O clima vigoroso de espanto e medo, conduzido sem distensões até quase o fim e amarrando o leitor, desafoga-o, no entanto, nas últimas linhas por meio de uma solução fácil: Otávio sonhara. E ao acordar vê-se gostosamente envolvido pela “doce luz da manhã” e pelas “vozes claras e tranqüilas” da esposa e da filha.

Ora, não se poderia considerar “Viagem maravilhosa” um conto *integralmente* antecipatório, não fosse a solução final, carregada de convencionalismo? Não estaríamos diante de um bom exemplo de conto de terror, à Poe, não fosse o desenlace fácil? E por que o conto desemboca nessa solução? Porque a revista, dirigida a um público elegante e refinado, não poderia ferir melindres e sensibilidades femininas? Porque carecia o autor de audácia? Ou porque carecia de maior conhecimento de literatura estrangeira?

Acredito que da junção de público e autor se poderia extrair resposta satisfatória: revista elegante de *fin-de-siècle* brasileiro não deveria afligir o público; e o autor, relativamente isolado na província, não deveria dispor de soma atualizada de informações literárias ou não estaria disposto a romper inteiramente, seja com a tradição coletiva, seja com sua própria tradição, contaminada de lembranças românticas.

A segunda razão que nos deteve neste conto é que, considerando-o como parte *integrante* de *Kosmos* e constatando a violenta oposição que se estabelece entre Otávio e a Cidade, não se poderia interpretá-lo como grande metáfora? Metáfora abrangente que ilustraria de maneira clara a intensa campanha de desprestígio a que estiveram submetidas as iniciativas de reurbanização, por parte de setores menos esclarecidos. Dentro de *Kosmos*, “Viagem maravilhosa” não ilustra o choque entre a renovação e o carrancismo?

Surpreender procedimentos novos, no plano do *significante*, que pelessem por desbaratar hábitos adquiridos, é esperança ingênua, pois não cabe ao veículo de comunicação da cultura média do momento a responsabilidade, e nem a intenção, de revolucionar visceralmente os padrões. Daí não podermos citar “Cabula”, de M. Gitaí de Alencastro (4.1.1.1.), como promessa de quebra, senão como desvio da norma.

Narrando a apreensão diante do amor ilícito — Júlio enamorara-se da esposa de seu amigo Almeida —, o conto caracteriza-se por uma economia no processo de construção da intriga e

da construção frásica. A intriga não se perde em costumeiras digressões justificadoras do presente; a ação apresenta-se em trânsito, sem introduções preliminares, e através de um diálogo imaginário entre o personagem angustiado e sua consciência. E como o diálogo se passa na imaginação, as frases são fragmentárias e secas, mas ainda observando os sinais convencionais de pontuação. “Cabula”, salvo erro, é o único texto que, graças a esse princípio econômico, poderia ser enquadrado numa perspectiva de avanço moderado.

Com a “Morte do palhaço”, de Gonzaga Duque (4.1.1.3.)*, chegamos a um exemplo satisfatório e bem logrado de significado e significativo harmonizados, razão suficiente para escolhê-lo como fecho desta análise horizontal.

Ajustando com felicidade o *como* e o *o quê*, o narrador mantém o leitor em suspense permanente, ao contar a estória de William Sommers, acrobata profissional que buscava a Forma perfeita e insuperável, duramente alcançada depois de interminável procura e dolorosamente paga com a própria morte.

Se ao Simbolismo brasileiro faltou um decidido programa teórico de ação, apreensível apenas aqui e ali em versos ou em textos em prosa da *Rosa-Cruz*, acreditamos não ser abusivo considerar este conto de Gonzaga Duque como proposta teórica implícita de procedimento simbolista.

O drama de William Sommers, que termina com a consecução do projeto e a sua auto-aniquilação, é a concretização, em nível ficcional, de um desejo estético nunca explicitado criticamente. Obcecado pelo Novo, o acrobata destaca-se de seus pares, praticando “exercícios amorfos, obscuros, ininteligíveis”, que provocam seu isolamento e o desinteresse do empresário e do público. Aquele, porque preocupado com o lucro proveniente das exposições; este, aborrecido, porque, apanhado de surpresa, fora insultado na sua inteligência, longe ainda de assimilar de pronto o inabitual.

Sommers supunha que somente através da pesquisa exaustiva e da observação constante, voltada para o gesto humano ou animal, é que o artista poderia alcançar a Forma total, que conteria a cor e o ritmo. Aferrado à intuição, o palhaço procurava “alguma coisa que devia existir, que ao certo existia, embrionária, ou completada, esparsa pelos seres ou reunida em alguma parte desconhecida, sonho ou realidade... talvez o inédito...”

Nauseado com o público automatizado, decidido a não conceder (“Que lhe importaria o entendimento da turba?...”),

Sommers anula-se enquanto indivíduo para dedicar-se integralmente ao projeto artístico consagrador e converter-se no próprio Ideal. Pouco lhe importa a compreensão geral, porque antes de contemplar a assistência, ele anseia, narcisisticamente, por contemplar-se a si mesmo. O êxtase e o gozo estético provenientes do gesto perfeito já eram recompensa: “Sua alma estava na desejada perfeição deste trabalho. (...) Fora ele que o criara, era ele o primeiro que o executava. Amava-o, pois, como um esforço seu”.

O ápice da procura doentia converte o acrobata em momentânea vítima mística da Arte, com seus “braços em cruz” para logo depois transformá-lo em massa integrada de homem e animal. É a metamorfose total:

“Depois a enorme letra viva, o grande Y aéreo, toda se enverga, mole e desconjuntada; dela se desprendem braços que procuram apoio e se convertem num hieróglifo e se metamorfoseiam numa imagem indizível, que começam por lembrar um sapo e terminam por tomar a forma mista dum homem, cujo corpo exumado tivesse perdido a máscara, tendo o torso e os membros transformados em parte de monstro...”

Alcançado o orgasmo estético, nada resta senão a Morte como *point of no return* que remata a busca e fixa o último movimento como imagem definitiva e inalterável. Morto o gesto e morto o artista, não há risco de repetição, superação ou degradação.

E como se mostra a ossatura sustentatória dessa pesquisa neurotizante?

Valendo-se de léxico raro (“anfracto”, “esconso”, “icarismo”), de recurso sonoros (“revolvido repertório de jogralices tradicionais”) e de alusões à correspondência sensorial, o narrador esforça-se por construir uma linguagem que siga os mesmos passos da situação narrada.

Assim, enquanto procura o incerto, a frase apóia-se em verbos modificados por advérbios ou adjetivos com função pronominal, que qualificam a situação: “Sommers queria febrilmente, procurava aflito, rebuscava delirantemente mais alguma coisa...”

Depois, quando o indefinido começa a se configurar lentamente, os verbos metaforizam a situação, concretizando-a: “tentaculado por sua idéia” (verbo conotando sensação tátil, procura dispersa, escuridão); “mergulhava nessa ambição”; “noite em que os silvos do desagrado lhe vararam o amor próprio”. E, no auge da movimentação, os verbos confundem-se e enovelam-se, mistu-

rando vozes, apressando o ritmo, desembocando no infinito verbal e no aparente infinito da luta agônica: “volvem, relutam, sangram, escabujam, atropelam, perseguem e recuam, galgam e são galgados, ferem e são feridos, e mais se empenham em agarrar, estrangular, arrebatam. . .”

Não bastasse o virtuosismo técnico demonstrado no conto, há também o apoio pictográfico reforçando o verbal. Desenhos de Klixto, tendendo para um surrealismo *avant la lettre* e com reminiscências de Bosch, completam visualmente o discurso verbal. Mesmo dispondo de texto satisfatório, *Kosmos* não dispensava o apelo visual. A imagem visível começava a falar mais alto?

CAPÍTULO 3

A CRÔNICA

"de notícias & não notícias faz-se a crônica"

DRUMMOND

À crônica jornalística, estimulada e consolidada no século XIX graças ao desenvolvimento da imprensa, não se autoriza ingresso fácil nos arraiais da reflexão literária, que sempre a relegam a situações caudatárias, quando não a incluem nos etcéteras dos gêneros em prosa.

A depreciação decorre, provavelmente, de seu imediatismo, de sua inegável motivação financeira, de sua circunstancialidade, de seu teor geralmente baixo de literariedade, de seu despolicimento, de seu à vontade, enfim. Além disso, seu veículo principal é o periódico jornalístico, meio incompatível com a divulgação de elaborações mentais mais duradouras¹.

Sendo o jornal o primeiro *medium* a acolher favoravelmente a crônica, a ponto de haver habitual identificação entre ambos, era natural que o gênero se expandisse e se contaminasse dos pressupostos orientadores de um meio informativo, cujo objetivo, ainda que passe por constantes atualizações, é um só: informar.

Não necessariamente comprometida com o futuro e distante da vigilância estética rigorosa, a crônica salta como resultado de momento, registro subjetivo de um fato qualquer. Laçado pelo cronista na multiplicidade do cotidiano, o fato, eventualmente, se desdobra e nos permite, graças à interpretação que lhe foi dada pelo comentarista, (re)construir pacientemente o período em questão ou a concepção de mundo do intérprete.

Situado (ou sitiado?) ambigualmente entre o jornalismo e a literatura, o cronista se descarta de possível paralelo com sua obra mais

¹ Esses dados já foram objeto de discussão mantida com a colega Profa. Telê Porto Ancona Lopez e seu resultado aparece publicado em *Littera*. Rio de Janeiro, n. 13, set./dez. 1974.

duradoura e se permite ajuizar à vontade, desde que não se rompam os vínculos de implícita solidariedade com a direção do periódico.

Num tempo em que a fúria normativa disciplinava os gêneros, e seus representantes mais ranzinzas mediam o valor do verso pelo critério discutível de riqueza/pobreza rímica ou o valor do romance pelo apego documental, um carioca atrevido como João do Rio embaralhava propositadamente as cartas, ignorava as regras do bom comportamento jornalístico, embarafustava por locas comprometedoras a fim de proteger do esquecimento os hábitos de tatuagem, a festa do Natal entre os remanescentes da escravaria ou as atitudes viciadas dos candidatos eleitorais².

Ora, radica exatamente nesse registro do *hic et nunc* sua funcionalidade, na medida em que nos ajuda a compor as peças do painel em que se insere um periódico. No caso de *Kosmos*, ao abrir mensalmente a revista, Olavo Bilac respondia, ainda que involuntariamente, às atribuições de editorialista, explorando de modo opinativo os assuntos do momento. Sua crônica de abertura forçava o tom da informalidade, a fim de parecer íntima do leitor, e se deixava percorrer vasto e diversificado catálogo de assuntos, sempre umbilicados ao tempo presente e comentados conforme as vinhetas *Art Nouveau*.

Opinando sobre os mais variados assuntos, Bilac não fugia às responsabilidades do momento, embora sua adesão aos problemas circundantes não escavasse fundo. Estaríamos, talvez, diante de um caso em que a adequação meio-emissor se realizava de modo feliz e conveniente (sobretudo para o emissor...). Marcado pelo caráter conciliatório entre o "útil e o fútil", como ensinava Machado, a crônica casava-se muito bem com uma revista que não visava senão a gratificação. Desresponsabilizado (e desautorizado?) pela direção da revista, Bilac instala-se comodamente nas primeiras páginas e comenta o mundo a seu redor, abordando-o genericamente, exortando-o ao progresso, enaltecendo os avanços técnicos, mencionando explicitamente os dirigentes, quando nos louvores, mas calando-se oportunamente, quando na incisão mais funda e decidida.

² Ver "A tatuagem no Rio" (1.11.21.1.); "O Natal dos africanos" (1.12.21.1.); "Chuva de candidatos" (3.1.1.4.).

A curiosidade jornalística de João do Rio mereceu um comentário elogioso de Gilberto Amado, que viu no cronista um registrador sensível do Rio não-boulevardien: "Fez obra de sociólogo" (AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão*..., p. 28).

O estabelecimento de uma tipologia do intelectual pode oferecer elementos que norteiem a apreciação da matéria opinativa assinada por Bilac, e outros cronistas. A leitura atenta das 46 crônicas bilaquianas, produzidas em momento de maturidade (pois que seu autor as iniciara em *Kosmos* aos 39 anos), poderia apontar certos indícios favoráveis a um exame futuro de sua atividade intelectual.

Gramsci, para quem qualquer atividade humana, por mais degradada que seja, conserva sempre “um mínimo de atividade intelectual criadora”³, não admite distinção entre intelectual e não-intelectual e assegura definitivamente que a diferença repousa no grau de exercício da atividade intelectual: “Não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*”⁴. Para o teórico italiano, a partir do momento em que o indivíduo recusa-se a participar do jogo e luta por construir sua própria visão do mundo, não importando qual seja sua condição social, eis aí o homem dotado de “linha consciente de conduta moral”⁵.

No entanto, essa colocação radical, apoiada sobre a faculdade cognoscente do ser humano, passa por atenuações na medida em que o próprio Gramsci reconhece que nem todos os homens na sociedade exercem, precipuamente, funções intelectuais imediatas.

E, ainda dentro dessa gradação, é preciso reconhecer duas categorias essenciais: os intelectuais tradicionais e os intelectuais orgânicos.

Os primeiros “parecem representar una continuidad histórica sin interrupción, pese a las mayores modificaciones de las formas sociales y políticas”⁶, como o Clero, por exemplo, monopolizador, por muito tempo, de determinados setores sociais, como a instrução. Os segundos, os orgânicos, são evoluções sustentatórias da faixa social dominante e atuam como poderosos auxiliares no sentido de se obter o assentimento geral para a orientação do grupo dominador.

O empenho em se obter esse assentimento e o modo como se constrói tal empenho é que, acredito, permitem detectar no intelectual sua maior ou menor adesão ao Sistema político, estético, religioso, etc.

³ GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização*. . . , p. 7.

⁴ Idem, *ibidem*, loc. cit.

⁵ Idem, *ibidem*, loc. cit.

⁶ BUZZI, A. R. Gramsci sobre los intelectuales. In: MARSAL, Juan, org. *Los intelectuales políticos*, p. 53.

Quer-me parecer que, no caso concreto de Bilac, sua atuação, aparentemente isolada, foi a de confirmar, num plano explícito, o acerto das medidas governamentais da recuperação urbana carioca (e, por conseguinte, o surgimento de um periódico fino e elegante como *Kosmos*); e, num plano implícito, embora de maneira esgarçada e contraditória, o acerto da mentalidade materialmente progressista *fin-de-siècle*. Todavia seria esquemático e, portanto, talvez inadequado caracterizá-lo como puro intelectual “orgânico”, uma vez que sua atitude colaboracionista fundava-se sobre uma cultura essencialmente livresca e, pois, “eclesiástica”.

Emerge, portanto, nesta mescla de opostos, a serem tomados *cum grano salis*, mais um dado a desafiar a tentativa de se construir um perfil do jornalista-poeta.

A linha central que sustenta as preocupações bilaquianas nas crônicas e sobre a qual se depositam resíduos de formulações filosóficas é o Progresso⁷.

Tributário do furor progressista que imanta as camadas intelectuais das últimas décadas do século XIX, e da qual preferiu conservar, reducionisticamente, uma noção sobretudo material, e também emulado pelos avanços técnicos de que tinha notícias ou observara na Europa, Bilac mantém vivo nas primeiras páginas de *Kosmos* o mito do salto tecnicista com suas eventuais decorrências morais e sociais.

Nesse sentido, aparta-se ele de certas tendências intelectuais generalizadas no fim de século, as quais ou arrepiavam-se diante do progresso material, naquilo que ele pudesse significar ameaça potencial à vida do espírito, ou louvavam-no apenas enquanto germe deflagrador de propostas culturais novas (biologia darwinista, positivismo comtiano, determinismo, etc.).

Ao recompor o panorama intelectual francês da segunda metade do século XIX, Pierre Martino mostra que nas raízes comuns do Simbolismo-Parnasianismo jazia uma atitude firmemente contrária à arte utilitária, sobretudo a de intenções sociais, uma das variantes românticas⁸. Engajados na defesa da “arte pela arte”, da

⁷ As crônicas de Bilac marcam a insistência intelectual individual do A. e, indiretamente, reforçam o modernismo empresarial do diretor de *Kosmos*, na medida em que endossam constantemente seu arrojo comercial. Tal insistência não impede, todavia, que lancemos mão de outros textos paralelos, de autoria alheia, se assim nos convier.

⁸ MARTINO, Pierre. *Parnasse*... esp. Cap. 1.

arte que não tivesse nenhum compromisso além de si mesma, e estimulados pelos ensinamentos de Gautier e Banville, os parnasianos (e simbolistas) repeliam qualquer iniciativa que pudesse aproximar as categorias do Belo e do Útil. Banville exaltava a feitura de versos “pour rien, pour le plaisir...”⁹; Gautier insurgia-se contra o utilitarismo e montava sua escala de valores segundo a inutilidade das coisas: “Les choses, dit-il, sont belles en proportion inverse de leur utilité; ‘il n’y a de vraiment beau que ce qui ne peut servir à rien; tout ce qui est utile est laid’ ”¹⁰.

Menos exuberante e, conseqüentemente, mais incisivo, Baudelaire criticava a confusão entre valores materiais e valores espirituais, afirmando que os segundos não decorrem, necessariamente, dos primeiros: “Demandez à tout bon Français qui lit tous les jours son journal dans son estaminet, ce qu’il entend par progrès, il répondra que c’est la vapeur, l’électricité et l’éclairage au gaz, miracles inconnus aux Romains, et que ces découvertes témoignent pleinement de notre supériorité sur les Anciens; tant il s’est fait de ténèbres dans ce malheureux cerveau et tant les choses de l’ordre matériel et de l’ordre spirituel s’y sont si bizarrement confondues!”¹¹.

Ora, essa atitude intelectual de desconfiança perante o salto tecnológico que, na época, produzia seus efeitos mais contraditórios e que, em última análise, acusava ceticismo “perante a crença da perfectibilidade humana fundada sobre tal progresso”¹², não foi partilhada por Bilac.

Paladino parnasiano, seria de se esperar que sua posição perante o progresso material respondesse também às orientações francesas que, de resto, enformavam sua estética. No entanto, superando o impasse, deixando o jornalista engolir o poeta, Bilac adere ostensivamente à euforia reformista desencadeada por Pereira Passos, converte-se em um de seus sustentáculos e pretende assumir atitudes públicas de esclarecimento. Esse aspecto divergente de seu comportamento intelectual, que colide frontalmente com o teor ora contemplativo, ora saudosista de seus poemas de 1888 (“Panóplias”, “Via-Láctea” e “Sarças de Fogo”), impede de o rotularmos depreciativamente apenas como poeta em êxtase, alienado de sua

⁹ Idem, *ibidem*, p. 27.

¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 17.

¹¹ BAUDELAIRE. *Petits poèmes en prose*, p. 80.

¹² SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. *Teoria da literatura*, p. 69.

civilidade. Principalmente, se pensarmos na sua combatividade contra Floriano, na sua preocupação com a instrução pública, na sua atividade pedagógica e, *last but not least*, na sua campanha decidida em prol do militarismo. Não se trata de exaltá-lo. Longe disso! Mas de reavaliá-lo objetivamente, a fim de se colherem elementos que auxiliem na composição de um perfil ideológico sério e despido de preconceitos. E por aí está seu milheiro de crônicas disponíveis para quem quiser meter-se na tarefa.

Como se disse, anteriormente, é o Progresso o móvel central que orienta as crônicas bilacianas de *Kosmos*.

Mas, nestas 46 crônicas, qual era seu conceito de progresso e em que medida sua preocupação não aproveitava ao estabelecido enquanto mostra de ligeira inquietação consentida, inofensiva? Ou, em outras palavras, até onde vão a solidariedade e a adesão do jornalista Bilac aos problemas que afligiam o carioca?

Parece que não muito longe.

Instalado em uma publicação que atingia um segmento social acanhado e cultivando um gênero pouco especulativo (em termos de problematizações), o cronista não só incensava o consumidor específico como, eventualmente, menosprezava ou ridicularizava o que brotasse no cantinho popular. Seu olhar dirigia-se sempre para os lados ou para cima. Para baixo, concessivamente apenas.

É muito difícil precisar o conceito de progresso defendido por Bilac, uma vez que em nenhum momento o cronista — seja pelo gênero cultivado, seja pela natureza do periódico, seja ainda pelo feitio individual — permite-se discussão teórica. Sempre que aparece, a idéia de progresso está vinculada a algum fato para o qual o jornalista se sente no dever de chamar a atenção do leitor. A tarefa, então, é a de pinçar, aqui e ali, o concreto fugidio na esperança de precisar o conceito.

Em princípio, sua concepção de progresso depende estreitamente da noção de avanço material e da capacidade humana de auto-superação tecnológica.

No entanto, a constatação da existência e funcionalidade de inventos como a tipografia, o cinema e a fonografia reduz-se apenas à sua aplicabilidade imediata, sem visualizar empregos futuros e sem perceber desdobramentos operacionais virtualmente contidos no instrumento. Examiná-lo como auxiliar potencialmente fecundo para a difusão da cultura não lhe passa pela cabeça.

No fundo, o invento causa-lhe certo incômodo.

Se se arrisca a antecipações técnicas, não sem antes apoiar-se em descobertas recentes de Gaumont e Decaux¹³, Bilac liberta a imaginação entusiasmada, mas desconcerta-se diante da função paralela do livro e do jornal e alerta contra a possível incompatibilidade entre ambos, a partir da qual o livro corre sério risco, pois o tempo limitado do leitor moderno nega-lhe leituras prolongadas. Para remediar essa situação, as futuras informações deverão ser transmitidas aereamente e ilustradas “com projeções animatográficas, dando a um só tempo, a impressão auditiva e visual do acontecimento” (1.1.1.3.).

Embora não percebesse a especificidade de ação do livro e do jornal, reconhecia neste sua função precipuamente informativa, mas contrariava-se quando o cotidiano impunha fatos desagradáveis, segundo ele, à atenção pública. Comentar o orgiástico Carnaval no mesmo número em que se lamentava o luto oficial pelo naufrágio de um vaso de guerra nacional feria-lhe a sensibilidade, mesmo que o jornal tivesse sido inventado para a função magna de informar. Inventou-se o jornal para informar, diz ele. “Informar é o seu destino, é a sua função social, é a sua razão de ser.” (3.5.1.4.) *

Mas, cultivando um gênero que lhe permitia a interferência opinativa, freqüentemente minada de emocionalismo, Bilac filtrava os fatos conforme seus pendores e distorcia-os, portanto, conforme as conveniências.

Decididamente adverso ao Carnaval, repugnava-lhe comentá-lo num momento em que a Marinha brasileira perdia o Aquidabã na explosão da baía de Jacuacanga. Assumindo o luto oficial, identificando-se com a Marinha através de linguagem vigorosamente emocional¹⁴, o cronista maneja seu vocabulário fácil a fim de montar duas realidades artificialmente opostas: a do riso e a da morte. Ao incorporar-se à dor oficial, justificando-se profissionalmente, o cronista recrimina a expansão popular e magnifica a pompa fúnebre, impressionado também com a superioridade cênica

¹³ Segundo Bilac, os físicos franceses Gaumont e Decaux anunciaram, em fins de 1903, “uma engenhosa combinação do fonógrafo e do cinematógrafo — o cronófono” (1.1.1.3.).

¹⁴ “Nesta coluna, contava-se o trabalho dos escafandros na baía de Jacuacanga sondando o mar e pescando os cadáveres; narrava-se o aparecimento dos corpos decompostos, roídos pelos peixes vorazes, tão desfigurados que nem os olhos dos amigos e dos parentes podiam reconhecer nesse acervo de carnes putrefatas os traços das fisionomias amadas...” (3.2.1.5.)

da cerimônia, em que se uniam Estado e Igreja: “Ainda não se tinham apagado na igreja as tochas, ainda não se tinham retirado das suas paredes as colgaduras de veludo negro, semeado de lágrimas de prata, ainda se não havia destravancado a sua nave das eças e dos catafalcos...” (3.2.1.5.)

Do alto de sua coluna, o cronista contempla o mundo ao redor e dele retira apenas os dados que julga significativos, amplia-os para arrastar o leitor, mas não os aprofunda. Em tais condições, o texto se carrega de elementos virtualmente capazes de estimular a adesão do leitor, através da emoção e não da reflexão. Sub-repticiamente o texto seduz o leitor pelo flanco fácil do sentimento, o que pode conduzi-lo a uma visão deformada dos fatos.

Quando Afonso Pena preparava-se para assumir a presidência da República (1906), organizou-se uma viagem marítima durante a qual a comitiva presidencial deveria inspecionar a região costeira.

Kosmos cobriu toda a viagem, *particularmente em termos fotográficos*, e Bilac, em maio de 1906, endossa, entusiasmado, a inclusão de repórteres na comitiva, porque via nesse gesto o reconhecimento público da função social do jornalismo, constituído como o Quarto Poder da democracia representativa. Disputando seu lugar a bordo, a imprensa impunha-se pelo dever de ofício e arvorava-se à condição de guardião do bem público.

Contudo, ao alinhar os dados concretos — seus ou alheios — em defesa do direito de informação, revelam-se a fragilidade e a superficialidade da consciência profissional. Deixando de lado a defesa teórica, os exemplos concretos denunciam, nas entrelinhas, o caráter áulico, deformador e ilusivo daquela imprensa, interessada antes em inventariar o conteúdo pródigo das prateleiras abarrotadas da copa presidencial ou em bisbilhotar os hábitos estritamente pessoais do chefe da missão¹⁵.

¹⁵ “Os jornais (...) chegaram a inventariar as vitualhas e bebidas que entulham as despensas do *Maranhão*: duas mil e quinhentas latas de conservas, cento e cinquenta quilos de lombo de porco, quinhentos de biscoitos, outros quinhentos de queijos, quatrocentas garrafas de champagne, oitocentas de cerveja, quinze barris de vinho...” (3.5.1.4.)

“O Jornal tem o direito de dizer que s. ex. acordou a tal hora e que a tal hora tornou a adormecer, e que s. ex. repetiu ao almoço o frango assado, e que s. ex. espifere o bife sangrento ao bife passado, e que s. ex. ao sair do banho espirrou três vezes por ter apanhado um golpe de vento.” (3.5.1.4.)

Não se cogita de discutir os planos objetivos e prováveis repercussões da viagem. O acidental sobrepõe-se ao essencial e ofusca o leitor por meio da representação de uma riqueza condizente com a euforia que decorre do saneamento urbano e financeiro recém-conquistado. Urbanizado o Rio, agora vitrine para estrangeiros, convinha a imagem das fartas vitualhas, atestado de prosperidade atingida e promessa de riqueza maior.

Ademais, minúcias relativas aos hábitos pessoais do futuro mandatário desalojam eventuais comentários sobre sua orientação política e preenchem o vazio informativo que medeia entre a cúpula e “os amáveis cavalheiros” (3.5.1.4.) * da imprensa, interessados todos em não ferir a cortesia recíproca. Veicula-se, dessa forma, a imagem do homem público simples, igual aos demais cidadãos, o que aproveita ao Sistema, na medida em que injeta no leitor a consciência da falsa igualdade.

A oportunidade para questionamentos perdeu-se. Esvaziou-a o cronista quando, habilmente, desvia o foco para aspectos periféricos, guindados à categoria de essencial.

Procedeu de acordo com a orientação inicial da revista que, subordinada a um ideário vago de elegância e de boas maneiras, reiteradas vezes afirmado, pretendia guardar “inteira neutralidade” (1.1.1.4.) em assuntos políticos. Mas, pode-se pôr em dúvida esse conceito de neutralidade (e, por extensão, a de seus jornalistas) perante o fato político, quando se depara com uma cobertura fotográfica que se esparrama, apologeticamente, durante seis meses (3.5.12.1.; 3.6.12.1.; 3.7.12.2.; 3.8.12.2.; 3.9.12.2.; 3.10.12.3.).

Neutralidade manhosa, suspeita, se não parecesse paradoxal, que evita discutir a extensão político-administrativa da viagem, mas que não hesita em atrair as graças da nova camada dirigente, ao elogiar fotograficamente (pois o Verbo compromete) suas primeiras providências ¹⁶.

¹⁶ Tanto *Kosmos* quanto *Renascença* merecem uma análise específica de sua ilustração, principalmente a fotográfica.

Conquanto haja ligeiras discrepâncias, o conjunto fotográfico mostra uma inclinação a também gratificar o leitor e a premiá-lo visualmente com uma imagem favorável do mundo ao redor.

Não causa estranheza essa atitude, uma vez que se enxerta na motivação maior de nos mostrar como dignos da atenção de países avançados e de nós mesmos.

A fotografia, como pensa Edmundo Desnoes, não é “el resultado de un ojo imparcial. Es fácil descubrir la inclinación, el sesgo, la intención de cualquier foto de revista o periódico: lo mismo para provocar aversión, miedo, desprecio u odio, que para despertar nuestra simpatía, sentimientos de justicia

Revista de divulgação cultural, *Kosmos* buscava antes a gratificação de seu leitor do que incomodá-lo com o aprofundamento de suas matérias, sobretudo aquelas cujo cerne fosse cediço e estofado de controvérsias. Se porventura algum assunto menos nobre impunha-se à atenção pública — como o do assassinato relatado no Capítulo 1 ou a varíola —, a linguagem se retorcia na tentativa de se eximir da culpa de *ter de* informar. Desse modo, antepunha-se à informação a justificativa ética, integrante de uma maneira nova e adiantada de encarar o ofício jornalístico. E ao partilhar do conceito profissional novo, não se interrompe a mentalidade progressista instaurada. Antes, confirma-a.

Enquadrada nessa nova consciência profissional, que se dispõe a informar tudo, *Kosmos* contorna impasses quando se sente obrigada a comentar as revoltas populares contra a vacinação obrigatória, que haviam rompido a frágil crosta da cordialidade social tão apregoadas.

Coincidem as revoltas com o retorno de Bilac da Europa, onde permanecera de maio a outubro de 1904. Excitado talvez pelos padrões civilizatórios alienígenas e irritado com os supostos líderes populares que haviam insuflado o povo contra a imunização preventiva¹⁷, Bilac redige uma crônica onde se expõe abertamente. É sua crônica mais cortante dentre as 46 publicadas pela revista. Agora, suspende ele, temporariamente, o conceito gratificante que o orienta no periódico, no qual só pudessem “achar agasalho as

o indignación...” (DESNOES, E. La imagen fotográfica del subdesarrollo, p. 69.)

Nesse sentido, quando aplicamos o termo “neutralidade” à reportagem do Iate Clube do Rio de Janeiro, comentada páginas antes, foi para mostrar uma matéria que, aparentemente, não tinha conexão alguma com o título e com o número em questão (4.4.4.1.). Entretanto, se pensarmos na gratificação subjacente à revista, compreender-se-á que as conexões sutis se organizam para distribuir a imagem de uma ociosidade elegante.

¹⁷ A causa desses motins populares não foi apenas a orientação positivista, que considerava a vacinação obrigatória como tirania governamental, invasora do direito individual.

Segundo Edgar Carone, é preciso juntar à resistência positivista as transformações urbanas radicais, que provocaram oposição dos “detentores dos monopólios dos quiosques, locais de venda de bebidas e comidas” (p. 108); a demolição das habitações que determinou elevação dos aluguéis e dispersão das classes menos favorecidas; a alta do custo de vida; “a crise comercial de maio de 1904” (p. 202); o desemprego, etc.

Esses e outros dados podem ser vistos em Edgar Carone, *A República Velha* (evolução política).

A justificativa da ação positivista contra a vacinação deve-se procurar em LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*, esp. Parte 6, Cap. 2, III.

coisas da Arte e do Sonho" (1.11.1.3.) *, para assumir posição francamente favorável à vacinação, à instrução pública primária e para flagelar a desinformação popular.

De saída, o cronista contesta a alienação do artista que se refugia na torre de marfim e desatende aos problemas circunstanciais. "A Arte não é, como querem alguns sonhadores ingênuos, uma aspiração e um trabalho à parte, sem ligação com as outras preocupações da existência" (1.11.1.3.) *. Sua constatação de que "as torres de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, ruíram desmoronadas" revela inegável distância de sua informação parnasiana, pois permite delinear o contorno de um homem que não mais se satisfaz e se compraz no ofício poético. Sua atuação jornalística, desdobramento precário do intelectual artista, impõe atuação e definição perante o meio. Realistamente, admite ele que "uma revista, que se fundasse no Brasil, para exclusivamente cuidar de coisas de Arte, seria absurda" (1.11.1.3.) * e que as manifestações artísticas são sempre resultantes superestruturais, emergentes quando solucionados problemas de infra-estrutura. Esses, não lhe parecem resolvidos. Bastaria ver a reação popular contra a vacinação para se comprovar a ignorância generalizada, cuja culpa não lhes cabe, mas ao Sistema estabelecido que não cuidara de erradicar o analfabetismo e de promover a instrução elementar em massa. Evidentemente, ajunta o cronista, aproveita à classe dominante a manutenção dessa massa iletrada, controlável pelo sabre, a qual "todos os espertos podem manejar sem receio" (1.11.1.3.) *. Subitamente nauseado com as transformações materiais, Bilac se pergunta de sua validade diante da precariedade grossa da instrução elementar extensiva e da política imigratória que não provê de escolas os núcleos urbanos recém-fundados. De que adianta, indaga ele, a construção de palácios para abrigar acadêmicos de cheiro francês, pertencentes ao vértice da pirâmide, se não cuidamos de eliminar as deficiências da base?

"O Brasil está cheio de Escolas Superiores, de Faculdades e de Ginásios", comenta o cronista, mas "ainda há quem queira plantar no seu seio não sei quantas dúzias de Universidades; eleva-se no Rio de Janeiro, um palácio, para abrigar o pedantismo das Academias, que copiam os estatutos da Academia Francesa; quebram-se lanças em favor da criação de um Teatro Normal; grita-se que não há, em toda a América, Ciência como a nossa Ciência nem Arte como a nossa Arte; e todos esquecem que, para a civilização de um povo, pouco importa que nele se contem alguns milhares de poetas, de pintores e de cientistas, quando a sua

maioria, a sua grande massa de milhões e milhões de indivíduos, é uma turbamulta irresponsável de analfabetos..." Vem, então, a exclamação em tom de desabafo: "Ah! quando chegará o dia em que possamos ter menos academias e mais escolas primárias, menos aparência e mais fundo, menos retórica e mais cartas de a b c!" (1.11.1.3.)*

Embora procedente a crítica, ela peca por reducionismo em dois níveis. Primeiro, por atribuir apenas à falta de instrução primária o motivo da insatisfação; segundo, porque concebe a sociedade como organismo humano, sujeita a desarranjos ocasionais em fase de crescimento. Sem perceber mais fundo os móveis econômicos da crise e sem mencionar explicitamente a inoperância de governos anteriores (atitude cauta e prudente!), acerta, todavia, quando salienta a inconsistência da rebelião, carente de direção e de consciência, o que a leva a enfrentar inimigos errados, escudados atrás da vacinação. Desaguando no nada, o motim popular não conseguira respostas oficiais precisas que atendessem às necessidades prementes derivadas do deslocamento residencial compulsório. Esvaziara-se pela falta de motivações mais sólidas, inconscientemente lamentadas pelo cronista: "Eu, por mim, odeio todos os atos violentos e todas as manifestações da força bruta; mas, entre uma revolução sangrenta e feroz e uma revolução apenas ignóbil e irracional, sempre preferiria a primeira" (1.11.1.3.)*.

Talvez não fosse ousado pensar em dicotomizar a personalidade intelectual de Bilac: de um lado, o esteta, atento sempre à perfeição e à simetria harmoniosa das formas, que, não obstante, a partir de 1902 ("As viagens"), intercala poemas provocados pela realidade nacional, alternando-os, já parcimoniosamente, com outros ainda tributários do exotismo oriental ou da cultura clássica; e de outro, o jornalista empenhado em discutir, dentro de certas limitações e distorções pessoais e temporais, a realidade do país em que vivia.

Não é outra sua intenção, quando relembra com carinho a figura de Ferreira de Araújo, fundador da *Gazeta de Notícias*, cuja exemplaridade decorria, a seu ver, do entusiasmado esforço que empregara para permitir a democratização de seu jornal. Democratização que se consubstanciara não só nas oportunidades concedidas à geração jovem para o exercício da palavra escrita (Alberto de Oliveira, Valentim de Magalhães, José do Patrocínio e outros), como também na iniciativa de dotar o Rio de um "jornal leve e barato" (2.1.1.4.), capaz de atender às necessidades populares. "Num tempo em que a imprensa diária ainda era um

luxo caro”, ajunta Bilac, Ferreira de Araújo “decidiu colocá-la ao alcance de todos, barateando-a e popularizando-a” (2.1.1.4.).

No entanto a contradição não tarda.

Se em novembro de 1904 Bilac criticara duramente nossa ligação caudatária com a França, em janeiro de 1905, nessa homenagem à memória de Ferreira de Araújo, o cronista não sugere outra homenagem que sua perpetuação em busto, à maneira dos expostos no Luxemburgo parisiense. Sua única lembrança remetia-o a Paris. “Por tudo isso, não é muito desejar que também tenhamos o nosso Luxembourg, o nosso Panthéon de artistas e poetas.” (2.1.1.4.)

Kosmos exigiu de seu cronista (quase editorialista) grande maleabilidade, pois, de um lado, havia um imperativo ético-profissional que prescrevia o registro mensal da cotidianidade carioca (1.11.1.3.) * e, por outro, havia os interesses comerciais da vendagem para um público sensível e disposto à ingestão apenas de assuntos supostamente cultos ou gratificantes. E nesse dilema entre uma exigência abstrata e uma referência concreta balançava-se o cronista, manejando seu verbo com astúcia.

Em maio de 1908, quando ele se ocupa da varíola, não se pode negar-lhe consciência profissional pronta a informar e a alertar. Mas também não se pode deixar de perceber seu perfeito ajustamento ao esquema mundano em que se enquadrava o periódico.

Depois de mostrar a improcedência do melindre do leitor, que poderia considerar inoportuna, numa revista de arte, o acolhimento a um assunto dessa natureza, o cronista expõe seu intuito claro de dirigir-se aos cidadãos economicamente privilegiados, habitantes dos palácios: “Nem só nas habitações humildes se deve fazer a propaganda contra o mal hediondo: é preciso levá-la até os palácios” (5.5.1.3.).

Cuidando em não parecer antipatriótico por causa da advertência, particularmente num momento em que se aguardava com excitação a abertura da Exposição Nacional — comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos e amostra concreta das conseqüências de progresso material —, o cronista invoca também a ameaça à Beleza como motivo de preocupação, não sem antes deixar escapar alguns traços preconcebidos de sua visão social.

Para ele, a doença poderia atingir tanto a “gente baixa”, desprovida de recursos e habitante de “pardieiros e estalagens”, como poderia alcançar os envolvidos em “sedas e alfaias dos paços”, nos quais as seqüelas seriam mais pronunciadas, uma vez

que maculariam “as faces de pele de rosa e lírio” das mulheres bonitas, “orgulho e encanto do Rio de Janeiro” (5.5.1.3.).

A solução para impedir o alastramento da doença estaria em ativar a vacinação obrigatória, ainda que houvesse resistências herdadas do Positivismo e lembranças de recente comoção popular diante das medidas de Oswaldo Cruz.

O papel do cronista (“editorialista” nos ocorre de modo compulsivo...) é o de advertir ou aconselhar, e o instrumento de que dispõe é a palavra. Para cumprir seu dever, especialmente em momento de urgência, e para sensibilizar o leitor, ele a seleciona de forma a melhor imprimir-lhe um tom de dramaticidade, insistindo nas conseqüências repulsivas da moléstia e hiperbolizando a situação, em nítido contraste com a ambicionada e pretendida elegância do periódico. Quem não se vacinar, assegura Bilac, corre o risco de “ficar com a face devastada pelas bexigas que se transformam, depois da seca, em buracos arroxeados; e não é tudo: o exantema voraz rói os lábios, come as asas do nariz, fura e devora os olhos... É horrível!” (5.5.1.3.)

Como se ainda não confiasse na lembrança do espectro da morte, finalizada com uma ociosa expressão de caráter claramente emotivo, e nem no poder persuasório de seu verbo, o cronista ainda sugere a utilização de um argumento visual: o cartaz. “Colocar, em todas as praças e em todas as ruas, cartazes duplos, em que se representasse, de um lado, uma formosa mulher, em pleno viço da mocidade, da saúde e da beleza, e, do outro lado, a mesma mulher afeiada e maltratada pelas bexigas, com a beleza destruída.” (5.5.1.3.)

Dentro ainda das concepções de época referentes à atividade jornalística, cumpre mencionar uma crônica de João Luso, “O Alma” (3.5.1.3.), integrada na série “Tipos e símbolos”.

As 13 crônicas de João Luso, publicadas por *Kosmos*, diferem bastante daquelas assinadas por Olavo Bilac, por duas razões básicas:

- o tratamento lingüístico dispensado ao fato que origina o texto tende deliberadamente para o ficcional;
- através da ironia (e da graça, às vezes) o cronista tenta desmascarar o fato e apontar-lhe o íntimo, inclinando-se, por isso, levemente para seus aspectos sociais.

Em “O vendilhão de doçuras” (2.5.1.2.), salientam-se dois tipos sociais: o garoto órfão, vendedor de caramelos e futuro marginal, e a Sinhá fabricante, vítima da imprevidência paterna

que não a prouvera de pecúlio algum. Em “O portador da fortuna” (2.6.1.3.), o narrador, à espera do almoço no restaurante, finge ignorar a presença do vendedor (esfaimado) de bilhetes lotéricos. Em “O herói do domingo” (2.11.1.4.) *, é a vez do caixairo espoliado que escandaliza a burguesia bem comportada com suas brincadeiras no bonde. Em “Gomes, homem sério” (3.2.1.4.), o narrador descobre um convicto folião de Carnaval atrás da aparência austera de um *pater-familias*. “O Sr. Y” (3.1.1.2.) * é uma deliciosa sátira contra os desmandos e condições da epigonia simbolista.

A transfiguração mimética do fato varia de intensidade nesta ou naquela crônica, mas a inquietação diante de desajustes sociais sempre está presente.

Em “O Alma”, o narrador envolve o leitor já no início através do enquadramento descritivo de um indivíduo, cuja identificação será fornecida apenas no final do longo primeiro parágrafo. Assim mesmo, o reconhecimento se faz por meio da profissão e não do nome, não só porque há interesse em levantar determinada categoria subprofissional (e não o ser individualizado), como também o anonimato imerecido corresponde ao desprestígio que sofre entre aqueles que dele usufruem. Considerado somente enquanto força de trabalho mal recompensada, o personagem só se mostra em ação, com o

“cabelo comprido, chapéu para trás, gravata ao vento; sempre atarefado e febril; pulando do passeio para a calçada e da calçada para o passeio; metendo ombros à multidão, alongando o pescoço, furando de esquelha, desmanchando-se em pernadas de andarilho que disputa um grande páreo; farejando de passagem os desvãos de porta e a fisionomia dos transeuntes; perguntando a toda gente, já por hábito e quase insensivelmente: ‘Que há de novo? que se diz por aí?’; puxando de vez em quando o lápis e rabiscando uma nota atabalhoada num maço de tiras que lhe empanturra a algibeira do paletó — lá vai ele, nervoso, infatigável, meio alucinado na sua correria, sempre em busca de alguma coisa que lhe fogue, lhe troca as voltas, o desorienta, o desespera... Tipo de grande destaque, originalíssimo, inconfundível; toda a gente o conhece, toda a gente o distingue, toda a gente o adivinha: é o repórter.”
(3.5.1.3.)

Através da figura explorada do repórter, o narrador admite a lenta transformação do jornal, que tenta desvencilhar-se das amarras artesanais para lançar-se de cheio num esquema empresarial. A transição se faz com o sacrifício dos funcionários

menores, como o repórter, por exemplo, que se vê acumulado de tarefas exaustivas, exigentes de desdobramentos funcionais e aprimoramento incessante, para os quais não se oferecem condições. A forma eficiente para abafar qualquer consciência reivindicatória é a de cumulá-lo de elogios e a de açular sua vaidade tosca, chamando-o de “herói, gênio, sustentáculo e salvador, mas não lhe (pagar) em relação a tão transcendentais qualidades” (3.5.1.3.).

Para o cronista, a situação deplorável do repórter é simples sintoma de desvalorização do trabalho intelectual, tido genericamente como apêndice da sociedade. “Ele é, na verdade, o representante mais legítimo — mais ainda que o crítico, o cronista, etc. — desse grande proletariado, o único do Brasil — o proletariado intelectual.” (3.5.1.3.)

Conquanto de modo ligeiro e raso, o jornalismo aparece no seu reverso, no seu bastidor, completando o trajeto que se iniciara na discussão de suas funções, objetivos e deveres. Com o texto de João Luso, saímos da matéria pronta, posta na rua e examinada em termos de avanço técnico, para nos voltarmos ao anonimato penoso dos que a fabricaram.

No bojo do aprimoramento técnico generalizado do fim do século, que provocou transformações viscerais no jornalismo, empurrando-o do acanhamento personalista-artesanal para uma mentalidade industrial¹⁸, germinavam timidamente outras formas de comunicação, uma delas já capitalizando a atenção do carioca endomingado: o cinema.

Em 1907, na única crônica em que alude ligeiramente ao cinema (4.9.1.3.), a opinião de Bilac não é nada favorável ao novo invento. Antes, mostra-se irritado diante do engenho ainda gatinhante, cuja precariedade técnica expunha indiscretas fissuras e excitava o povo que se aglomerava nas calçadas largas da Avenida Central, embaçando sua elegância.

Linhás antes dizíamos nós que em determinados momentos Bilac encantava-se com novas propostas, mas era incapaz de projetá-las em termos de desdobramentos operacionais futuros. Com o cinema dá-se exatamente isso: não conseguiu perceber, como Artur Azevedo, a utilidade social do invento, a possibilidade de

¹⁸ Em termos nacionais, Nélson Werneck Sodré oferece uma síntese dessas modificações na sua *História da imprensa no Brasil*, esp. p. 298, 304, 315 e 350.

Sobre o desenvolvimento no estrangeiro utilizamos MONTALBÁN, M. Vásquez. *Inquérito à informação*, esp. p. 29-40.

empregá-lo como manifestação estética e como meio de difundir cultura.

A esse respeito, Magalhães Jr., na biografia de Artur Azevedo, demonstra a satisfação do teatrólogo que confessava estacar basbaque frente àquelas projeções rudimentares e que, isto é importante!, conjecturava de sua aplicação ao teatro. Artur Azevedo, homem de teatro e habituado à relativa maturidade da arte cênica, não obstante as cansativas dificuldades materiais de nosso meio, não se horrorizava ante o primarismo técnico dos artistas e considerava, com boa vontade, seu esforço profissional: "(...) esse admirável aparelho pode ser aplicado à arte do teatro. Os indivíduos que se prestavam a representar aquelas cenas são verdadeiros artistas, com muita propriedade de mímica e de expressões fisiológicas"¹⁹.

Já Bilac mostrou-se, pelo menos no momento em que o examinamos, extremamente adverso àquele "vasto quadrado de pano branco" onde "cenas da vida humana aparecem deformadas pelo tremor convulsivo da fita e onde as figuras de homens e mulheres aparecem atacadas de *delirium-tremens* ou de coréia, numa trepidação epilética..." (4.9.1.3.). Afeito a um ideal de elegância e de beleza já codificado e congelado, herdado do marmóreo Parnasianismo, o cronista não releva a incipiência técnica que provoca tremelamentos e distorções do contorno humano. E, afora a rudeza da imagem, em busca da estabilidade formal, causava-lhe fastio a vicariedade do relato, "como se a vida humana real não fosse um espetáculo aborrecido e abominável e ainda tivéssemos a necessidade de vê-la infinitamente reproduzida pelas paredes!" (4.9.1.3.)²⁰

Sua rejeição ao amorfismo, que arranha seus padrões de elegância bem-posta, concretizada pela linearidade da Avenida, entremostra-se novamente no mesmo texto, quando resmunga sobre os fonógrafos que haviam invadido a Rua do Ouvidor. Ainda rudimentares, esses aparelhos, como não poderia deixar de ser,

¹⁹ MAGALHÃES JR., R. *Artur Azevedo e sua época*, p. 216.

²⁰ "A justificativa principal para o ritmo extremamente lento com que se desenvolveu o comércio cinematográfico de 1896 a 1906, deve ser procurada no atraso brasileiro em matéria de eletricidade. A utilização, em março de 1907, da energia produzida pela usina do Ribeirão das Lajes teve consequências imediatas para o cinema no Rio de Janeiro. Vicente de Paula Araújo registra dezoito inaugurações de salas novas entre 10 de agosto e 24 de dezembro de 1907" (GONZAGA, A. & GOMES, P. E. *Salles. 70 anos de cinema brasileiro*, p. 16).

adulteravam a voz humana, obliterando-lhe o contorno. Por esse motivo, descaracterizava-se a voz, que se zoomorfizava e perturbava o sossego público com “urros, gemidos, carcarejos, miados, latidos, mugidos, arrulhos, quinchos, berros, grunhidos!” (4.9.1.3.)

Por volta de 1907, data da crônica acima mencionada, o remodelamento urbanístico já era fato irreversível e incontestável. Descontado o incômodo da poeira, que levava um visitante estrangeiro a dizer: “Não estou em Sebastianópolis, estou em Pópolis...”²¹, a Avenida Central firmava-se como passarela de elegância, em substituição à rua do Ouvidor, mostruário ameaçado que ainda lutava por não se degradar inteiramente. Competiam ambas as artérias: uma para preservar a majestade solapada; outra para adquirir o *status* da elegância.

Provisoriamente, porque as atividades comerciais ainda não se haviam deslocado da Rua para a Avenida, a Ouvidor mantinha seu prestígio e é nela que Figueiredo Pimentel encastelava-se para lisonjear a frivolidade, através de seu binóculo francês. “Senhoras havia que chegavam a passar, uma, duas e três vezes, daquele lado da rua do Ouvidor, quase em frente à Livraria Garnier, onde ficava a *Gazeta de Notícias*, a cuja porta, todas as tardes, particularmente aos sábados, estava o elegante Figueiredo Pimentel.”²²

Reduto secular da camada dirigente, que ditava a orientação política e intelectual do país, a rua do Ouvidor devia mostrar-se sítio hostil e impenetrável àqueles que não participassem do vértice da pirâmide. Rua espremida e longa, devidamente provida de ameias comerciais que funcionavam como seteiras ou postos de observação, sua própria exigüidade física contribuía para afastar o povo simples e para selecionar os “leões”. Atravessá-la incólume era ritual de iniciação. Desafio e prova ritualística.

Entretanto, o traçado urbano herdado do Império já não mais satisfazia às necessidades, e disso se apercebeu Pereira Passos. E o remodelamento, que não compreendia apenas o rasgamento de uma nova avenida, instaura um clima de euforia e otimismo, do qual compartilha a maioria dos colaboradores de *Kosmos*.

Para Bilac, no início das obras, os instrumentos de trabalho animizam-se, carregando em si propriedades regenerativas, exten-

²¹ Chamava-se Manuel de Sousa Pinto esse visitante, cujo depoimento vivo e espantado Brito Broca transcreveu em *A vida literária...*, p. 278.

²² Essa observação de Herman Lima (*História da caricatura no Brasil*, 1963) foi retirada da antologia *Rio de Janeiro em prosa & verso*, organizada por Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, p. 334.

síveis à higiene, ao bom gosto e à arte (1.3.1.2.). Gil, alguns meses depois, em maio de 1905, saúda o novo governo como época de redenção e de renascimento, decidido a fazer calar a retórica vazia de épocas anteriores: “Fizemos a nossa educação de povo com frases brilhantes, calorosas, inflamadas que se apagam pouco depois sem deixar mais sinal da passagem que o clarão de um momento” (2.5.14.1.) *. Segundo ele ainda, Rodrigues Alves equivalia a Floriano Peixoto, embora em níveis diferentes. Enquanto este teria consolidado o país politicamente, o presidente paulista teria dado corpo às pretensões remodeladoras longamente acalentadas, teria fechado “o ciclo da contemporização com a rotina” e teria aberto perspectivas para o “renovação moral” do país (2.5.14.1.) *.

Mas, em que consistiria, em miúdos, essa renovação moral globalizante que tanto propalavam os colaboradores da revista e que os absorvia? A quem beneficiariam as mudanças reclamadas e postas em execução? Em que perspectiva se colocavam os comentaristas, testemunhas do avanço material? Como considerariam eles as inevitáveis alterações de hábitos, valores e comportamento urbano, agora seriamente ameaçados? Qual o limite do entusiasmo, enfim?

As respostas a essas questões abrem-se em leque e devem ser analisadas individualmente. De qualquer forma, quando alguma das 60 crônicas de abertura de *Kosmos* se pronuncia a respeito do remodelamento, ela sempre o faz de modo entusiástico. Restrições, nenhuma. Quando se delineia a crítica (apenas uma vez!), intervém a ironia ou as reticências cautelosas.

Como já se disse anteriormente, o ato físico de rasgar e demolir conotava ressarcimento de prejuízos herdados, recuperação de tempo perdido e auto-afirmação projetada para os anos seguintes do século que, providencialmente, se abria. 13 anos depois do sonho republicano que tantas promessas erguera e cuja consolidação tanto custara, a Avenida deveria parecer, aos olhos do cidadão comum, resposta concreta da eficiência político-administrativa de uma forma nova de governo. À modernidade e atualidade do sistema político, tão fartamente propagada e louvada, corresponderiam atitudes modernas diante do complexo urbano. Fora-se a “cidade dos imperadores, do rei e dos vice-reis” e no lugar dela reerguia-se “a metrópole republicana”²³. Criava-se, então, segundo alguns dos colaboradores de *Kosmos*, a oportuni-

²³ FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Rodrigues Alves...*, v. 1, p. 324.

dade para definir, em termos nacionais, a arquitetura que deveria ornar os terrenos laterais da nova artéria. Restaurar-se-ia, desse modo, o ímpeto criativo despertado por Grandjean de Montigny, cuja morte em 1850 significara um arrefecimento a ser sacudido agora, 50 anos depois. O vácuo que se fizera entre as soluções européias trazidas pelo arquiteto francês e o período em discussão precisava ser recompensado através de um estilo nacional²⁴. E, para Bilac, em nenhum momento a pesquisa se tornara mais propícia do que nos primeiros meses de 1904, quando se abre um “concurso de fachadas” para a nova Avenida.

Segundo ele, o descaso pela arquitetura trouxera dois males de larga extensão: primeiro, a total inadequação entre o meio ambiente e as propostas habitacionais, de que era exemplo o chalé suíço, e, segundo, o “abuso da pedra de cantaria” (1.4.1.4.). “Entregue à incapacidade dos mestres-de-obras” (1.4.1.4.), nossa arquitetura se aferrava a modelos ultrapassados e insistia na manutenção de fórmulas caras e antifuncionais. Urgia, portanto, o saneamento estético paralelo aos demais.

Mas não seria ainda esse o período da afirmação de uma arquitetura nacional. Envolvidos pela euforia contagiosa, os cronistas do tempo não se aperceberam de que “os chalés, as platibandas com compoteiras, as casas com alcovas, os sotãozinhos em cocuruto, os telhados em bico, as vidraças de guilhotina, as escadinhas empinadas, os beliquetes escuros” (1.4.1.4.) ainda não haviam sido definitivamente proscritos. Haja vista que, mais tarde, nos anos 20, Rino Levi e G. Varchavchki ainda apontavam o falso tradicionalismo e a inadequação à realidade como traços distorcidos da arquitetura praticada nos grandes centros²⁵.

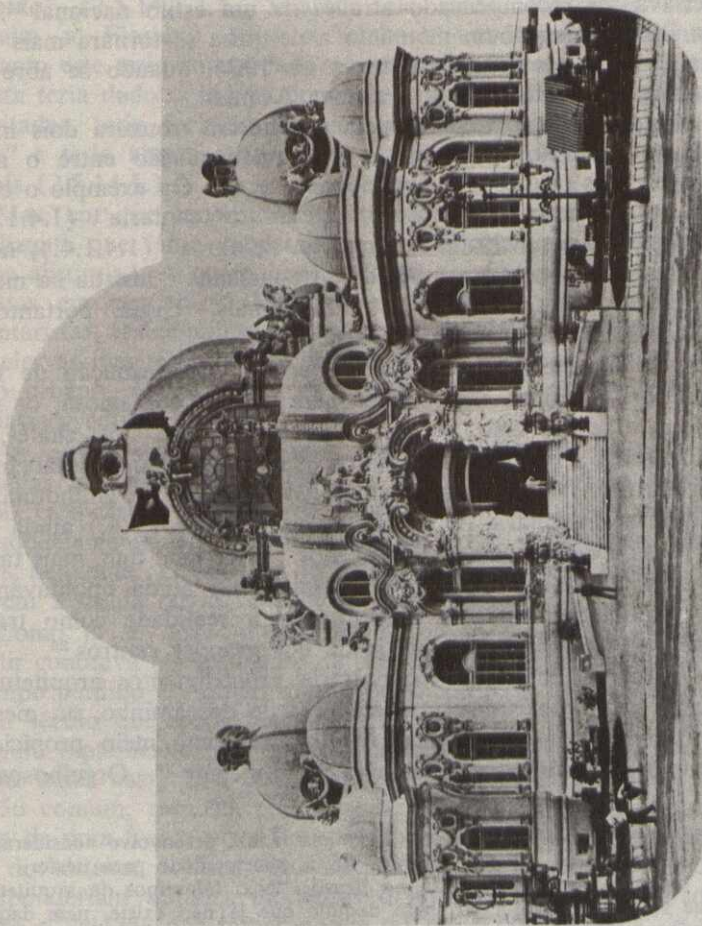
A renovação traída comportaria procedimentos arquiteturais díspares, mas coexistentes, reveladores de descaminho, ao mesmo tempo em que seu ecletismo funcionava como meio propício à absorção da tecnologia estrangeira mais recente²⁶. Orgulhosos de

²⁴ Em artigo sobre um concerto, Luís Pais Lima desenvolve considerações sobre nacionalismo artístico e aproveita a oportunidade para desferir violento ataque à arquitetura feita no Brasil: “Não falaremos da arquitetura, porque se não se deve falar, nem daquilo que já não existe, nem daquilo que nunca existiu, muito menos nos devemos referir àquilo que nem sequer tem vontade de existir” (1.6.3.3.).

²⁵ Ver BATISTA, Marta R.; LOPEZ, Telê Porto A.; LIMA, Yone Soares de, org. *Brasil: primeiro tempo modernista...*, esp. p. 7, 9 e 12.

²⁶ Ver REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura...*, esp. Parte 2, Caps. 4-7.

Exposição Nacional



PAVILHÃO DO ESTADO DE S. PAULO

Arquitetura "bolo de noiva": Pavilhão de São Paulo na Exposição Nacional de 1908 (Kosmos, jul. 1908)

poderem assimilá-la rapidamente, os técnicos iriam dar vazão a seus caprichos europeizantes, ora produzindo “conformações bulbosas de gosto barroco”²⁷, de que foi exemplo o Palácio Monroe, ora desencavando soluções neoclássicas, como o projeto da Caixa de Amortização:

“Não vai exagero algum na afirmação de que o seu projeto vale por eloqüente testemunho da proficiência a mais rara. Único entre todos os nossos edifícios de vulto, obedeceu ele, nos mínimos detalhes, às dimensões requeridas pelo classicismo e vem daí, não há negar, o imponente aspecto do conjunto. (...) (Sua) fachada, no pavimento térreo, é toda de cantaria, pertencendo à ordem jônica suas molduras e cornijas. Trinta e quatro colunas coríntias de mármore branco de Carrara formam a colonata dos dois pavimentos superiores, tendo os lados e o entablamento de mármore vermelho de Verona, com as bases, capitéis e molduras da arquitrave, friso e cornija de bronze doirado. As colunas têm 86 centímetros de diâmetro, e 8,60 m de altura e acham-se levantadas de um metro com o dado em que repousa a base. 18 colunas formam sobre a Avenida uma varanda de 2,30 de largura, ficando 4 em balanço e encimadas por um frontão em cujo tímpano estão as armas da República, em bronze esmaltado a cores” (3.11.15.1.)²⁸.

Bilac não volta mais a pronunciar-se sobre arquitetura, aguardando, então, a inauguração da Avenida, em novembro de 1905, para interpretá-la como índice inequívoco de afirmação nacional e como resposta definitiva à increpação generalizada da inércia brasileira. Desafiadoramente, ele pretende questionar mitos, numa retórica ufanista, tomando o fato isolado como representativo de uma reabilitação, extensível à continentalidade nacional. “Onde se vai perdida a nossa fama de povo preguiçoso, amolentado pelo clima e pela educação, incapaz de longo esforço e de tenaz trabalho? Em que outro país do mundo se realizou jamais um igual prodígio de decisão e de execução, uma igual maravilha de coragem e de rapidez?” (2.11.1.5.) *

²⁷ Idem, ibidem, p. 161.

²⁸ Anos depois, revendo o período presidencial de Rodrigues Alves, Afonso Arinos de Mello Franco ainda confirma a Caixa Econômica como exemplo de (seu) bom gosto, sinônimo de arte nobre: “era dos mais discretos e harmoniosos edifícios daquele conjunto meio disparatado. (...) foram nele empregados materiais mais nobres, que lhe deram maior duração e dignidade” (Op. cit., v. 1, p. 356).

Mas o teste definitivo da maioria urbana, para o cronista, ocorre em 1908, quando do desembarque de 15 mil marujos americanos, em visita ao Rio de Janeiro. Visivelmente satisfeito, Bilac converte-os em aferidores do progresso, testemunhas albiônicas e superiores de nosso avanço e seus chanceladores. Não fora por outros motivos, que Bilac ignora²⁹, a visita servira para provar a extinção da febre amarela, a urbanidade da polícia e a pertinência da Avenida desafogadora (5.1.1.4.)³⁰.

²⁹ Em 1906, durante a realização no Rio da Terceira Conferência Internacional Americana, o principal hóspede estrangeiro foi Elliot Root, secretário de Estado da administração Theodore Roosevelt.

Kosmos deu-lhe uma cobertura digna de sua importância (3.8.4.1.; 3.9.4.1.; 3.10.4.4.; 3.10.4.5.), transcreveu os discursos oficiais, fotografou os participantes, mas, em nenhum momento, ameaçou especular sobre as eventuais repercussões práticas de nosso alinhamento ostensivo com a política americana, que se voltava para o exterior depois de confirmadas suas fronteiras e consolidada sua indústria.

Com Nabuco em Washington e Rio Branco no Itamaraty, ambos interessados em "internacionalizar" o Brasil, alargavam-se nossos compromissos com o comércio americano que nos via, segundo a expressão de E. B. Burns, como o novo El-Dorado (*The unwritten alliance*, p. 72-3).

O jogo de interesses envolvidos no alinhamento Brasil-EUA, jogo de nações em busca de lideranças hemisféricas tuteladas e impostas, é visto como boa-vizinhança, germe de pan-americanismo. E que melhor evidência para comprovar a camaradagem continental do que o envio de uma frota de guerra com 15 mil homens? Isso num tempo em que Theodore Roosevelt manejava o *Big Stick*, desmembrava o Panamá, vigiava o Caribe e, como admite candidamente o mesmo Burns, "the North American coffee drinker literally held in his cup the fate of Brazil's prosperity, making the American consumer the arbiter of Brazil's economic fortunes". Em vista disso, "practical economics required friendly relations toward the chief consumer or, at worst, a policy that would not alienate the market" (Op. cit., p. 166).

Jack Davis, outro estudioso americano menos ingênuo que Burns, admite claramente os móveis da visita de Root, o qual, depois de retornar aos Estados Unidos, empreendeu viagens pelo interior do país a fim de esclarecer o empresariado nacional sobre nossa receptividade comercial. Afirma Davis: "After hovering around \$33,000,000 throughout the 1890's, our South American sales climbed from \$39,000,000 in 1900, to \$83,000,000 in 1906, to \$165,000,000 in 1913, an advance of over 100% from the turn of the century to the year of the (Root's) tour and of another 100% from the tour to the year before the war" (DAVIS, Jack. *The Latin American Policy of Elihu Root*, p. 78).

³⁰ A extinção da febre amarela tornou-se ponto de honra nacional e parece que nem mesmo seu responsável direto escapou de exibi-la aos americanos, pois de volta de uma de suas viagens à Europa, passando pelos Estados Unidos, Oswaldo Cruz "afirmou ao Presidente Theodore Roosevelt que a esquadra americana poderia desembarcar no Rio em pleno verão" (FRAGA, Clementino. *Vida e obra...*, p. 133).

Pouco antes “dessa barulhenta e tumultuosa invasão de homens louros e vermelhos” que titilara sua vaidade kosmopolitana, o cronista tratara de conseqüência pouco lisonjeira da urbanização: uma arregimentação popular séria dos desabrigados por desapropriação.

Banidos do centro, onde exerciam atividades de subemprego, muitos inquilinos tiveram de mudar-se para pontos distantes, de acesso problemático, uma vez que as poucas habitações poupadas pela súbita fúria reorganizatória tiveram seus aluguéis solertemente aumentados.

O prosseguimento dos trabalhos municipais, dirigidos no sentido de erradicar também focos virtuais de pestilência, complemento necessário da tarefa iniciada por Oswaldo Cruz, provocou a contra-ofensiva dos trabalhadores, subitamente desalojados, que se agruparam em uma “Liga dos Inquilinos”.

A reação dos “operários, pequenos empregados e funcionários de baixa categoria” (4.10.1.1.) *, exigiu a atenção pública e conquistou a simpatia, prudente, do cronista oficial de *Kosmos*, que tratou do evento, mas de maneira diluente. (Havia que cuidar-se, pois a matéria se veiculava em periódico que eventualmente alcançaria os beneficiários diretos ou indiretos das transformações urbanas, propícias à especulação imobiliária.)

Uma leitura mais atenta do texto, passado o espanto de vê-lo assumir a defesa dos prejudicados, mostra-nos uma ironia, reconhecida pelo próprio autor, que contribui para ligeiro desfocamento do problema.

A ironia chistosa que lhe permeia o texto, atando-lhe as pontas, provoca o riso e cumpre uma das funções da crônica: a diluição do fato motivador. Atribuindo ao instinto amoroso e de autoproteção os móveis básicos dos conflitos humanos, o cronista torna engraçado um problema aflitivo quando lembra que “bem mais feliz que o homem, é o caramujo, que já nasce com a sua casa às costas, e que a leva consigo para onde quer que vá, sem pagar um vintém pelo aluguel por essa habitação confortável que a Natureza lhe deu!” (4.10.1.1.) *

Ao lado do expediente irônico, escapista, é preciso avaliar também a leve distorção do problema, cujas raízes falseia-as o cronista ao atribuí-las à proverbial emulação Rio × Buenos Aires: “À imitação do que se faz em Buenos Aires, também aqui se fundou uma ‘Liga dos Inquilinos’. Dada a rivalidade que sempre houve e sempre haverá entre as duas grandes cidades, seria

absurdo que houvesse em uma delas alguma coisa que não existisse na outra..." (4.10.1.1.) *.

Na época, a capital portenha representava para o jornalista carioca o grande e invejável ponto de referência urbano, por causa de sua modernidade e salubridade. Livre de endemias e epidemias, climaticamente receptiva aos fluxos imigratórios d'além mar e muito próxima dos padrões culturais, urbanísticos e arquitetônicos europeus³¹, que lhe valiam admiração manchada de inveja, Buenos Aires erguia-se como o sucedâneo mais próximo (geograficamente, pelo menos) das avenidas e jardins parisienses.

Todavia, se na crônica em questão a relevância do problema corre o risco de esvaziar-se e perder sua autenticidade, em virtude do tratamento ora piadístico, ora desenraizado, a contundência de certas afirmações procedentes recuperam o próprio texto. É certo que o cronista não se dirige explícita e nominalmente a nenhum responsável, no sentido de sensibilizá-lo para o problema. Nem seria preciso, pois suas críticas dirigem-se diretamente a qualquer Poder constituído, respaldado, com maior ou menor intensidade, na força. Ainda que lembrando os motins de Buenos Aires, nos quais enfrentaram-se também proprietários e inquilinos, a generalidade da sua observação é extensível e aplicável a qualquer situação equivalente:

"Os moradores coligados declararam que não pagariam os aluguéis dos seus pardieiros e mansardas, enquanto no preço desses aluguéis não fosse feita a redução de uns tantos por cento. A essa imposição os proprietários responderam com estas duas armas terríveis, que a lei implacável dá aos ricos contra os pobres: o mandado de despejo e a penhora. Os inquilinos resistiram; a força pública, que, sendo por si mesma uma Opressão organizada, sempre intervém em favor dos opressores contra os oprimidos, veio pos-

³¹ Interessa lembrar que reside exatamente nessa fidelidade a padrões arquitetônicos europeus a restrição mais severa que Varchavchki levanta contra Buenos Aires.

Para o arquiteto russo "nada se vê de original na sede portenha. Tudo ali é de importação, da coisa mais ínfima a mais importante" (BATISTA, M. R.; LOPEZ T. P. A.; LIMA, Y. S. Op. cit., p. 17).

Há outros momentos em *Kosmos* nos quais aparece o fascínio pela capital argentina. Ver, por exemplo, os artigos de Tomás Lopes, esp. 5.3.1.2. e 5.4.1.5.

Segundo Afonso Arinos (Op. cit., v. 1, p. 350), Paulo de Frontin exigira que a Avenida tivesse 33 m de largura porque a Avenida de Mayo portenha tinha 30!

tar-se com as suas carabinas embaladas, ao lado dos oficiais de justiça . . ." (4.10.1.1.) (Grifo nosso.)

Não contente ainda em denunciar o sistema social repressivo que favorece o detentor do dinheiro, o cronista castiga a insensibilidade do corpo administrativo, preocupado tão-somente com a prosperidade material: "A crise existe e os que tudo podem, os que mandam e governam, os que têm dinheiro e força nada querem fazer em favor dos que não acham onde morar" (4.10.1.1.)*.

Intervenção tão direta em favor do povo não mais se repetiria. De modo geral, as camadas populares só têm ingresso em seu discurso quando se trata de regenerá-las pela educação, pela instrução escolar e pelo culto cívico. De uma perspectiva superior, o cronista apenas alerta os homens graves para a necessidade de educar a massa, de resgatá-la da ignorância, sob pena de perdê-la enquanto força produtiva e constituinte básico de uma nação adulta. O povo só lhe interessa, nas crônicas de abertura, enquanto acicate para reflexões éticas e exortações e enquanto estímulo para emissão de opiniões sentenciosas. Suas manifestações espontâneas e descontraídas só lhe inspiram recriminações. Incluem-se nelas o Carnaval e as festas religiosas da Penha, constantemente condenadas nas primeiras páginas de *Kosmos* em nome de uma suposta moralização de costumes.

Então por que a distância que separa as crônicas assinadas por O. B. e outras assinadas por Fantasio, um de seus pseudônimos favoritos? Qual a diferença básica que se pode estabelecer entre os dois blocos?

Nas primeiras, firmadas por um nome já cheio de prestígio e aureolado pela fama, exprime-se o intelectual com consciência cívica, empenhado em testemunhar sobre seu tempo, embora sofrendo as limitações do veículo de comunicação, da forma escolhida e também da perspectiva invariavelmente sentimental em que se coloca³². Daí mais uma razão para considerar tais crônicas

³² Uma concepção de vida bastante romanesca parece assisti-lo durante toda a existência, impressionável sempre pelo lado estético, emocional, romântico mesmo. Já vimos, antes, como ele se deixa levar pela pompa de uma solenidade fúnebre.

Eloy Pontes, n'*A vida exuberante de Olavo Bilac*, admite também tal fato e lembra que, quanto à guerra, "os desfiles, assim como as revistas navais, lhe interessam como espetáculos" (p. 582) e que a supressão do sabre o decepcionara, pois eliminara da guerra "o seu único encanto, que é o do heroísmo" (p. 582).

como sucedâneos de editoriais. Fazendo inteira justiça ao título da revista, que se pretendia abrangente, as crônicas de abertura lançavam-se em várias direções, sempre que necessário: do levante malogrado do proletariado russo (2.2.1.2.) à sugestão que propunha o dia da Assunção da Virgem, 15 de agosto, como o Dia da Glorificação da Mulher (2.8.1.4.). Embora a importância do assunto escolhido seja discutível, é indisfarçável a seriedade que o cronista lhe empresta, ao assumir sempre uma função orientadora.

Com o Carnaval, por exemplo, é claramente perceptível a sua ojeriza.

Negando as preferências anteriores que, segundo Eloy Pontes, faziam de Bilac um folião emérito³³, sua atitude agora será a de repúdio total. Maturidade que o distanciava da boêmia ou ajustamento à seriedade intelectual da revista burguesa?

Em 1904, 1906 e 1907 ocupa-se Bilac do Carnaval.

Seu ponto de vista ao contestá-lo é estritamente moral, mas incorre em paradoxo, pois ao condená-lo em nome dos bons costumes, lembra, com entusiasmo, o Carnaval parisiense de cunho também alienatório. Para ele é lícita a moral social que aliena o operário francês de sua condição, mas não é permissível uma manifestação *não dirigida*, que preencha as mesmas funções e que arranhe a compostura burguesa:

"Paris passa por ser a metrópole do vício. Mas a sua população não toleraria jamais essa deificação pública da lascívia.

Em Paris, os séqüitos festivos do Boeuf Gras e da Mi-Carême são pretextos para espetáculos artísticos, dignos da admiração e do aplauso de um povo civilizado. Na festa da Mi-Carême, sobretudo, há, além de um intuito artístico, um intuito moral. Todas as operárias da grande cidade — gente humilde e pobre, para quem a Vida só tem trabalho e desgostos — elegem uma rainha, representante legítima da corporação: no dia da festa, essa operária feliz, precedida e seguida por um longo acompanhamento faustoso de de equipagens de luxo, de carros de arte e de cavalgatas luzentes, recebe as homenagens da Cidade-Luz, gozando todas as honras e prerrogativas da sua realeza momentânea e fugaz; e há um raro e comovedor encanto nessa apoteose do Trabalho, da Honestidade e da humilde Beleza..." (1.3.1.2.) (Grifo nosso.)

³³ "Olavo Bilac é carnavalesco entusiasta" (p. 251); "Gosta do vinho à mesa, do Carnaval, da vida sem compromissos" (p. 348); "Carnavalesco entusiasta é colaborador do *Facho de Civilização*, periódico do Clube dos Fenianos. (...) Mais tarde Olavo Bilac detestará o barulho carnavalesco" (p. 407). (PONTES, Eloy. Op. cit.)

Parece, contudo, que Bilac não estava desacompanhado em sua aversão aos festejos carnavalescos.

Afora "Tradições", de Mário Pederneiras (4.2.1.4.), que comenta a transformação dos hábitos carnavalescos, e "O Carnaval no Rio" (4.2.1.2.), que historia a evolução da festa popular carioca, ambas amenas, encontramos ainda uma crônica de Gonzaga Duque, que conceitua a manifestação como "festa bárbara, horrivelmente barulhenta e desesperadamente estúpida" (6.2.1.1.).

Reconhecendo-lhe ainda o caráter alienatório e escapista, que propicia ao folião a momentânea "ilusão de um grande ser, um rei, um monstro, um ente fabuloso", Gonzaga Duque retira de nossas origens afro-indígenas o substrato básico de nosso gosto popular pelo batuque ensurdecedor e pelas roupas coloridas e extravagantes³⁴.

A menção ao Carnaval, antes de explicitar a posição do cronista perante a festa, tem, para nós, um outro sentido: o de confirmar a gravidade, irônica ou não, das crônicas de abertura. As demais, espalhadas pela revista, mostram-se, ao contrário, humorísticas ou menos circunspectas. E para assiná-las, como já mencionamos, Bilac recorre a um pseudônimo — Fantásio — que carrega no bojo o convite à imaginação e ao descompromisso com o real histórico.

Desvencilhando-se do compromisso opinativo que o conduziria a "comentar e interpretar el significado de la experiencia contemporánea", conforme Bennet M. Berger entende a função tradicional do intelectual na sociedade ocidental³⁵, desdobra-se a personalidade intelectual de Bilac a fim de permitir que Fantásio investigue outros setores da vida urbana carioca e que dela trace contornos parciais, mas vivos e significativos, na medida em que resgatam do esquecimento certos hábitos aparentemente gratuitos.

Falamos de "A dança" (3.5.1.2.), "A eloquência da sobre-mesa" (3.6.1.2.), "O namoro no Rio de Janeiro" (3.7.1.2.), "Os mordedores" (3.8.1.2.) e "Os que vêem..." (3.10.1.2.) *.

Nestas, o cronista vai despir-se da seriedade que julgava necessária ostentar nas primeiras páginas e, à maneira de João do Rio e de João Luso, irá configurar, ficcionalmente, o *ethos* par-

³⁴ Sobre o Carnaval ainda há "Gomes, homem sério" (3.2.1.4.), crônica humorística de João Luso e "Elogio do cordão" (3.2.1.7.), de João do Rio.
³⁵ BERGER, Bennet M. Sociólogos y parasociólogos. In: MARSAL, Juan, org. Op. cit., p. 72.

ricular carioca, apropriadamente reforçado pelas boas ilustrações de Klixtó.

Das cinco crônicas mencionadas, a mais importante nos limites desta análise é a “A eloquência da sobremesa”. “Os que vêm . . .” e “Os mordedores” fustigam, respectivamente, os transeuntes basbaques eternamente disponíveis, que nada têm a fazer senão admirar o movimento das ruas e aqueles que, ociosos, ficam permanentemente à espreita de uma vítima de quem possam arrancar uns níqueis para a sobrevivência imediata. (Estas crônicas poderiam fornecer ilustração para um estudo social da disponibilidade da mão-de-obra, numa sociedade que se jactava de sua modernidade e de sua Avenida.)

Admitindo que o espaço da revista é pequeno para desenvolver todas as categorias de orador, Fantásio reconhece cinco espécies diferentes: o orador político, o orador dos grêmios literários, o orador dos clubes, o orador de aniversários e o orador de associações beneméritas ou comerciais. Todos perpetrando o mesmo tipo de retórica vazia e bastante preocupados com os pratos a serem servidos ou arrotando fartura junto com palavras.

O humor do texto ou deriva da representação dos gestos tipificados, que se ajustam perfeitamente ao verbo desgastado: “No fim da ceia, ei-lo que se levanta inspirado: fixa o punho esquerdo sobre a mesa, mete a mão esquerda (sic) no bolso da calça e solta o verbo”; ou deriva da imponência (falsa) da situação, em flagrante contraste com a voracidade do orador e dos comensais. Contraste que se acentua entre os altos e nobres objetivos a que se propõe o orador político, sempre pronto a prever um futuro brilhante para o Brasil, e a rasteirice de suas atitudes gastronômicas, intercaladas de autopromoção:

“É em banquetes que os presidentes apresentam a sua plataforma, é em banquetes que se fazem e desfazem ministérios. São banquetes fartos, magníficos, em que se gasta dinheiro a rodo: e isso não admira, porque, neles, é sempre o povo quem paga o pato . . . ou o peru. O champagne espuma nas taças. Os convivas, encasacados e graves, fingem prestar atenção ao programa político do orador, mas estão realmente namorando o prato de fios de ovos . . . E o orador invoca os ‘fundadores da nossa nacionalidade’, os ‘sagrados princípios de Oitenta e Nove’ e declara solenemente que o ‘Brasil, este colosso que vai do Amazonas ao Prata e do Atlântico aos Andes, será em breve, graças a uma política enérgica, o primeiro país do mundo! porque ele, orador, está disposto a dar por isso a sua tranqüilidade, o seu saber, o seu estudo, a

sua saúde, a sua vida!'. E senta-se, suado e comovido, dizendo ao vizinho da esquerda: 'Que tal? falei bem? passe-me aquele prato de marrons glacés...'. E, enquanto não chega o momento de morrer pela pátria, arrisca-se a morrer... de uma indigestão, devorando quatro desserts diferentes!" (.6.1.2.)

Entretanto, além da disparidade entre atitude teórica e comportamento prático e além de surpreender com sensibilidade a mesmice da retórica desbotada, é significativo perceber-se a convivência da crítica com a linguagem criticada. Isto é, ignorando sua própria denúncia, a viagem de Afonso Pena é relatada em tom de recuperação nacional definitiva, onde a promessa verbal oblitera o possível alcance administrativo da inspeção. (Mais adiante veremos como José Veríssimo insurge-se contra o excesso retórico que mina textos críticos e científicos, rebela-se contra a literatice gratuita que seria consequência, segundo Antonio Candido, da "longa soberania da literatura" numa terra em que fincaram raízes "o prestígio das humanidades clássicas e a demorada irradiação do espírito científico"³⁶.)

A logomaquia brasileira, herdeira tão criticada do bacharelismo e da "longa soberania" da educação literária, provoca um exibicionismo enfatuado, eventualmente de efeitos diretos bastante contraproducentes. Mais tarde, descartando-se então do pseudônimo que lhe permite a facécia, Bilac detecta na verborragia nacional uma das causas de um problema que lhe consumirá os anos finais da vida: a campanha militarista e o serviço militar obrigatório.

Sua preocupação com o civismo não assume ainda contornos vigorosos em *Kosmos*, mas é possível fisgar aqui e ali ímpetos exortadores a propósito, como quando lamenta a falta de "júbilo patriótico" em "comemorações nacionais" (2.5.1.3.), quando elogia o prefeito que ordenara saudações diárias à bandeira nacional (2.12.1.9.), ou quando sugere punição severa para os responsáveis pela execução estropiada do hino nacional (3.11.1.3.).

No entanto, diante do expansionismo europeu e do fortalecimento de nações vizinhas, Bilac insiste na necessidade de armar "um país que tem mais de oito milhões de quilômetros quadrados de território e sete países limítrofes" (2.4.1.2.)*, ainda que a medida significasse temporária interrupção da loquacidade narcisista dos parlamentares sediados no Rio. Era tempo de os depu-

³⁶ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, p. 158.

tados pensarem “em coisas sérias, de que dependem a nossa segurança de nação e o nosso futuro de povo” (2.4.1.2.) *.

Dividindo nossa história política recente em dois grandes períodos — Império e República —, o cronista tenta convencer o leitor de que a mentalidade armamentista integra-se perfeitamente no espírito renovador que norteava a República, em contraposição ao Império, cujo chefe máximo “fazia versos e estudava línguas mortas”³⁷. E, para o reerguimento moral e a modernização bélica da marinha e do exército nacionais, nada mais indicado que a convocação militar obrigatória, da qual deveria ser eliminado todo e qualquer caráter punitivo. A prestação obrigatória do serviço militar devia ser encarada antes como clara “demonstração de patriotismo e de desinteressada dedicação” (2.4.1.2.) *.

Admissão tácita do *si vis pacem, para bellum*, a idéia engrenava bem com a revitalização do país, com o despertar de uma continentalidade, com o processo de engrandecimento e de civilização que o arrancara das ruínas de uma aldeola, agora transformada em *urbs* digna dos nossos antepassados e contemporâneos europeus. À euforia reinante convinha juntar a tecnologia militar mais avançada, num esforço de mútua sustentação. Afinal, já havíamos rompido o marasmo do Império, cuja última demonstração pirrônica de agilidade fora diante do Paraguai, e era preciso prepararmo-nos para enfrentar inimigos embaçados, advertidos somente pelos mais avisados. Junto com a República, “última palavra, em matéria de evolução social”³⁸ e política, segundo se entendia, deveria medrar uma força militar equipada segundo os novos padrões tão fartamente expostos e propagados pela própria *Kosmos*.

A culpa da obsolescência de nossa defesa cabia ao Império, que, por ser “romântico e pacífico, deixou que os velhos adarves fossem ruindo. As três grandes fortalezas da barra foram, durante mais de cinquenta anos, simples decorações — fortalezas *para inglês ver*, inofensivos estafermos, cujos canhões valetudinários, mal podiam, com abafado e rouco estampido, dar salvas festivas, nos dias de gala nacional. Sua Majestade, o Imperador, fazia versos e estudava línguas mortas; nós fazíamos politicagem e vendíamos café; e o Brasil, numa estúpida modorra, nem queria imaginar que algum perigo pudesse um dia ameaçá-lo. Mas, a República não tem o estafado romantismo do Império; ela bem

³⁷ PONTES, Eloy. Op. cit., p. 585.

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 167.

ouve, em torno de si, o rumor dos arsenais das vizinhas, forjando armas, preparando-se para fazer frente a qualquer eventualidade sinistra. Quem tem tesouros em casa, põe trancas na porta..." (2.4.1.2.) *.

Era exatamente isso que a promissora República tratava de fazer: armar-se para enfrentar uma vizinhança supostamente perigosa. E como o brilho da parafernália bélica desperta incontidas manifestações de patriotismo e de orgulho cobiçoso, eis o porta-voz oficioso cumprindo sua função *orgânica*: "(...) felizmente, as fortificações do Rio de Janeiro já não são apenas acessórios de cenografia. Os canhões modernos, as torres blindadas, os holofotes poderosos, que espancam a treva por milhas e milhas de mar — todos os progressos da arte de defesa estão adotados. E novos fortes se vão levantando à barra e fora dela — como esse de Imbuí, inaugurado hoje"³⁹.

Dessa maneira, em nome da paz, do progresso e da modernidade, pregava o cronista o armamentismo, mais acirradamente defendido em seus últimos dias de vida, então convulsionados pela Primeira Guerra Mundial.

É evidente que não pudemos vasculhar todos os assuntos abordados nas crônicas bilaquianas, porque interessam-nos apenas aquelas que corroboram ou põem em xeque a vontade deliberada de progresso que *Kosmos* encarnava.

De qualquer forma, pretendemos deixar claro que a propalada atualidade do jornalista Bilac respondia antes às orientações emanadas da cúpula governamental (com a qual mantinha ele, no mínimo, tênue ligação de subsistência, enquanto inspetor escolar) do que às necessidades de transformações viscerais em nosso processo social. Seu jornalismo exercido em *Kosmos* pautava-se pelas regras de bom-tom e elegância, apanágio de uma revista que não estava para questionar, senão para endossar plenamente as novas medidas governamentais e para veicular as novas conquistas técnicas e científicas elaboradas na Europa, onde seu proprietário, Jorge Schmidt, misto de *dandy* e de perito em arte gráfica, exercitara-se longo tempo.

Em *Kosmos*, encontrou Bilac um veículo para difundir seu conceito de progresso, de que era exemplo o próprio periódico.

³⁹ Apud idem, *ibidem*, p. 585.

Impossível saber com precisão de onde foi extraída essa crônica, pois um dos defeitos graves da biografia em questão é a precariedade técnica das referências.

E, graças a suas convicções pessoais que só consolidavam o expectável, configura-se ele como intelectual sustentatório da euforia vigente.

Assinando o próprio nome, redige textos atentos às modificações locais, desencadeadas e longamente esperadas, sem esquecer-se, contudo, do que se passa fora do país. Textos cujo teor opinativo, balizado pela idéia constante do progresso, estendem-se e encadeiam-se àqueles artigos atuais sobre zoologia, botânica, história, espeleologia, engenharia militar e civil, etc., formando uma das linhas básicas da revista: a de fornecer atualização cultural para o leitor.

Sob o pseudônimo de Fantasio, elabora crônicas que funcionam como momentos de exercício literário, distensores lúdicos que se aliam aos contos para cumprir a outra etapa: a da educação estética do leitor.

Tem-se, assim, a crônica como gênero de forte maleabilidade, apta a cumprir a função eclética de *Kosmos*, revista-espelho de um período cultural não menos eclético, mas precursora das atuais revistas de grande público.

Impressão feita com impressão de toda foi extraída das crônicas. —
 dos detalhes graves de história em questão a preocupação de
 referências

CAPÍTULO 4

A POESIA

“O apaixonado eleva-se acima das exigências da sociedade, enquanto o bom burguês desconhece a linguagem de uma paixão desordenada.”

EMIL STAIGER

“Malditos para sempre os Mestres do Passado!

Quem são essas nuvens impassíveis que se aglomeram sobre o horizonte do futuro? Quem são esses coriscos, não prenunciadores de tempestades fecundas, mas clarins de raios imobilizados e mortíferos? Quem são esses exércitos de poeira pairando sobre os jardins noviplantados? Quem são estes sóis artificiais, proporcionadores de uma luz irrisória e maninha? Quem são essas montanhas de gelo, balançando em ritmos bivalves e alexandrinos sobre o nosso mar? Por que preferem desviar e resfriar o nosso gulf-stream? Quem são essas cadeias? Quem essas mordanças? quem esses hipnotismos? quem essa mentira? essa ilusão? esse deserto?

Malditos para sempre os Mestres do Passado!

O vosso exemplo, ó máscaras de gesso, inda perturbará por lustros e mais lustros a luminosa evolução das artes? Acaso pretendeis, herbanários medievais, secar as plantas novas que desconheceis, para a riqueza das vossas coleções de raridades, para a população dos vossos catálogos de ninharias? Acaso projetais, ó entomólogos octogenários, senilizar com os vossos olhinhos de gelo o desvairado cantar das cigarras, e escrever numa noite de noroeste vossos livros de ciência estéril, onde sarcasma uma desilusão de amor, onde ironiza a destruição de um símbolo feliz? Acaso entendeis, ó Newtons beneditinos, despejar sobre o dia das cascatas a noite da vossa observação, espantando de sobre as águas móveis o bailado colorido dos arco-íris? Acaso vos propusestes, ó naturalistas germânicos, despovoar os ares da terra natal, dar utilidade aos vossos alfinetes mortíferos, exercendo o bocatorismo dos vossos sentimentos sobre a monção lírica das borboletas?

Tolos e Malditos! Cuspimos sobre vós a nossa maldição e as risadas alumbrantes da nossa cólera, o despeito divino das nossas impaciências! ‘Guaiai! Carpi! Gemei!’ Mas não! o ideal não é Morto! Nem Pã nunca morreu, porque nunca existiu! Existem, sim, as plantas novas florescentes! Existem e se perpetuarão pelo sempre

dos dias da Terra as cigarras trovadorescas! Sobre as cascatas há de perpetuamente valsar os raios do Sol, o requebro donairoso dos arco-íris! E sobre os campos como nas clareiras as borboletas esvoaçarão, avançando, ferindo-se, debatendo-se, iluminando, colorindo, despetalando-se, queimando-se, porque as borboletas não param, as mocidades não esperam, ó seus raimundos de correia! Que mereceis ó vós, muralhas? Nosso desprezo? Nunca! O desprezo é infecundo... Mas o paradoxismo criador da nossa maldição.

Malditos para sempre os Mestres do Passado! Que a simples recordação de um de vós escravize os espíritos no amor incondicional pela Forma! Que um olhar passeando por acaso nos vossos livros se cegue à procura de um verso de ouro! Que uma flor tombada de umas mãos infantis sobre vosso túmulo rebente em silvas de tais espinhos que nelas se fira e sucumba a ascensão dessa infância! Que o Brasil seja infeliz porque vos criou! Que a Terra vá bater na Lua arrastada pelo peso dos vossos ossos! Que o Universo se desmantele porque vos comportou! E que não fique nada! nada! nada!"¹

Ao liquidar de modo tão fulminante o legado parnasiano, neste necrológio às avessas, Mário de Andrade talvez não tivesse em mente apenas seus principais cultores, mencionados explicitamente com alguma ressalva. Talvez movesse-o o desejo de fustigar sobretudo os inúmeros fiéis fervorosos de deuses cuja chama votiva mantinha-se teimosamente acesa graças a um culto tardio. Investir contra os ocupantes do altar-mor é maneira segura de provocar reações desencontradas e furiosas de devotos obliterados.

Conseqüência imediata desse culto cego foi a proliferação indiscriminada de uma poesia dessorada, que haveria de enformar a adolescência do autor de *Há uma gota de sangue em cada poema*. Superado o momento áureo do Parnasianismo, Mário de Andrade, nascido em 1893, iria crescer à sombra de uma diluição poética que ganhara terreno dentro de uma faixa de população instruída, mas não ilustrada. Bastante vigorosa até a destruição do último dos Helenos, essa poesia enche as páginas de uma série de revistas e periódicos da época, destinados a gratificar imediatamente um gosto estabelecido e conformado.

As páginas de um desses veículos, *Kosmos*, talvez tenham sido móvel parcial e remoto da virulência crítica de Mário, que possuía uma coleção completa da revista, hoje no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

¹ ANDRADE, Mário de. *Mestres do passado*. Apud BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo...*, p. 308.

Estampando um "lirismo bem comportado", um "lirismo funcionário público", a revista transmitia um tipo de poesia moralizante, edificante, adequada a uma ideologia de progresso, de regeneração material (e moral?) no limiar de um século novo em cidade nova.

Parece já existir um consenso na crítica literária nacional que aponta a inanidade de nossa poesia produzida no início deste século. Ainda que certos críticos queiram ressaltar, com razão, algumas exceções como Augusto dos Anjos, José Albano e Raul de Leoni e atribuam a esse período um alargamento de horizontes da poesia brasileira, junto a "uma certa liberdade sintática e vocabular, que os rebeldes da Semana de Arte Moderna levariam às conseqüências finais"², não há dúvida de que, *no conjunto*, efervescência criativa, como no ápice do Parnasianismo-Simbolismo, só se repetiria de 22 em diante.

Permanência ou resistência parnasiana, a poesia dos primeiros vinte anos não serviria senão para consolidar o gosto supostamente refinado "das camadas dirigentes, da burocracia culta e semiculta, das profissões liberais habituadas a conceber a poesia como 'linguagem ornada', segundo padrões já consagrados que (garantissem) o bom gosto da imitação"³.

Mas como explicar, ou tentar explicar, a preferência acentuada pelo Parnasianismo em detrimento do Simbolismo? Que razão ou que razões teriam determinado a hostilidade ao grupo de Cruz e Sousa e a receptividade franca aos parnasianos? Seriam razões sociais? Econômicas? Literárias? Ou um conjunto de fatores entrelaçados?

No contexto europeu, o agudo Hauser distingue três momentos da boêmia oitocentista, todos eles sempre vistos como reação juvenil à ordem burguesa. Provisoriamente arrefriados diante do Sistema, os boêmios do primeiro regimento (Gautier, Nerval, Arsenio Houssaye) tiveram a cautela de não dispensar uma retaguarda econômica que lhes permitisse o (re)ingresso no mundo questionado. Exuberante e amante da contradição, essa geração romântica diferia do grupo naturalista (Champfleury, Courbet, Nadar), cuja opção existencial não fora postíça, mas ditada por pressões de sobrevivência. Consistindo numa espécie de segundo pelotão de choque, este grupo naturalista, a que Hauser chama de "boêmia real", era "un proletariado artístico, integrado por gente

² GOES, Fernando. *Panorama da poesia...*, p. XXXIX.

³ BOSI, Alfredo. *História concisa...*, p. 263.

cuya existencia era totalmente insegura, gente que estava fuera de las fronteras de la sociedad burguesa y cuya lucha contra la burguesía no era un juego de ingenio agudo, sino una amarga necesidad”⁴. A radicalização do processo, ainda segundo a exposição de Hauser, ocorre com a geração de Rimbaud, Verlaine, Tristan Corbière que rompe brutalmente com os quadros burgueses e se lança em doidas aventuras, de preferência longe da Europa. Anarquicamente, Rimbaud erra e vagabundeia pelas costas africanas, para morrer, jovem ainda, vitimado por infecção.

Um caso extremo de morte trágica como esta, que não foi isolado, é sintoma claro do desespero a que foram levados intelectuais do fim-de-século europeu e que, em última instância, revela um profundo sentido da inadaptação social.

A boêmia literária brasileira do fim do século XIX, tão bem vasculhada por esse precioso *A vida literária no Brasil...*, sempre nos pareceu suspeita de pose, de artificialismo, de neo-romantismo, aparentando antes uma atitude importada, junto com os “ismos” da época, do que resposta visceral e autêntica a contingências do nosso meio econômico e social, que, de resto, nada tinha a ver com o europeu. E, na barafunda de intelectuais que zumbiam na Capital Federal em busca de um sustento fixo, parece-nos que apenas os prosélitos mais fiéis a Cruz e Sousa mantiveram-se romanticamente infensos às seduções utilitárias, no plano da produção-publicação artística, e, portanto, comportando-se mais conforme os nauseados europeus⁵. Todavia, mesmo estes adeptos do credo simbolista não negligenciaram inteiramente as exigências materiais de sobrevivência e procuraram ajustar-se, bem ou mal, às disponibilidades de um precário mercado de trabalho.

Essa nossa boêmia não era composta de elementos provenientes de uma sociedade burguesa cristalizada e senhora de si. Antes, provinha de modestos segmentos urbanos em vias de afirmação social e econômica, graças às modificações das relações de produção tendentes a um capitalismo mais bem configurado. A mudança do quadro econômico interno do Brasil, por volta da metade do século XIX, haveria de propiciar o aparecimento de

⁴ HAUSER, Arnold. *Historia social...*, v. II, p. 426.

⁵ Os obstáculos editoriais e de acesso ao público que o grupo reunido em torno de *Rosa-Cruz* enfrentou, já os discutimos em trabalho anterior. Decidido a editar uma revista “pura”, só de arte, seu responsável maior, Saturnino de Meireles, esteve à beira da insolvência diversas vezes e em dois anos diferentes conseguiu publicar apenas sete números: quatro em 1901 e três em 1904.

incipiente burguesia urbana, de onde emergiria uma geração disposta à especulação intelectual, que desembocaria nas escolas de Direito, na Escola Militar e na Central. “Na segunda metade do século XIX é já possível admitir a presença caracterizada de uma classe média”, afirma Werneck Sodré⁶. E são os filhos dessa “modesta burguesia comercial e burocrática, de importância relativamente secundária, que irão aparecer, graças ao desenvolvimento também modesto do capitalismo no Brasil, no cenário político e intelectual da segunda metade do século XIX”⁷.

O cultivo externo da virtude, aliado a uma mentalidade parcimoniosa e precavida, sóbria e frugal, são, segundo Sombart⁸, traços genéricos da burguesia de primeira hora, aquela em fase de auto-afirmação inicial. O historiador alemão deixa implícito que tais características, mutáveis posteriormente, acentuam-se no momento da consolidação do grupo como forma de auto-sustentação.

Ora, no caso brasileiro, foi logo depois da Guerra do Paraguai que se deu a emergência dessa classe social circumspecta, cujos filhos viriam ocupar postos representativos já no final do século XIX⁹. Herdeiros diretos dessa geração interessada em amealhar, a revolta desses jovens boêmios radicados no Rio seria apenas *temporária*, dissipação juvenil episódica de alguém que se pilha livre dos vínculos familiares ou que precisa de um “estouro e libertação” momentâneos. Mais parece o caso de estarem participando de uma grande *mise-en-scène*, ávidos por se afirmarem pessoalmente, e estimulados, de forma direta ou não, pelos distantes fluidos parisienses.

Já se disse que a busca deliberada de exotismo tempo-espaçial na poesia parnasosimbolista brasileira correspondeu a mecanismo compensatório. Isto é, através da importação de temas e de espaços, procurava-se fugir à increpação de mestiço, de cultura colonizada e mostrar-se refinado e afinado com a temática poética em voga na Europa. Dessa forma, o poeta finissecular brasileiro vingava-se de nosso não-europeísmo, de nosso “atraso” cultural, por intermédio de uma deglutição cultural não digerida satisfatória-

⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação histórica...*, p. 268.

⁷ COSTA, Cruz. *Contribuição à história das idéias...*, p. 124.

Para uma visão geral deste período usamos também: PRADO JR., Caio. *História econômica...*, esp. O império escravocrata e aurora burguesa (1850-1889).

⁸ Para uma tipologia do burguês, ver SOMBART, Werner. *El burguês*.

⁹ Para uma verificação das origens sociais, econômicas e familiares de boa parte da intelectualidade brasileira do período em estudo, vale percorrer os quadros de *Estrutura social da República das Letras*, de A. L. Machado Neto.

mente. O poeta boêmio, movido talvez pelo mesmo espírito de desforra, vingava-se da operosidade e da austeridade burguesa através do ócio pândego. E, numa engenhosa conjunção involuntária, o visualismo plástico da poesia parnaso-simbolista combinava-se com o exibicionismo pessoal de muitos de seus cultores, que confundiam “literatura” com “vida literária” e que fizeram das confeitarias de então uma vitrine de onde pudessem ver e serem vistos¹⁰.

Excetuando-se casos raros de insucesso individual ou de obstinação romântica, grande parte dos que fustigaram o sistema acabaria por se ajustar a ele no tempo devido. Daí o caráter epidérmico e temporário desse questionamento, que iria encontrar no jornalismo um fator enérgico de absorção, acomodação e remuneração de uma juventude outrora indócil. Isso sem falar na burocracia, velho e conhecido apêndice estatal capaz de milagres em matéria de abafamentos acústicos.

Se o confronto com o quadro social fora apenas momentâneo; se grande parte dessa massa boêmia é originária da burguesia em ascensão e condensação; se, do ponto de vista profissional, quase todos acabam encaixando-se na burocracia e/ou jornalismo, no qual alguns haveriam de lutar pelo reconhecimento do intelectual enquanto profissão; e se uma boa parte da produção poética reflete aspirações e desejos do *establishment* burguês, justo é que vejamos parte dessa geração, a parte mais “exposta”, apenas como rebeldes provisórios, ansiosos, no fundo, de serem reabsorvidos pelo sistema. Assim como fizeram Arte pela Arte, fizeram, correlatamente, Boêmia pela Boêmia.

Caso se mostre pertinente esse raciocínio, esses inconformados só poderiam ser situados dentro da primeira faixa de boêmios,

¹⁰ Carece lembrar que os anos 90 na Europa assistiram a um desenvolvimento excepcional da arte gráfica, o que se comprova através da afirmação do *poster* como veículo publicitário por excelência. Conciliando (ou degradando, aos olhos de alguns puristas impertinentes) o traço gráfico em cores com um produto qualquer, artistas como Toulouse-Lautrec, Beardsley, Sir William Nicholson e Majes Pryde (*The Beggarstuffs*), Caran D’Ache, Thomas T. Heine, Mucha, Adolf Hohenstein e outros conferiram à informação publicitária uma dignidade insuspeita e ampliaram o alcance da linguagem visual.

Período em que o desregramento boêmio foi cultivado com zelo profissional e ostensivamente exibido, seria o cartaz comprovação concreta e “extensional” dessa sociedade exibicionista?

A respeito dos cartazes europeus e americanos ver, por exemplo, HILLIER, Bevis. *Posters*; e CIRKER, Hayward & Blanche, ed. *The Golden Age...*

proposta por Hauser: a dos que não dispensaram a retaguarda econômica. E então teríamos, no plano literário, uma forma tardia de inconformismo social, que mais adequadamente seria neo-romântica. Tolerada pela sisudez burguesa, porque sabidamente incapaz de problematizações sérias, antes oferecendo a essa mesma burguesia produção poética conformada aos desejos gerais, essa boêmia não representava perigo real de contestação em qualquer nível, muito menos no nível lingüístico¹¹.

Mas, analisar o problema apenas do ponto de vista social falseia-o. Sem desprezar esse componente histórico-social, é preciso ver também os elementos temáticos e formais sobre os quais se monta uma realidade estética. Nesse sentido, mas cuidando de evitar miniaturismos, convém enumerar algumas razões que determinaram a repercussão mais generalizada do Parnasianismo em desfavor do Simbolismo.

Quando do processo das forças históricas que determinaram nossa independência política, correu paralelamente uma ânsia viva

¹¹ Num texto sereno e breve, Nestor Vítor depõe sobre Bilac, mostrando a admiração fetichista que envolvia o poeta parnasiano, bem como seu temperamento inofensivo:

"Bilac o que é incontestavelmente é o mais querido dentre todos os nossos artistas do verso; é aquele em cujo estro todo o mundo tem mais fé; cujas qualidades e defeitos de homem todos adoram ou perdoam: a realização mais completa do tipo de poeta que o nosso meio atual pôde assimilar.

Na Rua do Ouvidor, quando ele passa, feio, mas esbelto, aparentando sempre quando muito uns trinta anos apenas, — no todo um certo ar mefistofélico, — mas afinal de contas inofensivo, porque ele é simples e afável com quase toda a gente; na Rua do Ouvidor, a rapaziada literata fica embevecida seguindo-lhe o vulto, que quase sempre se perde entre a multidão.

(...) é o mais simples, o de mais seguro bom gosto, o mais humano e o mais natural (...)

(...)

Representa no verso o termo médio da nossa capacidade estética.

(...)

Nunca tomou a peito empresa alguma de verdadeiro vulto, quase nunca se meteu em questões: amigo de todo o mundo, em geral, sem êmulos literários que lhe façam guerra, sem fazer guerra a ninguém. Gosta de assistir às ascensões serenas, às que são feitas sem oposição; entra discretamente quase sempre no número dos que as aplaudem. Às naturezas combatentes ele não lhes é simpático.

(...)

Uma natureza como essa, tão simples, digamos tão natural, segue completamente o curso das coisas: desde que estas se animem, ela se anima também; sofre de estagnação no momento em que elas se estagnarem" (VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de...*, v. I, p. 302-7).

de emancipação literária que viesse, indiretamente, endossar e confirmar o rompimento com Portugal. Graças a uma feliz coincidência, o romance, preferência lúdica de uma burguesia européia em ascensão, transporta-se para nosso país, onde haveria de converter-se em, usando uma expressão de Antonio Candido, forte “instrumento de descoberta e interpretação” de nossa realidade física e social. Imediatamente adotado pelo escritor como meio eficaz de revelar o país e pelo leitor como forma fácil de lazer, o romance viria criar um público disposto à fruição ficcional e vulnerável aos enredos e peripécias distribuídas cotidianamente pela imprensa.

A poesia, por sua vez, só faria reforçar o consumo literário, já que, ao lado da exploração de temática nacional e sentimental, seu ritmo tentava desenvolver-se no sentido de uma melodia facilmente apreensível¹². Seu caráter oratório, eloqüente (lembrar Castro Alves como culminância de processo), casava-se, assim, com um ritmo variado, mas que não oferecia obstáculos à memorização, isto é, à sua rápida popularização.

Com o advento do Parnasianismo, começava a alargar-se o fosso entre autor e público, excluindo-se já deste uma faixa menos privilegiada, a dos não instruídos. O requinte artesanal, que exige o burilar contínuo do artefato, compreende um vocabulário denotativo de estranhas e altas aspirações materiais, mas ainda compatível com preocupações nacionais e/ou sentimentais. O Parnasianismo, em que pese sua preferência acentuada pelo “nobre decassílabo” e pelas pedrarias multicoloridas, ainda tem espaço para acolher um “Caçador de esmeraldas” ou um “Pequenino morto”.

O argumento mais corrente para explicar a resistência pública à poesia simbolista baseia-se no alto teor de inventividade que esse movimento teria deflagrado, sobretudo quando o comparamos com o Parnasianismo.

No entanto, a esse elemento de caráter intrínseco seria preciso juntar outros de natureza extrínseca ou paraliterária, não sendo

¹² Durante o Romantismo “a renovação nas camadas sonoras atingiu o cerne do verso, o ritmo, distendendo-o em função da *melodia* que, veículo mais adequado às efusões do sentimento, contou com a preferência dos poetas e, naturalmente, dos compositores: Chopin, Liszt, Berlioz, Schubert, Schumann, mestres de uma nova e difusa sensibilidade musical. Renascem, por outro lado, formas medievais de estrofação e dá-se o máximo relevo aos metros breves, de cadência popular, os redondilhos maiores e menores, que passam a competir com o nobre decassílabo” (Bosi, Alfredo. *História concisa...*, p. 106).

demais lembrar que estas colocações são sempre provisórias, uma vez que falta ainda muita pesquisa em periódicos da época que possa esclarecer melhor o problema.

A agressividade pessoal do grupo parnasiano pode ter favorecido o recuo simbolista que não contara com o acesso a jornais importantes como a *Gazeta de Notícias*, de Ferreira Araújo, ou *A Semana*, de Valentim Magalhães. Em termos de consolidação do "poder literário", Ferreira Araújo prestou enorme serviço, recebendo em seu jornal figuras emergentes que haveriam de firmar a profissão literária mais tarde, esvaziando-a, em parte, dos preconceitos que a tinham na conta de coisa ociosa. Daí o agradecimento público de Olavo Bilac quando publica *Ironia e piedade* em 1916, livro que recolhe boa parte das crônicas que haviam saído naquele jornal e que é dedicado a Ferreira de Araújo. "É que a *Gazeta* daquele tempo", explica Bilac, "a *Gazeta* de Ferreira Araújo, era a consagradora por excelência. Não era eu o único mancebo ambicioso que a namorava: todos os da minha geração tinham a alma inflamada daquela mesma ânsia. Não era dinheiro o que queríamos: queríamos consagração, queríamos nome e fama, queríamos ver os nossos nomes ao lado daqueles nomes célebres. (...) a *Gazeta* era o único jornal que acolhia e prezava a literatura. Por isso mesmo, os pretendentes formavam cauda à porta da dama gentil"¹³.

Nessas páginas iniciais de *Ironia e piedade*, Bilac está falando em nome de toda uma geração, da sua geração, que, segundo ele, teve o mérito de fazer da "imprensa literária uma profissão remunerada". Proclamando com orgulho a respeitabilidade burguesa que souberam alcançar, o poeta de "Panóplias" reafirma e confirma nesse texto de 1916 aquilo que já dissera nove anos antes, em cerimônia pública em sua homenagem a que estiveram presentes altas figuras da política e da literatura: "Que fizemos nós?", pergunta-se ele para responder logo em seguida: "Fizemos isto: transformamos o que era até então um passatempo, um divertimento, naquilo que é hoje uma profissão, um culto, um sacerdócio; estabelecemos um preço para o nosso trabalho, porque fizemos desse trabalho uma necessidade primordial da vida moral e da civilização da nossa terra; forçamos as portas dos jornais e vencemos a inépcia e o medo dos editores..."¹⁴. Forçando os

¹³ BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*, p. 9.

¹⁴ "Sobre a minha geração literária", discurso de Olavo Bilac pronunciado por ocasião de um banquete que Henrique Chaves, diretor de a *Gazeta de Notícias*, lhe ofereceu em 3 de outubro de 1907, no Palace Théâtre do

limites sociais de então, em busca do reconhecimento pelo trabalho intelectual, essa geração diminuía o risco de ouvir a palavra “poeta” com o sentido pejorativo que Alencar ouvira alguns anos antes num debate parlamentar.

É lógico que essa precária profissionalização em curso, facilitando a consolidação do grupo parnasiano, contava também com a precedência cronológica das edições. Em média, os livros parnasianos surgem na década de 80, enquanto que os simbolistas aparecem em 90¹⁵. Portanto, o caminho para o Parnasianismo já vinha sendo pavimentado há mais tempo e nessa construção lenta não se pode desprezar também o incentivo do jornal de Valentim

Rio de Janeiro, com o intuito de homenagear o poeta pelo 20º aniversário da publicação de *Poesias* e pelo 10º aniversário de sua colaboração no jornal, onde substituíra Machado. O discurso está recolhido em *Últimas conferências e discursos* (p. 69).

¹⁵ Um levantamento cronológico não exaustivo, baseado em *A literatura no Brasil*, obra organizada por Afrânio Coutinho, dá-nos o seguinte quadro:

1880	<i>Sonetos e rimas</i>	Luís Guimarães Jr.
1883	<i>Sinfonias</i>	Raimundo Correia
1884	<i>Meridionais</i>	Alberto de Oliveira
1885	<i>Sonetos e poemas</i>	Idem
	<i>Ardentias</i>	Vicente de Carvalho
1887	<i>Versos e versões</i>	Raimundo Correia
1888	<i>Poesias</i>	Olavo Bilac
	<i>Relicários</i>	Vicente de Carvalho
1890	<i>Efêmeras</i>	Dario Veloso
1891	<i>Aleluias</i>	Raimundo Correia
1893	<i>Broquéis</i>	Cruz e Sousa
	<i>Missal</i>	Idem
1897	<i>Alma penitente</i>	Dario Veloso
1898	<i>Evocações</i>	Cruz e Sousa
	<i>Sagres</i>	Olavo Bilac
	<i>Poesias</i>	Raimundo Correia
1899	<i>Septenário das dores...</i>	Alphonsus de Guimaraens
	<i>Câmara ardente</i>	Idem
	<i>Dona Mística</i>	Idem
1900	<i>Faróis</i>	Cruz e Sousa
	<i>Esotéricas</i>	Dario Veloso
	<i>Palavras que o vento...</i>	Guerra Duval
	<i>Agonia</i>	Mário Pederneiras
	<i>Poesias (1.ª série)</i>	Alberto de Oliveira
1901	<i>Rondas noturnas</i>	Mário Pederneiras
	<i>Luar de Hynverno</i>	Silveira Neto
1902	<i>Kyriale</i>	Alphonsus de Guimaraens
	<i>Rosa, rosa de amor</i>	Vicente de Carvalho
1905	<i>Últimos sonetos</i>	Cruz e Sousa
	<i>Poesias (2.ª série)</i>	Alberto de Oliveira

Magalhães, *A Semana*, cujas duas fases — 1885-1887 e 1893-1895 — receberam os melhores talentos da época, além de se colocarem abertamente a favor da “remuneração dos trabalhos literários insertos em suas colunas”¹⁶, segundo editorial do primeiro número da segunda fase, devidamente assinado pelo proprietário.

Todavia os elementos desse quadro em que entram profissionalização do escritor, acesso ao público por intermédio da imprensa e precedência cronológica na edição das obras não bastam para explicar o fosso que separou parnasianos de simbolistas em termos de receptividade do público.

Ao lado desses argumentos paraliterários, relevantes cada um a seu modo e ainda carentes de exploração bem mais ampla, é preciso lembrar um outro, bastante decisivo, que deve ter pesado bem nessa questão de adesão maior ou menor aos movimentos poéticos em pauta.

Trata-se do esteticismo subjacente a essas duas estéticas, que visava a auto-suficiência da arte, recomendando sua avaliação distanciada de padrões políticos ou morais, e que, no limite, deu margem a um intenso formalismo. Mas se essa autonomia estética norteia ambos os movimentos, se o fundo sobre o qual ambos assentam é comum, segundo a tese de Pierre Martino, em que consistiria, então, a diferença capaz de seduzir ou de repelir o leitor?

Uma diferença de natureza, talvez.

De um lado, a vocação fortemente classicizante do Parnasianismo, empenhado em podar as demasias românticas, em restabelecer um “equilíbrio” imaginário da língua, devolvendo-lhe uma harmonia que se julgava injuriada pela variedade métrica dos românticos. E nada melhor para ilustrar essa atitude do que a pregação posterior de Olavo Bilac, já mais para o fim da vida, em favor da língua portuguesa, protegendo-a dos fluxos imigratórios e erigindo-a como marco de nacionalidade absoluta.

A essa tendência conservadora, opunha-se, por outro lado, a vontade liberalizante do Simbolismo, ainda que nem sempre levada a termo de modo radical. Se o estranhamento foi maior em relação ao movimento em que pontificou Cruz e Sousa, foi porque, talvez, o código ganhou precedência sobre a mensagem, afastando o Simbolismo de temas nacionais ou sociais, com rara exceção. De repente, a uma poesia eloqüente e patriótica, no Romantismo,

¹⁶ Ver depoimento de Max Fleiuss sobre *A Semana* (1893-95), p. 17.

seguia-se uma outra produção vinculada a paisagens estranhas e distantes que preparam a emergência de um verdadeiro laboratório de experiências sonoras. Os temas nacionais ou sociais e o mundo helênico ou romano vêm-se soterrados pela pesquisa e exploração insistente das potencialidades sonoras do vocabulário; pela ameaça — mais ameaça que realização lograda — de fragmentação sintática; pela preponderância do ritmo diversificado e significativo em contraste com o ritmo parnasiano uniforme e apolíneo; pela inclinação marcante para uma imagética insuspeita e de forte sabor pessoal; e pela tendência, às vezes abusiva, de se interessar pelo princípio da contigüidade poética, mais em termos sonoros do que semânticos.

Ora, aliando esses poucos fatores a um retraimento pessoal dos simbolistas, enamorados da figura tímida do chefe Cruz e Sousa (teria essa timidez apenas motivações raciais?), e a uma insistência em se manterem fora do “mercado literário”, podemos fisgar elementos sócio-literários que ajudem a compreender o processo de marginalização simbolista. Esquivando-se do fetichismo que envolvia o pelotão parnasiano, recusando-se a compor com uma sociedade que dava seus primeiros passos em termos de modernização gráfica e questionando mais fundo o instrumento lingüístico, muitos simbolistas decretaram, involuntariamente, sua própria alienação¹⁷. Dentro de um longo desenvolvimento de quase 70 anos, nossa poesia, que começara bastante preocupada com uma temática nacionalista e sentimental, haveria de voltar-se, de preferência, para o esmero formal com sacrifício de conteúdos mais candentes do ponto de vista social. Até mesmo o lirismo amoroso haveria de ceder passo a um conjunto de poemas mais eróticos que sentimentais. A arte, requintando seus instrumentos, afastava-se do povo? Ou o povo, impossibilitado de ascender, afastava-se da evolução da arte?

¹⁷ Werner Sombart identifica a artesanania como índice caracterizador de economias tipicamente *pré-capitalistas*, nas quais o homem envolve-se *emocionalmente* com o produto de seu trabalho: “El trabajo del auténtico campesino, al igual que el del verdadero artesano, representa una solitaria labor de creación: se entrega a su trabajo en callado ensimismamiento. Vive en su obra, como el artista en la suya, e incluso preferiría no tener que llevarla al mercado. Con amargas lágrimas de la campesina es sacada del establo la vaca preferida y conducida al matadero; el viejo *Bourras* defiende la cabeza de pipa que quiere comprarle el mercader. Pero si la venta llega a efectuarse (...) entonces la mercancía producida tiene que hacer honor a su creador...” (SOMBART, Werner. Op. cit., p. 26).

Esta longa e cansativa digressão introdutória tem uma missão: a de explicar a adequação entre a matéria poética e a natureza do veículo jornalístico em causa.

Um exame atento dos poemas publicados em *Kosmos*, distribuídos prioritariamente em ordem temática, revela-nos, a par de uma elaboração predominantemente parnasiana, quando não romântica, uma preocupação fundamental com Amor/Mulher.

"Pela campanha", de Magalhães de Azeredo (1.4.2.1.), exemplifica bem essa linha de exploração poética, na medida em que espelha a manifesta tendência à discursividade dos poemas publicados por *Kosmos*, da qual não estão isentos nem mesmo os sonetos.

Na verdade, este texto de Magalhães de Azeredo, que hesitamos em chamar de poético, pode conduzir-nos ao equívoco de tomá-lo como poesia apenas por causa de sua aparência formal: versos livres juntados dois a dois, que se esbofam para narrar a estória de um par amoroso em fuga pelos campos ao redor de Roma. Se o ritmo irregular dos versos e os *enjambements* constantes poderiam servir como suportes convincentes da idéia do escoamento rápido do tempo, uma série de sintagmas automatizados, rescendendo a romantismo senil, concorre para amolecer a tensão poética.

*"Iamos abraçados, estreitos. O coche era um ninho,
Ó minha rola trêmula, ave de plumas d'ouro!*

*Como tu palpitavas, unida ao meu peito! Eu sentia,
no teu bater magnânimo o coração querido.*

(...)

*Corria o coche rápido, e quase voava. Não era
um símbolo do nosso destino? Assim passando*

*íamos, perecíveis, diante das coisas eternas;
e a voz nos repetia: 'Vossa ventura é breve!'*

*Então (tal é a humana vindicta!) um delírio tomou-nos,
um frenesi raivoso de amor, um prepotente*

*desejo de abraçar-nos, de unir nossos lábios em beijos
inúmeros, num único e intermenável beijo,*

*de destruir-nos quase, no excesso da dor e do afeto,
de arder, de incinerar-nos numa candente pira*

(...)"

“Trovas populares de Espanha”, de Afonso Celso (1.2.2.1.), banaliza-se também porque, aparentemente, o poeta confiava na diversidade métrica para criação de ritmo dinâmico e na seleção de determinados fonemas para comporem rimas internas e externas. O resultado foi um dinamismo próximo ao do versinho infantil, complementado por uma escolha léxica que reforça o tom de adivinha popular em estrofe como:

*“Não sei o que sinto quando
 teu rosto miro.
 Suspiro, e fico indagando
 por que suspiro”.*

A ingenuidade transparente de muitas composições, que se deixa mostrar na própria estruturação, ocorre principalmente em poemas longos. Confiando cegamente no motivo poético, o amor, por exemplo, muitos colaboradores tentavam compensar a inani- dade de seus versos com noções hauridas nas ciências ou na filosofia e até mesmo se dispunham a exibir uma suposta erudição embutida à força nos poemas.

É o caso de “Fênix de amor”, de J. Pereira Barreto (2.1.2.1.). São versos que cantam (ou contam?) um amor extinto e nos quais, a determinada altura, intrometem-se elementos bastante ralos de platonismo, que acabam por liquefazer o verso.

*“Incendido de amor na etérea chama,
 Pus-me a fazer sozinho essa obra incrível:
 Aprendera em Platão que aquele que ama
 Tem na alma um Deus, e a Deus tudo é possível...”*

“Babel”, de Leal de Sousa (5.7.2.1.), preocupa-se mais com minúcias topográficas do que com exercício lírico:

“(...)

Da cidade opulenta arde a glória magnífica.

*Dominando-a, Babel avulta, imensa, no ar;
 Deslumbrados, de longe, olhando o espaço, vemo-la:
 Formas piramidais pede ao raio solar
 E eleva, torre a torre, as sete torres, tremula.*

*Branca a de Istar-Belit e negra a de Nergal,
 Vermelha a de Nabu erguem nos pétreos músculos;*

*Nesta a de Merodach, azul, assenta; a qual
 À amarela, de Adar, mostra a alvas e crepúsculos.*

(...)"

Algumas vezes a ingenuidade beira o ridículo ou encaixa-se plenamente no aspecto gratificante do periódico.

"Versailles", de Tomás Lopes (3.9.2.1.), por exemplo, propõe até uma dúvida: Não sabemos se os versos ilustram as magníficas fotos do palácio francês ou se as fotos tentam salvar a indignação dos versos.

*"A floresta se expande
 Cresce e se encontra com
 O grande
 E o pequeno Trianon*

(...)

*Amores, galanteios,
 Cabeleiras em pó,
 Gorjeios
 Em lá, em mi, em dó"*

"Dezembro", de Mário Pederneiras (4.12.2.4.) é canto de entusiasmo diante da natureza serena que empurra o poeta para derramados repentes de otimismo:

*"Diante de um dia assim cheio de Luz e Som,
 Da mais sonora e franca alacridade,
 A gente julga que este Mundo é bom
 E até se pensa na Felicidade".*

Todavia, momentos mais flagrantes de bem-estar, de tranqüilidade ou de incentivo à harmonia familiar encontramos em outros números, principalmente nos comemorativos de Natal. São poemas que, à falta de melhor designação, poderiam ser chamados de "domésticos" e nos quais a exaltação da concórdia familiar — mesmo em condições adversas (5.12.2.1.) — funciona como fulcro narrativo. Desnecessário dizer, por outro lado, que a trama sobre-põe-se a qualquer elaboração formal.

São muitos os exemplos (3.4.2.1.; 3.4.2.2.; 5.12.2.1.), e mencionar apenas um, integralmente, pode já dar a medida desse tipo de "poesia doméstica". (Sintomaticamente, quem o assina é Afonso Celso...)

Vice-mãe

"Filhinha, quadro divino,
Para mim, é contemplar
O teu irmão pequenino
No colo teu se aninhar.

És tão menina, e cuidado
Maternal, carinhos mil
Vais dando ao recém-chegado
Teu companheiro infantil!

Meu coração se extasia
Nos dois, e a idéia me vem
Da Santa Virgem Maria
Que é Virgem, e um filho tem.

Mãe? Não! A mãe dele e a tua
Mercê dos céus, viva está;
E uma só alguém possua,
Graça imensa Deus lhe dá.

Mãe? Não! Excessos receio . . .
Mas, filhinha, com razão
Vice-mãe eu te nomeio
Do teu pequenino irmão" (2.12.2.1.).

Literatura como meio de reforçar valores ou como instrumento dissuasório são faces opostas de uma mesma moeda, que atribui função utilitária ao fenômeno literário. Valendo-se de uma dessas faces, muitos colaboradores de *Kosmos* reafirmavam o caráter de solidariedade do periódico com seus consumidores ao lhes fornecer exemplos de edificação moral, no mesmo tempo em que, animados por solicitações estranhas ao ofício poético, comprometiam inapelavelmente a qualidade de seus versos ¹⁸.

¹⁸ Dois bons exemplos de "brincadeira poética" a que *Kosmos* pretendeu conferir foros de seriedade são os seis sonetos inéditos até então, que foram publicados, três a três, em março e maio de 1904 (1.3.2.1.* e 1.5.2.3., respectivamente).

A origem dos sonetos de março é a seguinte: em 1887, Lauro Müller, Edgar Daemon e Moreira Guimarães, então alunos da Escola Militar, discutiam as relações entre Ciência e Religião, quando um quarto participante do debate lhes propôs que "sonetizassem" suas reflexões.

Em nota de final de página, historia-se a origem dos sonetos publicados em maio: no ano de 1844, numa das repúblicas paulistas, Francisco Octaviano, Silveira de Sousa, Silveira da Mota e Pinho Jr. discutiam sobre a fidelidade feminina, "influenciados, como todos os seus colegas da Facul-

Dessa maneira, junto a poemas que incentivavam a virtude doméstica, podemos encontrar outros circunstanciais que homenageavam as vítimas de uma inundação em Campos (4.2.2.1.), a morte de um amigo (3.11.2.1.), de uma filha (3.12.2.3.), a excelência de uma estação de cura (4.4.2.1.) * ou que encareciam a prudência, o heroísmo, a persistência, o desprendimento, o “bom caminho”, enfim. (Ver, por exemplo, 2.6.2.3.; 2.7.2.2.; 3.2.2.1.; 3.3.2.1.; 4.12.2.5. *, etc.)

“Os trinta cofres de Malim-Tsou”, de Alcides Flávio (1.7.2.1.) *, traduz bem essa tendência moralista, concretizando-a duplamente, tanto em nível de significante quanto de significado.

Malim-Tsou, jovem príncipe glorificado na guerra e no amor, agoniza, cercado por seus sábios e auxiliares, todos em atitude de profundo respeito.

“Ficam junto ao seu leito os seus cofres, os trinta cofres, de que se fala em todo o vasto Império com palavras de pasmo e frases de mistério, tão deslumbrado o povo essas riquezas pinta.”

Segundos antes do último suspiro, o príncipe senta-se em “seu leito de bronze e marfim cinzelado” e aponta para um dos cofres em particular, exclamando: “Tudo que amei!”

A referência específica inquieta os membros da corte que se indagam perplexos, na tentativa de precisar o sentido da frase. Todos os ricos cofres lavrados são revistados em vão e o último, “de jaspe inteiro/ com pequenos topázios sobre os lados”, acha-se vazio. Serenados os ânimos, a corte dirige-se ao sucessor de Malim-Tsou para comunicar-lhe que a frase era irrelevante, pois fora pronunciada em pleno delírio agônico. Antes de caminharem, no entanto, um dos sábios sugere consultar a figura de Buda que assistia impassível ao debate. E Buda, “numa voz de metal, de um vibrar intensivo”, esclarece-lhes o mistério:

dade de Direito de São Paulo, pelas idéias byronianas”. Entre outros, assistiam à discussão José Bonifácio, o Moço, José de Alencar, Álvares de Azevedo e Joaquim F. de Faria.

“Como fecho da brilhante pugna, Francisco Octaviano recitou o (seu) soneto” ao que respondeu Silveira da Mota:

— O teu soneto é um cartel de desafio! Amanhã farei também o meu soneto.”

No dia seguinte, depois de ouvido Silveira da Mota, Silveira de Sousa disse:

— E por que eu não farei também o meu soneto?”

*“É tudo o nada na avidez insana...
Com que lição, com que filosofia
Malim-Tsou em seus cofres escondia
todo o vazio da ilusão humana?...”*

O longo poema de 33 quadras, em versos de 7, 10 ou 12 sílabas, atende antes a um princípio narrativo, de contar uma estória, do que a uma construção poeticamente tensa. Tanto que, se houver tensão, ela se faz em termos de desdobramentos da ação descrita — o que nos remete imediatamente para a idéia do *what's next* de E. M. Forster — e não em termos de linguagem contida, plurívoca, propiciatória de desvendamentos executados pelo leitor.

Tentando aproveitar-se da reminiscência de uma poesia épica, descritiva, o poeta em causa comprime sua “mensagem” moralista, enfeitada de exotismo e cravejada de pedrarias, em versos duramente manipulados que devem servir a um objetivo: o de descrever um acontecimento. Verdadeiro leito de Procusto, os versos expandem-se ou contraem-se não conforme as necessidades rítmicas, mas sim conforme as necessidades métricas. Dessa maneira, há versos em que se mantém, discutivelmente, a forma original de contrações de preposição com artigo, apenas para assegurar o metro alexandrino:

“Em o pino da glória e da glória invejado”

“Dos escrínios um só em o charão da estante”

Tamanha obviedade de recursos, que desfibra o texto na medida em que expõe abertamente os andaimes da sua construção, encontra paralelo em inversões anastróficas evidenciadoras de “zelo poético”:

*“Malim-Tsou grande foi. No amor e no combate
era o eleito do céu...”*

Ao lado desses esforços evidentes de inversão ou de apego a formas pretensamente arcaicas, há também versos em que vogais sustentam luta brava, por meio de elisões e hiatos, a fim de caberem no metro escolhido. Desnecessário dizer que essas vogais debatem-se, engarrafando o trânsito da sonoridade:

"órfãos dessa paixão que é rainha e é escrava"

(12 sílabas)

"E os outros?! A arte, o engenho, a oriental opulência"

(idem)

"aquele, outra versão ainda mais romanesca"

(idem)

O grande número de elisões, que nos obriga a fatigantes acrobacias respiratórias, poderia ser tomado como mais um elemento solapador da tensão poética, na medida em que exhibe de modo inegável a vocação referencial dos versos. Em certos momentos, a impressão que fica é a de que o poeta está cumprindo ordens e não trabalhando livremente. À semelhança dos atuais sambas de enredo dos carnavais cariocas, cujos temas, ditados por setores distantes do cotidiano popular, produzem letras ambiciosas que se acotovelam em modestas linhas melódicas, os versos de Alcides Flávio parecem também cumprir exigências externas. Depois de canonizados certos temas, não resta ao poeta de mérito ralo senão bisbilhotar em recinto de porta aberta.

Se o atropelo rítmico decorrente da malversação métrica colabora na liquefação do poema, o que dizer do poderoso contingente auxiliar de pronomes relativos e de conectivos coordenativos (aditivos, adversativos, etc.)?

Quanto aos pronomes relativos, explicitam o significado de determinados antecedentes ("*dessa paixão, que é rainha e é escrava*"), obstruindo obstinadamente qualquer margem de dúvida. E não fosse suficiente o desfilar incessante de relativos no início do poema, o *que* aparece também como expletivo, portanto desnecessário, logo em seguida a um outro de natureza então interrogativa:

*"Que cetro real que não invejaria
esse artístico erário deslumbrante?"*

Neste caso, é bastante clara sua inclusão apenas como apoio métrico, pois parece que o poeta optou por uma sínese em *real*, constringendo o vocábulo a uma prolação rápida e desagradável.

Quanto aos conectivos coordenativos, sua abundância permite-nos considerar a estrutura sintática do poema como preferencialmente paratática, o que, segundo a lição de Emil Staiger, é

uma das características dos estilos épico e lírico, nos quais a autonomia das partes deve ser marcante¹⁹.

E pode estar aí uma outra causa da anemia desse poema: uma intenção dramática moldada de modo épico. Uma tentativa (in)voluntária de fusão infeliz.

Em seu longo discurso de caracterização dos estilos lírico, épico e dramático, Staiger aponta alguns elementos que os configuram, não sem antes admitir que “qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários”²⁰.

Deixemos de lado, porém, o lírico e cuidemos apenas do épico e do dramático.

Segundo Staiger, a linguagem épica exige ânimo inalterável do narrador, que não deve imiscuir-se emocionalmente na ação narrada. A linguagem épica quer esclarecer, mostrar, apresentar algo; insiste na autonomia das partes que se justapõem de modo independente. Já a linguagem dramática dissolve e envolve a individualidade do narrador; busca a meta final por meio de tensões cautelosamente dosadas e de sentido eminentemente protelatório (tensão-distensão-tensão-distensão...); problematiza idéias e as encadeia de maneira subordinante, atendendo a um princípio organizatório de premissa e de conclusão.

Pois bem.

O poema de Alcides Flávio não esconde seu destino referencial que, eventualmente, se quebra com mal dissimulada interferência emotiva do narrador; simplesmente coordena fatos sem problematizá-los e, quando os hierarquiza, empresta mais atenção à materialidade dos objetos fasciantes do que àquilo que eles pudessem significar intrinsecamente; demora-se protelatoriamente na descrição destes mesmos objetos também para provocar tensão, deflagrada já na sétima estrofe; e, temeroso de que sua lição não se explicita, apela para a “mudez do Buda cismativo”. E a figura divina pontifica, não deixando nenhuma dúvida na cabeça do leitor:

*“Malim-Tsou em seus cofres escondia
todo o vazio da ilusão humana!...”*

O pesado acento descritivista faz com que os cofres valham pela sua materialidade. Não estão, portanto, “ungidos” pelo ser humano e sua relevância salta do valor aparente, minimizando-

¹⁹ STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais...*, p. 95, 102 e 103.

²⁰ Idem, *ibidem*, p. 15.

-se-lhes a essencialidade. De maneira contraditória, o poeta pretende, programaticamente, alertar contra a cobiça, mas ele mesmo deixa-se arrastar pelo brilho da pedraria.

A explicitação inequívoca do texto elimina, pois, qualquer ambigüidade. Sua construção não dá margem a surpresas, pois sua divisão vincada distribui de modo organizado e previsível as partes: introdução, descrição, conclusão²¹. Seu argumento, por outro lado, não libera perspectivas interpretativas, uma vez que a figura de Buda é convocada exatamente por sua onisciência que dirime dúvidas e dissipa inquietações. Divinamente, o Buda acalma a emoção tanto da corte quanto do leitor. E este, no final, é suavemente conduzido para um ponto escolhido *a priori* pelo poeta, que não gostaria de ver seu poema *interpretado*. Seu poema não existe para ser *discutido*, mas para ser *aceito*. Cumpra-se, portanto, a função de ensinar, tarefa que não admite obliquidades discursivas (desde que o conteúdo do ensinamento não arranhe os padrões das virtudes tradicionalmente aceitas).

É incontestável o caráter diluente da maioria dos poemas de *Kosmos*. Navegando na esteira de temas e/ou de recursos formais canonizados, nada de novo se propõe, exaurindo-se — muitas vezes até o ridículo — a herança legada.

A exploração cansativa de determinados temas levou a resultados discutíveis como este:

*"Pedras preciosas! para louvar-vos
Embora em verso que às vezes peca,
Eu vos engasto nas claras rimas
Deste volume dactiloteca"* (1.5.2.2.)

ou ao apelo à ilustração gráfica como artifício complementar de emolduramento do poema.

Só que, no caso das ilustrações gráficas, o tiro saiu pela culatra na maioria das vezes, pois os novos recursos técnicos da gráfica de Jorge Schmidt, aliados ao conhecimento das últimas tendências do desenho europeu, sitiam perigosamente a linguagem verbal. A debilidade dos versos acentuou-se diante do cromatismo e da "novidade" dos desenhos, que ameaçam engolir a página.

O traço *Art Nouveau* de *Kosmos* não era dos mais radicais — se pensarmos no alcance do *Art Nouveau* europeu — mas foi

²¹ Neste momento acodem-nos as palavras de Staiger: "Há inúmeros meios de sugerir o que vem sem o revelar diretamente. Um mestre maneja-os com destreza, um diletante os profana" (STAIGER, Emil. Op. cit., p. 138).

o suficiente para caracterizar a revista, cujas últimas capas, densamente trabalhadas e coloridas, prometiam exploração mais aprofundada e elaborada.

A junção dos textos de poesia com cercaduras florais, lembrando ou não o *Art Nouveau*, oferece motivos de especulação que nos levam a pensar na justeza de adequação entre ambas as linguagens: a verbal e a visual. Assim como, páginas antes, referimo-nos ao esforço do verbo que tenta, inutilmente, emparelhar-se com a imagem fotográfica, assistimos aqui, de novo, a uma defasagem.

O soneto de Alberto de Oliveira, “Taça de coral” (1.3.2.2.), constrói-se por meio de uma sintaxe barroquizante junto com imagens de origem helênico-pastoril e é emoldurado por imensa flor carminada. A cercadura em volta de “Relíquia suprema”, de Félix Pacheco (1.12.2.5.), propõe mais que o poema, que ainda explora a fé e o amor como motivos básicos da procura sistemática em que se empenha o povo judeu. Emílio de Menezes tem seu soneto alexandrino, “Jeová e Jesus” (1.12.2.4.), na iminência de ser pulverizado pela cercadura floral. E os versos inofensivos de Tomás Lopes (“Versailles”, 3.9.2.1.) naufragam irremediavelmente diante da força comunicativa das fotos do palácio francês. Seus “Amores, galanteios,/ Cabeleiras em pó,/ Gorjeios/ Em lá, em mi, em dó” parecem ter passado por um processo de inversão: eles é que tentam, em vão, ilustrar as fotos, autonomamente expressivas.

Talvez a incerteza e o descompasso fiquem melhor identificados na ilustração de Heitor Malagutti para “Espiras de sonho”, versos de Leal de Sousa (4.12.2.5.), nos quais se evocam o sacrifício de Cristo, o sofrimento da Virgem e o idealismo de Dom Quixote.

Imprensada entre a sugestão do título e as figuras históricas facilmente reconhecíveis de que os versos tratam, a ilustração de Malagutti biparte-se como para satisfazer a gregos e troianos. De um lado, corpos esguios, fluidos, evanescentes, reminiscência de um traço tendente para o abstrato que se quer libertar do rigor formal e realista; de outro lado, as feições humanas bastante próximas do figurativo, do reconhecível, do identificável historicamente. Ambigüidade gráfica que decorre não da força expressiva de um objeto estético que se desabrocha perante o consumidor, mas decorre antes de uma tentativa de conciliação estilística, de justaposição de traços antagônicos entre si. Acendendo, simultaneamente, uma vela para Deus e outra para o Diabo, a ilustração de

Heitor Malagutti acopla tendências díspares e sintetiza, no plano gráfico, a índole da revista que se quer moderna sem ser incômoda.

Conseqüência desse comportamento cauteloso é a grande cópia de sonetos, nos quais os assuntos tratados visam a edificação, a exemplificação, com o infalível apoio da “chave de ouro” explicitando os desígnios do poeta. Sua forma contida, segura e mecanizante, prestava-se muito para a “educação” do público. Educação que se fazia não a partir de contínuas desestruturações, mas a partir do reforço de atitudes estéticas já consagradas. E, nos últimos anos da existência de *Kosmos*, ali aparece a figura de Olegário Mariano como a simbolizar a garantia de uma permanência, que se arrastaria penosamente até o limiar da década de 20 e que porfiava pela manutenção da sensibilidade neo-helênica. “Não esmorecer para não desmerecer.” Sua estatuária ainda é de mármore lúcido, cuja impassibilidade e serenidade preenchem o gosto raso do consumidor bem ajustado. Complementam-se.

*“No pedestal da minha fantasia
Quis que se erguesse a estátua da beleza,
Calma e serena, cismadora e fria
De uma sublime e cândida pureza.*

*Da pedra rude eu pouco a pouco abria
Feições humana (sic) de ideal clareza
Pondo nestas feições tudo que havia
De mais divino pela natureza.*

*Artista e sonhador, prossigo; a frente,
A cabeça, o nariz, a boca, os olhos,
O corpo enfim vejo de mim defronte.*

*Vejo-o e pergunto: Que desejas, Hero;
Um vestido de gazes e de folhos?!
— ‘Não!’ — ela diz — ‘É um coração que eu quero’” (4.6.2.1.)*

Contra essa galeria gelada, levantar-se-ia Mário de Andrade, martelando impiedosamente todas as figuras “de uma sublime e cândida pureza”. Junto com ele muitos outros haveriam de desprezar “as gazes e os folhos” externos para sair em busca de novas fibras cardíacas que pulsassem com maior vitalidade. E o sonho continuista de Olegário Mariano, que, na esteira de Bilac, seria brevemente sagrado como poeta oficial, como “Príncipe dos poetas brasileiros”, desmoronar-se-ia, não sem tempo, diante da fúria criadora dos rebeldes de 22.

CAPÍTULO 5

A CRÍTICA

“A crítica literária é, aliás, relativamente nova no Brasil; ainda não tem história.”

OTTO MARIA CARPEAUX

A quantas andava a crítica literária nacional nos anos em que se publicou *Kosmos*? Quais os padrões estéticos que a orientavam e quem os sustentava? Qual o prestígio, a repercussão e a penetração da revista em termos de crítica? Haveria correlação de forças entre a modernidade técnica, reiteradas vezes reclamada, desejada e demonstrada graficamente pelo periódico, e a modernidade dos princípios críticos? Ou, mais uma vez, o alcance das formulações críticas era limitado pela faixa dilatada de consumidores, satisfeitos apenas com a *aparência* moderna do periódico?

“O momento era de sincretismo, ecletismo e diletantismo”, afirma Afrânio Coutinho¹, e os responsáveis maiores pela condução da crítica nacional — Araripe Jr. (1848-1911), Sílvio Romero (1851-1914), José Veríssimo (1857-1916) e João Ribeiro (1860-1934) — militavam intensamente, com exceção de Nestor Vitor (1868-1932) que permanecia na Europa entre 1902 e 1905.

Mas, entre os nomes de maior prestígio da crítica literária de então, apenas Veríssimo ocupa as páginas da revista, onde dá início aos primeiros capítulos de sua *História da literatura brasileira* (3.12.3.1.; 5.9.3.1.; 5.10.3.1.; 5.12.3.2.) e onde assina também, com a simples letra V., alguns artigos de caráter diversificado: “Limites do Brasil e da Bolívia” (1.1.5.1.); “O território do Acre” (1.2.9.1.); “Diplomatas e escritores brasileiros” (1.3.30.1.) e “Graça Aranha” (1.11.3.3.). Secundavam-no nomes como Gonzaga Duque, Olavo Bilac, Alcindo Guanabara, Reis Carvalho e outros.

¹ COUTINHO, Afrânio. A crítica naturalista e positivista. In: —, org. Op. cit., v. III, p. 60.

A quantidade respeitável de artigos críticos em geral (90 no total, o que dá média de 1,5 por número) e a intenção programaticamente cultural de *Kosmos* são fatores que podem conduzir-nos à ilusão de se tomar a revista como órgão de acentuado pendor literário, representativo de alguma tendência.

Nada mais falso, pois o ecletismo da época aproveitava ao seu esquema de difusão cultural, que, por sua vez, não impunha nenhuma exigência de definição precisa, antes favorecia a cobertura de amplo e variado espectro de orientações. *Kosmos* concretizava o jornalismo que dava passos vacilantes rumo a definições de faixas consumidoras, ainda até hoje pobremente discerníveis em vista de nosso desenvolvimento desequilibrado, e por isso mesmo precisava assegurar-se, mantendo-se alerta a todas as direções. Afora isso, parece que a calmaria do momento não oferecia estimulantes generosos para o exercício do ofício literário.

É preciso lembrar ainda que, dentro da revista, as artes plásticas ofereciam vigorosa concorrência para a literatura, e ambas, em equilíbrio numérico recíproco, ocupam mais de 2/3 do total de artigos de crítica: há aproximadamente 35 artigos de literatura e 37 de artes plásticas (30 de pintura e 7 de escultura). O terço restante fica por conta do teatro (9), música (3), artes gráficas (2), educação artística (2), mobiliário (1) e numismática (1).

Será, portanto, a partir de uma leitura atenta dos textos sobre literatura e artes plásticas que se poderão inferir alguns dados genéricos acerca do comportamento crítico da revista.

Evidentemente, se anos depois a revisão crítica do período consagra-o como "sincrético, eclético e diletante", nada de extraordinário se pode esperar de um dos espelhos da época, idealizado para projetá-la de modo edulcorado.

No entanto, consegue-se garimpar aqui e ali alguns momentos de maior consistência, que se organizam em torno de determinadas preocupações básicas como liberdade de criação, juízos sobre o Simbolismo, Inovação × Sistema, política educacional no ensino da arte, etc.

Surgindo num tempo posterior a intensos embates de afirmações estéticas, *Kosmos* beneficiou-se, até certo ponto, da quietude relativa a seu redor e deixou-se funcionar como caixa de ressonância dos confrontos do final do século XIX, cujos sons, embora atenuados, eram ainda audíveis. Portanto, excluindo-se breves intervalos de total incompreensão perante o Novo (Tomás Lopes, 3.5.3.2.), a maioria dos textos se mostra tolerante e indulgente,

não sem antes refletir também certa escassez de sólidas balizas judicativas.

Sabe-se, por exemplo, que durante a emergência dos vários “ismos” literários no final do século XIX brasileiro, o Simbolismo foi o que maior guerra de desgaste sofreu. Os ataques contra o Realismo-naturalismo, sobretudo de fundamento ético e não estético, descoloriram-se logo, e o Parnasianismo contava com poderoso tríduo, do qual um dos participantes abria *Kosmos* mensalmente. A razão, talvez, por que o Simbolismo tenha sido a maior vítima não pode ser uma só, como já vimos. Todavia, o espanto maior talvez tivesse sido produzido pelo atrevimento em remexer camadas mais íntimas da expressão verbal, o que botou para fora potencialidades lingüísticas encobertas, desarticulando e contestando temporariamente uma linguagem literária que se esforçava por refletir uma realidade histórica estranha a nós ou não.

O que interessa aqui, no entanto, é ver como reagiam alguns colaboradores de *Kosmos* diante de um movimento poético que contou com poucos simpatizantes entre a crítica estabelecida. E, por conseguinte, o que se considerava (e, implicitamente, se recomendava ao leitor) como “boa” literatura.

José Veríssimo assinava em janeiro de 1906 um longo texto de seis páginas, “Vida literária — Uma poetisa e dois poetas” (3.1.3.3.), no qual dispensava atenção a *Pedras preciosas*, de Luís Guimarães Filho, *Vibrações*, de Júlia Cortines, e *Últimos sonetos*, de Cruz e Sousa.

Quanto ao primeiro, seus louvores dirigiam-se “à correção da forma, perfeição do verso, brilho da palavra e da rima”, que compunham “um estilo vivo, alegre que nem um dia de primavera, um *estilo de moço contente de viver*” (grifo nosso). De Júlia Cortines, Veríssimo requeria apenas “mais franca manifestação” da inspiração e não hesitava em recomendá-la “como um poeta tão bom como os nossos melhores”.

A crítica condescendente dos dois primeiros e que resvala pela galanteria no caso de Júlia Cortines², ganha estranha conotação quando se aproxima de Cruz e Sousa.

Veríssimo nunca viu com bons olhos a poética simbolista, e, se sua discrição não lhe permitia ataques desenfreados, também

² O crítico esforça-se por evitar a discriminação e a reconhece de antemão, mas não o consegue: “Não é fácil falar com desembaraço das mulheres autoras, pois, por mais que elas como escritoras se extremem do seu sexo, exige a mais elementar galanteria que não as tratemos senão como senhoras”.

não lhe permitia lisonjas conciliatórias. Entretanto, neste artigo em especial, o crítico ameaça atenuar seu rigor, ao proclamar logo no início:

“Os Últimos sonetos [publicados em 1905] *modificaram de muito o juízo que desde o seu primeiro livro de versos fiz do malgrado poeta preto. Nunca ousei dizer que em Cruz e Sousa não houvesse absolutamente matéria de poesia, nem sensações e sentimentos, ideação bastante, dons verbais capazes de fazer um poeta. Admiti sempre que os havia mas...*”.

A atenuação, todavia, fica apenas esboçada porque longe de compreendê-lo ou de rejeitá-lo inteiramente, o crítico escolhe, deliberadamente ou não, um caminho áspero e suspeito: o da compaixão etnocêntrica que sabe a racismo. Fincado vigorosamente sobre os valores de uma sociedade “branca”, o crítico insiste em mencionar a epiderme do poeta e a sua quase marginalização social e, depois de lembrá-lo como “fenômeno de psicologia étnica”, afirma que sua aceitação no rol de poetas impunha-se “porque ele foi o que foi, um negro bom, sentimental, ignorante, de uma esquisita sensibilidade...”³.

Para Veríssimo, Cruz e Sousa não teria sido poeta não fora o atrito com o ambiente social⁴, e é nessa linha, ressumando a determinismo, que se deve buscar a razão de seu procedimento poético, assentado sobre repetições vocabulares, próprias dos “primitivos”. O ritmo de seus versos, carregados de “monotonia barulhenta do tam-tam africano”, teria destinado o poeta de Desterro ao gozo de “cobres sonoros e das zabumbas e tambores estrepitosos” e não “para a música de câmara, para os conjuntos de violinos...”⁵.

³ Na obra em que Skidmore analisa o dado racial da sociedade brasileira (*Black into white*), o historiador menciona Veríssimo como um dos intelectuais que acreditava na fusão étnica como solução de “embranquecimento” (*whitening*). Em artigo no *Jornal do Comércio* (4 dez. 1899), ainda segundo Skidmore, Veríssimo declarava: “Estou convencido, como o Sr. Oliveira Lima, de que a civilização ocidental só pode ser obra da raça branca e de que nenhuma grande civilização pode ser construída com povos mistos” (*Black into white*, p. 73).

Um ensaio específico que esmiúça os impasses de Veríssimo, sobretudo os oriundos de uma busca de metodologia crítica, é o de João Alexandre Barbosa, *A tradição do impasse*.

⁴ “(...) esquisita sensibilidade, cujos choques com o ambiente social resultaram em poesia” (3.1.3.3.).

⁵ O desvendamento da gênese poética de Cruz e Sousa pela perspectiva atávica e genética ganhou curso, pois Joaquim Ribeiro envereda pela

Além da repetição rítmica e vocabular, há que se acrescentar ainda, sempre segundo Veríssimo, dois outros fatores que agravavam a poesia do autor de *Missal* e *Broquéis*: um é a carência de “sentido” de seus versos, que “não significam coisa alguma”, que não transcendem o “sentido literal” e não transmitem, portanto, experiência universal ou “mensagem”, como diriam os manuais didáticos de explicação de texto. “Outra prova da insignificação” de tais poemas reside no fato de que nem pudessem “ser talvez traduzidos”.

Ora, planta-se justamente nesta manipulação nova da Palavra tanto a angústia do poeta quanto a do crítico, habituado a parâmetros fixos para emissão de suas opiniões. O poeta atreveu-se a um jogo novo, mas o crítico recusou-se a acompanhá-lo. Para este, a impossibilidade de verter para outro idioma uma dor já incompreensível no original, funcionava como argumento sólido na rejeição do produto, cuja capacidade sub-reptícia de minar os automatismos empurra o crítico para (in)conscientes e perigosas abordagens raciais.

Sem pretender a avaliação de sua poesia, em primeiro plano, mas oferecer-nos antes um perfil humano do poeta, Gonzaga Duque assinava um artigo em fevereiro de 1909, sob o nome de “O poeta negro” (6.2.3.1.).

Mas ao percorrer caminho inverso seu texto não conseguiu escapar aos clichês da época, pois atribuía ao “deslumbramento da sua natureza originária” as causas de uma prosa “sem justeza, propriedade, conexão”, que mais parecia “uma reunião sonora de palavras penduradas a um frágil fio de idéia”.

“Guiado unicamente pela sua imaginação psicopata”, Cruz e Sousa teria sido vítima de uma “sensibilidade mórbida, que o levava a hiperestésias estéticas muito ao sabor dos requintados, ou simplesmente dos enfatiados”. Estimulado pelo provincianismo

mesma trilha ainda recentemente. Na segunda edição de sua *Estética da língua portuguesa* (1964), há um artigo, cujo título resume o conteúdo: “Vestígios da concordância banto no estilo de Cruz e Sousa”.

Julgando impossível “separar Cruz e Sousa de sua herança étnica”, o ensaísta sentenciava: “Se ele não tivesse *background* racial para explicar essas sobrevivências (sonoras e rítmicas) naturalmente interpretaríamos a predominância de aliterações em seu estilo como puro virtuosismo expressional.

Cruz e Sousa, porém, era negro e não poderia *jamais* se livrar de sua herança étnica. No seu estilo, encontramos, pois, vestígios da linguagem de seus ancestrais. É a marca do sangue africano alimentando o esplendor de seu gênio literário.” (Grifo nosso.)

Há certos elogios que constroem!

e pelo entusiasmo fácil que permeava sua *entourage*, o poeta teria perdido as próprias medidas e se lançado erroneamente ao domínio da prosa, gênero para o que “faltava-lhe estudos, métodos, crítica...”⁶

Ainda que ressaltando aquilo que Veríssimo mais condenava — a poesia —, Gonzaga Duque também destila comiseração e envolve o leitor pela indulgência ao apelar para fatores extraliterários, como o fizera Veríssimo três anos antes.

Depreende-se de ambos os textos, em última análise, um desejo intenso de “ordem”, “contenção”, policiamento de imaginação. Superados os desvarios românticos 20 ou 30 anos antes, a criatividade literária deveria modelar-se, resguardada sua liberdade, conforme tendências menos dionisíacas e mais apolíneas. O “certo” parecia confundir-se com a noção de “ordem natural”, de disciplina, e o desbordamento formal traía, sutilmente, a idéia de “errado”⁷.

Nada mais normal, então, que houvesse resistência surda contra ousadias que rejeitavam o estiolamento do Parnasianismo. De maneira delicada ou taxativa, mais daquela do que desta, importava não violentar o gosto do público consumidor, aferido de modo empírico.

Raramente, contudo, houve oportunidade para ataques tão ácidos contra um determinado tipo de orientação artística, como o desferido por Tomás Lopes em 1906 (3.5.3.2.)⁸.

Para o autor, Simbolismo, *Art Nouveau*, *Modern Style*, são tendências marcadas pelo denominador comum da insensatez, do delírio e da desordem. Foi um momento em que a

⁶ Há momentos em que Gonzaga Duque é mais veemente e deixa exposta sua incompreensão diante do simbolismo na literatura.

Em novembro de 1905, ele comenta a pintura de Pedro Américo e afirma que em seu “processo de exprimir (...) houve falhas resultantes da preocupação de dar ao desenho toda a intenção do pensamento. É o mesmo, invertidos os papéis, o que se dá com os simbolistas que, a poder de esculpir as palavras, as envolvem numa obscuridade” (2.11.3.1.).

⁷ De Medeiros e Albuquerque, Veríssimo diria: “Um bom lírico, *correto* como um parnasiano... (1.7.3.3.) (Grifo nosso.)

⁸ Textos mal-humorados como esse ou zombeteiros e sem nobreza como o de J. Marcos (4.3.1.5.) são verdadeiras exceções dentro de *Kosmos*.

Por quê?

A mim me parece decorrência do intuito programado de se dar ao público carioca uma revista digna de europeu, como que saída de “prelos parisienses” (1.2.1.3.). Isto é, um veículo “fino” em que as usuais descomposturas publicadas em jornais da época não aparecessem.

“Poesia (. . .) desvendou inspirações inconcebíveis [e] substituiu o Parnaso pelo Cáucaso. (. . .) Na Pintura, na Escultura, na Arquitetura a mania do modernismo chegou ao ponto de inventar a coisa mais absurda, mais impessoal, mais antiestética, mais angulosa, mais espalhafatosa e que se conhece pelo nome de Art Nouveau. (. . .) As estátuas do mesmo estilo não têm forma, não têm elegância, não têm linha, não têm contorno”. (Grifo do A.)

A recuperação de traços românticos, duramente abafados a partir de 1880 aproximadamente, parecia-lhe inviável e não correspondia ao intento de observação apurada da Natureza, depositária da ordem que estimulava o exercício mental e artístico. “Como é fácil a Fantasia! Como é difícil a Natureza!” lamuriava Tomás Lopes, indignado diante do contorcionismo floral do *Art Nouveau*⁹.

A adesão a um conceito vago e indefinido de Ordem e de Disciplina controlava os juízos críticos e funcionava como argumento em permanente disponibilidade, ainda que isso significasse interpretações discutíveis.

O destino dos dionisíacos era a suspeição sobre seu equilíbrio mental e sua sanidade física. Por esse caminho — o da suspeição — tornava-se fácil explicar a identificação entre Baudelaire e Poe, como o fez Mário Brant em abril de 1909, que considerava desprezíveis exatamente os momentos de maior investigação estética do poeta americano.

A rejeição opera-se num plano bem nítido, descartando-se o prosador em benefício do poeta, pois aquele, no seu gosto pelo horror superlativo e desbordante, havia ultrapassado “a liberdade tolerada à arte” (6.4.3.3.). Uma vez arranhados os preceitos de

⁹ Meses depois do artigo de Tomás Lopes, datado de maio de 1906, Gonzaga Duque pronunciava-se rápida, mas favoravelmente, sobre o aparecimento do *Art Nouveau*.

Todavia, talvez fizesse não tanto pela liberdade formal como pelo caráter utilitário de que se constituíam as peças descritas: tratava-se de uma exposição de móveis, ocorrida anos antes em Paris. Repunha-se, desse modo, o problema do Belo e do Útil, uma das preocupações ruskinianas de Gonzaga Duque.

“Eram móveis de um feitio novo, esguios, leves, verdadeiramente decorativos. Divididos em seções acaixotadas e assimétricas, ornados de pequenos espelhos, de gavetinhas, de embutidos de osso, constituíam por sua graça, por sua leveza de bambus, um adorno, um objeto barato, eminentemente simpático e adoravelmente utilizável no estreito espaço de uma saleta de habitação moderna” (4.2.3.1.).

uma ficção “verossímil” e invadidos os limites do sobrenatural, comprometia-se irremediavelmente uma prosa que saltava por cima do “racional”, do “lógico”, do “explicável”. Da ficção de Poe salvavam-se somente aqueles momentos mais próximos do real verificável, nos quais estavam “esboçados, com habilidade e vigor, alguns tipos e episódios”: “A narrativa de A. Gordon Pym”, por exemplo¹⁰. Ou ainda, alguns contos policiais, verdadeiros exercícios mentais onde se empregavam largamente “as faculdades de análise e raciocínio”, como “Mistério de Marie Roget”, “Os assassinatos da Rua Morgue”, “O escaravelho de ouro”, etc.

A poesia de Poe, no entanto, era irrepreensível, sobretudo quando a perícia do artesão conseguia recobrir “o trabalho torturado e minucioso do cinzel”. Nessa forma de expressão, segundo Mário Brant ainda, os louváveis recursos da musicalidade vocálica e rítmica do poeta não corriam o risco do delírio, porque, dialeticamente, o verso lhe refreava a inquietação. Paradoxalmente, a tirania do verso disciplinava-lhe a imaginação e a continha “nos limites do *razoável*”. (Grifo nosso.)

Já foi dito que não se pode tomar *Kosmos* como representante *direto* de nenhum movimento literário, por uma razão muito simples: seu intuito comercial óbvio, que pretendia atingir amplo consumo, prestava-se à divulgação de conceitos vagos e esparsos, tidos como portadores da idéia de “refinamento” e de “civilização”. Esse procedimento, por conseguinte, importava em oferecer ao

¹⁰ Em “A narrativa de A. Gordon Pym”, Poe embaralha propositadamente as categorias de narrador e de autor, fazendo-se passar por um diretor da *Southern Literary Messenger* de Richmond, Virginia, da qual fora *efetivamente* editor.

Por insistência do editor, Gordon Pym lhe remetera os originais de seu relato, mas sua morte súbita, ocorrida quando ainda ultimava o desfecho da narrativa, interrompe seu prosseguimento.

Ignorando esse procedimento ilusionístico, Mário Brant fixou-se certamente naquilo que havia de mais convencional dentro do conto, tanto do ponto de vista técnico, quanto do ponto de vista temático.

Aquele engloba o princípio clássico da tensão-distensão-tensão...; momentos em que a realidade verificável serve de suporte para avaliar o dado ficcional; o narrador que interfere seja para preparar o leitor para eventos, seja para assegurar-se de sua memória.

Do ponto de vista temático, sucedem-se descrições de soterramento, canibalismo, técnica náutica, confronto cultural entre brancos e selvagens, técnicas ornitológicas de nidificação, saques e pilhagens, tudo isso em meio a extensas viagens marítimas comerciais ou exploratórias e à exibição de conhecimentos geográficos aparentemente precisos.

público aquilo que fosse *fashionable* e que estivesse merecendo a atenção do jornalismo diário. Atrever-se a impor novos padrões de gosto era tarefa que não cabia a um veículo publicado em escala comercial. Mas o dilema que gera essa orientação de jornalismo para público heterogêneo é dos mais árduos e implica (além de oferecer o *fashionable* e as tendências patentes) oferecer também matéria representativa do gosto minoritário.

Assim é que, se uma parte da crítica glosava praticamente a linguagem parnasiana, um ou outro exemplo bastante isolado cumpria a tarefa de dar atenção simpática a remanescentes simbolistas.

É o caso de Rocha Pombo quando se pronuncia a respeito de *Mors-Amor*, de Félix Pacheco (2.3.3.2.).

Pretensamente crítico, o artigo de Rocha Pombo insere-se numa linha de mero impressionismo, que busca convencer o leitor à força de reiterar o caráter extraordinário dos poemas em discussão, acessíveis apenas àqueles que comungam dos mesmos ideais do poeta e que detêm a mesma sensibilidade superior. Somente “os verdadeiros espíritos” poderiam captar o universo poético expresso, uma vez que se afinam pela eleição de alma, vale dizer, por ressonâncias empáticas.

Esse tipo de retórica diluente, que nada acrescenta e que se configura como puro artifício de sustentação grupal, mostra-se na outra margem do rio também.

Mesmo Bilac não escapou à tentação do elogio desbragado quando Alberto de Oliveira publicou a segunda série de suas *Poesias* em 1905 (2.10.1.3.).

Depois de afirmar que o lirismo de Alberto é sinônimo de geolatria, na medida em que toda sua imagética repousa sobre a Natureza, Bilac se permite um juízo arrebatado e proclama seu companheiro de Parnasianismo como “o mais *brasileiro* de todos os poetas do Brasil”. (Grifo do A.)

Faltavam ao crítico, evidentemente, pelo menos nesse momento, argumentos mais sólidos que corroborassem sua opinião e, por isso, apelava para a cumplicidade do leitor e para sua conivência: “E que lindas, que harmoniosas paisagens sabe ele [Alberto] pintar! Admirai este pequenino quadro...”

Era exatamente essa atitude de reciprocidade louvaminheira que cansava José Veríssimo.

Descontado seu veio lusófobo, expresso em alguns textos (os que cuidam da origem da literatura brasileira), Veríssimo pro-

curava praticar uma crítica saneadora, desde que não se tratasse de simbolismo e de barroco, e imputava à falta de arejamento intelectual e à falta de largo público educado as causas da formação de grupelhos recalcitrantes, incapazes de discernimentos substanciais. Segundo o crítico paraense, tais grupos, carentes de argumentação convincente, abusavam de uma retórica má e tentavam impingir ao público valores que ainda dependiam de verificação mais apurada. “E o nosso público, ignaro e néscio, enganado pela repetição deste sistema praticado até por aqueles que a fama apreoga de mais talentosos e sabedores, acabou por tomar a abundância das citações por critérios de ilustração e ciência.” (3.4.3.1.)

Atingindo fundo um dos traços culturais brasileiros (senão latino-americanos), Veríssimo exigia argumentos e mantinha-se alerta quanto ao prestígio de Tobias Barreto, não só porque o tomava como simples divulgador de lições germânicas, mas também porque seus discípulos não faziam senão proclamar sua excelência, em vez de “no-la mostrar por um severo estudo” (3.4.3.1.).

Além dessas razões, o crítico recriminava Tobias Barreto pela sua linguagem empolada em textos cuja natureza científica requeria discrição: “Ele introduziu as formas sensuais do nosso lirismo, expressões de romance e de versos, comparações de novela, arranços e entusiasmos líricos até nos estudos de direito penal...” E conclui definitivamente: “Há muita literatura na nossa ciência e na nossa filosofia, tomada esta palavra literatura num mau sentido” (3.4.3.1.)¹¹.

¹¹ Aliás, essa “longa soberania da literatura” no Brasil, de que fala Antonio Candido em sua *Literatura e sociedade* (p. 158), imiscuia-se ainda nos textos científicos de *Kosmos*, cuja coexistência com a literatura e *dela servindo-se processualmente* só confirma a ambigüidade da revista.

Nesse sentido há um texto de divulgação que merece comentário à parte, pois se trata da glosa de uma descoberta ictiológica nas cavernas de Iporanga, São Paulo.

Alípio de Miranda Ribeiro noticia que Ricardo Krone descobrira uma espécie nova de bagre: o *Typhlobagus kronei* (4.1.28.1.). A notícia consta de uma descrição seca e precisa de Ricardo Krone, imediatamente seguida por comentários adiposos do divulgador, secretário do Museu Nacional naquele tempo.

“Tronco robusto, de altura contida 4 e 1/2 a 5 vezes no comprimento; peitorais providas de um acúleo forte, porém, liso que atinge o plano do

Aparentemente, a discrição que Veríssimo exigia dos demais, exerceu-a ele também de modo duplo em *Kosmos*.

Primeiro, ao assinar por extenso apenas 23 textos em 64 números da revista, dos quais somente nove manifestavam-se sobre livros recentes. Segundo, ao abster-se de uma crítica corrosiva, guiando-se por uma seriedade de ofício que não lhe permitia deslizes jocosos e que diminuía muito a margem de arbitrariedade. De sua crítica quem sabe se pudesse dizer o que José Maria Bello diria em abril de 1909 sobre Machado: “num país em que o estilo é a pompa, a adjetivação desvairada, a frase voluptuosa e quente, que causam arrepios de volúpia e calafrios de gozo, foi um sóbrio e harmônico” (6.4.3.2.) *.

Talvez fosse essa sobriedade de comportamento intelectual que aproximasse tanto Veríssimo de Machado. Alheios ao burburinho dourado da vida literária carioca *fin-de-siècle*, ambos se orientavam pelo isolamento, pela parcimônia verbal, pela economia pessoal e intelectual, se assim podemos dizer.

Os dois melhores textos críticos sobre Machado exploram exatamente sua alta contenção expressiva, aliada à extraordinária capacidade de sondagem de situações. José Maria Bello o faz num plano geral; Veríssimo esquadrinha os recursos particulares que alicerçam o romance machadiano e lhe conferem perenidade.

Meses depois da morte do autor de *Dom Casmurro*, ocorrida em setembro de 1908, José Maria Bello fecha com dignidade o último número de *Kosmos* (abril de 1909), publicando uma apreciação genérica, mas fundamentada, do romancista carioca (6.4.3.2.) *.

primeiro raio dorsal; elas têm a ponta arredondada e quando reclinadas sobre o corpo, as pontas do segundo e terceiro raios atingem o plano da implantação do terceiro raio dorsal...'

Tal é a descrição de um bagre, encontrado pelo Sr. Ricardo Krone, de Iguape, em águas das cavernas do Iporanga, também no Estado de S. Paulo. É este o primeiro peixe *spelaicola* constatado no Brasil e, como os outros da América do Norte (*Amblyopsidae*), apresenta a particularidade de ser cego. Também, é o primeiro bagre propriamente confinado à vida das cavernas, o que lhe trouxe em resultado essa atrofia dos órgãos visuais. Que gênero de vida terá esse miserando recluso?

(...)

Dedicando-lhe [ao descobridor] a nova espécie, aqui descrita, prestamos-lhe uma justa e merecida homenagem, única recompensa cabível aos que, como Horácio, preferem a coroa de hera, da frente dos doutos, aos demais prêmios da vida humana.”

Ressalta desse texto, principalmente, o louvor à serena distância que Machado soubera manter diante da efervescência realista-naturalista, sem contudo afundar-se em atitudes alienantes. Para Bello, Machado “colheu o homem na sua formação definitiva, como um produto completo, de que não quis conhecer os fatores”. Sem se entusiasmar com teorias científicas contemporâneas que, embora estranhas à lide literária, enformaram-na por longo tempo, o romancista ter-se-ia mantido a cavaleiro das causas determinantes do comportamento do personagem, para surpreendê-lo em ação. Como “faltava-lhe a ousadia do prosélito, (Machado) não tentaria nunca destruir a ordem das coisas, aceitando a imbecilidade ambiente com uma bonomia de aparência ao menos”. (Grifo nosso.)

Escorado nesse argumento, Bello, ao esboçar um paralelo de Machado com Eça, pende perceptivelmente para o lado do nosso romancista, cuja novelística não sacrificara “sua impassibilidade superior de artista” que pretende a regeneração do mundo pelo sarcasmo, irreverência e iconoclastia, como o fizera o autor português. A crítica machadiana “se contenta em ferir de leve; não quis descer ao âmago das coisas”, conclui o ensaísta.

Isto num plano geral.

Num plano particular, Veríssimo detecta e desmonta um dos artifícios de composição do romancista que estrutura essa visão irônica e quase divinamente tolerante.

Para o crítico do Pará, a aparente superficialidade, que paradoxalmente escava fundo, construía-se por obra de um relativo distanciamento do personagem, o qual, liberto da atenção meticulosa e, eventualmente, constrangedora do narrador, agia autonomamente e expunha-se vulnerável. “Ao contrário da maior parte dos romancistas, ele (Machado) não as descreve (as personagens) minuciosamente, salientando suas qualidades e defeitos, não lhes enumera as virtudes e vícios, nem lhes diz por miúdo os hábitos e costumes, não as pinta em suma por dentro e por fora; apenas fá-las falar e obrar o mais *discretamente* que pode...” (1.12.3.2.; grifo nosso.)

De modo intuitivo e tateante (despretensioso?), Veríssimo tocava num ponto teórico de alta valia para a narrativa, ou seja, a “omissão” do narrador, tópico que já preocupara Flaubert, Henry James e Checov, por exemplo, e que viria a constituir-se num tema fundamental para discussões teóricas posteriores. Em resumo, a impassibilidade machadiana levava-o à prática do

showing narrativo, em aberto contraste com a maioria dos escritores nacionais seus contemporâneos, apegados ao *telling*, à *overt rhetoric*¹², aquela que se constrói a partir de uma intromissão escancarada do autor disfarçado de narrador.

Desprezando os elementos retóricos perceptíveis (tomados num sentido estrito), aqueles facilmente reconhecíveis, separáveis, “amigos do leitor”, como ensina Wayne C. Booth¹³, Machado, implicitamente, impunha ao leitor a tarefa de co-autoria, tão decantada na ficção e na crítica de hoje. Crítico e autor conjugavam-se, portanto, na obra de elevar a ficção do momento a níveis superiores, antecipando-se bastante, em plano nacional, a conquistas tardiamente atingidas. E talvez se pudesse atribuir a Machado, fosse ele preocupado em teorizar sobre romance, o que um romanista jovem americano afirma: “I shall allow you to eavesdrop on my people, and sometimes they will tell the truth and sometimes they will lie, and you must determine for yourself when they are doing which”¹⁴.

Trechos como esse de J. Veríssimo ou de J. M. Bello, com densidade crítica, são raros em *Kosmos*, infelizmente. Como revista em leque, no entanto, suas páginas acolhem matéria de mais variado sabor e tendência, constituindo-se num vasto depósito vivo para onde afluíam mercadorias culturais sintomáticas de um conceito vago de Progresso. E reside exatamente nessa diversidade a dificuldade de se apanhar com segurança um filão crítico consistente e rendoso a fim de explorá-lo o máximo possível. O que nos resta é saltar de pedra em pedra, em busca de uma faísca promissora, que se apaga rapidamente, dada sua limitada superfície.

No setor de crítica literária, um dos elementos que também sustentava a noção nebulosa de Progresso consistia na consideração da “mensagem” moral desta ou daquela obra. Ignorando o texto do ponto de vista do procedimento intrínseco, o crítico detinha-se em depreender e acentuar os valores morais que da obra emanavam. Conscientemente ou não, essa atitude talvez respondesse ao afã de redimir o povo pela educação, ideal bastante generalizado na época e que suscitara as mais diversas propostas

¹² Para uma exposição mais prolongada e detalhada desta linha de investigação na novelística, ver BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*, esp. Parte I, Cap. III, p. 67-86.

¹³ BOOTH, Wayne C. Op. cit., p. 106.

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 8.

de solução: tomar a literatura como meio de recuperar a massa, moral e/ou socialmente, era tarefa que se acreditava da responsabilidade do intelectual, cuja confiança na palavra escrita e na educação como remédio social¹⁵ levou-o a sobrestimar seu ofício e a receitá-lo como recurso para males de origem política e econômica. A urgências coletivas respondia-se com edificações individuais.

Nessa perspectiva, enquadra-se Reis Carvalho que, depois de considerar *Don Quixote* como “admirável quadro de patologia cerebral” (2.6.3.2.), demora-se em apreciar o contorno moral da obra, segundo uma ótica positivista.

A epopéia cervantina, para ele, atingia dimensões de excelência não porque houvesse contestado o sistema narrativo vigente, mas sim porque provocava especulações éticas e incitava à “edificação moral”. “Cada uma das máximas é um meio para ser puro e bom, é um preceito justo para comprimir o egoísmo e exaltar o altruísmo, para realizar enfim o tipo da virtude.”

Essa mesma conduta crítica moralizante encontramos em um texto sobre Chateaubriand, de autoria de Oliveira e Silva (2.9.3.2.), que, ao expor a opinião condenatória de um padre sobre o René do *Gênio do Cristianismo*, praticamente endossa-a e recrimina a solução de suicídio para o personagem, “tipo mórbido de atitudes e maneiras, flor de uma época desvigorada por uma dissolução de faculdades intelectivas e volitivas, sem firmeza de contornos, vago e indefinido, próprio unicamente para abater caracteres”.

Literatura como fonte de ensinamento moral, na qual o Bem e o Mal se mesclam para estimular a prática da virtude individual, dava margem também a examiná-la segundo um ponto de vista da sua utilidade social, no sentido de aferi-la como agente eversor de uma dada realidade constituída. Segundo esta maneira de encará-la, manifesta-se o apreço de Alcindo Guanabara pela obra de Dickens, em quem vê um realista *avant la lettre* (2.10.3.2.).

Para o articulista, um dos critérios de julgamento estético deve ser a correspondência de veracidade entre objeto narrado e narração, e nada mais convincente que os personagens e situações elaborados pelo romancista inglês, fixados com uma “precisão fotográfica”. Antecipando-se à voga realista do continente europeu, Dickens, ao denunciar fissuras da sociedade inglesa, teria emprestado à literatura um rumo utilitário: “Ainda a literatura era apenas

¹⁵ FRANCO, Jean. *The modern culture...*, p. 68. Devo ao colega Andrés Avellaneda a indicação deste texto.

uma arte de prazer, um esforço de imaginação, alheio à vida, alheio aos interesses da humanidade e já Dickens não a concebia sem um fim prático e sem um objetivo útil”.

A admiração de Alcindo Guanabara, que aparentemente implica uma sutil recomendação de orientação literária, é parte de uma ideologia que propunha o questionamento nacional por meio do produto literário. Nada mais acertado numa época em que ainda carecíamos de maiores dados científicos básicos para configuração de nossa nacionalidade, como reconhece o próprio Veríssimo (3.12.3.1.). Por outro lado, não é estranha a essa sinuosa sugestão a idéia de uma diversificação de fontes culturais, repetindo-se no plano literário o que ocorrera um século antes com a Abertura dos Portos. Isto é, relaxar a concentrada atenção sobre fontes francesas, abrindo-se espaço para acolher outros influxos, paralelamente.

Nesse sentido, apesar das cerradas críticas de Veríssimo à germanofilia de Sílvio Romero e de Tobias Barreto (1.3.3.2.; 3.4.3.1.; 4.1.3.1.), increpada sobretudo de diluente, Joaquim Viana, em seu único texto publicado em *Kosmos* (5.12.5.1.), saúda, com cautela, a abertura de uma Sociedade Brasileira de Estudos Alemães no Rio de Janeiro.

Seu texto começa por considerar o evento como ocasião de “restringir o exclusivismo do predomínio da cultura francesa no Brasil”, verdadeira colônia cultural, e, ao mesmo tempo, sugere medidas práticas para coibir novos avanços de dominação intelectual. Uma delas é a fixação de uma língua literária, estruturada a partir da publicação maciça de dicionários, gramáticas, obras de referência e obras didáticas, enciclopédias, ficção, com o conseqüente abandono gradual das fontes informativas que transmitem modelos culturais alienígenas. “Lêem-se no Brasil muito mais romances e volumes de poesias franceses do que brasileiros e quanto aos livros didáticos os nacionais são uma minoria insignificante.”

É claro que sua proposta não desconhece a precariedade de nosso sistema cultural de então, muito mais sujeito a importar do que a formular. Para a formação de nosso lastro cultural futuro esperava-se a captação de recursos estrangeiros *diversificados* em aliança com o reconhecimento simultâneo de nossos próprios valores culturais, sem chauvinismo, sem xenofobia. Tratava-se de trabalho lento, de longa gestação, sem “Sete de Setembro nem campo do Ipiranga”, como ensinava Machado de Assis em seu

“Instinto de nacionalidade”, oportunamente transcrito em outubro de 1908 (5.10.3.2.).

O artigo de Machado, publicado 35 anos antes em *Novo Mundo* (New York, 24 mar. 1873), concedia sucinto espaço à atividade teatral brasileira (fluminense, seria melhor!), porque o autor estava interessado em centrar sua análise sobre os componentes nacionais das manifestações artísticas, e o teatro, segundo ele, carecia muito de tais componentes, uma vez que a asfixiante influência francesa descaracterizava-o por completo. Para o crítico, as poucas e meritórias iniciativas de Alencar, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Martins Pena, haviam sido insuficientes para conter a avalanche d'além mar, que se espalhava generosamente em níveis diversos de qualidade.

Nos dez primeiros anos do século, a julgarmos exclusivamente por *Kosmos*, o panorama não teria mudado. A França continuava imperando em nossos meios teatrais, dispensando possíveis concorrentes nacionais, mas já enfrentando a música lírica italiana na preferência do público culto.

Artur Azevedo é o responsável pela cobertura do setor de música e teatro, e a parcimônia de textos a respeito constitui para nós um enigma, uma vez que o público consumidor de *Kosmos*, supostamente “sofisticado”, deveria ser freqüentador assíduo das salas da época e, portanto, interessado no assunto¹⁶.

É muito pouco o que nos dá Artur Azevedo. Todavia, dois pontos fundamentais emergem sistematicamente de seus poucos textos: o prestígio imenso das produções estrangeiras e o acentuado gosto do público pelos malabarismos técnicos.

Com relação a este aspecto, Artur Azevedo dirige restrições a Moreira de Vasconcelos que, solidário e/ou sensível ao gosto generalizado, reconstruía o episódio da Conjuração Mineira em moldes extremamente pessoais, ignorando as bases históricas e manejando os eventos em função de um enredo aliciante e “complicado” (1.5.3.1.)¹⁷. Complicá-lo, organizá-lo de forma a reter

¹⁶ Nos 64 números de *Kosmos*, Artur Azevedo assina apenas nove artigos, seis dos quais a respeito de teatro e de música.

¹⁷ Essa crítica direta ao gosto pela peripécia, Artur Azevedo encaixa-a em sua obra sempre que se dá a oportunidade.

Em *O Mambembe* há o seguinte diálogo entre uma atriz e um coronel roceiro, com fumos de dramaturgo, que pretendia levar à cena sua peça *A passagem do Mar Amarelo*:

“Laudelina — Mas deixe-me dizer... O Mar Amarelo fica entre a China

a atenção do público equivalia, no plano estrutural, a lançar mão de sedutores recursos técnicos disponíveis, no plano da montagem. Prevalencia enredar o público, fosse por uma tecedura rocambolesca de situações, fosse pelo auxílio da incipiente técnica de iluminação, como no caso de Loïe Fuller, cujos quadros “nenhum interesse despertariam se não fossem os efeitos da luz elétrica, projetada de combinação com alguns vidros de cor” (1.6.3.1.).

A utilização de tais expedientes, tributários da “mágica aparatosa, (de) tudo o que fala aos sentidos e aos instintos inferiores”, como já alertava Machado no texto acima referido, espriaiava-se impetuosamente a ponto de se confundir qualidade com virtuosismo técnico. Comportando-se com coerência dentro de um conceito degradado de bom gosto, o público estimulava, no caso da música, não os momentos raros de execução criativa, mas aqueles em que a capacidade de alcance vocal preenchesse o espaço a seu redor. É por essa razão que Artur Azevedo lamenta a ausência de público nos concertos de Schelling, Bauer e Casals (1.6.3.1.). Para o crítico, o gosto se corrompera por um equívoco de orientação proveniente dos altos escalões oficiais. Empenhado em divulgar a arte lírica européia, o governo subsidiara “cantores caros a preços reduzidos” e “o resultado foi habituar-se o carioca, desde então, em se tratando de música, a fazer questão unicamente dos cantores, sem se importar ou pouco se importando com o resto. Dêem-lhe boas vozes, e ele está nas suas sete quintas!”

Embora o teatro suscitasse amplo apelo popular, *Kosmos* não lhe dedica tantas páginas, como dedica, por exemplo, à pintura. Ignoramos as razões, e diante de tão minguada quanti-

e o Japão, e o senhor fala em Moisés e Faraó. Creio que se enganou de cor: deve ser o Mar Vermelho.

Pantaleão — Vejo que a senhora sabe geografia. Ainda bem! Eu lhe explico: O assunto do drama, é, realmente, a ida do povo de Moisés à terra da Promissão, mas se eu fizesse sair ali da Palestina para levá-lo ao Egito, passando pelo Mar Vermelho, seria uma coisa à toa! Quis dar mais peripécias ao drama. Fiz com que o povo desse uma volta maior. Levei-o pela Sibéria, para haver uma cena nos gelos... De lá ele desce à Mandchuria, da Mandchuria à Coréia, da Coréia ao Japão, do Japão atravessa o Mar Amarelo. Fim do sexto ato. No dia seguinte...

Laudelina — Como no dia seguinte?

Pantaleão — O meu drama leva dois dias a representar-se. Então a senhora queria que eu fizesse toda essa viagem numa noite só? No dia seguinte, o povo de Moisés vem pela China, Indostão, Afganistão, Beluquistão, Arábia, e então é que passa o Mar Vermelho! Fim do ato décimo segundo!

Laudelina — Deve ser bonito!” (AZEVEDO, Artur. *O Mambembe*. *Revista de Teatro*, p. 20.)

dade de textos torna-se temerário especular sobre o comportamento crítico, exceto constatar que, por meio dos poucos textos disponíveis, argüía-se a falta de um repertório nacional (5.6.3.2.) e reclamava-se maior criatividade (1.9.3.2.).

As artes plásticas, ao contrário, gozavam de amplo acolhimento no periódico, que publicava tanto a crítica do objeto estético, como a crítica que encorajava o modesto agrupamento de artistas, sempre à mercê de preferências oficiais erráticas.

A figura proeminente no setor das artes plásticas era, sem nenhuma sombra de dúvida, Gonzaga Duque. De seus 58 textos, 28 relacionam-se diretamente com a pintura, escultura ou gravura. A esses 28, acrescentem-se mais 6 interessados em arte gráfica, numismática, mobiliário ou educação artística.

Átuando de modo hesitante e/ou complacente, como já vimos páginas atrás com relação a Cruz e Sousa, traindo eventualmente uma insuficiência de princípios teóricos sólidos ou investindo contra a estrutura da pirâmide artística encimada pela Escola Nacional de Belas-Artes, Gonzaga Duque passa em revista o momento e oferece subsídios valiosos para um futuro historiador das artes plásticas brasileiras desse período.

Complacência (que escondia hesitação?) mostra ele novamente quando dedica um artigo aos "Imagistas nefelibatas" (3.5.3.1.) *, que, na verdade, não é senão uma espécie de resenha apressada de *L'école decadente*, de Anatole Baju (publicado em 1887), e de um outro livro de Adolphe Retté, cujo título não se menciona, mas que trata de Max Nordau quando pesquisava Paris para compor suas *Degenerescências*.

Gonzaga Duque limita-se praticamente a transcrever longos trechos de A. Baju que lhe permitem aproximar decadentes e simbolistas dentro de uma esfera em que o "vago", o "indefinido", fossem a marca característica de sua expressão artística. "A literatura decadente propõe-se a refletir imagem desse mundo spleenético. Ela não aproveita senão o que interessa à vida. Nada de descrições, porque supõe tudo conhecido. Apenas uma síntese rápida dando a impressão do objeto. Em vez de pintar, faz sentir; procura dar a sensação das coisas..."

Em seguida, o articulista vale-se de A. Retté, que narra as experiências dos grupos boêmios parisienses quando perceberam estarem sendo observados por Max Nordau:

"Desde esse momento decidimo-nos fornecer-lhe os mais terríveis documentos sobre a nossa individualidade. Um dizia-sê

adepto dos costumes contra a natureza e celebrava as belezas do amor unissexual; outro apresentava-se como sectário dos paraísos artificiais e absorvia, ostensivamente, bolinhas de miolo de pão que fazia passar por pílulas de ópio ou de haxixe. (...) Nordau exultava, registrava o que ouvia, com jubilosa atividade. E assim foi composta a parte da Degenerescência que se ocupa dos simbolistas”. (Grifo do A.)

Baseando-se, então, na rejeição das formas fixas, do figurativismo pictórico, do descritivismo poético, e aliando esses pressupostos estéticos a um comportamento grupal e/ou individual que tendia para o excêntrico, Gonzaga Duque conclui que os “excessos” decadentistas/simbolistas eram devidos à imaturidade etária e à falta de treinamento técnico, “de estudos sérios em cursos preparatórios de desenho”. Mas — e aqui infiltra-se sua condescendência misturada com uma ironia superciliosa — é preciso compreendê-los, pois, “pondo de parte o esforço das tentativas, esforço que triunfou mais tarde com a fixação e clareza da nova estética, essa arte foi simplesmente uma inofensiva mistificação à gravidade cabeçada do farto burguês e aos *sólidos princípios* esfarrapados da Crítica de palanque. O que ela fez, fizeram o romantismo, a escola naturalista e esse muito combatido grupo dos impressionistas”. (Grifo do A.)

Não patrocinando ostensivamente as novas pesquisas estéticas e nem aguilhoando ferreamente o estabelecido, Gonzaga Duque equilibrava-se com perícia na linha demarcatória de um veículo jornalístico que oferecia o Novo para uma faixa de público pouco interessada em ousadias, além dos limites por essa mesma faixa estabelecidos.

Mas, por outro lado, a função do crítico impunha-lhe o dever de procurar compreender os novos valores e de prevenir seu público contra qualquer espécie de preconceituosa rejeição sumária. “Condenar a um artista por se afastar dos meios clássicos da sua arte, é um caturrismo que quase sempre atinge ao absurdo.” (1.8.3.1.)

Se Gonzaga Duque não dispunha de uma linguagem crítica eficiente, se não se assentava sobre princípios estéticos sólidos, não se pode negar-lhe, porém, atualização e nem mesmo abertura, eventualmente respingada daquela tolerância intrigante.

Sua disponibilidade cautelosa deveria funcionar como poderoso fator de estímulo para os jovens pintores e ao mesmo tempo revelava, aqui e ali, conhecimento do que se passava na Europa.

Seria imprudente falar-se em influências impressionistas sobre o meio, mas não se pode deixar de reconhecer certas ressonâncias desses princípios estéticos que produziram escândalo na Paris da segunda metade do século XIX.

Com certa timidez compreensível, respaldado sempre na autoridade européia, Gonzaga Duque gaba certas produções pictóricas nas quais a luz natural marca presença e nas quais os contornos não são mais vincadamente definidos.

Comentando um quadro de Artur Ferreira em 1904, o crítico salienta “a impressão de coisa fofa, sem consistência, em que a mantilha *se confunde* com o volume dos cabelos e estes com a densidade da carne. É como *reflexo* de um ente, não é *precisamente* o rosto de alguém. Uma vez, porém, atendida essa cabeça, a epiderme do rosto realça-se num frescor de mocidade e o modelado do rosto *se revela suavemente* num *avultamento vago* e exato...” (1.8.3.1.; grifos nossos). E, anos depois, em 1908, a pintura de Hélio Seelinger atraía sua crítica favorável por causa do nuançamento da cor conforme a luz, por fixar uma beleza feminina não-helênica e por preferir a mulher sensual à matrona (5.3.3.2.).

Nunca desprezando o exercício contínuo, condição básica para o aprimoramento artístico, o pintor deve também, segundo Gonzaga Duque, manter-se constantemente atento à variação cromática causada pela incidência móvel da luz solar, o que, por conseguinte, implica convite ao abandono do ateliê fechado. “É por isso que os três grandes mestres da paisagem, Huet, Rousseau e Corot (...) afirmaram, com o exemplo, a necessidade de viver no campo, de estar vigilante às modificações rápidas dos efeitos, de observar constantemente o aspecto da vegetação sob a direção da luz, de estudar conscienciosamente a forma própria, característica, indicativa de cada árvore, que é o *caráter das coisas* de que fala Ruskin.” (1.10.3.1.; grifo do A.)

O esteta inglês de acentuada influência na segunda metade do século XIX parece ter fornecido balizas seguras para Gonzaga Duque que, eventualmente, recorre a suas lições enquanto pratica o mister crítico nos cinco anos de *Kosmos*¹⁸.

¹⁸ O Ruskin que interessava a Gonzaga Duque era apenas o esteta. O intransigente e algo romântico inimigo do capitalismo inglês, que se expõe abertamente em *Unto this last* não é lembrado pelo crítico brasileiro. Um outro artigo de Pedro de Belmonte, “A obra de John Ruskin” (6.4.3.1.), avizinha-se mais das inquietações sociais do pintor inglês. Pedro de

Em 1908, por exemplo, ao cobrir a exposição de Roberto Mendes, em quem elogiava o empenho na fixação da luz tropical, Gonzaga Duque argumentava com bases ruskinianas. No entanto, para ajustar o pintor às teorias vindas da Inglaterra e para explicá-lo como seguidor de tais tendências, o crítico abre mão de um dos preceitos que ele próprio mais recomendava: a necessidade do exercício contínuo.

Para Ruskin, a diferença entre um artista experimentado e um novato não residia necessariamente no exercício porfiado, elemento refinador da habilidade técnica, mas sim na sensibilidade de captação e no contacto permanente com a natureza. “Ser destro e pintar a erva ou os arbustos com bastante verossimilhança para satisfação da vista, é uma habilidade que um ou dois anos de aprendizagem poderão dar a quem quer que seja. Mas surpreender na erva ou nos arbustos esses mistérios de invenção e de combinação pelos quais a natureza fala ao espírito; descobrir até nas minúcias de mais insignificante aparência e mais desprezíveis a chama incessante do poder divino que tudo embeleza e glorifica; mostrar enfim, todas as coisas aos que não sabem ver e não pensam: eis o que é verdadeiramente o privilégio e a especial vocação do espírito superior...” (4.6.3.2.) *

Jeitosamente, como se vê, infiltravam-se no meio artístico carioca princípios estéticos que combatiam o critério da fidelidade ao objeto motivador da obra de arte e que, por outro lado, estimulavam a liberdade de (re)criação, a mediação do artista entre Deus e a Humanidade (de acentuado sabor romântico) e o conceito do artista como “espírito eleito”, tema corrente no Simbolismo.

Dizemos “jeitosamente”, porque Gonzaga Duque não se arrovava arauto de boas novas, nem pretendia a demolição iconoclasta de princípios firmados. Enquanto crítico do objeto de arte em si, seu comportamento pautava-se pela moderação atenta e pela prudência de quem parece conhecer seu público.

Belmonte afirma que Ruskin, ao pretender reunir o Belo, o Verdadeiro e o Bem, “alvejava um melhoramento humano, era a união da estética à moral”. Mas ao tentar interpretar mais claramente o pensamento de Ruskin, Belmonte revela seu fundo paternalista e interessado: “A idéia dominante no grande homem era (...) desenvolver o instinto estético das classes pobres e obter operários necessários às artes aplicadas, sobretudo à decorativa”. Em suma: formação de mão-de-obra especializada para produzir objetos de consumo destinados às classes de forte poder aquisitivo.

Daí a dificuldade de recortá-lo com precisão. Seu juízo crítico zigzagueia, poucas vezes atingindo com perspicácia o cerne da matéria. Geralmente, sua linguagem supostamente crítica adere ao objeto em causa e apela para o descritivismo¹⁹, e, quando se abre a oportunidade do rigor judicativo, o crítico esgueira-se ora pela condescendência, ora pela ironia. Ironia que, por exemplo, subestima a intelectualidade burguesa do momento, como se dela ele não fizesse parte, e que, no fundo, implica sentimento de autodesenraizamento, de desajustamento ao meio ambiente: “De caso pensado estabeleço o desquite das componentes intrínsecas da obra, porque o princípio de que num trabalho de arte — forma e idéia se confundem — é coisa de *complicada* discussão para os *bugres de cartola* que formam a maioria sabichona do nosso meio intelectual” (2.10.3.1.; grifo nosso). A veemência das primeiras afirmações esmorece na hora decisiva, quando mais se fazia necessário seu concurso para explicitar seu ponto de vista, cumprindo assim a tarefa que compete à crítica no jornal.

Prudente ou ponderado, o certo é que a linguagem de Gonzaga Duque não conhecia o destemperado, a indelicadeza, o ataque pessoal²⁰, de que é exemplo o texto de J. Marcos, mencionado páginas atrás (4.3.1.5.), no qual a zombaria substitui o discernimento.

Sua ponderação desmanchava-se, no entanto, quando enfrentava os fatos diários da vida artística, seu lado prático, o oficia-

¹⁹ Ver, por exemplo, 1.6.3.2.; 1.7.3.2.; 2.1.3.1.

Examinando uma exposição de Correia Lima em 1906, Gonzaga Duque lamenta que ninguém lhe tenha dado maior atenção e que ninguém tenha se animado a “escrever coisas *facetadas e floreadas* sobre tão delicados produtos...” (3.1.3.1.; grifo nosso).

Confirmando o juízo de que Gonzaga Duque ressentia-se de maior base teórica, Andrade Muricy tenta socorrê-lo: “sua estética é impressionista, e da sua crítica não se deve exigir que estivesse armada, como a de hoje, dum complexo aparelhamento técnico e especulativo” (MURICY, Andrade. A crítica simbolista. In: COUTINHO, Afrânio, org. Op. cit. v. IV, p. 208).
²⁰ Um outro recurso tangencial utilizado por Gonzaga Duque foi o do diálogo piadístico.

Em setembro de 1906, ele comenta o salão do ano (3.9.3.2.), mas o faz através de um diálogo com um personagem imaginário, Policarpo, e dessa forma atenuam-se as restrições, na medida em que elas são emitidas ora por um, ora por outro. Isto é, nem narrador, nem personagem são responsáveis pelos reparos que se dissipam no humor e que imunizam o crítico contra eventuais revides.

lismo artístico, o sistema de premiações oficiais e o favoritismo recíproco dos grupelhos cariocas.

A se julgar por alguns de seus artigos a respeito, deduz-se que Gonzaga Duque atribuía boa parte do nosso marasmo artístico às cavilações e interferências, oficiais ou oficiosas, de prebendários do Estado. Numa época em que as artes plásticas provavelmente sobreviviam como último item no orçamento nacional e como “argumento” de zelo público, não era de se espantar que muitos chamassem a si responsabilidade de orientá-las.

E, nesse caso, era difícil deixar de nomear esses muitos.

A Escola Nacional de Belas-Artes funcionava como bolsa de valores de artistas plásticos, regulava o mercado, distribuía bonificações, reconhecia publicamente os méritos desde que não ameaçassem os artistas-burocratas, chefes de seção atapetada, encastelados no último andar.

O estímulo controlado consistia numa viagem-prêmio à Europa e no posterior ostracismo do artista, quando de seu retorno. Foi o que acontecera a Correia Lima, a quem “por espaço de quatro ou cinco anos o governo brasileiro manteve na Europa; de lá nos mandou o artista três bronzes em que se confirmavam o seu talento e aplicação, de lá veio com um belo gesso, a *Mater Dolorosa*... e esperou que lhe dessem trabalho. Mas não havia trabalho! O Sr. professor Rodolfo Bernardelli, diretor perpétuo e senhor absoluto da Escola de Belas-Artes, não sei se comendador de várias ordens estrangeiras, conselheiro estético do governo e outras instituições, monopolizava todas as admirações e todos os trabalhos. (...) No entanto, o Sr. Correia Lima, com quem o Estado gastou dinheiro para o aperfeiçoar na arte de esculpir, e cujo aproveitamento demonstrou em magníficos trabalhos, ficava às moscas, com o seu sorrizinho de bom menino e todas as suas ilusões metidas num saco!...” (2.9.3.1.)

No caso dessas interferências arbitrárias, Gonzaga Duque não recuava nem mesmo diante de figuras pertencentes ao primeiro escalão do governo, a quem dirigia suas objeções sem reservas. Quando se propalou, por exemplo, que David Campista, Ministro da Fazenda, interviria na cunhagem de novas moedas comemorativas, já que o padrão escolhido não o agradara, o crítico protesta contra “os costumários julgamentos de compadrio” (4.5.3.1.) e contra o desrespeito às decisões das comissões julgadoras.

A descompostura mais séria, entretanto, aparece em agosto de 1907, quando boatos diziam terem sido violadas as normas de

composição do júri que deveria apreciar o salão anual de pintura (4.8.3.1.).

Então, arguindo contra a inobservância do estatuído, Gonzaga Duque investe sobre a Escola Nacional de Belas-Artes, denuncia suas mazelas atuais e demonstra que elas faziam parte da tradição da Escola, pois desde sua fundação, desde os tempos de D. João VI, o tráfico de influências corrompia o estabelecimento.

Com a Proclamação da República, acreditou-se que a oportunidade para o saneamento chegara e Montenegro Cordeiro, Décio Villares e Aurélio de Figueiredo apresentaram um projeto ao Ministro do Interior, “algum tanto calcado nos princípios da escola comtista”.

O “excelente plano”, conforme Gonzaga Duque, localizava exatamente na Academia a raiz do atraso das artes plásticas brasileiras, uma vez que, sediada no Rio, monopolizava “o ensino das artes (e) constituía um ataque odioso à Liberdade, porquanto, só os ricos e protegidos das ex-Províncias podiam vir dedicar-se aos referidos estudos”. Advinha dessa centralização — que a expunha perigosamente ao poder central, tornando-a presa fácil do favoritismo — o desprestígio público das artes plásticas, consideradas *métier* sem utilidade e sem proveito (sempre segundo a perspectiva positivista).

Para corrigir a situação, sugeriam os signatários do anteprojeto que:

1) se concedesse aos alunos a liberdade de escolha de seu orientador;

2) se lhes garantisse posterior colocação profissional;

3) se tornasse efetiva a preparação de pessoal habilitado para a docência do ensino médio;

4) se atendessem à “necessidade urgente de propagar com a maior rapidez o ensino das artes pelos diferentes Estados confederados”, sendo por ele responsáveis os alunos bolsistas em disponibilidade;

5) se concedessem bolsas (“pensões”) aos estudantes, portadores de “competentes provas de moralidade”(!);

6) se difundisse e prestigiasse o ensino das artes plásticas nas escolas públicas;

7) se fundassem e se mantivessem, às custas do erário público, “museus permanentes por todos os Estados confederados”.

A consecução de tais objetivos seria atingível se:

1) se extinguisse, sumariamente, a Academia de Belas-Artes e se se fundasse com o material existente o Museu Nacional de Pintura e Escultura;

2) se aposentasse, compulsoriamente, todo o corpo docente, com salários proporcionais temporários ou integrais permanentes.

Logicamente, a radicalidade da proposta condenou-a ao esquecimento, e nova comissão foi formada. Compunham-na Amoedo, Bernardelli e Moreira Maia, o qual, indispondo-se com os colegas, demitiu-se e foi substituído por Décio Villares, “o signatário do projeto Montenegro!”, aduz Gonzaga Duque um tanto indignado.

Aprovado o novo projeto, Bernardelli e Amoedo entraram a dirigir a Escola, mas, em pouco tempo, ambos emaranharam-se em manobras aliciantes. A natureza oficial da instituição, seus “cargos decorativos e sedutores contactos com a alta administração nacional” comprometiam, na opinião de Duque, toda e qualquer iniciativa de mudança profunda.

O crítico não admitia nenhuma forma de tutela artística. Fosse oficial, fosse de outra origem²¹. Gonzaga Duque parecia intuir os perigos da conivência Arte-Estado (que redundava sempre em prejuízo da primeira) e, se subscreveu entusiasticamente o projeto Montenegro, talvez o tenha feito porque participasse, conscientemente ou não, daquela faixa populacional que admitia o malogro da experiência imperial e apostava tudo na forma republicana. Segundo o idealismo do crítico, o setor artístico deveria beneficiar-se do momento oportuno e proclamar suas reivindicações. Isso numa sociedade em que a Arte era elemento caudatário, e seus cultores, ao insistirem em cultivá-la, deveriam distribuir-se em outras atividades profissionais mais recompensadoras financeiramente.

Num ambiente acanhado, cruzado de favores e de concessões e no qual a Arte ensaiava passos vacilantes rumo à autonomia, Gonzaga Duque batia-se pela dignidade do ofício artístico e empenhava-se em recriminar os fatores que lhe entravavam o

²¹ A rejeição do plano Montenegro levou Gonzaga Duque e alguns amigos a pensarem na criação do “ensino-livre das Belas-Artes no Rio de Janeiro” (4.8.3.1.) e, para tanto, foram procurar Décio Villares, a fim de conquistarem sua adesão e prestígio (e, talvez, no fundo, para lhe demonstrarem solidariedade). Mas a iniciativa abortou quando o artista, satisfeito, insistiu em impor “orientação positivista” aos cursos projetados.

desenvolvimento. Dentro desse procedimento, além de contestar a autoridade de uma instituição como a Escola Nacional de Belas-Artes, contestava também os critérios das comissões julgadoras de projetos de monumentos públicos (4.10.3.1.) e condenava o sistema que impunha “encomendas” aos artistas plásticos (3.1.3.1.).

Na verdade, o zelo combativo de Gonzaga Duque, pelo menos em *Kosmos*, aumentava somente quando discutia elementos periféricos à obra. Mas não se veja nesta designação de “periférico” juízo de valor depreciativo, pois estaríamos sendo incoerentes se assim considerássemos os elementos concorrentes para a consolidação de um sistema artístico. O que transparece, no caso Gonzaga Duque, é sua fragilidade quando da crítica ao objeto em si em contraste com a crítica ao meio artístico. Esta, então, ganha força e vigor, obscurecendo eventuais tentativas de interpretação propriamente estética. Acreditamos mesmo que seu filão mais rico, suscetível e *digno de exploração*, seja exatamente aquele que cuida da estrutura social de seu ambiente artístico. Sua revolta contra os julgamentos de favor e contra o “inestetismo do meio” (3.1.3.1.) é uma posição marcante e corajosa. Mas, mais corajosa ainda seria se a ela se juntassem atitudes francamente renovadoras do ponto de vista específico da criatividade. O desemparelhamento, o descompasso entre ambas atitudes é provável sintoma de alguma coisa? Talvez. Mas avançar uma interpretação é tarefa que não nos cabe aqui, pois seria preciso consultar todos os textos do autor e este não é um trabalho orientado primordialmente para a crítica de artes plásticas.

De qualquer modo, para uma futura história de nossas artes plásticas, *Kosmos* não pode ser ignorada, e a abundância de matéria informativa sobre a abertura dos salões anuais evidencia um programa de informação atualizada. Informação atualizada que se biparte em seu significado: o denotativo, da matéria em cima da hora; o conotativo, de nossa tentativa em copiar uma vez mais os padrões europeus de mostragem anual da produção pictórica.

CAPÍTULO 6

MEIA DÚZIA DE PALAVRAS FINAIS

"Colorir o mundo é sempre um meio de o negar."

ROLAND BARTHES

Tomar *Kosmos* como simples depósito de uma literatura eclética parece-nos insuficiente. A função de recipiente coletor de uma literatura qualitativamente heterogênea, em compasso de espera, que se mostrava tolerante e abrangente, não é tarefa difícil de demonstrar. É óbvio que não basta denunciar essas coexistências e (des)caminhos, mas também é óbvio que seria desejável um esforço interpretativo que articulasse a evidência de uma literatura desnordeada com outros elementos circunstanciais. Este passo, todavia, é perigoso e se nos atrevemos a tanto foi em termos meramente especulativos, uma vez que a busca de dados concretos que nos orientassem resultou em nada. Tentamos mesmo uma entrevista com a filha de Jorge Schmidt, que nos recebeu com muita gentileza e generosidade, mas que nada pôde nos revelar quanto a documentos que esclarecessem as origens da empresa editora de seu pai.

A nós intrigava, e ainda intriga, a coincidência cronológica entre o aparecimento de *Kosmos* e o dismantelamento urbano do velho Rio que se preparava para o século novo.

Mas o que parece ter havido realmente foi uma junção aparentemente casual de fatos, de que resultou a emergência de um periódico entusiasmado, virtual porta-voz oficioso de uma situação nova. Como que convertido em órgão de sustentação e de apoio da empreitada governamental, *Kosmos* cumpria, paralelamente, uma função de justificativa e de endosso, espalhando pelo país uma imagem que interessava ao poder público, empenhado em fazer do Rio um cartão de visitas. Nada mais conveniente à política externa de Rio Branco que, além de *Kosmos*, contava também com *Renascença*.

Teria sido aconselhável, por outro lado, uma pesquisa adicional que nos informasse sobre a repercussão da revista e de sua presença nos meios intelectuais cariocas, pelo menos. No entanto, isso se mostrou impraticável, e o único depoimento concreto, isolado mas respeitável, vem de José Veríssimo.

Em janeiro de 1909, José Veríssimo agradecia a “generosa animação” que Oliveira Lima dispensara aos primeiros capítulos da sua *História da literatura brasileira* e advertia ao historiador pernambucano que capítulos soltos haveriam de sair em *Kosmos*, embora reconhecesse a pouca penetração da revista nos meios intelectuais: “A primeira forma está saindo n(a) *Kosmos*, mas não creio fique nessa e não darei aí senão capítulos soltos. Aliás esse jornal é pouco lido do público literário, de sorte que a coisa fica quase inédita”¹.

Aliando a essa solitária e discreta opinião de Veríssimo um repertório literário pouco exigente, temos um forte indício para conjecturar sobre a modesta influência de *Kosmos* nos meios intelectuais.

Talvez nem pudesse ser de outra maneira, pois tudo indica que Jorge Schmidt não negligenciava nunca o lado comercial de sua empresa e não se mostrava disposto a riscos financeiros, sustentando um órgão exclusivamente literário. Em ambiente despreparado para assimilar uma estrutura produtiva em nível industrial, Jorge Schmidt opta por uma publicação mais simples e, por isso mesmo, mais popular: *Careta*, revista que haveria de lhe trazer fartos lucros e pouca dor de cabeça empresarial.

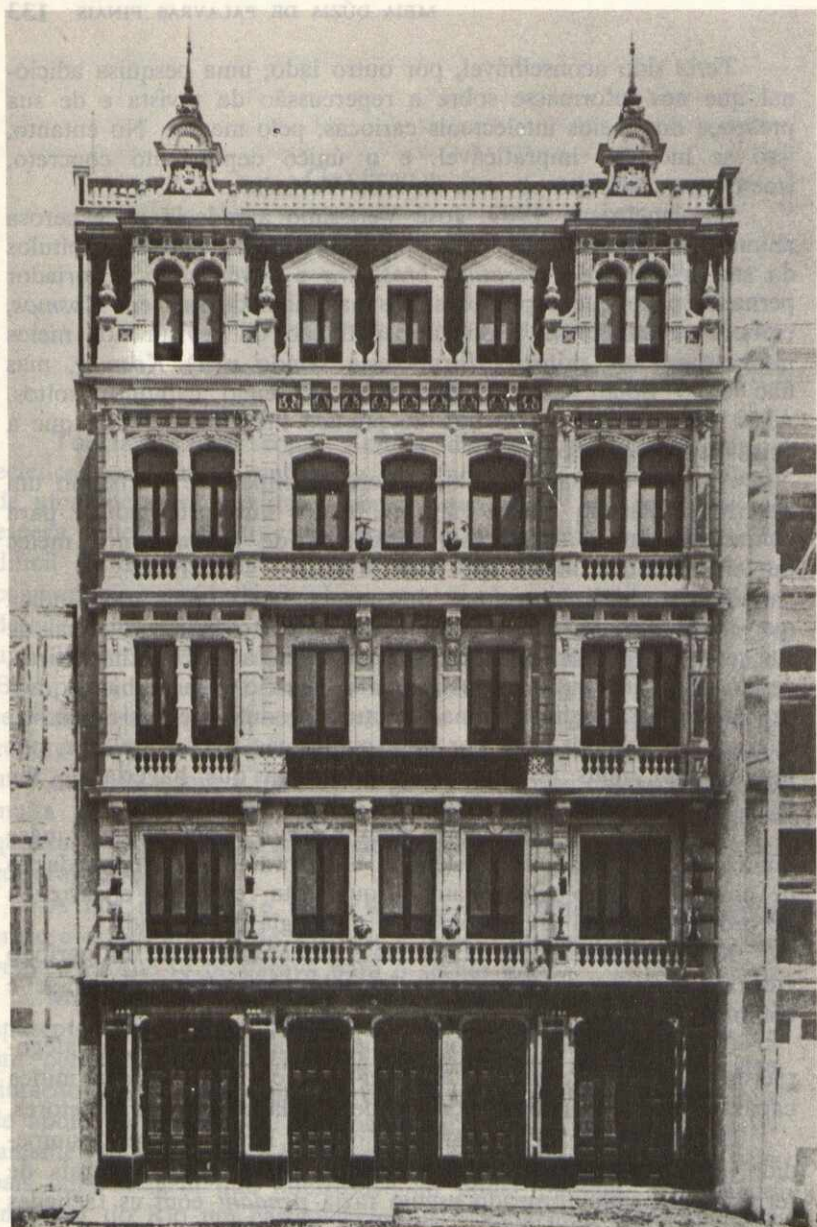
Na verdade, o que ocorre com *Kosmos*, durante seus quase quatro anos e meio de existência, é a formação e consolidação de uma nova mitologia urbana, a qual esta revista se encarregou de propagar e dela alimentou-se: a mitologia da Avenida.

Kosmos é a referência concreta e globalizadora de um período eufórico e ingênuo. *Kosmos* e Avenida Central beneficiam-se e complementam-se. Esta prolonga-se naquela.

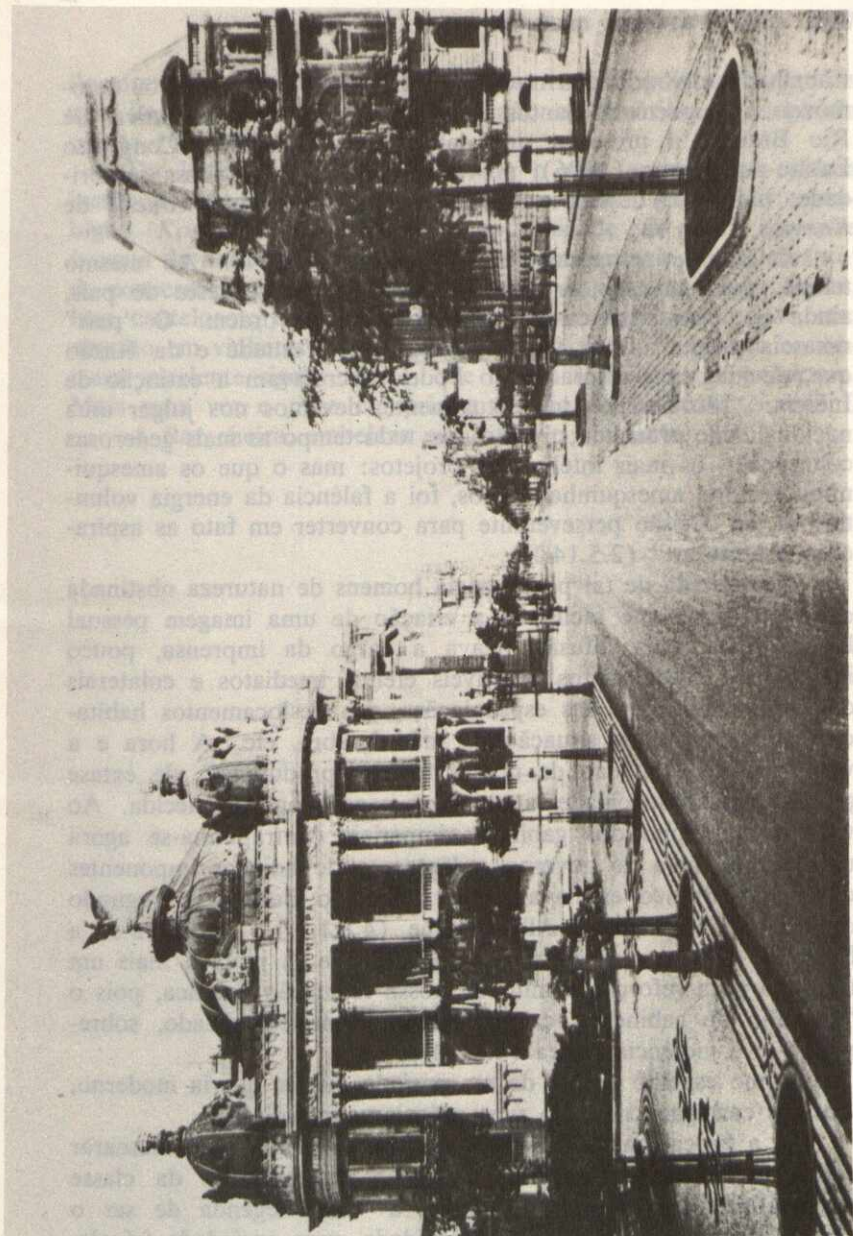
Com a elevação da Avenida, simples artéria viária, à categoria de signo do Progresso, atribuiu-se a ela uma função mítica capaz de capitalizar as atenções e de desviá-las de outros setores.

O calçamento liso e uniforme, o leito largo, livre e desimpedido, as calçadas fáceis e arborizadas, os lampiões centrais de ferro batido, cujo torneado esguio fazia *pendant* com as fachadas

¹ Da correspondência inédita de José Veríssimo arquivada na “Oliveira Lima Library” da Catholic University of America, Washington, D.C.



Primeiro prédio inaugurado na Avenida (Kosmos, maio. 1905)



A Avenida pronta (Foto de Marc Ferrez)

trabalhadas dos edifícios novos, o saneamento, os primeiros automóveis, o impacto de Santos Dumont, as vitórias consecutivas de Rio Branco, a presença dos delegados ao Terceiro Congresso Latino-Americano (1906), prova de confiança em nossa salubridade, tudo isso desembocava nas páginas em papel *couché* de *Kosmos*.

O Rio se recuperava e era preciso atestá-lo. Ao mesmo tempo convinha estender o clima de confiança ao resto do país, ainda que isso significasse apenas palavra de ordem. O “país” renascia graças a uma feliz conjugação da Vontade e da Razão que, devidamente escoradas no Poder, decretavam a extinção da Inércia. “Moralmente, intelectualmente, devemos nos julgar uma nacionalidade avançada; tivemos em todo tempo as mais generosas concepções, os mais inteligentes projetos: mas o que os amesquinhou sempre, amesquinhando-nos, foi a falência da energia voluntariosa, da decisão perseverante para converter em fato as aspirações redentoras.” (2.5.14.1.)

Empreitada de tal porte exigia homens de natureza obstinada e destemida, o que facilitava a criação de uma imagem pessoal hipertrofiada, cuja difusão ficava a cargo da imprensa, pouco inclinada a vasculhar os prováveis efeitos imediatos e colaterais das desapropriações, das especulações, dos deslocamentos habitacionais forçados, da situação da mão-de-obra, etc. A hora e a vez eram de exaltação de nossas forças “produtivas”, de êxtase perante nossa capacidade tantas vezes negada ou adormecida. Ao vaivém monótono dos gabinetes imperiais contrapunha-se agora uma forma nova de governo redentor, onde homens imponentes como Rio Branco emulavam com Napoleão Bonaparte, segundo opinião de Medeiros e Albuquerque (4.8.1.1.). Ampliava-se a figura do ministro no mesmo tempo em que se juntava mais um tijolinho para reforçar o mito de nossa formação pacífica, pois o “trabalho de gabinete”, calmo, sereno e intelectualizado, sobrepunha-se à violência bélica (4.8.1.1.).

Como espelho polido de um período que se queria moderno, *Kosmos* carregava no bojo suas próprias contradições.

Se a época era de trabalho, de labuta, convinha desmascarar certos preconceitos arraigados como o da fatuidade da classe diplomática, por exemplo. Destruir a “falsa legenda de ser o mundo diplomático o reino da futilidade, uma sociedade frívola, amável, ociosa e sibarita” (6.2.30.1.), foi tarefa a que se propôs Elísio de Carvalho, talvez inspirado longinquamente pela azáfama

do momento. Mas o próprio Progresso traiu-o, pois as fotografias que ilustram sua tese não são senão mostruários de elegância ociosa (6.3.30.1.; 6.4.30.1.).

Da leitura integral de *Kosmos* o que emerge, em última instância, é o exemplo concreto de um tempo dilacerado e ambíguo. *Kosmos* é casca vistosa de modernidade que queria impor-se à custa de notícias ficcionalizadas como recurso de abrandamento; de concessões regionalistas alambicadas; de cronistas empenhados, mas cautelosos; de poesias moralizantes e edificantes, tudo isso envolto em vinhetas florais. A representação do momento encontrara excelente signo: a flor, que o *Art Nouveau* nos exportara. Mais uma vez o mito cumpria a função de “evacuar o real”².

A flor cheira, embeleza e purifica o ambiente.

² BARTHES, Roland. *Mitologias*, p. 163.

1. INDICE GERAL CLASSIFICADO DE ASSUNTOS

SEGUNDA PARTE

Índices

1.1.1. Prosa

1.1.1.1. ALBUQUERQUE, Moisés. "11 e 20." O narrador conta que, viajando entre Inglaterra e EUA, tivera por companheiro de viagem um homem atormentado pelo rapto: cometera um crime em consequência do qual um vagabundo fora condenado. (33)

1.1.1.2. LARA, Agaliba de. "Olhos bravios." Em meio a noite escura, o narrador atrai em um vale sorrateiro: era uma cortija. Aparentado, recolhe-a e vê nela algo de insensível. Alguma alma fazenda se denunciava através daqueles olhos inquisidores? (39)

1.1.1.3. O. S. "Crônica." Crônica mostrando o aparecimento da nova novela. (8)

1.1.1.4. Reflexão "Editorial." Kossuth pretende seguir padrões europeus, manter neutralidade em matéria política e abstrair-se a "todas as manifestações intelectuais". (1)

1.1.2. Poesia

1.1.2.1. BRAC, Olavo. "A Vasco Ortigo." O homem deve envelhecer como as árvores: dando aguilão e consolo aos que sofrem. Sento decassílabo. (15)

1.1.2.2. HUGO, Victor. "Les voix intérieures (XXXI)." Diálogo en-

termeado. A flor faz o perfume de Ambar e mel; o torçido faz de cada corpo um raso do céu. Duas setilhas deptassílabas. (Musicado por Francisco Braga, Ver 1.1.7.1.) (27)

1.1.3. Crítica

1.1.3.1. AZEVEDO, Artur. "O teatro no Rio de Janeiro em 1903." Balanço das atividades teatrais do ano de 1903. (Ilustrado.) (41)

1.1.3.2. VZALZEMO, José. "Vida literária — O ano passado." Balanço crítico da atividade literária no ano de 1903. (7)

1.1.4. Ilustração

1.1.4.1. BERNARDELLI, Edolfo. "Estatua do eminente juriscônsulto Teixeira de Freitas." (16)

1.1.4.2. "Nero no anfiteatro." (Tricromia.) (31)

1.1.4.3. Mapa mostrando a nova fronteira norte entre o Brasil e a Bolívia. (25)

1.1.4.4. "Territórios do Mato Grosso cedidos à Bolívia." (26)

1.1.5. História

1.1.5.1. V. "Limites do Brasil e da Bolívia." Relato das negociações entre o Brasil, representado por Rio Branco, e a Bolívia, representada por Claudio Pinilla, e que culminaram na assinatura do

1 ÍNDICE GERAL CLASSIFICADO DE ASSUNTOS

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan. 1904.

1.1.1. Prosa

1.1.1.1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. "11 e 20." O narrador conta que, viajando entre Inglaterra e EUA, tivera por companheiro de camarote um homem atormentado pelo remorso: cometera um crime em consequência do qual um vagabundo fora condenado. (33)

1.1.1.2. LARA, Ataliba de. "Olhos humanos." Em meio a noite escura, o narrador atira em um vulto voejante: era uma coruja. Arrependido, recolhe-a e vê nela algo de insondável. Alguma alma humana se denunciava através daqueles olhos inquisidores? (39)

1.1.1.3. O. B. "Crônica." Crônica saudando o aparecimento da nova revista. (3)

1.1.1.4. REDAÇÃO. "Editorial." *Kosmos* pretende seguir padrões europeus, manter neutralidade em matéria política e abrir-se a "todas as manifestações intelectuais". (1)

1.1.2. Poesia

1.1.2.1. BILAC, Olavo. "A Vasco Ortigão." O homem deve envelhecer como as árvores: dando agasalho e consolo aos que sofrem. Soneto decassílabo. (15)

1.1.2.2. HUGO, Victor. "Les voix intérieures (XXXI)." Diálogo en-

tre a rosa e o túmulo. A flor faz do orvalho um perfume de âmbar e mel; o túmulo faz de cada corpo um anjo do céu. Duas sextilhas heptassílabas. (Musicado por Francisco Braga. Ver 1.1.7.1.) (27)

1.1.3. Crítica

1.1.3.1. AZEVEDO, Artur. "O teatro no Rio de Janeiro em 1903." Balanço das atividades teatrais do ano de 1903. (Ilustrado.) (41)

1.1.3.2. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — O ano passado." Balanço crítico da atividade literária no ano de 1903. (7)

1.1.4. Ilustração

1.1.4.1. BERNARDELLI, Rodolfo. "Estátua do eminente jurisconsulto Teixeira de Freitas." (16)

1.1.4.2. "Nero no anfiteatro." (Tricromia.) (31)

1.1.4.3. Mapa mostrando a nova fronteira norte entre o Brasil e a Bolívia. (25)

1.1.4.4. "Territórios do Mato Grosso cedidos à Bolívia." (26)

1.1.5. História

1.1.5.1. V. "Limites do Brasil e da Bolívia." Relato das negociações entre o Brasil, representado por Rio Branco, e a Bolívia, representada por Claudio Pinilla, e que culminaram na assinatura do

Tratado de Petrópolis, a 17 de novembro de 1903. (Ilustrado. Foto do grupo negociador; foto de Eduardo Lisboa, embaixador brasileiro em La Paz; dois mapas coloridos, mostrando as regiões negociadas.) (22)

1.1.6. Sociologia

1.1.6.1. CARVALHO, Reis. "A questão feminina — I." A posição social da mulher, segundo as normas do Positivismo. (20)

1.1.7. Música

1.1.7.1. BRAGA, Francisco — "Les voix intérieures." O poema de Victor Hugo, musicado por Francisco Braga. (28)

1.1.8. Filosofia

1.1.8.1. GUIMARÃES, Moreira. "Filosofando..." Considerações sobre a matéria. A capacidade do homem em transformá-la. (10)

1.1.9. Geografia

1.1.9.1. "Missões — Cataratas do Iguaçu." Descrição das Quedas do Iguaçu. Extraído do livro *Presente, pasado, porvenir de las Misiones* do Engenheiro F. Basaldúa, La Plata, 1901. (Ilustrado com fotografia do Dr. Henrique Morize.) (5)

1.1.11. Matemática

1.1.11.1. BITTENCOURT, Liberato. "Uma excepcional estréia literária — I." Considerações em torno da contribuição de Auguste Comte à matemática e sintetizada por Dr. Roberto Trompowski. (17)

1.1.31. Matéria militar

1.1.31.1. BARBEDO, L. "Canhões de tiro rápido — Experiências no

Brasil." Descrição dos últimos modelos de canhões: Krupp, Erhardt, Vickers. (Ilustrado.) (11)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 2, fev. 1904.

1.2.1. Prosa

1.2.1.1. LOPES, Tomás. "Viagem a um país misterioso." "Sozinho no mundo povoado", Silvestre sonha com a companhia de Sílvia. (35)

1.2.1.2. O. B. "Crônica." Crônica em torno do deslocamento social do Rio para Petrópolis no verão; das exposições preparatórias à Exposição Internacional de Saint Louis, EUA; do "intuito perfeitamente ridículo" de alguns brasileiros, dispostos a atingir os EUA por meio de jangada; da questão do Acre. (3)

1.2.1.3. REDAÇÃO. Editorial agradecendo a acolhida estimulante oferecida a *Kosmos* por parte da imprensa. (1)

1.2.1.4. RIBEIRO, João. "Cartas de mal dizer." Prólogo a um livro em excertos a ser publicado em *Kosmos*, conforme nota de rodapé. (36)

1.2.2. Poesia

1.2.2.1. CELSO, Afonso. "Trovas populares de Espanha." O amor não correspondido. Quadras de metro irregular. 2, 3, 4, 6 e 7 sílabas. (Ilustrado por Castro.) (22)

1.2.2.2. D'ALVA, Oscar. "Dor suprema." A dor de não poder proclamar o amor é maior do que o amor não correspondido. Soneto decassílabo. (20)

1.2.2.3. GUIMARÃES FILHO, Luís. "Esmeralda." O verde da esmeralda é como o símbolo da esperança. Soneto decassílabo. (20)

1.2.4. Ilustração

1.2.4.1. BERNARDELLI, Henrique. "O Aleijadinho em Vila Rica." (30)

1.2.4.2. FERREZ, Marc. "Paineiras — Aqueduto — Rio de Janeiro." (Foto.) (15)

1.2.4.3. FERREZ, Marc. "Copacabana — Rio de Janeiro." (Foto.) (19)

1.2.4.4. FERREZ, Marc. "Passeio Público — Rio de Janeiro." (Foto.) (34)

1.2.4.5. "Estação da Luz — São Paulo." (Foto.) (31)

1.2.4.6. "Berceuse." Foto do Maestro Barroso Neto, autor da canção "Berceuse" (Ver 1.2.7.1.) (37)

1.2.4.7. "Obras do porto do Rio de Janeiro." (41)

1.2.4.8. "Território do Acre." (5)

1.2.5. História

1.2.5.1. FAZENDA, Vieira. "Escavações históricas — Bica dos Marinheiros — I." Notícia histórica da Bica dos Marinheiros. Hábitos e costumes a seu redor. (Ilustrado.) (25)

1.2.6. Sociologia

1.2.6.1. CARVALHO, Reis. "A questão feminina — II." Neste número, R. C. mostra o papel do amor feminino sobre o destino da humanidade. (15)

1.2.7. Música

1.2.7.1. BARROSO NETO. "Berceuse." Partitura musical. (38)

1.2.9. Geografia

1.2.9.1. V. "O território do Acre." Relato sumário do Acre, nova área incorporada ao território nacional. Limites; hidrografia; topografia; regime pluviométrico; estações; aglomerados humanos; habitações; comércio; alimentação; clima; primeiros colonizadores; transporte; economia da borracha. (Ilustrado.) (7)

1.2.10. Engenharia

1.2.10.1. LISBOA, Alfredo. "Obras do porto do Rio de Janeiro." Remodelação do porto sob o governo Rodrigues Alves, estando Lauro Müller à frente do Ministério de Viação e Obras Públicas. (Ilustrado.) (43)

1.2.11. Matemática

1.2.11.1. BITTENCOURT, Liberato. "Uma excepcional estréia literária — II." Considerações elogiosas ao livro de matemática de Roberto Trompowski. (31)

1.2.12. Noticiário

1.2.12.1. A repercussão do aparecimento de *Kosmos*, através da imprensa. (2)

1.2.12.2. Clichês de jornais saudando o aparecimento de *Kosmos*. (2)

1.2.12.3. Notícias sobre a construção do pavilhão brasileiro da Exposição Universal de Saint Louis, Missouri. Extraídas do *The Saint Louis Republic*, 22 de novembro de 1903. (Ilustrado.) (21)

1.2.21. Etnografia

1.2.21.1. AZEVEDO, Artur. "Um artista mineiro." Artur Azevedo

descreve um achado em São João d'El Rei: um quadro (ex-voto) feito por Venâncio José do Espírito Santo. (Ilustrado.) (28)

1.2.27. Filatelia

1.2.27.1. COUTINHO, Ernesto. "Desenhos para os novos selos postais." Notícia de novos selos. Concurso da Diretoria Geral dos Correios, vencido por Eliseu Visconti. (Ilustrado.) (23)

1.2.31. Matéria militar

1.2.31.1. BARBEDO, L. "Canhões de tiro rápido — Experiências no Brasil — II." Continuação da reportagem anterior. (Ilustrado.) (26)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, mar. 1904.

1.3.1. Prosa

1.3.1.1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. "Vidas estragadas." Anselmo inicia namoro com Amélia, que vem a enlouquecer. Recolhida ao sanatório, e passado um tempo, Anselmo casa-se com a ex-cunhada, Ondina. Amélia recupera-se, volta para casa, onde os três passam a viver, dramaticamente, juntos. (31)

1.3.1.2. O. B. "Crônica." Crônica em torno do Carnaval; da fuga da cadeia de um estelionatário; da guerra russo-japonesa e do início das obras da Avenida Central. (2)

1.3.2. Poesia

1.3.2.1.* MÜLLER, LAURO; DAEMON, Edgar; GUIMARÃES, Moreira. "Três sonetos inéditos." Os três sonetos — alexandrino o de Lauro Müller e decassílabos os demais

— têm o mesmo título: "Deus". O primeiro considera Deus como ser "acima da ciência, acima da razão"; o de Edgar Daemon "discute" a persistência do incognoscível; e o terceiro também reconhece a Deus como ser incognoscível. (27)

1.3.2.2. OLIVEIRA, Alberto de. "Taça de coral." A sede de amor a ser morta nos lábios de coral da amada. Soneto decassílabo. (Ilustrado por Castro Silva.) (13)

1.3.2.3. VILLAR, Péthion de. "Victor Hugo." Soneto em louvor a Victor Hugo, "dont le nom restera sur les cimes". (30)

1.3.3. Crítica

1.3.3.1. AZEVEDO, Artur. "Teatros." A propósito do *Mestre de Forjas*, de George Ohnet, A.A. comenta o trabalho de Lucília Peres, Ferreira de Souza e Olímpio Nogueira. No final do artigo, A.A. noticia o início da construção do Teatro Municipal de São Paulo, sob a gestão do prefeito Antônio Prado. Notícia também que Eugênio de Magalhães, cotado como futuro diretor do Teatro Municipal paulista, já ensaiava peças, representadas em casa de Antônio Prado. (Ilustrado.) (28)

1.3.3.2. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — Os *Estudos e ensaios* do Sr. Sousa Bandeira." Resenha crítica de *Estudos e ensaios* de Sousa Bandeira. Restrições à influência de Tobias Barreto. (4)

1.3.4. Ilustração

1.3.4.1. SOUCASEAUX, F. "Monumento comemorativo da abertura do rio Amazonas à navegação internacional — Manaus." (42)

1.3.4.2. SOUCASEAUX, F. "Palácio da Justiça — Manaus." (45)

1.3.4.3. Medalhão em bronze de Gonçalves Dias, existente no edifício da Associação dos Empregados no Comércio. Escultura de Benevenuto Berna. (8)

1.3.4.4. "Yumoto" (Japão). "De um álbum do Exmo. Sr. Encarregado dos Negócios do Japão." (Foto.) (15)

1.3.4.5. "Avenida de criptomerias em Niko Kaido." (Foto.) (21)

1.3.4.6. "Jardim da Luz — São Paulo." (Foto.) (36)

1.3.4.7. "RGS — Colônia de Ijuí — Cachoeira do Arroio da Ponte." (Foto.) (41)

1.3.4.8. "Inauguração dos trabalhos da Avenida Central." Ao centro: o Presidente, o Prefeito do D. F. e Paulo de Frontin. (51)

1.3.5. História

1.3.5.1. AZEVEDO, Lindolfo. "Belo Horizonte." Relato histórico que descreve a construção de Belo Horizonte, desde as lutas — favoráveis ou não à mudança da capital — travadas em Ouro Preto. (Ilustrado.) (9)

1.3.5.2. CARVALHO, J. C. Mariz de. "O drama do Oriente — I." A força do Japão e da Rússia em confronto: a guerra russo-japonesa. (17)

1.3.5.3. LIMA, Oliveira. "Chegada de D. João VI ao Rio de Janeiro." A recepção festiva ao rei banido de Portugal. (Ilustrado.) (34)

1.3.6. Sociologia

1.3.6.1. CARVALHO, Reis. "A questão feminina — III." Além da "virgindade prévia, fidelidade con-

tínua e viuvez eterna", a mulher deve abster-se da competição com o homem, confinando-se somente ao lar. O casamento monogâmico é indissolúvel. A família como núcleo da humanidade. (52)

1.3.9. Geografia

1.3.9.1. CARVALHO, José Carlos de. "A Cordilheira dos Andes." Relato de viagem aos Andes e a La Paz. (Ilustrado.) (38)

1.3.9.2. FRANCA, Ávila. "Mato Grosso — I." Impressões da paisagem do Mato Grosso e de suas possibilidades econômicas. (Ilustrado.) (46)

1.3.9.3. "Os recifes em frente à capital de Pernambuco." Descrição do local e sugestões para seu melhor aproveitamento enquanto porto. (Ilustrado.) (37)

1.3.11. Matemática

1.3.11.1. SANTO, Espírito. "Equação matemática." Definição de equação. (20)

1.3.12. Noticiário

1.3.12.1. LOPES, Aurélio. "O *ex libris* e o emblema da Biblioteca Nacional." Desenho de E. Visconti. Gravador: Caetano. (12)

1.3.12.2. NASCIMENTO, Domingos. "Estado do Paraná — Exposição preparatória de S. Luís." Notícia, fartamente ilustrada de fotografias, dando conta da Exposição paranaense e da de Saint Louis. (23)

1.3.12.3. Noticiando o aparecimento de: *Fatos e memórias* de Melo Moraes Filho; *Sepulcro dos vivos* de Rubem Tavares; *Ajuste de contas* de Salvador de Mendonça e *Amores do Sr. Jacarandá*, sem autor. (5)

1.3.13. Publicidade

1.3.13.1. Grande Hotel White — Alto da Tijuca, Rio (56). A Equitativa (56).

1.3.30. Diplomacia

1.3.30.1. V. "Diplomatas e escritores brasileiros." Relato das atividades diplomáticas e intelectuais de Nabuco, Graça Aranha, Oliveira Lima, Silvino do Amaral e Domício da Gama. (Ilustrado.) (6)

1.3.31. Matéria militar

1.3.31.1. BARBEDO, L. "Canhões de tiro rápido — Experiências no Brasil — III." Continuação da reportagem anterior. (Ilustrado.) (49)

1.3.31.2. BITTENCOURT, Liberato. "Escola Militar de Porto Alegre." O A. reclama o retorno da Escola Militar de Porto Alegre, suprimida por manobras políticas. (42)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, abr. 1904.

1.4.1. Prosa

1.4.1.1. ARINOS, Afonso. "O Mestre de Campo" (Romance mineiro do século XVIII. Cap. I: "Os dragões reais"). Um grupo de cavaleiros militares encaminha-se para a zona de mineração em Minas, a fim de render um destacamento local. (32)

1.4.1.2. BILAC, Olavo. "Mãe Maria." Recordações de infância do narrador, criado junto a uma negra. (19)

1.4.1.3. BOMFIM, Manoel. "Olavo Bilac." A posição intelectual de Bilac e as razões de seu prestígio.

No final do artigo, autógrafa do Poeta a Schmidt, anunciando sua partida para a Europa (10 de abril de 1904), de onde promete continuar enviando colaborações. (Ilustrado.) (4)

1.4.1.4. O. B. "Crônica." Considerações em torno da arquitetura brasileira contemporânea e das possibilidades que se lhe abrem com as obras da Avenida Central. (Ilustrado.) (2)

1.4.2. Poesia

1.4.2.1. AZEREDO, Carlos Magalhães de. "Pela campanha." Numa paisagem romana, um casal troca carinhos dentro de um coche em movimento. Versos livres, 57 palavras. (8)

1.4.4. Ilustração

1.4.4.1. ALBERTO, C. "Maestro H. Oswald." (Foto.) (25)

1.4.4.2. BERNA, Benevenuto. "Pastoral." Baixo relevo do escultor brasileiro. (29)

1.4.4.3. GAENSLY, Guilherme. "S.P.R. — Viaduto na linha nova." (Foto.) (31)

1.4.4.4. GAENSLY, Guilherme. "Jardim da Infância — São Paulo." (Foto.) (39)

1.4.4.5. SOUCASEAUX, F. "Palácio do Presidente — Belo Horizonte." (Foto.) (15)

1.4.4.6. SOUCASEAUX, F. "Avenida Eduardo Ribeiro — Manaus." (Foto.) (38)

1.4.4.7. "Almirante Ijuin e oficiais da Armada japonesa, a bordo do cruzador *Asama*." (Foto.) (21)

1.4.4.8. "Inferiores e marinheiros da guarnição do cruzador japonês *Asama*." (Foto.) (24)

- 1.4.4.9.** "Quedas do Serinhaém." Município de Santarém, Bahia. (Foto.) (34)
- 1.4.4.10.** "Benjamin Constant em viagem de instrução com guarda-marinhas de N.Y. a Plymouth. Novembro de 1903." (Quadro de Abrahams of Sons, Davempport.) (42)
- 1.4.4.11.** "Bambus — Jardim Botânico — Rio de Janeiro." (Foto.) (47)
- 1.4.5. História**
- 1.4.5.1.** CARVALHO, J.C. de Mariz. "Araucania." O processo de conquista dos araucanos, no Chile, levado a efeito pelos espanhóis. Descrição dos hábitos e costumes dos indígenas. (Ilustrado.) (35)
- 1.4.5.2.** FAZENDA, Vieira. "Iluminação a azeite de peixe." Histórico da iluminação pública do Rio, desde sua inauguração em 1854. (18)
- 1.4.6. Sociologia**
- 1.4.6.1.** CARVALHO, Reis. "A questão feminina — IV." A função social da mulher é ser fonte de amor para que o homem se regenere. Ademais, deve manter-se alheia à competição profissional, reservando-se para o lar. (43)
- 1.4.7. Música**
- 1.4.7.1.** OSWALD, Henrique. "Ave." Letra de Soloné Monti. (26)
- 1.4.9. Geografia**
- 1.4.9.1.** FRANCA, Ávila. "Mato Grosso — II." As fronteiras militarmente desguarnecidas do Mato Grosso. (13)
- 1.4.12. Noticiário**
- 1.4.12.1.** "A família imperial russa." Notícias da família imperial russa. Fartamente ilustradas com fotos. (53)
- 1.4.12.2.** "Projeto das fachadas destinadas à Avenida Central." Projetos de Rebecchi, Adolfo Morales de los Rios, M.E. Hehl, John Oberg, René Borba. (9)
- 1.4.13. Publicidade**
- 1.4.13.1.** Tipografia e Papelaria J. Schmidt (53). Notícia do aparecimento de *Renascença*, revista ilustrada (53). Empresa Marítima Brasileira (54). Mercúrio — Cia. de Seguros Marítimos e Terrestres (54).
- 1.4.14. Política**
- 1.4.14.1.** ALVES, Sancho. "Comentários — Revisão e parlamentaristas." Notas sobre o regime parlamentar (51)
- 1.4.17. Filologia**
- 1.4.17.1.** VERÍSSIMO, José. "Vida literária — A língua portuguesa no Brasil." Restrições aos conhecimentos filológicos de Rui Barbosa e Cândido de Figueiredo. Crítica à falta de estudos lingüísticos sistemáticos no Brasil. (22)
- 1.4.28. Botânica**
- 1.4.28.1.** NASCIMENTO, Domingos do. "Orquídeas do Paraná." Antes de expor as várias espécies paranaenses, o A. denuncia a depredação e o arranque anárquico de que são vítimas essas nossas flores. E aconselha medidas oficiais, visto que se trata de objeto pago a preço caro na Europa e, portanto, fonte de divisas para o país. (16)

1.4.31. Matéria militar

1.4.31.1. BARBEDO, L. "Canhões de tiro rápido — Experiências no Brasil — IV." Continuação da reportagem anterior. (Ilustrado.) (40)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, maio 1904.

1.5.1. Prosa

1.5.1.1. COELHO NETO. "Idade de Ouro." Evocando Amaltea e Júpiter, C.N. narra o fato (incomum) de uma garotinha de Campinas que se amamenta numa cabra. (Ilustrado.) (8)

1.5.1.2. DUQUE, Gonzaga. "De um romance inédito — *Sangravidia*." Um amor contrariado leva o jovem a procurar consolo junto ao velho professor. (5)

1.5.1.3. GIL. "Crônica." As comemorações do 1.º de maio — evocando-se Mauá — e do 13 de maio. (2)

1.5.1.4. OLÍMPIO, Domingos. "O Doutor Conceição." O médico Pedro da Conceição, cujo sucesso profissional é cada vez maior, experimenta embaraços em sua aceitação social por ser negro. (36)

1.5.1.5. REDONDO, Garcia. "Manhãs de Campinas." O A. narra suas observações a respeito de uma família inglesa que viajava, a seu lado, em um bonde em Campinas. (34)

1.5.2. Poesia

1.5.2.1. EDMUNDO, Luís. "Olhos tristes." Os olhos tristes, "cheios de nostalgia" por causa do "sonho que passou e que não volta

mais..." Soneto alexandrino. (Ilustrado por J. Fiuza.) (9)

1.5.2.2. GUIMARÃES FILHO, Luís. "Sinfonia." Poema em louvor às pedras preciosas. 17 estrofes, divididas em 7 mais 10. Quadras de 9 sílabas. A última quadra repete a primeira. (33)

1.5.2.3. OCTAVIANO, F.; SOUSA, Silveira de; MOTA, Silveira da. "Três sonetos inéditos." Três sonetos decassílabos. No primeiro, o poeta confia suas dores a uma mulher, misto de anjo e de demônio; no segundo a mulher formosa e casta é objeto do amor do poeta; no terceiro, o poeta é repellido pela mulher adorada. (23)

1.5.3. Crítica

1.5.3.1. AZEVEDO, Artur. "Teatros." A.A. critica o desperdício de dinheiro ao projetarem um novo teatro municipal. Por que, indaga ele, não adaptar o São Pedro de Alcântara? Restrições ao *Tiradentes* de Moreira de Vasconcelos: "o famoso alferes da Inconfidência não encontrou ainda o seu dramaturgo". Neste ponto, esperanças do crítico quanto a Afonso Arinos, profundo conhecedor de "Minas do século XVIII". Comentários sobre Ferreira de Sousa, Helena Cavalier, Peixoto, Olímpio Nogueira, etc. (Ilustrado.) (39)

1.5.4. Ilustração

1.5.4.1. BERNARDELLI, Rodolfo. "Cristo e a adúltera." Foto da escultura. (13)

1.5.4.2. CALIXTO, Benedito. "Falquejadores." (22)

1.5.4.3. KLIXTO. Quadro alusivo à libertação dos escravos. Homena-

gem ao Visconde do Rio Branco e a José do Patrocínio. (4)

1.5.4.4. SILVA, A.J. da. Desenho que representa u'a mulher sentada, cosendo ao lado de um muro e sob um arbusto. (29)

1.5.4.5. "Escola Militar. Rio de Janeiro." (25)

1.5.4.6. "Em flagrante." Dois padres surpreendem um terceiro, embriagado junto aos tonéis da adega. Quadro a cores. (37)

1.5.5. História

1.5.5.1. AZEVEDO, Lindolfo. "Um 'pastel'." O A. propõe a retificação do nome de uma rua no Rio: de Barbosa Alvarenga para Bárbara Alvarenga. A seu ver, houve erro. (24)

1.5.9. Geografia

1.5.9.1. FRANCA, Ávila. "Mato Grosso — III." Impressões de viagem sobre Assunção, Porto Murinho e Apa. (Ilustrado.) (30)

1.5.10. Engenharia

1.5.10.1. LISBOA, Alfredo. "Águas da cidade de Santos." Os benefícios hidráulicos proporcionados pela Cia. City of Santos Improvements. (Ilustrado.) (17)

1.5.12. Noticiário

1.5.12.1. L. A. "De Vitória a Diamantina." A viagem de Lauro Müller a fim de inaugurar a Estrada de Ferro Vitória—Minas. (Ilustrado.) (41)

1.5.12.2. Regulamentos para o "1.º Concurso de Beleza Infantil". (10)

1.5.14. Política

1.5.14.1. ALVES, Sancho. "Comentários — O Manifesto Assis Brasil — A Mensagem." A dissidência entre Assis Brasil e Júlio de Castilhos. Recomendações à Assembléia no sentido de abrir créditos para o reaparelhamento da Marinha. (11)

1.5.16. Tradução

1.5.16.1. PINHEIRO, J.P. Xavier. "Divina comédia — Canto VI — Purgatório" (Dante). As almas pedem a Dante orações que lhes abreviem o tempo de expiação. Imprecações contra a Itália e contra Florença, em especial. 49 tercetos decassílabos. 1 quadra decassílaba. (15)

1.5.17. Filologia

1.5.17.1. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — a ortografia portuguesa." Palavras encorajadoras a Gonçalves Viana que, em *Ortografia nacional*, propõe reformulação de nosso sistema ortográfico. No final do artigo, uma ou outra contestação à proposta renovadora. (26)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, jun. 1904.

1.6.1. Prosa

1.6.1.1. COSTA, Ciro. "Castigo!" Em busca de um amor adúltero, Joca Matoso acidenta-se e morre. (47)

1.6.1.2. GIL. "Crônica." No início, o cronista comenta a festa da árvore, sob inspiração de Pereira Passos e elogia a política de reflorestamento. Em seguida, sugere concessão de pensão aos filhos de

bombeiros mortos no cumprimento do dever. (4)

1.6.1.3. GOMES, Oliveira. "O vale azul." O homem que conduz a mulher amada no caminho da felicidade e da esperança. (29)

1.6.1.4. NEMO (Azevedo Jr.). "Tipos da roça — I." Descrição dos hábitos e costumes de um tipo da roça: o camarada. (16)

1.6.2. Poesia

1.6.2.1. RODRIGUES, Teodoro. "Pórtico das *Canções do Norte*." Longo poema em versos livres, rimados dois a dois. Narra o sonho e a descrença. (30)

1.6.3. Crítica

1.6.3.1. AZEVEDO, Artur. "Teatros." A temporada de Loïe Füller, do grupo Carlos Alberto do Porto (Portugal), de Alice Bonheur, de Evelyne Oberbenil e a pouca atenção do público a Bauer, Schelling e Casals. (43)

1.6.3.2. DUQUE, Gonzaga. "Antônio Parreira na sua atual exposição." Comentário sobre A.P., em especial sobre "Carnaval na roça" e "O espinho". (Ilustrado.) (41)

1.6.3.3. LEME, Luís Pais. "A propósito de um concerto." Depois de desenvolver amargas considerações sobre nacionalismo artístico, L.P.L. analisa um concerto de que participaram Ernesto Schelling, Pablo Casals e Harold Bauer e em que foram executadas peças de Henrique Oswald, Alberto Nepomuceno, Delgado de Carvalho. (Ilustrado.) (32)

1.6.4. Ilustração

1.6.4.1. FERREZ, Marc. "Salto de Piracicaba." São Paulo. (Foto.) (35)

1.6.4.2. GAENSLY, Guilherme. "Palacete D. Veridiana — SP." (Foto.) (45)

1.6.4.3. "Ilha de Paquetá — Baía do Rio de Janeiro." (Duas fotos.) (1)

1.6.4.4. "Paquetá." (Foto.) (7)

1.6.4.5. "Trecho do parque da Praça da República — Rio de Janeiro." (Foto.) (17)

1.6.4.6. "Ponte do Inferno — Paineira — Rio de Janeiro." (Foto.) (39)

1.6.5. História

1.6.5.1. FAZENDA, Vieira. "O chafariz do Lagarto." Histórico do chafariz. Os hábitos escravos no Brasil-Colônia. (Ilustrado.) (37)

1.6.6. Sociologia

1.6.6.1. TOLEDO, Demétrio de. "Operários do Velho e do Novo Mundo." As condições do operariado europeu e americano. (26)

1.6.10. Engenharia

1.6.10.1. BEHRING, F. "As ondas elétricas invisíveis — Seu aproveitamento em telegrafia." Os progressos alcançados pela telegrafia sem fio. Defeitos a sanar. (Ilustrado.) (9)

1.6.12. Noticiário

1.6.12.1. CARVALHO, José Carlos. "Exposição de São Luís — I." A inauguração da Exposição de Saint Louis. Transcrição de longo artigo publicado pelo *The Saint Louis Republic*. (20)

1.6.12.2. "Nossos concursos." Regulamento para o 1.º Concurso de Beleza Infantil. (6)

1.6.14. Política

1.6.14.1. ALVES, Sancho. "Comentários — Um caso parlamentar — Constituição e brevíários." Uma pendenga entre dois parlamentares e o problema das ligações Estado-Religião. A separação oficial, constitucional e a presença religiosa marcante nas cerimônias oficiais. (14)

1.6.18. Educação

1.6.18.1. SANTO, Espírito. "Influência das idéias políticas sobre o método de ensino." O regime de servidão e o de liberdade e seus possíveis reflexos sobre os métodos de aprendizagem. (36)

1.6.31. Matéria militar

1.6.31.1. B. "Ensaio de crônica militar." Artigo em torno da recente aquisição de canhões pelo Exército. (19)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, jul. 1904.

1.7.1. Prosa

1.7.1.1. GIL. "Crônica." O cronista compara os balões juninos a sonhos que logram o sucesso ou que malogram. Entre os malogrados, o cronista inclui o arbitramento das Guianas, que nos foi desfavorável. Entre os de sucesso, a permanência de *Kosmos*. (5)

1.7.1.2. NEMO (Azevedo Jr.). "Tipos da roça — II." Os hábitos e costumes de um Major interiorano. (24)

1.7.1.3. SILVEIRA, Valdomiro. "Pena de pato." Joaquim Pires, poeta nas horas vagas, deixa-se levar pelas lembranças juvenis de amores desfeitos, despertadas pelas can-

ções dos camaradas do eito que estão sob suas ordens. (29)

1.7.2. Poesia

1.7.2.1.* FLÁVIO, Alcides. "Os trinta cofres de Malim-Tsou." Na agonia, Malim-Tsou aponta um de seus ricos cofres preferidos. Depois de morto, e com auxílio de Buda, os conselheiros descobrem que nele não havia senão ilusão. Longo poema com versos de 7, 10 ou 12 sílabas. (31)

1.7.2.2. MENEZES, Emílio de. "Noite de insônia." Diante do leito desarrumado, o poeta se lembra da noite de amor e chora a ausência da mulher amada. Soneto alexandrino. (Ilustrado por Raul.) (28)

1.7.3. Crítica

1.7.3.1. AZEVEDO, Artur. "Teatros." Notícias do Lírico, São José, Apolo, Recreio, Clube Fluminense e do recém-inaugurado Teatro Municipal João Caetano, em Niterói. A próxima apresentação de Clara Della Guardia em *La Figlia de Jorio* de D'Annunzio. A apresentação de *116* de Batista Coelho no Clube Fluminense. (52)

1.7.3.2. DUQUE, Gonzaga. "Os aquarelistas." G.D. sai em defesa dos aquarelistas que expõem na Associação de Aquarelistas: Ambedo, Henrique Bernardelli, Bruno Freidler, Eliseu Visconti, Fiuza Guimarães, Heitor Malaguti, João Batista da Costa, Aurélio de Figueiredo, Rafaél Frederico, Ara-ripe de Macedo e Insley Pacheco. (55)

1.7.3.3. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — Alguns livros novos." Observações críticas às *Poesias* de

Medeiros e Albuquerque; *Secretário d'El Rei* de Oliveira Lima; *Regeneração* de Curvelo de Mendonça; *Canaã* de Graça Aranha e *Roman Brésilien* de Msieur. Delpech. (21)

1.7.4. Ilustração

1.7.4.1. TEFFÉ, Oscar. "Foto." Exposição da Foto-Club, 1904. (51)

1.7.4.2. "Foto-Club — Exposição 1904"; "Esquecer", Sílvio Bevilacqua; "Dinorá", Barroso Neto; "Casebres", Guerra Duval; "Rio Acima (Bois)", Barroso Neto. (53)

1.7.4.3. "Ilha d'Água — Rio de Janeiro." (Foto.) (3)

1.7.4.4. "Silvestre — Rio de Janeiro." (Foto.) (9)

1.7.4.5. "Silvestre e Corcovado — Rio de Janeiro." (19)

1.7.4.6. "Praia da Ribeira — Ilha do Governador — Rio de Janeiro." (25)

1.7.4.7. "Jardim Botânico — Rio de Janeiro." (39)

1.7.4.8. "Projeto da Estrada de Ferro Madeira—Mamoré e região circunvizinha." (41)

1.7.5. História

1.7.5.1. CARVALHO, Sérgio de. "O Museu Nacional." Origens, desenvolvimento e condições atuais do Museu Nacional. (33)

1.7.5.2. LISBOA, Alfredo. "A Estrada de Ferro Madeira—Mamoré." Dados históricos, geográficos e técnicos sobre a Madeira—Mamoré. (Ilustrado.) (43)

1.7.12. Noticiário

1.7.12.1. CARVALHO, José Carlos. "Exposição de S. Luís — II." A

inauguração do pavilhão brasileiro: 24 de maio de 1904. Descrição enfática do setor de madeira, caça e pesca, dirigida pelo A. do artigo. Transcrições de: *The Globe Democrat*, *The Saint Louis Star*, *The Saint Louis Daily Globe Democrat*. (Ilustrado.) (11)

1.7.12.2. Regulamentos para o 1.º Concurso de Beleza Infantil. (27)

1.7.13. Publicidade

1.7.13.1. Empresa Marítima Brasileira; Manufatura de Fumos e Cigarros Veado; Filtros Mallié (57). Foto Bastos Dias; Foto Carlos Alberto & Filhos; Aperitivo Dubonnet; Fundação Indígena; Farmácia J. Coelho Barbosa & Cia. (58)

1.7.19. Medicina

1.7.19.1. POSSOLO, Adolfo. "O assassinato médico." Em artigo assinado de Paris (25 de maio de 1904), o A. se insurge contra a eutanásia, aprovada pela New York Medical Association, em outubro de 1903. (17)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 8, ago. 1904.

1.8.1. Prosa

1.8.1.1. GIL. "Crônica." Gil lamenta a morte despercebida de Kruger, herói da guerra dos Boer. Ao mesmo tempo, observa a possibilidade de se manter vivo o "gênio da raça" nacional através da repulsa a "quaisquer que fossem as influências estranhas, à sua língua e à sua religião". Como os japoneses que se ocidentalizaram exteriormente apenas, ajunta o cronista. (2)

1.8.1.2. PENA, Gustavo. "O Aleijadinho." Homenagem ao escultor mineiro e a lembrança de se lhe erguer um monumento na Praça da Liberdade em Belo Horizonte. (29)

1.8.3. Crítica

1.8.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Mais um aquarelista." Texto crítico sobre as aquarelas de Artur Ferreira. (Ilustrado.) (22)

1.8.4. Ilustração

1.8.4.1. ESTEVES, H. "Uma página interessante." Desenho. (31)

1.8.4.2. VILLEROY. "Comissão de defesa de Santos — Ponte da Praia." (Foto.) (12)

1.8.4.3. VILLEROY. "Comissão de defesa de Santos — Estrada do forte Itaipu." (Foto.) (14)

1.8.4.4. VILLEROY. "Comissão de defesa de Santos — Estrada do forte Itaipu." (Foto.) (30)

1.8.4.5. "Alto da Boa Vista — Rio de Janeiro." (Foto.) (5)

1.8.4.6. "Jardim Botânico — Rio de Janeiro." (Foto.) (15)

1.8.4.7. "A mulher ou o vaso?" (Tricromia.) (25)

1.8.4.8. "Várzea do Mesquita — Tijuca — Rio de Janeiro." (Foto.) (41)

1.8.5. História

1.8.5.1. O.L. "Vultos japoneses." Rápidos traços biográficos, acompanhados de respectivas fotografias do Príncipe Fushimi, Barão Komura, Príncipe e Princesa Kwachō. (47)

1.8.6. Sociologia

1.8.6.1. AZEVEDO, Lindolfo. "Luta romana." L.A. rastreia a origem

da luta romana, compara-a com dados da civilização grega, demonstra a inutilidade atual da força física dentro de uma sociedade mecanizada e conclui pelo anacronismo do esporte. (49)

1.8.8. Filosofia

1.8.8.1. CARVALHO, Reis. "A religião e a medicina." Considerações em torno da necessidade de se unir religião e medicina. Argumentação comtiana. (17)

1.8.12. Noticiário

1.8.12.1. Regulamento do 1.º Concurso de Beleza Infantil. (43)

1.8.13. Publicidade

1.8.13.1. Sociedade Anônima do Gás do Rio de Janeiro (53). Grande Hotel White — Tijuca — Rio (54).

1.8.14. Política

1.8.14.1. ALVES, Sancho. "Comentários — Imunizações e imunidades." Decidido artigo que combate o projeto de vacinação obrigatória, em tramitação. (27)

1.8.15. Arquitetura

1.8.15.1. CAMPOS, A. Lima. "Estilos em arquitetura — I." O desenvolvimento da habitação humana e a arquitetura egípcia. (A contribuição de A. Comte para a compreensão do fenômeno estético.) (51)

1.8.20. Teatro

1.8.20.1. SANTOS, Daltro. "Ghilda." Peça cuja ação se localiza no Renascimento 1 ato, em versos. André, marido de Ghilda, é pintor sem sucesso, à beira da miséria. Martelli vem a sua casa insistir

para que vá cobrar uma tela que, no momento, fazia sucesso em uma das igrejas locais. Dobrando-se ante a argumentação do amigo, André sai em busca do dinheiro. Após sua saída, Ghilda reflete sobre o poder do dinheiro e conclui que o amor entre dois seres é superior a tudo. (34)

1.8.21. Etnografia

1.8.21.1. RODRIGUES, Nina. "As belas artes nos colonos pretos do Brasil — A escultura." Descrição e interpretação minuciosa de um grupo de esculturas gegê-nagô. (Ilustrado.) (7)

1.8.22. Oceanografia

1.8.22.1. AREIAS, G. "Das leituras sobre oceanografia — I." O "papel dos mares no equilíbrio universal". (13)

1.8.23. Dança

1.8.23.1. CAMPOS, Lima. "Cake-walk." Descrição dos passos dessa dança popular que, segundo o A., é originária das senzalas americanas. (33)

1.8.24. Esporte

1.8.24.1. FULL-BACK. "Esporte — Futebol." Numa linguagem carregada de anglicismo, o A. narra dois encontros entre Clube Atlético Paulistano e Fluminense F.C., em 14 e 15 de agosto de 1904. (Ilustrado.) (44)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, set. 1904.

1.9.1. Prosa

1.9.1.1. AZEVEDO JR. "Tipos da roça — III." O capanga: suas

proezas e a permanente proteção do fazendeiro rico. (50)

1.9.1.2. BARRETO, Paulo. "Música de amor." Entre ouvintes atenciosos, o Barão conta a história de uma moça cujo funeral fora acompanhado por ele. (23)

1.9.1.3. CARVALHO, J.C. de Mariz. "Pulcherrima rerum." A abertura da Avenida Central serve como pretexto ao A. para profecias grandiosas acerca do Brasil e identificá-lo a uma modalidade nova de Canaã para os europeus. (9)

1.9.1.4. GIL. "Crônica." Os fatos que prenderam a atenção popular no mês anterior: 1) A campanha de extermínio aos ratos. O abuso de alguns que iam buscar roedores a bordo dos navios estrangeiros; 2) O decrescente prestígio da festa da Glória; 3) A morte de Martins Jr.; 4) A inauguração da Exposição da Escola de Belas-Artes; 5) A inauguração do eixo da Avenida Central, símbolo do futuro e do progresso. (3)

1.9.2. Poesia

1.9.2.1. RODRIGUES, Teodoro. "A morte de Juracy." A índia que desce a correnteza num barco, em busca de um amor perdido. (Ilustrado por J. Batista.) (22)

1.9.3. Crítica

1.9.3.1. DUQUE, Gonzaga. "O Salão de 1904." Análise extensa do salão anual, onde se destacam nomes femininos e masculinos: Amoedo, H. Bernardelli, João Batista, Bruno Freidler, Eliseu Visconti, Heitor Malaguti, Eulália do Nascimento, Nina Santoro, Irene Ribeiro e outros. O nível baixo das esculturas. (Ilustrado.) (14)

1.9.3.2. RIO, João do. "O mês no teatro." *Loteria do amor* de Coelho Neto recebe crítica carinhosa do articulista. João do Rio contra a reedição de velhas óperas. (Ilustrado com foto de Elvira Fontes.) (20)

1.9.4. Ilustração

1.9.4.1. BATISTA, João. "Fim de jornada." Medalha de ouro no salão de 1904. (16)

1.9.4.2. MUSSO, L. "Maestro Abdon Milanez." (Foto.) (25)

1.9.4.3. RAUL. "O Salão de 1904." Série de 12 quadrinhos, independentes entre si e com legendas, que são sátiras às pinturas expostas no Salão de 1904. (51)

1.9.4.4. SILVA, Arquimedes J. da. "Esquina." (Desenho.) (7)

1.9.4.5. "Avenida Central — Trechos entre General Câmara e Santa Luzia e entre General Câmara e Prainha." (10-11)

1.9.4.6. "Açude — Tijuca — Rio de Janeiro." (Foto.) (29)

1.9.4.7. Foto que mostra pequeno açude com ponte. (40)

1.9.4.8. "Exposição de São Luís." Seções do Brasil no Palácio de Várias Indústrias; da Agricultura; de Floresta, Peixe e Caça; de Transporte, de Artes Liberais; e de Transportes, novamente. (41-46)

1.9.7. Música

1.9.7.1. MILANEZ, Abdon. "Primitie." Letra de Heitor Malaguti. (26)

1.9.11. Matemática

1.9.11.1. LIMA, Souza F. "Um erro de Laffite." O A. mostra as vantagens da numeração decimal

sobre a septimal, proposta por Laffite. (49)

1.9.13. Publicidade

1.9.13.1. Henrique Röhe: fábrica de carruagens e arreios (texto bilingüe) (53). Filtros Mallié; Fumos e Cigarros Veado; Aperitivos Dubonnet; Fundação Indígena; Farmácia J. Coelho Barbosa & Cia. (54).

1.9.15. Arquitetura

1.9.15.1. CAMPOS, A. Lima. "Estilos em arquitetura — II." A arquitetura sino-japonesa recebendo influência direta das tendas nômade. A "extrema ligeireza e forma caprichosa" de seus trabalhos. (47)

1.9.20. Teatro

1.9.20.1. SANTOS, Daltro. "Ghilda". Na ausência de André, que fora à igreja em busca de seu pagamento, Ghilda recebe a visita de Ruzzante e de Deolco. O primeiro, velho amigo de André, relembra glórias passadas e prevê futuro promissor; o segundo, tomado de paixão, faz propostas de amor à mulher e é expulso. De volta com Martelli, André traz como pagamento dois ramalhetes de flores. Os padres tinham alegado falta de fundos. Ghilda, emocionada e faminta, morre. (31)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, out. 1904.

1.10.1. Prosa

1.10.1.1. AZEVEDO JR. "Tipos da roça — IV." As dores de amor do "enrabiado" pela filha do Major. A competição com o promotor. (20)

1.10.1.2. BARROS, Raphaelina de. "Saul." A derrota de Saul diante de Samuel. Aproveitamento de episódio bíblico. (28)

1.10.1.3. GIL. "Crônica." O des-caso, público e oficial, pela data do descobrimento da América e a ruidosa e tradicional romaria à Penha. (Ilustrado.) (3)

1.10.1.4. MARQUES, Xavier. "Via-gem maravilhosa." Otávio embar-ca com a família para o Sul, onde enfrenta o progresso com horror. (47)

1.10.2. Poesia

1.10.2.1. LOPES, Oscar. "Fantasia." Diante do mar, o poeta faz refle-xões sobre a "solidão das noites de luar..." Estrofes irregulares. Versos livres. (43)

1.10.3. Crítica

1.10.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Uma palheta que vive (João Batista da Costa)." Texto crítico acerca da obra plástica de J. Batista da Cos-ta. (Ilustrado.) (17)

1.10.4. Ilustração

1.10.4.1. "Vista tomada da torre da Igreja N. Sra. da Penha." (Fot-o.) (6)

1.10.4.2. "A pesca." (Foto colo-rida.) (15)

1.10.4.3. "Praça 15 de Novembro — Rio de Janeiro." (Foto.) (21)

1.10.4.4. "Exposição de São Luís." Pavilhão do Brasil: exposição de café, antropologia, agricultura, mi-nas e metalurgia. (39-42)

1.10.5. História

1.10.5.1. BEHRING, Mário. "Uma injustiça da História." O ataque de Duguay-Trouin ao Rio em

1711 e a injustiça de que foi víti-ma, posteriormente, seu governa-dor Francisco de Castro Moraes. Minucioso relato histórico. (7)

1.10.5.2. CÂMARA, Antonio Alves. "Construções navais indígenas do Brasil." Origem e desenvolvimen-to de algumas modalidades de bar-cos fluviais e marítimos, em uso no Brasil. (Ilustrado.) (30)

1.10.5.3. LIMA, Oliveira. "Rússia e Japão." Descrição bastante su-perficial — profusamente acom-panhada de fotografias — de ele-mentos da casa real russa e japo-nesa. (44)

1.10.5.4. OSÓRIO, Fernando. "Tra-ços gerais e características do Ge-neral Osório." Dados anedóticos sobre o General Osório. (34)

1.10.12. Noticiário

1.10.12.1. Resultados do 1.º Con-curso de Beleza Infantil. Comis-são julgadora: G. Duque, J. Ba-tista da Costa, J.C. de Mariz Car-valho e Benevenuto Berna. (Fot-o-grafias dos concorrentes.) (23)

1.10.22. Oceanografia

1.10.22.1. AREIAS, G. "Das leitu-ras sobre oceanografia — II." A necessidade imperiosa de se estu-dar os oceanos. (26)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 11, nov. 1904.

1.11.1. Prosa

1.11.1.1. AZEVEDO JR. "Tipos da roça — V." O matuto que se ali-sta como soldado no destacamento local. (50)

1.11.1.2. LOPES, Tomás. "São José (Lenda Cristã)." Narrativa de ins-piração cristã, onde o padre con-

cede os últimos sacramentos a uma prostituta. (Ilustrado com fotografia e com desenho de Arquimedes.) (31)

1.11.1.3.* O.B. "Crônica." Violento manifesto contra o descuido governamental pela educação primária. (3)

1.11.1.4. OLÍMPIO, Domingos. "O hidromel." Dois amigos disputam sobre o elemento que deve preponderar na mulher: o espírito ou a formosura. (22)

1.11.2. Poesia

1.11.2.1. ANDRADE, J.M. Goulart de. "Canto real." "O agosto pavilhão largado ao vento" que desafia os conquistadores. Cinco estrofes de 11 versos decassílabos. Uma estrofe de cinco versos decassílabos. (30)

1.11.2.2. LOPES, Oscar. "Balada." O poeta procura o ermo para esconder as dores do amor. Três estrofes de 10 versos decassílabos. Uma estrofe de cinco versos decassílabos. (16)

1.11.2.3. OLIVEIRA, Alberto de. "O ninho." O passarinho que constrói o ninho com paciência e vê o vento levá-lo. Soneto decassílabo. (Ilustrado por Arquimedes.) (7)

1.11.3. Crítica

1.11.3.1. AZEREDO, Carlos Magalhães de. "O monumento de Goethe em Roma." Descrição minuciosa da obra, acompanhada de fotografias, e restrição à supressão de Fausto-Margarida no monumento. (27)

1.11.3.2. DUQUE, Gonzaga. "Os de hoje" (Benevenuto Berna).

Apanhado crítico de obra de Benevenuto Berna. (Ilustrado.) (13)

1.11.3.3. V. "Graça Aranha." As origens familiares de Graça Aranha e uma rápida crítica de *Canaã*. (5)

1.11.4. Ilustração

1.11.4.1. "Match entre o Clube Atlético Paulistano e o São Paulo Atlético Clube — Taça 1904." (24)

1.11.4.2. "Águas virtuosas — Lambari, MG." (Foto.) (25)

1.11.4.3. "Exposição de São Luís." Seção do Brasil no pavilhão de Várias Indústrias; de Florestas, Peixes e Caça; de Agricultura e de Silvicultura. (35-38)

1.11.4.4. "Corte do morro do Castelo." (Foto.) (47)

1.11.4.5. Foto da experiência de detonação de uma mina submarina. (49)

1.11.4.6. "Avenida Central — Mapa de desapropriações e perfil longitudinal." (*Hors-texte*.)

1.11.10. Engenharia

1.11.10.1. LISBOA, Alfredo. "A Avenida Central." Relato detalhado dos trabalhos de construção da Avenida Central. Desde a origem das cogitações até o embelezamento final. (Ilustrado.) (39)

1.11.15. Arquitetura

1.11.15.1. CAMPOS, Artur Lima. "Estilos em arquitetura — III — Estilo grego." Origem, evolução e significado da arquitetura grega. Influências posteriores. (17)

1.11.21. Etnografia

1.11.21.1. RIO, João do. "A tatuagem no Rio." A evolução, a téc-

nica e o significado da tatuagem no Rio. As classes tatuadas: os negros, os sírios, os árabes, os judeus, os marginais. (26)

1.11.25. Fotografia

1.11.25.1. DEIRÓ, Eunápio. "A arte — I." Até que ponto pode-se considerar a fotografia como arte? (9)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, dez. 1904.

1.12.1. Prosa

1.12.1.1. BILAC, Olavo. "Florença." Como se fora longa crônica de viagem, Bilac recorda-se de Florença, evocando as figuras de Dante, Miguel Ângelo, Cellini, Boccaccio, Lourenço de Médicis e Savonarola. (Ilustrado.) (58)

1.12.1.2. COELHO NETO. "Os pombos." Um casal de caboclos assiste à morte do filho, ligando-a, supersticiosamente à fuga dos pombos do pombal em frente à casa. (Ilustrado por Arquimedes.) (33)

1.12.1.3. LOPES, Tomás. "Jesus." Narrativa de um dos milagres de Cristo, que salva a filha de Jairo da morte. (Ilustrado por Arquimedes.) (33)

1.12.1.4. O.B. "Crônica." Dois amigos conversam sobre o tempo que passa e um deles, inconformado, associa dezembro ao envelhecimento que o repugna. (Ilustrado.) (10)

1.12.1.5. REDAÇÃO. "Editorial." *Kosmos* orgulha-se de ter atingido o 12.º número e promete esforçar-se a fim de melhorar cada vez mais. A página 6 traz a lista de colaboradores com os agradeci-

mentos da direção. A página 9 traz "Sumário" de colaborações e de colaboradores. (4)

1.12.1.6. REDONDO, Garcia. "Compensações." Um namoro malgrado que, no entanto, traz como compensação ao rapaz aborrecido os beijos da amiga que servira de confidente ao casal. (Ilustrado por J. Batista.) (53)

1.12.1.7. ROCHA, M.J. de Oliveira. "Ano político." O próprio autor, em nota final, reconhece que não fora fiel às recomendações de *Kosmos*, ao tratar, sob a rubrica acima, das origens da festa de Natal. (73)

1.12.1.8. SILVEIRA, Valdomiro. "Natal no Lourenção." O namoro de Risoleta e Neca, famoso e hábil arrumador de presépios na roça. (63)

1.12.1.9. SOUSA, H. Inglês de. "Potiguar." Um pensionista velho persegue um companheiro para que ouça seus versos também velhos. (17)

1.12.2. Poesia

1.12.2.1. BILAC, Olavo. "A voz do amor." A voz da amada que propicia "tempestades de lágrima e flores..." Soneto decassílabo. (51)

1.12.2.2. EDMUNDO, Luís. (Sem título.) A lágrima traiçoeira, que tanto pode ser de riso como de pranto. Soneto alexandrino. (31)

1.12.2.3. LOPES, Oscar. "Canção do desespero." O poeta maldiz a mulher que não lhe correspondeu ao amor. 15 quartetos de versos alexandrinos. (27)

1.12.2.4. MENEZES, Emílio de. "Jeová e Jesus." O nascimento de Cristo serve para atenuar a ira de Deus. A concepção popular de

um Deus irado. Soneto alexandrino. (65)

1.12.2.5. PACHECO, Félix. "Religião suprema." A fé e o amor como motivos básicos da sistemática procura do povo judeu. Soneto alexandrino. (19)

1.12.3. Crítica

1.12.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Ilustrações do Natal." G.D. lastima a inexistência de revistas artísticas no Brasil. Sobretudo em fim de ano. Mas louva *Kosmos* pela iniciativa. (15)

1.12.3.2. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — *Esau e Jacó*, o último livro do Sr. Machado de Assis." O romance re-contado, em meio a ligeiras, mas certas apreciações críticas. (28)

1.12.4. Ilustração

1.12.4.1. AMOEDO, R. Desenho ilustrativo de Natal, sem título. (7)

1.12.4.2. "Mangueiras — Jardim Botânico — Rio de Janeiro." (1)

1.12.4.3. "Parque da Praça da República — Rio de Janeiro." (13)

1.12.4.4. "Icaraí — Niterói." (25)

1.12.4.5. "Ilha d'Água — Rio de Janeiro." (37)

1.12.4.6. "Ilha Fiscal — Rio de Janeiro." (50)

1.12.4.7. "Florença — Loggia dei Lanzi na Piazza della Signoria." (60)

1.12.4.8. "Reservatório do Silvestre — Rio de Janeiro." (70)

1.12.4.9. "Parque da Praça da República — Rio de Janeiro." (71)

1.12.5. História

1.12.5.1. BEHRING, Mário. "Um dia de D. João VI." Relato pouco

lisonjeiro dos hábitos, atitudes e caráter de D. João VI. (Ilustrado com desenho de Veret.) (75)

1.12.6. Sociologia

1.12.6.1. DEIRÓ, Eunápio. "A mulher perante as religiões antigas e o Cristianismo." O lugar social da mulher. Cristianismo como libertação social. (67)

1.12.13. Publicidade

1.12.13.1. Farmácia J. Coelho Barbosa & Cia.; Fumos e Cigarros Veado; Filtros Mallié. (80)

1.12.16. Tradução

1.12.16.1. PARANAPIACABA, Barão de. "Mazeppa" (Byron). 200 quartetos alexandrinos, divididos em 20 partes onde se narra o suplício de Mazeppa. Rima A-B-A-B. No início, há dedicatória do tradutor ao Dr. José Cardoso de Moura Brasil, em que o Barão louva-lhe os préstimos profissionais e seu esforço em prol da policultura agrícola. No final, há notas histórico-explicativas sobre o sacrifício do herói polonês. (Ilustrado.) (39)

1.12.21. Etnografia

1.12.21.1. RIO, João do. "O Natal dos africanos." O sincretismo religioso afro-brasileiro, a música ritual, a bebida e a lenda da origem das chuvas neste texto de João do Rio. (48)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 1, jan. 1905.

2.1.1. Prosa

2.1.1.1. COELHO NETO. "A escolha." Enquanto espera pelo esposo

em longa viagem, Ayiché cuida dos dois filhos. Um dia ouve uma voz misteriosa que lhe ordena escolher uma das crianças para o sacrifício da morte. E Ayiché deixa a escolha por conta da força misteriosa. (48)

2.1.1.2. GASPARDONI, Alexandre. "A minhoca e a mosca." A minhoca humilde e a mosca petulante que a despreza e é apanhada na teia de aranha. (50)

2.1.1.3. GUIMARÃES, Heitor. "Uma lenda mineira." Um filho premedita o assassinio do pai, que o censurara por indolência. (5)

2.1.1.4. O.B. "Crônica." O *panthéon* dos artistas e poetas no Luxemburgo francês e a possibilidade de imitá-lo no Rio. (3)

2.1.1.5. VÁRZEA, Virgílio. "Tristão e Isolda." A lenda do amor infatigado de Tristão e Isolda. (38)

2.1.2. Poesia

2.1.2.1. BARRETO, J. Pereira. "Fênix do amor." 71 quadras de versos decassílabos, divididas em nove partes, em que o poeta narra desde o encontro com a mulher amada até o seu desaparecimento. (15)

2.1.2.2. CARVALHO, Reis. "O vulcão." O vulcão é o protesto da Terra contra o homem que a escraviza. Soneto alexandrino. (Ilustrado por Arquimedes.) (47)

2.1.2.3. LESSA, Jayme. "Olhando a natureza." Quem nega Deus, "não compreende o infinito e não pode ser Homem". Soneto alexandrino. (Ilustrado.) (41)

2.1.3. Crítica

2.1.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Rodolfo Amoedo." A evolução da

pintura de R.A. e as influências européias. (Ilustrado.) (7)

2.1.4. Ilustração

2.1.4.1. AMOEDO, R. "Marabá." (10)

2.1.4.2. AMOEDO, R. "A narração de Filectas — (Dafnis e Cloé)." (13)

2.1.4.3. "Exposição de São Luís — Visita do Presidente Roosevelt."

Decoração do salão do 2.º andar, recepção e partida do Presidente; os comissários brasileiros e respectivas famílias; comissários e figuras norte-americanas. (24-26)

2.1.4.4. "Jardim da Praça da República." "O Palacete do Conselheiro Antônio Prado em São Paulo." (36-37)

2.1.4.5. "Praia de Botafogo." (42)

2.1.5. História

2.1.5.1. ABREU, C. de. "História pátria." As primeiras expedições colonizadoras chegadas ao Brasil. (43)

2.1.5.2. BARROS, Rego. "Porto Arthur e Sebastopol." Um paralelo entre as quedas de Sebastopol e de Porto Arthur. (19)

2.1.6. Sociologia

2.1.6.1. MANSO, A. de Castro Monteiro. "O perigo alemão." Diante do "perigo alemão", o A. propõe a miscigenação racial, "procurando na aliança com outras raças dissemelhantes a plasticidade e o equilíbrio instável que serão para nós as condições e garantias do progresso". (51)

2.1.12. Noticiário

2.1.12.1. NEVES JR. "Dr. Antônio Prado." Com farta ilustração, que cobre as páginas 32, 33 e 35 inteiramente, Neves Jr. dá conta da homenagem popular prestada ao Dr. Antônio Prado, mas não aponta a razão da festa. (31)

2.1.17. Filologia

2.1.17.1. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — Heresias lingüísticas e literárias — I." Violenta crítica aos puristas da língua, em exercício no Brasil. (27)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 2, fev. 1905.

2.2.1. Prosa

2.2.1.1. DEFINE, Jacomino. "Rua do Ouvidor." J.D. dá adeus à Rua do Ouvidor, agora ameaçada pela Avenida Central. (37)

2.2.1.2. O.B. "Crônica." A revolta do proletariado russo; o equívoco do júri popular, enquanto instituição; o progresso da Avenida Central; a morte de José do Patrocínio. (3)

2.2.1.3. PACHECO, Félix. "Amores alvos." Durante um passeio com a mulher amada, o narrador sente desejos lúbricos, que logo se acalmam sob a interferência do luar. (31)

2.2.2. Poesia

2.2.2.1. GUIMARÃES FILHO, Luís. "Vênus." O poeta invoca o retorno de Vênus, em cujos braços quer morrer. Soneto decassílabo. (Ilustração de R. Amoedo.) (35)

2.2.2.2. LOPES, Oscar. "Da noite para o dia." No primeiro soneto, o poeta se alegra com o despontar

do dia; no segundo se entristece, porque isso significa o abandono do sonho noturno e, por conseguinte, o enfrentar da realidade diária. Decassílabos. (Ilustrado.) (6)

2.2.4. Ilustração

2.2.4.1. AMOEDO, R. "A José do Patrocínio." (23)

2.2.4.2. "Praia de Botafogo." (29)

2.2.4.3. "Paquetá — Rio de Janeiro." (39)

2.2.5. História

2.2.5.1. ABREU, C. de. "História pátria." A expedição colonizadora de Martim Afonso de Sousa: 1530-1532. (15)

2.2.5.2. DUQUE, Gonzaga. "A queda dos muros." G.D. recorda as casas comerciais e os fatos importantes que marcaram a Rua 7 de Setembro, em vias de demolição. (47)

2.2.5.3. SENNA, Ernesto. "José do Patrocínio." Dados biográficos e profissionais de José do Patrocínio. Fac-símile da última tira de sua última crônica. (Ilustrado.) (18)

2.2.12. Noticiário

2.2.12.1. ROSA, Ferreira da. "Dr. Francisco Pereira Passos." Elogios à atuação de Pereira Passos à frente da Prefeitura carioca. (Ilustrado.) (33)

2.2.16. Tradução

2.2.16.1. ALMEIDA, Pires de. "Elogio da loucura" (Erasmus). As origens e os benefícios da loucura à humanidade. (Ilustrado.) (10)

2.2.17. Filologia

2.2.17.1. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — Heresias lingüísticas e literárias — II." Conclusão do artigo anterior. Críticas a Rui Barbosa e Cândido de Figueiredo. Elogios a João Ribeiro e Heráclito Graça. (7)

2.2.19. Medicina

2.2.19.1. BILAC, Olavo. "No Hospício Nacional." Bilac narra, em detalhes, visita feita ao pavilhão infantil do Hospício Nacional. As novas técnicas de reabilitação postas em prática por Dr. Fernandes Figueira. A nova orientação de Afrânio Peixoto. (Ilustrado.) (41)

2.2.22. Oceanografia

2.2.22.1. AREIAS, G. "Das leituras sobre oceanografia — II." A mecânica da maré. (49)

2.2.32. Diversos

2.2.32.1. ALBUQUERQUE, Amaro de. "Taquigrafia." Origem, evolução e difusão da taquigrafia. (25)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, mar. 1905.

2.3.1. Prosa

2.3.1.1. COELHO NETO. "Fertilidade — I." Mateus é um homem estranho e arredo. E por causa de seu retraimento a vila em que mora levanta suspeitas que o incriminam como suposto responsável pelo desaparecimento de um garotinho negro. (11)

2.3.1.2. KEMP, Emílio. "Um amor." A visita domingueira de um grupo de senhoras e senhores a um navio de guerra ancorado na Guanabara. Metade do texto

demora-se em descrever a Guanabara vista do mar. (49)

2.3.1.3. LOPES, Oscar. "Terra proibida." O retorno de um baile em que tudo fora favorável a Máximo. (Ilustrado por R. Amoedo.) (39)

2.3.1.4. O.B. "Crônica." O ceticismo do último livro de Anatole France (*La Pierre Blanche*), a conquista dos pólos e uma previsão do uso do avião como arma de guerra, escrita por Santos Dumont, dão ensejo a uma crônica cética quanto ao futuro do homem. (4)

2.3.1.5. TEÓFILO, Rodolfo. "Deiscência." Em tom menos científico que literário, R.T. narra o processo de deiscência de vários vegetais. (18)

2.3.2. Poesia

2.3.2.1. PEDERNEIRAS, Mário. "Árvores da rua." As árvores "infelizes" da cidade e as "alegres" do campo. Poema de versos e estrofes livres. (10)

2.3.2.2. SALLES, Antônio. "A ronda da morte." 32 estrofes de dois versos alexandrinos contam a auto-imolação das virgens gregas ante a invasão turca. (17)

2.3.2.3. SANTOS, Daltro. "Ante um cadáver." Dois sonetos alexandrinos. 1) Diante do cadáver, o poeta interroga sua origem e seu fim. 2) Diante do cadáver, o poeta pergunta onde ficou sua essência, outrora carregada de amor. (42)

2.3.3. Crítica

2.3.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Mestre Valentim." Vida e obra do Mestre Valentim. (Ilustrado.) (45)

2.3.3.2. POMBO, Rocha. "Félix Pacheco — A propósito de *Mors-Amor*." Crítica elogiosa a *Mors-Amor* e ao capista do livro: Maurício Jubim. (6)

2.3.4. Ilustração

2.3.4.1. "Dedo de Deus — Tereópólis" e "Casca do Paquequer — Tereópólis". (8-9)

2.3.4.2. "Melhoramentos do Rio — Praça Tiradentes." (15)

2.3.4.3. "Rio Iguaçu." (34-35)

2.3.5. História

2.3.5.1. ABREU, C. de. "História pátria — 1532." O retorno acidentado de Pero Lopes de Sousa a Portugal. (29)

2.3.5.2. MARQUES, Silva. "Pelo mundo — A revolução russa." Breve histórico das condições que precederam o estado de fermentação social em que se encontrava a Rússia em 1905. Palavras de simpatia ao proletariado russo. (43)

2.3.12. Noticiário

2.3.12.1. FLEURY, Félix. "Salto Santiago Dantas." Notícias sobre um acidente natural do Rio Iguaçu. (Ilustrado.) (33)

2.3.14. Política

2.3.14.1. ALVES, Sancho. "Comentários — Inoculações compulsórias — Mauser e Cow-pox." Num artigo de momento, S.A. comenta a perturbação política e afirma que o povo sempre atribuirá à vacinação obrigatória as raízes da desordem social. (36)

2.3.16. Tradução

2.3.16.1. ALMEIDA, Pires de. "Elogio da loucura" (Erasmus). A lou-

cura como ingrediente necessário à humanidade, a quem dota de alegria e de prazer. (24)

2.3.26. Religião

2.3.26.1. MARQUES, Xavier. "Uma tradição religiosa da Bahia — A festa do Bonfim." Origens, interdições e permanência. (Ilustrado.) (20)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, abr. 1905.

2.4.1. Prosa

2.4.1.1. COELHO NETO. "Fertilidade — II." Depois da busca policial, motivada pelas suspeitas anteriores, Mateus resolve enterrar seu dinheiro e preparar-se para um eventual ataque do povo da vila. (17)

2.4.1.2.* O.B. "Crônica." A necessidade imperiosa de se formar uma mentalidade defensiva "num país que tem mais de oito milhões de quilômetros quadrados de território e sete países limítrofes..." (4)

2.4.2. Poesia

2.4.2.1. PACHECO, Félix. "A esfinge." O caráter enigmático da esfinge. O caráter ilusório da vida. Soneto alexandrino. (Ilustrado por R. Amoedo.) (15)

2.4.3. Crítica

2.4.3.1. DUQUE, Gonzaga. "A exposição do mês." A obra de Antônio Parreiras. (Ilustrado.) (6)

2.4.3.2. MENDONÇA, Lúcio de. "A intrusa" (Carta aberta a D. Júlia Lopes de Almeida). Em forma de carta, evocando fatos de família, L. de M. dirige elogios a A

intrusa, romance de J.L. de A. (16)

2.4.3.3. VERÍSSIMO, José. "Vida literária — As *Odes e elegias* do Sr. Magalhães de Azeredo." Veríssimo reputa *Odes e elegias* como a melhor produção poética do ano de 1904. (12)

2.4.4. Ilustração

2.4.4.1. BATISTA, J. "A volta do trabalho". "Impressão da narrativa de Afonso Arinos" relatada em "Música Popular". (2.4.7.1.) (30)

2.4.4.2. "Praia da Gávea." (10)

2.4.4.3. "Praia da Gávea." (24)

2.4.4.4. "Alto de Teresópolis" e "Serraria — Teresópolis". (34-35)

2.4.4.5. "Interior da Igreja de N. S. da Candelária." (45)

2.4.4.6. "O monumento de Goethe em Roma." (46)

2.4.5. História

2.4.5.1. ABREU, C. de. "História pátria." Origem, distribuição geográfica e estrutura sócio-administrativa das capitanias hereditárias. (31)

2.4.5.2. FAZENDA, Vieira. "Uma casa histórica." Notícia, acompanhada de fotografias, de residências históricas da Rua Frei Caneca no Rio de Janeiro. Residências de Paulo Fernandes Viana, Intendente Geral da Polícia sob D. João VI e sogro do Duque de Caxias; casa onde funcionou a Loja Grande Oriente do Brasil. (36)

2.4.5.3. GIL. "N.S. da Candelária." Origem, reformas e restaurações da Igreja da Candelária no Rio. (Ilustrado com fotos dos painéis de Zeferino da Costa.) (38)

2.4.7. Música

2.4.7.1. ARINOS, Afonso. "A música popular." Conferência feita em Petrópolis a 26 de março de 1905, em que se discute a necessidade de se preservar o acervo de canções populares brasileiras. (25)

2.4.16. Tradução

2.4.16.1. BARRETO, Paulo. "Salomé" (Oscar Wilde). Salomé retira-se de uma festa no palácio e encaminha-se para o jardim, onde mantém conversa com os guardas. Alertada por uma voz, indaga da origem e vem a saber que se trata de Iokanaan, profeta preso em um poço das imediações. Curiosa, manda libertá-lo, apesar da resistência dos guardas. E, frente ao profeta, a princesa inicia um trabalho de sedução. (47)

2.4.20. Teatro

2.4.20.1. RIO, João do. "Lucinda Simões — Notícia autobiográfica." Em forma de entrevista, um depoimento do trabalho teatral de Lucinda Simões. (Ilustrado.) (20)

2.4.26. Religião

2.4.26.1. SILVA, Oliveira e. "A propósito da Semana Santa." O A. recorda o significado da Paixão de Cristo, por acreditar que o mundo anda minado por "filosofias materialistas ou idealistas". (11)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, maio 1905.

2.5.1. Prosa

2.5.1.1. COELHO NETO. "Fertilidade — III." Neste capítulo, Mateus está às voltas com uma seca im-

piedosa e atormentado por uma conversa que ouvira sobre o terreno à beira-mar que tanto queria. Ouvira dizer que o terreno já estava "apalavrado". (35)

2.5.1.2. LUSO, João. "Tipos e símbolos — O vendilhão de doçuras." O garoto vendedor de balas, irresistível tentação para a criança, e a fabricante das guloseimas: a Sinhá. Outrora rica, hoje empobrecida. (5)

2.5.1.3. O.B. "Crônica." O.B. lamenta o descaso popular pelo 13 de Maio e exalta as novas condições sociais do Brasil. (3)

2.5.1.4. OLÍMPIO, Domingos. "Jules Verne (A Caverna de Ubajara)." Relato de uma excursão à Caverna de Ubajara, na Serra de Ibiapaba, Ceará. (25)

2.5.3. Crítica

2.5.3.1. LIMA, Oliveira. "Um paisagista pernambucano — Teles Jr." Notícia crítica sobre o pintor pernambucano Teles Jr. (Ilustrado.) (8)

2.5.4. Ilustração

2.5.4.1. AMOEDO, R. "Anunciação." (29)

2.5.4.2. PARREIRAS, A. "A morte de Virgínia." (34)

2.5.4.3. "O 1.º prédio inaugurado na Avenida Central." (7)

2.5.4.4. "Dr. Rodrigues Alves, Presidente da República" e "Dr. Lauro Müller, Ministro da Viação." (12-13)

2.5.4.5. "Direção técnica da Comissão das Obras do Porto do Rio de Janeiro." (15)

2.5.4.6. "Rio Soberbo — Estação da Barreira — E. F. Teresópolis."

"Cascata do Imbuí — Teresópolis." (39-42)

2.5.5. História

2.5.5.1. ABREU, C. de. "Três de Maio." Discussão em torno da data do descobrimento do Brasil. Os calendários juliano e gregoriano como referenciais. (48)

2.5.5.2. FAZENDA, Vieira. "Cenas extintas." O tráfego negro, a documentação legada por Rugendas e o mercado do Valongo. (Ilustrado com desenhos de Rugendas.) (45)

2.5.5.3. SILVEIRA JR., Xavier da. "Treze de Maio." Da Lei do Ventre Livre, 1871, até a libertação final, 1888. A participação da *intelligentzia* brasileira. (43)

2.5.10. Engenharia

2.5.10.1. L. "Obras do Cais do Rio de Janeiro." Relato minucioso da técnica empregada na construção do Porto do Rio de Janeiro. (Ilustrado.) (10)

2.5.10.2. LISBOA, Alfredo. "O Canal do Mangue." As obras de saneamento do Canal do Mangue. (Ilustrado.) (17)

2.5.14. Política

2.5.14.1.* GIL. "Renascimento." Texto abertamente simpático à atuação de Rodrigues Alves e de Lauro Müller. (23)

2.5.16. Tradução

2.5.16.1. BARRETO, Paulo. "Salomé" (Oscar Wilde). Enquanto Iokanaan continua a profetizar desgraças, Herodes insiste com Salomé para que dance para ele, prometendo-lhe riquezas. Ao mesmo tempo, embriagado, conside-

ra-se feliz por ser um dos favoritos de César. (51)

2.5.31. Matéria militar

2.5.31.1. BURLAMAQUI, Armando. "Algumas considerações sobre os fundamentos estratégicos das organizações navais — A política naval americana." Ao passar em revista a política naval européia e asiática, o A. quer chamar a atenção para os perigos "que corremos pelo abandono do mar". (31)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 6, jun. 1905.

2.6.1. Prosa

2.6.1.1. CAMPOS, Lima. "O G. Lobo — Crônica de saudades." O A. recorda um restaurante carioca, famoso pela freqüência boêmia a partir de 1884. (17)

2.6.1.2. COELHO NETO. "Fertilidade — IV." Uma chuva forte afasta as apreensões de Mateus, que resolveu descer até a venda do "Seu" Luís, para jantar. Sendo domingo, a venda estava cheia de pessoas que ouviam um veterano do Paraguai, o caboclo Avaí, contar suas bravatas. Mateus também participa do auditório, enquanto espera aprontar sua comida. (7)

2.6.1.3. LUSO, João. "Tipos e símbolos — O portador da fortuna." A tentação para o adulto: o miserável vendedor de bilhetes de loteria. (14)

2.6.1.4. MARQUES, Xavier. "Mariquita." Atormentado pelo ciúme, um caboclo ataca sua patroa, depois de surpreendê-la traindo seu patrão. (31)

2.6.1.5. O.B. "Crônica." A propósito das festas juninas, O.B. lembra o costume de tirar a sorte. (4)

2.6.2. Poesia

2.6.2.1. ALMEIDA, Filinto de. "Don Quixote" e "Sancho Pança". Dois poemas lidos no Gabinete Português durante as comemorações cervantinas de 12 de junho. O primeiro tem 11 quadras alexandrinas e exalta o Quixote como encarnação da nobre alma latina. O segundo é um conjunto de dois sonetos decassílabos. No primeiro soneto, o poeta ironiza a gula e a pretensão de Sancho, em forma de pergunta. No segundo soneto, Sancho responde reconhecendo o idealismo do amo e a sua desilusão com governos e homens. (30)

2.6.2.2. MENDONÇA, Lúcio de. "O perfume imperecível." O perfume inextinguível de uma flor, superior a qualquer desgraça humana. Soneto alexandrino. (21)

2.6.2.3. SILVA, Francisca Júlia da. "Em caminho da Luz." Desesperado, o poeta reencontra a palavra de Cristo. Seis quartetos de três versos alexandrinos e um verso de oito sílabas. (16)

2.6.3. Crítica

2.6.3.1. AZEREDO, Carlos Magalhães de. "O monumento a Vítor Hugo em Roma." O A. critica, com ironia, o monumento ao poeta francês, chamando-o de medíocre em comparação com o de Goethe. (Ilustrado.) (37)

2.6.3.2. CARVALHO, Reis. "Cervantes e o D. Quixote." Comentário crítico ao *Don Quixote*, cujo terceiro centenário de publicação ocorreu em 1905. (Ilustrado com fac-símile da primeira edição e com desenhos de G. Doré.) (23)

2.6.4. Ilustração

2.6.4.1. PASSOS, Oliveira. "Fachada do Teatro Municipal." (Projeto.) (11)

2.6.4.2. "Pedra da Gávea." Rio. (39)

2.6.4.3. "Estátua da escultora brasileira, D. Nicolina de Assis, no pedestal do monumento do General Couto de Magalhães. Salão de Paris de 1905." (48)

2.6.4.4. "Edifício do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas." Rio. (52)

2.6.7. Música

2.6.7.1. PACHECO, Félix. "Os mestres cantores de Nuremberg" (Adaptação de excertos de Ed. Schuré). Explicação histórica e resumo do entrecho da ópera de Wagner. (44)

2.6.12. Noticiário

2.6.12.1. F.R. "A estátua de D. Pedro II." F.R. reclama contra o abandono de uma estátua de D. Pedro II, feita por Chaves Pinheiros em 1865. O objeto encontrava-se no Asilo dos Inválidos da Pátria. (6)

2.6.12.2. X. "Henrique Chaves." Sobre o jantar comemorativo dos 35 anos de jornalismo de Henrique Chaves, diretor de *A Gazeta*. (Ilustrado.) (13)

2.6.13. Publicidade

2.6.13.1. Temporada lírica italiana. Luigi Mancinelli — Diretor artístico e Regente da Orquestra. Sopranos: Maria Farneti; Matilde Delerma; Amelia Campagnoli. Meio-soprano: Maria Verger. Tenores: Amedeo Bassi; Fiorello Giravo. Barítonos: Antonio Magi-

ni Coletti; Antonio Pini Corsi; Michele de Padova. Primeiro baixo: Gaudio Mansueto. Tenor *utilité*: Cesare Spadoni. Regente substituto: Maestro Bustini. Chefe dos coros: Ottorino Vertova. Ponto: Marchesi.

Repertório da série A:

Os mestres cantores de Nuremberg — R. Wagner (Comédia lírica em 3 atos);

Ero e Leandro — Luigi Mancinelli (Ópera em 3 atos);

Amica — Pietro Mascaqui (Poema dramático em 2 atos);

Werther — J. Massenet (Drama lírico em 3 atos);

A danação de Fausto — H. Berlioz (Lenda dramática em 4 atos);

Lohengrin — R. Wagner (Ópera romântica em 3 atos).

Repertório da série B:

Sansão e Dalila; *La Bohème*; *Tosca*; *Manon Lescaut*; *Carmen* e *Mefistófeles*. (1)

2.6.16. Tradução

2.6.16.1. BARRETO, Paulo. "Salomé" (Oscar Wilde). Salomé dança para o rei, sob a promessa de obter tudo o que pedisse. E Salomé pede a cabeça de Iokanaan. O rei tenta dissuadi-la com promessas de riquezas, mas Salomé insiste. Aterrorizado, o rei concorda, mas, no final, manda seus soldados matarem a enteada. (49)

2.6.20. Teatro

2.6.20.1. RIO, João do. "Fim de um símbolo." João do Rio relata uma conversa mantida com um dos únicos criadores de fantoches brasileiros — Batista — que la-

menta o desprestígio de sua arte. (41)

2.6.20.2. S. "Coquelin." Simples nota entusiástica anunciando a próxima chegada de novo conjunto francês, composto por Coquelin, Mlle. Darthy e Mlle. Sylvie. (Ilustrado.) (46)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 7, jul. 1905.

2.7.1. Prosa

2.7.1.1. COELHO NETO. "Fertilidade — V." De volta à cabana e impressionado com o relato do caboclo Avaí sobre a guerra do Paraguai, as mortes e o sangue, Mateus sonha com uma chuva vermelha que produz magnífico reflorescimento da natureza. Acreditando no sonho, Mateus sacrifica seus três bois e sai em desabalada carreira pelas estradas todo empapado em sangue. (21)

2.7.1.2. DUQUE, Gonzaga. "Ciúme póstumo." Numa sala luxuosa, Raul discorre para os amigos sobre metempsicose. (Ilustrado por Raul.) (30)

2.7.1.3. LUSO, João. "Tipos e símbolos — O Senhor Lar." Dentro do lar, recesso inexpugnável do "bom burguês", intromete-se a figura impertinente do caixairo, que namora a copeira mulata e recolhe o palpite para o "bicho", da sogra do proprietário. (34)

2.7.1.4. O.B. "Crônica." Neste mês, O.B. demora-se em considerar o sucesso da temporada teatral de Coquelin, quando predominaram peças de E. Rostand. (4)

2.7.2. Poesia

2.7.2.1. CARDOSO, Fausto. "Suprema adoração." O poeta reitera

seu voto de amor à mulher e considera inesquecível sua lembrança. Dois sonetos alexandrinos. (33)

2.7.2.2. REZENDE, J. Severino de. "Canção." A Luz Divina que procura mostrar o caminho ao mundo viciado. 25 quartetos de 7 sílabas. (6)

2.7.4. Ilustração

2.7.4.1. AMOEDO, R. (Sem título.) Desenho. Uma mulher, envolta em vestido vaporoso, de barrete frígido, tendo na mão esquerda a Declaração dos Direitos do Homem e na direita uma espada. (Esta ilustração antecede o texto sobre "A Revolução Francesa" de Reis Carvalho, 2.7.5.2.) (7)

2.7.4.2. "3.º Congresso Científico Latino-Americano": Escola Politécnica; Hospital Nacional de Alienados; Membros da Comissão Diretora; Presidentes e Membros das Seções; Clube Naval e Pedagogium. (16-20)

2.7.4.3. "Pedra da Gávea." Rio. (45)

2.7.4.4. Fonte destinada ao Jardim da Glória. O novo Jardim da Glória. (48-49)

2.7.5. História

2.7.5.1. ABREU, C. de. "História pátria." As dificuldades de Duarte Coelho para colonizar sua capitania de Pernambuco. (51)

2.7.5.2. CARVALHO, Reis. "A Revolução Francesa." A Revolução Francesa, "admirável esboço da regeneração humana", segundo uma perspectiva positivista. (9)

2.7.8. Filosofia

2.7.8.1. JORGE, A.G. de Araújo. "Psicologia de uma época — To-

bias Barreto. (Página dum estudo consagrado à memória do genial sergipano.)" Ao contrário do que promete o subtítulo, trata-se de uma visão bastante panorâmica do florescimento científicista europeu do fim do século XIX. (46)

2.7.9. Geografia

2.7.9.1. MARQUES, Xavier. "Rio e Vale do S. Francisco." A importância geo-histórica do São Francisco. Relato descritivo. (Ilustrado.) (41)

2.7.12. Noticiário

2.7.12.1. "3.º Congresso Científico Latino-Americano." A se realizar entre 6 e 16 de agosto. As áreas de conhecimento, os locais de funcionamento, os países representados, as comissões diretoras de trabalhos, etc. (15)

2.7.13. Publicidade

2.7.13.1. L. Musso & Cia. — Fotógrafo. (3)

2.7.15. Arquitetura

2.7.15.1. CAMPOS, A. Lima. "Estilos em arquitetura — Estilo romano — IV." Origem, desenvolvimento e características da arquitetura romana. O estilo grego voltado para a beleza e o romano para a funcionalidade. (36)

2.7.21. Etnografia

2.7.21.1. CARVALHO, Domingos Sérgio de. "Cerâmica pré-histórica — Vasos silvadores do Peru." Análise da cerâmica peruana existente no Museu Nacional. A importância desse tipo de estudo para o conhecimento de determinadas civilizações. Estudiosos anteriores. (Ilustrado.) (25)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 8, ago. 1905.

2.8.1. Prosa

2.8.1.1. L. "O Congresso Latino-Americano." A afirmação científica e intelectual latino-americana que representou a realização do Congresso. Sobretudo diante da Europa e dos EUA. (Ilustrado.) (12)

2.8.1.2. LUSO, João. "Tipos e símbolos — As figurinhas de Gerbault." O trabalho, as esperanças e as dores das costureiras dos ateliers elegantes. (40)

2.8.1.3. MARQUES, Silva. "O coração de Danko." Danko, jovem guerreiro, guia sua tribo, ameaçada pelo inimigo, para outro sítio. (21)

2.8.1.4. O.B. "Crônica." Aceitando a sugestão de um correspondente, O.B. propõe o 15 de agosto — Assunção da Virgem — para o dia de Glorificação da Mulher. (8)

2.8.2. Poesia

2.8.2.1. ANDRADE, J.M. Goulart de. "Forte abandonado." Agora que o forte foi abandonado e que o ruído dos canhões desapareceu, o poeta convoca as flores, o sol, os peixes, a lua, o vento e os pássaros para que se apossem do forte, pois o perigo — o homem — já não existe mais. 38 versos alexandrinos emparelhados. (38)

2.8.3. Crítica

2.8.3.1. CARVALHO, Reis. "Odorico Mendes." A sobrevivência de O.M. através de suas traduções. (50)

2.8.4. Ilustração

2.8.4.1. "3.º Congresso Científico Latino-Americano." (10-11)

2.8.4.2. Inauguração da estátua de Teixeira de Freitas, execução de Rodolfo Bernardelli. (14)

2.8.4.3. "3.º Congresso Científico Latino-Americano." (17-18)

2.8.4.4. "3.º Congresso Científico Latino-Americano." (23-24)

2.8.4.5. "3.º Congresso Científico Latino-Americano." (29-34)

2.8.4.6. "3.º Congresso Científico Latino-Americano." (39)

2.8.4.7. "3.º Congresso Científico Latino-Americano." (43)

2.8.5. História

2.8.5.1. SANTOS, Noronha. "Rendas do Senado." Origem, natureza e destino dos impostos no Rio durante os séculos XVI, XVII e XVIII. (19)

2.8.5.2. U.A. "Onze de agosto." Controvérsias políticas sobre a criação da universidade brasileira, a partir da sugestão do deputado gaúcho José Feliciano Fernandes Pinheiro (1823). (15)

2.8.7. Música

2.8.7.1. DUQUE, Gonzaga. "Três imagens de Wagner." A partir da obra *Wagner en caricature* de John Grand-Carteret, G.D. traça rápida trajetória dos (in)sucessos de Wagner. (Ilustrado.) (35)

2.8.7.2. RIO, João do. "A musa urbana." A música popular carioca, seus representantes e temática. (25)

2.8.13. Publicidade

2.8.13.1. Fogão a gás Coke; FilTROS Mallié; Aperitivos Dubonnet;

Laport, Langaard & Cia. — Importação e Exportação; *Rio de Janeiro* (notícia geral, histórica e descritiva da cidade) de Ferreira da Rosa; Impressões e gravuras das Oficinas Kosmos; L. Musso & Cia., fotógrafo; Artur Leitão, tapeçaria e móveis; Louis Hernanny, depositários de Pilol, remédio para queda de cabelo. (2-6)

2.8.13.2. "Os nossos figurinos" — "Modelo da Casa Ney Soeurs de Paris, criado especialmente para *Kosmos*". (42)

2.8.14. Política

2.8.14.1. ALVES, Sancho. "Comentários — Candidaturas e campeonatos — O esporte político." As agitações pré-eleitorais em que Pinheiro Machado, Campos Salles, Bernardino de Campos, Rodrigues Alves, Bias Fortes, Afonso Pena e outros ocupam o centro das preocupações. (48)

2.8.31. Matéria Militar

2.8.31.1. BURLAMAQUI, Armando. "A defesa de Costas e a Marinha (Um ensinamento da guerra do Oriente e a recente decisão inglesa sobre Gibraltar)." O A. recomenda para o Brasil a criação de um grupo especial de artilharia da Costa. (45)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, set. 1905.

2.9.1. Prosa

2.9.1.1.* AZEVEDO, C. de. "Dorios." Como embaixador de seu país em um império qualquer da Ásia, Dorios foi escolhido pelo corpo diplomático para representá-lo junto ao palácio imperial a fim de resolver uma disputa entre

estrangeiros e nacionais. Resolvenda a questão, Dorios atrai para si a antipatia dos orientais que, numa manifestação hostil, invadem sua residência e o matam. (19)

2.9.1.2. LUSO, João. "Tipos e símbolos — O último." O carregador. Suas idas e vindas com o carrinho; a necessidade social de sua função e os constantes remoques de que é vítima. (24)

2.9.1.3. O.B. "Crônica." Imaginando-se orador no Instituto Nacional de Música, O.B. "discursa" sobre as qualidades e virtudes das flores. (4)

2.9.3. Crítica

2.9.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Salão de 1905." O salão de 1905 e suas principais figuras: Eugène Morand, Guillomet, Heitor Malaguti, E. Visconti, J. Batista, Eulália Silva, etc. (27)

2.9.3.2. SILVA, Oliveira e. "Chateaubriand." Restrições ao "romantismo mórbido" de Chateaubriand, responsável pelo desfibramento de uma época. (42)

2.9.4. Ilustração

2.9.4.1. "Os organizadores do 3.º Congresso Científico Latino-Americano." (11)

2.9.4.2. Terceira Batalha de Flores; Regata no Botafogo; Marinha Argentina. (15-18)

2.9.4.3. Campeonato de 1905. Avenida Beira-Mar. (26)

2.9.4.4. "Rodolfo Chambelland." (31)

2.9.4.5. Projeto de reconstrução da fachada do Quartel-General. (39-41)

2.9.4.6. "O Grande Prêmio Jockey Club." (43)

2.9.4.7. KLIXTO. Caricaturas. (48)

2.9.5. História

2.9.5.1. CARVALHO, Reis. "A independência do Brasil." Os acontecimentos políticos que desembocaram no 7 de Setembro e a participação de José Bonifácio. (7)

2.9.5.2. COUTINHO, J.C. Lacerda, compilador. "A lenda de Otero." As façanhas e peripécias de Otero, irmão de Atislo e filho de Hothbrodo, rei sueco. (36)

2.9.5.3. SANTOS, Vilela dos. "Conselheiro Carlos Augusto de Carvalho." A carreira política, jornalística, jurídica e as obras publicadas de Carlos Augusto de Carvalho. (12)

2.9.12. Noticiário

2.9.12.1. "D. Juan Vucetrich." J.V. recebe as homenagens de *Kosmos* por ter batalhado, de forma intransigente, pelo uso da dactiloscopia em vez do processo antropométrico nas identificações criminais; por ter obtido consagração no 3.º Congresso Científico Latino-Americano; por ter sido escolhido correspondente de *Kosmos* na Argentina. (Ilustrado.) (6)

2.9.13. Publicidade

2.9.13.1. Caxambu — água mineral; Suco de uva Murtinho Nobre & Cia. (2-3)

2.9.16. Tradução

2.9.16.1. MENDES, Odorico. "Odisseia" Livro XXIII. Em homenagem à data de morte de O.M., Reis Carvalho publica a tradução até então inédita do trecho acima. (45)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, out. 1905.

2.10.1. Prosa

2.10.1.1. ANTUNES, Mário. "Neurastenia." Julieta enviudara há alguns meses e só conseguiu sair da melancolia em que caíra, graças ao médico que viera visitá-la. (9)

2.10.1.2. LUSO, João. "Tipos e símbolos — Luís Fernandes." Ascensão e queda de um ator teatral. (38)

2.10.1.3. O.B. "Crônica." A crônica deste mês detém-se sobre *Novas poesias* (2.^a série) de Alberto de Oliveira, "o mais brasileiro de todos os poetas do Brasil". (Ilustrado.) (3)

2.10.1.4. PEIXOTO, Júlio. "Opiniões." A opinião pública é guiada por altos interesses e varia conforme estes o desejam. (29)

2.10.1.5. SANTIAGO, Gustavo. "Sala vazia." Maravilhado e inerte, o narrador não consegue atender ao chamado da bela mulher. (14)

2.10.2. Poesia

2.10.2.1. AUSTREGÉSILO, Antônio. "Amores paralíticos." 11 quartetos alexandrinos em torno do amor entre dois paralíticos, realizável através da morte somente. (30)

2.10.3. Crítica

2.10.3.1. DUQUE, Góznaga. "Exposição Teixeira Lopes." Comentários sobre a exposição do escultor Teixeira Lopes no Gabinete Português de Leitura, por iniciativa de Bernardino Lobo. (Ilustrado.) (24)

2.10.3.2. GUANABARA, Alcindo. "A casa de Dickens." Tomando como pretexto uma visita à casa de Dic-

kens em Portsmouth, A.G. exalta a preocupação social do romancista inglês e confessa abertamente a influência recebida. (40)

2.10.5. História

2.10.5.1. CARVALHO, Reis. "A descoberta da América." Partindo do pressuposto de que "uma descoberta consiste na revelação social do invento", R.C. minimiza a chegada dos chineses e escandinavos à América, antes de Colombo. E confere a este as prerrogativas de verdadeiro descobridor. (21)

2.10.5.2. FLUMINENSE, Américo. "Aspectos e costumes — O morro do Castelo — I." A paisagem humana do morro do Castelo, cuja demolição acreditava-se iminente. (Ilustrado.) (45)

2.10.5.3. SANTOS, Noronha. "Almotacéis." Origem, desenvolvimento e função dos almotacéis no Brasil-Colônia: fiscalização dos gêneros alimentícios, construção, limpeza pública e tráfego. (6)

2.10.5.4. TOLEDO, Demétrio de. "O sultão." As excepcionais medidas de segurança que cercam o sultão turco Abdul Hamud. (Ilustrado.) (35)

2.10.13. Publicidade

2.10.13.1. F.R. "A Equitativa." Origem e desenvolvimento de A Equitativa, companhia de seguros. (Ilustrado.) (42)

2.10.13.2. Autógrafo em francês de Clara Bernhardt endereçado ao "Monsieur le Président de la Compagnie des Eaux de Caxambú. Votre eau est aussi délicieuse que bienfaisante, on boit le premier verre par raison les autres par gourmandise". (Ilustrado.) (2)

2.10.15. Arquitetura

2.10.15.1. X.X. "A nova torre da catedral do Rio de Janeiro." Explicação do projeto, acompanhada de fotografia. (20)

2.10.16. Tradução

2.10.16.1. ALMEIDA, Pires de. "Elogio da loucura" (Erasmus). Condenação à prudência excessiva e à inadequação do intelectual ao jogo político. (Ilustrado.) (15)

2.10.17. Filologia

2.10.17.1. VERÍSSIMO, José. "Briga de gramáticos — Carneiro *versus* Rui Barbosa — I." Crítica irônica e contundente às disputas gramaticais entre Carneiro e Rui. (31)

2.10.32. Diversos

2.10.32.1. HENZE, Carlos. "A fisionomia e as mãos." "Leitura" das mãos e da cabeça de Eleonora Duse. (Ilustrado.) (11)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 11, nov. 1905.

2.11.1. Prosa

2.11.1.1. FLUMINENSE, Américo. "Os cemitérios do Rio." Descrição dos cemitérios cariocas e do hábito religioso — que degenerou em piqueniques — das visitas aos mortos em novembro. (Ilustrado.) (11)

2.11.1.2.* GIL. "A grande artéria (de Aleixo Manuel a Avenida Central)." Retrospectiva histórica da Avenida Central, ex-rua de Aleixo Manuel, barbeiro no século XVIII. (Ilustrado.) (36)

2.11.1.3. L.C. "Oh! Jeremias!..." Calimério entrega uma carta a Jeremias, sobre a proposta dos médicos quanto à mudança dos tra-

jos masculinos e pede a este que a publique em seu jornal. (20)

2.11.1.4.* LUSO, João. "Tipos e símbolos — O herói do domingo." O "herói do domingo", que espanta a burguesia no bonde por causa de sua alegria e de suas brincadeiras espalhafatosas, é o "caixeiro" (22)

2.11.1.5.* O.B. "Crônica." O.B. comemora, entusiasmado, a abertura da Avenida Central e endossa a Campanha do "Clube Médico" em favor de uma indumentária masculina mais de acordo com o clima carioca. (2)

2.11.2. Poesia

2.11.2.1. SILVA, Vítor. "Esfinge." A Esfinge eterna, impassível diante do desenrolar da História, guarda "o enigma da vida e o mistério da morte...". Soneto alexandrino. (Ilustrado por Fiuza.) (43)

2.11.3. Crítica

2.11.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Pedro Américo." A personalidade megalomaniaca, o prestígio e a decadência de Pedro Américo. (Ilustrado.) (33)

2.11.3.2. MARQUES, Silva. "A dança dos mortos." A morte como temática artística e como preocupação incessante. As várias concepções da "Dança dos mortos", especialmente a de Holbein. (24)

2.11.4. Ilustração

2.11.4.1. "Fortaleza de Santa Cruz." (5)

2.11.12. Noticiário

2.11.12.1. ROSA, Ferreira da. "Avenida Central." Com farta ilustração, que chega a ocupar

páginas inteiras, Ferreira da Rosa comenta a inauguração da Avenida Central, onde a "Rotina e o Carrancismo sofreram tremenda derrota". (26)

2.11.17. Filologia

2.11.17.1. U.A. "FF e RR." U.A. ironiza a atuação da Academia Brasileira de Letras e propõe soluções avançadas no sentido de se simplificar a ortografia portuguesa. (18)

2.11.17.2. VERÍSSIMO, José. "Briga de gramáticos — Carneiro *versus* Rui Barbosa — II." Veríssimo insiste sobre a mentalidade arcaizante de Rui e discute os critérios para se definir um clássico da linguagem. (7)

2.11.31. Matéria militar

2.11.31.1. BURLAMAQUI, Armando. "A defesa de Costas e a Marinha." Estrutura, natureza e função de um grupo de artilharia da costa. Matéria desenvolvida a partir de três suposições bélicas: o Brasil "atacado" por um país do Atlântico, do Pacífico ou por um outro qualquer bem afastado. (45)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 2, n. 12, dez. 1905.

2.12.1. Prosa

2.12.1.1. ALMEIDA, Júlia Lopes de. "Flamboyants..." J.L.A. lamenta a iniciativa de se cortar as árvores que davam sombra à cidade. (13)

2.12.1.2. BANDEIRA, Sousa. "O Natal de 2005." O A. imagina um mundo futuro em que, "logo com as primeiras letras", as crianças já "tenham recebido as bases de uma concepção científica do Universo".

"Pobres crianças de 2005! Como eu vos lamento!" (22)

2.12.1.3. CAMPOS, Lima. "O Natal do órfão." Na noite de Natal, batem à porta de um casal de velhos, cujo netinho órfão corre para abri-la. E a "sombra indecisa de uma mulher" recebe um beijo do garoto. (Ilustrado por R. Amoedo.) (44)

2.12.1.4.* DUQUE, Gonzaga. "Benditos olhos." Dois olhos verdes fascinantes, incrustados numa cabeça loira despertam a paixão do narrador. (Ilustrado por R. Amoedo.) (39)

2.12.1.5. FLUMINENSE, Américo. "Natal do amor." Com o namoro de Eugênio e Evangelina alegra-se o Padre Jacinto, pois Dona Emerenciana, mãe da moça, prometera fundos para a nova torre da igreja, caso o namoro se firmasse. (56)

2.12.1.6. GOMES, Oliveira. "O último conto de Natal." A avozinha, a quem as crianças sempre solicitavam estórias de fadas e princesas na noite de Natal, nesse Natal contou a sua própria estória. E depois morreu. (63)

2.12.1.7. LUSO, João. "Tipos e símbolos — Vovô Natal." Depois de mostrar, intencionalmente, uma imagem positiva do Papai Noel, João Luso desmistifica-o, chamando-o de adulator que "só dá aos que não precisam". (24)

2.12.1.8. MACEDO, Costa. "Terra maldita." Em um sítio de terra ruim, o velho lavrador anima-se com uma macieira carregada e que ele considera como bom prenúncio. Pede à filha que colha algumas frutas. Ema vai, mas ao querer alcançar um fruto mais

alto, despenca da árvore. (Ilustrado.) (53)

2.12.1.9. O.B. "Crônica." Bilac aborda quatro itens neste mês: 1) o balanço pessoal em fim de ano; 2) o aproveitamento da Tijuca como região de veraneio; 3) o decreto municipal que institui na escola pública a saudação diária à bandeira nacional; 4) as costumeiras felicitações de fim de ano. (3)

2.12.1.10. REDAÇÃO. "Editorial." *Kosmos* "tem o direito de se julgar um milagre num meio em que as tentativas congêneres sempre falharam" e, apesar dos obstáculos, continuará lutando para manter o padrão. (1)

2.12.1.11. VÁRZEA, Virgílio. "A bordo." Junto com a festa de Natal, o capitão de um barco e sua família comemoram, a bordo, o noivado da filha. (15)

2.12.2. Poesia

2.12.2.1. CELSO, Afonso. "Vice-mãe." Vendo seu filho menor no colo da irmãzinha mais velha, entenece-se o poeta e a nomeia vice-mãe. 5 quartetos de 7 sílabas. (Ilustrado por R. Amoedo.) (43)

2.12.2.2. EDMUNDO, Luís. "Natal." A felicidade da Virgem Maria que haverá de se converter em dor. Soneto alexandrino. (23)

2.12.2.3. M.P. (Sem título.) O Natal triste de uma criança pobre. (Ilustrado por R. Amoedo.) (37)

2.12.2.4. PEDERNEIRAS, Mário. "Dor suprema." O poeta quer eternizar em versos a "Dor suprema" que o prende e o martiriza. Soneto alexandrino. (Ilustrado por Raul.) (46)

2.12.3. Crítica

2.12.3.1. VERÍSSIMO, José. "Bocage." Depois de ressaltar o paralelismo das vidas acidentadas de Camões e de Bocage e depois de associar aquele à grandeza de Portugal e este à decadência, Veríssimo procura mostrar a condescendência da crítica quanto a Bocage, afirmando que "ele não criou nada na língua e na literatura portuguesa". (7)

2.12.4. Ilustração

2.12.4.1. MALAGUTI, H. "Gloria in excelsis Deo." (5)

2.12.4.2. Foto de Barbacena, M.G. (14)

2.12.4.3. "Volta ao pasto." (Tricromia.) (31)

2.12.4.4. Enseada do Botafogo. (59-61)

2.12.5. História

2.12.5.1. BEHRING, Mário. "Um Natal na Bahia no século XVIII." Mário Behring reproduz parte de um diário de Msieur de la Barbinais le Gentil, navegante francês que aportara em Salvador no Natal de 1717. Referências pouco elogiosas ao clero baiano. (Ilustrado.) (27)

2.12.5.2. FREIRE, Dário. "O Estado livre de Bremen e o seu primeiro magistrado." Origem, desenvolvimento e estrutura político-administrativa de Bremen, Alemanha. (Ilustrado.) (47)

2.12.13. Publicidade

2.12.13.1. Sociedade Anônima de Gás do Rio de Janeiro. (66)

2.12.16. Tradução

2.12.16.1. VIANA, Ferreira. "O corvo"; "O pastor e o rouxinol"; "O carneiro"; "O carneiro e a andorinha"; "O corvo e a raposa". Cinco fábulas curtas de Lessing, traduzidas do alemão. (42)

2.12.21. Etnografia

2.12.21.1. RIO, João do. "Orações." Comentários acerca dos vários tipos de oração usada pela população carioca. (33)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 1, jan. 1906.

3.1.1. Prosa

3.1.1.1. CUNHA, Euclides da. "Entre os seringais." Num artigo pessimista, Euclides da Cunha descreve o "avançar ilusório" dos seringalistas cearenses no Purus. (Ilustrado.) (26)

3.1.1.2. * LUSO, João. "Tipos e símbolos — O Sr. Y." Crônica satirizando o tipo literário que se presume gênio e, portanto, superior à massa inculta. (31)

3.1.1.3. O.B. "Crônica." Na crônica deste mês, O.B. lamenta as enchentes; o tempo úmido que veio atrapalhar a iniciativa de se mudar o vestuário masculino; e recrimina a idéia de se organizar um *Women-Club* no Rio, vendo nisso pura mania de imitação. (2)

3.1.1.4. RIO, João do. "Chuva de candidatos." Crônica satirizando a demagogia, o populismo, a bajulação e as características comuns aos candidatos em vésperas de eleição. (Ilustração de Klixto.) (51)

3.1.1.5. VÁRZEA, Virgílio. "O rouxinol morto." Numa paisagem me-

dieval, constrói-se a trama de um amor impossível entre Luísa de Renon, esposa do Conde D'Auray, e Godofredo de Rohau. (47)

3.1.2. Poesia

3.1.2.1. SOUSA, Leal de. "Versos para a bem amada." O poeta solicita o olhar da mulher amada para que o purifique. 41 versos livres. (42)

3.1.3. Crítica

3.1.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Um escultor." A obra escultórica de Correia Lima, continuador da tradição de R. Bernardelli. (Ilustrado.) (15)

3.1.3.2. O.B. "A tristeza dos poetas brasileiros." O.B. se insurge contra a voz corrente que tachou de tristes os poetas brasileiros e tenta provar que a tristeza não é prerrogativa dos brasileiros apenas, mas de todos os poetas, "intérpretes desta grande e dolorosa vida humana". (35)

3.1.3.3. VERÍSSIMO, José "Vida literária — Uma poetisa e dois poetas." Texto crítico sobre *Pedras Preciosas* (Luís Guimarães Filho), *Vibrações* (Júlia Cortines) e *Últimos sonetos* (Cruz e Sousa). (5)

3.1.4. Ilustração

3.1.4.1. AMOEDO, R. "Bumba-meu-boi." (23)

3.1.4.2. MALAGUTI, H. "Os Reis Magos." (25)

3.1.4.3. "Perdigueiros." (Tricromia.) (33)

3.1.5. História

3.1.5.1. MENDONÇA, Lúcio de. "A noiva de Bocage." Reconstruindo sua paisagem de infância, L.M.

admite ter conhecido Maria Vi-
cência Bressane Leite, ex-noiva de
Bocage, em São Gonçalo do Sa-
pucaí, sul de Minas. (29)

3.1.12. Noticiário

3.1.12.1. "A catástrofe de Jacua-
canga." Nota de pesar, acompa-
nhada de farta ilustração, endere-
çada à Marinha, pela explosão do
Aquidabã. (10)

3.1.12.2. "As inundações." Texto
e abundante material fotográfico
que noticiam as enchentes em Juiz
de Fora. (43-46)

3.1.13. Publicidade

3.1.13.1. Rodrigues, Mayrinck &
Cia. — tecidos. (54)

3.1.21. Etnografia

3.1.21.1. A.A. "O bumba-meu-
boi." Depois de caracterizar o
"bumba-meu-boi" como "simples
folgado, sem significação algu-
ma", A.A. lamenta seu desapare-
cimento no Rio, cidade de "popu-
lação heterogênea". (21)

3.1.27. Filatelia

3.1.27.1. Cartão-postal, "perten-
cente à coleção de Olavo Bilac",
com selo comemorativo do jubileu
do General Mitre (26 de junho de
1901), emitido pelo correio argen-
tino. (20)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3,
n. 2., fev. 1906.

3.2.1. Prosa

3.2.1.1. ALBERTO, Paulo. "A his-
tória dos gafanhotos" (Conto para
crianças). Um rei, insaciável apre-
ciador de estórias, promete a mão
da única filha a qualquer súdito

que consiga contar-lhe uma estória
interminável. (Ilustrado.) (29)

3.2.1.2. CAMPOS, Lima. "Femina."
Marta é confidente das amigas,
todas apaixonadas pelo mesmo
homem. (56)

3.2.1.3. COELHO NETO. "Frutos
maduros." Um rei se insurge con-
tra as frutas muito maduras que
lhe servem. Chamando o encar-
regado do pomar à sua presença,
o serviçal desculpa-se, culpando o
médico real. A este, então, o rei
dirige severa descompostura. (55)

3.2.1.4. LUSO, João. "Tipos e sím-
bolos — Gomes, homem sério."
Por trás da fachada do burguês
sério e imaculado, o narrador des-
cobriu, em vésperas de Carnaval,
um folião convicto. "Gomes to-
mava o Carnaval, como tudo o
mais, a sério." (22)

3.2.1.5. O.B. "Crônica." Neste
mês, O.B. lamenta a ocorrência do
Carnaval, "que abafa com o es-
tridor do seu zambubar e do seu
buzinar os gemidos e os soluços",
despertados pelo naufrágio do
Aquidabã e pelas enchentes. (7)

3.2.1.6. RABELO, Pedro. "Ruínas."
De volta de uma viagem curta,
Jorge surpreende a esposa em
adultério. (32)

3.2.1.7. RIO, João do. "Elogio do
cordão." Se a princípio o narrador
resistia ao convite do cordão car-
navalesco e desenvolvia argumen-
tos contra, no final adere à folia.
(Ilustrado por Klixto.) (16)

3.2.1.8. VÁRZEA, Virgílio. "A ban-
deira." Narrativa de fundo histó-
rico que reconstitui o ato heróico
de João Leonardo, marinheiro da
ilha de Villegagnon durante a Re-
volta da Armada. (13)

3.2.2. Poesia

3.2.2.1. BARROS, Miguel. "A angústia humana." A longa e penosa caminhada da humanidade através de uma alta e escarpada montanha. Cinco quartetos de versos livres. (Ilustrado por Heitor Malaçuti.) (37)

3.2.3. Crítica

3.2.3.1. U.A. "O poeta Varela — Manuscritos." Embora pretenda a crítica, o artigo é mais noticioso. Menciona cópias de poemas atribuídos a Fagundes Varela, reproduz algumas, comenta superficialmente o americanismo do Poeta e traços de sua biografia, e lembra a existência de um busto do Poeta em Petrópolis. (24)

3.2.4. Ilustração

3.2.4.1. Jacuacanga. Trechos da baía de... (39-42)

3.2.5. História

3.2.5.1. DIAS, Carlos Malheiro. "Cartas de Portugal." Em forma de crônica, um balanço histórico pessimista de Portugal: "nós continuamos a alimentar-nos do passado..." (9)

3.2.12. Noticiário

3.2.12.1. BURLAMAQUI, Armando. "O Aquidabã." História detalhada da "vida útil" do Aquidabã. (Ilustrado.) (50)

3.2.12.2. "Marechal Niemeyer." Texto ilustrado lembrando a atuação do Mal. Niemeyer. (28)

3.2.12.3. "A catástrofe de Jacuacanga." Relato ilustrado da explosão do Aquidabã. O local do acidente, os grupos de resgate, etc. (43)

3.2.13. Publicidade

3.2.13.1. "A Equitativa." Relação de apólices sorteadas; parecer do Conselho Fiscal e balancete do ano findo. (2)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, mar. 1906.

3.3.1. Prosa

3.3.1.1. CAMPOS, Lima. "O sonho do Coronel." Depois do jantar, o coronel descansa, cochila e sonha com uma carga de cavalaria. (51)

3.3.1.2. CERQUEIRA, Dionísio. "Dois bons camaradas." Crônica, de fundo histórico, que narra o abandono e o desamparo de dois soldados rasos que salvaram a vida de seus superiores na campanha contra o Paraguai. (5)

3.3.1.3. COELHO NETO. "A felicidade." Entre vários pretendentes à felicidade, a Fortuna elege um mendigo, que vem revelar-se um ganancioso. (54)

3.3.1.4. DUQUE, Gonzaga. "Princesas & Pierrôs." Os trajes carnavalescos em Paris ao tempo de Garvani. (45)

3.3.1.5. LUSO, Joãc. "Tipos e símbolos — S. Excia. o Ladrão." A cobertura moral que a sociedade e as instituições oficiais emprestam ao corrupto. (52)

3.3.1.6. O.B. "Crônica." Associando um espetáculo de fantoches, a que assistira, às catástrofes meteorológicas que assolaram o Rio, O. B. desenvolve considerações sobre a mecânica do universo e seus eventuais desarranjos, de causas desconhecidas. (2)

3.3.2. Poesia

3.3.2.1. LOPES, Oscar. "Palavras de um moribundo." Longo poema de versos livres, onde o moribundo despede-se da vida e das ilusões. (25)

3.3.4. Ilustração

3.3.4.1. "Aspecto da Av. do Mangue após as grandes chuvas." (7)

3.3.5. História

3.3.5.1. BEHRING, Mário. "Documentos preciosos." Comentário e transcrição de algumas notas pessoais, apostas por Pedro II à margem de *Dados e fatos relativos à história política e financeira do Brasil*, volume pertencente à Biblioteca Imperial. O A. encarece a necessidade de pesquisa nessa marginalia. (9)

3.3.9. Geografia

3.3.9.1. RIOS, A. Morales de los. "Algeciras." Descrição geo-histórica de Algeciras em Espanha. Origens, aspectos, economia. (Ilustrado.) (20)

3.3.9.2. "Petrópolis." Por 15 páginas estende-se longo relato, acompanhado de farta ilustração, sobre as condições turísticas que Petrópolis oferece. (26)

3.3.12. Noticiário

3.3.12.1. "Lucílio Albuquerque." Notícia sobre L.A., último premiado pela Escola Nacional de Belas-Artes. (Ilustrado.) (48)

3.3.13. Publicidade

3.3.13.1. Casa Mendes Jr., Livraria. (60)

3.3.21. Etnografia

3.3.21.1. CARVALHO, Domingos Sérgio de. "Etnografia brasileira — Os indígenas Apiacás." Localização geográfica, hábitos, estrutura social e física dos Apiacá. (Ilustrado.) (12)

3.3.21.2. L.C. "A capoeira." O A. atribui ao Rio a origem e ao mestiço a paternidade da capoeira. Descrição de alguns golpes mais usados. (Ilustrado por Klixtó.) (56)

3.3.32. Diversos

3.3.32.1. PACHECO, Félix. "O suposto Steinhaufer." Com base nas fichas de detenção de um delinqüente, F.P. discute as vantagens do método datiloscópico de identificação. (Ilustrado.) (42)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, abr. 1906.

3.4.1. Prosa

3.4.1.1. COELHO NETO. "O trigo." Descansando em meio a um trigal no Paraíso, Deus ouve "uma voz meiga" elevar-se do "campo louro" e pedir-lhe graças para adornar sua pobreza. E Deus concede ao trigo a graça de ser alimento para o corpo e para o espírito. (29)

3.4.1.2. DORIA, Escragnolle. "Feitiço contra feiticeiro." Inconformada e enciumada pelo casamento do filho único, Marcelina incute-lhe suspeitas quanto à fidelidade da esposa. Certo dia, tocando a casa, Vicente atira num vulto de roupa masculina que tentava entrar pela janela. Era a própria mãe. (33)

3.4.1.3. O.B. "Crônica." Apesar das calamidades naturais — as

enchentes no Rio, o terremoto no Japão e na Califórnia, a erupção do Vesúvio — Bilac louva a confiança do Homem, que “não se deixa abater pelos golpes que recebe”. (1)

3.4.1.4. VÁRZEA, Virgílio. “Mártir Cristã.” Numa mansão de requintado luxo, “um necrosado do Espírito” deixa-se envolver pela tela de La Roche, a *Mártir Cristã*, e sonha. (21)

3.4.1.5. X. “638!!!... Gasperoni.” Texto ligeiro e brincalhão sobre um corretor de seguros de A Equitativa, Gasperoni, recentemente contemplado no sorteio de apólices. (Ilustrado por Klixtó.) (16)

3.4.1.6. YORI, Fidé (Josafá Belo). “Crepúsculos.” Os crepúsculos coloridos de Belo Horizonte. (Ilustrado.) (18)

3.4.2. Poesia

3.4.2.1. CELSO, Afonso. “João Paulo.” Versos “domésticos”. O pai que finge assustar-se com a chegada do filho à sua mesa de trabalho. Oito quadras em versos de oito sílabas. (48)

3.4.2.2. PEDERNEIRAS, Mário. “Era uma vez...” Num lar feliz, a felicidade aumenta com o nascimento de Iolanda, cuja morte, meses depois, lançou a dor na casa. Versos brancos e livres. Heterométricos. (20)

3.4.3. Crítica

3.4.3.1. VERÍSSIMO, José. “Um ensaísta pernambucano — O Sr. Artur Orlando.” Texto crítico, exigente, a propósito de duas obras de Artur Orlando, publicadas no Recife: *Ensaio de crítica* (1904) e *Novos ensaios* (1905). (40)

3.4.4. Ilustração

3.4.4.1. “O que foi São Francisco da Califórnia.” (8)

3.4.4.2. “O regresso do Cardeal Arcebispo.” (38)

3.4.4.3. Alto de Teresópolis. (46-47)

3.4.5. História

3.4.5.1. ALMEIDA, Pires de. “O Rio de Janeiro de outrora — Subsídios para o saneamento da cidade.” Histórico das primeiras medidas para beneficiar o arruamento e o escoamento das águas no Rio. (Ilustrado.) (14)

3.4.5.2. BEHRING, Mário. “O precursor.” A partir de textos históricos recentes, M.B. procura diminuir a importância da guerra dos Mascates e dos Emboabas e, ao mesmo tempo, enaltecer a figura de Tiradentes. (4)

3.4.5.3. “Estrada de Ferro São Paulo—Rio Grande; Rede Internacional Brasileira.” Depois de historiar rapidamente as origens da ferrovia, segue-se biografia do seu então diretor, Dr. Antônio Roxo de Rodrigues. (Transcrição de *O País*, 16 abr. 1906.) (Ilustrado.) (49)

3.4.9. Geografia

3.4.9.1. SILVA, Henrique. “Cachoeira Dourada (Ignota maravilha).” Relato sobre Cachoeira Dourada no rio Paranaíba, Brasil Central. (Ilustrado.) (30)

3.4.21. Etnografia

3.4.21.1. BARBEDO, Otacílio. “Cerâmica dos índios do Rio Grande do Sul.” Estudo superficial, acompanhado de fotografias, sobre ce-

râmica funerária e utilitária do indígena gaúcho. (25)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, maio 1906.

3.5.1. Prosa

3.5.1.1. COELHO NETO. "As formigas." O preceptor de um príncipe explica-lhe o valor da união entre os seres e as coisas, a partir do exemplo das formigas. (5)

3.5.1.2. FANTÁSIO. "A dança no Rio de Janeiro." Com ilustrações de Klixto, Fantásio descreve o gosto carioca pela dança, desde o aristocrático Botafogo até o popular bairro da Saúde, onde vigora o samba. (48)

3.5.1.3. LUSO, João. "Tipos e símbolos — o 'Alma'." Importância, função e condição profissional do repórter no jornalismo da época. (9)

3.5.1.4. * O.B. "Crônica." A propósito de uma viagem do futuro presidente Afonso Pena, O.B. destaca a importância da presença de jornalistas na excursão. (2)

3.5.1.5. PIZA, José. "O capitão-do-mato." O negro recapturado desafia o capitão-do-mato a soltá-lo, pois afirma que fora apanhado à traição. Solto, já de garruha na mão, o escravo fraqueja ante o olhar e o escapulário do capitão. (47)

3.5.2. Poesia

3.5.2.1. SILVEIRA JR., Xavier da. "Páginas do Evangelho — Cristo e a adúltera." O apedrejamento da adúltera e a intervenção de Cristo. Versos em 10 e 7 sílabas. (25)

3.5.3. Crítica

3.5.3.1.* DUQUE, Gonzaga. "Imagistas nefelibatas." Artigo moderado, sem agressividade, que rastreia as origens e características do nefelibatismo/simbolismo, concluindo por apresentá-lo como "inofensiva mistificação à gravidade cabeçada do farto burguês e aos sólidos princípios esfarrapados da Crítica de palanques". (Ilustrado.) (22)

3.5.3.2. LOPES, Tomás. "Pintura." Uma visita ao Museu de Arte de Madri. Descrição de algumas telas. (Ilustrado.) (15)

3.5.4. Ilustração

3.5.4.1. VISCONTI, Eliseu. "Maternité." (31)

3.5.5. História

3.5.5.1. ALMEIDA, Pires de. "Uma lauda de história pátria." O prosseguimento da viagem de Cabral, depois de descoberto o Brasil. (Ilustrado.) (6)

3.5.5.2. PEDERNEIRAS, Raul. "O calemburgo." Artigo ligeiro, onde se historia a provável origem do calemburgo e a autoria de alguns trocadilhos célebres no Rio. (11)

3.5.12. Noticiário

3.5.12.1. "A excursão do presidente eleito." A excursão de Afonso Pena, acompanhada de farta ilustração. (33)

3.5.13. Publicidade

3.5.13.1. "A Equitativa." (1)

3.5.14. Política

3.5.14.1. BURLAMAQUI, Armando. "A nova política internacional brasileira e a Marinha." O reapa-

relhecimento da esquadra brasileira como condição básica para reivindicações políticas do hemisfério e para o policiamento marítimo. (27)

3.5.27. Filatelia

3.5.27.1. DUQUE, Gonzaga. "Os selos pan-americanos." Descrição dos selos comemorativos do 3.º Congresso Pan-americano, a se realizar no Rio, em julho de 1906. (13)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 6, jun. 1906.

3.6.1. Prosa

3.6.1.1. COELHO NETO. "Teorias." "Lício, admirável discípulo de Epicuro", tenta convencer o seu amigo Pimentel de que não se deve temer as doenças, sob pena de não se gozar a vida. (12)

3.6.1.2. FANTÁSIO. "A eloquência de sobremesa — Oratória e estômago." Fantásio satiriza a profusão dos oradores, desde o político até o papa-jantares, cuja característica básica é o discurso repleto de lugar comum. (Ilustração de Klixto.) (42)

3.6.1.3. MACEDO, Costa. "A morte da serva." Seduzida e repudiada pelo filho do patrão, Florinda suicida-se. (45)

3.6.1.4. O.B. "Crônica." Depois de comemorar a realização dos festejos juninos, O.B. exalta a temporada teatral, mas recrimina a "burguesia endinheirada e instruída" que não acorre às salas de espetáculo. (1)

3.6.3. Crítica

3.6.3.1. DUQUE, Gonzaga. "As mulheres de Puvis." A "austeridade

dum culto altamente moral" caracterizando as mulheres fixadas por Puvis de Chavannes e a influência benéfica da Princesa Maria de Cantacuzène sobre o pintor. (8)

3.6.3.2. NAPOLEÃO, Artur. "Antonietta Rudge Miller." Por solicitação de *Kosmos*, A.N. endereça à revista uma carta onde realça a técnica pianística e a beleza de A.R.M. (Ilustrado.) (11)

3.6.4. Ilustração

3.6.4.1. "Aspectos de Petrópolis." (21)

3.6.5. História

3.6.5.1. BEHRING, Mário. "Chico-Rei." As origens, a alforria e o luxo de Chico-Rei. (Ilustrado.) (17)

3.6.5.2. FURTADO, Alcebíades. "A lenda de Anchieta." Traços biográficos de Anchieta e o legendário que se criou em torno do jesuíta. (13)

3.6.5.3. LOPES, Tomás. "Rainhas." Perfil enaltecedor da princesa Vitória Eugênia de Battemberg, noiva de Afonso XIII de Espanha. (Ilustrado.) (4)

3.6.5.4. VÁRZEA, Virgílio. "A bordo do Livadia." Reconstituição, tendendo para o ficcional, da viagem de Pedro II a Sebastopol, a convite de Alexandre III da Rússia. (27)

3.6.12. Noticiário

3.6.12.1. "A excursão do Presidente eleito." A permanência em Salvador, Aracaju e Maceió. (Ilustrado.) (29)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 7, jul. 1906.

3.7.1. Prosa

3.7.1.1. COELHO NETO. "O príncipe de Laos." À beira da morte, o castelão avarento se deixa vencer pela filha de que deve mandar buscar um médico, ainda que tenha de pagá-lo. (9)

3.7.1.2. FANTÁSIO. "O namoro no Rio de Janeiro." Em tom de crônica, Fantásio descreve todas as manobras e as espécies de namoro. (Ilustrado por Klixto.) (42)

3.7.1.3. O.B. "Crônica." O.B. endossa o projeto em tramitação na Câmara, que prevê a recondução dos corpos de Pedro II e de D. Teresa Cristina ao Brasil. E, ao mesmo tempo, satiriza aqueles para quem a iniciativa representa tentativa encoberta de restauração monárquica. (1)

3.7.1.4. VÁRZEA, Virgílio. "Durante o bombardeio." Madalena Graça angustia-se, porque acredita que seu noivo, oficial da Marinha, esteja a bordo do Aquidabã durante a Revolta da Esquadra. (19)

3.7.2. Poesia

3.7.2.1. GUIMARÃES JR., Luís. "Gueishas." Soneto heptassílabo que louva a graça e a delicadeza da gueixa. (Ilustrado por C. Knitsu.) (11)

3.7.3. Crítica

3.7.3.1. AZEVEDO, Artur. "Suzanne Desprès." Artigo elogioso relativo à interpretação de *Fedra* de Racine por Suzanne Desprès, na temporada de 1906. (Ilustrado.) (13)

3.7.3.2. DUQUE, Gonzaga. "Exposição Malhoa." A pintura do por-

tuguês José Malhoa que se caracteriza por uma "impulsiva afetividade para os humildes". (39)

3.7.4. Ilustração

3.7.4.1. "Salesianos de Santa Rosa — Niterói". (6)

3.7.4.2. "Cascata Kosmos — Teresópolis." (23)

3.7.5. História

3.7.5.1. BEHRING, Mário. "Sangue paulista." Vila Rica, 1720. Suspeitando de que sua filha estivesse apaixonada por um rapaz sem estirpe, o Cel. Antônio de Oliveira assassina-a. (7)

3.7.6. Sociologia

3.7.6.1. SCHMIDT, F.G. "Assimilação do imigrante." O A. recrimina o "processo de resistência" do imigrante do sul à assimilação. E, ao mesmo tempo, reclama contra a inexistência de uma política mais racional e, sobretudo, organizada para o problema. (16)

3.7.12. Noticiário

3.7.12.1. "Mrs. W.B. Straing, atualmente no Rio de Janeiro, esposa do Magnate (sic) W.B. Straing, das Estradas de Ferro do West, Estados Unidos." (Foto.) (18)

3.7.12.2. "A excursão do Presidente eleito." Sete páginas de reportagem fotográfica sobre a viagem, focalizando Recife e Olinda e a primeira página de *O Brasil* (n. 3, 26 jun. 1906), jornal impresso a bordo do navio presidencial. (25)

3.7.12.3. "O Oriana." Dados técnicos do vapor inglês Oriana, recentemente incorporado às linhas

da América do Sul. (Ilustrado.) (45)

3.7.32. Diversos

3.7.32.1. HENZE, Carlos. "Bocas (Assunto sério em notas ligeiras)." Em tom mais ou menos humorístico, a tentativa de se desenhar o perfil psicológico através do contorno da boca. (Ilustrado.) (4)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 8, ago. 1906.

3.8.1. Prosa

3.8.1.1. B. de A. "Uma escritora desconhecida." B. de A. apresenta três curtos contos de uma escritora tímida que se esconde sob o pseudônimo de Maria Salomé. Em "À Julieta, na véspera do seu noivado", a narradora, em forma de carta, desilude uma amiga, prestes a se casar. Em "Depois do lírico", ao encontrar um homem por acaso, a narradora perturba-se e lembra-se do amigo de um primo sobre o qual alimentara ilusões de matrimônio. Em "A uma confidente", a narradora lamenta o adultério de uma ex-colega de internato e culpa a inércia do marido que a precipitara "nesse caminho sinistro". (51)

3.8.1.2. FANTÁSIO. "Os mordedores." Crônica sobre os desocupados que estão sempre à espreita de uma vítima que lhes pague as refeições ou lhes empreste algum dinheiro. (Ilustrado por Klixto.) (60)

3.8.1.3. O.B. "Crônica." Para O.B. a recente reunião da 3.^a Conferência Americana no Rio representa o fim da política isolacionista bra-

sileira e o "renascimento moral, material e cívico" da nação. (1)

3.8.2. Poesia

3.8.2.1. OTÁVIO, Rodrigo. "Vida nova." 49 versos decassílabos brancos narram sobre o poeta que se embrenha na mata para fugir da cidade. (59)

3.8.3. Crítica

3.8.3.1. DUQUE, Gonzaga. "A ironia de Rops." O demonismo e a luxúria na pintura do belga Felicien Rops. (37)

3.8.4. Ilustração

3.8.4.1. "3.^a Conferência Internacional Americana": Cruzador Charleston em que viajou Elliot Root para o Rio de Janeiro; Elliot Root, Secretário de Estado dos EUA; Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil. (3-5)

3.8.5. História

3.8.5.1. BEHRING, Mário. "O Alvará de 30 de março." A terrível repressão à Maçonaria no Rio, a partir do alvará de 30 de março de 1818. (39)

3.8.5.2. FURTADO, Alcebíades. "O comércio do interior — Feiras." Origens e características do comércio de troca. Principais centros de feira no Brasil. Origens e decadência. (Ilustrado.) (54)

3.8.12. Noticiário

3.8.12.1. "3.^a Conferência Internacional Americana." (Noticiário ilustrado.) (15-25)

3.8.12.2. "A excursão do Presidente eleito." Visitas ao Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. (43)

3.8.14. Política

3.8.14.1. "3.^a Conferência Internacional Americana": Discurso de boas-vindas do Barão do Rio Branco (6); Discurso de Joaquim Nabuco (7); Discurso de Elliot Root (8); Discurso de encerramento do Barão do Rio Branco (35).

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 9, set. 1906.

3.9.1. Prosa

3.9.1.1. COELHO NETO. "O tempo." Em um concurso, patrocinado por um príncipe, para modelar uma estátua de Apolo, sai vencedor aquele que trabalhou o mármore com paciência. (17)

3.9.1.2. O.B. "Crônica." Sobre o recenseamento realizado em setembro de 1906. (1)

3.9.1.3. SALOMÉ, Maria. "Esmagado." De volta da Europa, Roberto vem a saber da morte da irmã, por intermédio de uma caftina que a empregara. A mãe lhe escondera os fatos. (37)

3.9.1.4. VÁRZEA, Virgílio. "Miragem oceânica." O desaparecimento de um vaso de guerra francês, apanhado por um ciclone na região de Madagáscar. (46)

3.9.2. Poesia

3.9.2.1. LOPES, Tomás. "Versailles." Em meio a abundantes e belas fotografias de Versailles, versos circunstanciais sobre a invasão turística à ex-propriedade de Luís XIV. (20)

3.9.3. Crítica

3.9.3.1. G.D. "A Leda ticianesca." Histórico da descoberta de uma

tela atribuída a Ticiano e de propriedade de Dr. Pais Barreto, de Belém, Pará. (Ilustrado.) (49)

3.9.3.2. DUQUE, Gonzaga. "Salão de 1906." Texto crítico, em forma de diálogo, a propósito dos expositores de 1906. (Ilustrado.) (49)

3.9.4. Ilustração

3.9.4.1. "3.^a Conferência Internacional Americana": Delegados e Secretários. (7-16)

3.9.5. História

3.9.5.1. BEHRING, Mário. "A morte de Zumbi." Origens e organização administrativa de Palmares. As lutas e sua aniquilação final. (25)

3.9.12. Noticiário

3.9.12.1. M. "A catástrofe do Chile." Notícia do terremoto que destruiu parte de Valparaíso em agosto de 1906. Fotografias de Valparaíso, Santiago e Viña del Mar. (39)

3.9.12.2. "A excursão do Presidente eleito." Afonso Pena no Pará e em Manaus. (29)

3.9.12.3. "Inventariando — Ministério do Interior." Arrolamento das principais obras efetuadas pelo Ministério do Interior, entre 1902-1906, na gestão dos Drs. J. J. Seabra e Félix Gaspar de Barros e Almeida. (Ilustrado.) (55)

3.9.13. Publicidade

3.9.13.1. "O Amazon." A incorporação do Amazon, vapor de passagens inglês, à rota do Atlântico Sul. (Ilustrado.) (58)

3.9.13.2. Cia. Minerva de Seguros Marítimos e Terrestres (60) e Editora Kosmos: *Conferências literárias* de Olavo Bilac (60).

3.9.31. Matéria militar

3.9.31.1. BURLAMAQUI, Armando. "O novo couraçado monstro." Especificações técnicas do Dreadnought, novo encouraçado britânico. (Ilustrado.) (18)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 10, out. 1906.

3.10.1. Prosa

3.10.1.1. DUQUE, Gonzaga. "Páginas volvidas." A vida boêmia carioca que se reunia no Hotel Frères Provençaux e no Alcazar Lyrique e que disputava os favores de Mlle. Aimée ou de Mlle. Lovatau. Recordações de uma época já extinta. (17)

3.10.1.2.* FANTÁSIO. "Os que vêem..." Crônica sobre os basbaques de rua que se juntam em torno dos camelôs; os policiais orgulhosos da farda; os frequentadores de teatro que são exibicionistas e todos aqueles que vêem, mas não enxergam. (Ilustrado por Klixto.) (49)

3.10.1.3. LOPES, Tomás. "A fantasia da simplicidade." Numa vila espanhola, a festa religiosa para Santo Inácio de Loyola e a mania de perseguição do seu prefeito, D. Vicente. (Ilustrado.) (23)

3.10.1.4. O.B. "Crônica." Crônica contundente contra a romaria da Penha, onde religião e embriaguês se misturam tanto a ponto de O.B. chamá-la de "bacanal católica". (1)

3.10.1.5. PEDERNEIRAS, Mário. "Tradições." Em passeio pela nova Avenida, o narrador procura traços antigos, enquanto seu interlocutor anima-se diante da nova feição urbana, produto da civilização. (15)

3.10.1.6. VÁRZEA, Virgílio. "Milagre de maio." O narrador reencontra, por breves minutos apenas, uma figura feminina, que logo se vai. (5)

3.10.4. Ilustração

3.10.4.1. "Lloyd Griscom — Embaixador Americano." (4)

3.10.4.2. "Secretaria das Relações Exteriores." (7)

3.10.4.3. "Palacete Monroe." (12)

3.10.4.4. "São Paulo — Palacete Elias Chaves." Casa em que se hospedou Elliot Root. (13)

3.10.4.5. "Rio — Palacete Abrantes." Casa em que se hospedou Elliot Root. (14)

3.10.4.6. "Jornal do Comércio — novo edifício em construção." (19)

3.10.4.7. "Santa Bárbara — MG." Cidade natal de Afonso Pena. (22)

3.10.12. Noticiário

3.10.12.1. ROSA, Ferreira da. "Um crime empolgante." O assassinio de dois receptadores de jóias no Rio. (Ilustrado.) (42)

3.10.12.2. "Projeto do hospital para tuberculosos." Aplausos à iniciativa do Ministério do Interior no sentido de se construir um hospital para os tuberculosos. (Ilustrado.) (30)

3.10.12.3. "A excursão do Presidente eleito." Afonso Pena no Maranhão, Piauí, Paraná e Rio Grande do Sul. (31)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 11, nov. 1906.

3.11.1. Prosa

3.11.1.1. COELHO NETO. "O ribeiro." Em uma de suas habituais

visitas à Terra, Deus ouve a queixa do regato que se sentia preso ao leito. Deus liberta-o, mas a floresta transforma suas águas em pântano, o deserto sorve-as e as furnas atiram-nas de pedra em pedra. Arrependido, o regato não obtém perdão, ainda que o tentasse. (41)

3.11.1.2. DUQUE, Gonzaga. "Ao chegar do verão." Aproximando-se do verão, G.D. sugere leis que proibam o banho público nas praias poluídas do centro e a construção de cassinos em praias distantes (Copacabana, Leblon), onde se pudesse passar temporadas. (39)

3.11.1.3. O.B. "Crônica." Bilac saúda a Rodrigues Alves, que deixa o governo, e a Afonso Pena, que o inicia. E, a propósito, critica com indignação as adulterações por que passa o Hino Nacional nas cerimônias públicas. (1)

3.11.1.4. PEDERNEIRAS, Mário. "Tradições." Embora aceite a reurbanização carioca com certo travo de ressentimento, M.P. não aceita a idéia de modernizar o velho chafariz do Largo da Carioca, "que não suporta a novidade dos remendos". (32)

3.11.1.5. SALOMÉ, Maria. "Feliz comédia." O assédio a uma mulher casada e que termina com a fuga dos cortejadores casados, medrosos de um escândalo. (29)

3.11.2. Poesia

3.11.2.1. AZEVEDO, Artur. "Fajardo." Soneto em que se lamenta a morte de um amigo querido. (Ilustrado.) (26)

3.11.4. Ilustração

3.11.4.1. "Colosso vegetal." Fotografia de um jequitibá de 60 m de altura, no Estado de São Paulo. (4)

3.11.4.2. "Senado Federal." Posse de Afonso Pena perante o Senado. (5)

3.11.4.3. "Porto do Rio de Janeiro." (15-21)

3.11.5. História

3.11.5.1. BEHRING, Mário. "O casamento de Gonzaga." A paixão frustrada de Tomás Antônio Gonzaga e seu casamento em Moçambique, em 1793, com Juliana de Sousa Mascarenhas. (Ilustrado.) (45)

3.11.5.2. COUTO, Miguel. "Prof. Azevedo Sodré." Artigo que elogia a atuação didático-científica de Azevedo Sodré na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. (Ilustrado.) (27)

3.11.9. Geografia

3.11.9.1. LOPES, Tomás. "Pau." A cidade, as montanhas, os arredores, o castelo e o culto de Henrique IV. (Ilustrado.) (33)

3.11.10. Engenharia

3.11.10.1. "As obras do porto e do Canal do Mangue no triênio de 1903 a 1906 — Seu estado atual." (Ilustrado.) (11)

3.11.12. Noticiário

3.11.12.1. "O novo governo." Breves notícias biográficas de Afonso Pena e de seu ministério. (6)

3.11.12.2. "O obelisco da Avenida." (Ilustrado.) (22)

3.11.12.3. "Santos Dumont." Texto curto que dá conta dos sucessos

de Santos Dumont em Paris. (Ilustrado.) (24)

3.11.13. Publicidade

3.11.13.1. L. Musso & Cia., fotógrafo. (49)

3.11.15. Arquitetura

3.11.15.1. "Caixa de Amortização." Descrição minuciosa do novo prédio da Caixa à Avenida Central. (Ilustrado.) (42-43)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 3, n. 12, dez. 1906.

3.12.1. Prosa

3.12.1.1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. "O silêncio é de ouro..." Transcrição de conferência proferida em Petrópolis a 22 de março de 1906. Considerações sobre a tagarelice feminina, a discrição masculina e o valor do silêncio, desejado sobretudo pelos poetas. (43)

3.12.1.2. ALMEIDA, Júlia Lopes de. "O gesto." O gesto facial ou corporal como auxiliar eficiente da linguagem humana. (66)

3.12.1.3. AZEVEDO, Artur. "Conto de Natal." A baronesa, viúva e arruinada, vê-se socorrida por um rapaz a quem o barão ajudara, anos antes. (70)

3.12.1.4. COELHO NETO. "Sacrifício supremo." Consternada pela morte do filho numa orgia, a patriciã romana converte-se em ermitã. No entanto, ao saber, por intermédio de um anjo, que seu filho fora parar no Inferno, Lucília entrega-se a uma legião de soldados. (29)

3.12.1.5. DUQUE, Gonzaga. "Idílio roxo." Em passeio por um jardim,

a namorada do narrador pede-lhe um beijo de amor. Diante da morte próxima, atacada de tuberculose, ela queria experimentar "a sensação de um beijo". (Ilustrado por Artur Lucas.) (35)

3.12.1.6. MENDES, Cunha. "A noite de Natal." Carlos Maia, acompanhado de seu amigo Lindolfo Lahmeyer, dirige-se ao casamento de Zé Pitomba com o intuito de lhe roubar a noiva. Seu plano, no entanto, fracassa, pois Jorge Lahmeyer, seu irmão, fora mais rápido. (20)

3.12.1.7. O.B. "Crônica." Bilac toma o veraneio em Petrópolis como ensejo para criticar azedamente a precariedade dos transportes para aquela cidade e o desconforto dos hotéis cariocas, sobretudo o das Palmeiras e o da Tijuca. (3)

3.12.1.8. REDAÇÃO. "Editorial." Desafiando a inércia, *Kosmos* acredita que "os trabalhos de arte e os produtos intelectuais não são tão desprezados na nossa pátria como o amargo pessimismo dos desalentados e dos inertes fazia corrente". Ao mesmo tempo, *Kosmos* presta homenagem a Mário Behring, seu ex-diretor.

3.12.1.9. SALOMÉ, Maria. "O chinelo do vovô." Em uma manhã de Natal, um casal de crianças vê seu avô queimar um par de chinelos grosseiros, com o qual viviam sendo ameaçados pela mãe. Era um dos presentes do velho para os netos. (31)

3.12.1.10. VÁRZEA, Virgílio. "Natal sobre as ondas." O Natal a bordo de um vapor inglês, que se encaminha para o Rio, vindo de São Francisco da Califórnia. (57)

3.12.2. Poesia

3.12.2.1. DELFINO, Luís. "Imortalidades." O poeta colhe uma estrela para a mulher amada. Soneto decassílabo. (Ilustrado por Arquimedes Silva.) (33)

3.12.2.2. MENEZES, Emílio de. "Bendito cativo." O ofício poético torna-se difícil para o poeta na ausência da mulher amada. Soneto alexandrino. (Ilustrado.) (56)

3.12.2.3. PEDERNEIRAS, Mário. "Balada de um triste." O poeta lamenta a morte da filha, seu "lindo sonho de Felicidade". (19)

3.12.3. Crítica

3.12.3.1. VERÍSSIMO, José. "Sobre a formação da literatura brasileira." Considerações sobre a cultura quinhentista portuguesa e a literatura de informação do Brasil. Restrições a Taine e a Sílvia Romero. (7)

3.12.4. Ilustração

3.12.4.1. AMOEDO, R. "Natal." (5)

3.12.4.2. BOUSÉ, H. "Tarde de estio." (Tricromia.) (23)

3.12.4.3. "O jardim da Av. Beira-Mar em Botafogo." (28)

3.12.4.4. "Av. Beira-Mar, Lapa." (39)

3.12.4.5. "Av. Beira-Mar, Flamengo." (42)

3.12.4.6. "A gangorra." (Tricromia.) (63)

3.12.4.7. Entrada da Barra, bairro do Botafogo. (65)

3.12.4.8. Mesa do Imperador, Tijuca. Alto da Boa Vista, Tijuca. (68-69)

3.12.4.9. Vista Chinesa e Entrada das Furnas, Tijuca. (71-72)

3.12.5. História

3.12.5.1. BEHRING, Mário. "O prêmio da traição." O destino de Joaquim Silvério dos Reis, após a Inconfidência. Os prêmios obtidos pela denúncia. (40)

3.12.26. Religião

3.12.26.1. CARVALHO, Reis. "O Natal de Jesus." As ligações do fetichismo heliolátrico com as festas cristãs do Natal. (25)

3.12.26.2. LOPES, Tomás. "A natureza e o sobrenatural. Bernadette. As rochas de Mossobielle e a fonte milagrosa." (Ilustrado.) (12)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 1, jan. 1907.

4.1.1. Prosa

4.1.1.1. ALENCASTRO, M. Gitai de. "Cabula." Júlio confessa ao seu amigo Almeida sua intenção de se casar. Mas, apoiado na experiência de Almeida, cujo casamento se tornara rotina inabalável, Júlio reflete sobre os perigos do compromisso. (54)

4.1.1.2. COELHO NETO. "O talismã." A lenda de um talismã em forma de breve que concedia todas as venturas, desde que só aberto um ano depois de ganho. (7)

4.1.1.3.* DUQUE, Gonzaga. "Morte do palhaço." Cansado das velhas evoluções, o palhaço busca novas acrobacias. (Ilustração de Klixto.) (37)

4.1.1.4. O.B. "Crônica." O.B. empenha-se em enfileirar argumentos que demonstrem a inexistência de relação entre longevidade cronológica e clima. (1)

4.1.1.5. PEDERNEIRAS, Mário. "Tradições." Durante um passeio de automóvel, o narrador assiste com alegria à transformação carioca. (9)

4.1.2. Poesia

4.1.2.1. MENEZES, Emílio de. "No lago de Genesaré." A presença de Cristo como repositório de Fé, Esperança e Caridade. Soneto alexandrino. (Ilustrado por H. Malaguti.) (53)

4.1.3. Crítica

4.1.3.1. VERÍSSIMO, José. "Um estudioso pernambucano — o Sr. Alfredo de Carvalho." Texto favorável aos *Estudos pernambucanos*, cujo único defeito sério é a sobreposição do particular ao geral. (15)

4.1.4. Ilustração

4.1.4.1. AMOEDO, R. "Boas Festas." (5)

4.1.4.2. "Um regalo." (Tricromia.) (19)

4.1.5. História

4.1.5.1. BEHRING, Mário. "Uma sociedade secreta." Origem e constituição administrativa da Ordem do Coração Livre e Popular, loja maçônica fundada em Pernambuco por José Firmo Xavier em 1878. (28)

4.1.5.2. VÁRZEA, Virgílio. "A amazona." Repleto de fantasia, V.V. narra as lutas de Garibaldi e Anita nos campos de Laguna. (48)

4.1.8. Filosofia

4.1.8.1. CARVALHO, Reis. "A fraternidade universal." Historiando a evolução da humanidade e redu-

zindo-a "à obra ingente do pensador Universal", Comte, R.C. saúda o 1.º de janeiro. (33)

4.1.9. Geografia

4.1.9.1. "Os altos Pirineus." Uma viagem a Pierrefitte, a Caterets e ao lago Gaube nos Pireneus franceses. (11)

4.1.12. Noticiário

4.1.12.1. ADEMIR. "Uma obra-prima." Oferta que o conde italiano Francisco Ciura faz ao Museu Nacional do Rio: um topázio de dois quilos em que um dos lados traz um Cristo em alto-relevo. (Ilustrado.) (30)

4.1.20. Teatro

4.1.20.1. CASTRICIANO, Henrique. "A promessa." Para cortar os cabelos de Rosinha, prometidos a Nosso Senhor dos Passos durante uma doença, os pais da menina valem-se de artimanhas. (21)

4.1.28. Biologia

4.1.28.1. RIBEIRO, Alípio de Miranda. "Uma novidade ictiológica." Descrição do *Typhlobagrus kroni* encontrado em águas das cavernas de Iporanga, SP, por Ricardo Krone. (Ilustrado.) (25)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 2, fev. 1907.

4.2.1. Prosa

4.2.1.1. ARINOS, Afonso. "Em Portugal — De Alcobaça a Batalha." Relato minucioso, acompanhado de farta ilustração, da visita do A. ao Mosteiro da Batalha. (33)

4.2.1.2. FLUMINENSE, Américo. "O Carnaval no Rio." Excelente

crônica histórica mostrando a evolução do Carnaval carioca. Da simples brincadeira à brutalidade, à falta de "alegria e espírito". (Ilustrado com desenhos de Debret.) (22)

4.2.1.3. O.B. "Crônica." Nesta crônica, Bilac lamenta o gradual desaparecimento das palmeiras reais da Avenida do Mangue, atacadas por estranha doença, cuja cura os botânicos não conseguem descobrir. (Ilustrado.) (1)

4.2.1.4. PEDERNEIRAS, Mário. "Tradições." O Carnaval numa paisagem urbana nova: a Avenida Central, onde o "ar não sufoca; circula livre e fartamente de Mar a Mar". (11)

4.2.1.5. VÁRZEA, Virgílio. "Mar grosso." Apanhadoras de marisco descansam sobre uma enorme pedra, quando um vagalhão apanha-as de surpresa e afoga-as. (15)

4.2.2. Poesia

4.2.2.1. FURTADO, Alcebiades. "Aos campistas — Por ocasião das inundações de 1906." 12 quadras de metro livre homenageiam os que padeceram com as enchentes do Rio Paraíba. (14)

4.2.2.2. M. "Quarta-feira de Cinzas." Tristonha, a moça recorda a alegria do Carnaval que se mistura à lembrança de um amor frustrado. (Ilustrado por R. Amoedo.) (5)

4.2.3. Crítica

4.2.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Remodelação do mobiliário." A transformação do mobiliário francês segundo uma perspectiva social: a Revolução de 1789 e o Império Napoleônico. (31)

4.2.4. Ilustração

4.2.4.1. AMOEDO, Rodolfo. "Quarta-feira de Cinzas." (5)

4.2.4.2. "O Carnaval na Avenida." (13)

4.2.4.3. "Um panorama do Rio." (17)

4.2.4.4. "Carnaval de 1907." (20)

4.2.4.5. "Batalha de confete na Av. Beira-Mar." (7-9)

4.2.5. História

4.2.5.1. BEHRING, Mário. "O 'Quero já'." A luta pela Maioridade de Pedro II e as notas por ele apostas à *História do Brasil de 1831 a 1840* do Conselheiro Peireira da Silva. (7)

4.2.13. Publicidade

4.2.13.1. J. Schmidt, Oficina Tipográfica. (46)

4.2.28. Biologia

4.2.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin — I." A árvore genealógica dos crustáceos. Trata-se de uma tradução do inglês da obra *Für Darwin* de Fritz Müller. Cripeus, o tradutor, assinala, em nota introdutória, que a obra foi escrita em Desterro, SC. (18)

4.2.32. Diversos

4.2.32.1. HENZE, Carlos. "Narizes." A correspondência entre a forma do nariz e o comportamento. (Ilustrado.) (27)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 3, mar. 1907.

4.3.1. Prosa

4.3.1.1. BARROSO, João. "A vinçaça da terra — I." Depois de

25 anos de ausência, o narrador volta à sua terra onde ninguém mais o reconhece. (13)

4.3.1.2. COELHO NETO. "Ao Rio Grande do Sul." O A. agradece a acolhida que recebeu em terras gaúchas, lembrando seu passado de lutas e seu presente de indústrias. (31)

4.3.1.3. DUQUE, Gonzaga. "Aque-la mulher . . ." A presença de uma mulher misteriosa, cuja beleza não pode ser compreendida por aqueles que estão presos a padrões estéticos superados. (40)

4.3.1.4. LOPES, Tomás. "De Barcelona a Lyon." Um passeio a Lyon. (Ilustrado.) (27)

4.3.1.5. MARCOS, J. "A coluna monumental (Pretensão à crônica)." Crônica zombeteira e irônica acerca de uma coluna de luzes do Largo da Lapa. (Ilustrado.) (5)

4.3.1.6. O.B. "Crônica." Depois de cumprimentar Artur Azevedo e Paulo Barreto pelo sucesso de suas peças teatrais (*O dote* e *Última noite*, respectivamente), Bilac atribui à falta de higiene e de conforto de nossas casas de espetáculo o insucesso das temporadas. (1)

4.3.1.7. PEDERNEIRAS, Mário. "Tra-dições." M.P. lamenta o "mal incurável" que ataca "a majestade épica das Palmeiras do Mangue". (33)

4.3.4. Ilustração

4.3.4.1. Entrada da Barra; Guanabara vista de Santa Teresa — Rio. (18-19)

4.3.4.2. Julio Rocca e família a bordo do Araguaia. (12)

4.3.4.3. "Aspecto da Central por ocasião da chegada do Dr. Campos Sales." (34)

4.3.5. História

4.3.5.1. ALMEIDA, Pires de. "O outeiro da Glória." A origem da Capela da Glória. Ilustrações mostram-na em 1835, 1854, 1903 e 1906. (36)

4.3.5.2. BEHRING, Mário. "Bandeirantes — I." O motim contra Fernão Dias Pais, próximo ao Rio das Velhas, e que culminou com o enforcamento de seu filho natural, José Dias Pais. (35)

4.3.5.3. ROURE, Agenor de. "A bandeira nacional." História evolutiva da bandeira nacional. (Ilustrado.) (20)

4.3.12. Noticiário

4.3.12.1. ADEMIR. "Napoleão." O A. denuncia o desaparecimento de um Gobelín do Museu Nacional, em que se estampava a figura de Napoleão Bonaparte. Segundo o A. a tapeçaria estaria em posse do Dr. Rego Barros. (Ilustrado.) (43)

4.3.13. Publicidade

4.3.13.1. Notícia do aparecimento de *Fon-Fon!* a 13 de abril de 1907, impresso nas oficinas de *Kosmos*. "Semanário alegre, político, crítico e esfuziante. Destinado a causar o mais legítimo, ruidoso e hilariante sucesso." (4)

4.3.28. Biologia

4.3.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin." "História dos crustáceos. As espécies de *Melita*. Morfologia dos crustáceos. As larvas *Nauplius*." (Ilustrado.) (8)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, abr. 1907.

4.4.1. Prosa

4.4.1.1. BARROSO, João. "A vin-gança da terra — II." Em um de seus passeios pelos arredores da cidade, o narrador fotografa uma jovem roceira. Ata um princípio de namoro, mas, por fim, a moça o rejeita. (7)

4.4.1.2. LOPES, Tomás. "Bordéus." As igrejas, as praças, as pipas de vinho alinhadas no cais, os estaleiros e o Gerona. (12)

4.4.1.3. O.B. "Crônica." A propósito de um grupo de turistas estrangeiros que deverá chegar ao Brasil, Bilac enumera nossas belezas naturais ao lado da descon-fiança alfandegária e do descon-forto de nossos hotéis. (1)

4.4.1.4. VÁRZEA, Virgílio. "À beira-mar." Em uma praia, um casal namora ao entardecer. (39)

4.4.2. Poesia

4.4.2.1.* MENDONÇA, Lúcio de. "A volta da saúde." Soneto decas-sílabo, circunstancial, em que o poeta saúda sua recuperação física graças à "sacra montanha, /Que o claro Paquequer afaga e banha". (Ilustrado.) (6)

4.4.2.2. SILVA, Vítor. "Na Serra das Antas." Em meio a uma várzea radiante, "num retumbo infernal que a bruta serra atroa", passa o Rio das Antas. Soneto alexan-drino. (34)

4.4.2.3. VIEIRA, Celso. "Ao vir do outono." A juventude perdida e irreversível. Oito estrofes alexan-drinas. (38)

4.4.3. Crítica

4.4.3.1. O.G. "Carlos Malheiro Dias." Elogio à atividade literária de C.M.D., "sucessor de Eça" e imune à "legião dos Nefelibatas". (Ilustrado.) (3)

4.4.4. Ilustração

4.4.4.1. "Iate Clube Brasileiro." (36)

4.4.4.2. "Lagoa Rodrigo de Freitas — Rio." (47)

4.4.5. História

4.4.5.1. BEHRING, Mário. "Ban-deirantes — II." As disputas entre Borba Gato e Rodrigo Castelo Branco, após a morte de Fernão Dias Pais Leme. (40)

4.4.5.2. CARVALHO, Reis. "Tira-dentes e os precursores da Inde-pendência Nacional." Os movi-mentos revolucionários brasileiros pela autonomia política e a figura de Tiradentes. (15)

4.4.5.3. FLUMINENSE, Américo. "A Semana Santa." A Semana Santa carioca na época de Pedro II. (Ilustrado.) (42)

4.4.6. Sociologia

4.4.6.1. GUIMARÃES, Moreira. "No Extremo Oriente — Costumes e maneiras — I." A sociedade japo-nesa segundo um brasileiro. A in-capacidade do ocidental em com-preendê-la nas suas sutilezas. (Ilus-trado.) (19)

4.4.12. Noticiário

4.4.12.1. R. "A Gruta de Camões." Gruta em Macau onde Camões teria escrito parte de *Os Lusíadas*. (Ilustrado.) (10)

4.4.13. Publicidade

4.4.13.1. *Rio de Janeiro — Notícia geral, histórica e descritiva da cidade* por Ferreira da Rosa. À venda na redação de *Kosmos*. (30) *Conferências literárias* de Medeiros e Albuquerque; *No Extremo Oriente* de Moreira Guimarães, à venda na Rua da Assembléia, 62. (48) Talheres Christofle. (48)

4.4.28. Biologia

4.4.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin." Peculiaridades sexuais e dimorfismo de algumas espécies de crustáceos. (Ilustrado.) (31)

4.4.28.2. RAIMUNDO, Benedito. "Uma nova borboleta." Descrição, acompanhada de fotografias, da *Gonodonta miranda*. (35)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 5, maio 1907.

4.5.1. Prosa

4.5.1.1. FURTADO, Alcebiádes. "Romance velho." Dois amigos, criados juntos, amam a mesma mulher. O triângulo desfaz-se no momento em que um deles resolve tornar-se médico de bordo. (9)

4.5.1.2. MACEDO, Costa. "Penélope." Depois de muitos anos longe da esposa, o emigrado português morre de apoplexia ao saber que as cartas anônimas, que acusavam sua mulher, eram falsas. (35)

4.5.1.3. O.B. "Crônica." A propósito do início da temporada musical no Rio, O.B. satiriza a mania carioca pelo piano. (1)

4.5.1.4. VIEIRA, Celso. "De relance." O primeiro encontro de um provinciano com o Rio. (46)

4.5.2. Poesia

4.5.2.1. MENDES, Cunha. "Tragédia da borboleta." Em versos livres, o poeta narra a desventura de um colibri apaixonado por uma borboleta. (6)

4.5.3. Crítica

4.5.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Moedas & selos." G.D. protesta contra propalada notícia de que Davi Campista, Ministro da Fazenda, iria interferir na cunhagem de novas moedas de prata, já que o padrão escolhido em concurso não o agradara. (18)

4.5.4. Ilustração

4.5.4.1. Paisagens do Estado do Rio. (4-5)

4.5.4.2. "O Sr. Uchida — Ministro do Japão e Exma. esposa." (8)

4.5.4.3. "Novo reservatório de água. Belém, PA." (41)

4.5.4.4. "S.A. Dom Luís de Bragança e Orleans." (43)

4.5.5. História

4.5.5.1. BEHRING, Mário. "Os sinos de Mariana." As disputas entre o Ouvidor de Vila Rica, Caetano Furtado de Mendonça, e o Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei João da Cruz, em 1743. (44)

4.5.6. Sociologia

4.5.6.1. GUIMARÃES, Moreira. "No Extremo Oriente — Superstições e Crenças — II." O culto aos mortos e os ritos funerários no Japão. (Ilustrado.) (23)

4.5.9. Geografia

4.5.9.1. DUTRA FILHO, Pedro. "Sete Lagoas." O clima, a topografia,

os recursos econômicos, a orografia, a flora e a fauna da região de Sete Lagoas, MG. (20)

4.5.10. Engenharia

4.5.10.1. "O açude de Quixadá." Descrição técnica do açude, acompanhada de fotografia. (42)

4.5.12. Noticiário

4.5.12.1. "Exposição de Milão — O R.G.S. na Exposição." (32)

4.5.12.2. MENDONÇA, Lúcio de. "Pega!" Uma fraude: um homônimo português do A. deste artigo enviou à redação da revista lisboense *A Nossa Pátria* a tradução de um soneto de Felix d'Arvers, publicada por L. de M. em 1898, em Coimbra. Tratava-se de um concurso do qual o L. de M. brasileiro saíra vencedor, mas cujo prêmio foi embolsado pelo L. de M. português. (49)

4.5.13. Publicidade

4.5.13.1. *Rio de Janeiro — Notícia geral...* de Ferreira da Rosa. (10)

4.5.13.2. Loteria Federal; Talheres Christofle; *Conferências literárias* de Medeiros e Albuquerque; *No Extremo Oriente* de Moreira Guimarães. (50)

4.5.19. Medicina

4.5.19.1. "Notas sobre a marcha da operação das xifópagas." Relato detalhado, acompanhado de farta ilustração, sobre a intervenção cirúrgica praticada pelo Dr. Eduardo Chapot-Prévost em duas meninas unidas pelo abdômen. (11)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 6, jun. 1907.

4.6.1. Prosa

4.6.1.1. FURTADO, Julião. "A bordo." A bordo de um navio, o narrador reflete sobre a transformação da sociedade, comparável ao movimento das ondas. (3)

4.6.1.2. O.B. "Crônica." Os festejos juninos. Rápida menção à passagem de Leonora Duse pelo Rio. (1)

4.6.1.3. PINTO, Manuel de Sousa. "O naufrágio de Flora." Em meio a uma natureza exuberante, Clara costumava despir-se, colher flores, tecer grinaldas, enfeitar-se e banhar-se em regatos transparentes. (17)

4.6.1.4. VÁRZEA, Virgílio. "O velho Sumares (Episódio do tempo do tráfico dos africanos)." Em disputa com o vaso inglês que policiava o tráfico de escravos, sai vencedor o negreiro brasileiro, sob o comando do Cap. Sumares. (10)

4.6.1.5. VIEIRA, Celso. "Uma estátua." O "grande talento incompreendido" do pernambucano Martins Jr., cuja vida "dispersiva" e "impulsiva" levou-o à ruína. (26)

4.6.2. Poesia

4.6.2.1. MARIANO, Olegário. "A estátua de Nero." "No pedestal da fantasia", o poeta esculpe uma mulher que, no final do trabalho, pede por amor. Soneto decassílabo. (18)

4.6.2.2. PEDERNEIRAS, Mário. "Eterna." O poeta carrega uma "eterna saudade" por caminhos sem fim. Soneto alexandrino. (30)

4.6.3. Crítica

4.6.3.1. DÓRIA, Escragnolle. "A Duse." Texto em que se ressaltam as qualidades interpretativas de Eleonora Duse, capazes de "injetar imortalidade" mesmo em peças como *A dama das camélias*. (7)

4.6.3.2.* DUQUE, Gonzaga. "Paisagens." G.D. louva o talento de Roberto Mendes, sobretudo o seu "realismo" e a tentativa de "fixação da luz tropical". (Ilustrado.) (19)

4.6.3.3. FLUMINENSE, Américo. "O pintor das Virgens." Evolução, características e cronologia das Virgens de Rafael. (Ilustrado.) (31)

4.6.4. Ilustração

4.6.4.1. AMOEDO, Rodolfo. "D. Júlia Lopes de Almeida." (9)

4.6.4.2. "Eleonora Duse." (5)

4.6.4.3. Medalha de ouro conferida a *Kosmos* na Exposição de São Luís, 1904. (25)

4.6.4.4. "Projeto de arco comemorativo da Abertura dos Portos do Brasil." (46)

4.6.4.5. Rio de Janeiro: parte central. (*Hors-texte*.)

4.6.5. História

4.6.5.1. BEHRING, Mário. "Patriarcas Invisíveis." As ligações entre a sociedade secreta "Patriarcas Invisíveis", fundada no Rio a 15 de abril de 1842, e a revolta mineira e paulista do mesmo ano. (29)

4.6.12. Noticiário

4.6.12.1. "Índios guaranis." Texto curto e quatro fotografias informam da existência de remanescentes guarani no vale do Ribeira, SP. (15)

4.6.28. Biologia/Botânica

4.6.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin." "A respiração nos caranguejos terrestres." "Estrutura do coração nos Edriophtalenos." (Ilustrado.) (35)

4.6.28.2. SILVA, Henrique. "Buritizais." Descrição morfológica dos buritis. Regiões de predominância e aproveitamento de seus elementos constituintes. (Ilustrado.) (40)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, jul. 1907.

4.7.1. Prosa

4.7.1.1. DÓRIA, Escragnolle. "Assassina." Voltando do teatro, o coche em que vinham Leocádia, seu amante e mais dois amigos atropela uma criança e segue em frente. No dia seguinte, ao abrir o jornal, Leocádia vê que se tratava de sua própria filha, que era criada por uma senhora portuguesa. (8)

4.7.1.2. O.B. "Crônica." Bilac eufórico com o progresso e a civilização do Brasil e com a atuação de Rio Branco e de Rui Barbosa, no Congresso Pan-americano e no Congresso de Haia, respectivamente. (1)

4.7.1.3. VÁRZEA, Virgílio. "Canção eslava." Ao entardecer, Jorge reflete sobre seu destino e o dos companheiros, imigrantes eslavos. Enquanto isso, de um dos cantos da embarcação em que todos viajavam, ouve-se uma canção triste. (10)

4.7.1.4. VIEIRA, Celso. "Eclipses." Parábola em que se consideram os restauradores monárquicos, em geral, como "eclipses parciais" do

processo evolutivo da História. (44)

4.7.3. Crítica

4.7.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Os aquarelistas em 1907." Mais arrolamento do que crítica. Expositores: R. Amoedo, H. Bernardelli, Breno Treidler, João Batista, H. Malaguti, Rafael Frederico, Araripe Macedo, G. Dall'Ara, Modesto Brocos, Arquimedes da Silva e Julião Machado. (15)

4.7.5. História

4.7.5.1. FLUMINENSE, Américo. "D. João VI." A propósito de um retrato do monarca português, feito por José Leandro, A.F. traça um perfil psicológico e físico bastante desfavorável do rei. (6)

4.7.9. Geografia

4.7.9.1. KRONE, Ricardo. "As maravilhas subterrâneas das cavernas e grutas do Vale do Rio Ribeira de Iguape (no sul do Estado de São Paulo)." Fotografias e texto demonstram o resultado das pesquisas espeleológicas de R.K. na região. (39)

4.7.9.2. LOPES, Tomás. "Biarritz." Impressões de Biarritz. (3)

4.7.12. Noticiário

4.7.12.1. ALMEIDA, Pires de. "Uma heroína de Byron." Duas fotografias de Lady Carlota Bacon a quem Byron "consagrou o seu poema-romance" *Childe Harold*. Segue-se trecho do poema. (5)

4.7.12.2. "Monsieur Henry Turot." A chegada do jornalista e político francês Henry Turot, cujo objetivo é o de colher impressões sobre o Brasil a fim de enviá-las para o *Figaro*. (15)

4.7.12.3. "A Equitativa." Inauguração da filial madrilenha. Fotografia dos diretores e da fachada do escritório. (46)

4.7.12.4. "Exposição Nacional." Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Ministro da Indústria, divulga os regulamentos para a Exposição Nacional, homenagem oficial ao 1.º Centenário da Abertura dos Portos. (47)

4.7.13. Publicidade

4.7.13.1. Loteria Federal; Talheres Christofle; J. Schmidt, editor: *Conferências literárias* de Medeiros e Albuquerque e *No Extremo Oriente* de Moreira Guimarães. (50)

4.7.17. Filologia

4.7.17.1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. "O esperanto." As vantagens e a necessidade de uma língua internacional. Discurso lido na abertura do 1.º Congresso Nacional de Esperanto. (32)

4.7.18. Educação

4.7.18.1. CARVALHO, Reis. "A questão do ensino." Dentro de uma perspectiva positivista, o A. prega a separação entre Estado-Educação e a extinção de privilégios profissionais. (19)

4.7.26. Religião

4.7.26.1. NASCIMENTO, Teodoro. "Coisas da Índia." Os costumes religiosos hindus. Simples descrição. (Ilustrado.) (11)

4.7.31. Matéria militar

4.7.31.1. "Campanha russo-japonesa." Graças à gentileza de Moreira Guimarães, *Kosmos* publica dez fotografias da guerra russo-japonesa e um fac-símile da decla-

ração oficial de abertura da luta. Precedendo-as, um texto em que se exalta a qualidade da infra-estrutura bélica japonesa: hospitais, engenharia, abastecimento. (25)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 8, ago. 1907.

4.8.1. Prosa

4.8.1.1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. "Um grande guerreiro e um grande diplomata." Num rápido paralelo entre Napoleão e o Barão do Rio Branco, M.A. mostra, com números e quadros comparativos, a superioridade "do trabalho de gabinete", calmo e sereno, sobre a violência bélica. (50)

4.8.1.2. MENDES, Cunha. "Divorciada — I." Paulo Leão vende seu armazém, associa-se ao Marquês de Gerval, enriquece, desquita-se por adultério, muda-se para um subúrbio e apaixona-se por Arlinda. (43)

4.8.1.3. O.B. "Crônica." A intensa atividade social carioca nos meses de agosto e de setembro segundo um diálogo entre o narrador e um amigo. (1)

4.8.1.4. VÁRZEA, Virgílio. "Os bois chucros." Durante a noite, as moças roceiras se dirigem para um "terço" em casa próxima, mas no meio do caminho dois rapazes as assustam, imitando bois em disparada. (24)

4.8.3. Crítica

4.8.3.1. DUQUE, Gonzaga. "O aranhoso da Escola." G.D. historia as tentativas de reorganização da Escola Nacional de Belas-Artes, em que estiveram empenhados

Montenegro Cordeiro, Décio Villares e Aurélio de Figueiredo. Segundo o A., as anomalias continuavam e, nelas, parte das responsabilidades cabia ao Diretor, Rodolfo Bernardelli. (54)

4.8.4. Ilustração

4.8.4.1. Aspecto da Av. Beira-Mar, Botafogo, por ocasião da última regata. (3)

4.8.4.2. "Mr. Paul Doumier." (15)

4.8.4.3. "Visita do Sr. Presidente da República à Prefeitura." (42)

4.8.4.4. Local da 2.^a Conferência de Paz em Haia. (47-49)

4.8.5. História

4.8.5.1. BEHRING, Mário. "O monumento a D. João VI." M.B. indispõe-se contra a pretensão de se erguer um monumento a D. João VI, tachando-o de "eivado de vícios, tarado de defeitos, avaro, egoísta, imundo glutão, curto de inteligência..." (Ilustrado.) (34)

4.8.9. Geografia

4.8.9.1. AYDOS, J. Henrique. "Caxias." Localização e recursos econômicos de Caxias, RS. (Ilustrado.) (30)

4.8.12. Noticiário

4.8.12.1. "Poços tubulares." Pesquisas hidrológicas e perfurações próximas a Fortaleza, CE. (Ilustrado.) (22)

4.8.12.2. "A guerra russo-japonesa." Em três páginas, 12 fotografias sem texto. (5-7)

4.8.13. Publicidade

4.8.13.1. Loteria Federal; Talheres Christoffle; J. Schmidt, editor. (56)

4.8.21. Etnografia

4.8.21.1. X. "Os nossos indígenas." X. critica a indiferença do poder público para com os índios; a tentativa de civilizá-los por meio da religião e a cobiça do branco. (Ilustrado.) (17)

4.8.26. Religião

4.8.26.1. NASCIMENTO, Teodoro. "Coisas da Índia." Os rituais hindus de cremação; as procissões religiosas; o Templo Dourado de Benares e as medidas oficiais inglesas contrárias à imolação da viúva. (Ilustrado.) (26)

4.8.28. Biologia

4.8.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin." "História evolutiva dos Prodoptalmos." (Ilustrado.) (8)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 9, set. 1907.

4.9.1. Prosa

4.9.1.1. COELHO NETO. "Irmãos." Numa noite chuvosa e fria, dois rapazes batem à porta de uma estalagem. São o Amor e o Ciúme. (13)

4.9.1.2. MENDES, Cunha. "Divorciada — II." Paulo Leão descobre, contrariado, que a mulher a quem ama é divorciada. (42)

4.9.1.3. O.B. "Crônica." O.B. ironiza as manias cariocas: a confidência, o fonógrafo, o cinema, etc. (1)

4.9.2. Poesia

4.9.2.1. MENEZES, Emílio de. "A dúvida." A dúvida, "sócia eterna do Amor, fonte do eterno Ciúme". Soneto alexandrino. (Ilustrado por R. Amoedo.) (15)

4.9.3. Crítica

4.9.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Salão de 1907 — Pintura e Escultura." Depois de extensa crítica, citando individualmente os expositores, G. D. conclui pela melhoria do nível e ressalta o número de expositores do sexo feminino. (21)

4.9.3.2. DUQUE, Gonzaga. "Rembrandt no Brasil." Segundo G.D., peritos holandeses atestaram ser de Rembrandt um quadro adquirido pelo Sr. Dias Carneiro no Rio. (Ilustrado.) (11)

4.9.4. Ilustração

4.9.4.1. "O combate simulado do Colégio Militar na Praça da República." (29)

4.9.4.2. "Batalha de flores — Praça da República." (31)

4.9.4.3. Manobras militares em Santa Cruz. (40)

4.9.4.4. "Medalhas." Medalhas do governo paraense para os jornalistas da comitiva presidencial de Afonso Pena. (51)

4.9.5. História

4.9.5.1. BEHRING, Mário. "Emboabas." As origens de Manuel Nunes Viana, chefe emboada, e as disputas entre paulistas e emboabas pelo monopólio da distribuição comercial da carne bovina. (48)

4.9.5.2. RABELO, Aristides. "Diamantina." Com certa ironia, A.R. comenta os hábitos tradicionais de Diamantina e aponta a ausência de estrada de rodagem como fator de entrave ao desenvolvimento. (Ilustrado.) (35)

4.9.9. Geografia

4.9.9.1. LOPES, Tomás. "Bayonna." Impressões de Bayonne. Cotejo com Biarritz. (50)

4.9.12. Noticiário

4.9.12.1. "A nossa fábrica de pólvora sem fumaça." Descrição técnica da construção de uma fábrica de pólvora em Piquete, SP. (7)

4.9.13. Publicidade

4.9.13.1. Loteria Federal; Talheres Christofle; J. Schmidt, editor. (56)

4.9.18. Educação

4.9.18.1. "Exposição do Sr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores sobre o ensino superior." Longo parecer de Augusto Tavares de Lira, em que se ressalta a necessidade urgente de total reformulação do ensino primário, secundário e superior. "(...) problema que deve ser enfrentado com desassombro e resolvido com firmeza." (52)

4.9.26. Religião

4.9.26.1. NASCIMENTO, Teodoro. "Coisas da Índia." A arquitetura religiosa javanesa e a música de Java. (Ilustrado.) (3)

4.9.32. Diversos

4.9.32.1. SILVA, Henrique. "A pesca na Cachoeira Dourada." A piscosidade no Paranaíba entre Goiás e Minas. (Ilustrado.) (17)

4.9.32.2. VIEIRA, Celso. "Congresso de Estudantes." Saudação à iniciativa de estudantes uruguaios que convocaram os colegas americanos para se reunirem em Montevideu, onde tratarão de "unifi-

cação dos programas universitários americanos, equivalência de títulos acadêmicos, favores e franquias aos estudantes, cultura física e celebração de torneios atléticos internacionais, glorificação dos pró-homens americanos, fundação da Liga dos Estudantes, permuta de livros, jornais e revistas..." (38)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 10, out. 1907.

4.10.1. Prosa

4.10.1.1.* O.B. "Crônica." O.B. aborda uma das conseqüências da reurbanização carioca: a crise de habitações da baixa classe média e do proletariado. (1)

4.10.1.2. VÁRZEA, Virgílio. "A vela dos naufragos." Depois do naufrágio, a pequena procição de navegantes percorre o vilarejo, detendo-se em frente à casa da viúva do capitão Siqueira. Aos prantos e aos gritos, a mulher vem beijar a vela do barco naufragado que servia como estandarte. (42)

4.10.3. Crítica

4.10.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Estátua do Marechal Floriano por Eduardo de Sá." Descrição, acompanhada de ilustrações fotográficas, do monumento ao Mal. Floriano. (33)

4.10.4. Ilustração

4.10.4.1. "Exposição Nacional do Rio de Janeiro — 1908. Primeiro plano da futura exposição apresentado pelo Dr. Buarque de Macedo." (28)

4.10.4.2. "Fotografias de dois quiosques comerciais." (51)

4.10.5. História

4.10.5.1. "As festas dos Remédios." Histórico da Igreja de N. Sra. dos Remédios de São Luís, MA. O vulto das festas locais. (Ilustrado.) (12)

4.10.5.2. Fac-símile do jornal piauiense 89, n. 1, dirigido por Davi Moreira Caldas, defensor de idéias republicanas. O jornal data de 1.º de fevereiro de 1873 e seu artigo de abertura declara "ter a fé robusta de ver a REPÚBLICA FEDERATIVA estabelecida no Brasil pelo menos daqui a 17 (sic) anos ou em 1889". (48)

4.10.9. Geografia

4.10.9.1. SILVA, Henrique. "Cenas e vistas de Goiás." Farta ilustração acompanha texto curto em que se alinham impressões superficiais sobre Goiás. (38)

4.10.9.2. VERÍSSIMO, José. "Quatro dias em Minas Gerais." O A. narra visita que fez a Morro Velho, como acompanhante do historiador italiano Guilherme Ferrero. (Ilustrado.) (3)

4.10.12. Noticiário

4.10.12.1. S. "O comércio japonês. Sua expansão mundial." Notícia da abertura de uma casa comercial japonesa na Av. Central, dirigida por Zentoro Ohira. (Ilustrado.) (49)

4.10.13. Publicidade

4.10.13.1. Loteria Federal; Talheres Christofle; J. Schmidt, editor. (52)

4.10.18. Educação

4.10.18.1. CARVALHO, Reis. "A questão do ensino." Organização e função dos três níveis da educa-

ção: primário, secundário e superior. (7)

4.10.21. Etnografia

4.10.21.1. NASCIMENTO, Teodoro. "Coisas da Índia." A entrega dos cadáveres aos abutres (Bombaim) e as dançarinas javanesas. (Ilustrado.) (22)

4.10.28. Biologia

4.10.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin." História evolutiva dos Edriophtholinos. (Ilustrado.) (29)

4.10.32. Diversos

4.10.32.1. HENZE, Carlos. "D. João VI na fisiognomia." Pretensão perfil psicológico de D. João VI a partir dos traços faciais. (20)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 11, nov. 1907.

4.11.1. Prosa

4.11.1.1. DUQUE, Gonzaga. "Ago-nia por semelhança." Perante a visão imaginária de uma mulher formosa que o atrai, Paulo esforça-se por reconhecê-la. Força a memória, revolve cartas e fotografias antigas e descobre: era sua própria mãe. (37)

4.11.1.2. PEDERNEIRAS, Mário. "A mulher e a rua." Segundo M.P., a mulher sofre os benefícios da urbanização, na medida em que seu vestuário também mudou e há maior espaço para a "elegância" do gesto. (22)

4.11.1.3. O.B. "Crônica." O.B. comenta as profecias apocalípticas de um leitor do *Jornal do Comércio*; a falta de higiene na periferia urbana e o alistamento obrigatório. (1)

4.11.1.4. VIEIRA, Celso. "A lança." Segundo o A., a Inglaterra recolheu a lança ao museu, por se tratar de uma arma obsoleta. Então, pondera ele, bem poderiam outras armas ser recolhidas também. (4)

4.11.2. Poesia

4.11.2.1. FONTES, Martins. "Balada à Mlle. Leonor Pereira de Melo." Versos enaltecendo L.P. de M., "a flor-de-lis de Portugal", cuja fotografia se estampa no alto da página. (21)

4.11.3. Crítica

4.11.3.1. RIBEIRO, Alípio de Miranda. "O Brasil — Suas riquezas naturais, suas indústrias." A. de M. R. tece severas considerações sobre um dos capítulos de *O Brasil e suas riquezas naturais, suas indústrias*, obra coletiva organizada por encomenda de Lauro Müller. O capítulo que motivou suas objeções é da autoria de Benedito Raimundo da Silva e trata do "Reino animal". Segundo o A. da crítica, Benedito Raimundo da Silva carece de formação científica (alinhou a baleia entre os peixes, p. ex.), comete erros absurdos e apropriou-se de textos alheios sem referir as fontes. (Ilustrado.) (40)

4.11.4. Ilustração

4.11.4.1. "Vista geral dos terrenos da futura Exposição Nacional de 1908". (*Hors-texte.*)

4.11.5. História

4.11.5.1. BEHRING, Mário. "Emboabas — II." As disputas entre paulistas e "emboabas"; o caráter de Manuel Nunes Viana; o episó-

dio do "Capão da Traição"; a pacificação final. (17)

4.11.9. Geografia

4.11.9.1. LOPES, Tomás. "Hendaye." Impressões de viagem. Hendaia e Fuenterrabia na fronteira franco-espanhola. (23)

4.11.9.2. REZENDE, André de. "O Palácio dos Doges — Recordações de Veneza." Impressões de Veneza. Ótimas fotografias superam o texto. (5)

4.11.9.3. VERÍSSIMO, José. "Quatro dias em Minas Gerais." A visita do historiador italiano Guilherme Ferrero ao Morro da Mina, à Gruta de Maquiné e a Belo Horizonte, onde foram recebidos pelo governador João Pinheiro. (Ilustrado.) (25)

4.11.21. Etnografia

4.11.21.1. BARBEDO, Otacílio. "Armas guerreiras dos aborígenes do Rio Grande." Extenso relato, acompanhado de fotografias, sobre os machados indígenas de pedra, encontrados no RS. (31)

4.11.31. Matéria militar

4.11.31.1. TEIXEIRA JR. "O sanatório militar." A construção de um hospital militar em Campos do Jordão, sob responsabilidade, orientação e administração do Exército. (Ilustrado.) (12)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 4, n. 12, dez. 1907.

4.12.1. Prosa

4.12.1.1. ARBIVOHN. "Father Christmas." Depois de muitos anos de separação, e por intermédio ocasional de uma terceira pessoa, avô

e neta se reencontram na noite de Natal. (Ilustrado.) (46)

4.12.1.2. CORREIA, Leôncio. "Céu e Inferno." Ao ser premiado na loteria, o pobre caixeiro Costa se entusiasma e sobe para Petrópolis, em companhia de um amigo, a fim de jogarem. Lá, perdem tudo e no dia seguinte Costa é despedido do emprego. (6)

4.12.1.3. D'ALVA, Oscar. "A lição de anatomia." Horrorizado, o jovem professor de anatomia vê, sobre a mesa de dissecação, o cadáver da antiga namorada que deixara no interior, anos antes. (14)

4.12.1.4. GUIMARÃES, Moreira. "Recordação deliciosa." O A. narra uma cerimônia japonesa de chá a que assistiu próximo ao campo de luta entre japoneses e russos. (Ilustrado por H. Malaguti.) (38)

4.12.1.5. LOPES, Tomás. "Vendetta." Pietro Contese é apunhalado como vingança de um crime que praticara anos antes na Córsega. (33)

4.12.1.6. MACEDO, Costa. "Pecadilhos." Ao saber que Beatriz já tivera um filho, Cândido resolve romper o compromisso, mas o pai aconselha-o a perdoá-la como "bom católico". Afinal, do casamento dependia o resgate de uma série de hipotecas. (Ilustrado por H. Malaguti.) (29)

4.12.1.7. MENDES, Cunha. "Noite de dezembro." Na véspera de Natal, Paulo de Aguiar atormenta-se com a lembrança de Alzira, criada por sua tia e por ele seduzida. (Ilustrado por H. Malaguti.) (43)

4.12.1.8. O.B. "Crônica." Desta vez, O.B. dá margem a desabafos pessoais, em que lembra Natais alegres ou tristes. (3)

4.12.1.9. REDAÇÃO. "Editorial." *Kosmos* conseguiu manter-se, enquanto revista artística, porque surgiu num momento em que transformações profundas operavam-se no Rio e no Brasil. (1)

4.12.1.10. VÁRZEA, Virgílio. "Natal entre marujos." Festa de Natal a bordo. (51)

4.12.1.11. VERÍSSIMO, José. "A glória — Reminiscências de um dia de Natal." Desafiado pela proverbial desconfiança do matuto perante o homem da cidade, o caçador recém-chegado se vê impellido a usar sua arma nova, atirando contra um jacaré. (Ilustrado por H. Malaguti.) (40)

4.12.1.12. VIEIRA, Celso. "Frutos." O paralelismo entre o ciclo vegetal (Primavera = Renascimento; Outono = Morte) e o destino humano. (16)

4.12.1.13. "O Natal." As origens cristãs e/ou pagãs do Natal. O significado da festa. (36)

4.12.2. Poesia

4.12.2.1. ANDRADE, J.M. Goulart de. "Cleópatra." Transformada em leoa, Cleópatra, "em régia compostura e altiva segurança", guarda a entrada do Nilo. Soneto alexandrino. (Ilustrado por H. Malaguti.) (11)

4.12.2.2. BILAC, Olavo. "Para um álbum, oferecido à rainha Dona Amélia de Portugal." No brasão português "faltava a severidade e o encanto de uma flor", agora preenchido com a presença de D. Amélia. Soneto alexandrino. (Ilustrado.) (59)

4.12.2.3. MENEZES, Emílio de. "Para um álbum, oferecido à rainha Dona Amélia de Portugal."

Soneto alexandrino meramente encoimiástico. (Ilustrado por H. Malaguti.) (49)

4.12.2.4. PEDERNEIRAS, Mário. "Dezembro." A alegria proporcionada pelo Sol e pelo céu de dezembro. Oito estrofes heterométricas. (8)

4.12.2.5.* SOUSA, Leal de. "Espirais de sonho." Sob a sugestão das espirais do cigarro, o poeta evoca o sacrifício de Cristo, o sofrimento da Virgem e o idealismo de D. Quixote. (Ilustrado por H. Malaguti.) (26)

4.12.3. Crítica

4.12.3.1. DUQUE, Gonzaga. "A graça feminina na pintura." A evolução do motivo feminino na pintura ocidental. De Da Vinci a Watteau. (Ilustrado.) (19)

4.12.3.2. G. "A estatuária dos jardins públicos." O embelezamento dos jardins públicos por meio da estatuária. Obras de Gasq, Peyrol, Weegèle, G. Michel, D. Bianchi. (Ilustrado.) (61)

4.12.3.3. SALLES, Antônio. "Sully Prudhomme (um autógrafo)." A.S. lembra a morte de Sully Prudhomme, ocorrida em setembro de 1907, elogia seus versos e estampa *Ici-Bas*, autógrafo do poeta recebido pelo A. do texto. (Ilustrado por H. Malaguti.) (12)

4.12.4. Ilustração

4.12.4.1. PARREIRAS, Antônio. "A conquista do Amazonas." (25)

4.12.4.2. "Ao arriar das velas." (Tricromia.) (9)

4.12.20. Teatro

4.12.20.1. CAMPOS, Lima. "Flor obscura." Numa peça em que as marcações superam de longe o

próprio entrecho, a velha criada é expulsa de casa, por ter descoberto e condenado os amores ilícitos da patroa viúva. (65)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 1, jan. 1908.

5.1.1. Prosa

5.1.1.1. BELLO, José Maria de Albuquerque. "Amor de caboclo." Uma triangulação amorosa que termina com o assassinato dos amantes e o suicídio do esposo traído. (25)

5.1.1.2. CAMPOS, Lima. "Uma santa brasileira — Santa Diana. (A lenda mineira)." Julgando-se traída pelo amante e pela afilhada órfã, Adélia contrata o serviço de seu escravo de confiança para eliminar a moça. (31)

5.1.1.3. NAZARENO, Eduardo. "Crônica do Mestre Álvaro." Narrativa ambientada na Bahia colonial. Mestre Álvaro, santeiro famoso, vê-se envolvido numa insurreição popular e acaba na forca. Sua morte fora instigada pelo Cônego Peres, que seduzira Maria da Graça, filha do artesão. (40)

5.1.1.4. O.B. "Crônica." Duas constatações positivas levanta o cronista após a visita de 15 mil marujos americanos: o Rio tem policiamento eficiente e desconhece a febre amarela. (1)

5.1.1.5. PEDERNEIRAS, Mário. "O quintal e a porta." A "civilização" carioca comprime o espaço destinado ao quintal e, por outro lado, alarga a importância da porta. (12)

5.1.1.6. RANGEL, Alberto. "Terra caída." De volta de uma festa nas redondezas, Pedro, a mulher e os filhos enfrentam um acontecimento triste: a casa e o pomar à beira-

-rio foram tragados pelas águas. (37)

5.1.3. Crítica

5.1.3.1. DUQUE, Gonzaga. "Os pintores da fealdade." G.D. descreve obras de Rafael, Velásquez, Chirlandajo, Ribera, que se enquadram dentro de uma estética do grotesco. (Ilustrado.) (8)

5.1.4. Ilustração

5.1.4.1. A esquadra americana, composta de 15 embarcações, transpondo a barra do Rio de Janeiro, ancorada e, finalmente, partindo do porto. (3, 17, 23, 34, 45)

5.1.13. Publicidade

5.1.13.1. *O Diário* — Folha ilustrada e noticiosa. (56)

5.1.14. Política

5.1.14.1. CORREIA, Leôncio. "O pan-americanismo." Pregação aberta de "adesão sincera e entusiástica" à causa pan-americana, pois América do Norte e Brasil estão ligados por velhos laços de simpatia recíproca numa "bela aliança moral". (5)

5.1.14.2. L. "Sucessos de Portugal." O assassinato de Carlos I, rei de Portugal. (Ilustrado.) (47)

5.1.14.3. SÁ, Alberto de. "A situação política em Portugal." A. de S. responsabiliza o Conselheiro João Franco pela morte do rei e do príncipe e ressalta que os ideais republicanos não admitem essa solução violenta. (Ilustrado.) (53)

5.1.14.4. VIEIRA, Celso. "Do Atlântico ao Pacífico." O A. denuncia o significado imperialista da presença naval americana no Rio e acentua a disputa entre Japão e

EUA, pelo domínio econômico da área do Pacífico. (14)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 2, fev. 1908.

5.2.1. Prosa

5.2.1.1. CAMPOS, Lima. "A nossa aristocracia." Na dinâmica social, a aristocracia de sangue foi substituída pela do dinheiro. No entanto, urge depô-la também e substituí-la pelos intelectuais. (3)

5.2.1.2. COELHO NETO. "A torre de marfim." Numa paisagem oriental, repleta de pedrarias, procura-se uma mulher para habitar uma torre de marfim riquíssima. (45)

5.2.1.3. O.B. "Crônica." Bilac lamenta o assassinato do monarca português, mas lembra que nenhum homem é insubstituível. (1)

5.2.1.4. PAPI JR. "A comunhão dos presos." Um prisioneiro conta ao narrador a razão de sua prisão: um crime passional. (19)

5.2.1.5. VIEIRA, Celso. "Domingo de Carnaval." Crônica sobre o Carnaval. (48)

5.2.1.6. Z. "Vindita popular." Louvores à reação popular que destruiu um palanque de madeira na Avenida Central. (42)

5.2.2. Poesia

5.2.2.1. FURTADO, Alcebíades. "A bela adormecida." A.F. reconta em versos livres a estória de Charles Perrault. (Ilustrado por H. Malaguti.) (11)

5.2.2.2. MENDES, Cunha. "Rumo do Oriente." A mulher amada como fonte de coragem e de pureza. Soneto alexandrino. (47)

5.2.2.3. MENEZES, Emílio de. "A uma Senhora." A uma mulher (mãe ou amada?), cuja "fibra ir-

resistível" transmite ânimo e força ao poeta. Soneto em versos alexandrinos. (34)

5.2.4. Ilustração

5.2.4.1. "Os funerais reais em Portugal." (39-41)

5.2.4.2. "O último ato da tragédia em Lisboa." (43-44)

5.2.9. Geografia

5.2.9.1. SÓCRATES, Eduardo. "Rio Araguaia." Impressões de viagem sobre o Araguaia. (Ilustrado.) (32)

5.2.9.2. X. "Pelo Rio Branco." A região amazônica limitada pelas serras do Paracaima e do Parima. As nações indígenas que ali habitam. (Ilustrado.) (15)

5.2.12. Noticiário

5.2.12.1. DX. "Viagem a São Paulo." A viagem ferroviária do Presidente Afonso Pena do Rio a Bauru, SP. (Ilustrado.) (5)

5.2.12.2. SÁ, Sílvio. "A tragédia de Lisboa." Repleto de fotografias, o texto exalta o valor e a coragem da Rainha Amélia de Portugal, ante a morte do esposo e do filho. (35)

5.2.13. Publicidade

5.2.13.1. *O Diário*. Folha noticiosa. (50)

5.2.28. Biologia

5.2.28.1. RIBEIRO, Alípio de Miranda. "Peixes da Ribeira." Relato descritivo e ilustrado das últimas investigações ictiológicas de Ricardo Krone, realizadas no Rio Ribeira de Iguape, SP. (27)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 3, mar. 1908.

5.3.1. Prosa

5.3.1.1. CAMPOS, Lima. "A escola militar." A demolição da Escola Militar provoca uma crônica circunstancial de saudades. (20)

5.3.1.2. LOPES, Tomás. "Buenos Aires." Considerações em torno da rivalidade entre Rio e Buenos Aires. Apreciações elogiosas da capital portenha. (40)

5.3.1.3. O.B. "Crônica." O.B. põe-se contra a ortodoxia católica que condena o Carnaval. (1)

5.3.1.4. VIEIRA, Celso. "Carta a um bacharel." Apologia do bacharelismo. (47)

5.3.2. Poesia

5.3.2.1. MENEZES, Emílio de. "A romã." A romã, "fruta heráldica e real", cuja "forma hostil (...) lembra um dardo mortal". Soneto alexandrino. (39)

5.3.3. Crítica

5.3.3.1. CORREIA, Leôncio. "Fagundes Varela." Texto crítico, superficial e palavroso, sobre o *Evangelho das selvas*, de Fagundes Varela. (15)

5.3.3.2. DUQUE, Gonzaga. "Helio Seelinger." Apreciação elogiosa da pintura de Seelinger. Destaque à sua concepção do elemento feminino e à sua "modernidade". (Ilustrado.) (29)

5.3.4. Ilustração

5.3.4.1. "Exposição Nacional": pavilhões de Minas (3) e da Bahia (13)

5.3.4.2. "Ilha de Paquetá." (27)

5.3.4.3. "Monumento a Floriano Peixoto." (33)

5.3.4.4. "A exploração da borracha na Amazônia." (43)

5.3.5. História

5.3.5.1. BEHRING, Mário. "Emboabas — III." Perfil do turbulento Manuel Nunes Viana, poderoso chefe emboaba. (22)

5.3.12. Noticiário

5.3.12.1. X. "A Exposição Nacional de 1908." Com texto e fotografias da página 5 até 11, as primeiras notícias sobre a Exposição.

5.3.12.2. Y. "A ponte de São José do Rio Pardo." Nota curta sobre a reconstrução da ponte de São José do Rio Pardo, sob responsabilidade de Euclides da Cunha. (Ilustrado.) (18)

5.3.13. Publicidade

5.3.13.1. L. Musso & Cia., fotografos; Loteria Federal; *No Extremo Oriente*, de Moreira Guimarães. (49-50)

5.3.28. Biologia

5.3.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin — IX." História evolutiva dos entomostráceos, girripedes e rizocéfalos. (Ilustrado.) (35)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 4, abr. 1908.

5.4.1. Prosa

5.4.1.1. CERQUEIRA, Dionísio. "Na fronteira — Um teuto-brasileiro." Xico Böse conta suas façanhas de caçador de onças. (22)

5.4.1.2. CORREIA, Viriato. "A Florinda." Florinda atormenta-se en-

tre o ciúme de dois amantes e a inocência do esposo. (2)

5.4.1.3. DUQUE, Gonzaga. "Trecho de alma." Sob a sugestão de uma valsa de Chopin, Luciano lembra-se do seu amor frustrado pela prima Emerenciana. (5)

5.4.1.4. GUIMARÃES FILHO, Luís. "Os crisântemos." Por ocasião da festa japonesa dos crisântemos, o narrador é acompanhado por uma fugidia figura feminina que lhe explica o segredo do cultivo dessas flores. (33)

5.4.1.5. LOPES, Tomás. "Buenos Aires." A beleza urbanística de Buenos Aires e o bom gosto da burguesia endinheirada. (47)

5.4.1.6. L. DE S. "Crônica." Com a enfermidade de Olavo Bilac, L. de S. vem substituí-lo e saúda "no pórtico de maio (...) as mulheres que voltam (das férias) e as flores que renascem". (1)

5.4.4. Ilustração

5.4.4.1. "Estrada de Ferro Goiás." (8 e 46)

5.4.4.2. "Transporte dos corpos de Barroso e Saldanha." (16)

5.4.4.3. "Estrada de Ferro Madeira—Mamoré." (25)

5.4.4.4. "Exposição Nacional." (28 e 30)

5.4.5. História

5.4.5.1. BEHRING, Mário. "Diplomacia d'antanho." Relações diplomáticas entre Portugal e Daomé ao tempo de D. João VI. (11)

5.4.13. Publicidade

5.4.13.1. *No Extremo Oriente*, de Moreira Guimarães. (52)

5.4.21. Arqueologia

5.4.21.1. FRANCO, Armínio de Mello. "Tiguanacu." Relato sobre as ruínas bolivianas de Tiguanaco. (Ilustrado.) (41)

5.4.28. Biologia

5.4.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin — X." "Sobre os princípios de classificação." (37)

5.4.32. Diversos

5.4.32.1. CAMPOS, Lima. "A Terra e o Homem. Notas curiosas. Contradições da Ciência." Coletânea de afirmações emitidas por homens de prestígio (Agassiz, Büchner, Diderot, etc.) sobre a Terra e o Homem. Extraídas de *As ignorâncias da ciência moderna*, de Eugène Loudun. (19)

5.4.32.2. CORREIA, Leôncio. "A intelectualidade na Argentina e no Brasil." O A. sumaria duas culturas bastante esquematicamente: Argentina, terra de jornalistas; Brasil, terra de poetas. (49)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, maio 1908.

5.5.1. Prosa

5.5.1.1. CAMPOS, Lima. "O país carioca." Crônica em louvor à cidade do Rio de Janeiro. De Mem de Sá a D. João VI. (23)

5.5.1.2. CERQUEIRA, Dionísio. "O rosário do Cabo-de-ordens." O narrador conta a vida de um negro liberto, filho de pais alforriados, que teve atuação meritória na guerra do Paraguai. (32)

5.5.1.3. O.B. "Crônica." Posição de O.B. favorável à vacinação antivariólica. (1)

5.5.1.4. PEDERNEIRAS, Mário. "A vida de hoje." O tédio da vida noturna carioca, apesar da "civilização". (11)

5.5.2. Poesia

5.5.2.1. MENDES, Cunha. "Cantigas." Versos heptassílabos que louvam os atributos físicos da mulher amada. (40)

5.5.3. Crítica

5.5.3.1. REZENDE, André de. "Um retratista esquecido." Texto sobre Nattier, pintor "oficial" da corte francesa de Luís XV. A. de R. insurge-se contra seu esquecimento, ainda que o reconheça incapaz de se ombrear com os menos afamados pintores de seu tempo. (Ilustrado.) (13)

5.5.4. Ilustração

5.5.4.1. "Exposição Nacional." (3 e 41)

5.5.4.2. "Trabalhos da Comissão Rondon." Linhas telegráficas entre Mato Grosso e Alto Acre. (31)

5.5.5. História

5.5.5.1. BEHRING, Mário. "A musa anônima." Pequena coletânea de versos populares inspirados pelas lutas da Independência e pela política brasileira. (17)

5.5.5.2. JUREMA. "Mato Grosso — I." A extensão dos fios telegráficos no sul de Mato Grosso, sob direção do Major Cândido Mariano Rondon. (Ilustrado.) (25)

5.5.9. Geografia

5.5.9.1. SÓCRATES, Eduardo. "Pedra da Baliza." Descrição sumária da região que separa as bacias do

São Francisco e do Tocantins. (Ilustrado.) (52)

5.5.10. Engenharia

5.5.10.1. Y. "As obras contra a seca." Poços perfurados pelo Ministério da Viação e Obras Públicas em Estados do Nordeste. (47)

5.5.13. Publicidade

5.5.13.1. *No Extremo Oriente*, de Moreira Guimarães. (54)

5.5.19. Medicina

5.5.19.1. R.P. "O veneno ofídico." "O perigo ofídico. Meios de combatê-lo. As cobras do Brasil. Uma hospedaria de cobras em São Paulo. Fabrico de seruns antiofídicos." (Ilustrado.) (5)

5.5.28. Biologia

5.5.28.1. MÜLLER, Fritz. "Por Darwin." "Sobre o progresso da evolução." (35)

5.5.32. Diversos

5.5.32.1. LOPES, Tomás. "Buenos Aires." T.L. narra suas impressões da visita que fez à Penitenciária Nacional argentina. (43)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 6, jun. 1908.

5.6.1. Prosa

5.6.1.1. MENDES, Cunha. "Melancolicamente." Numa viagem de navio para o Sul, Carlos tenta, em vão, seduzir a esposa do amigo. (8)

5.6.3. Crítica

5.6.3.1.* DUQUE, Gonzaga. "*O Primo Basílio*." G.D. recorda a representação de *O Primo Basílio* no Rio em 1879. (30)

5.6.3.2. LOPES, Tomás. "Buenos Aires." T.L. lamenta o desconhecimento sul-americano recíproco e a falta de caráter nacional de nosso teatro em comparação com o da Argentina. (40)

5.6.4. Ilustração

5.6.4.1. "Exposição Nacional." Aspecto do andamento das obras. (2, 12, 17, 23, 33, 43, 53)

5.6.4.2. "Arredores de Manaus." (45)

5.6.4.3. "Cachoeira Grande — Poços de Caldas, MG." (49)

5.6.4.4. "Pavilhão da Exposição Preparatória de São Paulo." (52)

5.6.5. História

5.6.5.1. BEHRING, Mário. "A musa anônima." A sátira popular em verso nos tempos do Império. (13)

5.6.5.2. CERQUEIRA, Dionísio. "Na fronteira — o Froylas." Os trabalhos de demarcação territorial entre o Brasil e a Argentina. (Ilustrado.) (35)

5.6.6. Sociologia

5.6.6.1. VIEIRA, Celso. "A invasão amarela." Considerações sobre a política brasileira e americana quanto ao recebimento de fluxos migratórios japoneses. (5)

5.6.9. Geografia

5.6.9.1. SÓCRATES, Eduardo. "Recordações de viagem." Uma viagem pelos campos de Goiás. (50)

5.6.28. Biologia

5.6.28.1. VELOSO, César. "Eugène Loudun e a teoria de Darwin." Réplica a Lima Campos que em "A Terra e o Homem. Notas curiosas. Contradições da Ciência"

(5.4.32.1.) pretendeu menosprezar a teoria evolucionista de Darwin. (25)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 7, jul. 1908.

5.7.1. Prosa

5.7.1.1. BELLO, José Maria de A. "Vae Victis!" Para Luís, a morte da única filha fora uma espécie de confirmação do seu sentimento de ser injustiçado pela sociedade. (23)

5.7.1.2. CAMPOS, Lima. "Plenilúnio." Sob a luz da lua a visão de uma "mancha larga de uma asa branca de águia real" cortando o céu. (26)

5.7.1.3. CORREIA, Viriato. "João Quilombo." Revoltado com a condição de escravo e vendo sua amada ser perseguida pelo fazendeiro, João Quilombo foge e atea fogo na fazenda, destruindo tudo. (17)

5.7.1.4. LOPES, Oscar. "O rio." Apreensiva por causa de um sonho trágico, a mãe pede ao filho que abandone o emprego de que dispõe no porto fluvial. O filho nega-se a atendê-la, alegando gozar de prestígio na firma e ter possibilidades futuras.

Exatamente um ano depois do sonho, passeando com um amigo, a embarcação que os levava soçobra e ambos se afogam. (36)

5.7.2. Poesia

5.7.2.1. SOUSA, Leal de. "Babel." Seis quadras alexandrinas enaltecem a beleza colorida das sete torres de Babel. (Ilustrado por H. Malaguti.) (4)

5.7.3. Crítica

5.7.3.1. VERÍSSIMO, José. "Os períodos ou épocas da literatura brasileira." Fazendo restrições severas à quantidade de divisões históricas propostas por Sílvio Romero, J.V. assevera que nossa literatura só poderia ser dividida em dois grandes blocos: o colonial e o nacional. E como marco divisório, J.V. toma o Romantismo. (33)

5.7.4. Ilustração

5.7.4.1. "Exposição Nacional." (5-7, 10-15, 21-27, 29-32 e 45)

5.7.5. História

5.7.5.1. DUQUE, Gonzaga. "A Savigné do XIX século." Curta biografia de Delphina Gay. Seu talento literário e jornalístico, sua beleza, suas relações com Vitor Hugo e Lamartine e sua influência nos círculos elegantes e literários da França no período romântico. (Ilustrado.) (38)

5.7.13. Publicidade

5.7.13.1. "Fábrica de Cordoalha Machado & Silveira." (46)

5.7.21. Etnografia

5.7.21.1. SÓCRATES, Eduardo. "Recordações de viagem." Impressões de viagem pelo Brasil Central. Informações bastante desfavoráveis sobre o índio, apresentando-o como vingativo e sanguinário. (42)

5.7.32. Diversos

5.7.32.1. CARVALHO, Reis. "O feriado brasileiro de 14 de Julho." R.C. exalta o 14 de Julho (Queda da Bastilha) como data a ser respeitada também no Brasil. (11)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 8, ago. 1908.

5.8.1. Prosa

5.8.1.1. SÓCRATES, Eduardo. "Recordações de viagem." E.S. narra o efeito que lendas fantasmagóricas produziram no espírito de um soldado no interior do país. (8)

5.8.1.2. VIEIRA, José. "Mãe." Apesar das súplicas insistentes de sua mulher índia, Fernando foge da taba em que morava, em busca do litoral. (46)

5.8.3. Crítica

5.8.3.1.* DUQUE, Gonzaga. "O último fauno." G.D. exalta *O último fauno*, romance de João Grave, por suas "colorações vivas e cintilar de pedrarias" e pelo fato de a ação se passar na Grécia clássica, "beleza perdida do clarão fecundante da civilização ocidental". (36)

5.8.4. Ilustração

5.8.4.1. "Exposição Nacional." (11, 21-27)

5.8.5. História

5.8.5.1. CERQUEIRA, Dionísio. "Na fronteira." Os trabalhos de demarcação territorial na fronteira argentino-brasileira. (13)

5.8.5.2. JUREMA. "Mato Grosso — II." Continuação do relato sobre a extensão dos fios telegráficos no Mato Grosso, sob a supervisão do Major Rondon. (Ilustrado.) (29)

5.8.5.3. VIANA, Ferreira. "O Antigo Regime — Uma crise ministerial." Desencantado com a situação política vigente, F.V. lembra a política imperial, onde havia empenho partidário e participação

popular durante as crises de gabinete. (6)

5.8.14. Política

5.8.14.1. MARQUES, Silva. "A Questão dos Bálcãs." A região balcânica como ponto estratégico e palco de luta. (Ilustrado.) (1)

5.8.31. Matéria militar

5.8.31.1. "O novo material da nossa marinha militar." Dados técnicos, acompanhados de fotografia, sobre o *destroyer* Pará. (39)

5.8.32. Diversos

5.8.32.1. LOPES, Tomás. "Buenos Aires." Impressões sobre o Jardim Zoológico de Buenos Aires. (41)

5.8.32.2. REZENDE, André de. "Raquel, a trágica." Curta biografia de Raquel, dama do teatro francês na primeira metade do século XIX. (43)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, set. 1908.

5.9.1. Prosa

5.9.1.1. CERQUEIRA, Dionísio. "Na fronteira — O Valente." Perfil de Valente, voluntário paranaense, morto por uma onça durante os trabalhos da Comissão de Limites Brasil-Argentina em 1887. (8)

5.9.1.2.* SÓCRATES, Eduardo. "Recordações de viagens." Pretendendo fazer ficção, E.S. não vai além do relato fragmentário sobre os hábitos sertanejos. (42)

5.9.3. Crítica

5.9.3.1. VERÍSSIMO, José. "Começos literários do Brasil — I." A literatura jesuítica "empenhada". Seu caráter a-estético. O fator es-

tético como critério seguro para se separar o texto literário do utilitário. (27)

5.9.4. Ilustração

5.9.4.1. "A última *matinée* no Teatro João Caetano." (18)

5.9.4.2. "Exposição Nacional." (19 e 45)

5.9.4.3. "Em guarda." (Tricromia.) (25)

5.9.5. História

5.9.5.1.* DUQUE, Gonzaga. "No tempo da *Gazetinha*." G.D. recorda a redação da *Gazetinha*, dirigida por Artur Azevedo em cuja sala reuniam-se os "novos": França Jr., Teófilo Dias, Raimundo Correia, Bilac e outros. (Ilustrado.) (15)

5.9.5.2. MARQUES, Silva. "O conflito franco-alemão." Baseando-se na unificação territorial italiana e no recuo de Berlim diante de Paris (no caso de Marrocos), S.M. comprova a falência das teorias de Max Nordau, que preconizavam a hegemonia político-cultural dos saxões sobre os latinos. (1)

5.9.9. Geografia

5.9.9.1. VALS, Karlos. "Expedições ao Pólo Sul." As expedições que Gerlache, Jean Baptiste Charcot, Otto Nordenskjöld, Bruce, J. Ross e outros fizeram no Pólo Sul. (Ilustrado.) (4)

5.9.14. Política

5.9.14.1. BRANT, Mário. "A campanha eleitoral nos Estados Unidos." O processo eleitoral e a campanha presidencial americana. Sucessão de Theodore Roosevelt, Taft e Bryan na disputa. (Ilustrado.) (21)

5.9.28. Zoologia/Botânica

5.9.28.1. BARBEDO, Otacílio. "Flora epífita do Rio Grande do Sul." Orquídeas do R.S. (Ilustrado.) (12)

5.9.28.2. FRAZÃO, Felix Armando de M. "Um caso de analogia anátomo-fisiológica entre animal e vegetal." Correlação entre os marsupiais aplocalianos e a *Abroma faustosa*, cuja deiscência do fruto se "opera muito antes das sementes a termo, ficando desde logo ao abrigo do loculo (bolsa), onde se dá como nos marsupiais o desenvolvimento último". (Ilustrado.) (30)

5.9.28.3. JUREMA. "Ao redor e através do Brasil." Do Rio a Montevideu por mar. Comissionado como zoólogo da Comissão Telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção de Rondon, Jurema descreve as espécies marinhas vistas e coletadas durante a viagem. (37)

5.9.32. Diversos

5.9.32.1. SILVA, Henrique. "Curralleiros de Amaro Leite." A excelência do gado curralleiro de Goiás. (Ilustrado.) (35)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 10, out. 1908.

5.10.1. Prosa

5.10.1.1. CUNHA, Euclides da. "Numa volta do passado." Em uma de suas viagens profissionais, E.C. pernoita em Silveira, SP. O chefe da casa, "nonagenário tranqüilo" e respeitável, conta-lhe um episódio de sua infância: D. Pedro I, ao voltar do Ipiranga, detiver-se com a comitiva em frente à sua casa. (19)

5.10.1.2. DUQUE, Gonzaga. "Crônica de saudade." G.D. recorda a figura de um ex-companheiro de jornalismo e de boêmia: Camerino Rocha. (33)

5.10.1.3. G.D. "Crônica." A crônica deste mês homenageia a memória de João Pinheiro, recentemente falecido. (1)

5.10.1.4. SÓCRATES, Eduardo. "Recordações de viagens." Em uma de suas viagens pelo interior do país, o autor participa de um velório cigano. (46)

5.10.3. Crítica

5.10.3.1. VERÍSSIMO, José. "Começos literários do Brasil — II." Sobre a *Prosopopéia* de Bento Teixeira, "o primeiro, em data, dos poetas brasileiros". (40)

5.10.3.2. "Machado de Assis, crítico." Homenagem ao Machado crítico: transcrição de "Notícia da atual literatura brasileira — Instinto de nacionalidade", publicada em março de 1873 na *Novo Mundo*. (26)

5.10.4. Ilustração

5.10.4.1. "Copacabana — Mau tempo." (3)

5.10.4.2. "Monumento ao Mal. Floriano." (17)

5.10.4.3. "Manaus." (25)

5.10.4.4. "Exposição Nacional." (32)

5.10.5. História

5.10.5.1. CERQUEIRA, Dionísio. "Na fronteira — O sonho da República." Um grupo de militares, que viaja pelas matas do Sul demarcando fronteiras, recebe a notícia da proclamação republicana. O

entusiasmo, o idealismo, os sonhos. (13)

5.10.5.2. MARQUES, Silva. "Enrico Ferri e o clericalismo." S.M. endossa a tese do intelectual italiano E.F. que prega contra a ameaça do clericalismo. Igreja e Estado devem ser separados. (44)

5.10.10. Engenharia

5.10.10.1. "O Rio Paranaíba." Dados técnicos e documentação fotográfica sobre a construção de uma ponte pênsil sobre o Paranaíba entre Goiás e Minas. (9)

5.10.12. Noticiário

5.10.12.1. "Honório Mello." Texto e fotografias homenageiam Honório Mello, que obteve o prêmio de estudos na Europa com sua escultura "Spartacus". (22)

5.10.29. Psicologia

5.10.29.1. SHAW, William. "Sensações." Alertando, de início, contra os oportunistas da nascente Psicologia, W.S. passa, depois, a considerações sobre a natureza das sensações. (5)

5.10.32. Diversos

5.10.32.1. REZENDE, André de. "Quatro formosas damas." Quatro curtas biografias de Mme. des Ursins (1642-1722); Mme. Docier (1654-1720); Mme. Staal-Delaunay (1684-1750) e Mlle. Aissé (? -1733). (Ilustrado.) (36)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 11, nov. 1908.

5.11.1. Prosa

5.11.1.1. COELHO NETO. "O talismã (Conto inédito da sultana

Scherazada)." Scherazade conta uma estória: quem encontrasse o talismã azul, obteria todas as riquezas do mundo. (11)

5.11.1.2. DUQUE, Gonzaga. "O cabaré de Ivone." O cabaré como ponto de encontro dos "jovens intelectuais" nos inícios de 1900. (27)

5.11.1.3. G.D. "Crônica." A repercussão da visita de Enrico Ferri ao Rio. O anticlericalismo do intelectual italiano e o espanto de alguns setores da sociedade carioca. O apoio de G.D. (1)

5.11.1.4. LOPES, Tomás. "Trecho de um romance inédito. *A vida*. Final do capítulo V." Um grupo passeia pela praia, à noite. Encantado com a paisagem, Luís diz versos de Stechetti. Luís e Maria enamoram-se. (3)

5.11.1.5.* LUSO, João. "Tipos e símbolos — A sublime porta." A porta do Garnier: sinônimo de notoriedade e acesso para a fama. (9)

5.11.1.6. REZENDE, André de. "Quatro feições femininas." Considerações sobre a mulher. A beleza física, o pudor, a *coquetterie*, o amor, a dedicação, etc. (Ilustrado.) (5)

5.11.1.7. TEÓFILO, Rodolfo. "Lágrimas de sangue." Assistindo a um cortejo infantil de Primeira Comunhão, o A. tem sua atenção despertada para um garotinho leproso, que contempla o desfile a alguns metros de distância. (40)

5.11.3. Crítica

5.11.3.1. VERÍSSIMO, José. "Começos literários do Brasil — III." Os primeiros prosadores. Restri-

ções ao estilo hiperbólico de Rocha Pita. (23)

5.11.5. História

5.11.5.1. MARQUES, Silva. "O socialismo através da História." Divulgação dos ideais socialistas. Charles Fourier, Robert Owen, Etienne Cabet, Louis Blanc, Saint Simon e Comte. (31)

5.11.9. Geografia

5.11.9.1. FRANCO, Armínio de Mello. "Um misterioso Mediterrâneo da América." Impressões sobre o Titicaca. Seus primitivos habitantes. (Ilustrado.) (35)

5.11.28. Zoologia

5.11.28.1. JUREMA. "Na bacia do Prata — II." Jurema continua o relato de sua viagem, iniciado em setembro de 1908 (5.9.28.3.). No entanto, neste trecho, o A. ocupa-se mais em descrever a viagem de Buenos Aires a Porto Murinho (MT) do que em dar contas dos animais coletados. (17)

5.11.32. Diversos

5.11.32.1. ROSA, Ferreira da. "Uma tourada em Madri." Um espetáculo de touros em Madri. (Ilustrado.) (14)

5.11.32.2. "Edital." Organização das mesas eleitorais para as eleições federais em janeiro de 1909. (43)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 5, n. 12, dez. 1908.

5.12.1. Prosa

5.12.1.1. COELHO NETO. "A princesa cega." Tendo nascido cega, a princesa só recuperaria a vista,

segundo um profeta, no dia em que lágrimas de alegria lhe lavassem os olhos. Tempos depois de seu casamento um incêndio devora o palácio e um soldado salva seu filho. Emocionada, a princesa chora. (13)

5.12.1.2. CORREIA, Viriato. "Tentação." Perturbado por ter recebido do banco uma quantia a mais do que esperava, o estudante envidado sai louco de alegria pelas ruas.

Ao ouvir alguém que o chama, o estudante, pensando tratar-se do funcionário do banco que vinha desfazer o engano, sofre uma congestão cerebral e tomba morto. (38)

5.12.1.3. G.D. "Crônica." As férias. As festas. Os doces. O tempo que passa. (1)

5.12.1.4. LUSO, João. "Prazeres de inverno." As delícias dos esportes de inverno: trenó, patim, *ski*, *schlitten*, etc. (18)

5.12.2. Poesia

5.12.2.1. ANDRADE, J.M. Goulart de. "A árvore de Natal." Indo à vila em busca de madeira para a lareira apagada, o pequeno menino tem visões de fartura e de abundância pelos caminhos. 14 quartetos de sete sílabas. (41)

5.12.2.2. GUERRA, Nilo. "A inveja." A inveja, monstro de "escancarada fãuce" que não poupa os Grandes, nem os Heróis, nem os Deuses. (Ilustrado por Klixtó.) (17)

5.12.2.3. MENEZES, Emílio de. "Instante negro." Entre o corvo negro que voa no céu e a víbora que rasteja na terra, o poeta "canta a glória suprema e a volúpia

do Crime!..." Soneto alexandrino. (42)

5.12.2.4. SOUSA, Leal de. "A fuga da noite." Louvores à noite, "cheia d'astros, gloriosa e fria". Três quartetos alexandrinos. (Ilustrado por Edouard Bisson.) (15)

5.12.2.5. VEREMA, Marcelo. "L'infranchissable obstacle." Entre o poeta e a mulher amada intransponível. 18 quadras em francês. (37)

5.12.3. Crítica

5.12.3.1. DUQUE, Gonzaga. "*O dilúvio* — Gustavo Doré." O desenho superior de Doré. Sua frustração de não ser pintor. O caráter trágico de seu desenho. Doré e a Bíblia. (44)

5.12.3.2. VERÍSSIMO, José. "Começos literários do Brasil — IV." A campanha contra os holandeses. A perda da soberania portuguesa. A literatura bajulatória. *Ilha da Maré*, de Manuel Botelho de Oliveira. O Romantismo como ponto de partida para a verdadeira literatura nacional. (48)

5.12.4. Ilustração

5.12.4.1. DORÉ, Gustavo. "A adoração dos pastores." (3)

5.12.4.2. DORÉ, Gustavo. "O dilúvio." (43)

5.12.4.3. "Balaustrada construída na praia do Russel, Glória, para comemorar o Centenário da Abertura dos Portos do Brasil ao comércio do mundo." (6)

5.12.4.4. "Salomé." (Tricromia.) (25)

5.12.5. História

5.12.5.1. VIANA, Joaquim. "A reação contra a influência intelectual

francesa." A fundação, no Rio, de uma Sociedade Brasileira de Estudos Alemães dá ensejo ao A. para que se levante contra "o exclusivismo francês (que) está sendo asfíxiante". (22)

5.12.8. Filosofia

5.12.8.1. MARQUES, Silva. "A igreja de Swedemborg." As concepções de Swedemborg. (4)

5.12.9. Geografia

5.12.9.1. VALS, Karl. "Terremotos." A propósito do terremoto que abalou a Calábria e o Estreito de Messina (28 de dezembro de 1908), K.V. explica o fenômeno e recorda a ocorrência de outros, em locais e tempos diferentes. (Ilustrado.) (27)

5.12.28. Zoologia

5.12.28.1. RIBEIRO, Alípio de Miranda (Jurema). "Ao redor e através do Brasil." A permanência em Cuiabá, MT. Impressões da cidade. A caçada às onças. Métodos empregados. Classificação zoológica desses felinos. (32)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 6, n. 1, jan. 1909.

6.1.1. Prosa

6.1.1.1. COELHO NETO. "Mau sangue." Num grupo formado de roedores, comenta-se o mau agouro que significa a presença do Pena-dô. (43)

6.1.1.2. DUQUE, Gonzaga. "Vera Ipanoff." Órfã de mãe, Vera Ipanoff é entregue aos cuidados de uma preceptora austera. Já adolescente, Vera volta a morar com o pai, um burocrata pessimista que

a faz estudar Medicina. Desgastada pelo estudo, Vera perde os atrativos do sexo e atormenta-se pela falta de um companheiro. (35)

6.1.1.3. G.D. "Crônica." G.D. apenas menciona a revolta popular contra os bondes da *Light*, os terremotos no sul da Itália e a morte do ator Coquelin. (2)

6.1.1.4. MACEDO, Costa. "O delírio da pastora." Roída pelo ciúme ao perder Antônio, seu ex-amante que se casara, Manuela planeja vingar-se. Mas, certo dia, rejubila-se com a morte do ex-companheiro, que fora atacado por uma alcatéia faminta. (4)

6.1.1.5. REDAÇÃO. "Editorial." Desculpando-se pelo atraso dos últimos meses, *Kosmos* explica que ele se deve à iniciativa de reformulação total na maquinaria da empresa, visando o aperfeiçoamento gráfico. E que a partir do segundo semestre, a revista sairá duas vezes por mês.

6.1.3. Crítica

6.1.3.1. MAIA, Santos. "De Dionísios a Monsieur Alphonse." Série de comentários curtos sobre peças francesas. Considerações ligeiras sobre a temática teatral imutável: amor, honra, morte. (16)

6.1.4. Ilustração

6.1.4.1. "Obras no porto do Rio de Janeiro." (18)

6.1.5. História

6.1.5.1. F.M. "O derradeiro filho do céu." As intrigas palacianas na corte de Pequim. A tirania da princesa Tseu Hi e a morte, em 14 de novembro de 1908, do Imperador Kuang Sin Hoang Ti,

"Décimo da dinastia dos Tai Tsing". (Ilustrado.) (29)

6.1.5.2. SOUSA, Leal de. "Ilha do Bom Jesus." A ilha de Bom Jesus na Guanabara. O Asilo dos Inválidos da Pátria. Os veteranos do Paraguai. (7)

6.1.9. Geografia

6.1.9.1. ALBUQUERQUE, Medeiros e. "Viagem aos países microscópicos da Europa." Uma visita a Moresnet, triângulo de 3 km quadrados encravado entre Alemanha e Bélgica, próximo a Saachem (Aix-la-Chapelle). (Ilustrado.) (21)

6.1.26. Religião

6.1.26.1. BRANT, Mário. "O Espiritismo." Relato de recentes experiências espíritas realizadas nos EUA e na Europa. (Ilustrado.) (38)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 6, n. 2, fev. 1909.

6.2.1. Prosa

6.2.1.1. G.D. "Crônica." O Carnaval superou a Semana Santa em termos de motivação popular. O Carnaval dos clubes, "pomposo", e o popular, "festa bárbara, horripelantemente barulhenta e desesperadamente estúpida". (1)

6.2.3. Crítica

6.2.3.1. DUQUE, Gonzaga. "O poeta negro." A inadequação social e a neurose de Cruz e Sousa. Sua fascinação pelo som das palavras. O caráter nebuloso de sua prosa. A força de sua poesia. (42)

6.2.4. Ilustração

6.2.4.1. "Monumento do Riachuelo." (30)

6.2.4.2. "O Corcovado — Rio." (31)

6.2.5. História

6.2.5.1. BRANT, Mário. "Abraão Lincoln." Vida e obra de A. Lincoln. (Ilustrado.) (10)

6.2.6. Sociologia

6.2.6.1. REZENDE, André de. "No domínio das modas (Crônica recordativa)." Comentários em torno da moda feminina. O relativismo dos conceitos de moral e de imoral. (Ilustrado.) (21)

6.2.7. Música

6.2.7.1. MARQUES, Silva. "A evolução do piano." "A vitória do piano sobre o majestoso cravo." Distinção entre cravo, clavicórdio, *epinette* e piano forte. (45)

6.2.8. Geografia

6.2.8.1. SOUSA, Leal de. "Santana do Livramento." Impressões sobre Santana do Livramento e Rivera, cidades fronteiriças no Sul. (Ilustrado.) (45)

6.2.10. Engenharia

6.2.10.1. F.M. "Os progressos da aeronáutica." As últimas conquistas aeronáuticas. Os dirigíveis e os aeroplanos. O Salão da Aeronáutica em Paris (1908). (Ilustrado.) (26)

6.2.10.2. "Reorganização naval." O reaparelhamento dos Diques Guanabara e Santa Cruz na Ilha das Cobras. (Ilustrado.) (15)

6.2.28. Zoologia

6.2.28.1. RIBEIRO, Alípio de Miranda (Jurema). "Ao redor e através do Brasil." De Corumbá a São Luís de Cáceres. Descrição de pei-

xes, aves e mamíferos encontrados. (Ilustrado.) (33)

6.2.30. Diplomacia

6.2.30.1. CARVALHO, Elísio de. "Diplomatas estrangeiros — I." Relatando eventos do corpo diplomático creditado no Rio, o A. pretende "contribuir para que se destrua essa falsa legenda de ser o mundo diplomático o reino da futilidade, uma sociedade frívola, amável, ociosa e sibarita..." (Ilustrado.) (4)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 6, n. 3, mar. 1909.

6.3.1. Prosa

6.3.1.1. COELHO NETO. "A vitória de Lúcifer." Da criação do Mundo ao sacrifício do Calvário. A luta entre o Bem e o Mal. (6)

6.3.1.2. G.D. "Crônica." As eleições de março. A indiferença popular. A ausência de organização partidária e de forças ideológicas. A imaturidade do sistema. (1)

6.3.1.3. REZENDE, André de. "Um caso romântico." O amor infeliz de Camilo Castelo Branco por Maria do Adro. Segundo A. de R. a narrativa baseia-se em dois livros de Alberto Pimentel: *Romance de um romancista* e *Amores de Camilo*. (31)

6.3.1.4. SOUSA, Leal de. "Paquetá." As belezas e os prazeres de Paquetá. O cenário natural e o criado pela imaginação de Joaquim Manuel de Macedo. (Ilustrado.) (21)

6.3.3. Crítica

6.3.3.1. DUQUE, Gonzaga. "O grupo de Grimm." A influência didá-

tica de Jorge Grimm sobre o grupo de artistas plásticos brasileiros no século passado: Caron, Vasques, José Ribeiro, Castaquetto, Parreiras e França Jr. Grimm inaugura o estudo da paisagem ao ar livre. (39)

6.3.3.2. MARQUES, Silva. "O domínio da gravura." A invasão da ilustração na imprensa contemporânea. A rivalidade do texto *versus* gravura. (34)

6.3.4. Ilustração

6.3.4.1. PARREIRAS, Antônio. "Fantasia." (3)

6.3.4.2. "Escola 15 de Novembro." (4)

6.3.4.3. "Rio de Janeiro — A Glória e parte do Catete." (14)

6.3.4.4. "Último retrato do Dr. Afonso Pena." (19)

6.3.4.5. "Paquetá — Praia do Buraco." (29)

6.3.5. História

6.3.5.1. MANSO, R. "A revolução turca." As convulsões políticas turcas. A deposição de Abdul Hamid. (36)

6.3.9. Geografia

6.3.9.1. RIBEIRO, Alípio de Miranda. "Ao redor e através do Brasil." A permanência em São Luís de Cáceres, MT. Os hábitos higiênicos da população. As variações fonéticas do português falado. O clima. A topografia. (15)

6.3.10. Engenharia

6.3.10.1. Z. "Reorganização naval." O reaparelhamento de Mocanguê e Villegaignon. (Ilustrado.) (8)

6.3.14. Política

6.3.14.1. GUIMARÃES, Moreira. "Militarismo?!..." A propósito do projeto de serviço militar obrigatório — que alguns consideram como militarização do país e atentado à liberdade do cidadão — M.G. vem reafirmar a vocação democrática do militar brasileiro. (12)

6.3.30. Diplomacia

6.3.30.1. CARVALHO, Elísio de. "Diplomatas estrangeiros — Os Condes de Herboso." Texto "entusiasmado" pela elegância, requinte e mundanidade do casal Herboso, representantes diplomáticos do Chile no Brasil. (42)

KOSMOS. Rio de Janeiro, ano 6, n. 4, abr. 1909.

6.4.1. Prosa

6.4.1.1. CORREIA, Viriato. "Aos pés da Cruz." Atacado por um cão raivoso, o padre Higino amedronta-se diante da morte próxima. E em seus delírios, retorna às lembranças da adolescência, quando fora tentado por uma camponesa vizinha. (15)

6.4.1.2.* FONTES, Fernão. "O velho tesoureiro." Somente na abertura do testamento de Joaquim Moniz Teles é que vieram a saber que, por trás da aparência austera e respeitável do velho tesoureiro do Estado, escondia-se um desviador sistemático de verbas públicas. (32)

6.4.1.3. G.D. "Crônica." O verão em Petrópolis. Críticas à falta de administração pública eficiente. O abandono dos parques públicos. Sugestões à iniciativa privada: or-

ganização de festas a fim de arrecadar fundos para o embelezamento da cidade. (1)

6.4.1.4. LOPES, Tomás. "Uns amigos que chegam." Avisado da passagem de um amigo pelo porto do Rio, José Linhares levanta-se cedo para encontrá-lo e trazê-lo para o almoço. Não o encontrando, segue-se intensa correria pelos hotéis da cidade. Desanimado volta para casa, onde o espera um telegrama participando-lhe o adiamento da viagem. (38)

6.4.2. Poesia

6.4.2.1. BULCÃO, Soares. "Amor." O amor como força indestrutível, como ilusão e como sentimento idealizado. Três sonetos decassílabos. (10)

6.4.2.2. LIMA, Augusto de. "Cantiga do faisqueiro e Cantiga." Dois poemas heptassílabos. O primeiro, com seis estrofes, compara o ouro ao amor da mulher amada; no segundo, de cinco estrofes, o poeta se oferece para a mulher, prometendo-lhe riquezas e afeto. (35)

6.4.3. Crítica

6.4.3.1. BELMONTE, Pedro de. "A obra de John Ruskin." A presença renovadora de Ruskin na Inglaterra. As dificuldades vencidas. A organização das escolas de desenho. A arregimentação de operários para as artes manuais. (4)

6.4.3.2.* BELLO, José Maria de A. "Machado de Assis." A superioridade de Machado e a falta de condições do meio para sua compreensão e absorção. A ironia branda de Machado e a iconoclastia de Eça. A agudeza psicológica de suas criações. (44)

6.4.3.3. BRANT, Mário. "Edgar Poe." A origem e a vida turbulenta de Poe. Baudelaire "descobriu-o" para a Europa. A "perversão artística" e estética de Poe e de Baudelaire. (19)

6.4.3.4. J.B.R. "Sobre Maeterlinck." Em forma de diálogo, duas opiniões, contrárias entre si, sobre Maeterlinck. A opinião que o enaltece ressalta o impacto da impressão que sua obra causa. A desnecessidade de analisá-lo, a fim de não reduzir a impressão. (8)

6.4.4. Ilustração

6.4.4.1. "Ilha do Viana vista da Ilha de Santa Cruz." (5)

6.4.4.2. "Ilha de Santa Cruz." (6)

6.4.4.3. "Rio de Janeiro — Praia de Botafogo e Avenida Beira-Mar." (11)

6.4.4.4. Atores Eduardo Brasão e Ferreira da Silva. (22)

6.4.4.5. "Estrada de Ferro Madeira—Mamoré." (36)

6.4.23. Dança

6.4.23.1. REZENDE, André de. "A dança em Paris." A admiração e o entusiasmo do parisiense pela dança. O balé, o can-can. Os astros famosos: Isadora Duncan, Pavlova, Nijinsky e outros. (Ilustrado.) (12)

6.4.30. Diplomacia

6.4.30.1. CARVALHO, Elísio de. "Diplomatas estrangeiros — III." As embaixadas da Áustria, México, Japão, Argentina e Uruguai e seus ocupantes. Descrição pormenorizada e entusiasta da sofisticação e esnobismo reinantes. (23)

2 ÍNDICE REMISSIVO DE COLABORADORES

A¹

A.A.

3.1.21.1.

ABREU, C. [Capistrano] de.

2.1.5.1.

2.2.5.1.

2.3.5.1.

2.4.5.1.

2.5.5.1.

2.7.5.1.

ADEMIR.

4.1.12.1.

4.3.12.1.

ALBERTO, C.

1.4.4.1.

ALBERTO, Paulo.

3.2.1.1.

ALBUQUERQUE, Amaro de.

2.2.32.1.

ALBUQUERQUE, Medeiros e.

1.1.1.1.

1.3.1.1.

3.12.1.1.

4.7.17.1.

4.8.1.1.

6.1.9.1.

ALENCASTRO, M. Gitaí de.

4.1.1.1.

ALMEIDA, Filinto de.

2.6.2.1.

ALMEIDA, Júlia Lopes de.

2.12.1.1.

3.12.1.2.

ALMEIDA, Pires de.

2.2.16.1.

2.3.16.1.

2.10.16.1.

3.4.5.1.

3.5.5.1.

4.3.5.1.

4.7.12.1.

¹ As chamadas deste Índice remetem para o "Índice Geral Classificado de Assuntos".

ALVES, Sancho.		
1.4.14.1.	1.6.14.1.	2.3.14.1.
1.5.14.1.	1.8.14.1.	2.8.14.1.
AMOEDO, R.		
1.12.4.1.	2.5.4.1.	4.1.4.1.
2.1.4.1.	2.7.4.1.	4.2.4.1.
2.1.4.2.	3.1.4.1.	4.6.4.1.
2.2.4.1.	3.12.4.1.	
ANDRADE, J.M. Goulart de.		
1.11.2.1.	4.12.2.1.	
2.8.2.1.	5.12.2.1.	
ANTUNES, Mário.		
2.10.1.1.		
ARBIVOHN.		
4.12.1.1.		
AREIAS, G.		
1.8.22.1.	1.10.22.1.	2.2.22.1.
ARINOS, Afonso.		
1.4.1.1.	2.4.7.1.	4.2.1.1.
AUSTREGÉSILO, Antônio.		
2.10.2.1.		
AYDOS, J. Henrique.		
4.8.9.1.		
AZEREDO, Carlos Magalhães de.		
1.4.2.1.	1.11.3.1.	2.6.3.1.
AZEVEDO, Artur.		
1.1.3.1.	1.5.3.1.	3.7.3.1.
1.2.21.1.	1.6.3.1.	3.11.2.1.
1.3.3.1.	1.7.3.1.	3.12.1.3.
AZEVEDO, C. de.		
2.9.1.1.*		
AZEVEDO, Lindolfo.		
1.3.5.1.	1.5.5.1.	1.8.6.1.
AZEVEDO JR. (Ver também NEMO.)		
1.6.1.4.	1.9.1.1.	1.11.1.1.
1.7.1.2.	1.10.1.1.	

B

B.

1.6.31.1.

B. DE A.

3.8.1.1.

BANDEIRA, Sousa.

2.12.1.2.

BARBEDO, L.

1.1.31.1.

1.2.31.1.

1.3.31.1.

1.4.31.1.

BARBEDO, Otacílio.

3.4.21.1.

4.11.21.1.

5.9.28.1.

BARRETO, J. Pereira.

2.1.2.1.

BARRETO, Paulo. (Ver também RIO, João do.)

1.9.1.2.

2.4.16.1.

2.5.16.1.

2.6.16.1.

BARROS, Miguel.

3.2.2.1.

BARROS, Rafaelina de.

1.10.1.2.

BARROS, Rego.

2.1.5.2.

BARROSO, João.

4.3.1.1.

4.4.1.1.

BARROSO NETO.

1.2.7.1.

BATISTA, João.

1.9.4.1.

2.4.4.1.

BEHRING, F.

1.6.10.1.

BEHRING, Mário.

1.10.5.1.

1.12.5.1.

2.12.5.1.

3.3.5.1.

3.4.5.2.

3.6.5.1.

3.7.5.1.

3.8.5.1.

3.9.5.1.

3.11.5.1.

3.12.5.1.

4.1.5.1.

4.2.5.1.	4.6.5.1.	5.3.5.1.
4.3.5.2.	4.8.5.1.	5.4.5.1.
4.4.5.1.	4.9.5.1.	5.5.5.1.
4.5.5.1.	4.11.5.1.	5.6.5.1.
BELLO, José Maria de Albuquerque.		
5.1.1.1.	5.7.1.1.	6.4.3.2.*
BELMONTE, Pedro de.		
6.4.3.1.		
BERNA, Benevenuto.		
1.4.4.2.		
BERNARDELLI, Henrique.		
1.2.4.1.		
BERNARDELLI, Rodolfo.		
1.1.4.1.	1.5.4.1.	
BITTENCOURT, Liberato.		
1.1.11.1.	1.2.11.1.	1.3.31.2.
BOMFIM, Manuel.		
1.4.1.3.		
BOUSÉ, H.		
3.12.4.2.		
BRAGA, Francisco.		
1.1.7.1.		
BRANT, Mário.		
5.9.14.1.	6.2.5.1.	
6.1.26.1.	6.4.3.3.	
BULCÃO, Soares.		
6.4.2.1.		
BURLAMAQUI, Armando.		
2.5.31.1.	2.11.31.1.	3.5.14.1.
2.8.31.1.	3.2.12.1.	3.9.31.1.
	C	
CALIXTO, Benedito.		
1.5.4.2.		
CÂMARA, Antônio Alves.		
1.10.5.2.		

CAMPOS, A. Lima.		
1.8.15.1.	1.11.15.1.	2.7.15.1.
1.9.15.1.		
CAMPOS, Lima.		
1.8.23.1.	3.3.1.1.	5.3.1.1.
2.6.1.1.	4.12.20.1.	5.4.32.1.
2.12.1.3.	5.1.1.2.	5.5.1.1.
3.2.1.2.	5.2.1.1.	5.7.1.2.
CARDOSO, Fausto.		
2.7.2.1.		
CARVALHO, Domingos Sérgio de.		
1.7.5.1.	2.7.21.1.	3.3.21.1.
CARVALHO, Elísio de.		
6.2.30.1.	6.3.30.1.	6.4.30.1.
CARVALHO, J.C. Mariz de.		
1.3.5.2.	1.4.5.1.	1.9.1.3.
CARVALHO, José Carlos de.		
1.3.9.1.	1.6.12.1.	1.7.12.1.
CARVALHO, Reis		
1.1.6.1.	2.6.3.2.	4.1.8.1.
1.2.6.1.	2.7.5.2.	4.4.5.2.
1.3.6.1.	2.8.3.1.	4.7.18.1.
1.4.6.1.	2.9.5.1.	4.10.18.1.
1.8.8.1.	2.10.5.1.	5.7.32.1.
2.1.2.2.	3.12.26.1.	
CASTRICIANO, Henrique.		
4.1.20.1.		
CELSE, Afonso.		
1.2.2.1.	2.12.2.1.	3.4.2.1.
CERQUEIRA, Dionísio.		
3.3.1.2.	5.6.5.2.	5.9.1.1.
5.4.1.1.	5.8.5.1.	5.10.5.1.
5.5.1.2.		
COELHO NETO.		
1.5.1.1.	2.3.1.1.	2.6.1.2.
1.12.1.2.	2.4.1.1.	2.7.1.1.
2.1.1.1.	2.5.1.1.	3.2.1.3.

3.3.1.3.	3.11.1.1.	5.2.1.2.
3.4.1.1.	3.12.1.4.	5.11.1.1.
3.5.1.1.	4.1.1.2.	5.12.1.1.
3.6.1.1.	4.3.1.2.	6.1.1.1.
3.7.1.1.	4.9.1.1.	6.3.1.1.
3.9.1.1.		
CORREIA, Leôncio.		
4.12.1.2.	5.3.3.1.	
5.1.14.1.	5.4.32.2.	
CORREIA, Viriato.		
5.4.1.2.	5.12.1.2.	
5.7.1.3.	6.4.1.1.6.	
COSTA, Ciro.		
1.6.1.1.		
COUTINHO, Ernesto.		
1.2.27.1.		
COUTINHO, J.C. Lacerda.		
2.9.5.2.		
COUTO, Miguel.		
3.11.5.2.		
CUNHA, Euclides da.		
3.1.1.1.	5.10.1.1.	
	D	
DAEMON, Edgar.		
1.3.2.1.*		
D'ALVA, Oscar.		
1.2.2.2.	4.12.1.3.	
DEFINE, Jacomino.		
2.2.1.1.		
DEIRÓ, Eunápio.		
1.11.25.1.	1.12.6.1.	
DELFINO, Luís.		
3.12.2.1.		
DIAS, Carlos Malheiro.		
3.2.5.1.		

DORÉ, Gustavo.

5.12.4.1. 5.12.4.2.

DÓRIA, Escragnolle.

3.4.1.2. 4.6.3.1. 4.7.1.1.

DUQUE, Gonzaga. (Ver também G.D.)

1.5.1.2. 3.1.3.1. 4.9.3.1.
 1.6.3.2. 3.3.1.4. 4.9.3.2.
 1.7.3.2. 3.5.3.1.* 4.10.3.1.
 1.8.3.1. 3.5.27.1. 4.11.1.1.
 1.9.3.1. 3.6.3.1. 4.12.3.1.
 1.10.3.1. 3.7.3.2. 5.1.3.1.
 1.11.3.2. 3.8.3.1. 5.3.3.2.
 1.12.3.1. 3.9.3.2. 5.4.1.3.
 2.1.3.1. 3.10.1.1. 5.6.3.1.*
 2.2.5.2. 3.11.1.2. 5.7.5.1.
 2.3.3.1. 3.12.1.5. 5.8.3.1.*
 2.4.3.1. 4.1.1.3.* 5.9.5.1.*
 2.7.1.2. 4.2.3.1. 5.10.1.2.
 2.8.7.1. 4.3.1.3. 5.11.1.2.
 2.9.3.1. 4.5.3.1. 5.12.3.1.
 2.10.3.1. 4.6.3.2.* 6.1.1.2.
 2.11.3.1. 4.7.3.1. 6.2.3.1.
 2.12.1.4.* 4.8.3.1. 6.3.3.1.

DUTRA FILHO, Pedro.

4.5.9.1.

DX.

5.2.12.1.

E

EDMUNDO, Luís.

1.5.2.1. 1.12.2.2. 2.12.2.2.

ESTEVES, H.

1.8.4.1.

F

FANTÁSIO. (Pseudônimo de Olavo Bilac)

3.5.1.2. 3.7.1.2. 3.10.1.2.*
 3.6.1.2. 3.8.1.2.

FAZENDA, Vieira.		
1.2.5.1.	1.6.5.1.	2.5.5.2.
1.4.5.2.	2.4.5.2.	
FERREZ, Marc.		
1.2.4.2.	1.2.4.4.	
1.2.4.3.	1.6.4.1.	
FLÁVIO, Alcides (Pseudônimo de Antônio Fernandes Figueira)		
1.7.2.1.*		
FLEURY, Félix.		
2.3.12.1.		
FLUMINENSE, Américo.		
2.10.5.2.	4.2.1.2.	4.6.3.3.
2.11.1.1.	4.4.5.3.	4.7.5.1.
2.12.1.5.		
F.M.		
6.1.5.1.	6.2.10.1.	
FONTES, Fernão.		
6.4.1.2.*		
FONTES, Martins.		
4.11.2.1.		
F.R.		
2.6.12.1.	2.10.13.1.	
FRANCA, Ávila.		
1.3.9.2.	1.4.9.1.	1.5.9.1.
FRANCO, Armínio de Mello.		
5.4.21.1.	5.11.9.1.	
FRAZÃO, Félix Armando de M.		
5.9.28.2.		
FREIRE, Dario.		
2.12.5.2.		
FULL-BACK.		
1.8.24.1.		
FURTADO, Alcebíades.		
3.6.5.2.	4.2.2.1.	5.2.2.1.
3.8.5.2.	4.5.1.1.	
FURTADO, Julião.		
4.6.1.1.		

G

- G.
 4.12.3.2. 5.10.12.1.
- GAENSLY, Guilherme.
 1.4.4.3. 1.4.4.4. 1.6.4.2.
- GASPARONI, Alexandre.
 2.1.1.2.
- G.D. (Ver também DUQUE, Gonzaga.)
 3.9.3.1. 5.12.1.3. 6.3.1.2.
 5.10.1.3. 6.1.1.3. 6.4.1.3.
 5.11.1.3. 6.2.1.1.
- GIL.
 1.5.1.3. 1.8.1.1. 2.4.5.3.
 1.6.1.2. 1.9.1.4. 2.5.14.1.*
 1.7.1.1. 1.10.1.3. 2.11.1.2.*
- GOMES, Oliveira.
 1.6.1.3. 2.12.1.6.
- GUANABARA, Alcindo.
 2.10.3.2.
- GUERRA, Nilo.
 5.12.2.2.
- GUIMARÃES, Heitor.
 2.1.1.3.
- GUIMARÃES, Moreira.
 1.1.8.1. 4.4.6.1. 4.12.1.4.
 1.3.2.1.* 4.5.6.1. 6.3.14.1.
- GUIMARÃES FILHO, Luís.
 1.2.2.3. 2.2.2.1.
 1.5.2.2. 5.4.1.4.
- GUIMARÃES JR., Luís.
 3.7.2.1.
- H
- HENZE, Carlos.
 2.10.32.1. 4.2.32.1.
 3.7.32.1. 4.10.32.1.

HUGO, Victor.

1.1.2.2.

J

J.B.R.

6.4.3.4.

JORGE, A.G. de Araújo

2.7.8.1.

JUREMA. (Ver também RIBEIRO, Alípio de Miranda.)

5.5.5.2.

5.9.28.3.

5.12.28.1.

5.8.5.2.

5.11.28.1.

6.2.28.1.

K

KEMP, Emílio.

2.3.1.2.

KLIXTO.

1.5.4.3.

2.9.4.7.

KRONE, Ricardo.

4.7.9.1.

L

L.

2.5.10.1.

2.8.1.1.

5.1.14.2.

L.A.

1.5.12.1.

LARA, Ataliba de.

1.1.1.2.

L.C.

2.11.1.3.

3.3.21.2.

LEME, Luís Pais.

1.6.3.3.

LESSA, Jayme.

2.1.2.3.

LIMA, Augusto de.		
6.4.2.2.		
LIMA, Oliveira.		
1.3.5.3.	1.10.5.3.	2.5.3.1.
LIMA, Sousa F.		
1.9.11.1.		
LISBOA, Alfredo.		
1.2.10.1.	1.7.5.2.	2.5.10.2.
1.5.10.1.	1.11.10.1.	
LOPES, Aurélio.		
1.3.12.1.		
LOPES, Oscar.		
1.10.2.1.	2.2.2.2.	3.3.2.1.
1.11.2.2.	2.3.1.3.	5.7.1.4.
1.12.2.3.		
LOPES, Tomás.		
1.2.1.1.	3.12.26.2.	5.3.1.2.
1.11.1.2.	4.3.1.4.	5.4.1.5.
1.12.1.3.	4.4.1.2.	5.5.32.1.
3.5.3.2.	4.7.9.2.	5.6.3.2.
3.6.5.3.	4.9.9.1.	5.8.32.1.
3.9.2.1.	4.11.9.1.	5.11.1.4.
3.10.1.3.	4.12.1.5.	6.4.1.4.
3.11.9.1.		
L. DE S.		
5.4.1.6.		
LUSO, João. (Pseudônimo de Armando Erse de Figueiredo)		
2.5.1.2.	2.10.1.2.	3.3.1.5.
2.6.1.3.	2.11.1.4.*	3.5.1.3.
2.7.1.3.	2.12.1.7.	5.11.1.5.*
2.8.1.2.	3.1.1.2.*	5.12.1.4.
2.9.1.2.	3.2.1.4.	
	M	
M.		
3.9.12.1.	4.2.2.2.	
MACEDO, Costa.		
2.12.1.8.	4.5.1.2.	6.1.1.4.
3.6.1.3.	4.12.1.6.	

MAIA, Santos.			
6.1.3.1.			
MALAGUTI, H.			
2.12.4.1.	3.1.4.2.		
MANSO, A. de Castro Monteiro.			
2.1.6.1.			
MANSO, R.			
6.3.5.1.			
MARCOS, J.			
4.3.1.5.			
MARIANO, Olegário.			
4.6.2.1.			
MARQUES, Silva.			
2.3.5.2.	5.9.5.2.	5.12.8.1.	
2.8.1.3.	5.10.5.2.	6.2.7.1.	
2.11.3.2.	5.11.5.1.	6.3.3.2.	
5.8.14.1.			
MARQUES, Xavier.			
1.10.1.4.	2.6.1.4.		
2.3.26.1.	2.7.9.1.		
MENDES, Cunha.			
3.12.1.6.	4.9.1.2.	5.5.2.1.	
4.5.2.1.	4.12.1.7.	5.6.1.1.	
4.8.1.2.	5.2.2.2.		
MENDES, Odorico.			
2.9.16.1.			
MENDONÇA, Lúcio de.			
2.4.3.2.	3.1.5.1.	4.5.12.2.	
2.6.2.2.	4.4.2.1.*		
MENEZES, Emílio de.			
1.7.2.2.	4.1.2.1.	5.2.2.3.	
1.12.2.4.	4.9.2.1.	5.3.2.1.	
3.12.2.2.	4.12.2.3.	5.12.2.3.	
MILANEZ, Abdon.			
1.9.7.1.			
MOTA, Silveira da.			
1.5.2.3.			

M.P.

2.12.2.3.

MÜLLER, Fritz.

4.2.28.1.

4.3.28.1.

4.4.28.1.

MÜLLER, Lauro.

1.3.2.1.*

MUSSO, L.

1.9.4.2.

4.6.28.1.

4.8.28.1.

4.10.28.1.

5.3.28.1.

5.4.28.1.

5.5.28.1.

N

NAPOLEÃO, Artur.

3.6.3.2.

NASCIMENTO, Domingos.

1.3.12.2.

NASCIMENTO, Teodoro.

4.7.26.1.

4.8.26.1.

NAZARENO, Eduardo.

5.1.1.3.

NEMO. (Pseudônimo de Azevedo Jr.)

1.6.1.4.

NEVES JR.

2.1.12.1.

1.4.28.1.

4.9.26.1.

4.10.21.1.

1.7.1.2.

O

O.B. (Olavo Bilac)

1.1.1.3.

1.1.2.1.

1.2.1.2.

1.3.1.2.

1.4.1.2.

1.4.1.4.

1.11.1.3.*

1.12.1.1.

1.12.1.4.

1.12.2.1.

2.1.1.4.

2.2.1.2.

2.2.19.1.

2.3.1.4.

2.4.1.2.*

2.5.1.3.

2.6.1.5.

2.7.1.4.

2.8.1.4.

2.9.1.3.

2.10.1.3.

2.11.1.5.*	3.9.1.2.	4.8.1.3.
2.12.1.9.	3.10.1.4.	4.9.1.3.
3.1.1.3.	3.11.1.3.	4.10.1.1.*
3.1.3.2.	3.12.1.7.	4.11.1.3.
3.2.1.5.	4.1.1.4.	4.12.1.8.
3.3.1.6.	4.2.1.3.	4.12.2.2.
3.4.1.3.	4.3.1.6.	5.1.1.4.
3.5.1.4.*	4.4.1.3.	5.2.1.3.
3.6.1.4.	4.5.1.3.	5.3.1.3.
3.7.1.3.	4.6.1.2.	5.5.1.3.
3.8.1.3.	4.7.1.2.	
OCTAVIANO, Francisco.		
1.5.2.3.		
O.G.		
4.4.3.1.		
O.L.		
1.8.5.1.		
OLÍMPIO, Domingos.		
1.5.1.4.	1.11.1.4.	2.1.5.4.
OLIVEIRA, Alberto de.		
1.3.2.2.	1.11.2.3.	
OSÓRIO, Fernando.		
1.10.5.4.		
OSWALD, Henrique.		
1.4.7.1.		
OTÁVIO, Rodrigo.		
3.8.2.1.		
P		
PACHECO, Félix.		
1.12.2.5.	2.4.2.1.	3.3.32.1.
2.2.1.3.	2.6.7.1.	
PAPI JR.		
5.2.1.4.		
PARANAPIACABA, Barão de.		
1.12.16.1.		

PARREIRAS, Antônio.

2.5.4.2.

4.12.4.1.

6.3.4.1.

PASSOS, Oliveira.

2.6.4.1.

PEDERNEIRAS, Mário.

2.3.2.1.

3.12.2.3.

4.11.1.2.

2.12.2.4.

4.1.1.5.

4.12.2.4.

3.4.2.2.

4.2.1.4.

5.1.1.5.

3.10.1.5.

4.3.1.7.

5.5.1.4.

3.11.1.4.

4.6.2.2.

PEDERNEIRAS, Raul.

3.5.5.2.

PEIXOTO, Júlio.

2.10.1.4.

PENA, Gustavo.

1.8.1.2.

PINHEIRO, J.P. Xavier.

1.5.16.1.

PINTO, Manuel de Sousa.

4.6.1.3.

PIZA, José.

3.5.1.5.

POMBO, Rocha.

2.3.3.2.

POSSOLO, Adolfo.

1.7.19.1.

R

R.

4.4.12.1.

RABELO, Aristides.

4.9.5.2.

RABELO, Pedro.

3.2.1.6.

- RAIMUNDO, Benedito.**
4.4.28.2.
- RANGEL, Alberto.**
5.1.1.6.
- RAUL.**
1.9.4.3.
- REDAÇÃO.**
1.1.1.4. **2.12.1.10.** **4.12.1.9.**
1.2.1.3. **3.12.1.8.** **6.1.1.5.**
1.12.1.5.
- REDONDO, Garcia.**
1.5.1.5. **1.12.1.6.**
- REZENDE, André de.**
4.11.9.2. **5.10.32.1.** **6.2.6.1.**
5.5.3.1. **5.11.1.6.** **6.3.1.3.**
5.8.32.2. **5.12.32.1.** **6.4.23.1.**
- REZENDE, J. Severiano de.**
2.7.2.2.
- RIBEIRO, Alípio de Miranda. (Ver também JUREMA.)**
4.1.28.1. **5.2.28.1.** **6.2.28.1.**
4.11.3.1. **5.12.28.1.** **6.3.9.1.**
- RIBEIRO, João.**
1.2.1.4.
- RIO, João do. (Pseudônimo de Paulo Barreto)**
1.9.3.2. **2.4.20.1.** **2.12.21.1.**
1.11.21.1. **2.6.20.1.** **3.1.1.4.**
1.12.21.1. **2.8.7.2.** **3.2.1.7.**
- RIOS, Adolfo Morales de los.**
3.3.9.1.
- ROCHA, M.J. de Oliveira.**
1.12.1.7.
- RODRIGUES, Nina.**
1.8.21.1.
- RODRIGUES, Teodoro.**
1.6.2.1. **1.9.2.1.**
- ROSA, Ferreira da.**
2.2.12.1. **3.10.12.1.**
2.11.12.1. **5.11.32.1.**

ROURE, Agenor de.
4.3.5.3.

R.P.
5.5.19.1.

S

S.
2.6.20.2. 4.10.12.1.

SÁ, Alberto de.
5.1.14.3.

SÁ, Sílvio.
5.2.12.2.

SALLES, Antônio.
2.3.2.2. 4.12.3.3.

SALOMÉ, Maria.
3.9.1.3. 3.11.1.5.

SANTIAGO, Gustavo.
2.10.1.5. 3.12.1.9.

SANTO, Espírito.
1.3.11.1. 1.6.18.1.

SANTOS, Dalro.
1.8.20.1. 1.9.20.1. 2.3.2.3.

SANTOS, Noronha.
2.8.5.1. 2.10.5.3.

SANTOS, Vilela dos.
2.9.5.3.

SCHMIDT, F.G.
3.7.6.1.

SENNA, Ernesto.
2.2.5.3.

SHAW, William.
5.10.29.1.

SILVA, A.J. da.
1.5.4.4. 1.9.4.4.

SILVA, Francisca Júlia da.

2.6.2.3.

SILVA, Henrique.

3.4.9.1.

4.9.32.1.

5.9.32.1.

4.6.28.2.

4.10.9.1.

SILVA, Oliveira e.

2.4.26.1.

2.9.3.2.

SILVA, Vítor.

2.11.2.1.

4.4.2.2.

SILVEIRA, Valdomiro.

1.7.1.3.

1.12.1.8.

SILVEIRA JR., Xavier da.

2.5.5.3.

3.5.2.1.

SÓCRATES, Eduardo.

5.2.9.1.

5.7.21.1.

5.9.1.2.*

5.5.9.1.

5.8.1.1.

5.10.1.4.

5.6.9.1.

SOUCASEAUX, F.

1.3.4.1.

1.4.4.5.

1.3.4.2.

1.4.4.6.

SOUSA, H. Inglês de.

1.12.1.9.

SOUSA, Leal de.

3.1.2.1.

5.12.2.4.

6.2.8.1.

4.12.2.5.*

6.1.5.2.

6.3.1.4.

5.7.2.1.

SOUSA, Silveira de.

1.5.2.3.

T

TEFFÉ, Oscar.

1.7.4.1.

TEIXEIRA JR.

4.11.19.1.

TEÓFILO, Rodolfo.

2.3.1.5. 5.11.1.7.

TOLEDO, Demétrio de.

1.6.6.1. 2.10.5.4.

U.A.

2.8.5.2. 2.11.17.1. 3.2.3.1.

U

V

V. (José Veríssimo)

1.1.5.1. 1.3.30.1.

1.2.9.1. 1.11.3.3.

VALS, Karlos.

5.9.9.1. 5.12.9.1.

VÁRZEA, Virgílio.

2.1.1.5. 3.7.1.4. 4.4.1.4.

2.12.1.11. 3.9.1.4. 4.6.1.4.

3.1.1.5. 3.10.1.6. 4.7.1.3.

3.2.1.8. 3.12.1.10. 4.8.1.4.

3.4.1.4. 4.1.5.2. 4.10.1.2.

3.6.5.4. 4.2.1.5. 4.12.1.10.

VELOSO, César.

5.6.28.1.

VEREMA, Marcelo.

5.12.2.5.

VERÍSSIMO, José.

1.1.3.2. 2.4.3.3. 4.10.9.2.

1.3.3.2. 2.10.17.1. 4.11.9.3.

1.4.17.1. 2.11.17.2. 4.12.1.11.

1.5.17.1. 2.12.3.1. 5.7.3.1.

1.7.3.3. 3.1.3.3. 5.9.3.1.

1.11.3.3. 3.4.3.1. 5.10.3.1.

1.12.3.2. 3.12.3.1. 5.11.3.1.

2.1.17.1. 4.1.3.1. 5.12.3.2.

2.2.17.1.

VIANA, Ferreira.		
2.12.16.1.	5.8.5.3.	
VIANA, Joaquim.		
5.12.5.1.		
VIEIRA, Celso.		
4.4.2.3.	4.9.32.2.	5.2.1.5.
4.5.1.4.	4.11.1.4.	5.3.1.4.
4.6.1.5.	4.12.1.12.	5.6.6.1.
4.7.1.4.	5.1.14.4.	
VIEIRA, José.		
5.8.1.2.		
VILLAR, Péthion de.		
1.3.2.3.		
VILLEROY.		
1.8.4.2.	1.8.4.3.	1.8.4.4.
VISCONTI, Eliseu.		
3.5.4.1.		
X		
X.		
2.6.12.2.	4.8.21.1.	5.3.12.1.
3.4.1.5.	5.2.9.2.	
X.X.		
2.10.15.1.		
Y		
Y.		
5.3.12.2.	5.5.10.1.	
YORI, Fidé.		
3.4.1.6.		
Z		
Z.		
5.2.1.6.	6.3.10.1.	

"Benditos olhos!" — Gonzaga Duque (2.12.1-4)

BENDITOS TERCEIRA PARTE

GONZAGA DUQUE

Antologia

Essa noite é o tempo escolhido
 de um pobre espírito, cregueiro,
 em qualquer tempo das misteriosas
 incompreensões de um convicção
 de morte. Por vezes não
 se dá, em exemplo, sua presença,
 com o conhecimento vulgar dos
 homens, mas se dá, em sua
 natureza, ao aspecto de uma al-
 ma, e assim se observa, sempre
 presente, sua busca para pur-
 gar, de sua própria e silenciosa
 vida, as suas ações.

... e viu olhos mais lin-

... e viu, ninguém os viu tão
 ... misteriosa refulgência
 ... no arcurvo estanco
 ... a arrial estendido
 ...

... e viu janelas! A
 ... de um olho claro
 ... engastada, sobre a
 ... do alto do
 ... e tu tudo que pôde
 ... de uma
 ... não tenho quanto esse
 ... de Ance e de

... e eu que u
 ... mundo, para que todo
 ... como na obscurida-
 ... de escreverem des-
 ... e se ilumina o
 ... de um culto es-
 ... de cada segundo
 ... de sangue, desde
 ... de Igreja floreada
 ... liturgico da se-

... escoteira,
 ... no alto
 ... e oiro, e no ar-
 ... de zero preciosas ved-
 ...

Mãos... ó gloriosos Sertões dos
 Céus! por que negar?... Eu vos
 loubrarei eu vos percabi maldicun-
 tamente, estas festiva magiã de
 vossa compreensão, essas lindas
 olhos me dançavam me escru-
 savam com a estranha siervada de
 sua luz; me prendiam e me embri-
 tavam, pela irresistibilidade de sua
 mysteriosa cor de onda aberta, na
 puerante onda de mar verde, que
 eu fantasia na lucida de imagem
 sugerida; concava, enorme, verdade
 liquescente, reluzindo ao clarão ver-
 dingo de uma apothecose primaveral,
 e subita estocada para o esplendor
 de seu exuberante ostenda de aguas
 em massa, á ardente catiquar dos
 Navos mares tropicaes.

Mãos, criminosas que elles to-
 ram, esses lindos olhos!... Eu os
 bendigo!

Em Carrador nada mais existia
 senão elles. Em vão procurei a re-
 signada quietude das Virgens —
 elles me apparectam nos delirios
 dos vago sonhos ouvea uma
 geza malva e tenuissima; nutlime-
 to difusa as peipebras, devaguel o
 olhar atunito, vazio, iditiado, pela
 pompa dos otopos extraluntes,
 pelos fartos, rubros velludos orna-
 mentaes, e elles ficavam na minha
 retina, incoactivamente, incompre-
 hendidamente, como devem ficar as
 colvas nos olhos opticos de um
 bambino ou na impotencia perber-

1 CONTO

"Benditos olhos!" — Gonzaga Duque (2.12.1.4.)

BEMDITOS OLHOS!

GONZAGA DUQUE

Esta pagina é o esforço victorioso de um pobre espirito, crepusculado nas miserias jataes das existencias incomprehendidas, de um ex-escrevente de cartorio. Por vigillias não contadas, elle esculpiu suas phrases, com somnambulizados vagares dos macilentos monges-artistas que eternisaram, na prata vallosa dos alampadarios, as angustias de suas almas; e, como os obscuros monges escaveirados, elle deixou para pompa de sua Religião o idealismo cinzelado de seus sonhos.

"Quem já viu olhos mais lindos?..."

Ah! de certo, ninguem os viu tão lindos, dessa mysteriosa refulgencia de onda brava, no encurvo extenso do pincho sobre o areal estendido das praias oceanicas!...

Assim, ninguem os viu jamais! A soberba fulguração de um olho claro de esmeralda engastada, sobre a tumescencia lactea do alto colo de princezas loiras, ou tudo que pôde existir de caricia no socego de uma fronde nova, não terão quanto esses lindos olhos tinham de Amor e de Soll!...

E eu que o escreva, e eu que o diga a todo mundo, para que todo o mundo saiba como na obscuridade de uma alma de escrevente desprezível se fórma e se illumina o poema espiritual de um culto escripto na pulsação de cada segundo a cada gottejar de sangue, desde um dia morno de igreja floreada para o ceremonial lithurgico da se-

rena padroeira, em lenho esculpida, que elle apenas vislumbrou no seu nicho de gesso e oiro, rica na envoltura rutila de sete preciosos vestidos régios.

Mas... ó gloriosa Senhora dos Céos! por que negar?... Eu vos lobriguel, eu vos percebi maldistinctamente, nessa festiva manhã da vossa commemoração. Esses lindos olhos me dominavam, me escravisavam com a estranha claridade de sua luz; me prendiam e me arrastavam pela irresistibilidade da sua mysteriosa côr de onda aberta, espumejante onda de mar livre, que eu fantasiei na lucidez da imagem suggerida: concava, enorme, verdéa liquescente, reluzindo ao clarão verdineo de uma apothese primaveral, e subita estacada para o esplendor de seu exubero colorido de aguas em massa, á ardentia canicular dos flavos mezes tropicaes.

Mãos, crimosos que elles foram, esses lindos olhos!... Eu os bemdigo.

Em derredor nada mais existia senão elles. Em vão procurei a resignada quietude das Virgens — ellas me appareciam nos deluimentos dos vagos sonhos atravez uma gaze malva e tenuissima; inutilmente dilatei as palpebras, devaguei o olhar atonito, vazio, idiotado, pela pompa dos ouropeis estrelantes, pelos fartos, rubros velludos ornamentaes, e elles ficavam na minha retina, insensivelmente, incomprehendidamente, como devem ficar as coisas nos eixos opticos de um bambino ou na impotencia percep-

tiva dos imbecis. No entanto se o meu olhar parava no olhar daquella *esguia madresilva pallida*, moça em flôr, mas flôr delicada e breve, eu via, faiscando no seu iris, a prata esculpida dos altares; brunidades decorativas das voluta e dos frisos lá estavam scintilando como estrias subteis de topasios britados; e, de quando por quando, n'um volver de cabeça, lento como o suspiroso offêgo de um seio, no lyrial dos seus globos oculares resplandeciam *crystaes*, logo esmaecendo vagarosos em crepitações mudas; n'uma suave luz de lampada velladora, luz mais suave, mais agoniada que a amargura bruxoleante dos ciriaes accessos... Então, como se os bafos olorosos do incenso, como se a nervosa magoa gemida dos violinos para elles fossem, para elles subissem, esses lindos olhos se tol-davam de penumbras veludosas do recolhimento e scismas, longe visio-nando, evocando scenas que eu não sei, que eu não saberei jámais, jámais... O' meu pobre coração san-grado!

Tudo que sei, tudo que conto, é que o cerimonial religioso da gloriosa Senhora dos Céos esteve para mim na lindeza desses lindos olhos verdes; e quando elles se foram eu nada pude ver, á grande luz da tarde, senão uma enorme mancha vermelha, onde dois infusorios de oiro subiam em avanços forçados e rythmicos, surdindo pela fluidez sanguinea do vermelho espaço...

Por que fugiram, se eu tinha os meus olhos cheios desses lindos olhos?

Verdade foi que os não encontrei em nenhum rosto, por mais que os buscasse, notando todos os olhos que por mim passaram; mas, fosse pela obsessão de os ver e muito os desejar, fosse pela aberração estimativa da transparente, maravilhosa tinta que os tornava tão lindos, eu os sentia vivos dentro de minha

alma, vivos diante de mim, na ragem fecunda das arvores, na tranquillidade cyanica do mar, mesmo no azul do céu, no incolor molecular do ambiente... E sempre verdes... e sempre verdes!...

Nunca amei tanto esta linda côr verde!

De manhã, assim que a orvalhada começava a lantejoular lagrimando dos tinhorões e roseirões n'um jardim visinho, batia para os muros as caturras gelosias da minha aqua-furtada de telhado velho; e esta-cava, de bruço ao peitoril, a con-templar, a analysar o rico verde das plantas fecundadas em botões vir-geneos e desabrochamentos pube-res...

Amadas meticulosidades de botanico estudioso, paixões esmiuçantes de cultivador exotico, carinhos attentivos, todas as pacientes, pe-queninas observações de estufa e de laboratorios, nasciam no meu intimo, viçando-o como o verde de um campo em maio, trazendo para elle — intimo humilde de humillissimo escrevente de cartorio — o alar-ma hosannico dos verdes novos da Primavera verdejante.

E, passando horas de espreita e analyse examinando a gamma opu-lenta desta côr vivente, descobri subtilezas de nuanças, dominantes exageros de tons, que só poderiam chegar á delicada visão de um ar-tista de raça, singular depositario de predilecções investigadoras para a emotividade egoista do seu re-quirente... Eram os tons de aço tem-perado nas forjas de Toledo, fino aço de espadim cavalheiroesco ba-tido a pulso por Julião del Rey, que esfuziavam, ás vezes, sob o caustico de luz alta, na folha larga, espla-nada de um tinhorão agreste; eram os suavimentos de rubor, mixto delicioso de espheroideos sazona-dos de jameiros e verdoengos re-bentos de parras, que aguarelavam o grimpante esgalho ornamental das eglantinas; ou n'uma felicidade de

folhagem fresca, no saibro roxo do jardim em curva para o recanto discreto dos idyllios, o tom verde gaio do gramado, batido rude de sol, deixando para os lados doçuras remançosas de indigo sobre a cava dos ramos... Tudo quanto eu ia vendo e analysando estava, lembrava os lindos olhos da minha esguia madresilva pallida, mais lindos agora pela comparativa forçada do meu entendimento; mais, muito mais lindos agora pelo aroma que se me infiltrava no ser, derruía vigores voluntivos, deleitosamente me inebriava e me trazia ao cerebro uma nunca experimentada sensação voluptuosa de espiritualidades, como se esse aroma se exhalasse daquelles olhos n'um extravasamento lascivo de corollas abertas, cedidas ao gozo proliferativo do pollen arrebatado ás antheras desejosas...

Ah! meu pobre coração sangrado! que não fiz eu, senhor Deus, que não me cansei para encontrar, outra vez, aquelles lindos olhos?!

Viu-os uma noite, n'um camarote do theatro Lyrico. Viu-os. Antes os não tivesse visto, bemsditos olhos!

Mas eu os queria, eu os buscava na agonia contada de dias sobre dias. E ali os tinha diante de mim. Hoje (tão differentes!), traziam a melancolia de uma onda raza na facha areienta de um mar fechado. Não sei que esvaecimento de tarde crepusculava a esmeralda clara, a preciosa esmeralda desses olhos.

Apenas um momento houve, que os vi brilhar... foi como a phosphorescencia de aguas despertas, na treva baixa da noite, pelo rasgo inopino e rapido de escamas prateadas de um dorso. Depois, todo o repouso desolado dos verdes obscuros caiu, velou as pupilas scismadoras desses lindos olhos. E toda a noite, a me perseguir se eu baixava as palpebras, se fixava o espaço, fosse na claridade ou na escuridão, era uma grande mancha verde que se estendia diante de

mim, onde dois infusorios de prata desciam ao recúos, forçando a fluidez verdinea do isolamento.

• • •

Cheguei, enfim! a penetrar na modestissima habitação reclusa da moça senhora dos lindos olhos.

Vassalagem submissa, humilhações recurvadas de escravo, fizeram-me ganhar a singela intimidade da pacata, mansa, burgueza existencia do seu lar.

Nunca reparei bem esta flor sentimental e exotica; e só neste momento, depois de tão longo tempo, é que notava, attento, encolhido á braceira de um velho sofá de familia, a fórma esvelta, esguia, franzina do seu corpo; com flexibilidades preguiçosas de faceirice e saculejos seccos de tosse na proeminencia timida do colo, quasi nullo sob o franzido flacido da fazenda dos peitilhos. Quando a tosse acomettia-a persistente, affligindo-lhe o busto delgado e enfermo, sua bocca — um pequenino coração esmaecido — partia-se soffrega de ar, dilatada, anciente, e por seus olhos entornava-se o Outono dos desalentos, em humidades de invernias proximas, ennevoando, entristecendo o verde claro de suas pupilas cheias de uma intensa saudade de vida não vivida, docemente brumosa de uma côr grisata de folhas fanadas...

Por uma florescente manhã de arrulos e sol, vestiram-na, cuidadosamente, de setinosas brancas nupcias e foram deitar o seu franzino corpo no forro branco-matte do caixão lilaz.

Foi por minhas proprias mãos que a sua cabeça opalina, coroadada do alvo floreamento symbolico dos noivados, pousou na attitude impassivel e piedosa das esculpturas em marfim cortadas; e, quando só, em frente á inercia dessa esvelta materia prompta para o ignoto espon-sal da terra, comecei a notar, aman-

te e misero, o luar suavissimo dos verdes translucidos que manchava a sua face tranquilla de adormecida eterna, a frieza ossea de suas mãos, a alvura dos setíns, veiu-me uma desesperada saudade de seus lindos olhos que pareciam ter transbordada o colorido vivente das pupilas sobre a algidez da sua morta querida.

E não me pude conter... Impellido pela imperiosidade de um desejo, ergui-me, fui debruçar-me, enlouquecido, somnambulo, sobre o ataúde... N'um gesto brusco, dilatei-lhe ambas as palpebras, e mergulhei, soffrego, o meu olhar vivo no morto olhar desse cadaver virgem...

Para onde vos escondestes raios de esmeralda, viços de arvoredo, iriado mysterioso de ondas?...

Nesse olhar nada encontrei. Baços e inuteis tinham a tristeza abandonada das joalherias falsas... Oh! não, lindos olhos, para mim, possueis ainda a expressão estagnada de um carinho; luzia a extinguir-se um diminuto raio de Amor e de Sol que ficara suspenso do iris, como um astro parado, pharolando o tormento de uma alma para suspeita consoladora de vigílias...

E a fital-os, diante dos meus olhos alastrou-se o negror profundo do vacuo, por onde dois pequeninos embryões verdes, ao principio luminosos como lapidações raras, de-

pois escuros, fechados á luz, passaram devagar, boiando, forçando a noite desta visão.

• • •

Eu vos perdi, lindos olhos, eu vos perdi!

E vou gemendo na minha alma dolorida e obscura este estribilho, que ninguém entende... Dizem, não sei, que uma crosta esverdeada e feia cobriu minhas pupilas... mas eu só vejo nesta noite aquella florescente manhã de arrulos e sol!... só vejo dois pontos verdes que descem, eternamente, aos recúos ás vezes, palpitando n'agitação informe dos imperfeitos, ou sobem eternamente em avanços forçados e rythmicos, com irradiações de esmeraldas rútilas...

Que me importa o mais? Vivi por aquelles lindos olhos, ameio-os, segui-os até que elles se foram para verdejar a natureza nas Primaveras alacres... E, como elles já não existem e eu já não vivo, rólo a minha restante existencia de porta em porta, tacteando muros de antigos caminhos conhecidos, ou guiado pela piedade dos que passam, choramando supplicas para o resgate das almas soffredoras, levando sobre o iris a crosta da catarata e nos hombros a seda verde da opa esmoler, ambas verdes, ambas ainda da côr daquelles lindos olhos, daquelles bemditos olhos!..."

"Morte do palhaço" — Gonzaga Duque (4.1.1.3.)

MORTE DO PALHAÇO

GONZAGA DUQUE

Esguio, anfracto, torturado na ru-de anatomia muscular dos esboços miguelangelescos, laivos de zimgaro na mascara violenta e núa, William

Sommers fôra o galhardo *clown* do trampolim e do trapézio, empolgando, num salto, a barra baloiçante dos aparelhos aéreos.

Fôra — grifava nos commentarios a parceria acrobatica, porque, d'um contado tempo a então, William *decahia* em contorsões estranhas, imprimindo aos trabalhos singulári-

dades incompreensíveis, movimentos desordenados, em exercícios amorphos, obscuros, ininteligíveis, de musculos e nervos, estendimentos preguiçosos de giboia somnolenta, tics e tremores nervosos de panthera sacudindo a impertinencia dos moscardos, ou meneios aduncos de côrvo atalalado e lugubre, como a combinarem-se, sessões ensaiantes e dubias d'uma arte nova.

A' proporção que se reproduziam essas bizarras manifestações de acrobatismo, exquisites de hábitos afastavam-no da convivencia dos companheiros, esgrouviavam-no, com tedios prolongados, em posturas extaticas prejudgadas pelo esconso parvo dos gymnastas que o alvejavam, ás costas, com observações e esgares injuriantes. William contrahia, em desprezo, a fria bocca sarcastica e voltava á sua immobilitate meditativa.

Elle proprio não poderia explicar, se o quizesse, a transformação por que passava. Era uma necessidade que o movia impulsivamente, cuja origem ignorava. Começára por uma especie d'enfastiamento, um cansaço dos velhos exercícios aprendidos, que executava sem orgulho, mesmo sem a consciencia de encontrar nelles a sua subsistencia. Sobreviera-lhe, depois, uma displiencia, quasi a se confundir com o *spleen*, amarga e crescente, d'essas cabriolas sedições, d'esse revolvido repertorio de joralices tradicionais, immutaveis, estafadas, remendadas com retalhos d'entremez e rebutalhos de burletas.

Sem saber porque, sentia a aspiração de uma arte que se não agachasse na recolta dos dixótes de bastidores, nem repetisse desconjuntos de titeres, mas fosse uma caricatura synthética de idéas e accções, o traço carregado e hilariante, dolorosamente sardonico, do delirio humano em todas as suas expansões, desde as que o rebaj-

xam ao similar das lesmas viscosas, té ás que o elevam ao icarismo dos condores arrogantes, uma fórmula não usada, não feita, da satyra gesticulada, delineando no exaggero representativo o ridiculo das intenções.

Não lhe bastariam, para tanto, os esfalfados recursos acrobaticos. Sommers queria febrilmente, procurava afflicto, rebuscava delirantemente mais alguma coisa...

Que era?... Alguma coisa que devia existir; que ao certo existia, embryonaria, ou completada, esparsa pelos seres ou reunida em alguma parte desconhecida, sonho ou realidade... talvez o inedito... Fosse o que fosse!... mas que o enfermava, que o enloquecia quasi, pela grandeza do almejo nos estreitos limites do seu espirito inculto.

E, attento, esmiuçador, tentaculado inteiro por sua idéa, procurava esse segredo, combinando e desfazendo planos, criando e desenhando mentalmente figuras varias, aspectos imprevisitos, detalhes impressionantes, approximando-se do vago debuxo d'uma harmonia bizarra, logo accentuada nas suas linhas componentes, logo aperfeiçoada nas suas juxtaposições, mescla de tintas em correspondencia reflexa de movimentos rhythmicos, o gesto e a côr, a eterna Fórmula e o eterno Colorido completando-se reciprocamente.

Entrava, então, a avaliar, na mimica expressora d'uma determinada idéa, qual a *flexão* que lhe corresponderia, de que maneira conseguiria o accuso caricatural, qual a consonancia colorida que deveria externar, por assim dizer: *objectivar* a intenção. Delirava em torno do seu sonho, seguindo com o olhar, doentamente crepusculado em vagares de outomno, a marcha tropega dos rafeiros churros e famintos, a ironia triste dos bohemios envelhecidos; perscrutava a pupilla, a attitude, os movimentos dos desamparados, os macilentos das enxovias que riem

como os orangos e têm a inquietação farejadora dos roedores, a concentração murmura dos predestinados para as galés; fundia todo esse penoso estudo em torcicolos e mímicas, em esgares e tregeitos, a lhes descobrir a caracteristica, o flagrante, a nota dominante e certa, a expressão exacta sob o desmesurado da satyra, e, esgotado, alquebrado, volvia, pacientemente, a outras investigações, a outras analyses, esquecido de tudo quanto não estivesse no disco fascinante dessa obsessão, alheado dos seus deveres, de suas gloriolas de arena, da sua propria existencia material.

Gradativamente, emquanto mergulhava nessa ambição, emquanto sonhava e tacteava o tenebroso desse ignoto, perdia os favores dos empregarios e a sympathia das platéas. Houve noite em que os silvos do desagrado lhe vararam o amor proprio. William vergou-se, cortado pelo desprezo da multidão que o afrontava com o riso alvar dos seus criticos, com o motejo idiota dos seus censores, e redobrou de esforços para extertorizar a expressão desejada, para precisar a mimica reveladora e emocionante com que sonhava. Mas, como conseguir essa coisa abstracta? Onde descobrir essa mysteriosa fórma inovadora, esse magico, encantado *novo*, que elle presentia e por cuja conquista se cansava?...

Debatia-se, exausto, contra insuccessos, já perdido e desanimado no angustioso torvelinho das chimeras, já illudido e alentado pela luminosa bruma de miragens promissoras.

Um dia acordou-se. A vida chamou-o á realidade: seus trabalhos não mais influíam nos lucros do seu bando; muitas vezes a fome adormeceu com elle esmagando-lhe a cabeça delirante nos torniquetes nevrálgicos, após o supplicio das vigílias inquietas, que lhe estendiam sombras de demencia nos can-

saços da idealização. E percebeu mais nitidamente, mais pungitivamente a indiferença que o cercava. Não era só a multidão que vinha todas as noites encher a bancada do amfiteatro, pontear de caras os circulos concentricos do *pica-deiro*, quem lhe offendia o orgulho; mas a gente da companhia, a gente da sua profissão, que o insultava com escarneos a essas tentativas, vexada em seus respeitos pela arte aprendida e tradicional, abalada em sua mediocridade por se comprehender incapaz de reformar os *exercicios* que suppunha immutaveis.

William encurvava os hombros humilhado e ferido, mergulhava as mãos n'algibeiras e lá se ia, arrastando passos vadios pelo granito das ruas, horas e horas, entregue ao accaso. A's vezes despertava de suas meditações na muralha d'um cáes deserto, ás vezes n'um pendor de estrada solitaria, fóra da cidade, e com o olhar fito na planura agitada das aguas ou nos barrancos das montanhas, indo para o illimitado, para o desconhecido, pelo mysterioso do horizonte oceanico; parado nos recalcos das ribanceiras ornamentadas de festões de avencas e redoiças floridas de madre-sylva, no emaranho das ramarias e docéis de frondes, esperava encontrar a fórma desejada e rebuscada, prevista n'um effeito de luz sobre a transparencia corcoveante d'uma onda espumosa, n'um estranho golpe de sol sobre o mosqueado da vegetação exuberante.

E dia a dia, levado no deslizar dos scismares, foi penetrando, insentidamente, n'uma analyse subtil de fórmas e côres, observando os reptis, estudando-lhes os rastejos, os destendimentos coleantes, as suas precauções investigadoras, os seus arremessos alucinados. Subiu com o olhar ás alturas e attendeu aos movimentos kabalisticos dos corvos, a soturnidade de suas posturas, a espectativa presaga de seus

olhares; alçou a vista ao interior das florestas e notou o soberano languor dos felinos, a volúpia de seus espreguiços e harmonico nervosismo de seus pinchos, a segurança de seus saltos... Comparou-os aos gestos humanos, calcou-os, fundiu-os, e dessa fusão intuitiva, resultou um lugubre sardonico e máo, que correspondia a certas côres, a certas tintas tiradas do colorido decorativo das plantas raras, das enfermidades typicas das estufas — a prateada lepra das bigoneas, a gangrena asphixiante de algumas tuberosas, as eschâras exóticas das orchidéas — e então combinou o seu *maillot* original, um tecido fulvo, a maneira de certos pannos mesclados de purpura e oiro da rica tecelagem d'Oriente; sobre elle, em successão ininterumpta, de modo a cobri-lo literalmente, minusculos bocetes em placas translucidas, de tom plumbeo, apenas presos por uma extremidade, formando-escamosa superficie miúda e movediça. Assim vestido e assim fantasiado, era um maravilhoso monstro de lendas, cuja cabeça a morte substituiu pela sua propria cabeça impressionante e fria.

E nessa noite, de repente, surdiu da farandula grasnenta dos palhaços, num arranco de trampolim — Up! — que o levou á altura dos trapézios.

Foi inesperado. Um sussurro de espanto espalhou-se pelo circo. Quando elle galgou a barra do apparelho, sussurrou, retremendo o ar, um som secco e linginquo de azas de agoiro, o cascalhar indiscriptivel de uma matraca de enterro que sôa por noite alta, no silencio de uma estrada, além... Pelo espaço coriscaram chammas vermelhas, num bafo de inferno. Os espectadores atordoaram-se e lá-cima, na oscillação do trapézio, viu-se o monstro acorçado, quêdo, outra vez da translucidez plumbea de aço horri-

vel. Os grandes olhos ardentes brilhavam em orbitas escavacadas a bistre, na lividez de uma ossamenta artificial apenas ria immovel, ria sem risos, a feia mandibula descartada.

Agóra, tornára-se mais perturbador, porque se lhe notavam os me-neios arrepiados e duros d'um fantastico, d'um funereo abute noctivago, de cujo pescoço flacido pendia a caraça fatidica da Morte para a platéa estupefacta. A distancia confundia-o com a probabilidade d'um pesadelo. Havia pupillas que o fitavam com terror; em rostos exangues boccas descoradas retorciam gritos invocalisados. E Sommers respirou orgulhoso... Mas, se assim impressionava, porque lh'o não diziam pelo applauso?... Certo esperavam mais... Sim, talvez elle os arrebataste n'uma outra prova... E o monstro sardonico, a caveira jogral, foi s'erguendo lentamente ao som de uma surdina ensaiada, foi s'erguendo como um pensamento máo que se levanta. Todo o seu esguio corpo acidulado acendeu-se, vagaroso, em sulferino de carvões ardentes, tremeu como uma pequenina chamma desperta. Mal se lhe via a mascara. N'essa lentidão crescente, era um crime que desponta n'um espirito em nevoas negras de tortura. Devagar o clarão se alastrava, a tentação crescia; relampagos de lavaredas bafejadas corriam sob o palpar sonante das escamas agitadas, n'um ou n'outro movimento presto. De instante a instante, os gestos se succediam, dilatados n'um espreguiço, aberto n'um aceno acolhedor; eram a languidez de um carinho, eram a posse n'um amplexo... Subito, o incendio lavrou: o palhaço redomoinhou no espaço, como se houvesse agarrado, aniquilado alguma coisa. A quêda d'um chuveiro de chumbo estalou, surdamente, refrangiou o ar, passou... E a caveira

voltou á sua immobilidade lá no alto, escura e fria, a rir sem risos.

Um silencio pesava.

Então o monstro começou a mover-se, ora em arremessos, ora aos recuos. E a barra do trapézio, compassadamente, oscilou em vai-vens mais fortes, mais longos, mais largos, "té estender-se pelo vacuo, em baloiço.

Mysteriosamente um agoiro soprou, algido e penetrante, no intimo de toda a gente: A Morte vòa!... A Morte vòa!... lá pelas alturas!... E palpebras esgasearam-se, n'um presentimento; movia-se o ruído offegante do respirar de peitos que arquejam... E o corpo do *clown* voava d'extremo a extremo, voava vertical e rígido, de braços estendidos ás amarras do aparelho, semelhante a um griphus estonteado, sob o tecto do amphiteatro. Ao se avizinhar dos arcos do gaz, accesos e pendentes como candelabros, reluzia todo em frias brancuras de metal polido, em succedaneas e fulvas claridades de fornalha, fascinando e deslumbrando como ambições; mas, depressa esmorecia em deflagrações bruscas de calmaria tropical, transfigurando-se n'uma sombra negra e aterrosante, de desespero vencido, ao se afastar da luz viva. Dir-se-ia que o mal pairava por ali, procurando o poiso d'uma alma.

De repente, porém, um rumor entontecedor, d'azas viris que se encolhem para flechar a distancia em assalto subito, o monstro varou para outra barra, adeante, e foi correndo, volteando de trapézio em trapézio, por um circulo de vãos e rodoinhos, quasi sem fórma que o recordasse, já negro e inteiriçado, já rubro e serpentino, ou em trememente glôbo d'aço, ou em polyformidade flammurante, lembrando rapina que se debate com o valor da presa, agonia que a vitalidade repelle, demonio que o exorcismo

afasta, e que persistem, e que voltam, relutam, sangram, escabujam, atropelam, perseguem e recuam, galgam e são galgados, ferem e são feridos, e mais se empenham em agarrar, estrangular, arrebatar... até que, n'um salto duplo, ganhou o seu mirante aéreo, n'um longo hausto de triumpho!

Rasgaram o sussurro das respirações soffregas guinchos de guélas resequidas; uma voz, rouquenha d'enfado e regougante de horror, estalou affronta inconsciente, pedindo-lhe que terminasse. William estremeceu, saculejado no seu orgulho, mas logo deu de hombros com desdem. Que lhe importaria o entendimento da turba?... Sua alma estava toda na desejada perfeição deste trabalho. Fôra elle que o criara, era elle o primeiro que o executava. Amava-o, pois, como um esforço seu. Agora queria completalo para sua propria satisfação, porque a inedita belleza, resultante de cada gesto de seus membros, de cada flexão de seus musculos, só reflectia no seu proprio espirito, convergindo para a sua propria admiração. E que delicia em se sentir estranho, atormentador, horroroso!...

Eil-o pelos ares, de pé, braços em cruz, voando na cadencia baloiçante do aparelho. E' uma rapina que se apruma nos espaços, um ente fabuloso e hybridado, cuja cauda se biparte em pernas e se eleva invertendo a posição da cabeça; um chimera que se contorse, se desdende com as seduções das sereias e se concentra com a tensão muscular d'um polvo. N'um momento todo esse corpo chammeja, e essa cabeça horrorosa, semelhante a base d'um Y que tem as forquilhas presas ao trapézio, bamboleia ameaçadora, olhando da treva das orbitas com desvairadas pupillas humidas... Depois a enorme letra viva, o grande Y aéreo, toda se enverga, molle e desconjuntada; dela se des-

prendem braços que procuram apoio e se converte n'um hieroglifo e se metamorfoseia n'uma imagem indizível, que começa por lembrar um sapo e termina por tomar a fórma mixta d'um homem, cujo corpo exhumado tivesse perdido a mascara tendo o torso e os membros transformados em partes de monstro... E mais sinistras luziam suas pupilas. Ouvia-se o *maillot*, agitado, chocalhar n'um suspiro longo. E a Morte correu pelos ares relampejando claridade de tocheiros em procição nocturna, ondulações flammineas de colgaduras funebres, que se desdobram nas camaras ardentes...

A Morte passou!... a Morte passou!... Zuniu por todos um frio de covardia e apprehensão: A Morte passou!...

Nada mais se viu. Então, irrompeu do povo um hurrah de ovação, sob o barulho das palmas. Mas, um baque secco repercutiu no extremo da galeria. Sommers perdeu no vôo a barra de um trapézio, atravessou o vacuo, foi arrebentar o craneo n'uma architrave do tecto.

Houve uma paralytia momentanea em todo o circo, gritos que se estrangularam em gargantas febris, olhares esgazeados n'uma allucinação extactica. E os trapézios osci-

lavam, vazios, vagarosamente, em vaivens sinistros.

Depressa o assombro se desfez, a multidão arrancou-se da perplexidade, n'uma angustia: moveu-se confusa, atropelada, em tumulto, para o logar onde o palhaço caíra.

E lá estava elle, estatelado, inerte, sobre uma das bancadas. A caraça de caveira tornára-se-lhe horripilante. Um dos olhos esbugalhára-se-lhe da orbita escurecida a bistre e abria, desmesuradamente, a pupilla sem luz para o Nada, n'um desespero inutil de vêr, immovel e medonha; na sua bocca artificial, de dentuça descarnada, dilatava-se outra bocca, escura e resequida, com um tregeito afflicto, de dentes que, por contraste, pareciam alargar uma gargalhada paralytica, horrorosamente rindo.

E assim ficou-se o estranho *clown* caricaturando a Morte, tornando-a pavorosa pela ironia de ser a propria Morte que gargalhava por esta bocca resfriada o desdem do seu triumpho, incontado e insentido, mas que nunca se apagaria da impressionabilidade dos que o fitaram porque em seus pensamentos ou em seus sonhos a caveira continuaria a rir, a rir immovel, sem risos, n'um desesperado, affrontoso rictus de inexprimivil sarcasmo.

“Dórios” — C. de Azevedo (2.9.1.1.)

DORIOS

C. DE AZEVÊDO

Quem diria a Lydia, que tão longe da pátria e assim sem parentes e amigos, soffreria a immensa dor que, no restante da existencia precaria, amortalhou-a em saudade!

Mal tivera tempo de habituar-se á vida curiosa e exotica do remoto Oriente, da capital mysteriosa para

onde o seu Dorios fôra enviado, em missão de confiança e com accesso. Esse formigar de gente em uma cidade tão vasta mas ao mesmo tempo extranhamente calma, sem alegria ruidosa, sem festas á maneira occidental; o retiro no grande edificio da Legação, em um bairro privilegiado, especie de zona excommungada, onde os naturaes do paiz não se aventuravam com medo aos destacamentos europeus, tudo lhe parecia tão novo e tão

hostil que a pobre exilada vivia inquietada, embora sem causa determinada. Nem a visita ao palacio Imperial, a recepção da Imperatriz vivia, conseguira distrahir-lhe, desde que tendo dado logar a negociações demoradas, n'essa luta contra a astucia passiva dos mongóes, chegara a parecer-lhe um milagre, um acontecimento imprevisito, mais proprio para assustar.

Demais, ella sentia que o marido disfarçava contrariedades, com esse ar vagamente aggressivo de quem resiste ao desanimo, de quem affronta perigos não definidos; essa attitude de resistencia intima, de tensão continua, proprias de espirito energico lutando com apprehensões, que perturbam, irritam e humilham. Notava-lhe inconstancia nas expansões carinhosas, ora affagando distrahidamente os filhos, ora, cobrindo de beijos nervosos as duas cabecinhas adoraveis, como que receiando perdê-los, ou parecendo despedir-se:

A intuição amorosa de Lydia, adivinhava a fluctuação subjectiva, apesar do esforço da vontade em apparentar o estado commum de equilibrio. Dorios atravessava uma crise tanto mais intensa, quanto sua intelligencia e seu sentimento desaprovavam a missão que exercia, em obediencia ao seu governo.



Invocando o serviço da sua remoção da grande capital europeia, onde a carestia da vida trazia-o em humilhações e angustias, para um outro posto mais modesto conforme tinha desejado, o mesmo ministro amigo, quasi o forçára pouco depois a aceitar a Legação no Oriente, creando-lhe a expectativa de um triumpho: — "Não te convem essa existencia mediocre das missões ordinarias", dizia em carta intima. "Bem sabes que entre nós, o diplomata só se póde recommendar por

uma especie de acção de guerra, pois tal é o acto brilhante a que dão logar circunstancias extraordinarias. A continuidade da residencia amesquinha o esforço e o merecimento se perde ignorado, ou vulgarizado pelo falso criterio de que tua profissão se caracteriza pelo regalo perenne e pelo ocio fradesco. Parlamento e governo, todos nós só pensamos na Asia, acompanhando o movimento europeu da irradiação da influencia politica. Aproveita o ensejo, ganha a batalha e verás a gloria cortezã e dadivosa. Alem d'isso preciso de ti e faço questão de amizade..."

A idéa de ser util ao paiz, emergindo d'esse quasi anonymato official que nivella os diplomatas, fello aceitar o novo posto, embora sentisse deixar a capital modesta e insipida, onde tinha recuperado a serenidade de espirito, a ponderação do character, perturbadas pelas existencia enervante de festas e representação ostentosa, do grande centro de que fugira para evitar o maior dos desesperos: o de sentir a embriaguez saborosa do luxo, ser obrigado a fingir opulencia e despreocupação feliz, mas sem os recursos de um bem estar duradouro, perseguido todos os dias todas as horas, pela impressão da despeza crescente, inadiavel e tyrannica e da receita impassivelmente mesquinha.

Ao menos, ali na cidadezinha rodeada de planicies douradas pelos trigaeis, manchadas do verde escuro das florestas de pinheiros, tinha bem perto o consolo da natureza, o encanto que amansa os nervos, traz emoções sedativas, surpresas ingenuas do lyrismo mais ou menos latente, ou mais ou menos vibratil e que desperta ao ar livre dos campos e inspira-se na variedade formosa dos aspectos physicos.

Bastava sahir pelo lado opposto ao bairro das fabricas para entrar nas campinas cultivadas, ou defron-

tar com os fertéis pomares. Si alongava o passeio pela estrada que parecia correr entre as geiras e desdobrava-se em curvas rápidas margeando os casaes, Dorios sentia a atracção irresistível da sombra macia da floresta sussurrante, formando massas enormes de frondes altas, muito altas e muito unidas, enchendo o horizonte.

A trechos, avistavam-se aldeias rusticas de casas baixas, com os tectos inclinados, para que as neves do inverno escorregassem facilmente, e ao lado das herdades espreguiçavam as grandes azas dos moinhos, cuja sombra, arreando sobre os campos, ao cair da tarde, apressava a noute no trugal visinho, ao passo que lá sobre os pinheiros esguios, o sol ainda espumava nuvens de ouro.

Tão relativa é a felicidade e tão sensível quasi sempre a influencia das circumstancias, que Lydia e Dorios quasi amavam a cidade mediocre e os campos tranquilllos. Na hora da partida cederam á pena não definida, resultante da mudança de habitos, da separação do logar onde se viveu algum tempo sem grandes maguas; cederam a essa tristeza quasi medrosa que precede qualquer viagem longa, esta especie de antesaudade dos momentos de ventura, e que não é mais do que o apego humano ao passado e o receio vago do futuro incerto. Esta impressão desbotava a lembrança das contrariedades proprias da vida resumida da pequena capital, onde a intriguinha maliciosa, a espionagem da sociedade sem occasiões e desafogo de prazer, eram a distracção e a occupação principaes.

Como eram expressivos e abertos os olhares das senhoras, estudando a pobre Lydia, examinando si era natural a frescura da pelle, fixando-se no sombreado das palpebras, no ligeiro espaço entre a orelha e o cabello, na linha da nuca, para conhecer alegremente si a dif-

ferença de cor denunciava o artificio da pintura! Como pareciam apalpar o vestido, para aquilatar o preço da fazenda; como examinavam o côrte e os enfeites, para descobrir si era original de uma grande casa, ou simples copia de alguma costureira barata, d'essas artistas modestas que moram longe do centro e onde se vae a medo e quasi escondido!

E o tom suave das perguntas habeis, o ar desconfiado das primeiras visitas; a tactica delicada que deviam empregar os *novos* como elles, para não ferir melindres, para conhecer as usanças, para não espinhar os preconceitos e até as abusões peculiares a toda a sociedade pequena e retrahida!...

Mas, agora que iam partir tudo se esfumava, só reviviam as boas lembranças e, dominava a inquietação do desconhecido que realmente era, aquelle mundo oriental, para onde iam assim de repente.

• • •

Pouco tempo de exercicio bastou a Dorios para convencer-se da illusão politica de seu Governo, cedendo ao preconceito occidental da insanavel inferioridade ethnica dos povos asiaticos; arrastado pelo engodo de participar do concerto das grandes potencias, n'esse afan de christianisar o mundo, creando ao mesmo tempo nucleos de servidão commercial. Temia para sua patria os males d'esse processo de cultura social extensiva, que só pode dispersar e inutilisar energias, que engendra a mania collectiva da influencia grandiosa, do apparatus guerreiro; desvirtua a selecção social n'esse sacrificio dos melhores, dos mais ousados ou resistentes e avoluma encargos no orçamento em deficit. Porque não evitar o contagio d'esse arrebate phantastico que disequilibra os povos, resurgindo a illusão da conquista em terras affas-

tadas, a doutrina do odio, ou do desprezo de uma parte do mundo, contra a humanidade restante?

Elle não aceitava a theoria corrente da absoluta superioridade physiologica de uma raça sobre outra, pois conhecia que não existem raças puras, desde que todas padecem da mestiçagem historica determinada por infiltrações constantes, pela guerra e pela conquista. Duvidava d'essa perfeição intangivel de que se ufamam alguns povos ou grupos de povos, quando maior força e melhor civilização, esquecendo que mesmo a circumstancia de uma victoria ou de uma conquista não significam para o vencido inferioridade organica, desde que, mesmo na peor hypothese, seu elemento ethnico pôde misturar-se no do vencedor occupante, ao ponto de modificar-o, ao ponto de dominar n'essa luta menos occasional do cruzamento. Não ignorava quanto era instavel e difficil a demarcação restricta entre *dolichoïdes* e *brachicephalos* loiros e morenos, quanto era arbitraria a distribuição de elementos *eugenicos*, n'esse mosaico dos *sub-dolichoïdes*, *mesaticephalos* e variantes intermedios. Nos typos classicos do *Europæus*, do *Alpinus* e do *homem-afer*, descobria o mesmo preconceito classificador que especifica os temperamentos em sanguineo, bilioso e nervoso, sem que d'ahi resulte a existencia concreta ou isolada d'essas entidades physiologicas. Recordava ainda que até pouco tempo, a sciencia, presumindo-se bem documentada, localizava no Oriente as origens da civilização universal, ao passo que hoje a alluvião de novas theorias, tambem fundadas em documentos, inscripções e analogias linguisticas, transporta essas origens para o Occidente de onde em remotas épocas emigrou a gente do norte para conquistar e cultivar as velhas raças de Asia e Africa. E concluia que no conflicto d'estas e das ante-

riores verdades, o que havia ainda de mais seguro era a incerteza.

Nas alternativas de dominio effectivo dos povos, deslocando-se, crescendo em preamar, ou minguando em vasante, n'esse ondear immenso da familia humana a caminhar sem descanço sob as rajadas de idéas, sacudida em ancias, superstições, enganos odientos e miragens esplendidas de amor, preferia não reconhecer sómente a lei do cyclo, tão explorada pelos grandes, ao encerrarem os destinos de outras raças na formula do exterminio fatal. A historia em suas repetições seculares, parecia mostrar tambem o phenomeno social de luz e sombra periodicas, tão vulgar no mundo physico, e d'essa concepção de solidariedade no mal e no bem, na melancolia de um poente ou no gorgoio luminoso de uma aurora, nascia o seu amor por toda a humanidade. Sua descrença no progresso absoluto e na ventura final, em vez de amargurar-se em coleras e odios, modelavam-se em ternura. A destruição irremediavel a que tendem os individuos, os povos, as raças e mesmo as terras que ellas occupam, inspirava-lhe compaixão por tudo que vive, por tudo que caminha para o nada, para o vasio sideral onde se afogam os mundos, onde morrem os astros pulverisados. Por isso preferia o amor que conserva ou procrêa, á guerra, á conquista, á selecção brutal e collectiva, que disequilibra o periodo de existencia concedido as nações.

Mais o entristecia o pretexto evangelico de civilisar ás pressas e com violencia, impondo uma crença, um codigo de costumes, uma pauta de sentimento e não supportando a revolta contra a inquisição do progresso arbitrario e mais ou menos aparente e illusorio. Esse era justamente o ponto delicado de sua missão; proteger e ajudar os propagandistas religiosos que empreendiam a colheita de almas, em

favor de sua crença e dos interesses da politica.

Cada vez que partia um missionario para o mysterioso interior d'aquellas terras tão grandes e tão velhas, não só temia pela vida do representante de sua raça, do compatriota, por quem lhe augmentava o carinho na solidão do exilio, mas sentia a inutilidade do esforço individualmente heroico. A immensa tartaruga, sobre a qual descança o mundo, base da construção theogonica de uma das mais antigas religiões do Imperio, lhe parecia um symbolo de resistencia invencivel, em cuja couraça amortecia o diminuto arremesso de uma nova crença.

A's vezes, conversando com o chefe dos missionarios, aquelle padre alto, membrudo, de face larga e voluntariosa, grandes olhos muito á flôr das orbitas, como que cedendo á constante projecção do olhar imperioso devassando proselytos, manifestára essa impressão complicada de duvida quanto ao resultado da propaganda e de receio da explosão de um fanatismo contra outro. Mas, o padre, sorrindo de seu idyllio humanitario, não comprehendia a duvida e, dominado pela preocupação da utopia que se converte em espirito de seita, exaggerava a conquista christã, cujo passado lhe parecia historico e sagrado, esquecendo a idade millenaria das creanças nativas; declamava que era necessario chamar novos apóstolos e augmentar a influencia da propaganda nacional, para vencer o prestigio de outros cultos e outros paizes, sem notar que o incentivo chimerico da predica degenerava em rivalidade de igrejas, de nações e mesmo de individuos. Dorios evitava a discussão, observando a teia subtil dos preconceitos, dos moveis latentes e incoerciveis, o mesmo "automatismo do pensamento e tetano da vontade", que originava as dissensões entre os apóstolos, determinava encon-

tros aggressivos entre os destacamentos militares em guarda ás Legações e a desconfiança reciproca entre os Governos, arrastados ao conflicto juridico da occupação militar e do respeito á ficção de independencia da grande nação do Oriente.

As instrucções officiaes ultimamente chegadas, estimulavam-lhe o zelo e actividade para alargar a influencia da politica de sua patria, ajudar a penetração dos missionarios, citando as vantagens obtidas pelos outros paizes. Não era bastante o que havia alcançado, era preciso ainda mais, para não ser vencido pelos alliados...

Qual será o fim do Governo? indagava hesitante. Assegurar um mercado de consumo que viesse compensar os males da concurrencia na mesma Europa, obedecendo a "tendencia irresistivel de expansão," impulso historico que se accentuou em guerras, quasi em cruzadas? Mas o commercio não é a perturbação, a violencia: é a captação insinuante, determinada pelas necessidades da permuta, que offerece o que este não possui pelo que um outro deseja ou pode utilizar. Não é essa a tradição de conducta mercantil, que fazia o propheta Isaias chamar os Phenicios "mensageiros divinos" e justificava as lamentações de Ezechiel, sobre a ruina de Tyre, a formosa? Haveria n'essa politica sob o estímulo de uma empresa commercial, o outro, mais intimo e mais mystico, do espirito sectario? Essa eiva de fanatismo, tão humana, de querer impor a sua idea e o seu sentimento, na presumpção de que são os melhores e mais perfeitos? Esse egotismo mascarado de amor aos outros homens, que em todas as epochas se revela aggressivo, desarticulando as civilisações, creando o odio entre as raças, justificando em ponto grande, o "homo lupus"... do philosopho desenganado e me-

lancolico? Esse mesmo vicio que entre os individuos se chama lucta pela vida, e que a maldade ou a incompetencia traduz em intrigas, má vontade, ardis e ciladas, em vez do duelo franco de energias e aptidões? Qual a verdadeira crença, nesse conflicto das principaes que se hostilizam e das schismaticas que se desprezam, apesar de se parecerem tanto umas e outras em sua construcção theologica, em sua lei moral? Não tem todas a mesma origem; — o *animismo*, esta crença do homem primitivo que attribuia aos mortos uma influencia protectora ou malefica?

Budhismo, o Confucionismo, o Taoismo e o Mahometismo viviam da tolerancia reciproca, de uma quasi indifferente e doce ironia, o que poderá ganhar outra religião, ao enfrentar com uma theodicéa e uma philosophia perfeitamente construidas?

Mais grave lhe parecia a illusão occidental de irritar e não persuadir, de pretender a unidade de cultura, a vulgaridade de um typo social modelo, quanto observava o effeito negativo d'essa experiencia nervosa que ignora ou não aprecia as correntes historicas que explicam ou definem os varios periodos de evolução mais ou menos demorada, porem sempre convergente em beneficio do aperfeiçoamento universal.

Não haveria vantagem em integrar o colosso asiatico a civilisação occidental como um elemento da harmonia geral, em vez de o considerar um perigo e votal-o a destruição? O desprezo pela raça oriental não occulta o receio de uma poderosa competencia industrial e mercantil? Será preciso que se cumpra a vingança do Occidente, refluindo sobre a Asia em represalia as alluviões barbaras no periodo da decadencia Romana? Será realmente definitiva essa formula de progresso: o odio e o combate dos

povos, a guerra dos mundos? Esse arranque colectivo explica a lei da selecção natural, ou apenas descobre o engano de uma puração artificial?

Dorios bem sabia que taes cogitações não perturbavam seus collegas e temia que podessem ser adivinhadas, pois não escaparia a censura de ideologo, de asceta intellectual que ignora a importancia do facto e as habeis combinações da vida real. De que lhe serviria explicar o perigo da embriaguez da acção tantas vezes maior do que o encanto allucinador da idéa pura? E não seria perder a linha, a seriedade de officio, insinuar que o *pecorismo* é o segredo da vulgarisação e permanencia do erro politico?

Conhecera o sentir dos seus companheiros de exilio, quando na ultima reunião para estudar o effeito da audacia dos bandos fanaticos, ouviu o commentario fatalista de um dos mais antigos residentes, comparando aquella terra asiatica a galera de Moliére:

— Já estamos embarcados, dizia, o porto se esfuma ao longe na linha do oceano, ao passo que engrossam pela proa as ondas famintas. Mandaram-nos para *abrir a porta* — mas parece difficil que possamos sahir mesmo pela janella.

A ironia do resignado modificava-se na serenidade beata do outro collega, secco, anguloso, parecendo physica e intellectualmente feito de um bloco sem desbaste e que propunha ameaças a Côte, asseverando a necessidade de assustar esta gente timida, inferior, fadada a destruição, em virtude da lei de victoria para os mais robustos e mais civilisados.

— Não sei si a galera do Sr. Moliére era solida, concluiu desconfiado com a citação risonha, mas posso garantir, que os navios da esquadra do meu paiz, são os mais fortes de que tenho noticia.

Vence a idéa da reclamação a Côrte e Dorios comprehendeu o perigo que os rodeava, quando foi lida a resposta da Chancellaria Imperial affirmando que o paiz estava em plena paz e que os proprios destacamentos estrangeiros poderiam attestar o respeito e o espirito pacifico da população.

Mezes depois, Dorios teve noticia de que um missionario da Legação vizinha perdera-se no labyrinth das aldeias de terras a dentro e mais tarde, o collega veio communicar-lhe que o apostolo fôra atacado em pleno campo e assassinado. Revoltou-o o crime e a comiserção pela victima determinou em seu espirito uma irritação aggressiva, um desejo de vingança que se confundia com o criterio de que o delicto reclama naturalmente um castigo. Diante do facto brutal, o preconceito hereditario venceu a bondade adquirida e só depois de algumas horas, poudo a brandura do seu habito de pensar, equilibrar o sentimento, acalmando a revolta intima. Considerado uma rebeldia insupportavel, uma violação de prerogativas sagradas, o attentado agitou o bairro das Legações determinando aprestos bellicos, patrulhas volantes em constante vigilancia, reunião do Corpo Diplomatico para exigir satisfação, indemnisação e rigoroso castigo.

Dorios foi designado, unanimemente, para conferenciar com o Chancellor e levar até a audiencia do Imperador, a reclamação collectiva das Potencias. Não o lisongeou a escolha, pois sabia que mais a sua condição de ministro de uma nação pequena do que ao seu merecimento, devia a honra, e que sua eleição significava um expediente para amansar susceptibilidades, nugas de primazia a disfarçarem ciumes e recelos de uma influencia absorvente. Livre desses escrúpulos, poudo ver claramente o perigo da missão que o apontaria como director da Investida estrangeira;

antevio as prevenções, a ira surda, a ameaça constante; mas em seu espirito claro e forte nem esvoaçou o medo; o dever se lhe apresentava, concreto e inilludivel; era necessario cumpril-o.

Lydia porem, não entendeu essa tyrannia das convenções, advinhando em sua ternura todo o mal provavel, alarmada com a responsabilidade deste protesto solemne e ameaçador. Era o seu amor que defendia, o doce egoismo de sua ventura não interrompida. Mas toda a seducção esperta desse amor apavorado, pedidos, analyse subtil e eloquente dos dissabores provaveis, tudo foi inutil deante do criterio hereditario accrescido pela cultura da dignidade e da coragem. Pela primeira vez entre aquellas almas enamoradas houve uma dissonancia, vibrações divergentes que lhes pareceram estranhas e inimigas. Que magoa intensa a de Lydia, ao ter a percepção fulgurante de que o amor não é irresistivel, de que elle só não basta, não domina e não absorve toda a existencia! Sentio uma angustia horrivel crescer dentro do cerebro, bem lá do fundo, onde, um como que instincto adormecido de servidão a atemorizava deante do homem a quem pertencia; logo, sentindo os beijos do marido, beijos suaves que lhe aljofravam os cabellos, beijos consoladores que tentavam reprimir-lhe o marejar das lagrimas, comprehendeu quanto o devia magoar a desharmonia hostil de suas vontades. A compaixão pela dor do ente amado deu-lhe um valor estranho, fazendo-a quasi esquecer a propria timidez para só cuidar do outro soffrimento, com essa misericordia feminina que procura alliviar afflicções, mesmo tentando illudir.

Quando elle voltou da audiencia Imperial, vozes confusas e ameaça-

doras zumbiam entre a multidão que lhe fizera cortejo até o palacio do Soberano e agora o seguia, menos submissa e mais agitada apesar do piquete internacional, que a pretexto de homenagem ao emissor das Nações, o ladeava attento e de armas embaladas. Desse dia em deante, vultos suspeitos rondavam alta noite não muito longe da Legação, situada no extremo da zona neutra, meio escondida entre arvoredos. Das missões christãs do interior chegavam más noticias; conventos budhicos, até então desertos, povoavam-se ou serviam para reuniões mysteriosas de bonzos e mandarins; muezins sunnitas passavam de aldeia em aldeia, graves, atarefados em romaria descoberta.

Nessa terra vastissima onde varias religiões fraternisavam, a infiltração christã não podia completar-se e a intolerancia da predica despertava odio nos cultos nativos. Não se sabia bem si o movimento affluia do interior sobre a capital, ou d'ella irradiava para as remotas paragens das cidades pouco conhecidas, das aldeias e dos campos sem fim, região ignota que o estrangeiro suspeita invencivel e tragica. Era quasi latente a revolta, qual tempestade a formar-se sob a capa tranquillã do oceano, antes de romper em vagalhões titanicos.

Nas Legações, dominava o susto combatido pelo orgulho e o ministro que citára Molière, aconselhava indifferença, dizendo que convinha açular — a turba covarde dos velhos marfins authomaticos. Limpando o monoculo, cerrava um pouco os olhos empanados de myope e rematava com seriedade fingida: — Hum! estão puxando as aldravas da — politica da porta aberta; — si possessemos ter aqui, mesmo sobre

rodas, ao menos um naviosinho da poderosa esquadra do collega...

• • •

Justamente nessa noite Lydia acompanhava o marido até mais tarde, porque chegára o correio e como de costume a saborosa leitura das cartas dos parentes e amigos, se fazia em commum, ora um lendo em voz alta, ora repartindo a tarefa, na impaciencia de noticias da patria e da familia. A medida que a leitura avançava, trocavam-se commentarios alegres, ou recordações saudosas. As horas iam passando esquecidas e mansas.

De repente soaram tiros; vozes rapidas de commando percutiam irritadas; um vidro da janella estalou plangente e um silvo abafado correu no espaço, no momento em que um official, de espada desembainhada, abria violentamente a porta, dizendo:

— Excellencia, atacaram o posto da guarda; a multidão invadiu o jardim e avança. A guarnição recua tiroteando, para entrincheirar-se no edificio principal...

Dorios ergueu-se rapido e dirigindo-se a Lydia com uma voz sêca, metalica, que ella não conhecia e em que lhe pareceu imperiosa e brutal, ordenou:

— Acorda as creanças, vistam-se como para sahir e esperem-me no salão do fundo.

E voltando-se para o official:

— Quatro homens sob seu commando para guardar a familia; previna ao coronel de que vou ao seu encontro.

Quando Lydia passa desvairada, tomou-a nos braços e sugando-lhe um beijo nos lábios gelidos, insistio: — anda depressa e até já.

Desarmado, mas sereno, como quem acceita o perigo sem remedio, avançou para o logar do combate.

Ao sahir de seu gabinete tranquillo e amigo, onde pairava um

pouco de perfume amado de sua Lydia, onde tudo dizia conforto, elegância e esperança de um viver seguro: onde, o grande retrato do seu rei, de grande uniforme e em attitude altiva, parecia a representação tanhense de uma força protectora, ia perguntando a si mesmo aonde ia, porque envolver-se em uma refrega estúpida, na escuridão da noute, quando sua missão era de calma, de tacto fino, de conquista insinuante e amavel.

Sentia vozes confusas e apagadas sussurrarem conselhos de prudencia.

Depois teve a sensação indefinivel de que seu corpo todo parecia fallar, de que os musculos, os nervos, resistiam ao perigo, gritando que voltasse, que não se expuzesse n'esse conflicto indescriptivelmente

rapido, pensando sem querer e querendo sem pensar revivendo todo o passado, e não podendo ter uma sala do futuro atravessava as salas desertas, aparentemente calmo, escutando apenas na confusão das vozes intimas, aquella mais vibrante, que lhe gritava no cerebro: — vae... anda... é teu dever... que importa...

A guarnição se retirava as presas, batendo-se confusamente, deixando mortos e feridos e a vozeria da multidão inimiga se ouvia cada vez mais proxima. A presença do Ministro reanimou os soldados fazendo-os tentar uma sortida, e, quando recuavam, desesperados, em desordem, atirando, atirando sempre sobre a massa enorme, Dorios cambaleou, levou as mãos ao peito, deu uns passos tropegos e cahiu morto...

“Recordações de viagens” — Eduardo Sócrates (5.9.1.2.)

RECORDAÇÕES DE VIAGENS

EDUARDO SOCRATES

Oh! de casa?

Oh! de fora pode chegar e apear. Bons dias. Deus lhe dê os mesmos. *Vancê* por aqui, que ha de novidades pela *Côrte*? Nada, a não ser a victoria do partido de meu compadre doutor, que por signal queimou um foguetorio damnado, e abriu muitas garrafas da estrangeira.

Então o coronel perdeu a *manjuba* das pontes, dos concertos de estradas, que nunca se acabavam? *Entonces?* Um dia tudo isso *havera* de acabar-se. Coitado; agora vae vêr a força do doutor.

Seu Jeronymo, *vancê* bem viu que eu acompanhava o coronel, por acompanhar, eu não gostei nunca daquella bisca. Vendia tudo caro p'ra gente, e nunca se acabava de pagar; era conta sobre conta.

Agora vou deixar de lhe comprar; e nem lhe pago mais nada, pois elle é que me tinha de passar os cobres, se nós fomos ajustar as contas com escrupulo.

Aquillo é que era um homem de *genio*; não admittia que a gente comprasse um vintem de agulha na loja do doutor, nem que allí se apeasse, ao menos para *matar o bicho*. O doutor não é dessas imposturas. Eu cá é que não procurarei mais aquella casa, que p'ra mim damnou duma vez.

Não diga isso seu Antonio, as cousas podem mudar, e nós termos de voltar á porta do Coronel. *Vancê*

bem sabe como elle é zangado; a gente ou faz o que elle quer, ou então tem de *caçar caminho*.

Pois eu não desdigo o que digo, com perdão da palavra e que Deus me não castigue.

Emfim deixemos de falar de bobagens. Como está a *obrigação*?

Nós *tudo* vamos bem, menos as criações, porque entrou uma laseira no curral, que já me matou uma bezerrada sem conta. E' inchar o quarto traseiro, o bezerro deixa de mamar; no outro dia está *esticado*.

Vancê por que não fumenta com banha de jacaré? é muito bom; ou então mande benzer, que não perde um só.

Mande chamar *sia* Monica, que é quem benze melhor por estas bandas.

E o tal *marruá* que *Vancê* encomendou, seu *Jeronymo*, veio bom? tem bastante cupim?

Qual que! seu Antonio, veio um *mal de cula* na espinha e custou-me os olhos da cara. Tenho de dar por elle dez novilhas de 2 annos.

Em que ficou a demanda do major Chico do Curral Queimado? Ah! não fala, seu *Jeronymo*, o juiz não estêve pelos autos e mandou o visinho do major despejar as terras, coitado, que elle comprou e pagou. Não se pode ser pobre neste *mundo*! Tambem quem mandou elle se metter c'os grandes?

E' verdade, seu Antonio, o casamento da filha mais moça do major com o filho do homem do *Roncador*?

A falar verdade, não sei bem se esse casamento sairá, porque ouço dizer tanta cousa...

Sim; eu tambem já ouvi falar até em mortes, por causa disso.

Mas que diabo de complicação é essa?

São ciuadas.

O noivo é da *pá virada*, *vancê* bem sabe.

Já mandou p'ra outra vida aquella camarada capenga, que lhe respondeu mal e bateu a mão na *branca*.

Dizem que a moça gosta de um moço da *Côrte*, tocador de violão e contador de lérias.

Ella está toda a vida a chorar por causa d'elle, mas o pae mais a mãe não querem saber de nada, querem que ella se case pelo gosto delles; mas a moça não quer. E' um bom partido que ella regeita *pra-mode* o amor.

Não sei como acabará tudo isso! O noivo anda muito desconfiado e diz que não conta com desgraça. Eu cá p'ra mim digo que isso tudo vae acabar numa maçada feia, porque o moço tambem é bom no *pinguelo*.

Emfim elles são brancos, lá se entendem.

Olha o café, seu *Jeronymo*, segue a caneca, pra eu botar.

Oh! menina, serve aqui a *seu Jeronymo* de bolos.

Obrigado seu Antonio, não posso comer esses bolos fritos; estão com muito aroma, mas me fazem uma revolução no estomago, *a mode* a gordura. E' eu comer, e fico arrotando toda a vida.

O Sr. não janta co'a gente? .

Não, vou hoje ainda cobrar uma conta; tirei o dia p'ra ajustar a *camarada* e cobrar essa conta. E' uma divida velha, que com os juros, bem me pode render 3 vaccas paridas e um cavallo de campeio.

O cabra é duro de pagar, mas eu vou disposto a tocar as rezes, ainda que as tenha de pegar no campo.

Como vae de roça? Fez feliz o seu *muchirão*?

Fiz sim; matando uma vacca maninha, um *cevado* e um monte de frangos.

Da *branquinha*, gastei 2 barris, alambicados no engenho do compadre Olympio.

A derrubada foi grande, uns dous alqueires de planta.

No dia de S. Bartholomeu lasquei fogo na coivára.

Foi um fogo bonito: estava tudo secco que nem gravêto.

Mandei fazer um acêro mantena, de sorte que o fogo não passou para o jaraguá mais o catingueiro.

Plantei uma quarta de arroz, um alqueire de milho, meio alqueire de canna, e o resto enchi de bugiangas.

O arrozal está na varzea e promette cachear muito, pois a terra é preta e humida. Lá também está o cannavial.

Appareceram já os boiadeiros seu Antonio?

Ainda não aqui; mas já tive noticias delles nos visinhos.

Estão pagando bem?

A *mode* que sim, porque o compadre Pedro vendêo 20 bois erados, a razão de 60\$000 ao José Rosa.

Disseram-me, porem que este tem uma *balisa* muito alta.

Eu tenho uma boa *ponta*, talvez superior á *balisa* delle, portanto quero que elle me pague de 65\$000 p'ra riba.

A sua *balisa* é boa, regula vinte arrobas, não? Sim, regula.

Seu Jeronymo, já chegaram seus carros?

Ainda não, seu Antonio, tive noticias delles no corrego da Maria Paula, onde estavam de falha, em concertos de um eixo, que se quebrára n'um atoleiro. Os carreiros não encontrando nem *garapa*, nem *balsamo*, arranjaram um eixo provisório de *sucupira* do campo.

A bolada vem muito magra, devido á sêcca.

Já ficaram atrás dous *guias* e um boi de canga.

E o sal, foi comprado em conta? Sim, lá isso foi, 5\$000 o alqueire, sal grosso. Comprei também um pouco de arame de cerca, uns 30 rolos, de 28 kilos.

E' do bom? Sim, de farpas unidas. Posso ceder algum se precisar, porque não gastarei todo elle.

Eu aceito uns 5 rolos para inteirar uma conta.

Olha, seu Jeronymo, estão botando a mesa; janta co'a gente? Faça gosto nisso seu Antonio, já que está prompto.

Em pratos esmaltados, sobre alvissima toalha de algodão, com franja de côr, serve-se o jantar, constante de feijão com carne secca e toucinho, lombo de porco assado, arroz alvissimo com folhas de couve, ovos fritos com torresmo e farinha de milho. Um vidro de bocca larga estava atopetado de pimenta malagueta madura, conservada em succo de limão.

Desprendia-se um aroma appetitoso de tão rubra conserva. Os homens acercam-se da mesa, benzem-se e começam a se servir.

Ao meio della estava uma garrafa branca com um liquido incolôr — era a boa pinga, que fazia seu Jeronymo dar estalidos com a lingua, sempre que sorvia um *trago*, arregalando os olhos. Terminado o jantar, cuja sobremesa foi cará com melado, seu Jeronymo saboreou uma boa caneca do excellente café com rapadura, accendeu um longo cigarro de palha, feito na occasião, e se despedio. Para humedecer a palha, elle amergulhava na boca, passando-lhe a faca repetidas vezes.

Cavalgou o seu vistoso alazão e partio ligeiro.

Seu Antonio, logo após, tomou o seu calção de couro, cobrio-se com um respeitavel chapeu de sola cortida, com enorme barbicacho de carneira, e montou.

Partio a galqpe. Algum tempo depois ouvia-se ao longe a sua bella voz a cantarolar espirituosas trovas, entremeando o canto de gritos estridentes, que elle soltava no interesse de tocar a *ponta* de gado,

que reunira no campo. Eram vaccas paridas, que elle trazia para o curral, afim de prender os bezerros, pois a mulher lhe recommendára, que precisava de leite para fazer uns queijos e requeijões. Tinha recebido um coalho de encomenda e desejava experimental-o.

O requeijão que ella faz é uma delicia, pois deixa queimar um tanto a massa, na occasião de fritar-a na manteiga. O requeijão fica com uma côr havana caracteristica, e com um sabor como poucos.

Logo após a fritura, e quando ainda está mole a massa, é uma delicia comel-a ao sorver de pausados goles de chá de gengibre.

Em via de regra os homens do campo não se dedicam á industria de lacticinios, senão pela contingencia de adquirir o sal necessario ao gado. E' esta conveniencia que faz de cada um delles productor de queijos, manteiga e requeijões, em quantidade sufficiente para apurar o quantum necessario á acquisição do sal.

Este é indispensavel ao gado, que definha e degenera quando elle lhe falta. A influencia do precioso regenerador é tão decisiva que se manifesta nas proprias funcções procreatoras.

O gado bem tratado, que tem 4 salgas annuaes, produz mais precocemente que qualquer outro tratado menos carinhosamente.

O berne e o carrapato são dous factores que concorrem em forte escala para o seu empobrecimento organico.

O sal, porém, dado com regularidade e por aquelle numero de vezes ou mais, immunisa o gado e cura-o desse mal, quando já atacado.

E' curiosa a operação da salga, que obriga o criador a ter filas de côchos de tomboril, em terreno de declive, de modo que a agua os enche sucessiva e paulatinamente,

a partir do mais elevado. Lançado o sal, os côchos são inundados. Depois de completa a diluição, o gado é impellido para os côchos, onde abebera soffregamente.

Os bezerros aprendem a tomar sal em palha de milho, onde se o colloca previamente.

Abre-se-lhe a boca e nella deita-se o envolucro, devidamente amarrado com atilhos da mesma palha, prendendo-se-lhe a boca com a mão, para que elle o não repilla.

A salga, além de exercer acção tão benefica sobre a economia do gado, é o melhor processo de custeio. O gado assim tratado torna-se manso e avigora-se extraordinariamente.

Em varias occasiões de minha estadia nos sertões presenciei destas scenas e colhi as conclusões que a observação me suggerio.

Muita vez tive oportunidade de vêr a influencia do sal na regeneração de animaes inteiramente pesteados, quasi esqueleticos, que em pouco tempo readquiriam o vigor primitivo.

Em via de regra o sertanejo tem sempre algumas vaccas *dando leite*.

Quantas vezes, após longas e exhaustivas marchas, encontrei *boiões* de excellente coalhada, que eu devorava com raspagem de rapadura e farinha de milho torrada!

No sertão a rapadura e a farinha exercem um papel bènifico em favor do viajante, que os conduz invariavelmente para o preparo da *jacuba*.

Quando o sol está a pino e que se encontra um ribeiro de aguas crystallinas sobre leito de cascalho ou arêa fina, não ha quem resista ao desejo de *jacubar*.

E' cousa simples o preparo da *jacuba*: rapadura raspada, farinha de milho, gotas de succo de limão e agua, tudo bem mexido.

E' um refrigerante por excellencia.

“O velho tesoureiro” — Fernão Fontes (6.4.1.2.)

O VELHO THESOUREIRO

FERNÃO FONTES

Toda manhã, as 10 horas, elle chegava á Repartição vagarosamente, envergando um palitot escuro e surrado. O velho thesoureiro — chamavam-no velho por ter adquirido havia nove annos o direito de aposentarse, continuando entretanto firme no posto a prestar seus serviços ao paiz — o velho thesoureiro lograva enorme prestigio na Thesouraria do Estado. Mesmo sua personalidade transpuzera aquelle meio humilde de empregados, festejada cá fóra, nas camarilhas mais illustres, como prototypo de honradez e de habilidade profissionaes; ha tempos seu nome varara aquelle recinto e pelo Brasil reboava como o de uma gloria nacional.

Na Repartição todos o amavam. Sabia agradar os pequenos, e, tratando familiarmente os grandes, li-songeal-os, convencil-os num caso de duvida sobre o modo de organizar um serviço — e os seus alvites eram sempre seguidos. Como suspeitar de quem, na burocracia carioca, tinha bom nome igual ao de Aristides na politica atheniense de antanho?

Certo de resto, ninguem cuidava em contrariar-o, e muito menos em desconfiar d'elle; e assim o velho thesoureiro Joaquim Moniz Telles, sentia a vida declinar, sem um desfalecimento na amizade que lhe votavamos.

Era dos primeiros na entrada. Assignava o ponto, punha mãos á obra, trabalhava rijo; mas tinha sempre, no intervallo das labutações, uma gentileza a dizer que nos captivava, alguma historia a contar que nos fazia rir.

Avizinhando-se a hora da sahida, Joaquim Moniz Telles ia, numa ultima inspecção, á Casa Forte. Demorava-se lá dentro. Despedia-se dos que ainda ficavam.

Seus dous fieis eram já partidos de ha muito. Filhos, o primeiro do Director, o segundo de um escripturario, licito é dizer-se que só a bondade exagerada de Telles ainda os conservava. Eram inaptos para tudo, meio nescios, e acreditavamos que tambem fossem velhacos. Em todo caso compromettiam o Thesoureiro a quem lastimavamos do fundo da alma, pois a ninguem occorria que a indicação do filho do Director fosse oriunda de empenho ou de engrossamento. Ainda nos lembravamos do fiel Novaes, a quem elle demittira, apezar de irmão do Contador. Ninguem protestou. O proprio Contador deu razão ao Thesoureiro.

— Si elle o despediu, disse S. S. com emphase, lá teve os seus motivos. Vou arranjar-lhe outra occupação, aqui mesmo, si não magoar o Telles.

~ Não magoava. Dois dias depois Novaes entrava para a Secretaria na qualidade de encostado; porem nem assim lhe perdoou.

Bem importava isso ao zeloso funcionario. Nomeou para a vaga o filho de um dos melhores empregados da casa, e o mantinha, apezar da impericia deste apenas poder competir com a do outro fiel, filho do Director.

O velho thesoureiro expandiu-se uma occasião diante de nós, que, em roda, escutavamos aquella palavra experimentada.

— O Novaes é intelligente e vivo e intelligente de mais. Queria ensinar-me a marcha do serviço, e o entravava. E' bom rapaz, mas indocil, teimoso e ás vezes inconveniente. Prefiro menos luzes e mais boa vontade.

— Desculpe-me, Sr. Thesouheiro, respondi-lhe, mas nem acho o Novaes bom nem intelligente. Não é intelligente, pois não comprehende o modo em verdade feliz por que o Sr. administra, e não é bom porque não reconhece a fidalguia de quem o deixou ser readmitido, indo a ponto de insinuar irregularidades na escripturação da Casa Forte. Creio mesmo que, só o não affirma, porque sabe o bom conceito geral em que o Sr. é tido.

— Bom conceito immerecido. Quanto ao Novaes, para não discordar, concedo que seja maldizente; mas é muito talentoso, accrescentou retirando-se.

Novaes approximava-se. Cumprimentou-nos. Nenhum de nós lhe correspondeu a cortezia.

• • •

Joaquim Moniz Telles em frente á minha mesa dava-me bom-dia. Eu, absorto pelo serviço, só o vi instantes depois. Excusei-me e apertei-lhe a mão.

— Quer me parecer que o nosso augmento ainda não passa desta feita.

— Acho que não, Sr. Telles. E' pena. Não sei o que será de nós, si a vida continua a encarecer e o governo a acabrunhar-nos de impostos. E' a bancarrota individual que se approxima.

O velho thesouheiro nem parecia escutar-me, com um sorriso estranho nos labios. Por fim: — Queixe-se de si, accuse seus collegas de preferencia ao governo. A culpa não é delle. E' de seus companheiros que, mal são nomeados, se julgam ricos, e cazam-se ganhando cento e tantos, duzentos e tantos mil réis. Vem, feita por entre sonhos, a montagem da casa que os obéra durante annos. O ultimo vinete é dissipado a acompanhar o macaco ou a cercar o cavallo. Não accuse o governo! O governo tem outras preoccupações. Leve uma

vida modesta. Eu, por exemplo, gahno mais que V.: entretanto não cazei, não tenho vicios, e, si não convidado os amigos para me irem visitar é porque no meu lar não ha conforto. De resto, accrescentou, como si eu duvidasse, V. pode ir ver, Amorim. Móro na rua Frei Caneca, mas ninguem entrará na minha casa eu vivo. E' casa de pobre... Graças talvez a minha parcimonia posso de quando em quando servir os camaradas. Estamos no fim no mez, caro amigo, disse-me noutro tom, precisa de algum dinheiro?

Abaixei a voz e pedi-lhe cincoenta. Elle ficou pela Secção, a errar de mesa em mesa, e finalmente foi ter com o Director que o chamava.

• • •

Creio ter dado uma pequena idéa do velho Thesouheiro. Parece que Telles emprestava dinheiro na Repartição — do seu bolsinho particular. Estavamos na sua dependencia, jugo bem doce, pois que o amavamos. Tambem o respeitavamos, e não eramos os unicos a fazel-o. Sei de muito politico, banqueiro, capitalista, que o visitava de mez em mez testemunhando-lhe o maior apreço.

Ora, um dia, 11 horas já haviam soado sem a sua entrada costumeira. Foi um reboliço desusado pela Secretaria. Todos os olhos se levantavam do papel e seguiam hypnotisados os ponteiros.

Doze horas bateram sem que elle viesse. O Contador, chegado havia poucos minutos, estava nervoso, e, com o seu passinho miudo, varias vezes déra a volta da sala, estragando cigarros e remexendo febrilmente as algibeiras. Julgo que se achava a *nenhum* e queria *morder* o thesouheiro.

Em todo caso, a 1 hora, abeirou-se do meu lugar:

— Acho bom, seu Amorim, ir á cata de noticias do Telles: V. sabe onde elle mora, é geitoso...

Não ouvi mais. Tomei do chapéo e disparei, bemdizendo a minha fuzg passagem por um jornal vespertino, ao que eu devia a distincção de ser escolhido para enviado especial do Sr. Contador.

Resolvi caçoar com elle, ir para a rua do Ouvidor, em vez de procurar o Telles.

Engolida porem a primeira cerveja vieram-me idéas tristes.

Quem sabe si lhe succedeu um desastre? pensava. Si eu fosse até o *Jornal do Rio*?

Tive a sensação de uma catastrophe, ao approximar-me. As portas do orgão da imprensa estavam apinhadas: morrera Joaquim Moniz Telles! Só então pude avaliar quanto era querido, ouvindo todos aquelles curiosos que sem duvida não o conheciam, unanimes em deplorar a perda que o functionalismo soffria. O *Jornal do Rio*, com toda a sua circumspecção, não hesitara em affixar o seguinte boletim:

"Falleceu esta madrugada, na idade de 69 annos, o Sr. Joaquim Moniz Telles o immaculado thesoureiro da Thesouraria do Estado. O extinto manifestou o desejo que seus collegas e o Sr. Ministro da Fazenda compareçam á sua residencia na rua Frei Caneca, para assistirem a leitura de suas ultimas vontades. Acreditamos que o Sr. Ministro attenderá a derradeira supplica do probo funcionario."

• • •

Grande ajuntamento fronteiro a uma casa na rua Frei Caneca, assignalava a morada do Telles. A espera do Sr. Ministro, lá estavam nós todos, inditosos collegas do morto, pranteando-o. Como de rigor, o chefe sobresahia no grupo.

— Hão de ver, asseverava S. S., que o velho thesoureiro deixou uma

lembrança para cada um; pelo menos bons conselhos.

A's 5 horas o Sr. Ministro chegou com estrepito seguido de seu secretario e ordenança militar.

Foi-nos franqueada a casa. Escada modesta, uma sala simples, e por fim entramos no quarto de dormir e fechamos os olhos. O esplendor scintillante de dezenas de pedrarias, o brilho das cadeiras tauxiadas, o aveludado dos tapetes, das sedas e demais recamaras jucando o soalho — tudo nos offuscava, cegava, perturbava, embargava-nos o passo.

S. Ex. tinha enrugado os sobrolhos. Franzimos nós tambem o ceinho, e amarramos a cara. Duas cousas porem prendiam minha attenção: o cadaver do Telles, vestido com o mesmo palitot escuro e surrado, labios entreabertos num sorriso mysterioso; e proximo da eça uma joven ricamente vestida, alta e loura, de uma belleza mythologica. Chorava. Subito, como que descobrindo a nossa presença, avançou graciosamente até o Sr. Ministro.

— Aqui está o testamento de meu marido, Exmo.

Seu marido! que assombro!... la dizer uma semsaboria, mas tive antes o cuidado de olhar para o Ministro. S. Ex. estava carrancudo. Já tinha passado o involucro ao secretario, que começava a ler:

"Cumpre-me antes de tudo, escrevia o Telles, agradecer ao Sr. Ministro e aos meus collegas o seu comparecimento ao apello de um moribundo, agora cadaver. Ides ouvir cousas muito interessantes. Vou contar-vos os primeiros annos de minha vida e os subseqüentes: explicar-vos o meu procedimento que a alguns parecia digno dos peiores labéos, mas, uma vez defendido por mim, encontrará nos meus collegas e até no Sr. Ministro advogados calorosos.

Principiarei pelo collegio; meu nascimento e a minha estadia em casa são de nenhuma importancia.

Aos quinze annos acabava de ser matriculado na Escola Pedagogica: Como era feliz! Dedicara-me com afinco ao estudo em geral, com amor á historia, cujas bellas paginas aprendia, lia e relia, deslumbrado. Pensei em resurgir os jogos olympicos. A esse tempo, já lá vão lustros e lustros, era habilissimo nos exercicios phisicos. Tinha uma influencia real no pateo, e sempre me escolhiam para capitanear os brinquedos. Não posso fazer-vos comprehender a minha volupia e orgulho, vendo e sentindo aquelles corpos sadios, obedientes ao meu gesto: e, folguedos acabados, ao estudo, abysmar-me na leitura do Cid...

Fiz dous amigos no Collegio, a quem me affeiçoei como Pylades a Orestes. Aliás com todos mantinha relações e de todos era querido, porem o melhor da minha estima reservei áquelles dous sujeitos. Enquanto no Internato, manifestavam-me grande cordialidade; fóra da Escola, atraçoaram-me logo miseravelmente. Tinha vinte annos. Cogitei no suicidio. Pago esse tributo á fragilidade da alma humana, consolei-me, resolvi ser forte, e a ninguém me ligar no mundo.

Ai! Faltava muito penar! Quem pode considerar-se homem si não amou?... O amor veio. Amei. Fui amado. Teria sido amado? Em todo caso fui enganado. Oh! como soffri! Duas vezes quiz matar-me: uma, ingerindo veneno, que não me offendeu, ante por um somno tranquillo substituiu minhas vigílias; outra, cortando-me com a navalha, em busca da arteria... Não attingi o alvo. Perdi apenas um litro de sangue, e o meu tempo. Padeçi muito tempo ainda, mas acabei esquecendo.

Completara vinte e cinco annos. Abandonada toda a esperanza no

meu futuro sentimental dediquei-me aos meus interesses. Trabalhei, calebalei, intriguei, captei amigos influentes, e afinal me nomearam para a Thesouraria do Estado.

Aqui devo prevenir o Sr. Ministro e os meus collegas que nenhum momento pensei em zelar pelo que me confiavam. Tratava-se somente de operar sem riscos; importava ser astuto. Meu exterior era simples. Insinuante, depressa obtive a confiança de meus companheiros a quem emprestava dinheiro — que elles me pagavam. A fortuna enviou-me os dous fieis de que eu necessitava, aparentados com o pessoal da casa, e completamente brancos e honestos. Ahí fica a defeza delles, si isso póde consolal-os, para quando for conhecido o grande desfalque. A elles dous nem mesmo adiantava dinheiro. Pelo Novaes estive um dia a pique de ser descoberto. Demitti-o, para evitar complicações. A despeito de tudo, porém, temia os balanços. Alarguei a minha raia de acção. Emprestei a politicos, mediante documentos, que abafariam o processo, na hypothese de virem a ser sabidas minhas malversações.

E, tranquilla a consciencia, resolvi casar-me, o que fiz com a moça que tendes diante dos olhos. Não amei, gozei-a. Dava-lhe o luxo, e ella nem indagava de minhas occupações. Talvez me tome por capitalista...

Ninguém, afora os meus cumprices, vinha visitar-me. Si o Sr. Ministro tem a feia curiosidade dos nomes, abra um inquerito, mas as pesquisas serão infructiferas: primeiro, porque é fado dos inqueritos nada apurarem; segundo, porque, si algo vierdes a saber, esbarrareis com gente tão grande, tão grande... Talvez até o Sr. Ministro esteja compromettido indirectamente.

Só um receio tinha: ser afastado por molestia da Thesouraria e per-

der os meus rendimentos. Só isso me assustava, porque, pelas razões expostas acima, deveis estar compenetrados de que me achava ao abrigo dos tribunaes. Não tardei em pôr um remedio áquella incerteza. Tenho neste quarto, tanto em ouro como em valores, cerca de tresentos contos, que me permittiriam acabar a vida modestamente, caso se tornasse mister o meu ostracismo. Lego-os ao governo, do qual espero como reconhecimento, uma pensão á minha viuva. Acabei. Disse tudo o que sabia. A importancia do desfalque não quiz nem pude computar.

Não vos peço absolvição. Quero, sim, rectificação de julgamento. Quando cuidaveis rir de mim por

me conservar num posto mal remunerado afim de receber a gratificação — eu ganhava aos contos, mais do que um Ministro, mais do que um Presidente — e zombava de vós.

Quantas vezes, honrado Sr. Ministro; quantas vezes, meus caros collegas; quantas vezes, heroico povo de Sebastianopolis; não vos inspirou compaixão a pretensa estupidéz do velho thesoureiro! Chega a minha hora de dizer-vos e ao mundo inteiro: Idiotas!...

A attitude do Sr. Ministro, finalizado o manuscrito, era lastimavel. Mas do seu secretario, precocemente corrompido, pude ouvir, referindo-se ao Telles:

— Felizardo!!

2 CRÔNICA

“Crônica” — Olavo Bilac (1.11.1.3.)

CHRONICA

O. B.

Melhor seria, talvez, que nestas columnas só pudessem achar agasalho as cousas da Arte e do Sonho, — alguns versos de amor, algumas paginas de critica, algumas estampas reproduzindo perfis de mulheres, aspectos da Natureza, recantos pittorescos e calmos da cidade e do campo. Assim, *Kósmos* seria um oasis, em que as almas viessem repousar e sorrir um pouco, entre uma conquista e uma decepção, esquecendo o que a vida tem de rude ou triste.

Mas a Arte não é, como ainda querem alguns sonhadores ingenuos, uma aspiração e um trabalho á parte, sem ligação com as outras preocupações da existencia. Todas as preocupações humanas se enfeixam e misturam de modo inseparavel. As torres de ouro e marfim, em que os artistas se fechavam, ruíram desmoronadas. A Arte de hoje é aberta e sujeita a todas as influencias do meio e do tempo: para ser a mais bella representação da vida, ella tem de ouvir e guardar todos os gritos, todas as queixas, todas as lamentações do rebanho humano. Sómente um louco, — ou um egoista monstruoso, — poderá viver e trabalhar comsigo mesmo, trancado a sete chaves dentro do seu sonho, indifferente a quanto se passa, cá fóra, no campo vasto em que as paixões luctam e morrem,

em que anceiam as ambições e choram os desesperos, em que se decidem os destinos dos povos e das raças...

A “chronica” de *Kósmos* deve fixar, de mez em mez, o estado moral, a “crise” da existencia carióca. E seria insensato, que, num momento em que toda a cidade soffre, agonisa ou convalesce, — só apparecessem nestas paginas suspiros de poetas egoistas, devaneios de lyrismo abstracto... Uma revista, que se fundasse, no Brasil, para exclusivamente cuidar de cousas de Arte, seria absurda. A Arte é a cupola que corôa o edificio da civilisação: e só pode ter arte o povo que já é “povo”, que já sahiu triumphante de todas as provações em que se apura e define o character das nacionalidades.

• • •

Justamente, o Rio de Janeiro convalesce agora da sua ultima crise. Não foi propriamente uma doença, — aquillo que tão fundamentalmente abalou a cidade, ha poucos dias: foi uma crise, — crise de idade, crise de desenvolvimento nacional. Um povo não se forma de uma só vez, por milagre: não é com meia duzia de decretos que se civilisa uma agglomeração de homens, dando-lhe cohesão e consciencia.

Essa matula desenfreiada, que andou quebrando arvores e lampeões, vociferando e tumultuando, trocando facadas e tiros de revolvers, — estava, nesses dias de vesa-

nia e brutalidade, exercendo uma funcção natural, e, até certo ponto, providencial. Não ha aqui um paradoxo, — ou uma graçola, que seria de máu gosto: ha uma grande e luminosa verdade. As arruaças d'este mez, — nascidas de uma tolice e prolongadas por varias causas, — vieram mostrar que nós ainda não somos um povo. Amanhã, um especulador politico irá, pelos beccos e travessas em que reside a gente humilde, murmurar que o governo tenciona degollar todos os catholicos, ou fuzilar todos os protestantes, ou desterrar todos os homens altos, ou encarcerar todos os homens baixos. E a gente humilde acceitará, como uma verdade, essa invenção imbecil, como aceitou a invenção da vaccina com sangue de rato pestiferado... E pouco importa que em todas as esquinas se pré-guem editaes aniquilando a calumnia, e pouco importa que todos os jornaes destruíam a infamia em artigos, em noticias, em annuncios: — a gente que não sabe ler continuará a crer no que lhe disseram, — e a sua revolta brutal e irresponsavel continuará a servir de arma aos especuladores.

No Rio de Janeiro, e em todo o Brasil, os analphabetos são legião. E não ha "povo", onde os analphabetos estão em maioria. Quem não sabe ler, não vê, não raciocina, não vive: não é homem, é um instrumento passivo e triste, que todos os espertos podem manejar sem receio.

A revolta de agora não foi apenas obra dos desordeiros de profissão: foi tambem obra dos ignorantes, explorados criminosamente pelos astutos.

E não sei bem para que servirá dar avenidas, arvores, jardins, palacios a esta cidade, — se não derem aos homens rudes os meios de saber o que é civilisação, o que é hygiene, o que é dignidade humana.

Dir-me-ão que, em todos os paizes da terra, ha rebelliões e motins. Haverá; mas não ha um só paiz civilisado em que a rebellião se manifeste com a grosseira brutalidade e a estúpida organisação com que se manifestou aqui. Em primeiro logar, os levantes militares só se veem na America do Sul, onde, pela falta de educação civica dos povos, a espada se transformou, de defeza de fronteiras em imposição de governo interno. E, pondo de parte o levante militar (que foi uma das phases apenas da revolta), — em nenhum outro paiz da Europa e da America os arruaçeiros descarregariam a sua colera sobre as arvores inoffensivas...

Eu, por mim, odeio todos os actos violentos e todas as manifestações da força bruta: mas, entre uma revolução sangrenta e feroz, e uma revolução apenas ignobil e irracional, sempre preferiria a primeira.



Entretanto, não nos envergonhemos demais com essas causas. Não se trata de uma doença: trata-se de uma crise natural. Os povos tambem teem as perturbações de dentição e puberdade, que abalam o organismo das crianças e dos adolescentes.

O que urge é comprehender essa crise, e é aproveitar a lição dos factos. Nós não temos unicamente, diante de nós, o problema do saneamento e do povoamento. Com o saneamento apenas, — livrar-nos-emos das epidemias que os mosquitos, os ratos, os microbios transmittem de corpo a corpo, — mas deixaremos, intacta e tremenda, pairando sobre nós, a ameaça das epidemias moraes, que depauperam o organismo social, e o conduzem á indisciplina, á inconsciencia e á escravidão. Tratando apenas do povoamento, feito ao acaso das levas

de immigração, sem fundar uma escola em cada novo nucleo de povoadores, — conseguiremos sómente augmentar e dilatar o imperio da ignorancia e da irresponsabilidade.

O problema que tem de ser resolvido, juntamente com esses dois, é o da instrucção. E o que dóe, o que desespera, é que toda a gente culta do Brasil tem a consciencia d'isto, e que, ha mais de um seculo, esta verdade, annunciada, proclamada, escripta, em todas as tribunas, em todos os livros, em todos os jornaes, ainda não achou governo que a servisse em terreno pratico.

O Brasil está cheio de Escolas Superiores, de Faculdades e de Gymnasios; ainda ha quem queira plantar no seu seio não sei quantas duzias de Universidades; eleva-se,

no Rio de Janeiro, um palacio, para abrigar o pedantismo das Academias, que copiam os estatutos da Academia Franceza; quebram-se lanças em favor da creação de um Theatro Normal; grita-se que não ha, em toda a America, Sciencia como a nossa Sciencia nem Arte como a nossa Arte; — e todos esquecem que, para a civilisação de um povo, pouco importa que nelle se contem alguns milhares de poetas, de pintores e de scientistas, quando a sua maioria, a sua grande massa de milhões e milhões de individuos, é uma turba-multa irresponsavel de analfabetos...

Ah! quando chegará o dia em que possamos ter menos academias e mais escolas primarias, — menos apparencia e mais fundo, menos rhetorica e mais cartas de *abc!*

“Crônica” — Olavo Bilac (2.4.1.2.)

CHRONICA

O. B.

Quando este numero da *Kósmos* apparecer, abril estará agonizando, e maio, o mez das rosas e dos poetas, estará preparando a sua entrada festiva. Por todas as igrejas, os sinos cantarão, n'um barulho de vozes claras, a formosura e a candura de Maria: e nos altares, entre os festões de luzes fulgentes, a Senhora sorrirá, coroada de flores, radiante no seu manto azul salpicado de estrellas.

Para os annos europeus, é que a chegada de maio é a chegada do amor, da alegria e da felicidade. Lá, quando entra maio, já se derreteu a neve dos caminhos, ao primeiro beijo do sol. Já o céu, todo azul, desfeitos as longas neblinas tristes do inverno, se recurva amorosamente sobre a rejuvenescida

terra, que desperta do seu melancolico somno; pelas galhadas ainda nuas das arvores, já apparecem, pequeninos e tenros, os gommos carnudos da folhagem, como uma nuvem de innumerables besouros verdes. E, então, o anno começa a correr, a florescer, a cantar, illuminado e calmo...

Mas, para os annos brasileiros, maio chega sem sorpresas e sem novidades... Aqui, de janeiro a dezembro, a terra é sempre a mesma, toda aberta em flores, e o mesmo é o céu, inalteravelmente azul, e o mesmo é o sol, perpetuamente claro. Bella terra da primavera eterna! porque não saem os teus filhos do teu ventre fecundo, armados, como tu, d'essa inalteravel mocidade? porque temos nós o desgosto de ver os nossos primeiros cabellos brancos, e de chorar os nossos primeiros reumatismos, e de supportar os nossos primeiros desesperos, — vendo-te, a ti, n'essa

incomparavel e immutavel juventude, tão velha e sempre tão moça, — ó mãe de todos nós, Cybelle de peitos que nunca se exgotam e de entranhas que não se fatigam nunca?...

• • •

O Rio de Janeiro só dá pela chegada de maio, quando, lá para os lados da Cadeia Velha, ouve o primeiro palrar dos deputados. Nós só temos olfacto para as flores... de rhetorica!

Não sei bem se, n'este ultimo anno da actual legislatura, os deputados poderão pensar nas cousas sérias, de que dependem a nossa segurança de nação e o nosso futuro de povo. Talvez não possam: os oito mezes de sessão, de maio a dezembro, talvez sejam poucos e curtos para a liquidação dos compromissos da politica interna e para os preparativos da renovação do mandato...

Ah! se os deputados tivessem tempo para tratar, ainda este anno, de assumpto urgente e sagrado, seria licito pedir-lhes que attentassem na necessidade de organisar a defeza das nossas fronteiras. Eu, por mim, sou amigo da Paz, mas tambem sou amigo da Desconfiança. E acho que aquella divisa: — *si vis pacem, para bellum* — ainda é a que mais convém aos povos pacíficos, mas precavidos. Já não é segredo para ninguem que temos visinhos em armas, apercebidos de formidaveis recursos de guerra, que n'um dado momento pôdem ser empregados contra nós. Nós, que temos? — temos sómente uma confiança illimitada na Providencia Divina...

E não se diga que os nossos visinhos apenas possúem armamentos: o que elles possúem de melhor (de mais perigoso para nós) é uma perfeita organização moral dos seus exercitos: nos paizes que cercam

o nosso o serviço militar é obrigatorio; e n'elles o serviço nas fronteiras não é tido, como aqui, na significação de um castigo disciplinar, de uma pena imposta ás rebeldias e á indisciplina.

O brasileiro tem uma repugnancia notavel pelo dever militar: é esse um vicio, velho e enraizado. E é um vicio que depende de um abominavel preconceito.

Lembro-me bem que, já no meu tempo de menino, um pae qualquer, quando queria intimidar um filho peralta e vadio, ameaçava-o sumariamente com estas poucas palavras expressivas: "olha que, se facilitas, ponho-te uma farda ás costas!..." E essa ameaça era a mais tremenda de todas: raras vezes o menino deixava de se corrigir. Vede, para exemplo, a guarda nacional: não falta quem queira ser coronel, capitão ou até alferes da milicia civica; mas ide dizer a qualquer cidadão que o seu dever é ser soldado raso: elle, indignado, vos dirá que a farda de soldado raso da guarda nacional só foi feita para as costas dos capadocios...

N'um caso de affronta, nós só poderemos contar com o exercito regular. Mas, entre o exercito regular e os governos, se tem estabelecido um perigoso "mal-entendu": o serviço militar das fronteiras, — o mais importante, n'um paiz que tem mais de oito milhões de kilometros quadrados de território e sete paizes limitrophes, — ainda não foi bem comprehendido, segundo parece, nem pelos governos, nem pelos militares. Ainda ha poucos dias, um official foi mandado para a fronteira de Matto-Grosso, depois de alguns dias de prisão: o que d'ahi se conclúe é que essa viagem foi uma pena disciplinar, complementar da primeira; assim, esse serviço que deveria ser um sacrificio, sim, mas um sacrificio nobre e glorioso, uma demonstração

de patriotismo e de desinteressada dedicação, fica sendo um castigo. As fronteiras são o terror dos militares: e, como nas fronteiras é que pôde um dia residir o perigo, — não se sabe bem a que desastres nos poderá conduzir a inexperiencia que resulta d'esse terror.

O que a diplomacia brasileira conquistou n'estes ultimos dois annos já é uma victoria; mas é bom assegurar a conquista de modo efficaz, salvando-a de assaltos futuros. Ai de nós! ainda não é tempo de esperar o desarmamento universal: não queiramos ser cordeiros entre lobos...

Mas como pedir tão largo serviço a um Congresso que vae fazer o seu testamento? Appellemos para o Congresso futuro, e esperemos que

“Crônica” — Olavo Bilac (2.11.1.5.)

CHRONICA

O. B.

Os romanos consagravam o mez de Novembro á deusa Diana: e pintavam-n'o com a figura de um velho sacerdote de Isis, de alva tunica e alvas barbas.

No Brasil, a tradição das revoluções e das revoltas de Novembro parece ter consagrado esse mez ao deus Marte; e, por coherencia, devíamos modificar a sua representação iconographica dando-lhe a figura symbolica de um soldado, de mochila ás costas e carabina em punho.

O Novembro d'este anno teria procedido como um Novembro desnaturado e indigno, se decorresse manso e monotono, sem uma d'essas violentas explosões sediciosas, que, pela sua constante repetição, já não conseguem commover-nos... Mas não! este, como os dos outros

o trabalho da organização da defeza das nossas fronteiras venha, dentro de poucos annos, completar os tres trabalhos que já quasi se concluíram: o da reorganização das finanças pela seriedade da administração economica, o da reabilitação do clima pelo saneamento, e o do restabelecimento da hegemonia moral pela intelligencia da interdiplomacia. Não devemos desejar marinha forte e exercito poderoso para aterrar e ameaçar os nossos visinhos, mas devemos desejal-os para não sermos ameaçados e aterrados por elles.

E agora reparo que, das rosas de maio e das bellezas do nosso outono, resvalei, nem sei como, para cousas de guerra... Ai! nem tudo é poesia na vida!

annos, não quiz passar sem um retintim de armas sem um vociferar de canhões, sem os horrores de um levante; e a cousa, d'esta vez, durou pouco, mas foi completa: apparato de guerra em terra e no mar, assalto e tomada de uma fortaleza, alguns mortos, bastantes feridos...

Quando se realisou ha pouco a serie das grandes manobras militares no Curato de Santa Cruz, dizia eu a um amigo: “Chega a parecer monstruoso de inepecia que se tenha privado o nosso exercito de grandes manobras durante mais de vinte annos! que vale um exercito sem exercicio?...” Ao que o meu amigo, com tristeza e ironia, observou: “Sem exercicio? mas ha quinze annos o nosso exercito não tem feito outra cousa senão exercitar-se, ora promovendo, ora reprimindo revoltas... Que melhor exercicio do que esse?...”

Se os mezes podessem ser exorcizados como as creaturas, seria

bom que, todos os annos, logo no dia de Todos os Santos, se praticasse sobre o mez de novembro essa mysteriosa operação, com que se expulsa o Demonio do corpo dos energumenos.

Deu-nos Roma um Cardeal... Peçamos-lhe mais alguma cousa: que ella nos desendemoninhe este mez de novembro, sempre tão possuido do maligno espirito da Revolta!

• • •

Felizmente, nem tudo foi susto e desgosto n'estes trinta dias. Se a Guerra e a Tristeza tiveram, n'elles, o seu quinhão de homenagens, — as homenagens mais calorosas e duradouras foram para a Civilisação e para a Paz. Inaugurou-se a Avenida Central: e do Rio de Janeiro, deslumbrado e glorificado por tal acontecimento, é lícito dizer o que disse Gonçalves Dias do velho pae de I. Juca Pirama:

"Este momento só vale

[apagar-lhe

Os tão compridos trances,

[as angustias,

Que o frio coração lhe

[atormentaram..."]

Inaugurou-se a Avenida! Parece um sonho... Onde estás tú mettido, Carrancismo ignobil, que por tanto tempo nos opprimiste e des-honraste? Em que fuma lóbrega, em que socavão escuro te foste esconder envergonhado? Em vão te procurei, n'estes últimos dias e n'estas ultimas noites de Novembro, pela radiante extensão da Avenida formosa: não vi, em parte alguma, o teu olhar sinistro em que a má-vontade reluz perpetua, a tua bocca franzida n'um eterno sorriso de sarcasmo, a tua frente envergada n'uma perenne contensão de birra e malevolencia... Andas, com

certeza, homisiado nos beccos sujos, em que se mantém ainda a tradição do máu gosto e da immun-dicie: afugentou-te a luz da Avenida, horrorisou-te a alegria do povo, fulminou-te o despeito!

Ha menos de dois annos, no 3.º numero da *Kósmos*, esta "chronica" registrava o começo dos trabalhos grandiosos, agora coroados, n'um triumpho consolador, do mais completo exito:

"Ha poucos dias, as picaretas, entoando um hymno jubiloso, iniciaram os trabalhos da Avenida Central, pondo abaixo as primeiras casas condemnadas. No aluir das paredes, no ruir das pedras, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opprobrio. A cidade colonial, inundada, retrograda, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar d'aquelles materiaes apodrecidos que desabavam. Mas o hymno claro das picaretas abafava esse protesto impotente..."

Isso era escripto em março de 1904. Ha vinte mezes apenas!

Onde se vae perdida a nossa fama de povo preguiçoso, amollentado pelo clima e pela educação, incapaz de longo esforço e de tenaz trabalho? Em que outro paiz do mundo se realisou jamais um igual prodigio de decisão e de execução, uma igual maravilha de coragem e de rapidez?

Essa nossa inveterada e incuravel preguiça era uma lenda, uma invenção, uma torpe mentira.

No começo do seculo 18.º, é possível que Ferdinand Denis tivesse razão, quando escreveu: "O brasileiro é preguiçoso: levanta-se muito depois de nado o sol; não gasta tempo a vestir-se, porque não se havia despido; *em ceroulas*, se demora á sua porta, que só abandona

para ir repousar na rêde, com difficuldade estende a mão para receber a mesquinha ração de mandioca; e, se alguém lhe pergunta onde móra um seu visinho, não responde: fallar fatiga-o tanto com pensar..."

Todo o viajante é mais ou menos mentiroso: não foi atôa que ao velho Fernão Mendes Pinto, auctor das *Peregrinações*, os maliciosos trocaram o nome, escrevendo-o assim: *Fernão, Mentos? Minto!*

Por isso, creio que aquelle retrato do "brazileiro do começo do seculo XVIII", traçado por Ferdinand Denis, não passa de uma caricatura, exaggerada como todas as caricaturas. Mas supponhamos que não haja exagero na pintura: cotejemos o brazileiro de então com o brazileiro de hoje, — e reconheçamos que já é tempo de recolher ao gavetão, em que se guardam os chavões inuteis, essa lenda tola da nossa incuravel preguiça.

• • •

A proposito da citação de Ferdinand Denis: não deixemos sem commentario a propaganda, iniciada pelo *Club Medico*, em favor do vestuario habitual dos homens no Rio de Janeiro.

F. Denis diz que os brazileiros daquelle tempo deixavam-se ficar, ás portas das casas, "em ceroulas". Entre essa sem-cerimonia de outr'ora e o formalismo de agora, que differença! Agora, não se comprehende um brazileiro sério, grave, digno de respeito, sem pesada sobrecasaca negra e sevêra cartola tambem negra, — ainda quando o thermometro marca 33° acima de zero, e o céu despeja sobre a terra uma soalheira de matar passarinhos.

E' contra esta moda absurda, e antihygienica que protesta o *Club Medico*.

E não se extranhe que de tal club parta a iniciativa de uma tal propaganda.

Os medicos são as maiores e as mais soffredoras victimas dessa moda nefasta. A população habituou-se por tal forma ao traje austero e solemne dos esculapios, que já os não pode comprehender sem sobrecasaca e cartola: não ha quasi quem admitta a sciencia e a moralidade de um medico, quando o não vê trajado desse modo. Parece que basta um paletot de case-mira clara para transformar um *pater-familias* n'um galopim, e que basta um chapéo de palha para mudar um Catão n'um maráu. Com sobrecasaca e cartola, o clinico é um sacerdote, a quem se abrem todas as portas de todas as alcovas, e a quem se confiam todos os segredos do corpo e da alma; esse mesmo clinico, porém, quando veste calças de brim branco e jaqueta de alpaca côr de cinza, passa logo a ser um magano, um volatim, um pachola.

Felizmente, a propaganda vae fazendo o seu caminho.

Um dos jornaes mais serios do Rio (o mais sísudo de todos elles!) já chegou a aconselhar que imitemos os *yankees* praticos e commodistas, os quaes, nos dias de canicula, perambulam pelas ruas de New-York e Chicago, em mangas de camisa, com o collete desabotoado, e trazendo o paletot dobrado, ao braço, á guiza de sobretudo...

Jesus! não vamos tão longe! Para fugir um extremo absurdo, não é preciso ir cahir no extremo opposto, igualmente absurdo. Não nos vistamos como se vestem os Lapões, nas suas terras perpetuamente geladas, — mas também não nos vistamos, ou antes: não nos dispamos como se despem os Cafres, na sua patria perpetuamente abrasada.

Atravessar esta cidade, n'um dia de verão, sob o peso de uma opalanda e de um chapéo alto, — é

uma loucura; mas, por outro lado, ir percorrer a Avenida em mangas de camisa, — é uma indecência.

Prestigiemos, os fatos claros, os sapatos amarelos, os leves chapéus

de palha: mas não preguemos a sem-cerimonia exaggerada, — porque, em tal caminho, poderíamos ir até ao ponto de aconselhar... a nudez!

“Crônica” — Olavo Bilac (3.5.1.4.)

CHRONICA

O. B.

No momento em que principio, com bom humor e descanço (graças a todos os deuses!), a traçar esta chronica de maio, só se falla, em toda a cidade, da viagem do futuro Presidente do Brasil, — viagem preparatoria para o exercicio do alto cargo, excursão de estudo pela imensa extensão da patria.

E' o assumpto magno, é o assumpto maximo e unico. Os jornaes descreveram minuciosamente, por dentro e por fóra, o navio em que s. ex. viaja, biographaram a comitiva de s. ex., perpetuaram em photogravura as physionomias de todos os tripulantes e serviçaes (sem olvidar as dos cosinheiros e as dos criados), não se esqueceram de dedicar algumas linhas ao figaro encarregado de zelar pelo cabello e pela barba de s. ex., — e chegaram a inventariar as victualhas e bebidas que entulham as dispensas do Maranhão, — duas mil e quinhentas latas de conservas, cento e cincoenta kilos de lombo de porco, quinhentos de biscoutos, outros quinhentos de queijos, quatrocentas garrafas de champagne, oitocentas de cerveja, quinze barris de vinhos, — tão grande stock de alimentos, que, como escreveu a *Gazeta*, “Pantagruel, o famoso comilão, teria uma delicia inedita ao examinar a sua lista...”

Haverá, talvez, quem pergunte: “que interesse podem ter todas essas informações?!”

Têm todo o interesse! O Jornal foi inventado para “informar”. “Informar” é o seu destino, é a sua função social, é a sua razão de ser.

E, a esta hora, a bordo do Maranhão, já o sr. Affonso Penna deve saber quão vasto e profundo é o poder do Jornal, quão tyrannico é o seu imperio, e quão implacavel é o seu despotismo...

• • •

Na Roma antiga, quando um Triumphador entrava solememente na Cidade Poderosa, nem tudo, no cortejo triumphal, era apothéose e louvor. A' frente d'elle, marchavam: o Senado Romano, na plena pompa da sua magestade; as hordas dos buccinators, proclamando ao som das trombetas a gloria do Grande Homem; as carruagens atulhadas dos despojos da guerra e das riquezas do saque; os escravos e prisioneiros, arquejando ao peso dos ferros; os estandartes de seda, em que vinham inscriptas em letras de prata as façanhas do Heróe; o touro branco do sacrificio, entre as filas dos *tibicines*, tocadores de flauta; — depois, os lictores precediam o carro do triumpho; e, dentro d'elle, vinha o Triumphador, esplendendo na sua *tóga palmata*, de purpura preciosa broslada a ouro... Mas, ao seu lado, um escravo lhe repetia ao ouvido, de quando em quando, a phrase sacramental: “*Respiciens post te, hominem memento te!*” E, além disso, o Heróe, naquellas horas de triumpho, era obrigado a trazer em um dos dedos

da mão direita um anel de ferro, symbolo da servidão... Isso servia para lembrar-lhe que se não devia orgulhar demais: era o aviso da Prudencia e da Modestia, segredo ao ouvido da Victoria...

Rememorei essa antiga cerimonia, quando li a noticia da partida do futuro presidente da Republica para o norte do Brasil. Triunphador de combates incruentos, o sr. Affonso Penna teve tambem quem lhe segredasse ao ouvido aquelle *memento* importuno, e tambem foi obrigado, figuradamente, no dia do triumpho, a submeter-se ao uso d'aquelle symbolico anel de ferro, emblema da humildade e da escravidão. E o *memento* vae soar ao seu ouvido durante toda a viagem, e durante toda a viagem aquelle aro de tósco metal lhe ha-de opprimir o dedo...

• • •

A empreza do Lloyd, satisfazendo o pedido dos jornalistas da comitiva, installou, a bordo do *Maranhão*, um prélo, de onde sahirá todas as manhãs, cheirando a tinta de impressão, um jornalinho, "*Brasil*". Tal será o *memento* diario, tal será o anel de ferro!

Ha ideias perversas, que sómente occorrem a jornalistas... Nós somos uma raça de algozes, uma casta de verdugos, um *clan* de carrascos! A creação do jornalinho "*Brasil*" é uma ideia cruel...

Nas democracias modernas, o Jornal é o Quarto Poder, um poder tão forte como os outros, e mais temivel e tyrannico do que elles. O Estadista é escravo do Jornal. O Jornal pode metter-se dentro da vida e da alma do Estadista, a qualquer hora do dia e da noite, pesquisando, indagando, devassando, perlustrando, desvendando toda a sua existencia publica e toda a sua existencia particular. Quando o

Estadista é um Presidente de Republica, então a sua escravidão é completa e absoluta. O Jornal tem o direito de dizer que s. ex. acordou a tal hora e que a tal hora tornou a adormecer, e que s. ex. repetiu ao almoço o frango assado, e que s. ex. prefere o bife sangrento ao bife passado; e que s. ex. ao sahir do banho espirrou tres vezes por ter apanhado um golpe de vento. "E's Presidente da Republica? deixas de ser um homem livre: és minha propriedade!" — diz a s. ex. o Jornal...

• • •

Dizia-se, a principio, que o sr. Affonso Penna viajaria sem a companhia dos jornalistas. Parece porém que s. ex. finalmente se convenceu da impossibilidade de conseguir essa deliciosa ventura. Por mais rigorosa que fosse a vigilancia exercida a bordo, por occasião do embarque, sempre alguns seis ou doze *reporters* (gente maliciosa, que parece ter commercio intimo com Satanaz) haviam de subpreteciammente introduzir-se no navio presidencial, escondendo-se no porão das cargas, ou nas carvoeiras, — até o momento, em que, já no alto mar, podessem surgir como diabos de magica, ante os olhos attonitos do illustre viajante.

O verdadeiro *reporter*, essa entidade fabulosa, possuidora de duzentos olhos para ver, de duzentas ventas para cheirar, de duzentos ouvidos para ouvir, de duzentas mãos para apalpar, — não é um simples portador das noticias que lhe dão, um simples mensageiro entre as secretarias publicas e a redacção, um simples "leva recados", um simples "rapido auxiliar de remessas". O verdadeiro *reporter*, quando é digno do Deus que o creou e do nome que tem, é um demonio, capaz de atravessar, sem ser visto, e impunemente, oito filas

de sentinellas dobradas; capaz de, incorporeo como uma bruxa, passar pelo buraco da mais apertada fechadura; capaz de, arguto como o mais privilegiado feiticeiro, ler toda uma carta, atravez do envelope fechado e lacrado; capaz de, como o Ariel da *Tempestade*, de Shakespeare, estar em toda a parte, no clarão do luar, no rumor do vento, no aroma de uma flor, na fumaça de um charuto, no diamante de um pingo de chuva, num grão de poeira...

Ainda que a administração do Lloyd e os homens de confiança e companheiros de viagem do sr. Affonso Penna conseguissem impedir a entrada dos *reporters* no Maranhão, — elles iriam, pelo ar ou pela agua, como aves ou como peixes, disfarçados na fumaça da chaminé ou na espumarada phosphorecente da pôpa, acompanhando o navio presidencial. De manhã, quando s. ex., ao despertar, abrisse o *sabord* de seu camarote, — um *reporter*, entrando por alli, equilibrado num raio ardente do sol, cahiria em pleno reducto do segredo; e, á noite, quando s. ex., encostada á amurada do navio, se puzesse a mirar meditando o esplendor do céu estrelado e a negrura mysteriosa do oceano, — outro *reporter*, cavalgando a flecha de ouro da luz de uma estrella, viria esvoaçar, invisivel e impalpavel, em torno de s. ex., para lhe surpreender no vinco da testa a preocupação do momento, ou para lhe adivinhar no brilho desusado dos olhos a reforma já concebida...

Decididamente, não haveria meio de impedir que os jornalistas acompanhassem o sr. Affonso Penna. Foi o que todos comprehenderam: e os jornalistas, ao lado de s. ex., hospedados e alimentados pelo Lloyd, lá se foram, mar em fóra, victoriosos, de lapis aparados e *kodaks* armados, exercendo o seu tyrannico e dictatorial mister de esmerilha-

dores da vida publica e particular da sua eminente victima.

• • •

Isso, porém, não bastava.

Os jornalistas não são o Jornal. E, sem o Jornal, que valem os jornalistas? valem tão pouco como os oradores sem a Voz, ou como os photographos sem a Machina Photographica.

Sem um vehiculo, sem um modo de expressão, sem a fixidez da letra de fórmula, os jornalistas do Maranhão seriam peixes fóra da agua, seriam andarilhos sem pernas, seriam marinheiros sem bussola, seriam passaros sem azas.

Se, a bordo do Maranhão, não existisse o Jornal, o sr. Affonso Penna acabaria por esquecer a função d'esses amáveis cavalheiros que o acompanham... Mas o Jornal, apparecendo todas as manhãs, dizendo a hora em que s. ex. acordou e a hora em que s. ex. adormeceu, o que s. ex. almoçou e jantou, o que s. ex. sonhou e o que s. ex. disse, os ternos que s. ex. vestiu, as opiniões que s. ex. externou, e os sorrisos enigmaticos com que s. ex. sublinhou certas palavras, — o Jornal, impresso a bordo, prolongando e mantendo, no alto mar, a sua função informativa, estará alli parodiando o antigo: "*Respiens post te hominem memento te!*" Sómente haverá duas pequenas alterações: "*Olha em torno de ti, e lembra-te que és Presidente da Republica!*"

• • •

O Jornal será alli como o *memento* terrivel, será como o anel de ferro symbolico, que a velha Roma impunha aos seus Triumphadores.

"E's Presidente da Republica? deixas de ser um homem livre: és minha propriedade!" — dirá a s. ex. o Jornal...

"Crônica" — Olavo Bilac (4.10.1.1.)

CHRONICA

O. B.

Desde que ha homens na face da Terra, — as trez grandes causas de todos os soffrimentos, de todos os conflictos, de todas as guerras, de todos os crimes, têm sido: a casa, a comida e o amor.

Dessas trez cousas, ha uma que não tem a força das outras: a comida; estomago faminto sempre se arranja bem ou mal, com fartura ou penuria, com indigestão ou jejum.

Mas a casa!... Mas o amor!... Essas são as duas molas reaes da existencia humana, as duas necessidades terriveis da nossa vida. E' raro, rarissimo, que a fome seja origem de crimes; ao passo que por causa da propriedade de terras ou de casas, e por causa do amor, os tribunaes nunca tem mãos a medir, quer estejam occupados em decidir as pendencias e os litigios entre proprietarios ou entre amantes, quer estejam occupados em processar os réos de assassinatos causados pelo delirio da posse material ou da posse amorosa. O tecto e o beijo! — eis ahi os dois inimigos da tranquillidade humana!

Já os trogloditas, os homens-chimpanzés, e os primeiros lapões, e os primeiros esquimós, e os primeiros celtas, eram governados exclusivamente por essas duas necessidades. Para o homem primitivo, comer era um problema de solução facil: a caça era abundante, era farta a pesca, — e havia, na face da terra inculta e no seio das aguas bravias, carne demais para aplacar a exigencia do mais valido estomago. Mas o tecto e a mulher! O que o homem primitivo, como o homem de hoje, defendia e prezava acima de tudo era o seu lar: a casa e a companheira. A casa era uma

rude grota natural, ou uma caverna artificial cavada na rocha, ou uma construcção megalithica de penedos sobrepostos, ou uma cabana lacustre levantada á flor da agua sobre espeques de madeira tosca, ou um ninho aereo equilibrado no cimo de alta arvore frondosa: dentro dessa casa, vivia a Mulher, que devia ser nesse tempo uma grande macaca muito feia e muito cabelluda — mas que já era uma das preocupações maximas, um dos maiores cuidados, uma das paixões supremas do homem.

Ainda assim, a mulher era mais facil de arranjar do que a casa: para conquistar uma mulher, bastava ao homem barbaro aprisional-a no meio do bosque, subjugando e matando em poucos minutos o seu legitimo dono; mas para construir uma casa, que luta e que labor! Os machados cortavam mal, as madeiras eram duras, não havia pregos, nem serrotes, nem plainas, nem parafusos...

De modo que naquelle tempo (como ainda hoje) o amor era uma preocupação mais seria do que a comida; e a casa era uma preocupação mais seria do que o amor...

O que ahi fica escripto não é divagação de chronista sem assumpto. E', sim, o commentario inicial de um assumpto grave, que está actualmente preocupando o Rio de Janeiro, e já fez correr sangue em Buenos Aires.

A' imitação do que se faz em Buenos Aires, tambem aqui se fundou uma "Liga dos Inquilinos". Dada a rivalidade que sempre houve e sempre haverá entre as duas grandes cidades, seria absurdo que houvesse em uma dellas alguma cousa que não existisse na outra...

A' nossa "Liga", como á de Buenos Aires, não pertencem os inquilinos

linos que pagam seiscentos, setecentos, oitocentos mil réis mensaes pelos palacetes em que residem. Esses tambem são proprietarios e pertencem á classe feliz, que não conta o dinheiro que despende.

Os membros da "Liga" são os operarios, os pequenos empregados, os funcionarios de baixa categoria, muitos dos quaes ganham apenas cem mil réis por mez, e são obrigados a pagar cincoenta ou sessenta mil réis por um quarto sem luz, numa "avenida" infecta.

Não ha quem ignore que, com as demolições e reconstrucções que o aformoseamento da cidade exigiu, houve no Rio uma verdadeira "crise de habitação". O numero de casas habitaveis diminuiu em geral, porque a reconstrucção é morosa. Além disso, diminuiu especialmente, e de modo notavel, o numero de casas modestas, destinadas á moradia da gente pobre, — porque, substituindo as ruas estreitas e humildes em que havia predios pequenos e baratos, rasgaram-se ruas largas e sumptuosas, em que se edificaram palacetes elegantes e caros. E que fizeram os proprietarios dos casebres e dos cochichólos que as picaretas demolidoras pouparam? viram na agonia da gente pobre uma boa fonte de renda, e augmentaram o preço dos seus predios. E' uma crise completa e terrivel: ha poucas casas para os humildes, e essas mesmas poucas casas alugam-se por um preço que não é acessivel ao que possuem os poucos favorecidos de fortuna, os que apenas podem ganhar ordenado exiguo ou minguido salario.

Tudo isso justifica a fundação da Liga dos Inquilinos. Unem-se os inquilinos infelizes contra os proprietarios crueis. Nada mais justo. Todos os fracos recorrem á esse meio de defesa, que é o unico efficaz: a união das suas fraquesas, constituindo uma força respeitavel. A gritaria de cem ou de mil oprimidos

sempre é mais facilmente escutada do que o grito de um só...

Em Buenos Aires, por causa da Liga dos Inquilinos já correu sangue. Os moradores colligados declararam que não pagariam os alugueis dos seus pardieiros e mansardas, emquanto no preço desses alugueis não fosse feita a reducção de uns tantos por cento. A essa imposição os proprietarios responderam com estas duas armas terribes, que a lei implacavel dá aos ricos contra os pobres: o mandado de despejo e a penhora. Os inquilinos resistiram; a força publica, que, sendo por si mesma uma Oppressão organizada, sempre intervém em favor dos oppressores contra os opprimidos, — veio postar-se, com as suas carabinas embaladas, ao lado dos officiaes de justiça, encarregados de fazer cumprir a Lei; houve assuadas, pedradas, tiros, — e um operario cahiu, baleado e morto.

No dia seguinte disseram-nos os telegrammas que toda a cidade platina ficou consternada, assistindo ao prestito immenso, que levou ao cemiterio o corpo do infeliz. Quatro mil operarios acompanharam á cova o cadaver. A multidão, contristada enchia as ruas, descobrindo-se á passagem do feretro. E algumas mulheres, vociferando á frente da tragica procissão, levavam bandeiras vermelhas, envoltas em crépe. Parecia uma scena do drama da communa, em Paris, em 1871...

No Rio de Janeiro, ainda o protesto não foi levado a tal extremo, e a situação ainda não se revestiu de tãmanha gravidade. Disseram ha dias os jornaes que a nossa "Liga dos Inquilinos" resolvera iniciar a sua acção por meio de conferencias publicas...

Tudo aqui se resolve actualmente, por meio de conferencias e de cinematographos. São esses, neste momento, os grandes remedios para todos os males, as panacéas infal-

liveis para todos os soffrimentos. Haveis de ver que o caso do Estado do Rio, e a teratologia politica das oligarchias estaduaes, e a crise de café, e o povoamento do sólo, e a organização da Exposição Nacional de 1908, e todos os problemas geraes, que nos preoccupam e asoberbam, ainda se não de resolver com o auxilio desses dois paus-para-toda-a obra: as conferencias e os cinematographos...

Mas deixamos de parte a ironia! A ironia é descabida, quando ha soffrimento real dos que se queixam. A crise existe, e os que tudo podem, os que mandam e governam, os que tem dinheiro e força nada querem fazer em favor dos que não acham onde morar. As casas pequenas escasseiam. As que ha estão todas occupadas. As que se esvasiam, por morte ou despejo dos locatarios, são logo alugadas por preços altos...

Que ha de fazer a gente pobre?

Se ao menos toda essa gente pudesse morar ao ar livre, sob o tecto piedoso do céo, sob o pallio misericordioso das estrellas!... Transformar-se-iam a Avenida Central, a Avenida Beira-mar, o Campo de S. Christovam, o Parque da Re-

publica, os terrenos accrescidos do Mangue, o largo do Paço, a Copacabana, a Tijuca, em immensas caravanças descobertas, em vastos acampamentos, onde os que não pudessem pagar um conto de reis mensalmente por uma casa, ficassem dormindo ao sereno...

Mas a policia é feroz: a Lei manda considerar vagabundo todo o individuo que não tem domicilio certo, — e não quer saber se esse individuo tem ou não tem a probabilidade de arranjar qualquer domicilio. Conheceis por ventura pessoa ou cousa mais estupidamente atroz e mais atrozmente estúpida do que essa abominavel entidade que se chama A Lei?

O problema da casa, da habitação, do tecto! Esse é decididamente, ainda hoje, como nas primitivas éras, o mais terrivel dos problemas que agoniam o homem; mais serio do que o problema da comida, e mais temeroso que o problema do amor.

Bem mais feliz que o homem, é o caramujo, que já nasce com a sua casa ás costas, e que a leva consigo por onde quer que vá, — sem pagar um vintem pelo aluguel por essa habitação confortavel que a Natureza lhe deu!

“Os que vêem . . .” — Fantásio (3.10.1.2.)

OS QUE VEEM . . .

FANTASIO

Diz-se que só não veem os que são cegos, — ou os que não querem ver, que, como diz o rifão, são os peiores cegos do mundo.

Exceptuadas essas duas especies de cegos, — todos os homens veem, ou pensam que veem.

Porque a verdade é que, para ver, não basta possuir bons olhos e

tel-os bem abertos. Ha muita gente que vê sem ver, — porque é incapaz de prestar attenção a qualquer cousa, e, depois de ter visto qualquer cousa, não consegue dizer o que viu. Conheço um sujeito que apanhou um premio na loteria e foi passar um anno na Europa, *para ver*. Esteve em Portugal, na Hespanha, na França, na Inglaterra, na Belgica, na Suissa, na Allemanha, na Italia, correu todas as grandes cidades, visitou todos os museus, entrou em todos os theatros; e, quando voltou,

como eu lhe perguntasse o que tinha visto, respondeu, um pouco vexado: "Homem! vi tanta cousa, que não me lembro de nada do que vi..."

E ha tambem muita gente que sabe ver, que gosta de ver, que vive de ver, e que afinal não vê nada.

Todas as grandes cidades teem os seus *mirones*, que *veem*, e não fazem outra cousa. Paris tem os seus *badauds*; Napoles, os seus *babacci*; Londres, os seus *cackneys*; Madrid, os seus *papanatas*; Lisboa, os seus *pasmados*... Estes ultimos já foram decantados por Gomes Leal, num soneto celebre:

"Que officio ou arte teem?
[São timbaleiros?
Sacristães? ou palhaços?
[ou coveiros?
Teem um officio só:
[é ver quem passal..."

Aqui, no Rio, temos os *basbaques* da rua do Ouvidor, que passam o dia inteiro amparando com as costas os portaes e as esquinas, — e *vendo*. Vendo o que? Vendo tudo: as mulheres, os homens, as nuvens, a poeira, o sol, a chuva, — nove fôra, nada.

Os mais interessantes são os "basbaques populares".

Basta que um sujeito páre no meio da rua, e comece a olhar fixamente a fachada de uma casa, ou um certo ponto do céu: chega logo outro sujeito e põe-se a mirar o mesmo ponto; d'ahi a dois minutos, os basbaques são vinte, são cincoenta, são cem; interrompe-se o transito, paralysa-se o trabalho, suspende-se a vida da rua. E toda a gente fica *vendo*. Vendo o que? Quem sabe lá?! cada um está vendo uma cousa, ou todos não estão vendo cousa alguma, — o que vem a dar no mesmo...

Desta curiosidade do povo, desta mania de ficar parado, embasbaca-

do, estarrecido, vendo, ou fingindo que vê, — é que os *camelots* de todas as grandes cidades tiram a sua subsistencia. O *basbaque* sustenta o *camelot*, o *camelot* explora o *basbaque*. Não haveria *camelot*, por mais esperto, que fosse capaz de viver e prosperar numa terra de cégos. Onde não ha quem veja, o *camelot* morre de fome.

A nossa Avenida Central já reproduz diariamente muitas destas scenas. Pára um sujeito no meio da Avenida, ou n'uma esquina, deposita no chão a cesta ou a caixa em que traz as suas maravilhas, e, dahi a pouco, está cercado de uma multidão espessa: são homens, mulheres, crianças, velhos, carregadores, moleques, funcionarios publicos, caixeiros, advogados, medicos, banqueiros, commendadores, vagabundos, — todas as classes sociaes. E toda esta multidão está *vendo* as preciosidades do *camelot*: os passarinhos-ocarinas, os palitos chinezes, os *gritos de sógra*, os sabonetes para tirar nodoas, os sacarôlhas automaticos, os carimbos de borraça, os accendedores instantaneos, os botões que se pregam sem agulha nem linha, as canetas inextinguíveis, etc., etc. As horas correm, e todos os *basbaques* vão ficando alli: o medico abandona os seus doentes, o advogado esquece as partes, o caixeiro não se lembra do patrão, o empregado publico perde a ideia da Repartição. E quando algum desses *mirones*, depois de ter visto aquillo durante muito tempo, se decide a comprar uma das preciosidades, e reconhece que comprou uma cousa inutil e impresentavel, — nunca deixa de dizer, para se consolar: "Foi porque eu não vi bem! se tivesse *visto* bem, não teria comprado!..."

Estes são pagos para ver: o *policia* e o *guarda-civil*. O Estado fardaos, calça-os, alimenta-os, paga-os, e solta-os pelas ruas, — para que elles vejam. E ahí os tendes, com

os olhos bem abertos, bem arregalados, bem espertos, *vendo*... Pois bem! a poucos passos d'alli, um gatuno está roubando um par de botas da porta de uma loja de calçado, um outro ratoneiro está mettendo a mão na algibeira de um basbaque, — e eles não veem nada disso. Porque? porque são cegos? De cegos é que elles nada teem. A razão é que tanto o *policia* como o *guarda-civil* só se veem a si mesmos: o primeiro só vê a sua importância, o seu alto papel social, a sua nobre função publica, — a gravidade e a transcendência de sua missão de assegurador da ordem publica; e o segundo só vê a sua elegancia, a sua belleza de funcionario *chic*, de farda nova, de luvas, de polainas, de botas de polimento...

Ha tambem os que vão ver para serem vistos... Reparem na attenção com que certos frequentadores de theatro parecem estar fitando a scena. *Elle* tem na face as rugas da concentração: quem o vê pensa que elle se está commovendo com os lances do drama, ou divertindo com a graça da comedia, ou deliciando com as harmonias da opera; — illusão! o que elle está é pensando nos seus negocios de amanhã: está alli para ser visto, para que todos vejam que a sua vida vae bem, e que não lhe custa nada pagar todo aquelle luxo: — o camarote carissimo, o vestido e as joias da mulher, a caruagem que os espera á porta do theatro... *Ella*, que está bem vestida e é formosa, pensa: "que figura estarei eu fazendo? que dirá deste adereço de saphiras a baroneza? como se estará ralando de inveja a Mariquinhas!..."

Ainda sem sahir do theatro, aqui temos uma outra especie de frequentador:

O *policia* e o *guarda-civil* são pagos para ver, e não veem. O seu *pendant* é o dorminhôco que paga... para não ver. Ahi está elle, dormin-

do e roncando, enquanto o galan da comedia suspira amores ao ouvido da ingenua, ou o tenor garganteia idyllios aos pés da prima-dona. E' um bom burguez, que jantou bem, e deliberou acabar a noite vendo um bello espectáculo. Pagou a sua entrada, entrou, sentou-se, e começou a querer ver. Mas, diante d'elle, estende-se uma espessa muralha de chapéos de senhoras, que enchem a plateia, — chapéos altissimos, enormes, formidaveis, como casas, como castellos, como torres. O desgraçado estica e deslôca o pescoço em todas as direcções; e, graças ao trabalho da digestão, resignando-se a não ver a peça, contenta-se com ver para dentro, e férra no somno...

Em materia de espectaculos, ha ainda os *mirones do sereno*. Esses gostam dos espectaculos gratuitos, e contentam-se com ver o que não podem gosar. São os unicos que veem, — e são felizes porque se divertem com isso, muito mais do que os que pagam para ver e não veem nada.

O "sereno" é uma instituição nossa, exclusivamente nossa, peculiarmente nossa e essencialmente cariôca. Não ha baile na cidade que não atraia o pessoal do "sereno". Se o baile é em casa terrea, ou assobradada, o "sereno" funciona junto das janellas, enche a calçada, olha e examina tudo, e não perde uma só das quadrilhas ou dos namoros que se travam lá dentro. Se o baile é em sobrado, o "sereno" funciona na calçada fronteira, com as cabeças levantadas, os narizes para o céu, — e vê menos, mas ainda assim sempre vê alguma cousa: e, quando não vê nada, satisfaz-se com imaginar o que poderia estar vendo, se não estivesse tão longe...

Jesus! o assumpto é rico, e daria ainda muito panno para mangas. O

espaço é que é curto. O que se quiz aqui foi provar que, para ver, não basta ter olhos e olhar.

Ha cegos que veem mais do que os que não são cegos. Bem disse Victor Hugo: "*quand l'oeil du corps*

s'éteint, l'oeil de l'esprit s'allume... E ainda é bom quando a gente, não sabendo ver com os olhos da cara, sabe ver com os olhos do espirito: porque ha muita gente que é tão cega de uns como de outros.

"Tipos e símbolos — O herói do domingo" — João Luso (2.11.1.4.)

TYPOS E SYMBOLOS

O HEROE DO DOMINGO

JOÃO LUSO

Sim, ao domingo, é delle a cidade inteira. Onde quer que nos dirijamos, por força o havemos de encontrar, e á sua alegria, e ao seu bulício, e ao seu esplendido triumpho. No largo da Carioca que é o agitado coração da cidade, na rua do Ouvidor que tão tristemente vae deixando de ser a sua grande arteria, nas praias e nos arrabaldes, sob as arvores da Tijuca e no alto do Corcovado — em toda a parte elle se ostenta e domina, heroe do domingo, rei do domingo soberbamente endomingado. Em verdade, Deus fez o domingo para todos os homens, a todos ordenando que, nesse dia, como Elle, descançassem e contemplassem a sua obra dos seis dias anteriores; os outros homens seguem á risca esse preceito de indolencia e de extase; enfiam os chambres, dão uma lenta volta pelo quintal, amodorraram-se na salleta, lendo os jornaes até o ultimo annuncio, entre pesadas, enfastiadas somnecas... Elle, não; desobedece ao Creador, evitando a paz e a beatitude das lombeiras dominicaes; e coroa o seu trabalho da semana com um grande dia de pandega, de estroinice, de espalhafatosia gloria. Não será tão biblico; é muito mais alegre: e nem todos podem, neste mundo de imperfei-

ção, ser perfeitos até na pasmação e na sensaboria!

Está claro que, destoando assim no pacato quadro domingueiro, pela sua jovialidade excessiva e impondo sobre o tedio de toda a gente o seu irrequieto enthusiasmo, o bom heroe irrita as opiniões, levantando á sua passagem murmurios sempre desfavoraveis, não raro clamores, apostrophes da mais violenta indignação. Em outro qualquer dia, talvez se contivesse, encalfiasse, ou talvez se revoltasse, reagisse; ao domingo, no seu dia, não. O que elle quer é rir, trocar pilherias, fazer barulho; commentarios á sua conducta, não lhe importam; protestos, quaesquer que sejam e de quem quer que partam, é como se lhe não chegassem aos ouvidos. Se presta attenção, se responde, é para rir mais alto e dar mais larga expansão á sua veia de piadista, afinada e com corda para vinte e quatro horas. Nada o perturba, ninguem consegue desmontal-o desse corseil victorioso que é a sua domingueira alacridade. Homem feliz, invejavel pandego; eu nem sei como ha quem o não admire e lhe não consagre uma reconhecida, commoda sympathia. Porque, afinal, elle é a vida, a alma, o sol do domingo; sem a sua destemperada vivacidade, o domingo tornar-se-ia uma silenciosa e aborrecida sésta, com dois ligeiros intervallos de vigilia para o almoço e o jantar, e tudo mais bocejos e maus sonhos... Mas, o mundo é injusto, nunca o mundo ha de tomar na devida con-

ta a missão dos seus bemfeitores. A este, quando passa, de chapéu para a nuca, canção nos lábios e o grande ar folgazão de quem todos os domingos volta da festa da Penha, acompanham-no os olhares rai-vosos de todos aquelles que, não comprehendendo o seu jubilo e não podendo limitar o seu alarido sem-tem nos ouvidos e pela face a nota estridente e a cynica insolencia do escandalo. Nos bondes, cavalheiros apopleticos olham para traz, a cada um dos seus gritos, com impetos de esganar o "bandido" que assim perturba a serenidade sorna da viagem. Sim, elle bate com a bengala, pateando, de todas as vezes que carro pára e espera algum passageiro mais preguiçoso: elle dirige chalaças estridentes ao motorneiro e ao conductor: elle cumprimenta os que saem e os que entram, com grandes chapeladas de zombaria; e, de repente, se tem cõro que o acompanhe, desata a cantar a *Cá-ninha verde*, numa voz de barytono que está longe de rivalizar, na do-çura e na afinação, com a do professor Carlos de Carvalho... E, então, corre pelos outros bancos um resmungo surdo de furia; toda a gente se torce, muda freneticamente a posição dos braços e das pernas, vibrando e bufando no esforço de conter impetos assassinos, raivas destruidoras. As senhoras ficam nervosas, com medo; os pobres leques, nesses momentos de terror disfarçado, passam torme-ntos; e quando ellas saltam, num alvoroço de fuga, eil-as que fatalmente exclamam, umas para as outras, ou para o marido ainda a tremer de colera concentrada: — Oh, que horror; que horror, estes caixeiros!

Porque, já toda a gente adivinhou quem elle seja, o meu heroe de hoje, o tumultuoso, indomavel, heroe do domingo: E' o caixeiro. Não o correcto e moderno ajudante de guardas-livros, educado no Havre

ou em Hamburgo, que sabe dizer "algodão, seda, ferro, machina de costura" em tres ou quatro linguas e usa ternos inglezes, de flanela; mas aquell'outro, educado na escola de primeiras letras da sua aldeia, aperfeiçoado entre os saccos de feijão e as mantas de carne secca do seu armazem; aquelle que, a respeito de idiomas, só conhece algumas phrases do francez *Bonjú mossiú, coman portevú* e do hespanhol *caramba, mira, salero*; aquelle que vae ao theatro duas vezes por anno e todos os outros días é obrigado a recolher ás dez horas, sob pena de ficar na rua — para sempre; aquelle, emfim, a quem os superiores chamam desdenhosamente "marçano", mas que, para toda a gente, é e será sempre o caixeiro, o caixeiro authentico e á antiga, o legitimo, classico e inconfundível caixeiro.

E, agora, dae que eu tome a sua defesa, um momento vol-o mostre aos olhos desconfiados, sinceramente o advogado contra o vosso surdo rancor e a vossa assanhada hostilidade. Ah, não, de certo; elle não é tão feio como o pintaes! E' um bom, e ingenuo, e generoso rapazola, apenas com um excessozito de sangue na guelra porque ainda não fez vinte annos e certa deficienciazinha de espirito — porque nunca leu *Nos auteurs gais* nem se dedicou a escrever uma revista de anno. E' crime, isso? Não é crime. Nem todos têm vagar para se enfronhar nas chroniquetas do Sr. Alphonse Allais, nas historietas do Sr. Xanrof, ou para ir tomar *poses* indolentes nos sofás das actrizes, até que os empregarios, para salvar a mobilia, resolvam aceitar-lhes uma peça... Elle, então, coitado, não tem vagar para nada. As seis horas da manhã, acordam-no a berros para um dia de incessante e ininterrupto mourejar; salta da cama estremunhado, com uma vaga dor nos ossos que — em

caso de queixa — é pelo primeiro caixeiro attribuida á permanencia, longa de mais, sobre a magra enxada do leito. Esperta-se debaixo do chuveiro e, de facto, a tal dor desaparece ao empilhar dos primeiros saccos. Assim vae até o almoço; depois, chupa um cigarro ás pressas e occultamente, no fundo do armazem e, sob o olhar que tudo acompanha e tudo censura do "primeiro" maldito, assim continúa até o jantar e até as dez horas, empilhando e desempilhando, suando sempre. O trabalho acaba ordinariamente á hora exacta de se fechar a porta. Nem um giro de quarto de hora, pela rua do Ouvidor, nem uma escapada á Avenida, a considerar os progressos do calçamento... Vae direitinho do armazem para a tarimba. Lá embaixo, faltava o sol; aqui, quasi falta o ar. E' nesse lobrego desconforto, nessa acanhada monotonia que a semana lhe corre, sempre igual, com as mesmas rumas a arma e desarmar, o mesmo cigarro sugado de fugida, as mesmas descompusturas, o mesmo fodor a carne secca e a cebola, a mesma reclusão de condemnado da vida. Para elle, operario do commercio, escravo dum "futuro" sempre incerto por tão afastado e quasi sempre amargo pelas enfermidades que se apanham até lá chegar, a *grève* representa uma perigosa chymera na qual nem é bom pensar, e as falladas oito horas que todo o official de sapateiro e todo o carregador de estiva exige a berros, com ameaças, estendem-se a doze, a quatorze, a dezesseis horas, sobre a sua robusta passividade, a sua mocidade sem ardores e sem revoltas. Alma entregue á sua sorte, coração que sem gemer supporta o seu castigo, vae contando os dias, um a um, com a unica esperanza e o consolo unico de que, no domingo, não haja trabalho, se não façam arrumações extraordina-

rias — emquanto o padrão gosa a sombra das suas arvores nas Larrangeiras ou o rumor dos seus charizes na Tijuca — e elle, então, possa, como qualquer mortal, rapar a face num barbeiro manhoso, pôr brilhantina no buço e no topete, atar ao pescoço uma gravata vistosa, atirar para a nuca um chapéo de palha e partir, abalar para longe do armazem, onde haja sol, onde haja mar, onde pelo, menos, haja o ar livre e sadio de que a sua alma, ainda mais que os seus pulmões, soffreu tão longa e angustiosa ancia.

Por isso, o domingo não é para elle tão sómente um dia de descanso; é um dia de liberdade, de felicidade, de festa. Na sua terra, atirava-se pelas estradas fóra, cantando e requebrando com as raparigas, até o mais proximo arraial onde houvesse festividade de padroeiro, guitarradas, danças no adro, foguetes e bordoada. Tudo isso lhe falta agora pelos sitios onde vae procurar os seus prazeres, desafogar a sua saudade; mas a recordação vive nelle, a tradição mora e palpita na sua alma; e tudo o que a grande capital lhe nega, com o seu progresso, o seu modernismo, o seu cosmopolitismo, elle o leva dentro de si e de tal maneira o sente e tão real acaba por lhe parecer, que, de repente, todas as caras lembranças da sua romaria, do seu fado, dos seus sonhos e dos seus amores lhe saem em tumulto dos labios, numa antiga linguagem que ninguem entende e entre as agitações dum sonho de que elle proprio não distingue o desacerto nem os enganos... Não, senhoras e senhores da capital; serenae o vosso pavor, moderae a vossa sanha; elle não é o que temeis, nem merece o castigo com que desejarieis fulminar-o. Ahí onde o vedes, é uma creança no sentimento, e porventura um santo na bondade; grita, esbra-

veja, atoa os ares de gargalhadas. Mas, oh, almas timoratas! oh, almas irasciveis! — abri bem os olhos e

desfaizei tão rude equívoco: aquella é, nem mais nem menos, a sua maneira de sonhar...

“Tipos e símbolos — O Sr. Y” — João Luso (3.1.1.2)

TYPOS E SYMBOLOS

O SR. Y

JOÃO LUSO

Este é um genio literario. Sim, um genio! Ninguem o reconhece — tanto melhor; as suas obras conservam-se completamente ignoradas — por isso mesmo. Os verdadeiros genios são assim. Este vive occulto, afastado, extranho á gloria e ás homenagens da epocha e da multidão. A gente passa por elle, acotovela-o, piza-lhe os calos e não o distingue. Nós, o vulgo, não temos olhos se não para nos enxergar a nós proprios, na esphera de mediocridade em que giramos; e elle, se, na qualidade de homem, toma os nossos bondes e vae matar a sêde á meza dos nossos cafés, na qualidade de genio anda lá por fóra, lá por cima, sempre longe de nós. Dahi, a sua condicção de “differente”, a sua superioridade, a sua genialidade. — Perdão, mas se as nossas vistas o não alcançam e, por consequencia, a nossa apreciação o não attinge, como saber que é um genio? Quem nol-o affirma? Quem nol-o prova? — Ora essa, elle mesmo!

Porque, se, na qualidade de genio, tem horror de nós e a toda a força das azas immortaes corta o espaço, mal presente a nossa visinhança, na qualidade de homem, não desdenha fumar um cigarro comnosco, a uma esquina, e fazer-nos confidencias honrosas acerca dessa outra natureza, invisivel e sublime.

E, então, com um grande ar de indifferença, começa, em primeiro lugar, a dizer mal de toda a gente, depois, a expor-nos as altas theorias que não comprehendemos, jamais havemos de comprehender. E eis um dos seus grandes orgulhos — não ser comprehendido. Tudo, desde as suas concepções até a sua grammatica, tudo nelle é nebuloso, mysterioso, incomprehensivel. A clareza dos outros só representa, para elle, grosseria e banalidade; o estylo dos outros, porque repete a linguagem natural e corrente, para elle só significa chatice e tacanhez. Desenvolvendo esta idéa magnifica, ataca todos os consagrados pela opinião, todos aquelles a quem a turba lê, com amor e com enthusiasmo. — Escriutores de escada abaixo, poetas do ver-te e amar-te, onde se revela, então, essa apregoada faculdade creadora? essa imaginação? essa inventiva? esse talento, emfim? Realejos de velhas arias decoradas, phonographos — e sopra, com desdem, a fumaça — de impressões que toda a gente sentiu. — Cita nomes illustres e sobre cada um vae deixando cahir impiedosamente o golpe do seu gladio de estheta peregrino, superior a todos. — Pedro, que se diz romancista, um contador das intrigas da sua visinhança; Paulo, que se presume poeta, um trovador de estalagem, garganteando, ao violão, as modinhas em voga no seu suburbio; Sancho, um psychologo para creadas de servir; Martinho, um critico ainda aferrado á cartilha mofenta do Sr. de Sainte-Beuve! — E, por ahí fóra, sem excepção: uns, futeis;

outros, fosseis; qual grosseiro como um tamanco, qual vasio como um pote; este, um idiota; aquelle, um asno; aquell'outro, uma besta... Jesus, os nossos ouvidos!

Atevemo-nos, todavia, a objectar-lhe timidamente que talvez a paixão o arraste e talvez o proprio genio o cegue. Sim, sem duvida, nos seus poemas agitam-se outros ideaes e logo se vê que toda a sua arte obedece a principios ineditos, que ninguem antes entrevira e elle foi surprehender, em arrancos de inspiração, a desconhecidos, infinitos... Comtudo, atevemo-nos a defender de tal intolerancia, Fulano, o prosador amado — Um burro! — Sicrano, o poeta de tão luminoso e limpido lyrismo — Um cavallo! — e, emfim, aquella sua idéa de prohibir ao homem de letras que designe as coisas pelo seu nome, sempre nos parece um pouco exagerada e violenta. E accrescentamos, ingenuamente: Sim, porque, não podendo dar ás coisas o seu verdadeiro nome, que nome lhes havemos de dar?

— Idéa falsa anachronica, do tempo do "pão pão, queijo queijo!" resmungo elle, numa careta de immenso desprezo. — O pão é simplesmente pão á meza de jantar, meu pobre amigo; em verso, tem que ser outra coisa. Mas, aqui traço eu na algibeira... Vem a proposito. — F, sacando uma folha de papel, aponta-nos, lá para o meio, este verso extraordinario:

Plenylunyo que sae das
[têtas de Ysys

— Bravo, um bello decassylabo! Mas, que quer dizer?

— Ora essa! Quer dizer — queijo.

— Ah!

— Ah! tem o amigo a minha regra exemplificada — e creio que nada mal.

— Admiravelmente. A mim, o que me fez maior confusão, foram os yy.

— Sim os yy... — E mais uma vez o seu sorriso triumpho sobre o nosso assombro: — Eu escrevo tudo com y.

Não lhe perguntamos porque, não lhe perguntamos mais nada. O nosso silencio confessa a nossa derrota. As suas phrases são clavos formidaveis que escacham, esbarromdam, enterram a gente pelo chão abaixo; e nós sentimo-nos positivamente enterrados. A altivez desse poeta que repelle as admirações do seu tempo, egualmente lhe não admite nenhum reparo, nenhuma restricção. Se elle quizesse ganhar popularidade, andar pelas livrarias, em edições successivas, ser da roda do Sr. Machado de Assis e entrar para a Academia, nada mais facil: entraria a versificar como os outros poetas contemporaneos, comporia romances naturalistas e novellas de paixão, escreveria, em summa, como toda a gente. Sujeltar-se-ia á critica, — que custava? — hobrearia com os frequentadores do Garnier, trataria de confrade a meio mundo... Oh, não! Não quer, nem a sua vaidade lh'o permite. E' uma vaidade de bronze imperecivel; uma vaidade moldada na consciencia de si proprio, dum só bloco macisso e sem a menor falha; uma vaidade que resiste a tudo, domina tudo, impassivel e soberana; uma vaidade antiga numa alma essencialmente moderna; uma vaidade extranha, symbolica, cabalística; uma vaidade, emfim, com y!

Entretanto, por mais que elle pré-gue e por mais que nos arrecelemos de lhe replicar, já um dia esse monge, tão retrahido na sua cella, esse cavalleiro tão alapado no seu solar, tentou descer até nós e vir commungar, á mesma meza vulgar do Periodico, do favor da turba desprezivel. Não lh'o declaramos em

face, com medo da orgulhosa tirada nephelibata com que nos demoliria, mas, aqui, sentimo-nos bastante animosos para o affirmar, numa passagem de singela historia dos nossos dias. Tambem elle, sim, tambem elle, como todos nós, fundou um revista literaria; tambem elle, como todos nós fez a côrte ás boas graças do publico, das columnas duma revista literaria. Foi uma maravilha de arte, essa revista; a capa, "nascida do lapis magico do nosso grande sacerdote do traço, Bermudes", parecia uma dança de enygmata pittorescos, de tal maneira o symbolo se multiplicava por ella abaixo, entre constellações, incensorios, fachos, cruces e toda a especie de animaes; a gente ficava um momento a contemplar aquella capa, depois esfregava os olhos e, insensivelmente, relanceava-os em volta, a ver se tudo estava no mesmo lugar; e, semelhante á capa, era tudo lá dentro, titulos gregos e egypcios, uma profusão de maiusculas semeadas ao acaso, allucinadamente, todos os u transformados em v, v, tvmvlos, cobras vrvvtvs, tvtvvs de feijão, e nada de i i latinos, letra banida em toda a linha por essa pleiade estupenda de poetas que dedicavam os seus sonetos — A ty, queryda noyva — e assignavam tranquillamente, Symplycyo, Cyncynato, Pyres, Pynto e Pynheyrol

O director da Revysta era elle, sim, era elle; e, embora lhe pozesse por baixo do titulo a legenda do poeta da *Horas*, "para os Raros apenas", ao fundo da pagina negrejava, como simples nota da typographia, este outro distico significativo: *Tiragem, 10000 exemplares*. Mas, nessa incoherencia e nessa contradicção, venceu a legenda, esplendidamente: raros adquiririam esse monumento da nova doutrina que ficou sendo unico duas vezes: pela sua originalidade inconfundivel e pela obstinação com que o editor

se recusou a segunda tentativa. Foi então — mas só então — que o nosso estheta tomou a decisão formal de voltar costas á consagração do vulgacho e isolar-se, rebelde intransigente, no seu orgulho. Depois, entrou-lhe aquillo nos ossos e no sangue, e a condicção de morar numa torre de marfim, longe dos barbaros etc. ficou sendo nelle uma segunda natureza. Nunca mais publicou coisa alguma, não á espera, como João da Ega, que o paiz aprendesse a ler, mas que os raros da sua especie se tornassem um dia bastante numerosos para lhe formar um digno sequito e tornar effectiva a sua apotheose.

Hoje, pensa realmente assim e tudo que diz, por mais artificial que nos pareça, é perfeitamente sincero. Erra quem o comparar ao d'Argenton, de Daudet, porque esse, coitado, contentava-se em fazer romances como Balzac e versos como Victor Hugo, ao passo que o nosso genio não disfarça o pouco caso a que vota os autores gloriosos da *Comedia Humana* e da *Lenda dos Seculos*... Não os lê, de modo nenhum supportaria o ser confundido com elles ou com quaesquer outros. A sua obra não tem precedentes, não conhece rivaes; e, exactamente por tão audaz e independente, ninguem a entende e exactamente por isso elle a guarda, e a esconde, e a furta, com implacavel soberba, á apreciação dos contemporaneos. Não, os contemporaneos não lh'a apreciariam devidamente; elle é grande de mais, para a mesquinhez dos outros; não póde caminhar pelo nosso passo, nem seguir o nosso caminho; ao nosso lado, sente-se mal, constringido, sem geito e como que preso ao chão pelo qual tão facilmente deslizamos. Como o albatrós de Baudelaire:

*Ses ailes de géant
[l'empêchent de marcher.*

“Tipos e símbolos — A sublime porta” — João Luso (5.11.1.5.)

TYPOS E SYMBOLOS

A SUBLIME PORTA

JOÃO LUSO

É a porta do Garnier...

Atravessa-a, representa já um primeiro exito, qualquer coisa como transpor, dum passo resoluto e heroico, o marco da estrada symbolica, para aquem do qual tudo é obscuridade, para além do qual tudo é consagração. Como geralmente se sabe e a todo momento se repete, o grande publico da rua do Ouvidor adopta um systema especialissimo de satisfazer as suas necessidades de arte e de ideal. Foi elle que o descobriu, pertence-lhe, nenhum outro publico do mundo teria coragem de lh'o disputar. E, aliás, nada mais facil, é o ovo de Colombo; cumpria, porém, tel-o achado, num momento de ditosa e radosa inspiração. Consiste esse magnifico systema em avançar, lentamente, despreoccupadamente, para os mostradores do Garnier; relancear pelos *vient de paraitre*, duramente apertados na sua capa amarella e amontoados em columnas de inabalavel solidez, um olhar de quem apenas se distrahe e não acha que para outra cousa possam servir os livros e os autores; esbarroandar contra a vidraça duas ou tres fumaças energicas do cigarro que se ia apagar; e passar adeante, a considerar, com o mesmo desfastio recreativo, a *vitrine* dum ourives, dum modista ou dum merceeiro.

Succede, porém, ás vezes uma cousa que, embora ha annos se repita, é sempre extranha e sensacional. Succede que do grupo annonymo, cuja curiosidade incessantemente formiga dum lado e outro daquela porta, sem jamais se penetrar, um vulto humano se destaca, de homem ou mulher, animado dum

intenção prodigiosa e como se de repente houvesse tomado uma suprema decisão. Dum lado e outro, borborinho, agitação de assombro; todos os olhos se voltam para a creatura excentrica e sublime, todas as atenções se dependuram do seu gesto imminente, da acção que ella se mostra prestes a realizar. O vulto — que, de homem ou mulher, começa desde logo a ser, em todos os sentidos, um vulto — arrisca a primeira passada, ainda incerta, a segunda já meio triumphante, como vê que produziu alvoroço aquelle seu impeto, enfrenta a turba estupefacta, num desafio de superioridade e desprezo; depois, encolhe os hombros, fulminando a turba dos despeitados, dos invejosos; e num arranco definitivo e illuminado — qual devia ter sido o de Napoleão, ao abraçar a carreira militar, ou o de Shakespeare, ao tomar a penna para escrever a sua peça de estreia — entra. Entra. Entrou. A significação augusta, o maravilhoso alcance dessa palavra! Entrou; franqueou, como um conquistador, um heroe, um predestinado, a sublime porta que abre para a celebridade. Um minuto antes, não se dava coisa alguma pelo seu futuro; nada, na sua pessoa, indicava a faculdade, tão ambicionada e nunca por astuto calculo ou pacientemente esforço obtida, de se guindar acima dos contemporaneos, salientar-se e brilhar na notoriedade duma epocha; passava despercebida, invisivelmente, nos seus jubilos e maguas vulgares, nas suas esperanças semelhantes ás de todos os illudidos, nos seus desesperos eguaes aos de todos os vencidos; era como qualquer de nós; não era, emfim, ninguém.

Mas, entrou; e desde esse momento, não deixa apenas de ser ninguém; fica sendo muito mais que alguem. Torna-se um super-homem,

a menos que se não torne uma ultra-mulher. E uma vez lá dentro, terá que operar algum feito espantoso, emprender alguma tarefa mais ou menos phenomenal? Oh, sim! Feito e tarefa, deante dos quaes succumbem diariamente centenas de mediocres creaturas. Mas, que importa? O grande passo está dado, a vida foi arremessada ao seu destino. *Alea jacta est!* Depois disso, tudo se torna relativamente simples e suave. A tremenda jornada ao redor do balcão central, leva-se a effeito, sem quasi se sentir a approximação dos seus perigos tradicionaes; a seducção infernal do livro que se vae definitivamente preferir, é doce, tão doce como o olhar da mulher que se offerece e entrega; os caixeiros, façanhudos algozes a quem attribuíamos a funcção de nos despenhar, á menor distracção, no negro vortice, limitam-se a acompanhar, a auxiliar o neophyto na travessia formidavel; e para quem lá de fóra olhara com tão supersticioso terror — dizem que na Maçonaria é a mesma coisa — as rumas caballisticas de brochuras e a figura tenebrosa do Caixa, Primeiro Vigilante da contabilidade do Templo, não poderia haver mais jubilosa, mais delectosa surpresa do que essa conjugação harmonica de todos os elementos favoraveis, beneficos, protectores...

Atravessar a Porta, a Sublime Porta, eis o principal. A' sahida, já se não encontra a mesma multidão attonita e escandalizada; encontra-se o povo extasiado, dominado, prompto a admirar incondicionalmente e para sempre glorificar. Aquelle que voltou com um livro debaixo do braço, nem calcula, no primeiro momento, a força, o poder milagroso do talisman que alli leva e lhe custou a insignificancia de 3 fr. 50 c. com ligeiros addicionaes. Tem, com effeito, tal objecto a forma exterior e o recheio invariavel,

com maiusculas e minusculas, de todos os livros; mas é, para os seus effeitos futuros, o que o dono bem-fadado quizer que seja: a pasta do ministro, a espada do general, a lyra do poeta, a bolsa do millionario. Elle que escolha; o póvo alli está para o guindar, á força de admiração e dedicação, a qualquer dessas culminancias da politica, das armas, da literatura ou da finança... E tudo quanto uma epocha pode offerrecer, em gloria e proveito, entrará, contra o mais rigoroso dos axiomas, para o seu sacco e ficará absolutamente á sua disposição.

Ha, porém, alguma coisa superior aos favores maximos duma epocha: é o prestigio e o dominio através dos tempos, pelas epochas além; é aquillo a que mais vulgar e facilmente se dá o nome de immortalidade. Assim, ha mais alguma coisa a fazer, para os verdadeiramente ambiciosos e verdadeiramente dotados, do que atravessar aquella porta: é ficar entre as suas ombreiras resplandecentes. Ficar ali, de perna traçada, o hombro contra o batente, as duas mãos solidamente apoiadas no castão da bengala, eis a decisiva demonstração de talento ou de valor que a historia exige, para conscientemente se pronunciar. Parar áquella soleira illustre, é indicar aos seculos vindouros a attitude da propria estatua; é *posar* para a posteridade. A Academia, por ser exclusivamente de letras, não póde dar, no seu seio restricto, logar a todos os immortalizaveis; além disso, dispõe apenas de quarenta cadeiras, em cada uma das quaes se póde sentar apenas um genio; ao passo que á porta do Garnier, onde os vultos se podem continuamente revezar, corresponde um espaço illimitado, independente de eleições, sem poltronas embaraçosas, sem as insignias do Sr. Rodrigo Octavio atravancando a apotheose dos eleitos. A porta do Garnier amplia a Academia, do

mesmo tempo que repara as injustiças devidas á sua insufficiencia. Se a Porta desaparecesse, a Academia succumbiria no dia seguinte, pela lei physica de que nunca o conteudo póde ser maior que o continente. Reberitaria como uma bexiga, na qual se sopra demasiadamente, ou afundaria como um navio, no qual se mette excessiva carga: em todo o caso, era uma vez uma Academia... Por isso a Academia estima e respeita a Porta.

Faz realmente mais do que isso: frequenta-a. Naquella moldura triumphal constantemente, no correr do dia — e sobretudo, depois de fechadas as repartições publicas — se vêm encaixilhar academicos. Alli vemos infallivelmente o Sr. José Verissimo, com o seu nariz de critico, agudo e pesquisante, nariz cuja natural tendencia é metter-se na obra olheia; o Sr. João Ribeiro, applicando eternamente á arte da pintura os seus processos transcendentales de analyse grammatical; o Sr. Alberto de Oliveira, solemne, nobre e teso como um dos seus alexandrinos... E até aquelles, cuja modestia repelle toda a demonstração exterior em que possa transparecer o menor sentimento de philaucia, para alli são chamados e alli se sentem retidos, como por um dever sagrado e inilludivel. Assim, por exemplo, o Sr. Mario de Alencar que todas as tardes, á volta do ministerio, se vae encostar um momento á ombreira obrigatoria, de olhos baixos, guarda-

-chuva na mão, tímido e enfiado, como quem diz aos transeuntes da ex-grande arteria: "Desculpem, isto é uma obrigação como outra qualquer. Na verdade, faço versos, e dizem que bons — mas sem querer. Se entrei para a Academia, foi tambem sem querer. Longe de mim o proposito de offender, vexar alguem com a minha immortalidade... Foram os amigos, bem contra a minha vontade, que me fizeram immortal. Desculpem, desculpem!"

Assim, a Porta, a Sublime Porta, tão generosamente acolhedora, se torna ao mesmo tempo irresistivel. Não a conquista quem quer — oh, não! — mas todos os que a merecem, por ella são invencivelmente atrahidos. Ao contrario dos abysmos que fascinam para devorar e dar sumiço, a Porta, essa, exerce o seu poder magnetico, para abençoar e dar uma evidencia ás vezes immorredoura. A uns, deixa-os passar para a admiração dos contemporaneos; a outros, prende-os, para a homenagem dos seculos sem fim. Transpor-lhe os umbraes é alcançar a notoriedade da epocha; ficar entre elles é conquistar uma gloria que nunca morre e se não altera nunca; é avassalar as gerações e mantel-as boquiabertas e rendidas, emquanto o mundo for mundo e delle houver memoria; é obter a victoria suprema, attingir os direitos divinos; é, numa palavra, ficar. Oh, a Sublime Porta!

E' a porta do Garnier...

"No tempo da 'Gazetinha'" — Gonzaga Duque (5.9.5.1.)

NO TEMPO DA "GAZETINHA"

GONZAGA DUQUE

Não me refiro á época em que a *Gazetinha* se deu ao luxo de um

escriptorio na rua d'Ouvidor, o famoso becco da velha elegancia carioca. Esse escriptorio, convem esclarecer o caso, não passava dum corredorzinho, cafúa ou cacifo, com uma portinha no passeio tóso, espremida entre a então frequentadissima Confeitaria Cailtau (onde

hoje mercadeja em porcelanas a firma Leonardos) e uma loja qualquer ao lado do vasto armazem de Mme. Josephine Lambert, costureira da imperatriz D. Thereza Christina, predio em que se localisa actualmente a Livraria Alves. Na soleira dessa portinha, que o novo edificio da redacção da *Tribuna* absorveu na sua construcção, o poeta Fontoura Xavier, muito longe de pensar nas facturas do consulado de Baltimore e menos nas rutilações de uma farda de ministro plenipotenciario, mas, meio bohemio, meio dandy, intrigando o burquez *conselheiral* com a petulancia do seu monóculo e a irreverencia casquilha dos seus sapatos d'entrada baixa com meias de seda preta, dardejava a ironia do commentario e a troça do *triolet* sobre a fileira processional da tafalaria ouvido-reana. Cousas d'aquelle tempo, em que a ironia aflorava aos labios rissonhos de um poeta de talento... Agora, a dar credito nas chronicas petulantes do mundanismo, ella cicia ambiguidades pretenciosamente requintadas na bocca duns individuos que ninguem sabe porque se lhes attribuem meritos. E, para me aproveitar da oportunidade, devo lembrar que, no minusculo balcão desse escriptorio, o Miguel Fortes, que é no presente emprezario viajante de companhias theatraes, e ainda não abiscotára o applauso unanime aos seus dotes de barytono de salas, dizia-nos, a mim e outros, num gesto esthetico de eloquencia, a sua admiração por Eça de Queiroz nesta phrase rutilante: "Nem Miguel Angelo com todos os seus pinceis seria capaz de escrever o *Primo Bazilio!*" — que eu, meninóte, ouvia concordantemente, achando o Fortes um grande pangedo.

Mas, não é desse tempo que eu falo, é doutro, menos afastado, quando os meus dezenove annos me davam as primeiras pennugens

da barba e eu me ia abeirando das Academias, das quaes me afastei em má hora... porque, pelo menos, podia ser hoje um rico e afamado clinico á maneira hodierna, tendo para tanto a ventura de não ouvir a lamuria estopante dos neurasthénicos nem vêr a miseria dos esbandalhados no soffrimento, pelo simples facto de ser surdo e cego na opinião dominante de dois incomparabilissimos amigos meus, o professor R. Bernardelli e o Dr. Mello Moraes Filho. Mas, por Jupiter! meus senhores, não confundam na mesma plaina o eminente esculptor do Christo e Adultera com o mavioso bardo do *Bem-te-vi*, que não é este o meu intento.

Ambos incondicionaes admiradores meus, mas ambos diametralmente oppostos... nos seus respectivos valores.

O tempo, a que me refiro, é o da *Gazetinha* na rua do Rosário, quasi em frente á rua Gonçalves Dias. Foi isso em 1882 ou 83. A *Gazetinha* era um jornalzinho de dois palmos, quasi todo impresso em corpo 6 ou 7. Naquella jocunda éra remota, a ardega mocidade, não sei se por deficiencia educativa ou apoucada de intellecto, mas, sem duvida, modesta e ainda transviada pela tollice da Arte Pura, expressão em evidente desacordo com o que se fazia na litteratura, ambicionava unicamente a gloria da publicidade. Depois, por ser mais pratica e, julgo eu, por esmeros da sua intellectualidade, ella comprehendeu que o "util reunido ao agradável" é o solido principio da vida contemporanea e abalou corajosamente pelo engrossamento para pescar empregos...

Retomando, porem, o fio com que eu ia serzindo estas recordações, no intuito de me fingir de velho para o gaudio dos perfumados mocinhos geniaes que ás letras estão dando a radiação solar das suas obras-primas, cuja incomparavel bel-

leza explicam pela facunda idade dos cueiros, volto ao caso da *Gazetinha*. Era esse jornalzinho a fascinação dos meninos do meu tempo. Ali se reunia a mocidade da época, o que havia de mais precioso na geração que surgira pouco depois dos nomes consagrados de Lopes Trovão, José do Patrocínio, Dermeval da Fonseca, Carvalho Junior, Arthur de Oliveira, Lucio de Mendonça, Alfredo Bastos, *Hop-Frog* Arthur Barreiros. A nova geração, da qual alguns representantes já velejavam ao largo dos vinte annos, surgia mais ardente e afouta. Valentim de Magalhães iniciava a lucta litteraria pelo lugar em evidencia com uma soffreguidão combativa que arrastava timidos e animava inertes. Nunca se vira, na aldeia imperial, a que chamavam metaphoricamente — côrte —, um movimento intellectual tão barulhento como esse. Até então as gerações tinham-se succedido sem luctas, fazia-se um passo de quadrilha e os que vinham atraz davam braço aos que iam adiante. Era tudo. Mas o Valentim entrou derrubando o que topava, pelos violentos processos sarcasticos do Camillo e Silva Pinto. Isso deliciou a meninada de que eu fazia parte. Tinhamos o sangue quente, amavamos a gymnastica e os exercicios da força; os *sports* começavam a completar a educação dos rapazes e, lidos nas basofias physicas do sr. Ramalho Ortigão, parecia-nos imprescindivel ao triumpho das idéas o murro esborcinante do rixento. Nem sempre a forteza do pulso correspondia aos arreganhos valentões da parvulez. Mas, contava-se com a agilidade sauria da capoeira, em que eramos mais ou menos exercitados, sem desmerecer a fama da dextreza do illustre dr. Luiz Murat, e como os sanhúdos conflictos litterarios poucas vezes terminavam em pugilato, recorria-se ao terrivel expediente da

vaia, lapidação moral que escorcha e molesta mais temivelmente que a pancada. Alguns, dos desse tempo, ficaram conhecendo o ardor inesquecivel dos arranhões da troça publica...

No emtanto, esse jornalzinho, em que a mocidade de 1880 fizera a sua cidadella bulhenta, era chefiada por um homem amabilissimo e incapaz de arremangar os braços para as contas á mão fechada em questões litterarias. Esse homem chamava-se Arthur Azevedo.

O Arthur..... não sei bem que idade teria nesse tempo, mas não devia passar dos trinta, possuia, já de alguns annos, um nome em relevo, amimado e corrente, dividida a sua excellente veia de comedio-grapho; e nós todos queriamol-o bem porque a sua expontanea farça nol-o affeiçoára á singeleza do nosso gosto, nada inferior a exigencia das platéas da época actual.

E, na realidade, as suas populares parodias da *Mme. Angot* e da *Belle Helene* faziam o summo prazer dos nossos sabbados d'estudantes quando, n'antiga e demolida *Phenix Dramatica*, nos agrupavamos nas cadeiras da primeira fila para sentirmos mais perturbadoramente o arrepio medular da paixonite excitada pela terna figurinha loura da graciosa Rose Villiot, exemplarmente séria no mundo equívoco das caixas de theatro.

E como conheci o Arthur? como travei relações com elle?... Vou contar-vos.

De uma feita, mandei á *Gazetinha*, em carta fechada, uma das minhas litteraturas. No dia seguinte, com o coração a endoudecer de jubilo vi que a minha litteratura merecera acolhimento no desejado jornal, porque na sua secção de recebidos vinha referencia ao meu *artigo* com a promessa de ser publicado.

Dois ou tres dias de anciedade. Em fim chegou a hora feliz. Não

foi preciso catar o *artigo* nas tres paginas de texto porque, logo na primeira pagina, se o deparava no rodapé. O triumpho não podia ser maior. Lá estava o meu *artigo*, em lugar de honra, e com o meu nome por inteiro: L. Gonzaga Duque Estrada. Não guardo em memoria o que fiz nesse dia glorioso, recordo-me, porem, que a *Gazetinha* devia ter percebido augmento na féria da sua edição com uns vinte numeros a mais.

Pouco tempo depois mandei outro *artigo* que, se me não illude a mnémónica, foi uma apreciação sobre um quadro historico de Fermino Monteiro. Segundo rodapé. Não havia duvida, eu estava talhado á gloria litteraria (pensaram commigo os meus dezenove annos) e se n'aquella época tivessemos Academia de Lettras, é provavel que eu estivesse com as calças mais proximas de uma cadeira de immortal do que hoje estou da possibilidade dum só voto dos immortaes do Cães da Lapa.

Animei-me a ir á redacção apresentar-me e cumprir o dever do agradecimento; mas, chegado lá, o coração se me resfriou. O que fôra animo passou a ser fraqueza. Empalledeci. Felizmente eu conhecia o "homem do balcão", creio que gerente, um barrigudo bohemio regenerado, de soíças esbranquiçadas, que fazia versos lyricos e gemia seus flatos dyspépticos entre recordações das noitadas sardanapalescas do Alcazar. Expuz ao Guimarães (era este o seu nome) o meu indeciso estado, e em quanto palestravamos, appareceu no escriptorio um grosso homem novo, de estatura meã, accusando incipiciencia obesa no farto abdomen.

Guimarães apresentou-me: sr. Arthur Azevedo... Sem a menor cerimonia, Arthur, com uma simplicidade encantadora, apertou-me a mão

tremula, elogiou os meus *artigos* e, affabilissimo, fez-me entrar na redacção, que era uma loja aos fundos, abrindo duas portas, transformadas em provisórias janellas, para o estreito becco do Fisco.

Eu estava maravilhado. Arthur deslumbrava-me com a sua gentileza e bondade. Nunca o vira em pessoa. Olhava-o, tinha a cabeça redonda, bochechuda, de pelle muito clara, ao de leve tingida de rubro moço; a barba escanhoáda punha-lhe um ligeiro tom azul na cheia curva do rosto, apanhava-lhe o queixo maciço mas arredondado, em que havia uma fossêta. Sobre o nariz breve, quasi nada arrebicado, o curto bigode enfiava-se, negro, a resguardar a bocca pequena, polpuda e escarlate. Usava *pincenez*, e atravez dos vidros claros seus olhos de myope scintillavam o negrume de humidas pupillas, tão negras como os seus fartos cabellos crespos.

Quando entramos na redacção, lá estava vergado a uma unica mesa de pinho, comprida e coberta por oleado, um magricella caturra, cabeçudo, de cabello rapado a descer pela testa ampla uma larga pasta que se encurvava nas boças extremes do frontal. Aos nossos passos levantou a cabeça — notei-lhe o rosto osseo, o olhar doentio e um escasso bigode cahido sobre os labios pallidos.

— Adelino, disse-lhe o Arthur, aqui tens o nosso collaborador...

E deu o meu nome com intimidade. O Adelino ergueu-se, estendeu-me a mão nervosa e dura, acclhedoramente. Era o Adelino Fontoura, o impeccavel fazedor de sonetos camoneanos, que nós todos liamos e decoravamos.

Conversamos. O meu acanhamento, que apezar dos annos, ainda hoje me atrapalha, se entrepõe a todos os esforços para me inculcar desembaraçado e amavel. Não obs-

tante voltei. Sentia grande prazer em ir ali, áquella salinha mal illuminada, cujo adorno consistia numa famosa collecção de caricaturas feitas pelo Raul Pompeia, Belmiro de Almeida, Aluizio Azevedo, França Junior, e o artista Valle, collecção que foi descripta pelo Elysio Mendes, o gordo e trigueiro Elysio da *Gazeta de Noticias*, já viajadíssimo pelo mundo inteiro e em metade duma solida fortuna commendadotesca, se a bisbilhotice não mentia.

A sala da *Gazetinha* constituia o ponto de reunião dos *novos* d'aquelle tempo.

Era ali que se reuniam o nosso primeiro naturalista Aluizio Azevedo, o popular comediographo e humorista França Junior, unicamente novo pelo espirito; Silvestre de Lima, o infeliz poeta mineiro que a scena fatal dum drama de familia arrebatou da alegre bohemia do Rio; Theophilo Dias, sobrinho de Gonçalves Dias e poeta finissimo; Filinto d'Almeida, Urbano Duarte, tenente de artilharia aspirando os galões de major, apesar de ser coronel na litteratura; Rodolpho da Paixão, transformado em politico, felizmente com proveito para a patria; Rodolpho Páo Brasil, o grande poeta Raymundo Correia, que é hoje magistrado; o inexcédível parnasia-no Alberto de Oliveira, Antonio Lopes Cardoso, o então notavel estreante Olavo Bilac, Hugo Leal, já agarrado pela tuberculose que o matou; Correia de Menezes, Affonso Celso Junior, o gordo Sebrão, o Salustiano Sebrão, que serviu de modelo ao professor Bernardelli para a estatua do General Osorio; o dr. Cardoso de Menezes, um musico de talento que a burocracia roubou á gloria, e outros, e mais outros que firmaram nomes ou se perderam no utilitarismo da burguezia se não no esquecimento da morte.

Faziam-se deliciosas palestras, esfusiante de *verve*, pontilhadas de ironias que brilhavam fluvamente como areia de rubis em caméras de pepitas d'ouro; travavam-se discussões, sem gritar, a scintillar paradoxos ou enfiadas de pillótas gracejantes que terminavam em escarcalhada geral. Era a mocidade sadia e alegre duma época em que a bohemia ainda vivia nas ultimas tradições amadas do espirito insubstituível da Pariz d'outr'ora. E que *charges* faziam aos velhos lyricos, aos entanguidos romanticos! Adelino e Silvestre manejavam a penna ao modo das *Farpas*, a que enalteciam com desmedido enthusiasmo e cahiam em golpes bruscos de sabre contra os adversarios. Aluizio, sociavel e *gentiluómo*, sorria em phrases que alfinetavam; Raymundo, magriço e hypernervoso, cinzelava sonêtos que pareciam medalhas de Langry, mas de applicação causticante como as *mouches de Milan*. . . E a *Gazetinha* compunha-se nesse risonho colmeiar de palestras e de trabalho. Em quanto eu, obscuro, sem directriz determinada, na suave vadiação de máo estudante rebelde, assistia, sorrindo, á ruidosa alegria desse alegre tempo, que venho contar como uma ventura.

Hoje, porem, que o homem, em torno do qual toda essa gente se moveu na franca camaradagem da vida começada, se desfaz no anniquilamento da terra; hoje, que do Arthur só nos resta a lembrança amiga, e a graça das suas comédias, e os versos da sua musa galhofeira, eu me recordo desse tempo, em retrospectividade saudosa, porque foi nelle que senti as primeiras dulcissimas illusões desta caminhada fatigante e inutil, que muitos annos depois resolvi fazer, enganadamente, em busca do loctus branco da gloria. Que illusão! . . . mas que doce mentira! . . .

"Renascimento" — Gil (2.5.14.1.)

RENASCIMENTO

GIL

Quando, no banquete de Outubro de 1901, o actual presidente da Republica destacou em seu programma de governo o proposito de dignificar a Capital, dignificando o Brasil, pela realisação de reclamadas obras de embelezamento e conforto, pouca gente, em verdade, deu ás palavras do futuro chefe do Estado maior valor do que se dá, de comum, ás palavras das plataformas politicas, prenhes de intenções excellentes e de promessas risonhas que se não traduzem, frequentemente, em facto ou em começo de execução sequer. Viciámo-nos toda uma existencia social a ouvir e a dizer cousas bellas que de antemão sabiamos não teriam effectividade real. Fizemos a nossa educação de povo com phrases, brilhantes, calorosas, inflammadas, que se apagam pouco depois sem deixar mais signal da passagem que o clarão de um momento; e por ellas nos veio esse scepticismo doentio que nos não deixa crer em cousa alguma, senão em que somos mais uma vez e sempre embalados e illudidos.

Moralmente, intellectualmente, devemos nos julgar uma nacionalidade avançada; tivemos em todo tempo as mais generosas concepções, os mais intelligentes projectos: mas o que os amesquinhou sempre, amesquinhando-nos, foi a fallencia da energia voluntariosa, da decisão perseverante para converter em facto as aspirações redemptoras. A capacidade creadora do nosso povo, revelada desde velhos tempos, exalçada em individuos incultos, nunca se impoz, pela falha dessa qualidade, no conjuncto do trabalho universal. As nossas reformas, as con-

quistas de progresso, amaduraram, quando se não corromperam, por um processo demorado de abafamento, semelhante ao de certos fructos colhidos fora da sazão. Tirante as grandes campanhas civicas, as lutas nacionaes em que o sentimento actuou mais do que a resolução meditada, raramente agimos por uma acção immediata, contínua, efficaz; e este povo, que nas crises de paixão encontra em si forças desconhecidas, recursos inexgotados de energia e dedicação, viciou-se, por um longo habito de não querer, em não confiar em si mesmo e a duvidar consequentemente da firmeza dos seus gestores na actividade sem impetos, no labor perseverante e calmo.

Isto e a situação de constricção economica em que se achava o paiz quando foi lido o discurso-programma do snr. dr. Rodrigues Alvés, crearam, no primeiro momento, essa atmosphera de incredulidade.

Estes tres annos decorridos vieram demonstrar que era tempo de abandonarmos de vez essa falta de fé nas administrações, que não é afinal senão a de fé em nós mesmos. Raramente um periodo de governo terá sido tão fecundo, raramente terá evidenciado uma tamanha somma de força nacional. Tinha-mos a auto-suggestão da fraqueza e da penuria; e, a não ser em phases agitadas, em que a febre excitou forças que uma longa immobildade enervara, receiavamos e temíamos tudo. Hoje reconhecemos que só pareciamos pobres porque empregavamos mal uma extraordinaria riqueza e que a presumpção de fracos vinha sómente porque nos falhava a noção relativa das fraquezas e a audacia consciante do proprio vigor. O feito do actual governo esteve justamente em evidenciar por actos esta verdade. Definimos a nossa individua-

lidade internacional; fizemos do credito um accionador de trabalho; tornámos o trabalho um transformador de bellezas mal trajadas, um emprezario de conforto effectivo, um pregoeiro de capacidade administrativa.

As obras do porto do Rio de Janeiro ahi estão, visiveis, palpaveis na sua estrutura de rocha, documentando irrecusavelmente, em um dos departamentos de governo, esse esforço fecundo. A placa commemorativa pregada no segundo bloco do caes novo vale por um recibo passado pela Capital, em nome do paiz, aos compromissos tomados pelo snr. dr. Rodrigues Alves na plataforma de Outubro de 1901.

Nenhum dos trabalhos emprehendedidos no actual periodo de governo accentúa tão bem a nova phase em que entrou, no Brasil, a administração publica como o das obras do porto do Rio de Janeiro. E' que estas arrastavam consigo a legenda de um desejo que mal chegava a ser vontade, de um projecto que gyrava viciosamente, ha dezenas de annos, num circulo de tentativas irrealisadas e damnosas; fallava-se das obras do porto como se fallava do arrasamento do morro do Castello, do prolongamento do Canal do Mangue e do Juizo Final: e eis que se prova que o que parecia difficuldade era sómente irresolução e o que se afigurava falta de elementos de exito era apenas ausencia de saber querer. Entramos positivamente em uma vida nova; e o governo vigente fechou, de facto, o cyclo da contemporisação com a rotina, como o do marechal Floriano fechou o da condescendencia com a rebellião.

Nesta obra de renovação material, de renovamento moral, destaca-se a individualidade forte do ministro da industria. Ligado embora á acção intelligente do chefe do estado pela orientação geral de go-

verno e pela mão firme prestada ao seu dedicado auxiliar, este trabalho extraordinario de administração, todos o sabem, é o contingente pessoal trazido pelo illustre catharinense ao grande esforço constructor destes tempos. O Sr. Dr. Rodrigues Alves já o publicou, de resto, digna e generosamente, na carta de felicitações que endereçou ao seu ministro por occasião da assignatura do contracto do caes.

O Sr. Lauro Müller representa o elemento moço, ou melhor talvez, o elemento "novo" da gestão actual. E', em rigor, o unico *historico* do governo.

Esta condição de *novo*, como si não bastasse já a situação brilhante em que o collocou a sua feição de administrador, accentúa sympathicamente diante da geração nova, dos moços, dos que vieram com a Republica e depois da Republica, a viva silhuêta desse operoso reformador. E' que a necessidade do concurso de todos os capazes na gestão publica, o appello a todos os experientes nos negocios da patria, o principio honesto da generalisação da Republica a todos os brasileiros, foram transmudados pelo *snobismo* de uns e pela malevolencia interessada de outros em decreto de inutilidade collectiva para os "novos"; e mau grado as manifestações de pujança intellectual e pratica, as provas accumuladas em dezeseis annos de discussão, de actividade e de luta, desde a Constituinte até a reorganisação financeira, no espirito dos que só apprehendem os factos fortemente objectivados este prejuizo infiltrou-se: fóra dos antigos, ninguem.

O moço militar que sahio de uma cadeira de substituto da Escola para o governo de Santa Catharina e de lá veio, por uma das mais bellas carreiras politicas, até o posto de agora, responde galhardamente a esse preconceito. As qualidades notaveis de governante que, aos 26

annos, revelava no seu estado natal, irradiam hoje em mais ampla e poderosa esfera de acção; e os novos lhe devem, no momento que a sua envergadura administrativa se releva com tamanho destaque, o serviço de uma affirmação publica, que, por mais injustamente que o fosse, nem por isso era menos recusada.

Dizem alguns que presumem co-nhecel-o que o actual ministro da viação é talvez o mais fino politico do tempo, habil no entender os homens e no manuseal-os, notavel no modo por que chega a um objectivo sem o denunciar. Não sabemos si é certo. O que sabemos é

que nenhum outro soube até aqui imprimir ao trabalho um tão fecundo movimento, nenhum transformou tão habilmente um facto administrativo em uma causa de expansão social, nenhum se notabilizou pelo modo por que operou a remodelação material e moral de uma cidade pelo contagio de uma avenida resolutamente rasgada...

Foi este um dos objectivos a que chegou sem o denunciar? Si o foi, devemos proclamar que é isto a fina e a mais brilhante das politicas.

Renascemos. E a inauguração do caes a 1.º de Maio registra uma reinvindicacão do Trabalho, com mais esthetica e menos clamor de guerra.

“A grande artéria” — Gil (2.11.1.2.)

A GRANDE ARTERIA

(De Aleixo Manoel á Avenida Central)

GIL

Por volta de 1774 a rua de Aleixo Manoel descia do Campo de S. Domingos até a praia de Salvador Corrêa. Tinha sido o Caminho do Mar e já era naturalmente a “arteria” da cidade, ligando-lhe o coração palpitante á orla maritima onde os navios de velas poçadas e arcabouço repleto esperavam a hora da descarga ou o apito da partida. Como arteria, a pulsação não era forte; pouca gente, a que transitava para o mar e a que ia escanhoar os queixos na casa de Aleixo Manoel, um *figaro* colonial cuja navalha gosava de regalias na cidade, entre estas a de dar o nome do seu manejador á rua onde assentara este a tenda do trabalho.

Aleixo Manoel era barbeiro da nobreza e a sua casa uma das melhores da rua, que nessa epocha

orçava por pouco mais de um carreiro aberto no solo verde e salteado de construcções á ligeira; mais tarde, no seculo XIX, muitos outros cidadãos deram os seus nomes a outras ruas, sem nenhum destes predicados do afamado barbeiro do Caminho do Mar.

Foi esta a genese da “grande arteria”. Não havia, por esses tempos, a preocupação da rua, a predilecção systematica por este ou aquelle trilho de passeio, o dominio de uma via da moda, mas a “arteria” fez-se naturalmente porque por alli passava toda a gente, desde os homens de negocios que iam aos trapiches e aos armazens da rua Direita ás mulheres de igreja que iam ao Carmo e a S. Sebastião, e nella paravam, á porta do barbeiro da nobreza, os que tinham tempo para ouvir novidades e maledicencias. Elle sabia tudo, enfeixava tudo, fallava-se alli de tudo, e a vida social da *urbs* carioca, em tempos em que não existiam *clubs*, nem jornaes, nem cafés, evoluiu em redor da casa do barbeiro, como se faz

hoje, no interior, nas boticas da terra; no proprio Rio, ainda agora, uma boa parte da cidade faz nos barbeiros, pelo menos, a sua opinião.

A "arteria" inchou com o fluxo crescente do sangue da cidade. O desenvolvimento da *urbs* engrandeceu, augmentou, poliu o caminho arruado a que Aleixo Manoel dera o nome; casas melhores bordaram-lhe os lados, gentes mais distintas vieram localisar-se nella, um movimento mais vivo e mais caracterizado de povo passou pelo seu leite. A rua foi mudando successivamente de geito, de feição, de habitos e de nomes, até ser, com o trabalho transformador de dezenas e dezenas de annos, a rua do Ouvidor e a "grande arteria" da cidade e da moda.

Por esse tempo a *urbs* dilatava-se aos seus flancos. O casario se elevava, alto e forte, nas ruas que se estendiam para todos os lados; o Campo de S. Domingos ia se restringindo, mutilando, subdividindo em largos e travessas e ruas que tomavam um novo aspecto a uma nova civilisação; a população crescia e com ella o commercio avultava, derramando-se pelos logradouros publicos e pontilhando de lojas e armazens o antigo *Caminho do Mar*. Já nas epochas da colonia, dizem narradores, havia nelle merceiros e lojistas preferidos, predecessores primitivos do Deroche, do Godinho, da Comaitá, do Castellões, da Mme. Roche e da Mme. Créten. E o Rio se foi tornando o tributario da "grande arteria"; a sua circulação exigia um canal que a resumisse toda, por onde toda ella passasse num fluxo poderoso de movimento e de vida; e pela rua do Ouvidor passou, atravez de quatro seculos, a moda, o requinte, o genio do Rio de Janeiro, desde a

cadeirinha silenciosa, carregada por escravos, da dama rica do seculo XVII até o motocyclo ruidoso, impellido á gazolina, do pedalador facetó do seculo XX.

Ella viu os differentes costumes, os vestuarios diversos, os usos variados, as praticas e as ideias divergentes. Os leques de altas varetas de madreperola incrustada de ouro, forrados de pellicas pintadas pelos miniaturistas de antanho, abriram-se, offerecidos e vaidosos, para a rua do Ouvidor, do mesmo modo que as ventarolas de seda e lacca que o japonismo trouxe ás elegantes da moda derradeira; os chales de Cachemira e os pesados vestidos de setim de Macau, inchados pela rotundidade dos "balões" da epocha, passaram por ella como os casacos de feltro e as saias finas e collantes destes tempos; a galhardia militar ostentou alli os tricornes dos archeiros da colonia e os pennachos do exercito nacional; erigiram-se solemnemente sobre os seus passeios o bastão dos vice-reis e a cartola dos deputados. Ás suas portas, sob as suas janelas, nos seus gremios, nas suas lojas e nos seus cafés uma successão de litteraturas se enterneceu, chorou, fremiu, combateu, desvairou: o lyrismo trovador do classismo amoroso, a melancholia plangente dos romanticos, o clangor combativo dos condoreiros, o realismo iconoclasta dos zolaicos, os symbolos transcendentales do deca-dismo a Verlaine. As doutrinas, as lutas, as revoluções vieram se entrechocar, reflectir, echoar nessa rua; a sociedade, a politica, a governação cortejaram-n'a. Toda a vida da cidade pulsava na "Grande arteria"; ella era a reguladora da circulação social.

Mas, dominando a evolução, as mudanças, o tumulto, essa vida

crescente, ficaram eternamente a casa, a navalha, a alviçarice, a maledicência, o critério de Aleixo Manoel. Transformaram-se os usos, as modas, as letras, as formas movediças da população; mas a cidade permaneceu imutavel no seu character primitivo, fixada nos seus predios e na sua vontade sem altura e sem luz, nas suas ruas e nas suas ideias estreitas. O Rio de Janeiro, factor e producto, ao mesmo tempo, da "Grande arteria", conservou, na sua maneira intima, a tradição do barbeiro da nobreza, patrono da grande dominadora; e o seu critério de conforto, de grandeza e de ordem moldou-se pelos ideaes de Aleixo Manoel, circumscriptos á sua casita feliz de grades de madeira e ao privilegio de escañoar as faces dos fidalgos e de fallar de alto da vida de toda a gente da cidade.

E o Rio de Janeiro foi durante decennios sem conta a resistencia, o tropeço, a opposição a todas as tentativas contra a tradição rotineira, a maldade contra os que se abalançaram a tanto. Romper a rotina era positivamente, quando não uma loucura, a delapidação de um patrimonio nacional; e todos os homens de coração e de vontade que a isso se atreveram foram invariavelmente taxados de ladrões ou de doidos. Este ultimo apodo ainda era um signal de consideração pelas virtudes civicas do atrevido.

O Rio inventou o *Não pode!* e esse *Não pode* dilatou-se da prisão dos *chuvos* costumeiros aos altos problemas sociaes. A iniciativa reformadora nada podia; o desleixo estacionario podia tudo: estragar os jardins e os edificios, mascarar as paredes de garotagens indignas, entulhar a cidade de construcções condemnadas, sacrificar-lhe para sempre a hygiene e o conforto e, sobretudo, impedir que alguém se

animasse a tentar qualquer coisa em contrario.

Todo o progresso que precisasse se apoiar em um movimento regular de opinião era um progresso inexequivel; as reformas que vieram nesta longa evolução nacional foram a acção energica de poucos, quando não o resultado de golpes imprevisitos de força a que o resto adheriu depois ou se submetteu: a Independencia, a Abolição, a Republica e os factos que foram um intermedio ou um succedaneo destes. A mesma Abolição, que teve mais demorada e fecunda propaganda, só se effectuou pelo exodo irremovivel dos captivos.

Ainda assim, pode-se dizer, foram reformas politicas e sociaes: a resistencia de tradição rotineira sempre foi muito mais formidavel no dominio da transformação material do que dos simples principios. O ataque a uma cumieira velha ou a uma rua esconsa era um facto mais grave que a deposição do Imperio ou a separação da Metropole; o 7 de Abril ou o 15 de Novembro fizeram-se com menos opposição e mais facilidade que a derribada da *Cabeça de Porco* e a lei do recúo, e destas ficaram ainda como memoria os echos da estouraria saudando a queda de um prefeito e a casa da rua do Senado, retrahida e isolada, no pejo natural do seu recúo e do recúo da lei.

Para isto, fez-se em todo tempo, como uma prophylaxia mental contra o virus de innovações damnosas, a suggestão da incapacidade nacional para tudo quanto não fosse conservar o que encontrarmos de atrazo, de caturrice e de abuso. As iniciativas fortes nos eram vedadas: "isto não é para o nosso povo!", era a phrase. Fez-se o dogma da nossa vassallagem como nacionalidade, da nossa inaptidão como raça: e fomos fadados pela estu-

pidez e pela insidia a manter a lavoura colonial, a industria colonial, a politica colonial, a construção e o preconceito coloniaes.

A "grande arteria" dominava o Rio e o Rio suggestionava o Brasil; e sobre a "grande arteria", dominando a casquilhice das suas lojas, a elegancia dos seus *flaneurs*, a competencia dos seus politicos, a philaucia dos seus discutidores avultava a tradição de Aleixo Manoel, estacionado e feliz na sua casita de grades de madeira e na sua navalha prestadia.

A Avenida veio desfazer, corrigir, transformar tudo isso. Houve um administrador intelligente bastante para comprehender que a rua estreita era a razão de ser da suggestão doentia e bastante energico para prover á cura, mesmo com a opposição provavel do curado.

A rua estreita fez-se na fundação primitiva, como uma exigencia de defeza é de conforto. As casas e os homens, approximados pela pouca largura do caminho, apoiavam-se melhor; a rua dava ao passante, por seu lado, a sombra dos muros e dos beiraes dos telhados nas horas de sol forte. Com o tempo o soccorro degenerou em vicio; a rua estreita apadrinhou a alviçarice, o namoro, o bate-lingua de janella para janella, a bisbilhotice maledicente que enfia os olhos pelas aberturas da casa fronteira e esquece as necessidades proprias para espionar as alheias. Na via publica, gerou-se o conciliabulo de visinhos ás portas dos negocios, o descante trovadoresco das esquinas, o recrutamento dos que passam com pressa para a novidade innocua, o boato e o descontentamento dos inertes; gerou-se, principalmente, esta suggestão de que nada se fazia, de que nada se devia e se podia fazer. A rua continuava com a largura do carreiro antigo e, á medida que os pre-

dios se altejavam, o circulo visual se restringia e fechava; para ver claro, para ver sol, seria preciso andarem todos a olhar para cima, e toda a gente, aperfeiçoada lentamente áquelle ambito limitado que as paredes das feias construcções ancestraes encerravam e de onde sómente se sahia, ou se entrava, para a sombra dos armazens açapados e dos domicilios sem ar, habituou-se á ideia de que não havia para a sua terra outro horizonte que não esse, rasgado apenas, ao longe, pela restea de azul que apparecia na embocadura das ruas como na bocca de um funil.

Toda essa gente teve, com a restricção da rua, a restricção do movimento e da visão; perdemos a capacidade de querer, a noção de aspirar, a confiança de conseguir. As outras terras appareciam á generalidade como constituídas por uma massa differente, povoadas por homens de outra carne e de outro sangue; e á força de desconhecer, intencionalmente por vezes, que os outros caminhavam premidos sómente por outras necessidades e outra educação, o carioca, o palmilhador da "grande arteria", embebeu na consciencia nacional a legenda da inatingivel superioridade dos extranhos, que foi para uma grande parte um depressivo pesadello e para outra um simples recurso de má vontade e malandrice farçola.

Habitado a não confiar em si mesma, passou toda essa gente a não confiar nos outros. A iniciativa que sahisse dos moldes prescriptos, viesse de particular ou do Estado, era recebida no primeiro instante com a indifferença, no segundo com a duvida, no ultimo com a aggressão; o ataque á rotina era a delapidación e a loucura. O homem da casa de banhos do largo de S. Domingos foi a derradeira representa-

ção pratica desse principio de que ainda por ahi enxameia uma porção de theoreticos.

O governo da Republica, para gloria sua e do regimen, veio derribar esse espantallo prejudicial, cuja queda exigia apenas um pouco de coragem. Essa coragem teve-a o illustre chefe do governo e esse admiravel typo de firmeza impassivel que é o ministro da viação: a Avenida Central foi no seu primeiro estadio "o desvario", o delirio esbanjador das grandezas; no segundo, a "roubalheira", a mão mettida no bolso do Estado; no terceiro, a glorificação da Cidade e da Republica. A' maneira da velha historia da montanha enfeitçada, o governo cerrou ouvidos, não hesitou, seguiu seu caminho e ao fim o clamor transformou-se em saudações de triumpho.

A Avenida ahi está, ampla, clara, formosa, encorajadora. Com ella veio a transformação completa da *urbs*, executada por outras mãos firmes, mas presa á mesma vontade decidida que fez abrir no velho Rio esse largo rasgão por onde passaram a luz e o incitamento; com ella veio mais a metamorphose do genio da cidade, liberta da influencia da viella primitiva, da casaria torva, do barbeiro lendario. Ainda como na historia da montanha, as pedras mudaram-se em homens, e o movimento, o trabalho, a expansão deram á cidade o aspecto da vida fecunda. Não havia dinheiro, e elle surge inesperadamente; ninguem confiava, e os capitaes e as iniciativas se movimentam; a arte era negada, e os architectos, os decoradores, os mobillarios apparecem; eramos melancholicos e parados, e a Avenida transborda de alacridade e de gente; temiamos tudo, e nos sentimos hoje capazes das maiores empresas.

Soffriamos a obsedação da sombra, disse-me de uma feita um meu intimo amigo. E' o caso de uma insufficiencia arterial, contestou um outro, medico e não menos intimo; e a intervenção operatoria que a cirurgia, mau grado as suas audacias felizes, não ousou ainda no organismo humano, fel-a o governo no organismo da cidade: substituímos a grande arteria incapaz por uma nova, dilatámos o resto do sistema e a vida circulou com a intensidade que devia, eis tudo.

Resurgimos. Quem, ao claro sol da tarde ou á reverberação dos grandes focos electricos, percorre com o olhar a formosa perspectiva da Avenida, a linha das construcções magnificas onde a agulha dos lanternins e a curva das cupolas se recortam no ar leve, a ampla faixa da rua que se prolonga, para um e outro lado, até onde mar e ceu se diluem no mesmo matiz, e na qual a adolescencia virente dos ibirapuitans se envaidece sobre os canteiros relvados e a prata velha dos combustores artisticos rutíla, não pensa em invejar as terras e os homens que invejava em outro tempo. A multidão que tumultúa no pavimento polido em que os carros de passeio silenciosamente desfilam, a que se crusa nas ruas largas que cortam a avenida, é realmente a população nova e forte de uma forte e nova cidade; e o observador pensará com ella que só não tinhamos o que têm os invejados de outr'ora porque nos faltava o querer e que elles não terão nunca o que temos porque não lh'o deu a Natureza, esta doce, opulenta e dádiosa Natureza, que já tem sido o remoque da nossa peraltice litteraria e que no emtanto, nos acobertou quando só tinhamos andrajos e nos dá agora o ultimo toque de belleza ás galas que ostentamos...

Este milagre fez-se com uma au-
dacia de operador e uma arteria
nova. Hoje temos realmente a
"Grande arteria".

O que é mister é ser grato aos
cirurgiões. A Avenida não está com-
pleta: a 15 de Novembro de 1906
é preciso inaugurar no extremo da
Avenida, Central, no ponto de en-
contro da Avenida á Beira-mar, con-
trapondo-se á columna de Mauá na
Prainha, a columna commemorativa
da Nova Era. Celebrar-se-ha assim
conjunctamente o emprehendedor
sacrificado e os reformadores victo-
riosos.

Basta pouso: uma columna em
que erigisse a figura da Cidade dig-
nificada, tendo no occo os tres me-
dalhões — do chefe de Estado sob
cujos auspicios se fez a regenera-
dora obra, do ministro que ousada-
mente a emprehendeu na Avenida
Central e do prefeito que a comple-
tou no resto da cidade.

Haveria um desgosto talvez: o
dos tres illustres trabalhadores con-
vertidos em medalhões; mas esses
consolar-se-iam com a ideia de que
muitos cidadãos conspicuos o tem
sido, sem que tenham construido
de novo o Rio de Janeiro...

3 POESIA

“Deus” — Lauro Müller, Edgard Daemon e Moreira Guimarães
(1.3.2.1.)

DEUS

LAURO MÜLLER

La connaissance positive ne remplit pas et ne pourra jamais remplir le domaine entier de la pensée possible.

SPENCER (P. P. P. 13)

Ha mundo limitado e mundo
[indefinido...
Quem susta o pensamento
[excede Josué!
A sciencia não pode, alem
[do conhecido,
Deter a crença humana
[e derrocar a fé.

Dois mundos ha no mundo:
[— o cosmos dividido...
Aqui, eis a sciencia; alem
[sempre de pé,
O incognoscivel duro, imenso,
[soerguido,
Sphynge perenal, foi hontem
[o que hoje é.

Por isso eu sinto sempre,
[atraz das apparencias,
Acima da sciencia, acima
[da razão,
Um ser que vem na historia,
[a par das consciencias,

Mais bello cada vez que o homem
[os dotes seus
Podia melhorar, formando
[a concepção
Do ser mysterioso a quem
[chamamos — Deus.

DEUS

EDGARD DAEMON

La religion n'a jamais bien compris que sa position central est inexpugnable.

SPENCER (Premiers Principes)

Eu amo a natureza,
[e a comprehendo
Nesse conjuncto harmonico,
[arroubado,
Cuja causa fatal ha perturbado
Todas as gerações,
[mysterio sendo!...

Qualquer simples phenomeno
[ou estupendo
Que nos tenha uma vez
[impressionado,
Tem uma lei, e está relacionado
A um conjuncto de leis
[que o estão prendendo.

Mas, quando é fraco o auxilio
[da razão
Deante deste facto
[— o inexprimivel,
Nos limites de espaço e duração,

Aquillo que se torna inconcebivel,
Mas que se sente, e está
[na evolução,
E' real e persiste
[— Incognoscivel!...

DEUS

MOREIRA GUIMARÃES

*Arretée par un éternel mystère,
la raison n'a plus le droit d'affirmer
ou de nier et ne peut que se prosterner.*

L. BOURDEAU (*Theorie des Sciences*)

Se além dos mundos que o pensar
[descobre,
Um ser se eleva, que é immortal,
[enorme;
Se aquem da vida que a natura
[encobre,
Um que se perde, que é fatal,
[informe...
Não sabe, eu o creio a crença altiva
[ou nobre,
Gigante ingente que não cahe
[ou dorme:

Pois, deveras, a mente humana
[é pobre...
Se o prisma é estrelto, é o pensador
[conforme.

No entanto diz-se que um poder
[existe,
Protheo, mysterio, que eternal
[persiste
Por todo o cosmo indefinido,
[extenso...

Dizer, porem, que nisso um Deus
[consiste,
E' luz, verdade, bello raio
[intenso
A projectar-se pelo espaço
[immenso.

"Os trinta cofres de Malim-Tsou" — Alcides Flávio (1.7.2.1.)

OS TRINTA COFRES DE
MALIM-TSOU

ALCIDES FLAVIO

Em o pino da gloria e da gloria
[invejado,
— a alma entreaberta em flor
[das voluptias á brisa, —
em seu leito de bronze e marfim
[cinzelado
Sua Alteza Imperial Malim-Tsou
[agonisa.

Toda a côrte solemne, extatica
[o circumda.
Eil-os, — sabios e heróes,
[os servos e a nobreza, —
em silencio fitando essa luz
[moribunda,
luz vital, que se esvae
[para o além da incerteza.

Todos presos estão ao monotono
[ruído
que no peito do moço em soluço
[estertora...
Todos cheios de vida e vassallos
[agora
de um inerte organismo a viver
[num gemido.

Malim-Tsou grande foi. No amor
[e no combate
era o eleito do céu, na victoria
[e no gozo...
Que lembranças terão do guerreiro
[assombroso
os heróes que guiou seu pendão
[escarlate!

Mas tambem ha na Terra uns
[sacrarlos de aromas,
— corpos com face de anjo e
[coração de lava, —
que hão de os olhos cobrir de
[líquidas redomas,
orphãos dessa paixão, que é rainha
[e é escrava.

E, no entanto, eil-o alli.
 [Nem os braços levanta,
 nem o olhar incendeia aquella
 [face bronca.
 Onde o ardor juvenil? onde a
 energia, e tanta?!...
 Malim-Tsou é agora um cadaver
 que ronca.

Ficam junto a seu leito os seus
 [cofres, os trinta
 cofres, de que se fala em todo
 [o vasto Imperio
 com palavras de pasmo e phrases
 [de mysterio,
 tão deslumbrado o povo essas
 [riquezas pinta.

Dos escriptorios um só em o xarão
 [da estante
 resplandece. E' pequeno, é de
 [um palmo de aresta
 e os outros mais contem. Quanta
 [belleza nesta
 joia de prata fosca e saphyra
 [brilhante!

E os outros?! A arte, o engenho,
 [a oriental opulencia
 tudo alli se concentra e as
 [grandezas resume.
 Que reliquia feliz, que encantado
 [perfume
 Malim-Tsou escondeu em tal
 [magnificencia?!

Mas... no leito Imperial o Principe
 [estremece.
 Senta-se. O rosto exprime uma
 [angustia infinita.
 E tremendo e tremendo os
 [cofres indigita.
 "Tudo que ame!" exclama. E cahe,
 [e desfallece.

• • •

"Tudo que ame!"
 [essa phrase
 no limiar da sepultura
 lança em meditação os letrados
 [da Côrte.

Cada qual interpreta, encontra
 [nova base
 áquella exclamação, que em intima
 [tortura
 Malim-Tsou proferiu no momento
 [da morte.

Talvez cabellos de
 [amante,
 talvez despojos de
 [guerra
 são occultos ali, nos escriptorios
 lendarios.
 E se empenham na busca os
 letrados, e adiante
 vão os cofres abrindo e estendendo
 [por terra,
 — apavorado o olhar ante aquelles
 [sanctuarios. —

A cornucopia de
 [gemmas,
 as mais perfeitas e
 [raras,
 foi alli derramada e se fundiram
 [logo.
 Ora, o cinzel deslumbra a desenhar
 [os themes
 favoritos do artista, ou vêm-se
 [as pedras caras,
 esmeraldas, rubis de um rutilante
 [fogo.

Olham os sabios
 [attentos
 as graciosas fantazias
 esculpidas no jaspe, ou no marfim
 [custoso,
 e commentam... A um canto, os
 [olhos somnolentos,
 apoiados á barba as suas mãos
 [esguias,
 scima um Budha, e a scimar
 [persiste silencioso.

Ora contemplan num vermelho
 [alacar
 torvo dragão flammivoo em
 [relevo,
 circumdado de folhas como trevo,
 feitas de nivea incrustação de
 [nacar.

Sobre um solo coberto de papoulas,
 (em um onix) um mandarim sentado,
 — a larga bocca aberta lado
 [a lado, —
 ergue ao ar duas concavas caçoulas.

N'uma agatha se encontra esguio
 [Kiosque
 multiplas settas para o ceu
 [voltando,
 e tres mirradas arvores mostrando
 no fundo, á esquerda, o começar
 [de um bosque.

Eis um bando de grous cortando
 [em arco
 o espaço feito de oriental turqueza,
 e malachite por diamante accêsa
 indica o espelho liquido de um
 [charco.

Num camapheu: Num alto de collina
 postos em fila, tres chinezes
 [gordos,
 acaçapados, cachaçudos, gôrdos,
 olham um papagaio que se empina.

Sobre a serena estagnação de um
 [lago
 ilhas fluctuam de florente loto.
 Pousada no ar, uma cegonha ignoto
 som parece escutar extranho e
 [vago.

A arte e a riqueza se unem em
 [perfeito
 conjuncto, e o puro sentimento fala.
 Eis uma flôr de petalas de opala
 e um cacho de uvas de granadas
 [feito.

E outras, mais outras do vetusto
 [engenho,
 — sem que a unidade esthetica
 [lhes falte,—
 ficções em bronze, em ouro, em
 [liso esmalte,
 sobre marfim ou perfumoso lenho.

E o cobre branco e o sandalo
 [exhalante
 fulgem de extraordinaria pedraria.
 Que sceptro real que não invejaria
 esse artistico erario deslumbrante?

Tão absortos contemplam-n'o os
 [letrados,
 mas já chegam ao cofre derradeiro.
 Grande emoção. Elle é de jaspe
 [inteiro
 com pequenos topazios sobre os
 [lados.

Quem n'o abrirá? Decide-se:
 [o mais velho.
 E o mais velho letrado o cofre
 [toma.
 Tactela, move-o, quer sentir-lhe
 [o aroma,
 e abre a tampa que brilha como
 [espelho.

Abre, e por mais que busque, alise,
 [raspe
 e vire o cofre, nada cahe de dentro,
 e só vê nas paredes ou no centro
 a superficie immacula do jaspe.

• • •

Começa o grande
 [litigio
 nesse erudito conclave
 por explicar-se o facto e a phrase
 [princesca.
 Este, ao moço attribue a paixão
 [em fastigio
 do luxo, outro lembrou segredo,
 [oculta chave;
 aquelle, outra versão ainda mais
 [romanesca.

De novo os escrinhos
 [todos
 são vistos com tal
 [minucia,

que a duvida acabou para a inteira
[assembléa.

— Foi um delirio —, diz-se...
[E com serenos modos,
usando no dizer de refinada argucia,
vae-se ao Rei transmitir aquella
[grande idéa.

Mas não se move
[o cortejo
sem que um dos
[sabios lembresse
a figura em mudez do Budha
[scismativo.
Pedem-lhe a parecer. Elle accede
[ao desejo
sem um ponto mover da
[somnolenta face,
numa voz de metal, de um vibrar
[Intensivo:

"Que procurais não sei, cabeças
[tontas,
nos trinta cofres desse amado
[alumno.

Seu pensamento é simples. Simples
[e uno,
e traz comsigo as conclusões já
[promptas.

"Tudo o que amei" nos disse,
[e nos mostrava
os seus cofres riquissimos e bellos,
e a vossa mão, quebrando-lhes
[os sellos,
nada naquelles cofres encontrava.

Eis a verdade. Que guardar podéra
Malim-Tsou nos escrínios
[sumptuosos?
Guarda-se o amor? guardam-se
[humanos gozos?
De anno em anno se guarda
[a primavera?

E' tudo o nada na avidiez
[insana....
Com que licção, com que
[philosophia
Malim-Tsou em seus cofres
[escondia
todo o vasio da illusão humana!?...

"A volta da saúde" — Lúcio de Mendonça (4.4.2.1.)

A VOLTA DA SAÚDE

(Ao Dr. J. Maximiniano
de Figueiredo)

LUCIO DE MENDONÇA

Cerebro enfermo, coração
[descrente,
Acolhe-os outra vez, sacra
[montanha,
Que o claro Paquequer afaga
[e banha,
Num doce idyllio, numa paz
[dormente.

Repousemos aqui tranquillamente,
Meu pensamento; aplaca a rude
[sanha,
O odio, que a lucta da cidade
[assanha,
E que no intimo trouxe ainda
[fremente.

Aza da phantasia, o vôo sólta!
Chama-se esta da Saúde a Vólta,
E a natureza é mãe que não illude.

Amanhecendo vem o novo dia;
Acorda e canta a ave da alegria!...
Abençoada a volta da saúde!

“Espirais de sonho” — Leal de Souza (4.12.2.5.)

ESPIRAES DE SONHO

LEAL DE SOUZA

I

Estou só. Fumo. O giro
 Caprichoso remiro
 Do fumo, no ar: azul, de uma violeta
 Azul a forma traça;
 Ora nuvens esgaça;
 Curvas fofas arqueia, azas de
 [borboleta
 Espalma; ora esbatido
 No alto, em cirro torcido,
 Suggere o ondeio de uma trança
 [preta.

II

Na alta paz das estrellas,
 Branca, nimbada pelas
 Irradiações de uma belleza fria,
 Minha Musa, na esphera
 Da eterna primavera,
 Vendo o rubro rolar e a perpetua
 [harmonia
 Dos astros escutando,
 Vae, aos poucos, tomando
 A graça religiosa de Maria

III

A Virgem — Mãe!... Desertos,
 Aos seus passos incertos,
 Desenrolam faiscando, fulvo, sem
 Verde sombra de arbusto,
 Extenso, o areal combusto...
 A' sua porta, em bando, as galiléas,
 [vem...
 Agora, soffredores,
 Os olhos, como flores,
 Volve aos caminhos de
 Jerusalem...

IV

A turba, em odio accesa,
 A' victima indefesa,
 Condemna, apupa, arrasta ao
 [matadoiro,

E Christo, o Deus moreno
 E bello, a mão, sereno,
 Move, da graça abrindo o inedito
 [thezoiro,
 Num gesto que desata
 Plenilunios de prata
 No sol a pino de um cabelo d'oiro

V

Phariseus e romanos,
 Em torno á cruz, ufanos,
 Grupam-se; a injuria no madeiro
 [escripta
 Refulge; as nuvens córam,
 Igneas; mulheres choram;
 Magdalena, de pé, immota, o lenho
 [fita,
 Bella, marmorisada,
 Tal, em pedra rasgada,
 A belleza impassivel de Aphrodita.

VI

Da gloria, que a eternisa,
 A Deusa o throno pisa,
 Marmorea, os seios, insolente
 [apruma;
 Do mar aos escarcéos,
 Alva, brotou sem véos;
 Tem, nevoentas, no olhar, as
 [perfidias da bruma,
 Nas nádegas redondas,
 Curva, a graça das ondas;
 Nos membros todos o frescor
 [da espuma.

VII

Na espuma equorea, núa,
 Phriné, loira, flutúa;
 Na praia arde o desejo e brada o
 [espanto
 E, ampla, a grita sonóra,
 Trôa, edades a fóra;
 Submarina, perpassa a luxuria de
 [um canto
 Amoroso, das aguas
 Do Jonio, ás longes fraguas,
 A' placidez longinqua de Lepanto.

4 CRÍTICA

“Imagistas nefelibatas” — Gonzaga Duque (3.5.3.1.)

IMAGISTAS NEPHELIBATAS

GONZAGA DUQUE

Anatole Baju, no seu opusculo publicado em 1887 sob o titulo *L'École Décadente*, expôz os principios da sua esthética reformadora nas seguintes palavras:

“A literatura decadente synthetisa o espirito duma época, isto é, o da elite intellectual da sociedade moderna. Quando se trata de Arte não se faz entrar em conta a multidão, porque ella não pensa, é apenas numerica. O alto publico intellectual, o unico que deve ser estimado e cujos suffragios constituem consagrações, esse, está farto de todas as emoções ficticias, dessas grosseiras excitações, dessas convenções banaes dum mundo imaginario que as ultimas literaturas puzeram em obras para a estimulação dos seus sentidos.

“Elle está cansado da farragem romantica e naturalista, que fascina algumas vezes a imaginação, mas é impotente para corrigir o engorgitamento do coração.

“O que elle deseja é a vida; está sequioso desta vida. intensa tal como o progresso a fez, sente a necessidade de se saciar della, quer condensar uma porção de existencias humanas numa só, na sua propria, e lhes extrahir o succo, vibrar com todos os seus extremecimentos. Por uma contradição bizarra, mas, por isso mesmo, explicando o

effeito do desespero, a necessidade de viver é a caracteristica desta época que parece ter adquirido a sombria e aterrorisante certeza do Nada.

“A literatura decadente propõe-se a reflectir a imagem desse mundo spleenetic. Ella não aproveita senão o que interessa á vida. Nada de descripções, porque suppõe tudo conhecido. Apenas uma synthese rapida dando a impressão do objecto. Em vez de pintar faz sentir; procura dar a sensação das cousas, seja por construcções novas, seja por symbolos evocando a intensidade pela comparativa. Em summa, tudo para ella resume-se em: synthese da materia e analyse do coração.”

Isto, que não é transcripto para desafiar argumentos, escrevia o fundador da revista *Décadente*, de Paris, no declinio do seculo XIX, e nessa mesma cidade, por esse mesmo tempo, com a pequena differença de uns annos a mais, em 1889, o poeta Georges Vanor, tambem num opusculo intitulado *L'Art Symboliste*, expunha:

“Inscrever um dogma num symbolo, escolher no vocabulario os termos raros e preciosos, construir um estylo superior e composito, traduzir as sensações pela musica das syllabas, vincular estreitamente o rythmo á idéa e repellir toda a descripção para procurar toda a musica, taes são os principaes preceitos do seu catechismo.”

Decadentes e symbolistas assim difiniam as suas esthéticas, parti-

cularmente restringidas ao verso. Em pouco tempo, porém, e como a prosa viesse se adaptando aos modos das novas escolas, esses rigores adoçaram-se, e em muito pouco tempo, as duas escolas inovadoras, que se combatiam para a conquista da supremacia, fundiram-se quasi insensivelmente, tão de accordo estavam em seus princípios! O symbolismo abraçou todos os grupos de poetas e escriptores novos ampliando preceitos, tornando-se, a bem dizer, a escola dos apaixonados da *écriture artistique* que preoccupou os Goncourts ou, como disse Gustave Kahn, *d'écriture expressive et de forme nouvelle*.

Compreende-se que as artes do desenho, especialmente a pintura, não poderiam permanecer alheias a essa influencia. Desde que o symbolismo, sob suas varias fórmas e maneiras, se manifestou com maior vigor, o desenho procurou objectivar pela imagem as suas creações. Mas, a tentativa foi difficil. Ao principio, a esthética symbolista, por tender a abstracção, não offercia vantagens á forma figurada, ao relevo material das representações desenhadas. Um artista de genio apprehendera-lhe a intenção, esse artista foi o belga Felicien Ropps. Não obstante, Ropps era lugubre e lubrico, a sua arte trazia a perturbação allucinadora dum riso glacial de caveira na ardente bocca duma mulher lindíssima. Era uma arte de ironia e lascívia, donde, por vezes, irrompiam risadas doudas de coruja sortilega. Acompanhal-a, imital-a, seria perigoso. Ropps possuía o saber do desenho, manejava a lytographia com pericia e era uma natureza á parte, inimitavel na sua complexidade.

Então, os imagistas propenderam para os typos, entraram a compôr uma determinada figura, que tivesse a fórma idealisada duma mulher nem romantica nem *realista*, fórma

ligeira, quasi vaga, de lyrio heraldico, de angelica decorativa. Vieram as simplificações tenazes, os rebuscamentos exhaustivos da originalidade. E o esforço esteve longamente parado nesse objectivo. Por pouco que não cahiu num esgotamento desastroso. Não carregue-mos, porém, tanto a culpa aos desenhistas. O erro nasceu da confusão dos principios restrictos. A necessidade dum dogma num symbolo — era uma expressão obscura, estonteou os mais atilados dos escriptores e com mais razão embaraçava os desenhistas. Surgiram os exaggeros literarios, e de tal sorte petulantes, que se confundiam com o desvario. Houve suspeita de que esses moços tinham endoudecido. O publico afastou-se desconfiado, aturdido com essa criação torturada e mysteriosa; a Critica entesou as oíças e riu-se, e foi desse riso que surdiu o sarcasmo do *Nephelibatismo*.

Que era isto?

Ninguem o sabia nem mesmo para contentar a curiosidade compulsava-se a encyclopedía Larousse, o dictionario d'Academia! Exquisito, estranho, inedito, este termo valia por uma troça, siflava e demolia. Era um cartuxo d'alvaiade. Verdaderamente não offendia, por que, por sua composição grega, queria dizer habitante das nuvens e na sua applicação — pensamento inacessível ao commum dos homens, transcendentalismo. Mas, empregado sem o conhecimento do seu valor, é tão ridiculo como uma carapuça de jornal velho.

Assim caracterisados por este desprezo, não faltou quem os julgasse degenerescentes, e logo sob tal aspecto os estudasse. O sr. Max Nordau foi dos primeiros a praticar essa analyse. E' interessante o que a respeito nos conta o sr. Adolphe Retté num livro que ainda se não póde dizer velho:

"Por esse tempo, — informa o sr. Retté — M. Max Nordau percorria Paris em busca de documentos para o seu estranho volume das *Degenerescencias*. Nordau seguia as pégadas do seu mestre Lombroso, descobrindo em tudo symptomas de deliquescencia social e, como espirituosamente disse M. Clémenceau "distribuindo diplomas de degenerado a todos os que não pensavam como elle."

"Afim de observar de perto os symbolistas, Nordau fez-se frequentador assiduo do *Café Francisco I*, no boulevard Saint-Michel, onde nos reuniamos algumas vezes para conversar sobre arte e literatura.

"Elle tomava logar o mais proximo possivel da nossa mesa, e ingerindo cópos de absinthe notava o que diziamos. Ao cabo de certo tempo reparamos nesse auditor hisurto que, aguçando o ouvido, nos lançava olhares surrateiros... Então, um de nós tratou de tomar informações a respeito d'elle, e veio a saber que o sr. Nordau se preparava para nos fixar, sob a rubrica — Nevropathia — no capitulo de um dos seus livros em preparo.

"Desde esse momento decidimos fornecer-lhe os mais terriveis documentos sobre a nossa individualidade. Um dizia-se adepto dos costumes contra a natureza e celebrava as bellezas do amor unisexual; outro apresentava-se como sectario dos *paraizos artificiaes* e absorvia, ostensivamente, bolinhas de miúdo de pão que fazia passar por pilulas de opio ou de haschich... Emfim, nós todos pronunciavamos os mais audaciosos discursos sobre religião, sociologia e moral. Nordau exultava, registrava o que ouvia, com jubilosa actividade. E assim foi composta a parte da *Degenerescencia* que se occupa dos symbolistas."

A informação do sr. Retté tambem pôde ser uma oportuna pilhe-

ria, que isso está bem no excellente humor francez; mas, innegavelmente, houve da parte do sr. Nordau certa precipitação nas suas conclusões.

No desenho e na pintura, em grande parte, a singularidade de taes composições proveio da desregrada interpretação da obra extraordinaria de Burne-Jones, desse admiravel artista de quem se disse ser de *imagination all compact*, e não menos da originalidade violentadora de Franz Stuck. Por outra parte, sem duvida na mesma proporção, o que influio para essa extravagancia foi a preocupação do reclame, o desejo de se fazer conhecido ainda que a custa do escandalo.

Para ser phenomeno da degenerescencia, como orientado pelo exclusivismo scientifico de Lombroso admittiu Nordau com relação aos literatos, (que estavam nas mesmíssimas condições) seria preciso que uma serie de actos equivalentes se correspondesse na vida desses artistas, com a qual poder-se-ia determinar a identificação morbida. Mas, assim não era. Muitos desses compositores de mexordias symbolicas não tinham a responsabilidade dos annos, á outros faltavam estudos serios em cursos preparatorios do desenho. Moços e canhêstros, isso, sim, eram elles. Basta-nos attender ás duas estampas que illustram esta noticia. Na do sr. Luciano Affonso Daudet, que tem o pomposo e perturbante titulo — *le jour de la grande Colére* — vêr-se-á uma mistura apocolyptica de fantasmas, de tumbas destampadas, de astros desgravitados e... de coisas que ninguem saberá dizer o que sejam, tal o enorme disco perfurado que parece um cartão de tiro ao alvo. E' visivelmente uma combinação de symbolos, mas, a qual a esquerdice do desenhista não sou-

be ou não pode dar uma unidade compositiva e muito menos precisar-lhe as formas.

O snr. Jean Jacques des Valeurs apresenta-se ainda mais complicado, mais obscuro na sua composição que, notada em tres posições diferentes, mostra tres assumptos diversos, cada qual dum symbolismo desesperador, capaz de ensandecer o proprio Sar Peladan se o quizesse destrincar com o requintado saber da sua exegése.

Mas, a tenra idade do snr. Luciano e a sua incultura artistica, como a mocidade do snr. Jean Jacques, passada no alegre meio da bohemia de München, contrariam opiniões temerarias que se levantem sobre a sanidade mental de

ambos. A persistencia no defeito é que denuncia o desequilibrio. Hoje, esses dois espanta-gente, perderam-se no commun fastiento da vida.

Pondo de parte o esforço das tentativas, esforço que triumphou mais tarde com a fixação e clareza da nova esthetica, essa arte foi simplesmente uma inoffensiva mystificação á gravidade cabeçada do farto burguez e aos *solidos principios* esfarripados da Critica de palanque. O que ella fez fizeram o romantismo, a escola naturalista e esse muito combatido grupo dos impressionistas.

Chamemol-a *nephele*, mas com um suave sorriso que não humilhe nem hostilise.

“Paisagens” — Gonzaga Duque (4.6.3.2.)

PAIZAGENS

Exposição Roberto Mendes, no Club Internacional de S. Domingos de Nictheroy.

GONZAGA DUQUE

Ha sete annos, referindo-me á primeira exposição de Roberto Mendes, nesta Capital, escrevi n'O Paiz: "O *aspecto* que tanto preoccupa os paizagistas e donde se originou o "impressionismo", não o tóca senão mediocrementemente. E' a expressão o que elle quer, á maneira do Pantheismo; é a alma da Natureza, a alma das cousas, que sorri na clari- dade das manhãs primaveaes, que respira largo e forte pelo rigor de suas bastas, murmuradas selvas e pela amplidão de suas planicies em horas quentes de sol, que se melancolisa e se queixa pelas tintas dos crepusculos ao tremulo baixar vagaroso das noites. E' a Natureza fecunda e viva, em todas as suas manifestações de forças e desalen-

tos, mas sempre communicativa e emocionante, que a sua ambição de artista deseja com o mais ardido, o mais acariciado, o mais constante amor".

Ainda hoje, após o decurso desses bem contados sete annos, eu me não sentiria contrariado por subscrever estas frases, porque as releio, aceito e nellas medito.

E' que encontro no artista de hoje essa mesma paixão da Natureza que, logo naquelle tempo, o destacou dentre seus émulo, pondo em realce a sua sensibilidade extraordinariamente accessivel aos caprichos e minucias da côr e, mais do que isso, ao expressivismo do assumpto.

Sob esse ponto d'estima, a sua alma guarda o enthusiasmo com que se nos revelou, tem a mesma mocidade, a mesmissima vibração. E se, por louvavel brio, o triumphador *pastelista* de hontem cedeu primazia ao pintor de hoje, certo que nem uma desvantagem resultou para o artista, que se conserva in-

tegro no equilibrio da sua organização, com o favorecimento de maior habilidade conquistada em paciente, obscuro, dedicadissimo estudo.

Roberto Mendes tem a completar o seu formoso talento essa grande qualidade do amor ao obscurismo, que é peculiar á maioria das organizações d'escol, na Arte. Sem que se possa dizer delle o mesmo que se diz... por exemplo, do arredo Vasquez — escorchado pelo feito dos rusticos — porque se não amolda áquelle o desprendimento simplório dos charros nem se lhe ajusta á contento o briche dos serranos, tão fino de gosto é elle e por natureza aristocratisado sem fatuidade, a sua indole propende para a solidão, e ama intensamente o viver singelo em contacto com a Paizagem, onde encontra o goso dos inesperados efeitos da luz e as mais surprehendentes minudencias do colorido.

A Natureza o seduz; elle a estuda, pesquisa, inquere, investiga, analisa. Nada lhe escapa porque tudo o commove. Grandezas e insignificancias, desdobramentos de panoramas, recantos de estradas, ourélas de praias, pedregulhos e escarpas, soqueiras e esgalhadas, frondes e ramusculos, em tudo o seu olhar penetra e de tudo vivem a sua imaginativa e affectibilidade. E' como um culto pagão esse ardor que o enleiva e caracteriza.

Um artista, affirma sir John Ruskin, jamais passará indifferente deante de uma folha illuminada pelo sol; vendo-a elle parará e ha de amal-a por sua viveza ou o seu desfallecimento, por seus toques de luz e por seu destaque nos maciços...

E desde que me occorre uma citação de Ruskin, devo declarar que, por influencia esthetica desse reformador, Roberto Mendes modificou a sua antiga maneira de ver e, particularmente, de executar em

que havia certa feairice de contornos commum ao *pastel* e muito ao agrado dos amadores; ligou-se mais estreitamente á Natureza, penetrando-a, procurando os modos da sua expressão, o brilho do seu viço, o segredo das suas sombras, o relevo typico das suas fórmas, d'onde lhe adveio esse já quasi firmado, definitivo estylo pinturesco que vae modelando a sua individualidade em linhas magnificas de um resalto inconfundivel.

Mas elle não se escravizou, humilde e desassisado, ao doutrinismo ruskiniano, tal se deu na Europa, com grande numero de artistas soffregos de novidades; acietou-o no seu delineamento geral, em condição particular. A dizer com a verdade é o unico ruskiniano que a pintura patricia possui, posto que ella sempre tendesse ao *realismo* e, em summa, *realista* é aspiração de Ruskin, como desde remótos seculos exigiam os esthétas que o fosse. No tempo de Augustus, Vitruvio Pollio dizia: *Mai non si debbono stimari pitture quelle che non sono simili al vero*, o que, por outros termos, veio repetir o auctor da *Seven Lamps of Architecture*: "E' preciso observar os efeitos da Natureza e reproduzil-os tão fielmente quanto fôr possivel e nunca alterar uma côr porque ella parece estar fóra do logar que se quer..."

Convenhamos, porém, que sir John Ruskin assim se exprime como theorico, dado que, conhecendo os recursos á disposição da pintura, sabemos o quanto vae de impossivel na *reprodução exactissima do que vemos*. "Os empastelamentos mais angulosos não imitarão jamais as fendas d'um rochedo" — diz Augusto Laugel. Mas a theoria ruskiniana é aproveitavel, apesar do seu caracter eminentemente inglez. Applicada com intelligencia e sympathy ou seja afinidade ella só póde prestigiar a pintura. "Cada classe de rochas, cada variedade

de terrenos, cada especie de nuvens, — doutrina o mestre dos *Modern Painters* — deve ser estudada e reproduzida com exactidão geologica e metereologica isso não se relaciona unicamente com a verdade do pormenor, é tambem mais importante para se obter esse character simples, sério e harmonioso que distingue o effeito dos conjunctos dos sitios naturaes”.

Seguindo-lhe os conceitos Roberto Mendes condensou-os no conteúdo das suas observações pessoases, e attingiu os pontos culminantes da esthetica de sir John Ruskin, que se pòde resumir no maximo rigor da cópia para maior resultado da Belleza, porque o bello é a Verdade.

Comprehende-se que não entra nesta theoria a annullação da individualidade do artista. E' o mesmo sir John Ruskin quem nos adverte: “Por minha parte, não percebo em que consiste a differença entre um mestre e um noviço...”

“Ser dextro e pintar a herva ou os arbustos com bastante verosimilhança para satisfação da vista, é uma habilidade que um ou dois annos de aprendizagem poderão dar a quem quer que seja. Mas surprehender na herva ou nos arbustos esses mysterios de invenção e de combinação pelos quaes a natureza fala ao espirito; descobrir até nas minucias de mais insignificante apparencia e mais desprezíveis a chamma incessante do poder divino que tudo embelleza e glorifica; mostrar emfim, todas as cousas aos que não sabem vêr não pensam: eis o que é verdadeiramente o privilegio e a especial vocação do espirito superior...”

E assim é o principio esthetico que norteia o trabalho de R. Mendes. Ahí temos esse crepusculo vespertino na Quinta da Boa Vista, que é uma belleza de tons e uma poesia em côres; o *Depois da Tempestade*, de uma humidade que chega a dar a sensação das hervas

molhadas; o *Primeiro Sol* entre neblinas, de frescura inexcedível onde palpita a alegria das manhãs luminosas...

A sua arte é o desejo de pôr a Natureza, como elle viu e sentiu, deante de outros olhos e d'outra emotividade. Para alcançá-la não o impede a violencia dos contrastes, como nessa *Grandeza extincta*, mas se lhe não sobrepujasse o receio da pretensão teria *bravuras* coloridas á Salvador Rosa. O temor de parecer falso, senão pretencioso, enfraquece-lhe o pulso, resfria-lhe o ardor, doma-lhe o impeto.

No emtanto, o seu maior almejo parece ser a fixação da luz tropical, tal se nota em muitos dos seus modernos quadros.

Percebe-se-lhe a persistencia.

Se o conseguir, as suas paizagens terão alcançado o maximo da verdade, porque o que falta á paizagem brasileira é essa luz offuscante, poderosa, íntima; luz tropical que confunde tudo n'uma fulguração ou desperta algazaras de côres nas dissonancias de brilho.

E' difficil, porém, conseguil-a no estreito limite de uma téla. Para isso faz-se necessario uma educação visual perfectissima, obtida pela constante observação do natural, pelo habito de “sentir a luz”.

Alguns mestres são de opinião que se não deve rebuscar taes effeitos.

Victor Cherbuliez, no seu presado livro *L'Art et la Nature* condemna essa tentativa. Mas, se os pintores inglezes, a exemplo de Turner, tentaram a *bright colour*, porque os nossos paizagistas hão de desprezar o esplendor dessa luz, que é da nossa natureza, que é a alma, a vida da nossa paizagem?

Porque não imital-a? Porque é difficil? Mas quando ha força de querer e quando ha talento cessam as difficuldades. De mais, ahí temos o exemplo de Ticiano com o fulgor dos seus vermelhos e de Veronez

com a rutificação dos seus amarells, antecipando-se á descoberta científica das complementares.

Verdade é que, para conseguir a reproducção dessa luz, não basta a convivência d'algumas horas com a Natureza; é preciso viver com ella e n'ella, ter-lhe o amor collante dos voluptuosos, assistil-a quotidianamente, desagregar-se de todas as outras preocupações para pensar na sua arte e nos meios de expressal-a. Então, sim, o artista terá o que deseja, porque ficará senhor das minudencias do colorido, decomporá os efeitos do natural para compôr os da sua imitação, poderá por conhecimentos proprios da influencia dos raios solares sobre taes e taes côres estabelecer a approximação dos seus tons, fundir os pormenores do ponto estudado em uma synthese esthética do *motivo*, que é o seu quadro, que é uma larga parte subtrahida da grande Natureza n'um dado momento e fixada em resumo no curto espaço de uma téla. A questão principal está, por tanto, na educação dos seus olhos pela permanência no meio, o que, afinal, é um caso applicado da sabida theoria das adaptações.

Attendidos os valores pela de-composição dos raios solares na paisagem, obtido por isso as suas complementares, *retido* os dois ambientes, que tanto preocuparam Claude Monet na *luz europea*, um formado pela illuminação solar, outro pela reverberação do objecto illuminado, o conjuncto harmonico estará conseguido.

Roberto Mendes, mais do que qualquer outro dos nossos mestres da paisagem, anda por perto desse resultado, porque, em verdade, é elle o unico a procural-o. Já alcançou muito. O seu esforço é admiravel. Sobram-lhe, porém energias para ir até o fim:

Isto que, ao meu vêr, constitue o grande merito da sua exposição, é a parte infeliz della attendendo-se á cultura artistica dos nossos amadores, facilmente irritaveis nos seus inalteraveis gostos e habitos, com quanto eu lhes faça a justiça de os não considerar inferiores a outros, mais dinheirosos e vivendo em maiores centros de artes.

Mas, adquiridas ou não, essas soberbas tentativas constituem a sua gloria e será com ellas que o seu nome ha de sobresahir da vulgaridade com a intêreza solida do incontestavel.

“O primo Basílio” — Gonzaga Duque (5.6.3.1.)

O PRIMO BASILIO

Notas sobre um facto

GONZAGA DUQUE

Foi por horas de sésta d'um verão de 1879, que eu, imberbe rimador de amores, abri com mão tremula e o coração aos saltos, o desejado e precioso *Primo Basilio*.

Ainda me recordo bem. Habitava, por esse tempo, um casarão novo

em frente d'uma feia igreja, no labyrintho da velha Sebastianopolis.

O meu quarto d'estudante era, na licenciosa cathgoria dos aposentos habitaveis, d'este bello paiz, uma pequena alcova, aliás lindamente forrada d'um rico papel francez, todo branco, imitando seda lavrada, mas detestavelmente localizada á visinhança da sala de visitas.

A'quella hora, o bruto movimento das carroças de carga enchia o meu aposento d'um ininterrupto rumor,

com trepidação das paredes, o que me dava, ás vezes, a illusão de estar n'um *wagon* de via-ferrea, aos trancos e giga-joga por estas desleixadas e pittorescas estradas do interior do Brasil...

A unica *mansão* que se podia ter no primeiro andar d'essa enorme casa era a salêta de jantar, alegre quadrado de altas paredes, tecto côr de leite fresco, fôrro amarello outomniço e dois grandes repositores d'um tom claro de óca, listrados de vermelho inglez.

Uma comprida janella envidraçada abria para o Azul e para um estreito pateo, murado como um carcere; o chão de ladrilho encarnado não tinha manchas, e sobre o zinco da caixa d'agua, ao fundo, resplandecia a louça de pesado vaso de Santo Antonio do Porto, d'onde emergia a haste enfesada d'uma roseira ordinaria.

Ali, n'aquella recolhida sala, havia um antigo e largo sophá de jacarandá e palhinha, gravemente sério e excellentemente commodo.

Talvez procedesse dos bens d'algum abastado burguezão do tempo do Sr. D. Pedro I, porque, até hoje, jámais vi traste de aspecto tão estúpido nem tão confortavel para a preguiça.

Foi n'um antigo sophá burguez, a essa hora de languor, n'um escaudante dia de sol e em annos de primeira mocidade, que travei relações com o encantador espirito de Eça de Queiroz, o romancista, pois eu já conhecia o critico na facetada ironia das *Farpas*.

Lembro-me, tambem, que pairava por lá, n'essa occasião, um silencio de claustro e a ordem das coisas, o aceio hollandez dos utensilios, — ao demais, um tic-tac monotono, de pendula americana, na parede do sophá — davam-me a melhor das disposições para lêr o *escandaloso livro* que estava irritando, no dominio das lettras, a simplicidade roceira da Capital do Imperio.

Ora bem, deliciemo-nos! — murmurei. Abri o livro com mão tremula, refestelei-me a fio na fresca palhinha do venerando traste e... E, amigos, só me comprehendí senhor da minha vontade, só volvi á consciencia do meu Eu, no momento em que, posta a mesa para o repasto vespertino e accesos os bicos de gaz, o copeiro rompeu de campainha em punho, chamando-nos á sopa!

Por onde tinha andado eu? Não sei bem o que senti. Já se me diluía na memoria essa emoção extranha, para que eu a reproduza com nitidez. Sei, e com firmeza o digo, que me parecia recém-chegado d'uma viagem singular, só consentida ao meu espirito, pois, em quanto a fiz, meu corpo ficára inerte, adormecido e refestelado n'aquelle venerando *commendador* de jacarandá e palhinha, que alli estava, sob o tic-tac monotono da pendula, firmando nos quatro pés de sua realidade.

Por onde tinha andado eu?... Durante horas, durante muitas horas, estive n'uma sala de soalho esteirado, forrada de papel claro, de ramagens verdes. Fazia sol, mas as janellas cerradas deixavam entre as quatro paredes uma penumbra macia. Uma rapariga loura, em roupão de fazenda preta, bordada a *soutache*, estivera a pensar no tempo em que vivera em Cintra, sob os arvoredos escuros e murmurossos do Ramalhão, em companhia do primo Basílio...

De lá é que eu vinha. Trazia na visão essa rapariga loura, e aquelle rapaz de barba cerrada e negra, e os aposentos, os moveis daquella casa... Certo, eu lá estive! E um assombro se apoderou de mim, por me encontrar nessa pequena sala de jantar, em familia, sob os bicos de gaz, em frente d'um prato de cheiroso caldo fumegante... tão diversamente do logar onde passára horas e horas esquecidas, e d'onde tinha vindo sem saber como!

E esta foi a primeira sensação que me deu esse livro. Nunca, até aquelle dia, nenhum romance me fizera viver tão intimamente ligado á sua acção. Nem mesmo o meu querido Balzac, que eu lia, ávida e constantemente, conseguira pôr-me em presença dos seus personagens e dentro dos seus scenarios. Eugenie Grandet, pae Gcriot, Luciano, o primo Pons, eram evocações, que a minha imaginativa despertava; era eu que os modelava, que os completava. Com os personagens de Eça succedia-me o contrario — elles vinham ao meu encontro, surgiam-me pela frente, falavam e se moviam deante de mim!

Sem ainda conhecer Flaubert e Zola, apenas sabendo de Daudet por um livro mediocre, e, sem duvida, mal traduzido; sem critica para avaliar dos meritos d'um escriptor, sem pratica e saber para lhe comprehender os recursos d'expressão e as subtilidades da fórma, com tudo isso, senti, pela vez primeira e d'um modo decisivo, — a emoção duma poderosa obra de arte escripta porque o que em mim ficou, com a vibração d'esse drama, foi a certeza de o ter visto, em realidade, com os meus proprios olhos.

No entanto — eu me confesso publicamente e nem se irá carregar de negra culpa o irreflectido, se bem que naturalissimo procedimento d'um rapazóla, — procurei esse livro porque m'o pintaram como uma deliciosa leitura erotica!

O *Primo Basilio* forçou a preguiça mental do Rio de Janeiro precisamente por este calumnioso, mas arguto annuncio de immoral.

Em torno delle fazia-se um zonzear de risinhos significativos e sibillos de segredos, a que se correspondia com piscos d'olho, d'entendimento bregeiro. Pintava-se esta e aquella phrase, recommendava-se a pagina duzentos e tantos... Dizia-se que, no bojo desse livro, se hauria um perfume acre entontece-

dor de saias desprendidas, e fais-cavam fechos de ligas e se via a nudez irresistivel de coxas em arre-gaços de camisas... E eu o fui lendo, já esquecido dessas sUBLI-nhas de recommendação, todo envolvido no seu poder suggestivo, absorvido por elle. Quando o terminei, e quando pude me libertar da forte emoção que me abalára os nervos, perguntei a mim mesmo onde teriam ficado o desbragado escandalo e a descabellada immoralidade que lhe eram attribuidos?

Suspeitaria da minha ignorancia, neste particular, se me quizesse inculcar á cohorte dos rubicundos anginhos de painel, porque o que lera de mais claro, no tocante ao caso, só homens sabedores do culto de Venus poderiam comprehender.

Mas, de toda a parte, grunhia o vozeirão rouquenho da critica nacional: Isto é immoral! — E como immoral ia correndo o livro de mão em mão.

A critica nacional não deixava de ter motivos para se alarmar. Mas não necessitava desse capcioso recurso da obscenidade da obra. Não era a viva representação das scenas domesticas, em todos os seus intimos detalhes, o que a indignava; o motivo principal e verdadeiro dessa opposição estava no processo d'escraver de Eça, processo contrario ao cabeçudo conservatorismo de moldes aprendidos, e inaccessible á réles comprehensão da respeitavel critica.

Ao seu modo de vêr e de sentir esta maneira frisante de dizer, este novo interesse pelo colorido da phrase, pela expressão nitida do termo embora archaico, obsoleto, ou estrangeiro; esta construcção nervosa e vibrante d'uma original syntaxe, constituia um attentado ás regras estabelecidas, ao dogma do classicismo... se, realmente, os escriptores que se tornaram classicos pensaram dogmatizar em tão vario, móbil e vasto assumpto!

O portuguez modelado e cinzelado pelo auctor do *Primo Basilio* em nada se parecia com a lingua litteraria, amollentada, babosa e gemebunda, lingua mestiça de cantigas suspirosas, de improvisos sentimentaes, ora rhetorica e pretenciosa, com regressões ao quinhentismo, ora delambida e idiota para uso da pieguice feminina; a que ella, a illustre critica, se habituára. Não obstante a incompetencia da critica, a pécha de immoralidade que lhe foi assacada, o livro influiu vantajosamente na nossa litteratura de romance!

Estavamos n'um tempo *vasio*. O pieguismo e a graça da nossa litteratura sobrecarregavam-nos o tédio. Abria-se um romance e lá vinham as marabás apaixonadas, e os tupis pernósticos como o Luiz Fernandes da *Morgadinha de Val Flor*, e os sombrios aventureiros tramando infamias.

Lançava-se mão d'outro livro e por lá andavam as yáyás papos de anjo, os Albertos imbecis, o *seu Furtado* pae honesto, com a caixa de rapé Paulo Cordeiro no bolso do rodaque, e uma embrulhada e sempre igual historia de heranças, de inimidades de familia, de amores mal correspondidos por uma Dona Amelia de bandós. Toda essa gente parecia almas do outro mundo, tal o vago, o esboçado em que se nos apresentava. E para completar o enfatiamento dessas sombrinhas de papel transparente, os auctores nol-as davam n'uma linguagem preguiçosa, balbuciada ou melliflua e estopante.

Mas, de repente, uma geração nova, educada na Analyse, melhorada na sua mentalidade pelo scientificismo que reconstruía a França e a Italia, e affirmava o dominio espirital d'Allemanha, surdido da bandada das Academias, falando em Claude Bernard, Darwin, Hæckell, Littré, Spencer e Broca.

Nós todos, que começavamos a martyrisar o buço para lhe dar aspecto de bigodes, berravamos sarcasmos da *Morte de Dom João* ao Céu esburacado e á *Divindade* escazellada.

Pobres blasphemos! Nos cafés deglutia-se *mãe-bentas* com philosophia de Augusto Comte e á noite, desprezando o Barbe, lia-se a *Força e Materia* de Buchner para cargas de argumentos fulminantes. A *Reforma* alborisava. Agitavam-se questões de arte, com predilecções por escolas.

Nós, moços, queriamos o Experimentalismo, pugnávamos pelo Documento. As creações romanticas tinham-nos cansado. A graça nacional archivada nas folhinhas do Laemmert, transformava-se n'uma ironia subtil de civilizados, objectivada pelo lapis de Bordallo Pinheiro e Borgomagnêro. Atacava-se o nome de Alencar, com uma acrimonia desaforada; Macedo agonisava' ouvindo a vaia assobiar-lhe á sombra. Mas, olhávamos em derredor, de bugalhos afflictos, a procurar os *idolos* que satisfizessem ao nosso fétichismo. E não tínhamos *idolos*! Lançávamos-nos, então, a confraternisar com uma geração portugueza que já tinha passado, que era apenas uma tradição.

Resurgiamos a luca coimbrã e, irreverentemente, apedrejávamos á memoria de Castilho que nos parecia o pae espirital do caturrismo brasileiro.

Ao morrer Herculano, suavemente como um santo e dignificado pelo seu trabalho e pelo seu arraigado amor á obscuridade, as tendencias mundanas de Ramalho Ortigão fizeram-no feroz diante do justo que baixava á cova, puzeram na sua critica exprobações contra a fraqueza que o tinha reduzido a fabricante de azeite em Val de Lobos, contra o egoismo que o tinha re-

trahido á existencia pacífica e frugal d'aldeia. Isto bastou ao nosso ardor iconoclasta.

Hérculano era um velho idolo, e logo em arremesso quixotesco, mettemos hombro ao seu pedestal de bronze, que resistirá aos séculos!...

O *Primo Basilio* chegou-nos nesse tempo. A' parte o rotulo escandaloso, que o divulgou rapidamente, como ainda não houve livro que alcançasse tão dilatado commercio, a sua influencia na litteratura brasileira foi sensível.

Pouco depois do seu apparecimento, um narrador que se occultava no nome dum personagem de Edgard Poè, o Hop Frog, estreitou no rodapé da *Gazeta de Noticias* com uma série de contos á maneira naturalista. José do Patrocínio nos *Retirantes*, repudiava os moldes gastos em que vertera *Motta Coqueiro* para se approximar do processo descriptivo de Eça, e mais tarde, em São Luiz do Maranhão, Aluizio Azevedo dava ao prélo *O Mulato*, em que, definitivamente, firmava a victoria da nova escola, com applausos de nós todos, leitores entusiastas, que deliravamos por um *idolo* e exigiamos, através do nosso desvairemento patriótico, do nosso irrisorio *chauvinismo* dos dezeseis annos, que houvesse no paiz um homem para se confrontar

com o triumphante nome do escriptor portuguez.

Era isso uma necessidade, e tão séria, e tão palpitante, que, envergonhados da nossa miseria litteraria, desmereciamos, com um ingenuo ciume e ridicula pretensão, a victoria do auctor do *Primo Basilio*, correndo ás livrarias, á clamar por Zola por se nos afigurar ter sido Zola o mestre do grande Eça!...

D'ahi vem a data da entrada do naturalismo no Brasil, em que, multos annos depois, vencendo a reacção systematica das mumias lettradas e a preguiça mental do povo, foram trabalhados: o *Atheneu* de Raul Pompeia, a *Normalista* de Adolpho Caminha, o *Simas* de Papi Junior e *Um escandalo* de Arthur Lobo, livros bastantemente dignos para representarem a litteratura de uma época.

Eis o que guardo, em memoria, sobre o apparecimento do *Primo Basilio* no meu tempo, porque fui desses ingenuos meninos que andavam com os compendios d'exames ao sovaco e laço rubro no collarinho, a endeosar nomes, entre os quaes de muita gente patricia que, á luz de hoje, não vale um dos quatro pés do velho sophá onde li o nosso amado artista, posto que, se o sophá se desengonçasse por falta de tres pés, essa mesma gente teria com que o equilibrar.

“O último fauno” — Gonzaga Duque (5.3.3.1.)

O ULTIMO FAUNO

Notas de leitura

GONZAGA DUQUE

Ha mais de um anno recebi no escriptorio da *Kósmos* um pequeno volume postal, que alí aguardava longamente a minha incerta, arisca presença.

Abri-o. Era um livro de João Grave, lindamente impresso com esse incomparavel cuidado de arte que os Srs. Lello & Irmão sóem pôr nas edições da secular e conceituada *Livraria Chardron*, do Porto. Tinha por titulo: *O Ultimo Fauno*.

João Grave que, ao principio, quando se revelou á minha curiosidade de leitor — gastronomo, me pareceu nome de disfarce, pseudo-

nymo arremedado de francezismos litteraturantes, assim á guisa doutro *Jéan Grave* do jornalismo parisiense, já me não era estranho. Eu o conhecia atravez de dois romances: *Os Famintos*, que meu amigo Costa Macedo — esse firme e original entalhador dos baixos relevos beirões em paginas de historiêtas — me dêra a lêr, e a *Eterna Mentira* que, apóz essa leitura, ávidamente mandei buscar á Portugal.

Desses dois livros ficára-me grande admiração pelo romancista, cujas paginas me commoveram, por vezes, até a lagrima, tal a sinceridade da narrativa e perfeita urdidura do seu enrêdo; mas, com franqueza, dir-vos-ei amigos meus: não contava ter em mãos a valiosa obra de arte que me chegava d'alem-mar com uma dedicatória simples e chocantemente fraternal.

Li-o arrebatado pelo assumpto, li-o duma assentada, fascinado pela belleza clara dos seus magnificos periodos. Reli-o duas vezes, e sempre com essa recondita calentura, que é meia volupia e, accrescentarei, (que custa a sinceridade a quem não tem direito a parecer valioso?) que é tambem meia inveja, naturalissima nos que lidam, por pendor, na mesma profissão.

O artista que fizera resaltar, tão vivamente, a figura da infeliz Luiza do meio desgraçado das *ilhas* operarias; que nos dêra, em admiravel painelamento, o singelo idyllio do ingenuo e bom Antonio com a filha do desventurado Manoel, idyllio que aflóra na miseria como um foli-culo esmeraldino perlado de orvalho do negro, incrustado, resequido monturo dos recantos em abandono; e nos levou aos abalos, em ancias emotivas, pelo desdobrar cinematographico de violentos claros-escuros d'agua forte rembrandtnesca do drama dessa vida, em que passa como uma cadella faminta, gafada e esgrouviada, a *Maria Homem* batida, apupada, injuriada pela garotagem

cruel, e donde surge inesperadamente, a piedade commovedora do bom, do perfeito Antonio na mais humana das expansões passionaes, com o perdão para o contumelioso passado da sua desditosa bemquerida; o artista que a frio, como a desenhar scenarios á sépia e branco, nos descreve esse commum episodio de vida burgueza da *Eterna Mentira*, sem um tremor de pulso, sem desfallecer um minimo traço de conjuncto traçado, e nos sacóde os filamentos nervosos, nos tóca nas cellulas emocionaes pela integra verdade da fórma, do modo de ser, da desentranhada psychologia de Pedro Antunes, da tresloucada Clara, do casto casal Luiz e Candida, da sensual D. Emma, do cynico Carlos, da ardente Isabelinha Graça, "resplandecendo na sua elegancia svelta de Diana"; é aqui, neste livro, n' *O Ultimo Fauno*, que demonstra toda a maestria da sua maneira de estylisar, de expressar e dar côr e densidade aos seres e ás cousas, com a segurança, a largueza, a ardidez de um eximio colorista que possuisse a penetração de um finissimo psychologo.

Não se trata de um livro de enrêdo. *O Ultimo Fauno* é, antes de tudo, um livro de arte para quem a sabe sentir e amar. A sua historia começa por uma ampla visão das éras decaídas, "na primeira manhã radiosa em que a Grecia escutou as doutrinas christãs na voz eloquente e sonora de S. Paulo", — tal está escripto no introito do capitulo primeiro, tão clara e fulgurante como se fôra em letras d'ouro polido no friso de marmore branco de um branco parthenon. E vem atravez da gloria da Hellade, rompendo solidões de bosques em que as aguas cantam églogas em torno ás thermas de capricornios bustos, cheirosos ainda da nudez de oreadas; atravez da grandeza sensualista da Mythologia, com seus deuses magestosos e suas soberbas deuzas

em cujas carnes, harmonicamente perfeitas, palpitava o Amor em torneiados de seios, em redondezas de flancos, em roseos alvacentos de membros mais frescos de tons que os vergeis de Flóra, e mais quentes ao contacto que o fogo das pyras, até o tempo penitente do Christianismo, quando "o verbo omnipotente desse moreno Jesus, que então fazia milagres e evangelisava pelas terras tristes da Galiléa, seguido das multidões escravizadas e miseráveis" vinha modificar a marcha cabriolante da douda humanidade em serena aspiral sonhadora e caminheira para as alturas dos vastos céos tranquilllos, de onde o grande Deus reinava.

E, então, a recordar esse maravilhoso passado, um personagem sem nome, que é quem nos narra o assumpto, personagem contemporaneo nosso, homem com nós outros o somos, meio bachareis quando não temos *pergaminho*; catholico, apostolico, romano por educação e péga tradicional, epicurista á maneira vulgar, ou mais em carregado traço — conformista, mas lido em Santo Agostinho, em Luthero, nos livros de Renan, encontra um Fauno de pedra, "um forte e lindo Fauno adolescente, que certamente pertencera ao prestito victorioso de Dyonisos", exilado no fundo umbroso dum parque, circumdado de folhagens bastas e de verduras crespas, de desmoronado castello sehnorial.

"Ha quantos annos immemoriaes jazia alí, olvidado, o marmore sobrenatural? — pergunta a si proprio o homem meditativo, que vae nos conduzir pelo mysterio destas paginas já abertas em nossas mãos e já attrahindo o nosso espirito. E é elle quem nol-o descreve.

"Parecia morto, indifferente e feliz no seu olvido, e apenas em sua frente se reflectia um clarão de saudade.

"O crepusculo extinguiu-se serenamente, vinham dos campos, que á roda se espriaiavam, as cantigas bucolicas das ceifeiras e o balar triste do gado: e já sob as tintas fluidas de sanguinea e perola do ceu, se esbatia a brancura da lua ascendente; e eu contemplava o Fauno, sempre curvado sobre o tanque, que relembrava ao meu espirito os tempos victoriosos em que o homem foi triumphador, astuto, poeta, amoroso, reprehendedor e subtil.

"De repente, por um mysterio inexplicavel, arvores, folhagens e flôres começam a fallar, na pacificação da noite ditosa, sob o fulgor das constellações: o Fauno accordou da sua meditação, olhou-me, bocejou como quem desperta d'um somno de seculos, e contou-me a sua historia luminosa e triste."

Essa historia, porem, não é o tardo, ronceiro, somnolento relembrar dum fastigio perdido. E', antes um dulçoroso rememorar dos doirados tempos alacres do paganismo, des-tendidos em rapidos mas impressionantes scenarios de luz, de colorações vivas e scintillar de pedrarias, de aromas, de risos e todo o deslumbramento da éra classica da Belleza Humana. São paginas e paginas que se accumulam, e que se succedem, retendo-nos a attentiva, electrisando-nos o trabalho mnémico em actividade de relances retrospectivos, vibrando-nos, obrigando-nos a viver duplamente pela sensação da belleza descripta e pela associação das idéas recebidas com as idéas conservadas, que nos deixaram as proveitosas leituras das civilisações extinctas.

E o marmoreo Fauno, umbratico deus do velho tempo das Venus e das Junos, entra, chasqueador e petulante, a commentar os séculos. A ironia chispa com farfalhas. Dir-se-ia vêr, de quando em quando, deflagrações dessa exotica pyrotéchnica japoneza que não rebôa, mas

estala surdamente faiscando myriades de estrellas cambiantes que se transmudam, ao amortecer, em hyalinas casquilhas, cujos fragmentos se fundem, de manso, na negridão da noite.

A mão do artista põe a graça dos sorrisos e a sublinha das intenções na proporção graphica dos periodos. Vamo-nos, fascinados, levados pelo encanto das phrases em que a musica das palavras arredonda trechos de um exquisito, estranho rythmo de avenas e de lyras, rompido, de onde em onde, por estridulos apurantes de syringes.

E como se enflorace a satyra neste magnifico livro!... Ella nos surprehe pela gracilidade da sua fórma, pelo tom alegre do seu modo, pela finura e miudeza de seus espinhos. Não é má nem perversa. Chega, ás vezes, a ser subtil. Não sabemos em que escriptor moderno dessa fórte e formosa litteratura do Portugal de hoje, ella ressumbre da penna de tal modo delicada, risonha e apenas excitante como em João Grave. Lembra, vagamente, em comparação forçada e com vantagens para seu merito, os chistes de Phe-recrato na scena atheniense.

As discussões que o Fauno trava, por longas noites, com o seu timido e convencional contradictor, são deliciosamente rideiras sob um leve caustico que não empola. E para exemplo, entre quantiosos que eu podia dar, abro, ao acaso, uma pagina marcada. Amigos, leiamol-a:

.... "Na debil e macia meia-tinta do lusco-fusco, voltava dos campos, em ranchos, contentes, a gente do trabalho; e eu, fruindo pacatamente o meu modesto rendimento de proprietario, fallava com o Fauno e admirava a harmonia corporea das aldeans.

"— Bellas estatuas, hein? — exclamei com orgulho. Estas sim! São as mães dos homens simples e das almas ingenuas e crentes!

"A rigida figura de pedra seguiu o meu olhar com indolencia, em quanto um piano, ao longe, tocava uma romanza sentimental e alguem liricamente cantava a melancolia d'um devaneio campestre de pastores, sob as faias, á beira d'um lago azul.

"— Estatuas! — murmurou o Fauno. Disse bem! A mulher foi na Grecia a origem inspiradora da estatuaría. Era ao calor do seu perfeito corpo, que o gelo dos marmores se descongelava e a fria pedra se transformava em carnes setinosas e quentes. O selo de Phryné, meu amigo, inflammou de genio Praxiteles que vislumbrou a linha pura e sobria da belleza hellenica. Mas a perfeição plastica do classismo corrompeu-se tambem nas mulheres, archanjos femininos d'olhos tristes e enygmaticos. D'aqui deste canto isolado, entre as heras, os troncos e os musgos, tenho-as visto passar, pezadas e rotundas, sem ligeireza nem graça alada no andar. Em certos domingos de tarde enchem estas solidões de risos, vêm para aqui gosar a sombra, e eu posso observal-as minuciosamente, com um interesse pela realidade que a Grecia idealista não desconheceu. E, cavalheiro, que tremendas barrigas as d'algumas d'essas creaturas que, segundo os Evangelhos e segundo o Genesis, o Creador dos mundos fabricou com uma costella d'Adão, Pae dos homens, n'uma das primitivas manhãs do universo. Oh! certamente que eu venero esse abdomeno feminino d'onde brotam, nos turbilhões da fecundidade, os sêres novos, os que vencem pelo vigor e pelo genio e os que vencem pela fragilidade e pela belleza. Mas na Hellade da minha saudade não havia d'estas monstruosidades corporaes. Bem sei! Os senhores queixam-se das aguas, dos alimentos falsificados, de tumores malignos, de kystos. A humanidade apodrece em vida!..."

Creio que basta este exemplo para se comprehender até que ponto de leveza e graça attinge a satyra do artista admiravel. Todo o livro está neste lavor. O Fauno discute com o protagonista a civilização hodierna, o catholicismo, a theodiceia, a poesia, a musica, a esculptura, o diabo, os ritos, a transmigração das almas, o amor, as religiões, a sociedade, comparando-os com a civilização grega dos grandiosos tempos de Péricles, Praxiteles, Dyonisos...

O pobre homem percebia-se achato deante dessa tremenda erudição argumentadora e sempre triunfante. Dia veiu em que o inverno o retirou dessas amenas solidões do desmoronado castello senhorial. Quando, passados lentos mezes, voltou ao bosque onde jazia o Fauno, cançado e enfatiado das pretensões rèles da cidade, pensou logo no seu velho amigo de pedra, que tanto o fizera amar e gosar o êrmo daquelles sítios. Mas... ai! o marmoreo Fauno não lhe falou mais. Nem rógos, nem mandos, nem bengaladas e injurias o abalaram. A pedra era impassível. Então, de repente, houve uma immensa claridade nesse cerebro que conhecia Santo Agostinho, Luthero e Renan, que lia os sociologos, os reformadores e scientistas. Fôra a sua propria emoção que dêra vida e pensamento á pedra; fôra o seu proprio espirito que se lhe comunicára, levando a frieza bruta dessa figura banal e de arte ingenua os reconditos da sua consciencia que as convenções e o medo não tentavam revelar! Esse Fauno afinal, não fôra mais que um estado de sua alma, liberta das mentiras da sociedade e no isolamento purificador dos campos.

Até ahí o assumpto. A mais do que isso vae a arte perfeita do escriptor inspirado. Porque, no fundo dessas paginas, de um jacto escriptas em Leça, do começo de agosto

aos primeiros dias de setembro de 1905, entrou sem ambages ou á esconsa toda a sua alma; nellas está a sua individualidade artistica. E o livro se nos comunica através dessa alma de artista agitada pela recordação da Hellade, regressada á belleza perdida do clarão fecundante da civilização occidental quando, sob o albor da mocidade, os homens tiveram o nobre orgulho da sua força, do garbo das suas formas, e quando do seu cerebro moço sahiram as creações inexcitáveis do jamais reproduzível fasto do grandioso Olympo.

Lendo-o, comprehende-se que é a sua saudade que fala, a "Hellade da minha saudade", diz-nos elle, pelo Fauno, numa carinhosa phrase de meiga tristeza. Sim, a Hellade da sua saudade, veiu lhe encher recordativamente as meditações em Leça, e dessa "dôr que tem prazeres", em que melhor se trabalha porque, com o allivial-a, mais se lhe tóca o intimo e se lhe revolve o acerbo espinho do delicioso pungir, no dizer de Garrett, resultaram estas paginas de erudita recomposição, de quente descriptiva, de gracil ironia e alegre satyra, que é *O Ultimo Fauno*, um livro encantador para quem não busca na litteratura senão complicações de teciduras ou desenhos hilares de typos.

E' este o ultimo romance de João Grave, até o actual momento, publicado.

Li-o com amor, li-o com toda a minha alma embebecida em admiração porque nessa obra excellente, de um alto e culto espirito, do calor de um temperamento de artista que se sobreleva do communnidade dos contemporaneos; e, sem pretensões á critica litteraria, assim falo e assim declaro no sincero intento de inculcar esse soberbo livro a quem se digne reparar nestas linhas para que tenha, como eu tive, a satisfação de um grande, dum profundo, dum raro goso espiritual.

“Machado de Assis” — José Maria de A. Bello (6.4.3.2.)

MACHADO DE ASSIS

JOSÉ MARIA DE A. BELLO

Bem cedo, o grande morto do anno passado vae sendo esquecido.

A ultima vez, que se fallou d'elle foi, parece-me, na bella conferencia do sr. Oliveira Lima, que o *Jornal do Commercio* nos deu integralmente.

No emtanto, ninguem em nosso meio, como Machado de Assis, consegue despertar o interesse litterario.

Não se o lê impunemente; é uma figura extranha entre nós.

Normalmente, a cultura brazileira não permittiria o seu apparecimento; elle paira numa esphera superior ao seu tempo e á sua raça.

Como se tem dito mais de uma vez, foi um grego ou um francez das antigas tradições, prendendo-se atravez de Anatole France e de Rénan ao grande seculo de Luiz XIV.

A obra litteraria representa, tanto quanto a personalidade do escriptor, as idéas, os costumes, as aspirações ambientes; aquelle se torna, inconscientemente, o mais alto expoente da intelligencia e dos sentimentos do seu meio. Machado de Assis, não. Isola-se dos seus, fuge a corrente da litteratura nacional, pelo seu refinado intellectualismo, pela sua arte originalissima, é um producto esporadico, uma especie de anomalia.

Se não tem escolas, nem épocas litterarias, a humanidade de seus livros não é propriamente uma humanidade ideal, sem limites geographicos ou historicos. Nelles se retrata uma sociedade, que já se foi, uma geração extinta, que nós, os novos, não conhecemos e quasi não comprehendemos hoje:

Não quer isto dizer que Machado de Assis tivesse sido um escriptor

de romances nacionaes ou um novellista indigena, no estreito ponto de vista de Macedo ou de Alencar.

O Brazil se resumia para elle no Rio de Janeiro, onde, como em todos os centros cosmopolitas, as originalidades de raça se perdem, na imitação inconsciente das civilisações modelares.

Assim pois, elle colheu o homem na sua formação definitiva, como um producto completo, de que não quiz conhecer os factores.

O mundo physico quasi que não existe na sua arte; approximando-se de Sthendal, neste ponto, o homem só lhe valia como uma complicada machina cerebral, que elle psychologo subtil se comprazia em movimentar.

Não foi um romancista; os seus livros não são romances, na accepção nitida e moderna do termo, depois de Flaubert e de Zola.

A elle, o senhor da suprema harmonia no estylo, o mestre querido da medida e da sobriedade litterarias, faltava a logica do conjuncto, a arte, talvez um pouco mecanica, da confecção externa, como lhe faltou tambem o talento descriptivo e o poder de imaginação.

E' preciso acceital-o tal qual se revelou, com os defeitos de suas virtudes.

Deixou-se influir muito pela liberdade de forma de De Maistre e, mais ainda, dos humoristas inglezes, Sterne e Dickens foram, de certo, seus idolos litterarios.

Eu sei que a novella romantica ou os romances logicos, medidos e justos de Flaubert, Zola e Bourget se tem tornado de uma banalidade fatigante, em França, sobretudo, onde os psychologos subtis de anomalias sentimentaes se multiplicam espantosamente.

Os livros de Anatole France demonstram a reacção, que se vae fazendo em bem da graça, da ironia

e da sobriedade, que são os apagios eternos do espirito francez.

Entretanto, não creio que "Thais" ou os "Contes de Jacques Tournebroke" representem a forma definitiva e victoriosa da litteratura.

Na intensidade da vida moderna, o intellectualismo se anniquilla; a arte se torna, inevitavelmente, utilitaria e democrática.

O romance tende pois a se resumir numa especie de monographia scientifica, num estudo breve e incisivo de pathologia social ou humana.

Mas nós não passamos pela phase primeira. Machado de Assis é pois um prematuro na nossa evolução litteraria e, sobretudo, um extranho.

Ninguem foi menos nacional do que elle. Não sentiu nunca a influencia deleteria, para a arte, da natureza violenta dos tropicos.

De origem humilde, mestiço e typographo, jornalista e burocrata depois, dir-se-ia que se encerrava em si mesmo, creando-se um mundo intangivel e a parte.

Sua timidez congenita, seu bom gosto innato salvaram-n'o.

N'um paiz, em que o estylo é a pompa, a adjectivação desvairada, a phrase voluptuosa e quente, que causam arrepios de volupia e calafrios de gozo, foi um sobrio e um harmonico.

Collocando-se alguém, num ponto de vista de critica dogmatica não o comprehenderia. Com a sua timidez, no ambiente social, em que viveu, deveria ter feito uma litteratura de commendador solemne e besta.

Mestre de sua lingua, respirando a atmosphaera envenenada por um seculo de romantismo, seria antes um rethorico genial ao modo de Ruy Barbosa.

No emtanto, nem uma nem outra coisa. Mesmo nos seus primeiros livros, em "Helena", em "Historias sem data" ou em "Papeis avulsos", eivados ainda de certas ficções ro-

manticas, o artista impeccavel de "Braz de Cubas" ou de "D. Casmurro" se revela já, na ironia amarga e suave, simultaneamente, na psychologia aguda, na limpidez do estylo e sobretudo na correccão da lingua.

O sceptico e o humorista da "Theoria do medalhão" e do "Alienista" valem bem o sceptico e humorista do "Braz Cubas", que é, sem duvida, a sua obra prima.

Para conhecel-o, é sufficiente talvez ler esse livro de ouro, releo duas, tres vezes nas entrelinhas, nos capitulos, que não escreveu... enfim, nas suas subtilidades todas, na sua ironia branda, no seu pessimismo, que elle embalde, tenta occultar.

Não lhe esqueçamos o fim: "não tive filhos, não transmiti a nenhuma creatura o legado de nossa mesina".

Como elle proprio o diz, foi este o unico saldo que Braz Cubas encontrou na morte ou no outro lado do mysterio.

Esta historia singela sem episodios romanticos, especie de diario de uma vida burgueza e vulgar é, no fundo, um livro doloroso e triste, o livro de um descrente, quasi uma apologia da inercia.

E' preciso censural-o por isso? Não; Machado foi sincero, a sua philosophia, que, no dizer do sr. O. Lima, consiste no modo de ver e comprehender o universo, era aquella.

E quem poderá dizer que não seja a verdadeira e negar a inanidade de todos os esforços, a eterna importancia humana?

Spencer nos "Primeiros Principios" depois da systematisação genial de uma philosophia viril e triumphante, cahe na duvida, que lhe é um desmentido, na descrença, que é uma irmã da inercia...

Quando se lê Machado de Assis, um pezar unico se tem; o de não ter descido mais na analyse de nos-

sas miserias, de não ter desnudado melhor a alma humana, que tão bem soube conhecer.

Machado de Assis, psychologo de raça, não teve nunca esta grande vista de conjuncto, este poder de synthese e de generalisação philosophicos, um pouco dogmaticas talvez, que constituem o grande merito de Zola, por exemplo. Sua critica se contenta em ferir de leve; não quiz descer ao âmago das cousas.

Parece que o abysmo da alma humana lhe causa medo e que a animalidade nossa lhe produz um movimento instinctivo de poder delicado e feminismo.

Está no seu genio de timido, de uma timidez sincera, senhora um pouco excessiva e que foi sempre um braço caracteristico de si. Já se disse algures que essa timidez era um producto de sua vida banal de burocrata; traria assim para os seus livros um reflexo do convencionalismo e de respeito ás cousas acceitas, ás hierarchias sociaes.

Foi um pouco injusta a critica; ella lhe era organica. Se se lhe fosse buscar uma origem qualquer, seria, de certo, no seu scepticismo, no seu desprezo de artista pela imbecillidade humana. Com maior verdade se disse de Machado de Assis, que encontra um certo prazer em zombar do seu leitor. Sente-se-lhe o riso mudo nas entrelinhas, não o riso sarcastico e irreverente de Eça ou o rictus amargurado de Schopenhauer; é antes um riso piedoso e condescendente de avô sceptico...

A tollice nossa não lhe causa os gritos de revolta, o desespero aggressivo de Eça de Queiroz; quando muito, lhe faz aflorar um ligeiro sorriso. E' um parallelo interessante a se fazer, este, entre os dois maiores escriptores da nossa lingua. Dotados ambos de equal poder de observação, no emtanto, a differença entre os seus tempera-

mentos e processos de artistas, é radical e profunda.

Eça, nervoso e irreverente, iconoclasta por indole e pela educação, chicoteou impiedosamente todo um povo.

Caricaturista genial de uma sociedade degenerada, não conheceu limites á ironia, excedendo-se, por vezes, em prejuizo de sua impassibilidade superior de artista.

O cretino ou o imbecil lhe causam desespero e odio. Temperamento de combate, violento e implacavel, senhor de uma lingua, que foi sua unicamente, mais do que escreveu, photographou, mais do que romances de costumes, fez processos dessa sociedade de Accacios, Pachecos e Gouvarinhos, que foi portugueza e é nossa hoje. Elegante e requintado, vivendo nas civilisações superiores do velho mundo, foi o maior patriota do seu tempo. Regenerou pelo ridiculo, destruiu um mundo pela ironia. Machado de Assis, tão arguto e mais amargo do que seu confrade portuguez, não teria nunca esse jacobinismo destruidor, essa irreverencia atrevida, que já dizia João do Ega, é uma condição de progresso.

Elle fere, sem deixar a chaga sangrenta do autor dos "Maias"; a sua ironia é como um estylete agudo, que mal se sente. Faltava-lhe a ousadia de proselyto; não tentaria nunca destruir a ordem das cousas, acceitando a imbecillidade ambiente com uma bonhomia de apparencia ao menos.

Foi puramente, absurdamente, um intellectual nesta terra em que o intellectualismo é uma palavra vã, uma ficção para uso externo, nas conferencias de um patriota, como o sr. Oliveira Lima, fazendo indirectamente uma piedosa propaganda de sua gente...

Em casa se pode ser mais franco... Machado de Assis não teve e nem terá nunca uma larga repercussão no nosso meio; sua obra foi

superior á nossa cultura, extranha ao nosso gosto.

A nossa democracia, niveladora e exagerada, é impiedosa para as cousas de espirito, como aliaz o são todas as democracias. Estigmatizadas de origem, com uma perniciososa educação politica, sem vida social, asphyxiados, sob a violencia da natureza, numa phase ainda de formação e, assim, de imitação inconsciente, a nossa litteratura tem de ser o que é, genuino producto de todos esses factores, uma litteratura incolor, sem relevos, oscilando entre o indigenismo banal de Alencar e a obra vibrante, porem desharmonica de Coelho Neto, como seus melhores typos, de um lado, e o plagio servil dos livros francezes, de outro lado.

Machado de Assis não é nosso pois, não está na curva da nossa evolução intellectual, de que o genio do sr. Ruy Barboza é o ponto supremo.

O outro attico, que se lhe approxima, o sr. Joaquim Nabuco, explica-se. Viveu longe do nosso meio, senti de perto o contagio indelevel de Rénan, é um filho directo da cultura franceza. A campanha abolicionista, que o trouxe á rua á multidão ruidosa e barbara, não conseguiu avital-o, como artista, nobilitando-o, como homem.

Para ser justo, poderia exceptuar ainda, Raul Pompeia, o grande artista do "Atheneu", talvez o livro mais perfeito da nossa litteratura, e hoje os srs. Graça Aranha e Euclides da Cunha.

Mas esses dois ultimos representam outra corrente litteraria, a da preocupação social, dos altos problemas da vida, invadindo a arte, mostrando-lhe a função futura e nobillissima; assim me não é permitido estudal-os aqui, de afogadillo, nos modestos limites, que a mim proprio tracei. "Chanaan" e, sobretudo, os "Sertões" são livros de sabios e de sociologos.

O sr. Oliveira Lima não disse essas cousas, que todos nós sentimos.

Fallando perante um auditorio estrangeiro, s. exa. quiz mostrar Machado de Assis, em si somente, atravez de seus livros e de sua vida intima. Não lhe importou a anomalia, que elle representa nas nossas letras.

Sobre o escriptor difficilmente algo se poderia dizer de novo, maxime depois dos estudos do erudito sr. José Verissimo e da conferencia do nosso digno diplomata.

Relendo-lhe a obra e esta conferencia, fui tentado a dizer as minhas impressões, todas pessoases, sem pretensões a critica dogmatica, já se vê...

Eu sei bem que é uma irreverencia, quasi uma affronta a sua memoria sagrada a nós todos, mas elle, que, como "Braz Cubas", se encontra, agora, no outro lado do mysterio, de certo, me perdoará, na sua condescendencia de sempre, embora lhe sinta o sorriso sceptico e piedoso e mais este "incommensuravel desdem dos mortos"...

BIBLIOGRAFIA GERAL

- AMADO, Gilberto. *Minha formação no Recife*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1955.
- . *A chave de Salomão e outros assuntos*. Introdução de Péricles Madureira de Pinho. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1971.
- ASSIS, Machado de. Epistolário. In: — . *Obras completas*. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1962. v. III.
- AZEVEDO, Artur. *O Mambembe*. *Revista de Teatro*. Rio de Janeiro, SBAT, n. 317, set./out. 1960.
- BANDEIRA, Manuel & ANDRADE, Carlos Drummond de, org. *Rio de Janeiro em prosa e verso*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*; dois séculos de história. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.
- BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse*. São Paulo, Ática, 1974. (Col. Ensaios, 8)
- BARRETO, Lima. *Coisas do reino de Jambon*. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.
- . *Vida urbana*. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972.
- BATISTA, Marta Rosseti; LOPEZ, Telê Porto A.; LIMA, Yone Soares de, org. *Brasil: primeiro tempo modernista — 1917/29*. São Paulo, IEB-USP, 1972.
- BAUDELAIRE. *Petits poèmes en prose*. Paris, Larousse, 1963.
- BAXANDALL, Lee, ed. *Radical perspectives in the arts*. s.l., Penguin Books, s.d.
- BENEDETTI, Mario. Temas y problemas. In: MORENO, Cesar Fernández, org. *América Latina en su literatura*. México, Siglo XXI/UNESCO, 1972.
- BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1916.
- . *Últimas conferências e discursos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927.
- BOOTH, Wayne C. *The rhetoric of fiction*. Chicago, University of Chicago Press, 1973.

- BOSI, Alfredo. *O Pré-Modernismo*. São Paulo, Cultrix, 1966.
- . *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1971.
- BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo brasileiro — I, antecedentes da Semana de Arte Moderna*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil — 1900*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.
- BURNS, E. Bradford — *The unwritten alliance; Rio Branco and the Brazilian-American Relations*. New York, Columbia University Press, 1966.
- CANDIDO, Antonio — *Formação da literatura brasileira; momentos decisivos*. São Paulo, Martins, 1959.
- . *Literatura e sociedade*. São Paulo, Nacional, 1965.
- . *Literatura y subdesarrollo*. In: MORENO, Cesar Fernández, org. *América Latina en su literatura*. México, Siglo XXI/UNESCO, 1972.
- CARONE, Edgard. *A Primeira República: 1889-1930; texto e contexto*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969.
- . *A República Velha*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.
- CIRKER, Hayward & Blanche, ed. *The golden age of the poster*. New York, Dover Publications, 1971.
- COELHO, Jacinto do Prado; AMORA, A. Soares; CAL, Ernesto Guerra da, org. *Dicionário de literatura*. 2. ed. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 1969. 2 v.
- COELHO NETO. *A conquista*. 3. ed. Porto, Chardron, 1921.
- . *A Capital Federal*. 5. ed. Porto, Chardron, 1924.
- . *Fogo fátuo*. Porto, Chardron, 1929.
- COLLINGWOOD, R. G. *Principles of art*. London, Oxford University Press, 1972.
- CORREA, Nereu. *O canto do Cisne Negro e outros estudos*. Florianópolis, Departamento de Cultura da Secretaria de Educação de Santa Catarina, 1964.
- COSTA, Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.
- COSTA, Lúcio. *Arquitetura brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Saúde, 1925.
- COSTELLA, Antônio F. *O controle da informação no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1970.
- COUTINHO, Afrânio, org. *A literatura no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro, Sul-Americana, 1969 e 1970. v. III e v. IV.
- . — , 1970. v. V.
- DAVIS, Jack. *The Latin American policy of Elihu Root*. University of Illinois, 1956. (Tese mimeografada.)

- DENNIS, Ronald D. *Brazilian literary nationalism among the critics, 1870-1900*. University of Wisconsin, 1972. (Tese xerografada.)
- DESNOES, E. La imagen fotográfica del subdesarrollo. *Casa de las Américas*. La Habana, n. 34, ene./feb. 1966.
- DIMAS, Antonio. Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo? *Littera*. Rio de Janeiro, n. 13, set./dez. 1974.
- . *Rosa-Cruz. Contribuição ao estudo do simbolismo*. São Paulo, FFLCH-USP, 1980. (Boletim n. 31. Nova Série.)
- DISCURSOS acadêmicos (1897-1919). Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1965. t. I, v. I.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- FALCÃO, Edgard de Cerqueira, org. *Oswaldo Cruz monumenta histórica; a incompreensão de uma época; Oswaldo Cruz e a caricatura*. São Paulo, s.e., 1971. t. I.
- FLEIUSS, Max. *A Semana (1893-95)*; crônica de saudades. Rio de Janeiro, s. e., 1915.
- FORD, Boris, ed. *From Dickens to Hardy*. s.l., Penguin Books, s.d. (The Pelican Guide to English literature, 6)
- FRAGA, Clementino. *Vida e obra de Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro, José Olympio/MEC, 1972.
- FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Rodrigues Alves — apogeu e declínio do presidencialismo*. Rio de Janeiro, São Paulo, José Olympio/USP, 1973. v. 1.
- FRANCO, Jean. *The modern culture of Latin America; society and artists*. London, Penguin, 1970.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 11. ed. São Paulo, Nacional, 1969.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- . *No calor da hora*. São Paulo, Ática, 1974. (Col. Ensaios, 1.)
- GOES, Fernando. *Panorama da poesia brasileira; o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960. v. V.
- GONZAGA, Ademar & GOMES, Paulo Emílio Salles. *70 anos de cinema brasileiro*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1966.
- GRAHAM, Richard. The onset of modernization in Brazil. In: SAYERS, Raymond, ed. *Portugal and Brazil in transition*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1968.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- HAUSER, Arnold. *Historia social de la literatura y el arte*. Trad. de A. Tovar y F. P. Varas-Reyes. 3. ed. Madrid, Guadarrama, s.d., 2 v.
- HILLIER, Bevis. *Posters*. London, Spring Books, 1974.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1963. v. 3.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo, Nacional, 1964.

- LOPES, Hélio. *A divisão das águas; contribuição ao estudo das revistas românticas. Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)*. São Paulo, FFLCH-USP, 1972. (Tese mimeografada.)
- MACHADO NETO, A. L. *Da vigência intelectual; um estudo de sociologia das idéias*. São Paulo, Grijalbo, 1968.
- . *Estrutura social da República das Letras; sociologia da vida intelectual brasileira: 1870-1930*. São Paulo, Grijalbo/USP, 1973.
- MAGALHÃES JR., Raymundo. *Arthur Azevedo e sua época*. São Paulo, Saraiva, 1953.
- . *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro, Ed. Americana, 1974.
- MARSAL, Juan F., org. *Los intelectuales políticos*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1971.
- MARTINO, Pierre. *Parnasse et Symbolisme*. Paris, Armand Collin, 1947.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. São Paulo, Departamento de Cultura, 1952.
- MENEZES, Raimundo de. *Emílio de Menezes — o último boêmio*. 2. ed. ref. São Paulo, Saraiva, 1949.
- . *Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado*. São Paulo, Saraiva, 1969. 5 vols.
- MOISÉS, Massaud. *O Simbolismo*. São Paulo, Cultrix, 1967.
- . & PAES, José Paulo, org. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1969.
- MONTALBÁN, M. Vásquez. *Inquérito à Informação*. Trad. de Mário Ventura. Lisboa, Iniciativas Editoriais, s.d.
- MONTELLO, Josué. *O presidente Machado de Assis*. São Paulo, Martins, 1961.
- MOTA, Flávio. *Contribuição ao estudo do Art Nouveau no Brasil*. São Paulo, FAU-USP, 1967. (Tese mimeografada.)
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.
- NAVA, Pedro. *Balão cativo; memórias/2*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio/Sabiá, 1974.
- PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1944. 2. v.
- . *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1953.
- PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. 17. ed. São Paulo, Brasiliense, 1974.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
- RIBEIRO, Joaquim. Vestígios da concordância banto no estilo de Cruz e Sousa. In: — . *Estética da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964.
- RIBEIRO FILHO, J. S. *Dicionário bibliográfico de escritores cariocas (1565-1955)*. Rio de Janeiro, Brasiliana, 1965.

- RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro, Garnier, s.d.
- ROSEMBERG, John D. *The darkening glass; A portrait of Ruskin's genius*. New York, Columbia University Press, 1961.
- SCHÜCKING, L. L. *El gusto literario*. 3. ed. Trad. Margit Frenk Alatorre. México, Fondo de Cultura, 1960.
- SHATTUCK, Roger. *The banquet years; The origins of the Avant-Garde in France; 1885 to World War I*. Rev. ed. New York, Random House/Vintage Books, 1968.
- SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. *Teoria da literatura*. 2. ed. rev. e aum. Coimbra, Almedina, 1969.
- SKIDMORE, Thomas E. Brazil's search for identity in the Old Republic. In: SAYERS, Raymond, ed. *Portugal and Brazil in transition*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1968.
- . *Black into white*. New York, Oxford University Press, 1974.
- SODRÉ, Néelson Werneck. *Formação histórica do Brasil*. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1963.
- . *História da literatura brasileira; seus fundamentos econômicos*. 4. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- . *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- . *Memórias de um escritor (Formação)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970. v. I.
- SOMBART, Werner. *El burgués*. Trad. de Maria Pilar Lorenzo. Madrid, Alianza, 1972.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Trad. de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969.
- VIRGÍLIO, Carmelo, org. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro, INL-MEC, 1969.
- VÍTOR, Nestor. *Obra crítica de...* Organizada por Andrade Muricy. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 1969. v. I.
- WEISS, Judith. *Casa de las Américas; an intellectual review in the Cuban revolution*. University of Yale, 1973. (Tese xerografada.)

títulos já lançados

1. **No Calor da Hora** — Walnice Nogueira Galvão
2. **Guerra sem Testemunhas** — Osman Lins
3. **Homens Livres na Ordem Escravocrata** — Maria Sylvia de Carvalho Franco
4. **O Inconsciente na Antropologia de Lévi-Strauss** — Claude Lépine
5. **O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba** — Ada Natal Rodrigues
6. **A Semântica Gerativa e o Artigo Definido** — Mary Aizawa Kato
7. **Os Índios de Ipavu** — Carmen Junqueira
8. **A Tradição do Impasse** — João Alexandre Barbosa
9. **Burocracia e Ideologia** — Maurício Tragtenberg
10. **Os Quadrinhos** — Antônio Luís Cagnin
11. **Sintaxe Transformacional do Modo Verbal** — Leila Barbara
12. **Byron no Brasil** — Onédia Célia de Carvalho Barboza
13. **Níveis de Significação no Romance** — Yara Frateschi Vieira
14. **Epilepsia e Personalidade** — Lúcia Maria Salvia Coelho
15. **Crônica do Cinema Paulistano** — Maria Rita Eliezer Galvão
16. **Psicologia e Profissão em São Paulo** — Sylvia Leser de Mello
17. **Teoria, Retórica, Ideologia** — João Paulo Monteiro
18. **O Espírito e a Letra** — Rubens Rodrigues Torres Filho
19. **Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira** — Teófilo de Queiroz Júnior
20. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco** — Osman Lins
21. **Rousseau: Da Teoria à Prática** — Luís Roberto Salinas Fortes
22. **A Tradição Sempre Nova** — Roberto de Oliveira Brandão
23. **Messianismo e Conflito Social** — Maurício Vinhas de Queiroz
24. **Desemprego e Subemprego no Brasil** — Helga Hoffmann
25. **Marx & Marx** — Luís Alfredo Galvão
26. **O Intervalo Semântico** — Carlos Vogt
27. **Tradição e Mudança** — Henrique Rattner
28. **ISEB: Fábrica de Ideologias** — Caio Navarro de Toledo
29. **O Escravismo Colonial** — Jacob Gorender
30. **Ideologia da Cultura Brasileira** — Carlos Guilherme Mota

31. João Francisco Lisboa — Maria de Lourdes Monaco Janotti
32. Augusto dos Anjos — Zenir Campos Reis
33. Cassacos e Corumbas — Maria Thereza Sales de Melo Suarez
34. A Integração do Negro na Sociedade de Classes — Florestan Fernandes — vols. I e II
35. Trabalho Domesticado: A Mulher na Indústria Paulista — Eva Alterman Blay
36. Os Estados Subjetivos — Arno Engelmann
37. Mitológica Rosiana — Walnice Nogueira Galvão
38. A Sociedade Angolana Através da Literatura — Fernando Augusto Albuquerque Mourão
39. Consciência Operária no Brasil — Celso Frederico
40. As Raízes Ideológicas das Teorias Sociais — Liana S. Trindade
41. Dependência, Cultura e Literatura — José Hildebrando Dacanal
42. A Marca do Leviatã — Renato Janine Ribeiro
43. Drummond: Uma Poética do Risco — Iumna Maria Simon
44. FGTS: Ideologia e Repressão — Vera Lúcia B. Ferrante
45. Texto, Crítica, Escritura — Leyla Perrone-Moisés
46. Benjamin e Adorno: Confrontos — Flávio René Kothe
47. O Narrador Ensimesmado — Maria Lúcia Dal Farra
48. A Construção do Romance em Guimarães Rosa — Wendel Santos
49. O Insólito em Guimarães Rosa e Borges — Lenira Marques Covizzi
50. Gil Vicente e Camões — Celso Lafer
51. Igreja e Estado em Tensão e Crise — Thales de Azevedo
52. Regionalismo e Modernismo — Lígia C. Moraes Leite
53. Ritos de uma Tribo Timbira — Julio Cezar Melatti
54. A Reconstituição da Realidade — Eunice Ribeiro Durham
55. Protestantismo e Repressão — Rubem A. Alves
56. A Inquisição Portuguesa e a Sociedade Colonial — Sônia A. Siqueira
57. Engenheiro: Trabalho e Ideologia — Lill K. Kawamura
58. Sertão e Bairro Rural — Lia Freitas Fukui
59. Manhas do Poder — Betty Milan
60. Signos e Poderes em Nietzsche — Leon Kossovitch
61. A Propósito da Noção de Dêixis — Michel Lahud
62. Jurupari — Sílvia Maria Schmuziger de Carvalho
63. Um Brasileiro Soldado de Napoleão — Cláudio Veiga

64. **O Brasil no Comércio Colonial** — José Jobson de A. Arruda
65. **A Natureza Sociológica da Sociologia** — Florestan Fernandes
66. **A Voz do Intervalo** — Luiz B. L. Orlandi
67. **Explorações no Mundo Psicológico das Formigas** — Walter H. de Andrade Cunha
68. **O Poder Rural na Ficção** — Heloisa Toller Gomes
69. **Música Popular — do Gramofone ao Rádio e TV** — José Ramos Tinhorão
70. **Editoração Científica** — Ivani Kotait
71. **Interesse da Razão e Liberdade** — Valério Rohden
72. **A Escravidão na Bíblia** — Calisto Vendrame
73. **A Escrita Neo-Realista** — Benjamin Abdala Junior
74. **Murilo Rubião: A Poética do Uroboro** — Jorge Schwartz
75. **Leitura, Ortografia e Fonologia** — Myrian Barbosa da Silva
76. **Desnutrição e Aprendizagem** — Jovelina Brazil Dantas
77. **Literatura/Ensino: Uma Problemática** — Maria Thereza F. Rocco
78. **Sindicato e Estado** — Azis Simão
79. **Temas de Teoria da Literatura** — Judith Grossmann
80. **Fundamentos Epistemológicos de Uma Psicologia Positiva** —
Lucia Maria Salvia Coelho
81. **Roteiro da Vida e da Morte** — Cândido da Costa e Silva
82. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação** —
Regina Zilberman / Ligia Cademartori Magalhães
83. **A Época Pombalina** — Francisco José Calazans Falcon
84. **A Personagem Negra no Teatro Brasileiro** — Miriam Garcia Mendes
85. **Política e Educação Popular** — Celso de Rui Beisiegel
86. **Na Madrugada das Formas Poéticas** — Segismundo Spina
87. **A Família da Prostituta** — Jeferson Afonso Bacelar
88. **Tempos Eufóricos** — Antonio Dimas
89. **A Formação do Engenheiro: Um Questionamento Humanístico** — Hermes Ferraz
90. **Guimarães Rosa: Signo e Sentimento** — Suzi Frankl Sperber
91. **Demografia, Ética e Igreja** — Hubert Lepargneur
92. **Escritura e Linhas Fantasmáticas** — Philippe Willemart
93. **Confissão, Poesia e Inquisição** — Luiz Roberto Alves
94. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar** —
Antonio Carlos Sant'Ana Diegues

64. O Brasil no Conselho-Ocidental: Um estudo de ...
65. A Matemática pedagógica de ...
66. A voz de ...
67. ...
68. ...
69. ...
70. ...
71. ...
72. ...
73. ...
74. ...
75. ...
76. ...
77. ...
78. ...
79. ...
80. ...
81. ...
82. ...
83. ...
84. ...
85. ...
86. ...
87. ...
88. ...
89. ...
90. ...
91. ...
92. ...
93. ...
94. ...



Impresso por
W. Roth & Cia. Ltda.

0822

Reformismo e Descompasso

Tempos Eufóricos analisa a revista carioca *Kosmos* (1904-1909), porta-voz oficioso do ímpeto reformista que assolou o Rio de Janeiro no começo deste século. Resultado imediato e festejado dessa transformação, foi o surgimento da Avenida Central, hoje Rio Branco.

Por aquela passarela galante, o carioca flanava sua elegância e bom gosto, copiados do figurino francês, e, por causa dela, a estreita e imperial Rua do Ouvidor perdeu sua hegemonia, cedendo lugar a uma artéria republicana mais espaçosa, arejada e convidativa.

Com esse espírito implícito, reurbanizava-se a Capital Federal na primeira década do século XX. A cidade dizia adeus à acanhada feição portuguesa, substituindo-a por um jeito mais moderno, mais *francês* de ser. Somava-se essa transformação ao esforço de internacionalização do país, impulsionado pela figura do Barão do Rio Branco. "O Rio civiliza-se" era a palavra de ordem, num clima de euforia, tido como momento de redenção nacional.

A partir de uma perspectiva literária, *Tempos Eufóricos*, de Antonio Dimas, investiga a revista *Kosmos* e tenta recapturar o *Zeitgeist* instaurado. Nesse sentido, procura verificar se ao reformismo urbano correspondia um processo de modernização literária. Na resposta a esse problema, a constatação de que o descompasso não se dava apenas entre a prancheta dos urbanistas e as exigências mais imediatas do país. A largura da Avenida simplesmente materializava as distâncias.